

# *O Falar de Marvão – Património Imaterial Raiano*

*Teresa Susana Bengala Simão*

Tese apresentada à Universidade de Évora  
para obtenção do Grau de Doutor em Linguística

ORIENTADORA : *Prof<sup>ª</sup> Doutora Ana Paula Banza*

ÉVORA, 20 DE JULHO DE 2015



## Índice

<b>Resumo</b> .....	7
<b>Abstract</b> .....	8
<b>Agradecimentos</b> .....	9
<b>Dedicatória</b> .....	10
<b>Introdução</b> .....	11
1. Considerações gerais.....	11
2. Metodologia.....	14
<b>Capítulo 1 – Os falares como património cultural imaterial: o caso de Marvão e sua raia</b> .....	19
1.1. Património cultural imaterial - sua evolução e importância.....	19
1.1.1. Contexto internacional.....	19
1.1.2. Contexto nacional.....	28
1.2. O Falar de Marvão: património imaterial raiano.....	32
<b>Capítulo 2 – Caracterização do espaço geográfico do Falar de Marvão</b> .....	36
2.1. Caracterização do concelho de Marvão.....	36
2.1.1. Localização geográfica.....	36
2.1.2. Evolução do povoamento .....	37
2.1.3. Caracterização demográfica e socioeconómica .....	42
2.1.3.1. Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de Santa Maria de Marvão.....	46
2.1.3.2. Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de São Salvador da Aramenha.....	57
2.1.3.3. Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de Santo António das Areias.....	69
2.1.3.3. Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de Beirã....	78
2.2. Caracterização do território de Valencia de Alcántara.....	86
2.2.1 Localização geográfica.....	86
2.2.2. Breve evolução do povoamento.....	88
2.2.3. Breve caracterização demográfica e socioeconómica .....	91

2.3. O contrabando .....	101
2.4. Relações de fronteira entre Marvão e Valencia de Alcántara.....	107
<b>Capítulo 3 – Caracterização do Falar de Marvão.....</b>	<b>111</b>
3.1. Plano fonético-fonológico.....	113
3.2. Plano morfossintático.....	113
3.2.1. Morfologia nominal.....	113
3.2.2. Morfologia verbal.....	115
3.2.3. Processos de criação, renovação e enriquecimento do léxico.....	116
3.2.3.1. Derivação (com adição de constituintes morfológicos).....	116
3.2.3.2. Composição .....	120
3.2.3.3. Outros processos de enriquecimento do léxico: empréstimo.....	121
- Arabismos .....	121
- Castelhanismos .....	125
3.3. Plano semântico .....	127
3.3.1. Ampliação.....	127
3.3.2. Restrição.....	127
3.3.3. Mudança.....	127
3.4. Plano lexical.....	127
3.4.1. Formas registadas como regionalismos.....	127
3.4.2. Léxico não registado.....	129
3.4.3. Glossário.....	132
3.4.4. Antroponímia - A alcunha e a arte de (re)nomear em Marvão.....	244
3.4.4.1. Considerações preliminares.....	244
3.4.4.2. Breve historial da alcunha.....	246
3.4.4.3. A alcunha no concelho de Marvão.....	248
3.4.4.3.1. Características gerais.....	248
3.4.4.3.2. Aspetos lexicais, morfológicos e fonético-fonológicos	252
3.4.4.3.2.1. Tipologias.....	252
3.4.4.3.2.2. Campos léxico-semânticos.....	256
3.4.4.3.2.3. Estrutura morfológica.....	258
3.4.4.3.2.3.1. Alcinhas formadas por derivação	258
3.4.4.3.2.3.2. Alcinhas formadas por	
composição.....	260

3.4.4.3.2.3.3. Alcinhas formadas a partir da lexicalização de expressões sintáticas.....	260
3.4.4.3.2.3.4. Alcinhas formadas por outros processos.....	261
3.4.4.3.2.4. Características fonético-fonológicas.....	261
3.4.4.3.2.4.1. Supressão .....	261
3.4.4.3.2.4.2. Inserção.....	262
3.4.4.3.2.4.3. Dissimilação .....	262
3.4.4.3.2.4.4. Assimilação.....	262
3.4.4.3.2.4.5. Monotongação.....	262
3.4.4.3.3. Coletânea.....	263
<b>Capítulo 4 – Fronteiras linguísticas do Falar de Marvão.....</b>	<b>306</b>
4.1. Marvão – Norte/ Sul.....	307
4.2. Marvão/ Portalegre .....	308
4.3. Marvão/ Castelo de Vide .....	311
4.4. Marvão/ Valencia de Alcántara .....	313
<b>Capítulo 5 – Variação diacrónica, sociocultural e diafásica no Falar de Marvão.....</b>	<b>318</b>
5.1. Variação em território marvanense .....	318
5.2. Variação em território valenciano.....	327
<b>Conclusão .....</b>	<b>332</b>
<b>Fontes e bibliografia .....</b>	<b>348</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>374</b>
Anexo 1- Inquérito linguístico usado na recolha	
Anexo 2 - Transcrição fonética adotada	
Anexo 3- Rotas do contrabando entre Marvão e Valencia de Alcántara	
<b>Índice de figuras e gráficos</b>	
Fig. 1: Mapa que evidencia a localização de Marvão no contexto europeu e português.....	36
Fig. 2: Marvão no panorama nacional .....	37
Fig. 3: Marvão no distrito de Portalegre .....	37
Fig. 4: Limite do termo de Marvão em 1216 .....	39
Fig. 5: Mapa das freguesias do concelho de Marvão .....	42
Fig. 6: Tabela da evolução da população do concelho de Marvão de 1900 a 2011 .....	43

Fig. 7: Gráfico da evolução da população do concelho de Marvão de 1900 a 2011 .....	43
Fig. 8: Distribuição dos empregados de Marvão por setor de atividade em 2011 .....	44
Fig. 9: Distribuição da população residente de Marvão segundo as faixas etárias e sua evolução na última década .....	45
Figs. 10/ 11: Gráficos da distribuição da população de Marvão por idades em 2011 .....	45
Fig. 12: Gráfico referente aos graus de escolaridade no concelho de Marvão em 2011.....	45
Fig. 13: Destaque da freguesia de Santa Maria de Marvão.....	46
Fig. 14: Tabela da evolução da população da freguesia de Santa Maria de Marvão de 1980 a 2011.....	47
Fig. 15: Gráfico da evolução da população de Santa Maria de Marvão de 1980 a 2011.....	47
Figs. 16/ 17: Mapas da distribuição da população de Santa Maria por idades .....	47
Fig. 18: Distribuição da população de Santa Maria por setor de atividade em 2011 .....	48
Fig. 19: Escolaridade dos habitantes de Santa Maria em 2011 .....	48
Fig. 20: Vista aérea da vila de Marvão .....	49
Fig. 21: Vista panorâmica da aldeia do Vale de Ródão .....	52
Fig. 22: Vista de uma parte da Ponte Velha .....	52
Fig. 23: Bairro da Fronteira de Marvão .....	53
Fig. 24: Vista aérea da aldeia dos Galegos .....	54
Fig. 25: Vista geral da Pitaranha .....	55
Fig. 26: Destaque da freguesia de São Salvador da Aramenha.....	57
Fig. 27: Tabela da evolução da população de S. Salvador da Aramenha entre 1980 e 2011..	58
Fig. 28: Gráfico da evolução da população de S. S. da Aramenha entre 1980 e 2011.....	58
Figs. 29/ 30: Gráficos da distribuição da população de S. S. da Aramenha por idades.....	58
Fig. 31: Distribuição dos empregados de S. S. da Aramenha por setor de atividade em 2011	59
Fig. 32: Distribuição da população de S. S. da Aramenha, em 2011, por graus de escolaridade.....	59
Fig. 33 Vista da aldeia de S. Salvador da Aramenha.....	60
Fig. 34: Pormenor da cidade da Ammaia.....	61
Fig. 35: Vista aérea da aldeia da Portagem .....	62
Fig. 36: Vista geral da aldeia do Porto da Espada.....	63
Fig. 37: Vista geral da aldeia da Rasa.....	65
Fig. 38: Vista de uma parte da aldeia dos Alvarrões – zona da Ribeirinha.....	66
Fig. 39: Vista geral da aldeia da Escusa.....	67

Fig. 40: Destaque da freguesia de S. António das Areias .....	69
Fig. 41: Tabela da evolução da população de S. António das Areias entre 1980 e 2011.....	69
Fig. 42: Gráfico da evolução da população de S. António das Areias entre 1980 e 2011.....	70
Figs. 43/ 44: Gráficos da distribuição da população de S. A. das Areias por idades .....	70
Fig. 45: Distribuição dos empregados de S. A. das Areias por setor de atividade.....	71
Fig. 46: Distribuição da população de S. A. das Areias por escolaridade em 2011.....	71
Fig. 47: Vista panorâmica de Santo António das Areias.....	72
Fig. 48: Vista geral da Abegoa .....	74
Fig. 49: Vista geral da Ramila .....	74
Fig. 50: Vista geral do casario da Relva da Asseiceira .....	75
Fig. 51: Vista geral da Ranginha .....	76
Fig. 52: Vista aérea da aldeia dos Cabeçudos .....	76
Fig. 53: Antiga choça .....	76
Fig. 54: Destaque da freguesia da Beirã .....	78
Fig. 55: Grelha da evolução da população da Beirã nos últimos 30 anos.....	78
Fig. 56: Gráfico da evolução da população da Beirã nos últimos 30 anos .....	79
Figs. 57/ 58: Gráficos da distribuição da população da Beirã por idades.....	79
Fig. 59: Gráfico da distribuição dos empregados por setor de atividade em 2011.....	79
Fig. 60: Gráfico da escolaridade dos habitantes da Beirã em 2011.....	80
Fig. 61: Vista panorâmica da Beirã .....	80
Fig. 62: Vista geral da Herdade do Pereiro .....	82
Fig. 63: Monte do Pereiro .....	83
Fig. 64: Termas da Fadagosa em 1920 .....	83
Fig. 65: Ruínas das Termas .....	83
Fig. 66: Vista geral dos Barretos .....	84
Fig. 67: Mapa das comunidades e províncias espanholas.....	86
Fig. 68: Mapa da Extremadura .....	86
Fig. 69: Mapa do território de Valencia de Alcántara .....	87
Fig. 70: Vista aérea de Valencia de Alcántara .....	91
Fig. 71: Mapa da evolução da população de Valencia de Alcántara .....	92
Fig. 72: Distribuição da população de Valencia de Alcántara por idade e sexo .....	94
Fig. 73: Tabela da taxa de analfabetismo em Marvão e Valencia de Alcántara, comparada com as médias dos dois países .....	94

Fig. 74: Estrada que atravessa a Fontañera e termina em Portugal .....	95
Fig. 75: Vista aérea de San Pedro de los Majarretes .....	97
Fig. 76: Vista aérea de Las Casiñas .....	98
Fig. 77: Vista aérea de Las Huertas de Cansa .....	99
Fig. 78: Estação do caminho de ferro de Valencia de Alcántara .....	99
Fig. 79: <i>Alpragaitas</i> .....	104
Fig. 80: Antigos contrabandistas da Pitaranha .....	105
Fig. 81: Mapa ilustrativo das fronteiras linguísticas do Falar de Marvão .....	315
Fig. 82: Pormenor de uma parede de um restaurante do concelho de Marvão .....	344

## Resumo

Na sequência de trabalhos já desenvolvidos sobre esta temática, neste projeto de doutoramento pretende-se dar continuidade à recolha, estudo e preservação do Falar de Marvão, enquanto parte relevante do património cultural imaterial da raia.

Após a apresentação do conceito de Património Cultural Imaterial e da relevância do seu estudo e preservação, em especial das línguas/dialetos em perigo de extinção; procede-se à caracterização do espaço da raia do Nordeste Alentejano. Esta análise desenrola-se sob o ponto de vista geográfico, demográfico e socioeconómico, seguindo-se uma breve abordagem sobre o contrabando e as relações de fronteira nesta região, conscientes de que as especificidades do espaço e das suas gentes condicionam decisivamente as características da linguagem dos seus habitantes.

O estudo do falar centra-se essencialmente no plano lexical. Assim, numa primeira fase, é abordado o léxico comum a outras regiões e à norma, mas alterado por fenómenos fonético-fonológicos, morfológicos e semânticos; sendo a segunda fase dedicada ao léxico característico da região, catalogado como regionalismo ou, quando não se encontra registado, como original. No âmbito da antroponímia, são ainda estudadas as muitas alcunhas existentes no concelho de Marvão.

Conscientes de que as fronteiras linguísticas diferem das políticas, é também objetivo deste trabalho delimitar as diferentes áreas geolinguísticas existentes no concelho de Marvão e na raia espanhola e contribuir para a compreensão da sua especificidade.

Para além da variação geográfica, pretende-se ainda estudar brevemente a influência das variações diacrónica, sociocultural e diafásica neste falar de raia, procurando sempre compreender qual a evolução e a vitalidade desta variedade linguística.

**Palavras-chave:** variação linguística; falares; alcunhas; património cultural imaterial de Marvão; raia.



## Abstract

### *The dialect of Marvão: border's intangible heritage*

Following studies on this subject, the present doctoral study intends to give continuity to the data collection, analysis and preservation of Marvão's dialect, as a relevant part of the border's intangible cultural heritage.

After presenting the concept of Intangible Cultural Heritage, as well as the importance of studies and preservation, specially of languages/dialects in danger of extinction, the work proceeds with a characterization of the border in Northeast Alentejo. This analysis focuses on the geographic, demographic and socioeconomic points of view, followed by a short approach about the smuggling and border relations in this area, being aware that the specificity of the region and its inhabitants affect decisively the language features.

The analysis of Marvão's dialect focuses essentially at the lexical level. Therefore, the first stage of this work will be an approach about the lexicon, common to the other regions and portuguese standard, but modified by phonetic and phonological, morphological and semantic phenomena; the second stage is dedicated to the typical lexicon of this region, which is catalogued as regionalism or, when not registered, as original. Within the antroponimia field, the frequent nicknames in Marvão district are studied.

Aware of the fact that the language borders differ from the political borders, it is also an objective of this work to delimit the different geolinguistic areas in Marvão district and the spanish border, contributing to the understanding of its specificity.

Apart from the geographical variation, the influence of the diachronic, sociocultural and diaphasic variation in border dialect will be studied, trying to understand the evolution and vitality of this linguistic variety.

**Key-words:** Linguistic variation; dialects, nicknames; intangible cultural heritage of Marvão; border.

## Agradecimentos

Concluída mais uma etapa da nossa já longa investigação sobre o Falar de Marvão e a etnologia do concelho e da raia em geral, não podemos deixar de lembrar quem, ao longo dos últimos dez anos, nos tem apoiado nesta descoberta e na sua apresentação. Assim, é chegado o momento de expressar os nossos mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que, direta ou indiretamente, nos ajudaram a chegar até aqui e nos enriqueceram com os seus contributos:

A primeira palavra não podia deixar de ser para a Professora Doutora Ana Paula Banza, pelo forma sábia e paciente como sempre nos orientou e ajudou;

Impõem-se ainda agradecimentos a:

Todos os docentes com quem, ao longo do nosso percurso académico, por Coimbra, pela Covilhã e por Évora, tivemos o privilégio de aprender e ganhar gosto por esta linha de investigação que tão bons momentos nos tem proporcionado;

Todas as instituições e particulares que nos acolheram, nos forneceram bibliografia, dados, nos abriram novas portas para darmos continuidade a esta investigação, quer em território português, quer em território espanhol;

Todos os marvanenses e raianos, incluindo os muitos informantes<sup>1</sup> escolhidos para aplicação dos inquéritos linguísticos, que, durante todos estes anos, nos facultaram, e continuam a facultar, informação de cariz etnológico, bem como a proporcionar inolvidáveis momentos de convívio e boa-disposição;

Todos os colegas de trabalho e amigos que sempre nos incentivaram e ajudaram a seguir em frente;

Toda a família mais próxima, que a todo o momento nos permitiu tirar dúvidas e de cuja companhia muito prescindimos para atingir os nossos objetivos;

Por fim, uma palavra especial para o Rui, pelo apoio e motivação que sempre nos deu, sem dúvida, imprescindíveis para ter conseguido chegar ao final de mais esta etapa.

---

<sup>1</sup> Cfr. “Fontes orais” em Fontes e bibliografia.

## Dedicatória

A todos aqueles que partilham connosco  
o *Falar Raiano de Marvão*.

## Introdução

### 1. Considerações gerais

A salvaguarda do património imaterial, cuja filosofia geral está codificada na *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, assume-se, desde a sua apresentação em 2003, como uma prioridade. O presente projeto de doutoramento visa, dentro desta filosofia, contribuir para a preservação desse legado civilizacional no concelho raiano de Marvão; registando, estudando e promovendo diversos aspetos da sua identidade cultural, com particular destaque para as características linguísticas. Sendo Marvão um concelho de raia, periférico, desertificado, envelhecido e subdesenvolvido, a preservação da sua identidade constitui uma forma de atrair mais turismo cultural, importante vetor de desenvolvimento socioeconómico do concelho.

Na sequência da criação, em 2003, pela UNESCO, da *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* (na linha de outros instrumentos normativos já antes apresentados), reforçou-se a consciência da sociedade civil mundial para a proteção e valorização dos bens comuns da humanidade, entre os quais as “expressões orais, incluindo a língua”<sup>2</sup>, objetivo subjacente ao projeto aqui apresentado. Ao longo dos séculos XX e XXI, tem-se assistido a uma evolução do conceito de Património Cultural Imaterial, bem como das diversas entidades que vão contribuindo para a sua salvaguarda, registo e promoção.

No que diz respeito às variedades regionais da língua portuguesa, durante os séculos XIX e XX, a nível nacional, foram desenvolvidos diversos estudos, tendo surgido vários mapas dialetológicos, traçados essencialmente a partir das características fonéticas das diferentes regiões. São de destacar as propostas de linguistas como Leite de Vasconcelos, Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva e Lindley Cintra. De notar também o facto de a estes autores, particularmente a Boléo e a Cintra, se dever a criação de duas importantes “escolas”, respetivamente em Coimbra e Lisboa, cujos alunos se dedicaram a trabalhos de natureza dialetológica, em alguns casos com resultados importantes.

Foi o que sucedeu com Cândida Baptista, que, em 1967, sob a orientação do Professor Lindley Cintra, desenvolveu a sua tese de licenciatura sobre *O Falar da Escusa*<sup>3</sup>, uma aldeia do

---

<sup>2</sup> Artº2, 2a da *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*.

<sup>3</sup> Cfr. BAPTISTA, 1967.

concelho de Marvão. Durante muito tempo, e apesar de só retratar a realidade de uma aldeia, este foi o estudo que mais informação continha sobre o falar dos marvanenses.

Também Alexandre Costa, na vasta obra que dedicou ao Norte Alentejo, registou algumas particularidades da linguagem e toponímia marvanenses<sup>4</sup>.

Nas últimas décadas, tem-se verificado um êxodo rural muito acentuado no interior de Portugal e o concelho de Marvão não foi exceção. Esta preferência pelo litoral, pelas cidades com grandes massas humanas tem sido acompanhada pela tendência dos trabalhos de investigação, que, cada vez mais, se têm dedicado a áreas que são do interesse do grande público. O estudo da língua, mais concretamente a investigação relacionada com a variação regional, não é exceção: desde os trabalhos orientados pelo Professor Lindley Cintra, nas décadas de 60/70, que se tem preterido bastante esta área de investigação em prol de outras que são do interesse de um público mais generalizado. Ora, num período em que o mundo tende a globalizar-se, em que, cada vez mais, se verifica uma uniformização a nível internacional, nacional e regional, revela-se de extrema importância contrariar essa tendência e contribuir para a defesa da identidade de cada região e das gentes que a integram.

Na verdade, o estudo que temos desenvolvido nos últimos anos sobre o Falar de Marvão tem pretendido contrariar a orientação que se verifica ao nível da investigação linguística. Através da recolha, registo, divulgação e partilha das suas características, pretendemos preservar e dinamizar esta importante componente do património imaterial raiano; servindo também como um exemplo e um desafio para outros estudos que possam surgir futuramente e que incidam sobre as particularidades desta região, dos seus habitantes e da sua cultura.

Em 2010, foi apresentada, na Universidade de Évora, a dissertação de mestrado, de nossa autoria, intitulada *O Falar de Marvão*<sup>5</sup>, que posteriormente veio a ser publicada sob o título *O Falar de Marvão – pronúncia, vocabulário, alcunhas, ditados e provérbios populares*<sup>6</sup>, a qual contempla um estudo geral do falar de todo o concelho, mas incidindo sobretudo nas suas características fonético-fonológicas e morfossintáticas.

A presente dissertação amplia e completa os resultados então apresentados, acrescentando-lhes novas vertentes de investigação.

No que diz respeito a estudos sobre falares fronteiriços do Alentejo, ao longo dos séculos XX e XXI, têm surgido alguns, entre os quais destacamos os dos linguistas Leite de Vasconcelos e María Victoria Navas Sánchez-Élez, sobre o barranquenho; os de Maria de Fátima Matias, sobre as

---

<sup>4</sup> Cfr. Fontes e bibliografia.

<sup>5</sup> Cfr. SIMÃO, 2010.

<sup>6</sup> Cfr. SIMÃO, 2011.

regiões luso-espanholas de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença e os de José Reguera, sobre os falares fronteiriços de Campo Maior e Olivença. Existem ainda diversos trabalhos de Juan Carrasco González sobre os falares portugueses ou galego-portugueses da província de Cáceres, abordando alguns a situação linguística das aldeias da raia do Nordeste Alentejano. A situação linguística de algumas destas povoações foi também estudada por Christina Ossenkop.

Como o modo de falar das gentes de um determinado local não é alheio às especificidades desse mesmo espaço, considerámos importante dar a conhecer aspetos geográficos, demográficos socioeconómicos e etnológicos, quer do território correspondente ao concelho de Marvão, quer do território da raia de Valencia de Alcántara por onde se estende a variedade regional em estudo; salientando o papel da fronteira nas relações entre marvanenses e valencianos, outrora também associada à prática ilícita do contrabando, que contribuiu decisivamente para as especificidades desta região. Ainda que o espaço em que se desenvolve a investigação não seja muito vasto, nele existem especificidades geoculturais e geolinguísticas que é importante evidenciar, relacionando-as com a evolução da ocupação do território e delimitando-as no contexto geral.

Uma vez que em trabalhos de investigação anteriormente produzidos e publicados já foi caracterizado o Falar de Marvão do ponto de vista fonético-fonológico e morfossintático; nesta fase, é dado um particular destaque à componente lexical. Todavia, não se pode desenvolver o estudo do léxico de um falar sem se ter em consideração interferências fonético-fonológicas, morfossintáticas e semânticas, que recuperamos e ampliamos. Quanto ao léxico, para além daquele que é alterado por esse tipo de interferências, apresentamos aqui um vasto conjunto de vocabulário não registado nos dicionários de referência, contribuindo para o enriquecimento de futuros trabalhos de lexicografia da língua portuguesa.

No âmbito do estudo lexicológico aqui apresentado, surge também o da antroponímia, mais em concreto, das alcunhas ou formas de (re)nomear. Uma vez que constitui uma prática muito comum dos falantes marvanenses, optámos por efetuar a sua recolha e análise; conferindo assim a este trabalho uma maior componente sociolinguística.

Também de natureza sociolinguística é a análise que apresentamos sobre a variação deste falar em função de fatores como a educação, a idade, entre outros.

Finalmente, procura-se perceber a influência do tempo neste falar raiano e qual a sua vitalidade na atualidade.

## 2. Metodologia

Como já foi referido, o estudo do falar de Marvão aqui apresentado é um projeto de continuidade. Surge na sequência do desenvolvimento do mestrado sobre o mesmo tema, no entanto, trata-se de uma investigação que remonta a um período anterior a essa fase e que vem sendo desenvolvida desde há dez anos. O alargamento e aprofundamento do tema a que agora nos propomos, para além de permitirem rentabilizar muita da informação já antes recolhida, exigiram novamente uma pesquisa no terreno, junto de novos informantes e sobre diferentes assuntos, bem como uma vasta consulta bibliográfica. Na verdade, trata-se de uma investigação pluridisciplinar, que reúne conteúdos de História, Geografia, Demografia, Sociologia, Antropologia e Linguística. Neste último domínio, aborda diferentes partes da Gramática na ótica da Variação, aqui assumida como manifestação do Património Cultural Imaterial.

Assim, no trabalho com informantes, continuámos a aplicar o inquérito linguístico<sup>7</sup> anteriormente preparado, composto por 2033 entradas, distribuídas por três grandes campos léxico-semânticos - Universo, Homem e Lar - e diversos subcampos. Por ser muito abrangente, esta ferramenta permitiu-nos sistematizar com bastante eficiência as características do falar verbalizadas pelos elementos do sexo masculino e feminino por nós selecionados, quer em território português, quer, agora também, em território espanhol. Claro que, quando aplicado a crianças, este instrumento de recolha teve de ser ajustado, já que estas desconhecem completamente alguns campos léxico-semânticos aí presentes. Tratando-se de situações formais de recolha e para poder registar na íntegra o que nos foi transmitido, optámos por utilizar um gravador de voz digital, que facilitou a utilização posterior dessa informação.

O facto de sermos naturais de Marvão e de termos aqui uma vasta rede de relações constituiu, sem dúvida, uma mais-valia para o desenvolvimento do nosso trabalho, pois, ao abordarmos os informantes selecionados e nos apresentarmos, imediatamente estes foram recetivos e nos convidaram a entrar nos seus lares e a participar nas suas atividades quotidianas, como se pertencêssemos à família. Esta aceitação é deveras gratificante e proveitosa, pois proporciona um clima de muito à vontade e espontaneidade, ideais para aplicar um inquérito linguístico e, muitas vezes, para ir além do questionário pré-definido.

Em território espanhol, contámos com um extraordinário apoio das instituições locais, de entre as quais destacamos a Mancomunidad Integral “Sierra de San Pedro” e o Ayuntamiento de Valencia de Alcántara, que nos acolheram de portas abertas, nos integraram no meio e nos

---

<sup>7</sup> Cfr. Anexo I.

sugeriram diversos informantes em função das características que lhes apresentámos. De notar que, apesar de todos os informantes aí terem sido para nós desconhecidos, rapidamente conseguimos gerar o clima de empatia e à vontade que sempre mantivemos com os portugueses, indispensável à aplicação dos inquéritos linguísticos e à manutenção das mais variadas conversas informais, sempre tão favoráveis à recolha de informação num trabalho desta índole. Mais do que informantes, todos passaram a integrar a nossa rede de relações e, mesmo depois do período de aplicação dos inquéritos, continuamos a manter com eles um estreito contacto, constituindo cada encontro sempre mais um momento de informal recolha linguística.

No que concerne à seleção dos informantes, numa primeira fase, optámos por escolher homens e mulheres naturais das quatro freguesias do concelho de Marvão, com idade acima dos 70 anos, preferencialmente, analfabetos ou com pouca instrução e que sempre lá tivessem vivido. Centrámos ainda a nossa escolha em pessoas acessíveis e de fácil trato, de forma a tornar a recolha mais natural. A fim de dar continuidade à investigação e tentar apurar o grau de conhecimento e utilização do falar de Marvão nas mais diversas situações, aplicámos os inquéritos a camadas mais jovens (70-50/ 49-20/ 19-16/ 15-11/ 10-6/ < 6 anos), continuando a selecionar elementos do sexo feminino e masculino residentes nas várias freguesias e com diferentes graus de escolarização (analfabetos, com o 1º ciclo, com o 3º ciclo, com o secundário, licenciados). Assim, foram oficialmente aplicados 54 inquéritos, o que corresponde a mais de 540 horas de gravações.

O alargamento da investigação às aldeias espanholas da raia teve em vista essencialmente apurar até onde se fala esta variedade regional em território extremeño e que características aí ainda se mantêm. Assim, os inquéritos foram aplicados a habitantes das aldeias/ lugares da raia de Valencia de Alcántara que fazem fronteira com o concelho de Marvão, nomeadamente, Boavista, La Fontañera, S. Pedro de los Majarretes, Las Casiñas e Las Huertas. Uma vez que abaixo dos 50 anos os poucos que sabem português o dominam apenas porque estudaram a variedade padrão, enquanto segunda língua nas escolas de Valencia; optámos por não incluir o seu testemunho nesta investigação, pois os falantes espanhóis desta faixa etária já não conhecem o português da raia.

Com o objetivo de apurar o mais possível as particularidades deste falar raiano e esclarecer as dúvidas que nos iam surgindo, nos vários encontros com os informantes, procurámos acompanhá-los sempre nas suas atividades do quotidiano.

Para além destes contextos mais formais, muitos foram os momentos em que recolhemos informação de forma espontânea e que se revelaram igualmente deveras produtivos, pois



permitiram-nos extrair um uso ainda mais real da situação linguística existente na região em estudo<sup>8</sup>.

Desde o início que a recolha foi organizada em diversas bases de dados cronstruídas em Excel; uma dedicada às alterações fonético-fonológicas, outra às alterações morfossintáticas, outra ao léxico em geral e, por fim, uma afeta às alcunhas. Para além da entrada, nelas constam o(s) nome(s) do(s) informante(s), o(s) local(ais) da recolha, as explicações e os contextos em que surgiram, as tipologias das alterações verificadas, a classe das palavras, os campos léxico-semânticos a que pertencem, entre outras observações. Através da aplicação de diversos filtros, estas ferramentas permitiram-nos tratar os dados de diferentes perspetivas e constituem uma importante fonte a continuar a explorar em futuros trabalhos.

No que diz respeito à estrutura desta dissertação de doutoramento, esta desenvolve-se em cinco capítulos, ao longo dos quais se apresentam os seguintes conteúdos:

Constituindo os falares uma parte importante do nosso património cultural imaterial, no primeiro capítulo, é apresentada uma evolução deste conceito e são dados a conhecer alguns trabalhos sobre este tema, realizados a nível nacional e internacional. É ainda relevada a importância da sua preservação para o desenvolvimento socioeconómico das regiões, neste caso, do concelho de Marvão.

Como o modo de falar das gentes de um determinado espaço geográfico não é alheio às especificidades desse mesmo local, o capítulo dedicado à caracterização do concelho de Marvão e das aldeias espanholas de raia visa facilitar a compreensão do que seguidamente será apresentado. Assim, pretende-se dar a conhecer os locais sob diversas perspetivas, com especial destaque para a evolução do seu povoamento e da sua demografia, aspetos socioeconómicos, bem como dados de natureza etnológica. Tratando-se de uma zona de raia, são abordadas as relações e a cultura de fronteira, bem como as atividades que unem marvanenses e valencianos, com particular destaque para o contrabando. Todo este capítulo é ainda enriquecido com imagens e gráficos (a maioria de nossa autoria, por isso inéditos), sendo também complementado com informação contida no Anexo III, referente a algumas rotas do contrabando entre Marvão a Valencia de Alcántara.

O estudo do falar propriamente dito desenvolve-se ao longo dos capítulos três, quatro e cinco.

O capítulo três concentra a maioria dos conteúdos deste trabalho e é dedicado à caracterização do Falar de Marvão, com destaque para o léxico, o qual integra os diversos campos léxico-semânticos presentes no inquérito linguístico. Se aquando do mestrado se abordou somente uma

---

<sup>8</sup> Cfr. LABOV, 1966. Segundo este autor, as entrevistas não preparadas de antemão, em algumas oportunidades, são propícias à extração mais real do uso quotidiano da linguagem.

pequena parte desta riqueza lexical, a título exemplificativo, pretende-se agora apresentar e estudar a totalidade da recolha efetuada, permitindo dar uma panorâmica geral do falar neste domínio.

Assim, é aqui apresentado e estudado quer o léxico recolhido que não se encontra dicionarizado, quer todo aquele que, ainda que registado, apresenta alterações fonético-fonológicas, morfossintáticas e semânticas. A fim de identificar qual o vocabulário característico da região em estudo, confrontámos a nossa recolha com três dicionários de referência, designadamente, o *Dicionário Houaiss*, o *Dicionário Cândido de Figueiredo* e o *Dicionário da Academia das Ciências*, doravante designados pelas abreviaturas correspondentes D.H., D.C.F. e D.A.C.<sup>9</sup>. Muitas outras poderiam ter sido as obras consultadas, mas, em função do grande volume de informação que possuíamos e do curto espaço de tempo de que dispúnhamos, houve necessidade de restringir essa escolha. Assim, optámos pelo Dicionário Houaiss por ter um número muito vasto de entradas (23000), por ter informação etimológica e ainda por nos permitir ter acesso a muitas aceções do português do Brasil. Quanto ao Dicionário Cândido de Figueiredo, para além de ser uma obra de final do século XIX que veio sendo enriquecida, a nossa escolha deveu-se sobretudo ao facto de incluir um vasto número de regionalismos. De notar que estas duas obras também existem em suporte informático, o que permitiu uma consulta muito mais rápida. Já o Dicionário da Academia das Ciências foi selecionado por conter informação relativa à etimologia das palavras ou expressões e, principalmente, pela abundância de combinatórias fixas que inclui no interior dos artigos.

Com vista a complementar esta investigação, confrontámos ainda os vocábulos/ expressões que não constavam dos três dicionários anteriormente referidos com o Dicionário de Moraes e Silva<sup>10</sup>, uma vez que o consideramos uma referência na história da lexicografia portuguesa e só a falta de tempo nos impediu de fazer um confronto exaustivo da totalidade do nosso léxico com os seus doze volumes.

A fim de apurar quais os castelhanismos presentes, optámos pela consulta do Dicionário de Espanhol-Português de Martínez Almoyna, editado em 1951.

No que respeita aos arabismos, muita foi a bibliografia consultada, contudo, a principal obra de referência foi o Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa, da autoria de Adalberto Alves<sup>11</sup>, publicado em 2013.

Na apresentação dos dados, sempre que incluímos exemplos em transcrição fonética, usámos, para o efeito, o Alfabeto Fonético Internacional (fonte: SILDoulosIPA93<sup>12</sup>).

---

<sup>9</sup> As obras consultadas foram VILLAR, 2011 (D.H.), FIGUEIREDO, 1996 (D.C.F.) e CASTELEIRO, 2001 (D.A.C.).

<sup>10</sup> O confronto foi feito com a edição SILVA, 1948, composta por 12 volumes.

<sup>11</sup> Escritor e especialista da cultura árabe que, em 2008, foi laureado com o Prémio UNESCO Sarjah para a Cultura Árabe.

A totalidade do léxico recolhido está coligida num glossário, organizado por ordem alfabética, no qual optámos por apresentar na entrada as palavras ou expressões numa transcrição tão próxima quanto possível da oralidade, ainda que em seguida incluamos a sua transcrição fonética. Na eventualidade de este trabalho poder vir a chegar, como desejamos, a um público mais alargado, que desconhece o alfabeto fonético, existirá assim a possibilidade de identificação imediata do vocábulo ou expressão, prática que, aliás, é adotada por muitos dos autores que consultámos no âmbito deste trabalho. A inclusão neste glossário de um vasto leque de vocabulário relacionado com os mais diversos campos léxico-semânticos permitirá, especialmente às gerações mais jovens, ter acesso a muitos termos que paulatinamente vão caindo em desuso, bem como aprender muitos que não chegaram a ser transmitidos de pais para filhos.

Uma vez que o vasto domínio do léxico também inclui a antroponímia e, mais em concreto, a alcunha; neste capítulo optámos ainda por coligir e estudar as alcunhas do concelho de Marvão, até porque estas estão presentes a todo o momento nas diversas conversas dos marvanenses e os processos da sua formação se assemelham aos do demais léxico apresentado. Assim, debruçamo-nos sobre a evolução da alcunha ao longo dos tempos, as várias tipologias que definimos e, claro, o seu uso no concelho de Marvão. No final, incluímos uma coletânea, na qual reunimos todas as alcunhas recolhidas no concelho de Marvão, com informações sobre a sua tipologia e a explicação da sua génese, sempre que foi possível recolher esses dados.

O quarto capítulo é dedicado às fronteiras linguísticas do Falar de Marvão e a sua coincidência ou divergência relativamente às fronteiras políticas do concelho. No espaço geográfico em estudo, são também delimitadas áreas geolinguísticas em função de determinados traços fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais.

O quinto capítulo aborda as variações diacrónica, sociocultural e diafásica neste falar raiano. Pretende-se assim compreender como esta variedade diatópica tem evoluído ao longo dos tempos, como vai sofrendo alterações em função, essencialmente, da idade dos seus falantes e do seu grau de escolaridade, bem como a forma como é posta em prática nas mais diversas situações.

Por fim, enquadrada nas conclusões, é ainda traçada uma prospetiva da continuidade, ou não, das marcas identitárias do falar raiano de Marvão e são apresentadas possíveis soluções para o continuar a dinamizar.

---

<sup>12</sup> Cfr. Anexo II.

## Capítulo 1 - Os falares como património cultural imaterial: o caso de Marvão e sua raia

“O património cultural imaterial é assunto que diz respeito a todos nós enquanto membros de grupos, de comunidades, de nações cuja memória e identidade, fundada no passado e continuamente recriada, constitui pedra angular do presente. Participar na sua salvaguarda, mais do que um dever, constitui um ato de cidadania que nos permite intervir ativamente na construção do futuro.”

Fernando Andresen Guimarães<sup>13</sup>  
(Ex-presidente da Comissão Nacional da UNESCO)

### 1.1. Património cultural imaterial – sua evolução e importância

#### 1.1.1. Contexto internacional

O interesse do ser humano pelo património cultural é remoto. De acordo com Clara Cabral<sup>14</sup>, datam da Renascença as primeiras manifestações neste domínio, associadas à constituição de coleções privadas de antiguidades e à organização de “gabinetes de curiosidades”, resultantes de uma intensa recolha e compilação de informação que marcou os séculos XVI e XVII.

Se tivermos em conta a forma como atualmente esse conceito é entendido, pode dizer-se que ele teve a sua origem em finais do século XVIII, na sequência da Revolução Francesa. Nessa altura, desenvolveu-se uma outra sensibilidade em relação aos monumentos destinados a invocar a memória e a impedir que se esquecessem os feitos do passado. Desde então, implementaram-se as primeiras políticas de conservação dos bens que denotassem o poder, a grandeza da nação, nomeadamente, uma administração encarregada de criar os instrumentos jurídicos e técnicos para a salvaguarda, assim como os procedimentos técnicos para a conservação e restauro dos monumentos<sup>15</sup>.

Contudo, ainda que o termo “património” tenha sido usado desde cedo, logo caiu no esquecimento, passando a ser utilizada em seu lugar a designação de “monumento”, a qual se distinguiu de “monumento histórico”<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Excerto do Prefácio da obra CABRAL, 2011: 11.

<sup>14</sup> Cfr. CABRAL, 2011: 26 - 28.

<sup>15</sup> Cfr. CHOAY, 2001.

<sup>16</sup> Cfr. CABRAL, 2011: 26, 27. Com base em Poulot 1998 e Choay 2006, 2001, a autora esclarece que essa distinção foi proposta em 1903, que o conceito de “monumento” representa “um objeto cultural universal, cuja criação deliberada tem a função de mobilizar a memória coletiva e afirmar a identidade do grupo” e que o conceito de “monumento histórico”, no fundo, “não passa de uma reconstituição a posteriori, decorrente da conservação sistemática realizada a partir de teorias e conceitos procedentes da história e da história da arte, fundando-se a sua legitimidade, por esse

A partir dos anos cinquenta, o paradigma patrimonial torna-se mais abrangente, passando a integrar todo o tipo de construções, bem como os objetos do quotidiano, tanto vernáculos, como recentes. Esta abrangência vai conduzir a que, após os anos sessenta, o termo “património” se generalize em substituição do conceito de “património histórico”.

Em finais do século XX, a noção de património é ainda mais alargada, passando a incluir os bens intangíveis, nos quais se inserem os falares, que constituem o objeto de estudo do presente trabalho.

Independentemente da terminologia adotada, no decurso do século XX, foram dados diversos passos decisivos com vista à valorização e preservação do património intangível internacional, que passamos a citar:

Em 1922, foi criada a *Commission Internationale de Coopération Intellectuelle*, pela Sociedade das Nações.

Em 1928, foi constituída a *Comission Internationale des Arts Populaires*, que colaborou com a UNESCO até 1964, altura em que se separou das Nações Unidas e passou a chamar-se *Société Internationale d’Ethnologie et de Folklore* (SIEF), ativa até ao momento, essencialmente na Europa<sup>17</sup>.

No que diz respeito a documentos internacionais sobre património cultural, o primeiro a destacar é a *Carta de Atenas*, redigida em 1931, e no seguimento da qual surgiu a *Resolução sobre a Conservação de Monumentos Históricos e de Obras de Arte*, aprovada em 1932 pela Assembleia da Sociedade das Nações. Na verdade, estes dois documentos representaram o ponto de partida para o processo de mundialização do património.

Em 1945, com a criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)<sup>18</sup>, foi reforçado o interesse pela diversidade cultural, que, desde o início, fez parte dos valores intrínsecos desta organização, na medida em que contribuía para promover o desenvolvimento sustentável e para facilitar o diálogo intercultural.

Paulatinamente a história passou a centrar o seu interesse mais no Homem e na sua existência, passando a valorizar os vários atores sociais e todos os campos em que se expressa a atividade

---

motivo, no saber erudito, especializado e arqueológico”. Assim, o primeiro conceito é mais abrangente e acessível a todos, já o segundo é mais elitista.

<sup>17</sup> Cfr. CABRAL, 2011: 72.

<sup>18</sup> A UNESCO foi fundada a 16 de novembro de 1945, como agência especializada da Organização das Nações Unidas com o objetivo de promover e manter a paz no mundo através da cooperação entre as nações nas áreas da educação, da ciência e da cultura, juntando-se mais tarde a estas a área da comunicação. Na área da cultura, definiu como prioridades: diversidade cultural, património mundial, património imaterial, património subaquático, património móvel e museus, criatividade, diálogo intercultural, entre outras.

Cfr. UNESCO, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001473/147330s.pdf> (consultado a 16 de junho de 2013).

humana. Assim, fatores intangíveis como as línguas, os rituais, as cerimónias, as crenças, entre outros que definem a cultura de um povo, passaram a ser valorizados. Esse novo interesse conduziu a uma reformulação do conceito de património em meados do século XX: ao sentido existente, passou a ser acrescentado o valor cultural. Este património intangível ou imaterial é um património vivo, que se vai transmitindo de geração em geração e que vai sendo recriado pelos atores que lhe dão vida. Atendendo à sua índole, é considerado por muitos como um pilar essencial da diversidade cultural e faz parte da génese da identidade dos vários povos.

Todavia, a imaterialidade que caracteriza este tipo de património torna-o muito mais vulnerável, especialmente atendendo a que, cada vez mais, o mundo tende a ser uma aldeia global. A sua recolha, registo, salvaguarda e promoção tornam-se assim imprescindíveis para garantir a diversidade cultural dos vários povos, logo, para preservar a sua essência e identidade.

A partir da década de 50, o Património Cultural Imaterial (P.C.I.) passou a estar protegido por instrumentos jurídicos internacionais, até então inexistentes. Em 1950, o Japão foi o primeiro país a criar legislação específica sobre o P.C.I. – *Lei de Protecção das Propriedades Culturais*, de modo a evitar que a modernização levasse ao desaparecimento da cultura tradicional japonesa. Mais do que proteger os agentes da cultura, sensibilizava os demais países para a importância do P.C.I.<sup>19</sup> e, efetivamente, o seu exemplo foi seguido por outros, como a Coreia do Sul e as Filipinas.

Como já foi referido supra, a UNESCO, desde a sua génese, desempenhou um papel imprescindível na salvaguarda do património, entendido de um modo geral. Assim, ao longo dos tempos, esta instituição tem promovido diversos encontros de reflexão sobre cultura, folclore e património, tangível e intangível, e elaborado diversos instrumentos reguladores, nomeadamente, Declarações, Recomendações, Convenções e Programas, através dos quais foi contribuindo para a sensibilização e salvaguarda dessa diversidade por parte dos Estados. De entre os vários instrumentos, destacamos<sup>20</sup>:

- a *Convenção Universal sobre os Direitos de Autor*, em 1952. Este documento reflete a preocupação em salvaguardar os praticantes das expressões culturais tradicionais;

- a *Convenção para a Protecção do Património Mundial Cultural e Natural* (geralmente designada por *Convenção do Património Mundial*), adotada em 1972. Esta estava essencialmente centrada no património material, tendo gerado a discórdia de alguns países que assim reconheciam a ausência de protecção para o que era imaterial;

---

<sup>19</sup> Cfr. ISOMURA, 2004: 41, 42.

<sup>20</sup> Cfr. <http://www.unesco.org/new/en/culture/> (consultado em 22 de junho de 2013).

- a *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*, em 1989. A nível internacional, esta representou o primeiro documento normativo relativamente à proteção do P.C.I., na altura designado como “cultura tradicional popular” e definido como:

“conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas sobre a tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos, e reconhecidas como respondendo às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social, das suas normas e valores transmitidos oralmente, por imitação ou por outros meios. As suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitectura e outras artes.”<sup>21</sup>.

Contudo, esta recomendação não teve um grande impacto e não foi adotada por muitos países. Segundo Ana Carvalho<sup>22</sup>, esta “poderá ser entendida, de certo modo, como o prelúdio da Convenção de 2003.”, aquela que virá a ser dedicada exclusivamente ao património cultural imaterial;

- a *Convenção das Nações Unidas sobre a Diversidade Biológica*, adotada em 1992, juntamente com a celebração da *Década das Nações Unidas para as Populações Autóctones e Minoritárias* (1995-2004) e o projeto de *Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Autóctones* (redigido entre 1994 e 1995) alertaram para a problemática dos povos autóctones e para a necessidade de salvaguardar o seu P.C.I.;

- o programa *Línguas em Perigo no Mundo*, definido em 1993. Apesar de só nessa altura ter surgido este programa, desde a sua fundação que a UNESCO revelou preocupação em relação às línguas e promoveu diversas iniciativas com vista a salvaguardá-las. Essa preocupação, contudo, acentuou-se a partir da década de 90<sup>23</sup>. Foi na sequência da conferência *International Consultation on New Perspectives for UNESCO's Programme*, realizada em 1993, que surgiu o projeto *The Red Book of Languages in Danger of Disappearing*. Este livro contempla quatro planos de ação:

- a) continuar a reunir informação sobre as línguas em perigo de extinção;
- b) reforçar a pesquisa e recolha de materiais relativos às línguas em risco que ainda não tenham sido sinalizadas e que estejam na categoria de línguas isoladas;
- c) promover a criação de redes de centros regionais de pesquisa e de um comité internacional;

---

<sup>21</sup>Cfr. Recomendação de 1989, parte A, in [http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao\\_%20sobre\\_a\\_salvaguarda\\_da\\_cultura\\_tradicional.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf) (consultada a 21 de julho de 2013).

<sup>22</sup> Cfr. CARVALHO, 2011: 34.

<sup>23</sup> Cfr. BOUCHENAKI, Mounir. Presentation in International Expert Meeting on UNESCO Programme *Safeguarding of Endangered Languages*, Paris, 10 March 2003, presente em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00118-EN.pdf> (consultada a 22 de junho de 2013).

Cfr. CARVALHO, 2011: 38. Segundo a autora, a preservação das línguas terá sido impulsionada a partir de 1993, altura em que se comemorou o *United Nations International Year of the World's Indigenous Population*, no qual foi dada particular relevância à temática das línguas e da sua vulnerabilidade. Terá sido no contexto dessas comemorações que a secção do Património Imaterial da UNESCO promoveu o programa *Línguas em Perigo no Mundo*.

d) incentivar a publicação de materiais e os resultados dos estudos efetuados sobre as línguas em perigo de extinção;

- o programa *Tesouros Humanos Vivos*, criado e disseminado em 1993, no seguimento de uma proposta da República da Coreia. Este tinha como objetivos identificar e apoiar os praticantes de expressões culturais em risco de desaparecimento, de modo a contribuir para a sua salvaguarda e transmissão às gerações vindouras;

- a criação de um banco de dados para as línguas em perigo, em 1995, pela Universidade de Tóquio, e de uma base de dados online – *UNESCO Red Book of Endangered Languages*.

- o *Atlas of the World's Languages in Danger of Disappearing*, em 1996, no seguimento das iniciativas citadas anteriormente. Este viria a ser atualizado em 2001 e 2010<sup>24</sup>. Segundo esta fonte, no contexto português, aparece o asturo-leonês, que está na origem do mirandês, sendo o estado dele apresentado como “definitely endangered”;

- a *Proclamação das Obras-primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade*, a partir de 1998. Estas proclamações tiveram lugar em 2001, 2003 e 2005, totalizando noventa obras-primas distinguidas. Foi uma iniciativa igualmente importante para a salvaguarda do P.C.I. e contribuiu para a preparação da futura convenção;

- a *International Round Table on Intangible Cultural Heritage – working definitions*<sup>25</sup>, realizada em 2001, em Turim. Nesta o debate centrou-se na definição de P.C.I., na elaboração de um plano de ação e na definição dos objetivos de um novo instrumento normativo. Desde então, a UNESCO desencadeou várias iniciativas com vista a corresponder aos desafios aí traçados e, meses mais tarde, chegaram finalmente a uma definição consensual de Património Cultural Imaterial, vindo esta substituir a usada até ao momento (“cultura tradicional e folclore”):

“ intangible cultural heritage (the term retained) as “peoples’ learned processes along with the knowledge, skills and creativity that inform and are developed by them, the products they create, and the resources, spaces and other aspects of social and natural context necessary to their sustainability; these processes provide living communities with a sense of continuity with previous generations and are important to cultural identity, as well as to the safeguarding of cultural diversity and creativity of humanity”<sup>26</sup>;

---

<sup>24</sup> Cfr. *UNESCO Atlas of the World's Languages in Danger*, presente em <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/atlas-of-languages-in-danger/> (consultado em 22 de junho de 2013).

<sup>25</sup> Cfr. UNESCO - *Final Report - International Round Table on Intangible Cultural Heritage – working definitions*, 14-17 March 2001, Turin. <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00077-EN.pdf> (consultado a 23 de junho de 2013)

<sup>26</sup> Cfr. UNESCO – *Report on the preliminary study on the advisability of regulating internationally, through a new standard-setting instrument, the protection of traditional culture and folklore*, Paris, 16 de maio de 2001, presente em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001225/122585E.pdf> (consultado em 23 de junho de 2013).



- a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*<sup>27</sup>, adotada em 2001. Esta contribuiu para alertar para a importância da diversidade cultural enquanto Património da Humanidade e marcou também o arranque dos trabalhos da comunidade internacional na defesa da diversidade linguística. O seu plano de ação apela aos Estados-Membros para tomarem diversas medidas, entre as quais:

- “5. Salvaguardar o património linguístico da Humanidade e apoiar a expressão, a criação e a difusão do maior número possível de línguas;

- 6. Fomentar a diversidade linguística (respeitando a língua materna) em todos os níveis de educação, onde quer que seja possível, e estimular a aprendizagem do plurilinguismo desde tenra idade;

- 10. Promover a diversidade linguística no ciberespaço e fomentar o acesso gratuito e universal, através das redes globais, a todas as informações do domínio público”;

- em 2002, teve lugar a *Third Round Table of Ministers of Culture “Intangible Cultural Heritage, mirror of cultural diversity”*<sup>28</sup>, em Istambul, Turquia. Esta reunião reforçou a necessidade de atuar no sentido da salvaguarda do P.C.I., preparando o caminho para a Convenção que se seguirá. A declaração final aí redigida (*Declaração de Istambul*) salientou bem a importância do P.C.I. na construção da identidade cultural:

“2) The intangible cultural heritage constitutes a set of **living and constantly recreated** practices, knowledge and representations enabling individuals and communities, at all levels, to express their world conception through systems of values and ethical standards. Intangible cultural heritage creates among communities a sense of belonging and continuity, and is therefore considered as one of the mainsprings of **creativity** and cultural creation. From this point of view, an all-encompassing approach to cultural heritage should prevail, taking into account the **dynamic link** between the tangible and intangible heritage and their close interaction.”

- a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*<sup>29</sup>, aprovada em 2003. Ainda que todos os instrumentos anteriormente apresentados tenham contribuído para a salvaguarda do património intangível, salientamos esta *Convenção* adotada a 17 de outubro de 2003, em Paris,

---

<sup>27</sup> Cfr. UNESCO – *Declaração Universal da Diversidade Cultural*, 2002, presente em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf> (consultada a 23 de Junho de 2003).

<sup>28</sup> Cfr. UNESCO - *Final Communiqué Istanbul Declaration - Third Round Table of Ministers of Culture “Intangible Cultural Heritage, mirror of cultural diversity”*, Istanbul, Turkey, 16-17 September 2002, presente em : <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00072-EN.pdf> (consultado a 23 de junho de 2013).

<sup>29</sup> Cfr. UNESCO – *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris, 17 de outubro de 2003*, presente em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> (consultado em 23 de Junho de 2013).

no final da trigésima segunda Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. No fundo, a década de 90 foi marcada por um intenso trabalho de valorização do P.C.I., como forma de dar resposta ao crescendo da globalização e do seu efeito nas culturas. Todo esse trabalho vai criar as bases necessárias para, em 2003, surgir uma Convenção dedicada em especial ao P.C.I.. Esta, no fundo, é o instrumento normativo internacional que melhor define as normas a ter em conta na defesa deste tipo de património. Entrou em vigor no dia 20 de abril de 2006 e veio a ser ratificada por Portugal em 2008. O interesse suscitado foi tal que, em 2014, conta já com a aprovação de 161 Estados Partes<sup>30</sup>.

Na verdade, esta Convenção representa um ponto de chegada e simultaneamente de partida no que diz respeito ao P.C.I.. Ou seja, como se pode constatar pelas informações anteriormente apresentadas, representa o culminar de muitas iniciativas promovidas pela UNESCO e a sua aprovação marcou um significativo impulso na evolução das políticas internacionais de promoção da diversidade cultural, pois a comunidade internacional assumiu a necessidade de prestar apoio jurídico e programático a um novo tipo de manifestações e expressões culturais<sup>31</sup>.

Ao longo de quarenta artigos, são apresentados os fins da Convenção, é definido o conceito de Património Cultural Imaterial, são elencados os órgãos da convenção e as suas normas de funcionamento, o papel de cada Estado Parte na salvaguarda do P.C.I. à escala nacional e internacional, a cooperação e o auxílio internacionais, o fundo criado para a salvaguarda do P.C.I., entre outras regras referentes à operacionalização da presente Convenção por parte dos Estados Partes.

Como atrás referido, faz parte do texto da Convenção, mais concretamente do Artigo 2º, a definição do conceito de P.C.I., que aqui citamos<sup>32</sup>:

“1) Entende-se por «património cultural imaterial» as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhe estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana. Para os efeitos da presente Convenção, tomar-se-á em consideração apenas o património cultural imaterial que seja compatível

---

<sup>30</sup> Dados atualizados a 15/05/2014.

Cfr. <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=es&pg=00024> (consultado a 20 de dezembro de 2014).

<sup>31</sup> Cfr. UNESCO – *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, Paris, 17 de outubro de 2003, presente em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> (consultado em 23 de Junho de 2013).

<sup>32</sup> *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*: 2 e 3.

com os instrumentos internacionais existentes em matéria de direitos do homem, bem como com as exigências de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos e de desenvolvimento sustentável.

2) O «património cultural imaterial», tal como definido no número anterior, manifesta-se nomeadamente nos seguintes domínios:

- a) **Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial;**
- b) Artes do espetáculo;
- c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos;
- d) Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo;
- e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional.”

Assim, tendo por base a definição de P.C.I. da UNESCO<sup>33</sup>, constatamos que, perante a crescente ameaça da globalização, este património afigura-se como um fator que permite manter a diversidade cultural e que promove o respeito pelos diversos modos de vida.

O P.C.I. é “tradicional, contemporâneo e vivo num mesmo tempo”, “integrador”, “representativo” e “baseado na comunidade”, ou seja, inclui tradições herdadas do passado, usos rurais e urbanos contemporâneos de diversos grupos culturais e contribui para a coesão social, fomentando um sentimento de identidade e de reponsabilidade. Este tipo de património tem valor também por surgir numa determinada comunidade e depender de quem tem esse conhecimento e o transmite às gerações vindouras e a sua existência depende do facto de ser reconhecido pelas comunidades, grupos ou indivíduos que o criam, o mantêm e o transmitem.

Na verdade, para além de contribuir para a salvaguarda do P.C.I., a Convenção de 2003 salienta bastante a necessidade de reconhecer o património individual e coletivo, bem como alerta e sensibiliza para a sua importância a nível micro e macro, ou seja, localmente, regionalmente ou internacionalmente.

Contrariamente ao que vinha sendo considerado, esta Convenção dá especial destaque às práticas em detrimento dos objetos; estes valem somente em associação com a prática. Assim, todo o património que não esteja vivo não se enquadra na definição de P.C.I. aqui apresentada; daí ser tão importante a sua salvaguarda. Esta, para além dos especialistas, deverá envolver também as comunidades e os grupos que mantêm vivo o respetivo P.C.I..

No que diz respeito às línguas, a Convenção de 2003 reconhece a importância do seu papel na expressão e transmissão do património vivo. Ou seja, todos os aspetos do património cultural imaterial dependem da língua para a sua prática diária e transmissão de geração em geração. No

---

<sup>33</sup> Cfr. <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=en&pg=00002> (consultado em 23 de junho de 2013)

caso concreto das tradições e expressões orais, a língua, para além de um veículo do património imaterial, constitui a sua própria essência.

- a *Declaração de Yamato sobre a Abordagem Integrada para a Salvaguarda do Património Cultural, Material e Imaterial*, em 2004. Nesta vem reconhecida a importância da salvaguarda dos três tipos de património, designadamente, património cultural imaterial, património natural e património cultural material. Recomenda-se também que, tendo em conta a interdependência e as diferenças entre o Património Cultural Material (P.C.M.) e o Património Cultural Imaterial (P.C.I.) e as diferenças na abordagem da sua salvaguarda, sempre que for possível, sejam feitas abordagens integradas, o que contribuirá para uma maior consistência e trará benefícios para ambos;

- a *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais*<sup>34</sup>, em 2005. Com esta Convenção fica reforçada a promoção da diversidade cultural. No seu preâmbulo, é afirmado que a diversidade linguística é um elemento fundamental da diversidade cultural. Ao discutir as medidas destinadas a proteger e promover a diversidade de expressões culturais que os países se comprometem a pôr em prática, a convenção sugere adotar medidas relativas à língua utilizada nas atividades, bens e serviços culturais.

Segundo Clara Cabral<sup>35</sup>, enquanto as convenções da UNESCO adotadas no século XX incidiram essencialmente nos bens materiais, as do século XXI, ou seja, as de 2003 e 2005, pretendem salvaguardar aspetos culturais imateriais, “celebrando o hibridismo em vez da autenticidade, visando a capacitação dos detentores em detrimento dos poderes públicos e académicos, assinalando o poder económico da cultura e testemunhando a elasticidade tipológica e temporal da noção de património ao reconhecer as manifestações e práticas mais díspares e mais recentes, dando corpo a uma perspetiva pós-moderna de apreender a cultura.”.

Atualmente assiste-se a uma valorização sem precedentes do património, quer material, quer imaterial, a qual está intimamente relacionada com a expansão da globalização. O receio da sua ação uniformizadora e do seu contributo para a descaracterização dos locais, das gentes e seus costumes e tradições tem gerado uma reação de enaltecimento e valorização do passado e do presente como uma preparação para o futuro, produzindo, assim, múltiplas iniciativas de salvaguarda desse mesmo património.

Relativamente às línguas, se não se acelerar o seu processo de salvaguarda, muitas desaparecerão pelo mundo fora. O facto de a maioria não contar com um suporte escrito contribui

---

<sup>34</sup> Cfr. UNESCO – *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais*, Paris, de 03 a 21 de outubro de 2005, presente em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224POR.pdf> (consultado em 23 de junho de 2013).

<sup>35</sup> Cfr. CABRAL, 2001: 206.

decisivamente para isso. Essa realidade estende-se igualmente às variedades dialetais, que têm sido transmitidas de geração em geração essencialmente através da oralidade, o que motiva a perda de muita informação e pode mesmo conduzir ao seu completo desaparecimento.

Assim, no âmbito da salvaguarda, registo e dinamização do P.C.I., os linguistas desempenham um papel de extrema relevância, na medida em que, um pouco por todo o mundo, há inúmeras línguas, dialetos e falares, marcas identitárias relevantes dos seus falantes, em vias de se perderem, total ou parcialmente.

Segundo dados da UNESCO<sup>36</sup> referentes ao programa de línguas em perigo, se nada for feito, metade das cerca de 6000 línguas faladas irá desaparecer no final do século. De acordo com o gráfico das línguas existentes no mundo, 4% foram consideradas extintas desde 1950, 57% encontram-se a salvo, estando as restantes em diferentes graus de perigo.

### 1.1.2. Contexto nacional<sup>37</sup>

Em 1985, foi publicada, em Portugal, a Lei de Bases do Património Cultural (Lei 13/1985, de 06 de Julho), na qual o artigo 43º é dedicado às formas e ao regime de proteção dos “bens imateriais”.

Em 2001, foi publicada a Lei de Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural (Lei 107/2001, de 8 de Setembro), cujos artigos 91.º e 92.º dizem respeito aos “regimes especiais de protecção e valorização” dos “bens imateriais”. Com esta lei passaram a ser consideradas as “minorias étnicas” no âmbito do P.C.I..

Em setembro de 2005, dezanove países do Mediterrâneo, entre os quais Portugal, assinaram uma convenção com vista a executar o projeto “Identity is the Future: The Mediterranean Intangible Space”, conhecido como MEDINS e coordenado, a nível nacional, por Filipe Themudo Barata, investigador do CIDEHUS-UE. Segundo Themudo Barata, este foi um projeto pioneiro, pois encarava “as práticas imateriais numa perspectiva patrimonial, em estreita articulação com a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial”, assinada dois anos antes<sup>38</sup>.

---

<sup>36</sup> Cfr. UNESCO – Flyer referente ao programa de línguas em perigo: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/FlyerEndangeredLanguages-WebVersion.pdf> (consultado a 23 de junho de 2013).

<sup>37</sup> Cfr. Marcos cronológicos da salvaguarda do P.C.I. em Portugal: <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Recursos/RecursosCronologiaPortugal.aspx> (consultado em 16 de junho de 2013)

<sup>38</sup> Cfr. “Apresentação” in CARVALHO, 2011: 15.

No ano de 2006, foram atribuídas ao Instituto dos Museus e da Conservação (doravante designado por I.M.C.) as funções de inventariar, valorizar e proteger o P.C.I., segundo a Lei Orgânica do Ministério da Cultura (DL n.º 215/2006, de 27 de Outubro).

No ano seguinte, foi criado, no Ministério da Cultura e com base no DL n.º 97/2007, de 29 de Março, e respetiva Portaria n.º 377/2007, de 30 de Março, o Instituto dos Museus e da Conservação, I.P. (futuramente designado por I.M.C.), que passou a contar com um departamento dedicado exclusivamente ao P.C.I. – Departamento de Património Imaterial. Em 2007, foi também aprovada pelo Conselho de Ministros a ratificação da *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* por parte de Portugal. Desde essa altura, vários passos foram dados no sentido de inventariar o P.C.I. português, sendo os museus os primeiros agentes.

Em 2008, a 24 de janeiro (Resolução AR n.º 12/2008), a Assembleia da República aprovou por unanimidade a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* e, a 26 de março, procedeu-se à sua ratificação (DR. N.º 60, de 26 de Março). A Convenção entrou finalmente em vigor a 21 de agosto de 2008.

Nesse ano, tiveram lugar seis colóquios promovidos pelo I.M.C., subordinados ao tema "Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades"<sup>39</sup>, constituindo estes momentos privilegiados para debater a salvaguarda do P.C.I. em Portugal por parte do I.M.C..

Em 2009, foi publicado o Decreto-Lei n.º 139/2009 (Diário da República, I/S, n.º 113, 15 de Junho de 2009). Este D.L. foi particularmente importante, pois estabeleceu, a nível nacional, o regime jurídico de salvaguarda do P.C.I.. Na verdade, veio desenvolver o que ficara estipulado na Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, cumprindo as premissas estipuladas pela UNESCO no que diz respeito ao P.C.I. e à Convenção de 2003.

Em 2010, o I.M.C. realizou um inquérito – "Património Imaterial em Portugal" – a cerca de 500 entidades, nomeadamente, museus, municípios, direções regionais de cultura e unidades de investigação consideradas de potencial relevância para a atuação no setor. Este visava permitir fazer um ponto de situação do trabalho desenvolvido pelas diversas entidades, bem como um levantamento dos fundos documentais relevantes no âmbito do P.C.I. nacional.

Ainda nesse ano, e com vista a operacionalizar o inventário nacional do P.C.I., foi publicada a Portaria n.º 196/2010 (Diário da República, I/S, n.º 69, de 9 de Abril de 2010), elaborada no quadro jurídico de salvaguarda do P.C.I. estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de Junho, com

---

<sup>39</sup> As comunicações apresentadas nesses colóquios vieram a ser publicadas no ano seguinte numa obra coordenada por Paulo Ferreira da Costa (COSTA, 2009).

vista à sua regulamentação. Este D.L. definiu os documentos, normas e condições a ter em conta aquando da identificação, estudo e registo do P.C.I..

Em junho de 2010, foi apresentada a primeira candidatura do Estado Português para inscrição na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade, a Candidatura do Fado, apresentada pela Câmara Municipal de Lisboa, a qual veio a ser aprovada em 2012.

Em 2011, foi publicado o Despacho n.º 1018/2011, de 12 de janeiro, referente à constituição da Comissão para o Património Cultural Imaterial. Esta Comissão possui autonomia administrativa, técnica e científica, atua de forma independente e tem funções deliberativas e consultivas no âmbito do P.C.I..

Em junho, o I.M.C. disponibilizou a plataforma online MatrizPCI, na qual se pode ter acesso ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

Como se pode constatar, já foram dados diversos passos decisivos com vista à salvaguarda e registo do P.C.I. português; contudo, muito há ainda por fazer.

No dia 22 de junho de 2013, na trigésima sétima Sessão do Comité do Património Mundial, a decorrer em Phnom Penh, no Camboja, a UNESCO anunciou a classificação da Universidade de Coimbra como Património Mundial. Segundo o testemunho do reitor da universidade, João Gabriel Silva, em declarações prestadas ao jornal “Público”, a 22/06/2013, na avaliação da UNESCO, mais do que o valor patrimonial do conjunto de edifícios que integram a área da candidatura, foi acrescentado um terceiro critério, que reconhece a Universidade de Coimbra como símbolo de “uma cultura que teve impacto na humanidade”. Na sua opinião, “ a Universidade de Coimbra foi reconhecida como ícone de uma cultura e de uma língua que é portuguesa, que ajudaram a modelar o mundo como o conhecemos”.

A língua portuguesa e o papel da Universidade de Coimbra na sua divulgação foram, pois, fatores decisivos na aprovação da referida candidatura; na verdade, houve uma valorização do património imaterial a par do material, tal como foi sugerido na Convenção de 2005.

Mais recentemente, no dia 27 de novembro de 2014, no decurso da nona reunião do Comité Internacional da UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, a decorrer em Paris, o Cante Alentejano foi declarado Património Cultural Imaterial da Humanidade<sup>40</sup>.

Em 2013, fora também inscrita na Lista Representativa do P.C.I. da Humanidade a Dieta Mediterrânica. Ainda que tenha sido uma candidatura de cariz mais abrangente, pois foi apresentada

---

<sup>40</sup> Com esta aprovação, em 2014, Portugal passa a contar com quinze nomeações para P.C.M. e três como P.C.I..

por sete países<sup>41</sup>, entre os quais Portugal, para o Alentejo também teve um significado particular, já que a sua gastronomia se insere perfeitamente nessa tipologia<sup>42</sup>.

Face ao exposto, fica clara a relevância da salvaguarda da diversidade linguística e das tradições alentejanas; constituindo o Falar de Marvão um bom exemplo da genuinidade das gentes do Nordeste Alentejano, que importa continuar a valorizar e a salvaguardar.

Ao longo do século XX, vários linguistas contribuíram para o registo e tentativa de salvaguarda destas variedades linguísticas, sendo de destacar nomes como José Leite de Vasconcelos, Manuel Paiva Boléo, Luís Filipe Lindley Cintra, entre outros. Todavia, tratando-se de estudos pioneiros, enfrentando vastas áreas a estudar, a rede de inquérito estabelecida tinha necessariamente de ser larga, deixando de fora particularidades que só estudos complementares, usando uma rede de inquérito mais fina, poderiam registar e descrever. Como sabemos, em determinadas zonas, o facto de se ter estudado determinado local não invalida que, bem próximo, haja outros falares com características bem diferentes. Para além disso, a realidade de há 50, 70 ou até 100 anos atrás era muito diferente da atual e alguns dos locais estudados sofreram bastantes mutações, que levaram a grandes mudanças em muitas variantes geográficas ou até à sua perda.

Sendo assim, consideramos urgente uma nova aposta nos estudos dialetológicos; a fim de recolher o que ainda estiver a tempo de ser salvaguardado e de comparar as recolhas atuais com o que ficou registado em estudos anteriores, bem como incentivar a preservação dos traços dialetais ainda vivos, especialmente nas camadas mais jovens, garantindo, desse modo, a vida e a continuidade de dialetos e falares tão importantes para a identidade de um povo, neste caso, o Povo Português.

Para além de tudo o que foi referido, e de acordo com Jane Blake<sup>43</sup>, o P.C.I. é de extrema importância para muitos países no contexto social e cultural e é entendido como mais valia para o seu desenvolvimento económico. Portugal não é exceção; sendo um país vocacionado para a atividade turística, a aposta na salvaguarda e promoção do seu património imaterial (a juntar ao património material e natural) poderá vir a ser rentabilizada através do aumento do número de turistas e, consequentemente, o seu contributo para o desenvolvimento da economia do país. Cada vez mais o turista apresenta um elevado nível académico, diversifica os seus interesses e revela uma maior vontade de conhecer as particularidades das regiões que visita, sendo os muitos aspetos do património cultural imaterial um importante foco de interesse.

---

<sup>41</sup> Para além de Portugal, integraram este projeto: Chipre, Croácia, Espanha, Grécia, Itália e Marrocos.

<sup>42</sup> Também a gastronomia do concelho de Marvão é um bom exemplo da Dieta Mediterrânica. Cfr. SIMÃO, 2008.

<sup>43</sup> Cfr. BLAKE, 2002.



## 1.2. O Falar de Marvão: património imaterial raiano

Por fazer parte da identidade dos habitantes do concelho de Marvão e da raia de Valencia de Alcántara, ser usado a todo o momento sem se ter consciência da sua riqueza e se considerar que nunca se perderia, o Falar de Marvão nem sempre foi devidamente valorizado e preservado e representa mais uma variante regional que, se nada for feito, tenderá a desaparecer.

A passagem do tempo, a diminuição dos habitantes nesta região<sup>44</sup>, o acentuado índice de envelhecimento da sua população, o aumento da escolarização dos seus falantes e a consequente padronização da sua linguagem, a influência dos media e de todos os fatores que contrariam a variação dialetal da língua portuguesa contribuem de forma gradual para a perda de características linguísticas relevantes, a qual representaria não só a perda de uma riqueza cultural, mas também de uma marca do conhecimento dos nossos antepassados, logo, de uma marca identitária.

O Falar de Marvão, ao constituir um exemplo de património imaterial e ser uma marca identitária dos habitantes desta zona de raia, merece ser registado, valorizado e salvaguardado, especialmente numa altura em que se assiste mundialmente a uma tendência uniformizadora a vários níveis.

Assim, torna-se premente a recolha, estudo e salvaguarda do seu falar, pois só deste modo será possível assegurar a sua continuidade. Tratando-se de um falar de raia, cuja fronteira linguística se estende por território espanhol, encontra-se ainda mais vulnerável nas regiões politicamente espanholas, onde o uso diário do castelhano tende a suplantar hábitos e conhecimentos antigos, impedindo que essa variante da língua portuguesa perdure no tempo e no espaço.

Em finais do século XIX, inícios do XX, Leite de Vasconcelos, deu os primeiros passos no âmbito dos estudos dialetológicos em Portugal, sistematizou as principais características dos dialetos portugueses e veio a traçar o mapa dialetológico de Portugal. Nessa ocasião, a zona de Marvão começou por ser enquadrada no sub-dialecto de Fundão, Castelo Branco e Portalegre, passando, em 1901, a estar englobada na região do dialecto meridional<sup>45</sup>, mais concretamente no sub-dialecto alentejano, e, em 1929<sup>46</sup>, no sub-dialecto do Alto Alentejo.

---

<sup>44</sup> Cfr. Cap. 2 – Caracterização do espaço geográfico.

<sup>45</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1987: 28, 125.

<sup>46</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1929: 795.

Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, em 1959, publicaram um novo mapa dialetológico<sup>47</sup>, segundo o qual, a zona de Marvão surgiu enquadrada no Falar de Castelo Branco e Portalegre<sup>48</sup>, mais concretamente no subfalar de Portalegre<sup>49</sup>.

Em 1971, Luís Filipe Lindley Cintra sugeriu uma nova proposta de classificação dos dialetos portugueses, surgindo esta região enquadrada nos Dialetos Portugueses Centro-meridionais<sup>50</sup>. Na subdivisão dos dialetos centro-meridionais, Marvão enquadra-se no grupo de dialetos do centro-interior e sul, mais especificamente na região da Beira Baixa e Alto Alentejo (que tem como principais núcleos Portalegre e Castelo Branco), cuja zona se encontra delimitada pela isófona da palatalização da vogal *u*.

De notar que os quatro autores anteriormente citados desenvolveram estudos muito abrangentes, que cobriam todo o contexto nacional, não estudando em concreto todos os concelhos, vilas e aldeias do país, pelo que não houve por parte deles um estudo exaustivo sobre o concelho de Marvão. No que diz respeito aos falares de raia da zona de Valência de Alcântara, nenhum dos autores os referiu e sistematizou, ainda que saibamos que do lado de lá da fronteira política há um prolongamento da fronteira linguística, o que se deve ao facto de todos estes linguistas terem considerado nos seus estudos a fronteira política e não a fronteira linguística.

Em 1967, Cândida Baptista, sob a orientação de Cintra e no âmbito da sua tese de licenciatura, estudou o falar da aldeia de Escusa<sup>51</sup>. Sem dúvida, um trabalho meritório, mas circunscrito apenas à realidade linguística de uma pequena aldeia do concelho de Marvão, que entretanto tem visto a sua população bastante envelhecida e reduzida, o que nada contribui para a vivacidade do seu falar.

Em 2010, no âmbito da nossa tese de mestrado<sup>52</sup>, estudámos o Falar de Marvão no seu conjunto, tendo registado as suas principais características de acordo com o leque de informantes que escolhêramos para o efeito, ou seja, idosos acima dos setenta anos, preferencialmente analfabetos e residentes somente no espaço político de Marvão. Claro que temos consciência de que muito já se perdeu e não se conseguirá recuperar (especialmente no território de raia politicamente espanhol); contudo, há ainda um longo trabalho a desenvolver e ainda estamos a tempo de

---

<sup>47</sup> Cfr. Anexo 4: “Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental”.

<sup>48</sup> Cfr. BOLÉO, 1962: 107, 108. Paiva Boléo, ao justificar a divisão que propusera com base nas afinidades entre as duas localidades, salienta que o Tejo não é fronteira entre o falar de Portalegre e o de Castelo Branco e chama a atenção para o facto de a Igreja Católica, em 1956, restabelecer a Diocese de Castelo Branco e Portalegre.

<sup>49</sup> Cfr. BOLÉO, 1962: 100.

<sup>50</sup> Cfr. CINTRA, 1995: 141 – 163; CUNHA, 2006: 11. Consultar também o Anexo 5: “Mapa da classificação dos dialectos galego-portugueses.”

<sup>51</sup> Cfr. BAPTISTA, 1967.

<sup>52</sup> Cfr. SIMÃO, 2011.

salvaguardar, registar e dinamizar uma boa parte das características do Falar de Marvão, para que possa continuar a ser usado pelas gerações vindouras.

Como foi referido no subcapítulo anterior, enquanto no âmbito da preservação do P.C.M. se dá especial destaque às coisas; no âmbito do P.C.I., valorizam-se essencialmente as pessoas, fontes de saber e guardiãs das tradições que caracterizam um povo e que, se não atempadamente auscultadas e registados e divulgados os seus testemunhos, partem levando consigo saberes irrecuperáveis. Assim, os marvanenses e o seu falar são indissociáveis e devem ser estudados e valorizados no seu conjunto, sendo o principal objetivo da presente dissertação de doutoramento o estudo pormenorizado deste falar, determinando a real extensão da sua fronteira linguística, que seguramente se estende por terras de Espanha, bem como averiguar eventuais influências diastráticas neste falar, que, como aqui se demonstrará, assume características individualizadoras dentro da região subdialetal de Castelo Branco/ Portalegre, a qual, por sua vez, merece igualmente mais detalhado estudo.

Tendo em conta os critérios de vitalidade de uma língua e os níveis de perigo estipulados pela UNESCO<sup>53</sup>, consideramos que o Falar de Marvão, em solo português, se encontra “vulnerável”, uma vez que ainda há crianças a partilhar algumas das suas características; todavia a maioria já não as conhece e, muito menos, as usa. Em território espanhol, este panorama é bem diferente, pois aí este falar encontra-se “seriamente em perigo”. É usado essencialmente pelos avós, e já não todos, muitos pais já não o sabem e ninguém o transmite aos netos.

Se ao nível de alguns traços fonético-fonológicos e morfossintáticos ainda se verifica a continuação de algumas particularidades, ao nível do léxico, assiste-se a uma diferença enorme à medida que se analisa o domínio do falar nas gerações mais velhas por comparação com o das mais jovens. A escolarização e consequente aprendizagem do português padrão e a forte influência dos media nas camadas mais jovens contribui em grande escala para essa perda na linguagem, logo, numa componente importante da identidade marvanense.

Na sequência do reconhecimento do Fado, da Dieta Mediterrânica e do Cante Alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade, há um incentivo acrescido para Portugal e os portugueses continuarem a lutar pela defesa do seu vasto património intangível.

No caso concreto de Marvão, depois de envidados diversos esforços no sentido de elevar a vila e seus arredores a Património Mundial da UNESCO, sem atingir os objetivos esperados até ao

---

<sup>53</sup> Cfr. UNESCO – Vitalidade de uma língua: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/language-vitality/> e UNESCO – Níveis de perigo: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/atlas-of-languages-in-danger/> (consultados a 23 de junho de 2013).

momento, há que continuar a trabalhar no sentido da salvaguarda do seu património, dando agora enfoque ao seu património intangível, de que os falares fazem parte integrante. Assim, o presente projeto de doutoramento, ao contemplar o estudo do falar raiano de Marvão, procura, dentro desta filosofia, contribuir para a preservação desse legado civilizacional neste concelho do Norte Alentejo; registando, estudando e promovendo diversos aspetos da sua identidade cultural, com particular destaque para as características linguísticas. Procura-se, assim, contribuir para a valorização da cultura de Marvão e da raia e para a dinamização do turismo cultural. Sendo uma zona do interior, periférica, desertificada, envelhecida e subdesenvolvida, este tipo de turismo representa um importante vetor do seu desenvolvimento socioeconómico.

## Capítulo 2 – Caracterização do espaço geográfico do Falar de Marvão

As particularidades de um falar e a sua evolução ao longo dos tempos só podem ser compreendidas em pleno quando conhecidos o espaço geográfico em que têm lugar e as gentes que lhe dão vida.

Ao longo deste capítulo, pretendemos dar a conhecer um pouco da história, da evolução demográfica, das atividades socioeconómicas e da etnologia da região em que este falar raiano se desenvolve, quer em contexto português, quer em contexto espanhol.

### 2.1. Caracterização do concelho de Marvão

#### 2.1.1. Localização geográfica

O concelho de Marvão fica localizado no Nordeste Alentejano, no distrito de Portalegre, e tem como limites: a norte/este, o rio Sever (que delimita a fronteira entre Portugal e Espanha), a sul, o concelho de Portalegre e, a oeste, o concelho de Castelo de Vide.



Fig. 2: Mapa que evidencia a localização de Marvão no contexto europeu e português<sup>54</sup>

<sup>54</sup> Atlas de Portugal da Verbo, 1973.

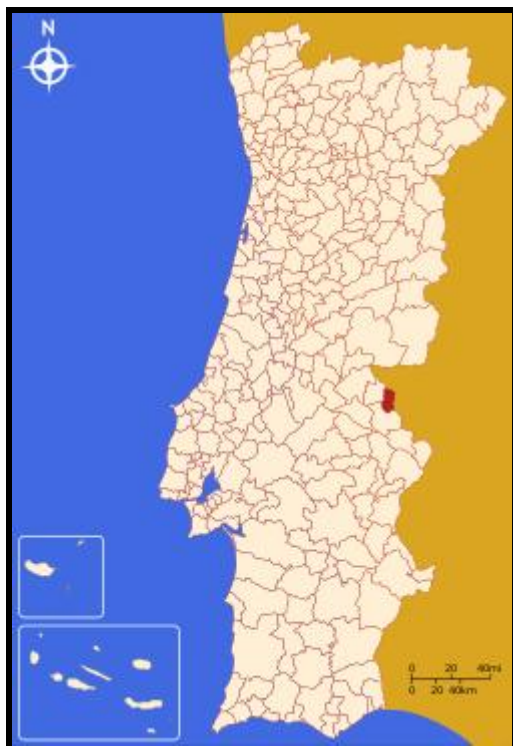


Fig. 2: Marvão no panorama nacional<sup>55</sup>

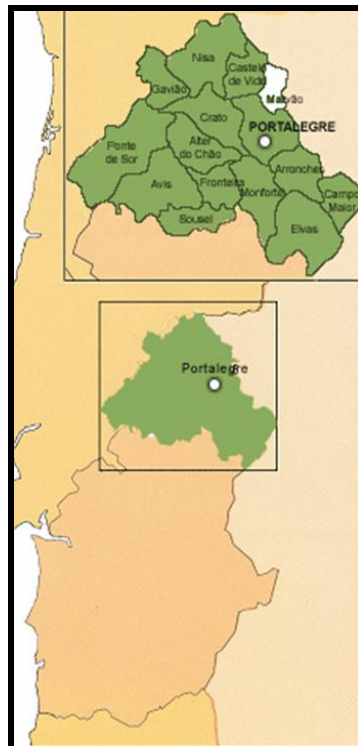


Fig. 3: Marvão no distrito de Portalegre

### 2.1.2. Evolução do povoamento do concelho de Marvão

Há muito que o Homem elegeu o território marvanense para seu habitat, remontando ao Paleolítico essa escolha. Diversos vestígios atestam a presença humana junto às margens do rio Sever. Desde então, esta foi uma constante, embora os locais fossem variando<sup>56</sup>.

Com base na *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*<sup>57</sup>, foram encontrados vestígios das primeiras comunidades do Paleolítico nas zonas da Mãe-Velha, Batão, Amoreiras e Vidais.

No Neolítico e também no Calcolítico, as primeiras tentativas de sedentarização, cultivo dos campos e criação de gado fixaram o Homem em locais já anteriormente habitados (Batão e Vidais) e motivaram novas escolhas, designadamente, a zona da Bola de Cera e dos Pombais. Na zona sul, foram encontrados vestígios dessa ocupação na zona da Aramenha.

<sup>55</sup>Retirado de:

[https://www.google.pt/search?q=mapa+freguesias+marv%C3%A3o&espv=2&biw=1024&bih=649&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=N5HFVLaVDMr3ULvHg-AH&ved=0CAYQ\\_AUoAQ&dpr=1#imgdii=\\_&imgrc=11jQJixJDLZmgM%253A%3BuLrwavFN8vpKZM%3Bhttp%253A%252F%252Fterrasdeportugal.wdfiles.com%252Flocal--files%252Ffilustrar%253Amapas%252Fmarvao.png%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.memoriaportuguesa.com%252Fmarvao%3B250%3B366](https://www.google.pt/search?q=mapa+freguesias+marv%C3%A3o&espv=2&biw=1024&bih=649&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=N5HFVLaVDMr3ULvHg-AH&ved=0CAYQ_AUoAQ&dpr=1#imgdii=_&imgrc=11jQJixJDLZmgM%253A%3BuLrwavFN8vpKZM%3Bhttp%253A%252F%252Fterrasdeportugal.wdfiles.com%252Flocal--files%252Ffilustrar%253Amapas%252Fmarvao.png%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.memoriaportuguesa.com%252Fmarvao%3B250%3B366) (dezembro 2014)

<sup>56</sup> Cfr. Texto de Jorge de Oliveira “Património Arqueológico Regional” in *Marvão – Obra Única do Homem e da Natureza* (documento de Pré-Candidatura), pp. 27-36.

<sup>57</sup> Cfr. OLIVEIRA, 2007: 11 – 32.

No decurso da Idade do Ferro, verificou-se a procura de pontos mais elevados, logo mais protegidos, e sua fortificação, como sucedeu nos castelos de Vidago, do Corregedor, da Crença e no local onde veio a surgir a vila de Marvão.

Já no período da romanização a opção foi completamente diferente, havendo uma procura de zonas férteis, nas quais se pudesse praticar a agricultura. Assim, na parte norte, existem vestígios da civilização romana nas zonas do Pereiro, Pombais, Amoreiras, Vale de Cano e Garriancho. Na parte sul, sendo uma zona ainda mais fértil, abundam marcas da sua presença na Escusa, no Porto da Espada e o vale da Aramenha serviu de berço à cidade de *Ammaia*. Esta surgiu no início do século I d.C. e terá sido uma cidade de lazer (satélite de Mérida) que chegou a assumir o estatuto de *municipium*. A dimensão da cidade e a grandiosidade da sua arquitetura indiciam a influência e o poder dos seus habitantes da altura.

No início do século V, chegaram à Península Ibérica os primeiros bárbaros e com eles a desagregação do Império Romano do Ocidente. Assim, a cidade romana de *Ammaia* foi sucumbindo; havia uma grande instabilidade e a população preocupou-se em procurar abrigo em zonas mais inacessíveis e, de preferência, junto a cursos de água, sendo a região norte do atual concelho a mais escolhida. O Vale do Cano, o Monte Velho, a Fonte Souto, o Vale de Ródão foram alguns desses aglomerados populacionais da Alta Idade Média.

Pouco tempo depois de terem iniciado a conquista peninsular (em 711), chegaram à *Ammaia* os árabes, o que originou novo repovoamento. Desta vez os habitantes refugiaram-se na fortaleza natural de Marvão, a mais de oitocentos metros de altitude. Terá sido também nesta época que se difundiram os moinhos e as azenhas, os quais vieram a marcar a economia do concelho de Marvão até ao século XX.

Por volta de 876/877, o *muladi* Ibn Maruán<sup>58</sup> terá escolhido o inóspito morro em que atualmente se situa a vila de Marvão para aí se refugiar e construir uma fortaleza, que, mais tarde, depois de conquistada e refortificada pelos cavaleiros cristãos, continuou a funcionar como local de refúgio para as gentes do concelho.

No século X, o historiador cordovês Isa Ibn Áhmad ar-Rázi, ao contar os feitos de Ibn Maruán, referiu Marvão como “o Monte de Amaia” e “Amaia de Ibn Maruán”, bem como “Fortaleza de Amaia” e “Fortaleza de Amaia-o-Monte”, o que pressupõe que já existiria uma

---

<sup>58</sup> Ibn Maruán foi também o (re)fundador da cidade espanhola de Badajoz. O facto de Marvão e Badajoz terem o mesmo fundador tem vindo a ser celebrado no evento anual “*Al Mossassa*”, realizado, desde 1998, no final de setembro, na cidade espanhola e, desde 2006, no primeiro fim de semana de outubro, na vila portuguesa. A celebração da fundação remete-nos, assim, para o período das invasões árabes e proporciona um estreito convívio entre portugueses e espanhóis. No caso concreto de Marvão, a seguir à Feira da Castanha, a *Al Mossassa* é o evento que mais turistas atrai ao concelho.

fortificação no cimo do morro e que esta teria estado ao serviço da cidade romana de *Ammaia*<sup>59</sup>. Dá-nos assim conta da sua ocupação já no século IX; esta fortaleza terá servido de refúgio para este *muladi*, depois de ter sido ameaçado em Badajoz. À sua permanência se deve o topónimo atual, havendo uma evolução de “Maruán” para “Marvão”.

Entre meados do século X e o final do século XI, a cidade de *Ammaia* terá sido abandonada, pois viviam-se tempos de grande instabilidade político-militar e este local tornara-se perigoso e muito procurado por saqueadores, assistindo-se assim ao seu inevitável definhamento e à paulatina emancipação do morro de Marvão enquanto importante ponto de defesa militar.

No período da Reconquista Cristã, Marvão terá sido conquistado entre 1160 e 1166, por D. Afonso Henriques, embora não haja certezas se essa conquista foi definitiva. Sabe-se que, em 1217, D. Afonso II doou a Aramenha ao Mosteiro de Alcobaça, o que indicava que o local estaria já em paz. Segundo José Augusto Oliveira, esta paz ter-se-ia estendido também a Castelo de Vide e Marvão<sup>60</sup>.

Em 1226, D. Sancho II atribuiu a Marvão a carta de foral, passando este município a abarcar uma vasta área, correspondente a grande parte do atual distrito de Portalegre e a uma zona de Valencia de Alcántara.

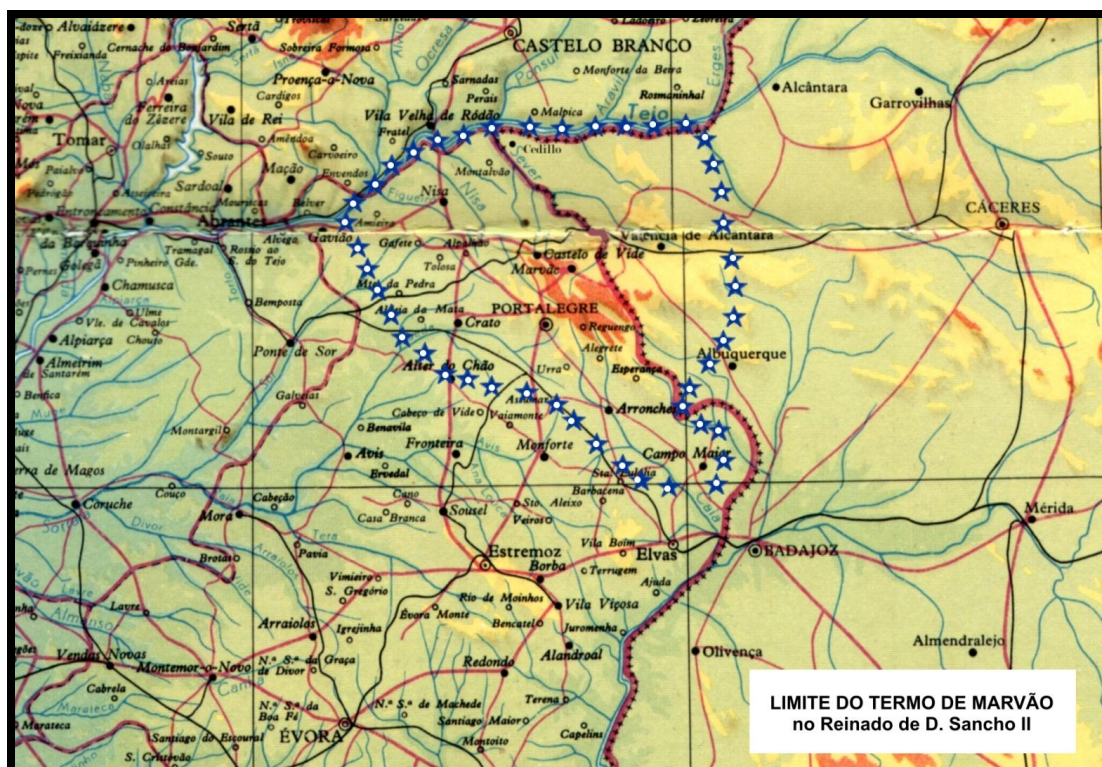


Fig. 4: Limite do termo de Marvão, em 1216.

<sup>59</sup> Cfr. SIDARUS, 1991: 13, 14.

<sup>60</sup> Cfr. OLIVEIRA, 2011: 15 - 18.



Contudo, esta dimensão manteve-se por pouco tempo. José Augusto Oliveira, tendo como base a obra de Rui de Azevedo, indica-nos que: “Após 1230, com a conquista do núcleo Elvas/Badajoz, Marvão perdeu importância militar e assistiu ao desmembramento sucessivo do seu termo, agora em linha de confronto com o vizinho castelhano. Em 1332, a área do Crato foi cedida aos Hospitalários; quatro anos decorridos, a vila Arronches foi doada a Santa Cruz de Coimbra (...) Portalegre já era concelho no ano de 1253 e, desde o ano anterior, Alegrete possuía termo próprio.”<sup>61</sup>. Não se sabe ao certo quando se autonomizou Castelo de Vide, apenas que, em 1233, também já tinha foral.

D. Afonso III terá doado a povoação à Ordem do Hospital e, em 1271, constituiu um feudo que atribuiu ao seu filho D. Afonso, do qual faziam parte Marvão, Portalegre e Arronches, agrupando assim concelhos que, aquando da primeira carta de foral atribuída a Marvão, em 1226, já haviam estado juntos. O comando militar era uno e estava centrado em Marvão<sup>62</sup>. Essa doação veio a gerar, mais tarde, uma guerra entre os dois irmãos (D. Afonso e D. Dinis), passando Marvão a ser pertença de D. Dinis, em 1229. Segundo Laranjo Coelho<sup>63</sup>, foi no reinado de D. Dinis que começou a importância social e militar de Marvão.

Apesar da definição da fronteira com Espanha, registada no Tratado de Alcanizes, em 1297, durante a Idade Média, o clima de paz durou muito pouco. A constante instabilidade em que se vivia no concelho de Marvão motivou a extrema dificuldade de captar residentes, debatendo-se o município frequentemente com problemas de povoamento.

Segundo uma contagem de 1527, Marvão teria um total de 495 fogos, 363 na vila e 132 no resto do seu termo. Tendo em média quatro habitantes cada fogo, a população seria composta por 1452 habitantes na vila, havendo 528 no resto do termo. Comparativamente com os concelhos vizinhos de Castelo de Vide e Portalegre, os valores são muito inferiores aos aí registados. Laranjo Coelho<sup>64</sup> considera que, para além da população registada nesse censo, existia no concelho um núcleo de população mourisca e judaica, a qual terá vindo de Valencia de Alcántara. Aquando da expulsão dos judeus de Espanha, decretada pelos reis católicos em 1492, muitos entraram em Portugal pela fronteira de Marvão. Há registos de um número considerável se ter instalado ao redor do burgo de Castelo de Vide, mas outros terão optado por se fixar no concelho de Marvão.

---

<sup>61</sup>Cfr. OLIVEIRA, 2011: 18.

<sup>62</sup>Cfr. OLIVEIRA, 2011: 97 - 99.

SÁ-NOGUEIRA, 1991: 19 - 45.

<sup>63</sup>Cfr. COELHO, 1916: 24.

<sup>64</sup>Cfr. COELHO, 2001: 214 - 218.

Nos séculos seguintes, a quebra que se verificou na população foi ainda maior em virtude dos diversos episódios bélicos que aí tiveram lugar<sup>65</sup>:

- Guerra da Restauração (1641-1668);
- Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1715);
- Guerra Fantástica (1762-1763);
- Guerra das Laranjas (1801);
- Guerras Peninsulares (1807-1811);
- Guerras Liberais (1832-1834);
- Guerra civil resultante das revoltas da Maria da Fonte (1846) e Patuleia (1847).

De notar que, até 1842, São Julião fazia parte da área do concelho de Marvão, passando nessa altura para o município de Alegrete e, mais tarde, para Portalegre.

Na segunda metade do século XIX, com os avanços tecnológicos da artilharia, diluiu-se o valor estratégico de Marvão, tornou-se difícil angariar recursos financeiros que dessem resposta às necessidades da administração corrente, bem como eleger vereadores que não fossem analfabetos. Tal situação conduziu, em 1895, à anexação de Marvão ao concelho de Castelo de Vide, funcionando aí a sede. Esta situação arrastou-se por três anos; só a 24 de janeiro de 1898 Marvão restaurou a sua independência.

---

<sup>65</sup> Cfr. BUCHO, 2001: 23 – 25.  
COELHO, 1916: 63 e segs.

### 2.1.3. Caracterização demográfica e socioeconómica

Como se pode constatar pelos mapas anteriormente apresentados, no contexto do distrito de Portalegre, o município de Marvão é o mais reduzido, apresentando uma área de 154,6 km<sup>2</sup>, distribuída por quatro freguesias, nomeadamente, Beirã e Santo António das Areias, a norte, e São Salvador da Aramenha e Santa Maria de Marvão, a sul.

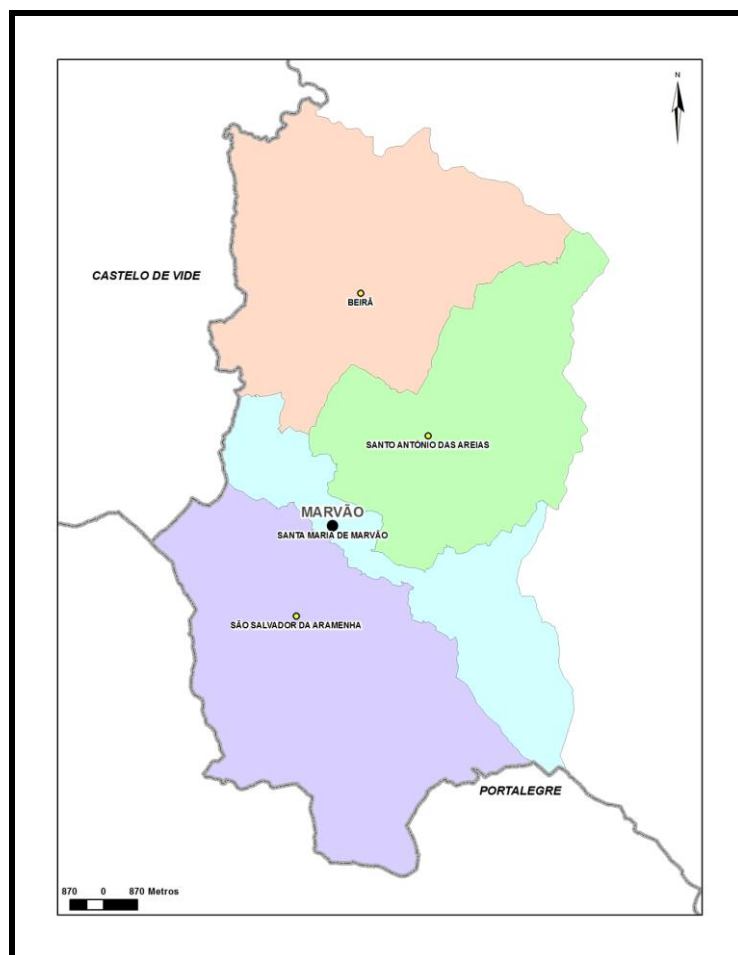


Fig. 5: Mapa das freguesias do concelho de Marvão

Segundo dados dos censos de 2011 apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística (I.N.E.)<sup>66</sup>, Marvão tem cerca de 3512 habitantes, verificando-se uma diminuição da população de 12,83% relativamente aos censos de 2001. Atualmente apresenta uma densidade populacional muito baixa – 22,72 habitantes/km<sup>2</sup> – e a tendência, se nada for feito entretanto para contrariar a situação, é que esta venha a ser ainda mais reduzida, pois o número de óbitos todas as semanas aumenta e o de nascimentos é pouco significativo.

<sup>66</sup> Cfr. [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos\\_ficheirosintese](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_ficheirosintese) (consultado a 23/03/2014).

Ano dos censos	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2001	2011
População residente	5994	6478	6292	7116	7630	8290	7478	5536	5418	4419	4029	3512
População presente	5949	6321	6250	7145	7559	8144	7276	5428	5334	4393	3932	3558

Fig. 6: Tabela da evolução da população do concelho de Marvão de 1900 a 2011<sup>67</sup>

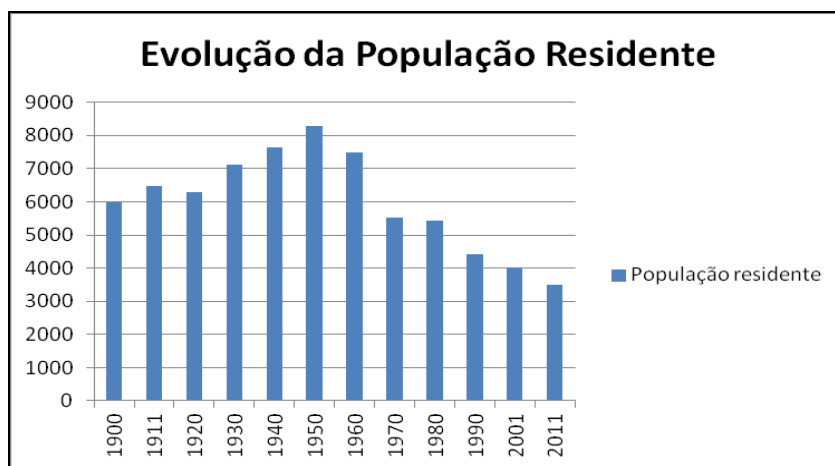


Fig. 7: Gráfico da evolução da população do concelho de Marvão de 1900 a 2011.

Como se pode constatar pela análise dos dados anteriormente apresentados, a população continua a seguir a tendência de decréscimo que se instalou desde a década de 50 do século passado. O pico demográfico dos anos 50 deveu-se a um acentuado desenvolvimento agrícola e industrial, especialmente na zona norte do concelho, e correspondeu à segunda mais alta densidade demográfica do distrito de Portalegre, a seguir à da capital de distrito. Desde então, tem-se assistido a uma dinâmica demográfica fortemente recessiva, especialmente no decurso da década de 60, na qual o concelho perdeu quase 2000 habitantes (1932, mais precisamente) e da década de 80, cerca de 1000 habitantes.

Estes números justificam-se essencialmente com a emigração e migração. Na década de 60, a possibilidade de ser recrutado para a guerra do Ultramar levou muitos homens a sair do país e Marvão não foi exceção, sendo as localidades da raia espanhola um destino muito procurado.

<sup>67</sup> Dados provenientes do Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt).

Na tabela apresentada, optámos por incluir somente os dados desde 1900. Contudo, indicamos aqui mais alguns elementos referentes à população do concelho de Marvão:

- população presente nos censos de 1864, 1878 e 1890: 4907/ 5235/ 5658 habitantes (Cfr. COELHO, 1924: 239);
- população residente nos censos de 1864, 1878 e 1890: 4907/ 5397/ 5678 habitantes (Cfr. BUCHO, 2005: 39).

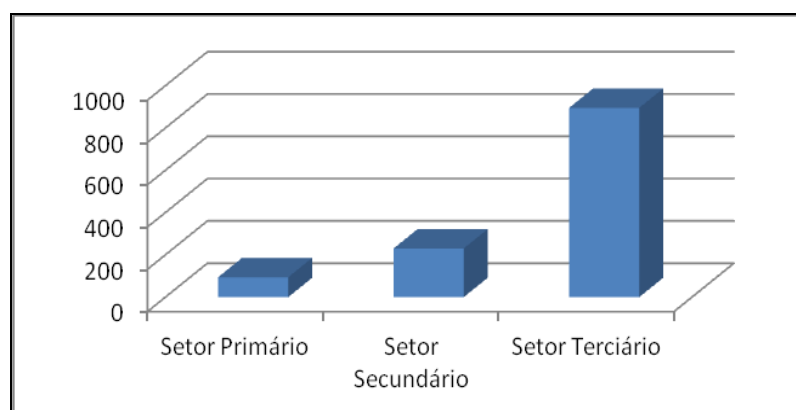
Aquando da aplicação dos inquéritos nas várias localidades de Valencia de Alcántara, deparamo-nos com vários informantes cujos pais ou outros familiares tinham emigrado para Espanha por esse motivo e por aí constituíram família e se mantiveram até ao fim das suas vidas.

A par disso, a procura de melhores condições de vida motivou a migração para os arredores dos grandes centros urbanos. No caso concreto de Marvão, houve uma preferência pelos arredores de Lisboa, sendo Setúbal, o Barreiro, a Amadora... destinos preferenciais.

Com a entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia (1986), a abertura do espaço Schengen e a conseqüente abertura das fronteiras, houve uma quebra acentuada na economia local. Para além do declínio que já se vinha verificando na agricultura e na indústria, sendo um concelho de raia, Marvão muito dependia do serviço alfandegário, dos câmbios e, claro, do comércio ilícito, o contrabando, que sempre caracterizara a economia local até esse momento<sup>68</sup>. Tudo isso obrigou a uma mudança radical na economia local e, como o concelho não conseguiu oferecer outras oportunidades aos seus residentes, muitos optaram por partir e somente nos vários períodos de férias ou festas populares regressam às suas origens.

Nas últimas décadas, a população tem vindo a decrescer cerca de 500 habitantes de censos para censos, o que se deve ao acentuado envelhecimento da população, ao reduzido número de nascimentos e à contínua partida dos filhos da terra, que aqui não conseguem emprego e assim se veem forçados a ir procurar melhores condições de subsistência.

Devido ao já referido declínio nos setores agrícola e industrial, atualmente a população enquadra-se essencialmente no setor terciário. A câmara municipal representa a principal entidade empregadora do concelho, sendo seguida pelos centros de dia/lares de terceira idade e algumas unidades ligadas ao ramo da hotelaria.



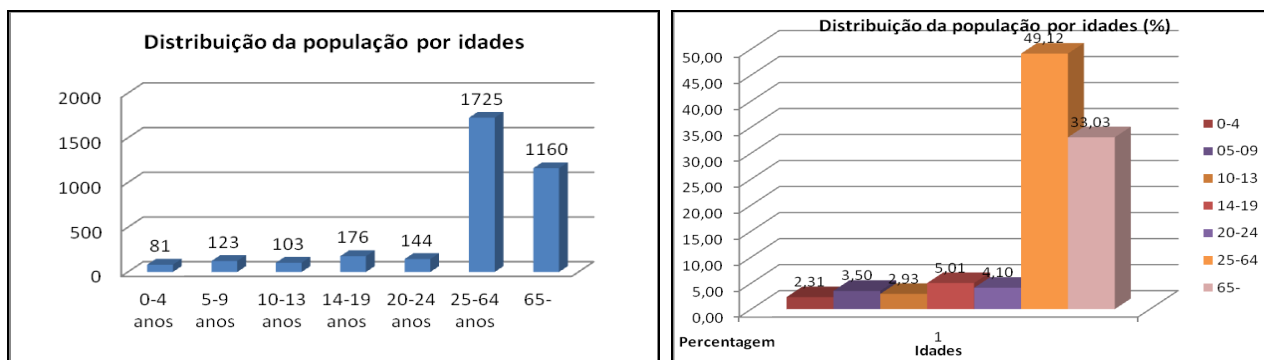
**Fig. 8:** Distribuição dos empregados de Marvão por setor de atividade em 2011.

<sup>68</sup> Cfr. Subcapítulo 2.3. dedicado ao tema do contrabando.

Analisando a evolução da população nos últimos dez anos, constatamos que a população diminuiu em todas as faixas etárias, assistindo-se, assim, ao conseqüente envelhecimento do concelho.

Anos	0-14 Anos	15-24 anos	25-64 anos	+ de 65 anos
2001	441	417	1869	1302
2011	333	294	1724	1161

Fig. 9: Distribuição da população residente de Marvão segundo as faixas etárias e sua evolução na última década



Figs. 10/ 11: Gráficos da distribuição da população de Marvão por idades em 2011.

Apesar do reduzido número de jovens e do elevado número de idosos, é de destacar a significativa percentagem de população em idade ativa (49,12%).

Quanto ao grau de escolarização da população, de 2001 para 2011, verificou-se um decréscimo acentuado da taxa de analfabetismo, passando de 21,8% para 12,47%.

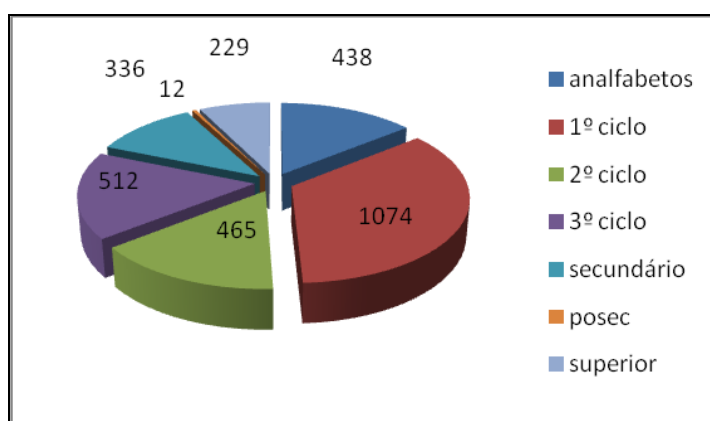


Fig. 12: Gráfico referente aos graus de escolaridade no concelho de Marvão em 2011.

Se do ponto de vista demográfico esta redução se revela muito positiva, no âmbito do estudo aqui desenvolvido, são dados que justificam uma maior premência da investigação, pois, quanto mais escolarizada é a população, menos preserva as características originais do seu falar regional.

### 2.1.3.1. Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de Santa Maria de Marvão



Fig. 13: Destaque da freguesia de Santa Maria de Marvão.

Com uma área de 23,4 km<sup>2</sup>, esta freguesia é composta pelas localidades de Marvão (sede do concelho), Vale de Ródão, Ponte Velha, Galegos, Pitaranha e Fronteira, totalizando atualmente 486 habitantes<sup>70</sup>; logo, apresenta uma densidade demográfica de 20,77 hab/ km<sup>2</sup>.

Nos últimos trinta anos (desde os censos de 1980), esta freguesia registou igualmente um elevado decréscimo da sua população (49,42%), motivado também pela, já citada, abertura das fronteiras e conseqüente extinção dos serviços alfandegários, bem como tudo o que lhe estava adstrito.

<sup>69</sup> Mapa cedido pela Câmara Municipal de Marvão.

<sup>70</sup> Cfr. [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos\\_ficheirosintese](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_ficheirosintese) (consultado a 23/03/2014).

Ano dos censos	1980	1990	2001	2011
População residente	961	802	645	486

Fig. 14: Tabela da evolução da população da freguesia de Santa Maria de Marvão de 1980 a 2011.

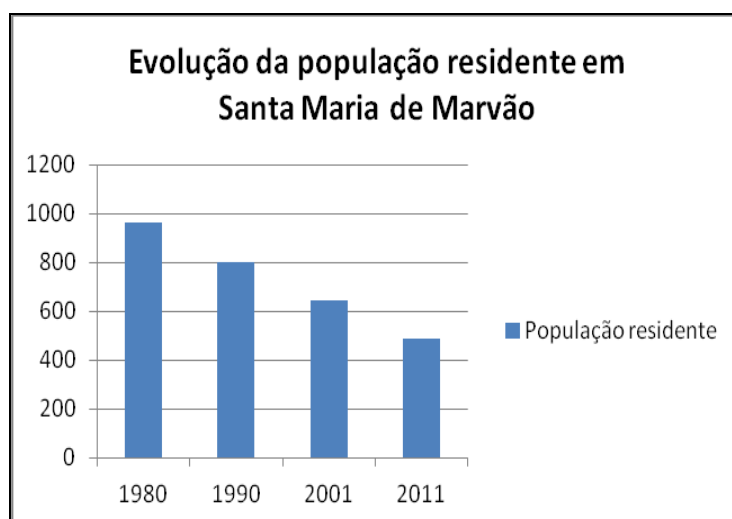
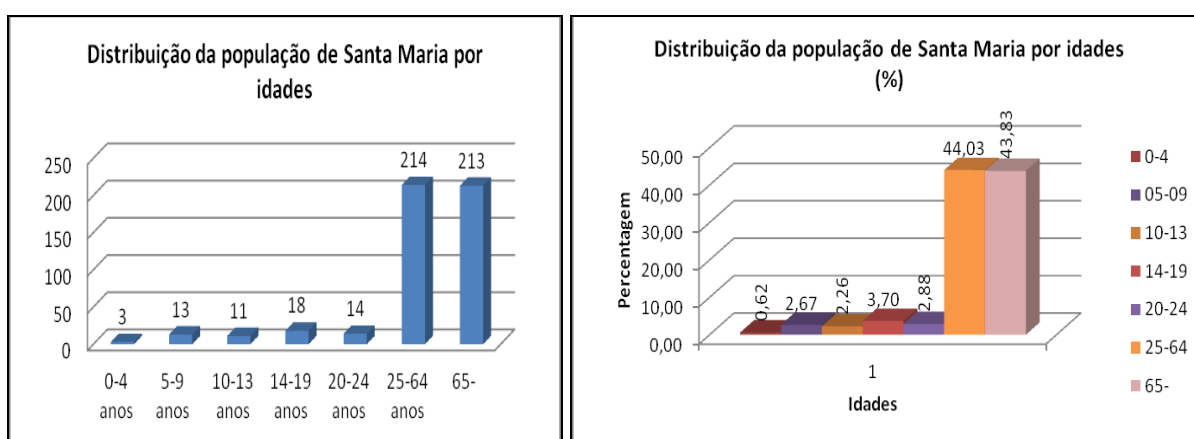


Fig. 15: Gráfico da evolução da população de Santa Maria de Marvão de 1980 a 2011.

Em comparação com as outras três freguesias do concelho, esta é a que apresenta a estrutura demográfica mais envelhecida. Cada vez aumenta mais a população nos últimos grupos etários e diminui nos primeiros.



Figs. 16/ 17: Mapas da distribuição da população de Santa Maria por idades.

No que diz respeito à economia, uma parte da população idosa ainda se vai dedicando à agricultura, contudo, esta já tem pouca expressão. O mesmo se passa com o setor secundário. Já o



setor terciário, associado ao potencial turístico da vila de Marvão, é aquele que integra mais população; ainda assim, o número de infraestruturas comerciais continua a ser muito reduzido.

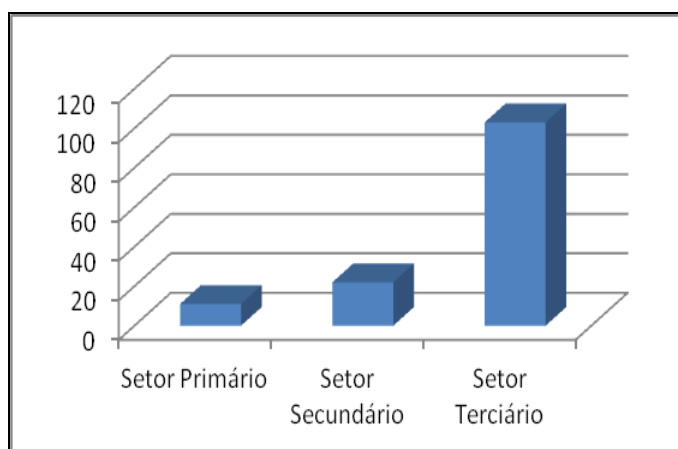


Fig. 18: Distribuição da população de Santa Maria por setor de atividade em 2011.

Quanto ao grau de escolaridade da população, a taxa de analfabetismo é a mais elevada do concelho, ou seja, 20,16%. O facto de ser a freguesia mais envelhecida também contribui para que o nível de ensino atingido seja baixo. De notar que Santa Maria atualmente não possui qualquer escola no seu território. As crianças e jovens das várias localidades distribuem-se pelas escolas de Santo António das Areias e Portagem, ambas pertencentes ao Agrupamento de Escolas do Concelho de Marvão.

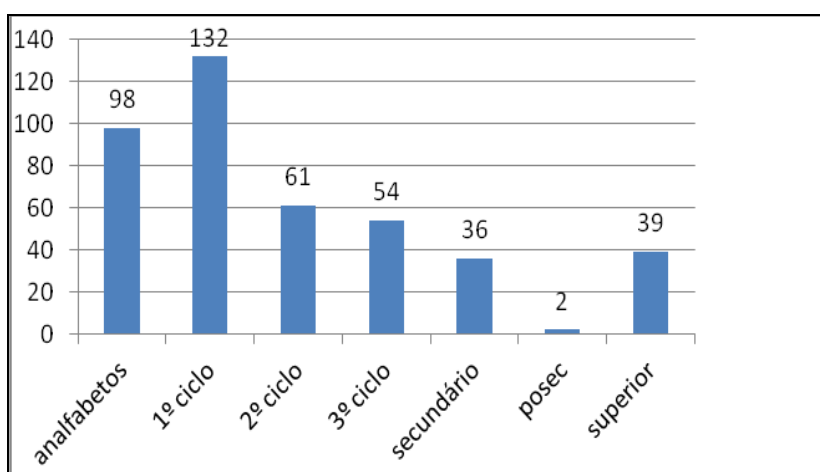


Fig. 19: Escolaridade dos habitantes de Santa Maria em 2011.

## Marvão



Fig. 20: Vista aérea da vila de Marvão<sup>71</sup>

Na freguesia de Santa Maria, a vila de Marvão constitui a sede do município. Esta fica localizada num morro a 860 m de altitude<sup>72</sup> e, desde a sua fundação, representou uma importante fortaleza defensiva de todo o território que constitui o concelho<sup>73</sup>.

---

<sup>71</sup> Foto do espólio da Câmara Municipal de Marvão.

<sup>72</sup> A altitude da vila de Marvão e as vistas deslumbrantes que daí se alcançam não passaram despercebidas a José Saramago, quando andou por estas paragens e hiperbolicamente escreveu que “de Marvão vê-se tudo”. Na sua obra *Viagem a Portugal*, dedicou dois parágrafos a esta vila, dos quais aqui citamos alguns excertos: “Marvão vê-se de Castelo de Vide, mas de Marvão vê-se tudo. O viajante exagera, mas essa é justamente a impressão que sente quando ainda lá não chegou, quando vai na planície e lhe surge, de repente, agora mais de perto, o morro altíssimo que parece erguer-se na vertical. A mais de oitocentos metros de altitude, Marvão lembra um daqueles mosteiros gregos do monte Athos aonde só se pode chegar metido em cestos puxados à corda, com o abismo aos pés. (...) É verdade. De Marvão vê-se a terra quase toda: para os lados de Espanha avista-se Valência de Alcântara, São Vicente e Albuquerque, além duma chusma de pequenas povoações; para sul, pelo desfiladeiro que separa a serra de S. Mamede e a outra, apenas seu contraforte, serra da Ladeira da Gata, podem identificar-se Cabeço de Vide, Sousel, Estremoz, Alter Pedroso, Crato, Benavila, Avis; a oeste e noroeste, Castelo de Vide (...), Nisa, Póvoa e Meadas, Gáfete e Arez; enfim, a norte, estando límpida a atmosfera, a última sombra de azul é a serra da Estrela: não espanta que distintamente se vejam Castelo Branco, Alpedrinha, Monsanto. Compreende-se que neste lugar, do alto da torre de menagem do Castelo de Marvão, o viajante murmure respeitosamente: «Que grande é o mundo.»” Cfr. SARAMAGO, 2000: 215.

Também Manuel Camacho, Ministro do Fomento do Governo Provisório da Primeira República, no âmbito de uma viagem que fez pelo sul de Portugal, se reportou a Marvão destacando a sua altitude e a sua inacessibilidade: “Ergo os olhos para a Serra de Marvão, uma formidável escarpa, e penso (...) que mais vale um avião que um automóvel para chegar lá acima.

Mal se adivinha, cá de baixo, a fortaleza, magnífica atalaia que domina os campos de Castela, por aí fora, ninho de aguias quasi inacessível á soldadesca mourisca e ás hostes castelhanas.” Cfr. CAMACHO, 1931: 162.

<sup>73</sup> Cfr. PIMENTEL, 1877: 129 - 132. O autor, enquanto administrador do concelho, visita Marvão em 1877 e deixa-nos o seu testemunho, destacando a beleza da vila e a sua importância enquanto praça militar: “Nada ha mais phantastico,

Ao longo dos tempos, várias foram as tentativas de explicar este topónimo<sup>74</sup>, mas optamos por apresentar aqui aquela que nos parece mais plausível. Segundo Adel Sidarus<sup>75</sup>, este topónimo tem origem mourisca. No século X, o historiador cordovês Ibn Áhmad ar-Rázi, ao relatar as proezas de Ibn Máruan, já referia este local como “...o Monte de Amaia, conhecido hoje por Amaia de Ibn Maruán...”, designação que evidencia o nome do seu fundador. Este *muladi* inicialmente veio aqui refugiar-se dos emires de Córdoba e, mais tarde, em 877, voltou a Marvão para fundar a fortaleza.

Como já foi referido anteriormente, a vila foi um constante palco de guerra, o que condicionou bastante a permanência de população e motivou a construção da quase totalidade dos edifícios dentro das muralhas. Durante o reinado de D. Fernando, mais concretamente em 1378, foi decretada coto de homiziados<sup>76</sup>, sendo assim um dos locais do país para onde eram enviados prisioneiros de guerra e militares, que deste modo garantiam o povoamento e podiam auxiliar a nação na defesa da fronteira durante o longo período de guerra com Castela.

Ao longo do século XX<sup>77</sup>, e já em período de paz, continuaram as dificuldades de povoar a vila medieval. Em 1953, enquanto o de Portalegre não ficava concluído, funcionou em Marvão o seminário<sup>78</sup>, o que veio trazer uma verdadeira lufada de ar fresco à vila, que já na altura tinha uma população muito reduzida. Com a saída deste, Marvão voltou a cair no marasmo em que se encontrava e só os turistas lhe têm vindo a dar vida, pois pouca é a população que aí tem a sua residência principal e aí faz vida diariamente.

Para além da câmara municipal, aqui estão sediados os serviços de cartório, finanças, correios, bem como um banco, o que, durante o dia, para aí motiva a deslocação da população de todo o concelho. Já durante a noite, muito poucos são os residentes, totalizando cerca de 225<sup>79</sup>.

Todas as habitações estão localizadas intramuralhas; fora delas, existem somente as oficinas da câmara municipal, o posto da G.N.R., o centro de saúde, bem como o antigo convento

---

mais pittoresco, mais agrestemente bello do que o aspecto da fortaleza de Marvão, edificada no topo de alcantis que se eriçam a enorme altura, recortando caprichosamente o fundo azul do céu: Não se trata de um castello, mas de um penhasco fortificado. Parece á primeira vista que jamais os homens lá poderiam ter entrado, que não houve ainda quem subisse por aquelles fragoedos até ir topetar com as nuvens. Lembra um ninho de águias ou de abutres. (...) A imaginação tem então de ceder o passo á realidade. Não estamos n'um ninho de águias nem n'um esconderijo encantado; mas no melhor baluarte que póde defender a fronteira de um reino. (...) Mas como se vive ali, santo Deus! Com a cabeça dentro das nuvens e os braços limitados pelas muralhas! Em deredor, lá muito em baixo, o descampado. De longe a longe, alguns casaes, sentinelas perdidas na solidão.”

<sup>74</sup> Cfr. SIMÃO, 2011: 55 - 58.

<sup>75</sup> Cfr. “Amaia de Ibn Maruán: Marvão”, in *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 1, pp. 13 – 26.

<sup>76</sup> Cfr. INÁCIO, 1993: 173 – 188.

MORENO, 186: 93 – 99, 105 - 106.

<sup>77</sup> Cfr. CASTANHO, J. Pires (1999-2000). “Viragem de século. O que mudou e não mudou em Marvão” in *Ibn Maruán* nº 9/10, pp. 39 - 45.

<sup>78</sup> Cfr. PORFÍRIO, João C. (1998). “O Seminário de Marvão (Recordações de Vida)” in *Ibn Maruán* nº 8, pp.87 - 100.

<sup>79</sup> Dados dos Censos de 2011, referentes aos lugares do concelho de Marvão. De notar que aqui estão incluídos os utentes da Santa Casa da Misericórdia de Marvão, pois, no círculo das muralhas, a população é ainda mais reduzida.

franciscano de Nossa Senhora da Estrela (concluído no século XV), no qual funciona atualmente a Santa Casa da Misericórdia de Marvão, uma das entidades que mais gente emprega no concelho e onde reside um número considerável de idosos. De notar que a autarquia é proprietária de um grande número de habitações na vila, que aluga a preços muito acessíveis, o que permite ir mantendo uma boa parte do número de residentes no interior do burgo.

Em 2000, a vila de Marvão<sup>80</sup> foi candidata a Património Mundial da UNESCO<sup>81</sup>. Entretanto a candidatura foi retirada e, passados uns anos, o município voltou a tentar atingir esse título, estando, neste momento, em preparação novo dossier, cujo objeto foi alargado à Paisagem Cultural<sup>82</sup>.

Com ou sem título de Património Mundial, a verdade é que esta vila impressiona os moradores e os visitantes pelas características inóspitas do morro em que se situa, pelas paisagens que daí se podem desfrutar<sup>83</sup>, bem como pelo excelente estado de conservação em que se encontra todo o burgo.

Sendo a vila de Marvão a atração turística por excelência de todo o concelho<sup>84</sup>, durante todo o ano é visitada por um número crescente de turistas, nacionais e estrangeiros, que assim ajudam a dinamizar um pouco a economia local e a dar vida às várias ruas de casas fechadas, que só em períodos de férias ou épocas festivas voltam a ser habitadas.

De todas as localidades do concelho, esta é, sem dúvida, uma das que mais sujeita está à influência dos turistas na sua idiossincrasia.

---

<sup>80</sup> Atualmente a vila está classificada como Imóvel de Interesse Público (Dec. n.º 37 077, DG 228 de 29 de setembro de 1948; Zona de Protecção, DG 246 de 21 de outubro de 1960 e DG 116 de 16 de maio de 1962).

<sup>81</sup> Cfr. *Ibn Maruán n.º 9/10* e BUCHO, 1999.

<sup>82</sup> Cfr. OLIVEIRA, 2014.

<sup>83</sup> José Andrés Cornide de Folgueira, um espião militar espanhol que passou por Marvão no final do século XVIII, deixou-nos o testemunho do seu deslumbramento relativamente a Marvão: “Quando cheguei ao ponto mais alto do castelo, tive a sensação de me encontrar elevado num balão: sob os meus pés, um extenso país, especialmente para oriente, norte e poente; reconheci, a olho nu, San Vicente, Valencia de Alcántara, El Carvajo [e] Herrera em Espanha, Montalbán [Montalvão] e Castelo de Vide em Portugal e, no tortuoso curso do Sever, a raia que separa os dois reinos até à sua confluência com o Tejo.” Cfr. *Ibn Maruán n.º 9* (número especial), p.26.

Num texto de apoio à candidatura de Marvão a Património Mundial, Francisco Ramos apresenta, de forma inequívoca, a harmonia existente entre a fortaleza e a paisagem que a circunda: “Em Marvão e no território envolvente, existe uma construção paisagística que elegeu a cidadela como ponto de observação privilegiado, onde a estética e a poética deram as mãos, numa paisagem para todas as estações, em que os campos tismados de ouro e sol, de verde e verde-azeitona, alimentam as identidades fraternas e os sentimentos de pertença e fomentam complicitades, por força de uma geomorfologia singular que marcou o vale e as encostas, a fauna, a flora e o Homem.” Cfr. RAMOS, 2014: 279.

<sup>84</sup> Esta realidade mudou drasticamente ao longo do século XX. No início desse século, várias vozes defendiam a saída da sede do concelho da vila de Marvão, pois as localidades à volta haviam progredido, os acessos eram maus e a vila encontrava-se completamente em ruínas. Só a partir dos anos 60 e 70 se verifica um interesse de forasteiros pelas suas casas devolutas, que, adquiridas por alguns a preços irrisórios e renovadas, passaram a constituir as suas casas de férias. Contrariamente a essa época, agora é extremamente oneroso comprar uma habitação no seio do burgo, o que impossibilita muitos marvanenses de aqui se fixarem como desejariam e contribui para a desertificação da vila, que só em épocas festivas vê as suas ruas ganharem vida.

### Vale de Ródão

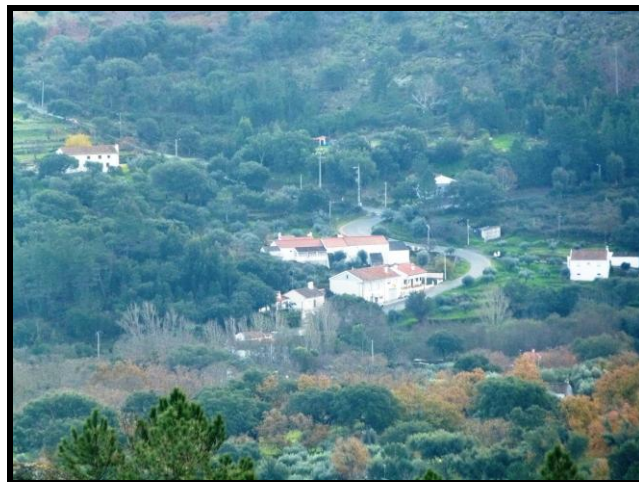


**Fig. 21:** Vista panorâmica da aldeia de Vale de Ródão

Localizada na parte noroeste da freguesia, esta povoação, tal como o nome indica, situa-se num vale bastante recôndito, onde, até há pouco tempo, era difícil ter acesso, estando os seus habitantes, assim, muito isolados. Tal isolamento revelou-se benéfico no âmbito desta investigação, pois permitiu manter determinadas características do falar até aos nossos dias.

Os poucos moradores atuais (cerca de 47) são essencialmente idosos e os que ainda conseguem dedicam-se à agricultura de subsistência. A população ativa é muito reduzida e trabalha fora da aldeia, não havendo jovens em idade escolar. Diversas habitações abandonadas vieram a ser compradas por estrangeiros (aqui residem permanentemente cerca de 10), que encontraram neste vale uma calma e uma paz singulares e assim têm contribuído para que a desertificação não seja ainda maior.

### Ponte Velha



**Fig. 22:** Vista de uma parte da Ponte Velha

Como o nome indica, esta localidade caracteriza-se pela existência de uma ponte sobre o rio Sever, que assim permite a ligação entre o nordeste e o sudeste do concelho. O casario é disperso, havendo apenas pequenos focos, quer de um lado, quer do outro das margens do rio. Segundo os últimos censos, aqui vivem cerca de 30 habitantes.

Outrora, à semelhança do que sucedia em muitas outras localidades do concelho, as águas do rio eram rentabilizadas através de azenhas e de outros engenhos<sup>85</sup>, que assim ajudavam a dinamizar a economia local. Atualmente tudo isso desapareceu, ficando apenas vestígios, e a pouca população residente em idade ativa, por norma, encontra trabalho fora deste aglomerado populacional.

### Fronteira



**Fig. 23:** Bairro da Fronteira de Marvão.

Esta aldeia é essencialmente formada por um bairro do Estado, cuja primeira fase foi inaugurada a 12 de novembro de 1972, pelo general Américo Tomás, e que se veio a alargar, sendo a segunda fase finalizada em 1976. Ao todo, chegaram a residir ali vinte e quatro famílias, vindas de várias partes do concelho e do país, pertencentes aos vários serviços existentes junto à fronteira, nomeadamente, a alfândega, a guarda fiscal, o turismo e a restauração, o Automóvel Clube de Portugal e a P.I.D.E..

Depois de 1993, esta povoação assistiu a uma desertificação quase completa, bem como à ruína da maioria dos seus edifícios. Os seus habitantes mudaram-se para outras localidades do concelho ou saíram de Marvão e atualmente vivem aqui cerca de 16<sup>86</sup> pessoas, que estoicamente

---

<sup>85</sup> Cfr. COELHO, 2001, p. 285.

<sup>86</sup> Dados dos Censos de 2011, referentes aos lugares do concelho de Marvão.

têm tentado sobreviver com a falta de infraestruturas e serviços que caracteriza o bairro. De todas as aldeias do concelho de Marvão, quanto à origem, esta é a mais jovem, mas é aquela que mais população perdeu.

Em 1997 (antes do afluxo em massa de turistas a Portugal para visitarem a Expo 98), o antigo edifício da alfândega foi transformado em posto de turismo, mantendo-se durante dez anos. Em 2007, deixou de funcionar como tal, ficando votado ao abandono até ao momento.

Depois de envidados diversos esforços, por parte de privados e da Câmara Municipal de Marvão, no sentido de adquirir estas habitações junto da Direção Geral do Tesouro e Finanças (D.G.T.F.) e assim reabilitar o espaço que se tem vindo a degradar; em 2014, finalmente, a autarquia conseguiu concretizar essa compra. Este foi um passo importante; esperamos que a Fronteira de Marvão, que representa a principal entrada de Espanha no concelho e neste momento se apresenta como um péssimo cartão de visita em termos turísticos, volte a ganhar vida e a tornar-se um espaço aprazível para os seus moradores e para todos aqueles que por aí passarem.

## Galegos



**Fig. 24:** Vista aérea da aldeia de Galegos<sup>87</sup>.

Segundo uma versão lendária dos nossos informantes, este topónimo dever-se-á ao facto de outrora aqui se terem estabelecido gentes do Norte, designadas pelos locais como “Galegos”, e que assim se terá começado a formar a aldeia.

---

<sup>87</sup> Foto do espólio da Câmara Municipal de Marvão.

Outrora palco de muitas transações comerciais, esta localidade também foi das que muito regrediu no concelho com a abertura das fronteiras e a conseqüente extinção do contrabando.

Aqui chegaram a existir em simultâneo seis comércio<sup>88</sup>, que entretanto foram fechando e atualmente conta com apenas dois, cuja clientela escasseia bastante e que apenas mantêm as portas abertas graças à resiliência dos seus proprietários, empenhados em dar continuidade a um negócio de família e assim ainda manter viva a tradição. Muitos partiram em busca de melhores condições de vida, outros têm vindo a falecer, sendo a população muito reduzida e bastante idosa. Tendo por base os censos de 2011, na aldeia vivem cerca de 9 pessoas, havendo, contudo, pequenos focos de população à sua volta, nomeadamente, Registo (33 habitantes), Laginha (14 residentes), Monte de Baixo (20 moradores) e alguma população encontra-se dispersa.

Durante o inverno, o lagar de azeite aí existente dá ainda alguma vida à aldeia, mas, passada essa época, regressa-se ao marasmo habitual, quebrado somente por algumas atividades agrícolas nas hortas circundantes, sendo estas realizadas essencialmente por idosos.

Esta localidade conta ainda com um pequeno café, constituindo este o único local de convívio aí existente.

### **Pitaranha**



**Fig. 25:** Vista geral da Pitaranha.

Situada num extremo do concelho de Marvão, junto à raia, toda a sua história foi, e continua a ser, marcada pela sua localização geográfica.

---

<sup>88</sup> Estes eram geridos pelos senhores: Nunes, Ventura, Pires, Maria Teresa, Maria “Rala” e Balbina.



Durante as Guerras da Restauração e na Guerra da Sucessão, assumiu um papel de destaque “como posto avançado das nossas tropas”<sup>89</sup>.

Até 1993, constituiu um local privilegiado para a prática do contrabando, atividade exercida sempre a par da agricultura e por quase todas as pessoas da aldeia, inclusive mulheres. Aliás, de todas as localidades do concelho de Marvão, esta era aquela em que a maioria das mulheres também se dedicava à prática dessa atividade ilícita. Se o cultivo da terra garantia o “sustento” da casa, era a arriscada prática do contrabando que permitia aos Pitaranhenses viver um pouco melhor. De notar que esta atividade era aprendida desde tenra idade e por todos os habitantes da aldeia, sem discriminação de género. Nas palavras da nossa informante Joaquina Galega: “assim que começavam a arrastar os pés, iam para o contrabando”. Já António Velez, a propósito da participação massiva das mulheres no contrabando, informou-nos que “as mulheres da Petaranha sempre forem as más danadas!”. Estas atuavam sobretudo de dia, ficando a noite mais reservada para os elementos do sexo masculino.

A prática do comércio ilícito era, assim, algo tão enraizado na cultura deste povo que jamais se imaginava o seu terminus<sup>90</sup>. No entanto, o imprevisível aconteceu e trouxe consigo inúmeras mudanças na vida desta população. Além de se revelar prejudicial a nível económico, o desaparecimento do contrabando também se refletiu na demografia, pois verificou-se uma acentuada redução da sua população desde então. Atualmente, aquela que no século XVII foi considerada “la gran ciudad de la Pitaranha”<sup>91</sup> é o local de residência de somente 16 pessoas, cuja média de idades se situa acima dos 70 anos e onde habita somente um jovem. Só no período de férias alguns filhos da terra regressam e esta conhece mais algum movimento. De notar que os naturais da Pitaranha migraram sobretudo para a zona de Lisboa, saindo somente alguns para o estrangeiro, mais concretamente para França e Suíça.

A partida massiva de população e a sua localização na periferia do concelho terão contribuído para a situação de abandono a que esta localidade esteve sujeita durante muitos anos. Só no final do século XX esta aldeia passou a contar com uma estrada asfaltada e já só em pleno século XXI é que foi dotada de água canalizada e saneamento básico. Este isolamento terá sido favorável à preservação do carácter genuíno da sua linguagem, já que aqui foi possível recolher particularidades que em nenhuma outra localidade do concelho de Marvão nos surgiram.

---

<sup>89</sup> Cfr. COELHO, 1982: 15.

<sup>90</sup> Segundo a *Ti Jaquina Galega*, quando alguém colocava a hipótese de um dia o contrabando terminar, logo os mais velhos discordavam completamente. A este propósito, esta informante citou uma célebre frase de seu pai ilustrativa dessa postura: “acabem os homens e as mulheres e o contrabando nã acaba!”.

<sup>91</sup> Segundo Possidónio Laranjo Coelho, no século XVII (1642), o Duque de Medina Sidónia, ao entrar naquele lugar pacífico junto à fronteira com o seu país, vangloriou-se hiperbolicamente de que havia tomado “la gran ciudad de Pitaranha”. Cfr. COELHO, 2001: 116.

### 2.1.3.2. Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de São Salvador da Aramenha<sup>92</sup>



Fig. 26: Destaque da freguesia de S. Salvador da Aramenha.

Com uma área de 50,8 km<sup>2</sup>, esta freguesia é composta por uma população de 1426 habitantes, sendo a sua densidade demográfica de 28,07 hab/km<sup>2</sup>. Tem como principais aglomerados populacionais as localidades de Porto da Espada, Rasa, Alvarrões, Escusa, Portagem e São Salvador da Aramenha, onde se localiza a sede, a qual dista cerca de 6 kms da vila de Marvão.

Confrontando os dados demográficos dos últimos trinta anos, conclui-se que também houve um decréscimo da população, mas não tão acentuado como noutras freguesias do concelho. Aliás, na última década, esta freguesia foi de todas a que menos população residente perdeu<sup>94</sup>.

<sup>92</sup> Para um conhecimento mais alargado sobre esta freguesia, consultar *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº13 (número especial), *São Salvador da Aramenha – História e Memórias da Freguesia*.

<sup>93</sup> Mapa cedido pela Câmara Municipal de Marvão.

<sup>94</sup> Recuando um pouco mais na evolução demográfica desta freguesia, em 1668, S. S. da Aramenha tinha cerca de 320 habitantes, número que foi aumentando até 1950, quando atingiu o pico máximo, ou seja, 2909. Desde então, tem-se verificado um decréscimo da população, sendo mais abrupto entre 1950 e 1980 e mais ligeiro nas décadas seguintes. Cfr. *Ibn Maruán* nº 13, pp. 93, 94.

Ano dos censos	1980	1990	2001	2011
População residente	1790	1626	1527	1426

Fig. 27: Tabela da evolução da população de S. Salvador da Aramenha entre 1980 e 2011.

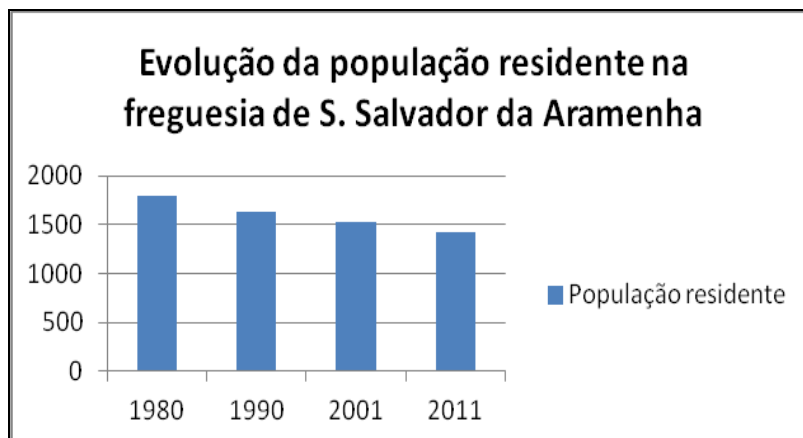
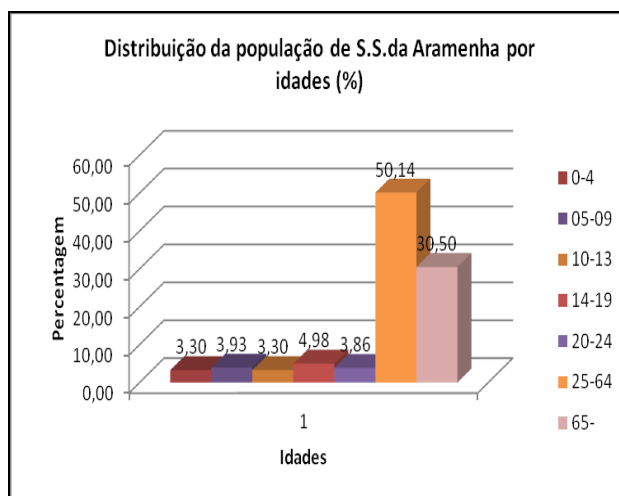
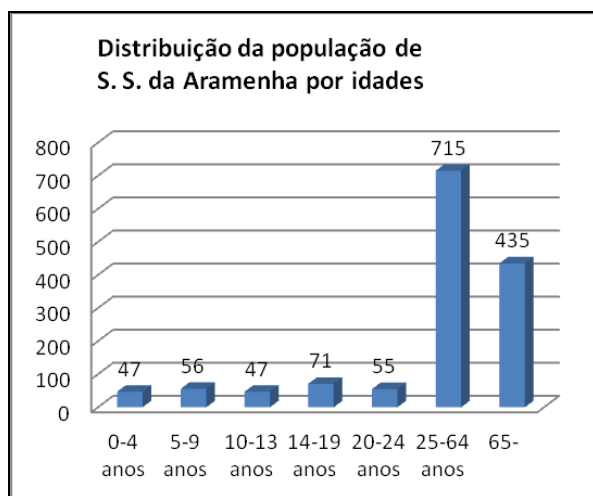


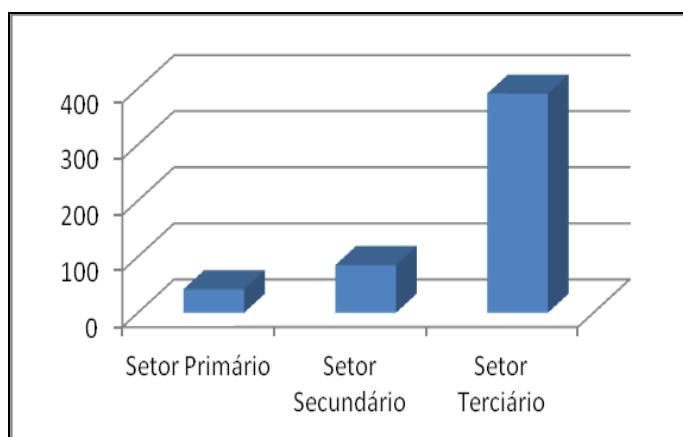
Fig. 28: Gráfico da evolução da população de S. S. da Aramenha entre 1980 e 2011.

Quanto à estrutura demográfica da população, nos últimos dez anos, continua a verificar-se um número reduzido de jovens, que contrasta com a percentagem elevada de idosos (30,5%). Ainda assim, cerca de metade da população (50,14%) enquadra-se na fasquia dos 25 aos 64 anos, ou seja, a correspondente à população em idade ativa, o que contrasta com outras freguesias do concelho.



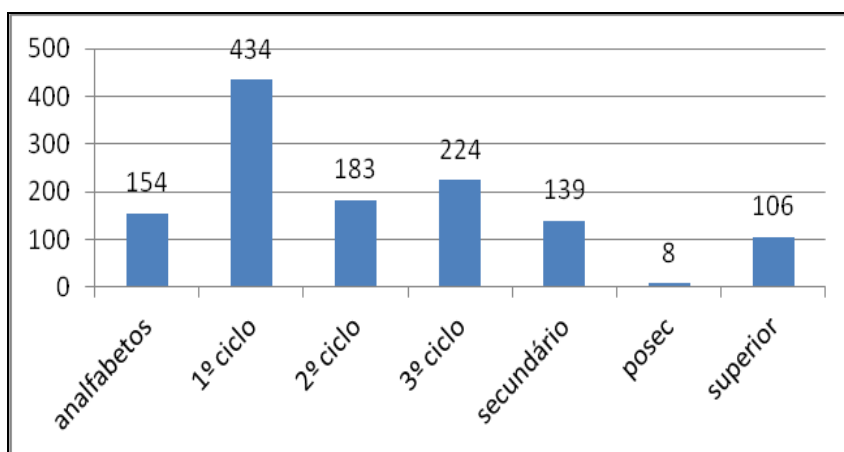
Figs. 29/ 30: Gráficos da distribuição da população de S.S. da Aramenha por idades.

No que diz respeito à distribuição da população por setor de atividade, continua a haver uma tendência para a terciarização em detrimento dos setores primário e secundário, o que se justifica essencialmente pelo desenvolvimento turístico da Portagem e a conseqüente proliferação de estabelecimentos comerciais associados à hotelaria, bem como a existência de dois centros de dia/lares de idosos, que dão emprego a diversas pessoas da freguesia e arredores.



**Fig. 31:** Distribuição dos empregados de S.S. da Aramenha por setor de atividade em 2011.

Relativamente à escolarização, nos últimos dez anos, verificou-se um acentuado decréscimo da taxa de analfabetismo, passando de 20,9% para 10,8%, sendo a segunda mais baixa do concelho.



**Fig. 32:** Distribuição da população de S. S. da Aramenha, em 2011, por graus de escolaridade.

## São Salvador da Aramenha



**Fig. 33** Vista da aldeia de S. Salvador da Aramenha

Esta aldeia constitui a sede da freguesia e as origens do topónimo remontam à primeira metade do século XV<sup>95</sup>, contudo “Aramenha” é uma palavra de origem árabe<sup>96</sup>. É atravessada pela estrada nacional nº 359, ao longo da qual se distribui o casario, estando a maior parte dele habitado. Atualmente conta com uma população de 96<sup>97</sup> residentes, a qual se complementa com a do local de Olhos de Água, cerca de 30.

Ainda que caracterizada pelas suas terras férteis, há muito que a população deixou de se dedicar massivamente à agricultura e passou a laborar noutros ramos de atividade, trabalhando uma parte dela fora. Os serviços da junta de freguesia, o posto médico, duas unidades do ramo da cafetaria/restauração e o centro de dia/lar de terceira idade aí existentes proporcionam alguma vivacidade à pequena aldeia.

No que diz respeito à evolução do seu povoamento, a abundância de água e os seus solos férteis justificariam, desde cedo, a fixação de povos nesta região, todavia, os registos mais antigos de povoamento no concelho de Marvão encontram-se na parte norte. Sendo assim, a ocupação deste território de forma expressiva só se verificou com a chegada dos Romanos, no final do século I a.C.<sup>98</sup>. Com a construção da cidade de Ammaia, este povo e a sua cultura viriam a marcar de forma

---

<sup>95</sup> Cfr. “Das origens de S. Salvador do Mundo da Aramenha” in *Ibn Maruán* nº 13, pp. 81 – 84.

<sup>96</sup> “Aramenha”, em árabe, significa “presa de água, açude”.

<sup>97</sup> Dados dos Censos de 2011, referentes aos lugares do concelho de Marvão.

<sup>98</sup> Cfr. “Da Pré-história à romanização na freguesia de S.S. da Aramenha” in *Ibn Maruán* nº 13, pp. 25 – 34.

decisiva a história, não só da localidade de São Salvador da Aramenha, mas de toda a zona sul do atual concelho de Marvão<sup>99</sup>.

Na sequência da queda do império romano do ocidente, esta cidade foi caindo paulatinamente em declínio, tendo sido abandonada em meados do século X, inícios do XI<sup>100</sup>. Seguiu-se então um longo período de saque, pois, durante muitos séculos, esta região foi entendida como “pedreira”, a que os habitantes locais e regionais recorriam para a construção de muitas casas nos arredores. Ainda assim, continua a existir um vasto espólio subterrado, estando à vista apenas uma pequena parte<sup>101</sup>. As ruínas descobertas na Quinta do Deão e o museu aí existente constituem mais um ponto de atração turística do concelho.



**Fig. 34:** Pormenor da cidade de Ammaia

---

<sup>99</sup> Cfr. “A freguesia da Aramenha sob o domínio romano” in *Ibn Maruán* nº 13, pp. 35 – 61.

<sup>100</sup> Cfr. “Do domínio islâmico à «Reconquista Cristã» na freguesia de S. S. da Aramenha” in *Ibn Maruán* nº 13, pp. 73 – 79.

<sup>101</sup> Para um conhecimento mais aprofundado sobre a grandiosidade desta cidade, consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=TOE7MeRe9K8&feature=youtu.be> (consultado a 01/01/2014) e [http://fundacaoammaia.files.wordpress.com/2014/01/ammaia\\_uma\\_cidade\\_romana\\_na\\_lusite3a2nia.pdf](http://fundacaoammaia.files.wordpress.com/2014/01/ammaia_uma_cidade_romana_na_lusite3a2nia.pdf) (consultado a 01/01/2014).

## Portagem



**Fig. 35:** Vista aérea da aldeia de Portagem.

Situada numa zona central da freguesia e com diversas vias de acesso, representa um dos locais de maior atração turística do concelho, contando com uma população de cerca de 325 habitantes<sup>102</sup>.

Se a vila de Marvão capta a atenção dos forasteiros sobretudo pelo seu património histórico e as suas vistas panorâmicas, a Portagem atrai-os essencialmente pelo complexo de piscinas e pelos diversos cafés e restaurantes aí existentes. Entre 1997 e 2006, aqui funcionou também um campo de golf. Especialmente aos fins de semana, muitos são os marvanenses e os turistas (essencialmente os vizinhos espanhóis) que se deslocam à Portagem para relaxar e fruir da boa gastronomia regional. Sendo assim, esta localidade constitui, por excelência, um local de convívio entre gentes de diversos locais, estando o falar de Marvão aqui sujeito a múltiplas influências.

Já outrora esta aldeia fora local de passagem de muitas gentes, pois aqui se pagava a portagem para entrar em Portugal, o que deu origem ao atual topónimo.

Atravessada pelo rio Sever, as suas margens sempre constituíram um local de deleite para locais e turistas e representou um importante fator dinamizador da sua economia. A partir de inícios do século XV, muitos engenhos foram surgindo nas margens do rio a fim de transformarem o grão em farinha, quer dos agricultores locais, quer dos concelhos vizinhos<sup>103</sup>. Para além disso, a partir do século XVIII, aqui se sediaram indústrias relacionadas com o tratamento da lã e sua preparação para os teares, nomeadamente o “Pisão” e o “Engenho da Lã” (que entretanto deram origem a

---

<sup>102</sup> Dados dos Censos de 2011, referentes aos lugares do concelho de Marvão.

<sup>103</sup> Dados referentes a toda a freguesia de São Salvador da Aramenha indicam que na sua área ainda estão inscritos nos registos prediais vinte e três prédios urbanos com atividade moageira. Cfr. *Ibn Maruán* nº 13, pp. 88, 89.

topónimos), as quais, conjuntamente com outra existente na área da freguesia, forneciam matéria-prima para a Fábrica Real de Portalegre.

Ao longo do século XX, assistiu-se ao declínio das diversas atividades que rentabilizavam a força motriz das águas do Sever e das ribeiras que nele desaguam, restando apenas um pequeno museu no Moinho da Cova, junto ao centro de lazer da Portagem, a dar conta de tão importante atividade económica de outrora.

De notar ainda que é nesta aldeia que se localiza uma das duas escolas que compõem o Agrupamento de Escolas de Marvão, a Escola Básica Integrada de Ammaia, na qual se reúnem os alunos das freguesias de São Salvador da Aramenha e Santa Maria de Marvão, desde a pré-primária até completarem o nono ano de escolaridade, altura em que obrigatoriamente têm de sair do concelho para prosseguir estudos.

### Porto da Espada



**Fig. 36:** Vista geral da aldeia de Porto da Espada.

Segundo Maria Transmontano<sup>104</sup>, o nome “Porto” poderá estar associado ao facto de outrora ali ter existido um ponto de transporte de mercadorias por via terrestre. Já “Espada” pode ter uma origem lendária, ou seja, ali se terá travado uma batalha entre Mouros e Cristãos e os últimos, quando chegaram à zona do Porto, terão dito “Aqui se puxa da espada”. Outra explicação poderá

---

<sup>104</sup> Cfr. TRANSMONTANO, 1979: 16.



assentar na expressão “Desde o Porto da arrancada, até ao desembainhar da espada”. Sendo assim, o “Porto” seria o local de partida para a luta e “Espada” o sítio de combate.

Localizada no seguimento do vale da Aramenha e constituindo a continuação da antiga cidade de Ammaia, esta aldeia é caracterizada igualmente por terras férteis, o que levou as suas gentes, durante muito tempo, a conseguirem tirar da terra o seu sustento. Destaca-se aqui a cultura da oliveira, da vinha e do castanheiro e, apesar do decréscimo que se tem verificado no setor agrícola, ainda aqui existe uma cooperativa de agricultores, sendo esta a única do concelho de Marvão.

A par da exploração agrícola, outrora a população também se dedicou à extração de cal e sua cozedura, atividade que se extinguiu no início da segunda metade do século XX, na sequência da evolução de novas argamassas usadas na construção e da substituição da cal por tintas.

A proximidade com Espanha também motivou a prática do contrabando por parte de alguns elementos da terra, contudo, quando comparada com a de outras aldeias de raia, esta atividade não teve uma expressão muito significativa.

Uma forte onda de migração ao longo do século XX (essencialmente para os arredores de Lisboa) levou a que a aldeia não se regenerasse e atualmente se caracterize por uma população bastante envelhecida e reduzida (cerca de 242<sup>105</sup> habitantes), havendo muitas casas na aldeia que estão desabitadas.

Atualmente a sua população ativa integra-se sobretudo no setor terciário, trabalha essencialmente fora da aldeia, sendo poucos os que aí conseguem ter o seu posto de trabalho. No Porto da Espada, existem duas pequenas unidades ligadas à cafetaria/restauração, uma padaria e um centro de dia/lar para idosos, que ajudam a dar algum movimento e vida à povoação.

Localizada numa ponta do concelho, onde nem sempre os acessos foram os melhores, e autossuficiente do ponto de vista agrícola, durante muitos anos, os seus habitantes pouca tendência revelaram para a mobilidade, o que permitiu preservar aqui muitas tradições e traços do falar que já não se encontram noutras aldeias do concelho.

---

<sup>105</sup> Dados dos Censos de 2011, referentes aos lugares do concelho de Marvão.

## Rasa



**Fig. 37:** Vista geral da aldeia de Rasa<sup>106</sup>

Situada num vale entre as aldeias de Alvarrões, S. Salvador da Aramenha e Porto da Espada, nesta pequena localidade reside atualmente um reduzido número de habitantes (cerca de 46<sup>107</sup>), estando estes distribuídos entre a aldeia e os campos circundantes. O aglomerado de casas não é muito numeroso; ainda assim, uma série delas está desabitada. A pouca população ativa aí existente dedica-se à agricultura.

Desde o século XV, a ribeira das Reveladas, que atravessa esta localidade e vai desaguar no rio Sever, foi rentabilizada através das diversas azenhas que foram surgindo nas suas margens. A atividade da moagem de cereais garantiu o sustento a um número considerável de pessoas, pois, para além da matéria-prima local, aqui acudiam também produtores de Castelo de Vide e de Portalegre. Para além disso, no século XVIII, com vista a garantir o tratamento de lã a usar na Fábrica Real de Portalegre, foi aqui construída a unidade industrial do Pisão Novo, a qual só no início do século XX deixou de funcionar. No decurso deste século, os artesanais moinhos e azenhas foram paulatinamente parando, entrando assim em declínio uma atividade que tão importante era para a aldeia da Rasa e do concelho de Marvão em geral.

De notar que a população desta localidade diminuiu ainda mais desde a construção da barragem da Apertadura, concluída em 1993. Antes da construção desse lago artificial, que teve como objetivo garantir o abastecimento de água aos concelhos de Marvão, Portalegre e Castelo de Vide, aqui passava a ribeira das Reveladas, nas margens da qual havia diversas habitações e azenhas, que os proprietários rentabilizavam na moagem de cereais<sup>108</sup>. A referida barragem obrigou

---

<sup>106</sup> Foto cedida por Emília Mena.

<sup>107</sup> Dados dos Censos de 2011, referentes aos lugares do concelho de Marvão.

<sup>108</sup> Cfr. OLIVEIRA, 1989.

ao realojamento da população aí existente, ficando alguma no concelho de Marvão e havendo outra que partiu. O facto de ter sido construída uma estrada que atravessa o paredão da barragem gerou uma alternativa à estreita via que atravessa a aldeia de Rasa, contribuindo também isso para que, cada vez mais, essa localidade fosse caindo no isolamento em que atualmente se encontra.

### Alvarrões<sup>109</sup>



**Fig. 38:** Vista de uma parte da aldeia dos Alvarrões – zona da Ribeirinha.

Esta aldeia está localizada a sudoeste do município de Marvão, faz fronteira com localidades do concelho de Portalegre e caracteriza-se pela grande dispersão do seu casario, sendo a zona da Ribeirinha aquela em que ainda há um maior aglomerado de fogos. A existência aí de dois cafés/mercearias constitui também um polo de atração, pois estes representam locais de convívio entre as suas gentes. Apesar da referida dispersão dos fogos, poucos são os que estão desabitados; logo, é das localidades da freguesia que menos habitantes tem perdido e apresenta um elevado número de população em idade ativa, havendo também alguma juventude. Tal situação contrasta com a da maioria das aldeias do concelho de Marvão, nas quais predomina uma população envelhecida. Segundo os censos de 2011<sup>110</sup>, residem no lugar de Alvarrões 19 pessoas, na Ribeirinha 135 e nos Carris 25, ficando omissos os números referentes à maioria da população, que

---

<sup>109</sup> Para um conhecimento mais aprofundado sobre esta aldeia, consultar textos da autoria de Teresa Simão (TS), presentes no capítulo II “Memórias Etnográficas da Freguesia de S. Salvador da Aramenha” in *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 13 (número especial), *São Salvador da Aramenha – História e Memórias da Freguesia*.

<sup>110</sup> Cfr. Dados referentes aos lugares, publicados nos Censos de 2011.

se dispersa pela aldeia, essencialmente junto à estrada nacional e à estrada das Carreiras. Seguramente, a maior parte dos habitantes que integram o “residual” da freguesia de S. S. da Aramenha (271 habitantes), indicado nos censos, pertencerá a esta aldeia.

Apesar de muitos residentes (essencialmente reformados e outros nos tempos livres) continuarem a dedicar-se à atividade agrícola na aldeia, muitos trabalham fora do concelho, sendo a cidade de Portalegre o local para o qual mais se deslocam diariamente por motivos profissionais. De notar que esta circunstância também gera um convívio com muitas pessoas externas ao concelho de Marvão; logo, propicia o contacto e conseqüente influência de outros falares.

### Escusa



**Fig. 39:** Vista geral da aldeia da Escusa<sup>111</sup>

Segundo Jorge de Oliveira, esta aldeia terá emergido na sequência da desagregação da vizinha cidade romana de Ammaia<sup>112</sup>. Laranjo Coelho<sup>113</sup> atribui a origem do topónimo ao facto de estar oculta, pois está circundada por soutos e só o branco do seu casario chama a atenção de quem lhe passa ao largo.

Maria Transmontano<sup>114</sup> explica o topónimo referindo que S. Tiago, juntamente com os Cristãos, passara por essa parte do concelho em perseguição aos Mouros e, ao avistar a atual Escusa, dissera “Ali se escusa de ir”.

---

<sup>111</sup> Foto da autoria de Emília Mena.

<sup>112</sup> Cfr. *Ibn Maruán* n° 13, pp. 100-101.

<sup>113</sup> Cfr. COELHO, 2001, p. 235 - 236.

<sup>114</sup> Cfr. TRANSMONTANO, 1979: 16.

Atualmente esta aldeia é composta por uma população bastante reduzida em relação a outrora, cerca de 100 pessoas<sup>115</sup>, estando grande parte dos fogos da aldeia desabitados. Ao redor do aglomerado populacional, os habitantes distribuem-se ainda pelos lugares de Caniçal e Prado, onde residem, respetivamente, 38 e 60 pessoas, ou seja, praticamente o mesmo número de residentes que dentro da aldeia. De notar que, embora o número de jovens seja reduzido, a maioria da população encontra-se em idade ativa.

No centro da povoação, onde há umas décadas laborou um lagar de azeite, só uma antiga taberna e um centro de dia onde se reúnem alguns idosos da terra quebram o marasmo a que esta aldeia ficou votada.

Zona de terras férteis, poucos são aqueles que unicamente da terra continuam a garantir o seu sustento. Outrora destacou-se também a extração e negócio da cal<sup>116</sup>, chegando aqui a funcionar onze fornos, que empregavam a maioria dos homens da aldeia e produziam cal para muitas localidades dos arredores<sup>117</sup>. De notar que, nesse período, os caleiros que iam por outras terras distribuir cal eram conhecidos pela sua forma de falar, o que motivou a seguinte quadra popular: “Sou da Escusa, sou caleiro/ A minha voz vai pr’ó ar,/ Toda a gente me conhece/ Pelo jeito de falar!”<sup>118</sup>.

Contudo, a evolução dos materiais de construção, a dificuldade acrescida e fraca rentabilidade do negócio, bem como a migração dos jovens levaram à queda dessa atividade em finais dos anos sessenta, inícios dos setenta. Atualmente a maioria da população ativa trabalha fora e só a mais idosa ainda continua a manter características muito peculiares no contexto do falar de Marvão, herdando os mais jovens muito poucas.

Localizada a oeste da vila de Marvão, faz fronteira com Castelo de Vide e, desde sempre, as suas gentes conviveram estreitamente com as do concelho vizinho<sup>119</sup>, o que poderá justificar algumas semelhanças existentes entre os dois falares.

---

<sup>115</sup> Cfr. Dados referentes aos lugares, publicados nos Censos de 2011.

<sup>116</sup> Cfr. COELHO, 2001, p. 285 - 286.

Cfr. MENA, Emília (1992). “As caleiras da Escusa” in *Ibn Maruán* n° 2, pp. 131 – 135.

<sup>117</sup> As antigas caleiras da Escusa foram classificadas como monumento nacional, como consta no Decreto n° 29/2012, publicado no Diário da República, 1ª série, n° 225, de 21 de novembro, e na Portaria n° 284/2014, publicada no Diário da República, 2ª série, n° 82, de 29 de abril.

<sup>118</sup> Cfr. *Ibn Maruán* n° 13, pp.192 -195, 371 - 373.

<sup>119</sup> Cfr. OLIVEIRA, 2011: 79. Um dos motivos desse estreito convívio era o apascentar do gado. Em 1453, era permitido aos criadores de Castelo de Vide apascentar os seus animais na Escusa. Ainda que Marvão tentasse alterar essa autorização, o rei não permitiu coutar essa região.

2.1.3.3. Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de Santo António das Areias



Fig. 40: Destaque da freguesia de S. António das Areias.

Desta freguesia fazem parte as localidades de Santo António das Areias (sede de freguesia), Abegoa, Ramila, Relva, Ranginha e Cabeçudos, onde residem atualmente 1102 habitantes, distribuídos por uma área de 36 Km<sup>2</sup>, sendo a densidade populacional de 30,61 habitantes por km<sup>2</sup>.

Ano dos censos	1980	1990	2001	2011
População residente	1691	1301	1261	1102

Fig. 41: Tabela da evolução da população de S. António das Areias entre 1980 e 2011.

<sup>120</sup> Mapa cedido pela Câmara Municipal de Marvão.

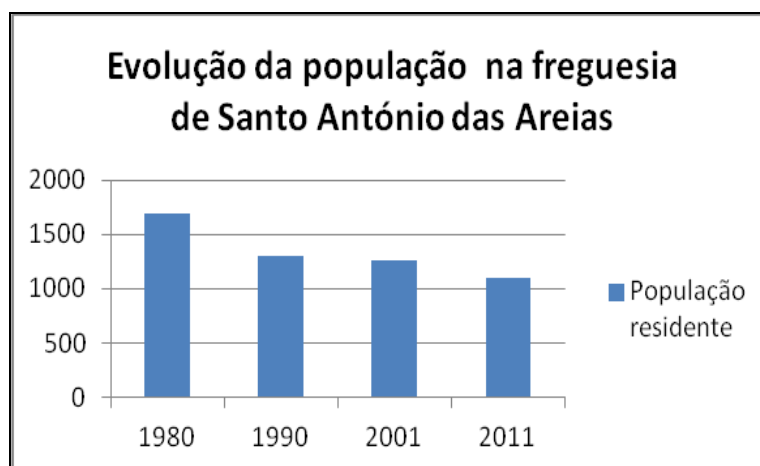
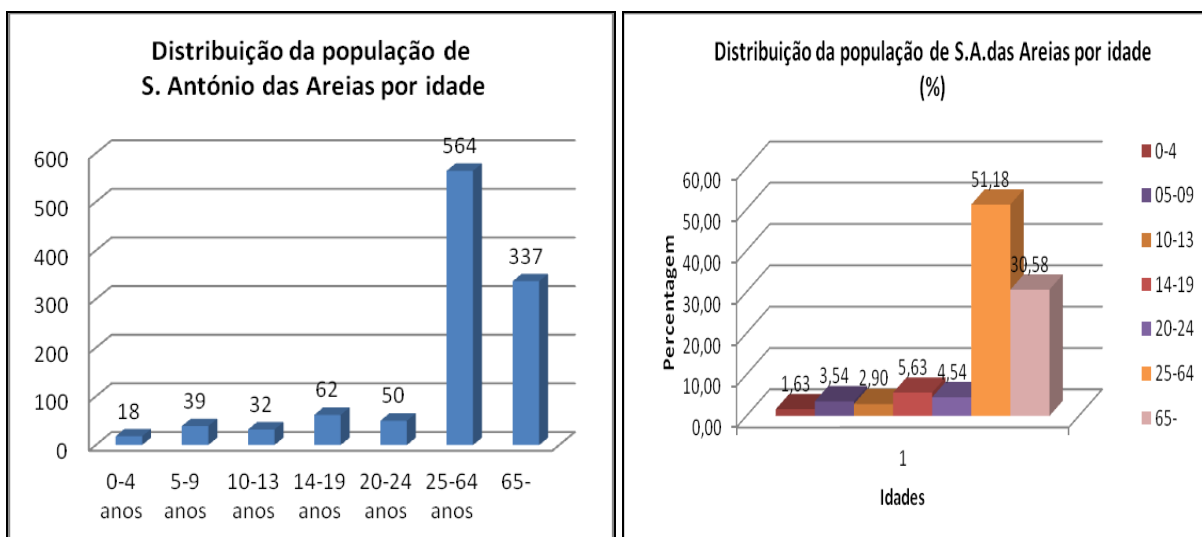


Fig. 42: Gráfico da evolução da população de S. António das Areias entre 1980 e 2011.

Confrontando os dados dos últimos trinta anos, constata-se que, embora continue a haver uma diminuição da população, esta tem-se verificado de forma mais gradual, contrastando assim com a quebra acentuada que se verificou na década de oitenta (na ordem dos 23,1%).

Quanto à estrutura demográfica, como podemos concluir pela leitura dos gráficos a seguir apresentados, há um predomínio de população em idade ativa, sendo esta a maior percentagem de todas as freguesias. No entanto, verifica-se também um elevado nível de idosos, que contrasta com o reduzido número de jovens. Esta disparidade evidencia a não regeneração da população no futuro, se nada for feito para contrariar esta tendência.



Figs. 43/ 44: Gráficos da distribuição da população de S.A. das Areias por idades

No que diz respeito à distribuição da população pelos diversos setores de atividade, verifica-se um predomínio do setor terciário, o que vem ao encontro da vertente turística que caracteriza todo o concelho e dos diversos serviços existentes na sede desta freguesia. Para além disso, uma boa

parte da população trabalha na freguesia de Santa Maria ou em Portalegre, para onde se desloca diariamente.

Já o setor secundário, que outrora foi muito relevante nesta zona, tem agora pouca expressão, sendo essencialmente sazonal.

O setor primário é aquele a que menos população se dedica, sendo a escassa agricultura ainda praticada essencialmente por gente idosa, já reformada, que assim vai ocupando os seus dias e reforçando o sustento dos seus lares e dos dos seus familiares.

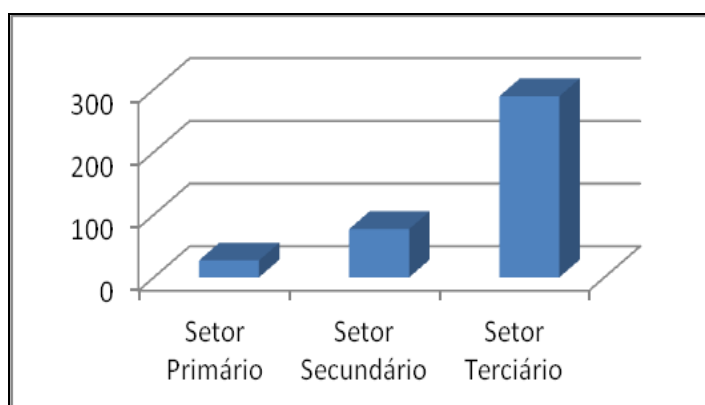


Fig. 45: Distribuição dos empregados de S.A. das Areias por setor de atividade.

Quanto à taxa de analfabetismo, esta é de 10,34%, sendo assim a menor do concelho. Tal pode justificar-se pelo facto de, ao longo do século XX, se terem envidado diversos esforços para alfabetizar a população, ainda que a maioria não tenha prosseguido estudos, pois concluiu somente o primeiro ciclo.

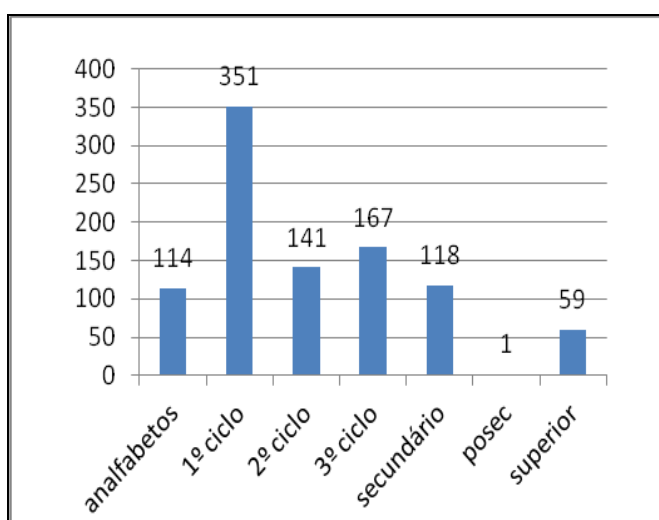


Fig. 46: Distribuição da população de S.A. Areias por escolaridade em 2011.



## Santo António das Areias



**Fig. 47:** Vista panorâmica de Santo António das Areias.

Santo António das Areias constitui a sede da freguesia, distando de Marvão cerca de 7 kms. De todas as localidades do concelho, esta é a mais populosa (cerca de 742 residentes<sup>121</sup>) e a que se caracteriza por um maior dinamismo, conseguido, em boa parte, por diversos serviços aqui existentes e pela concentração da sua população.

Aqui está sediado o único infantário do concelho, bem como a outra escola do Agrupamento de Escolas de Marvão: a Escola Básica Integrada Dr. Manuel Magro Machado, que reúne as crianças das freguesias de Santo António das Areias e Beirã, desde o ensino pré-primário até ao nono ano. Na aldeia existe ainda algum comércio, diversos cafés e bares, um restaurante, pequenas unidades de hotelaria, um posto da G.N.R., um centro de dia/lar de idosos, um complexo de piscinas cobertas, um posto de abastecimento, o quartel dos Bombeiros Voluntários de Marvão, um ninho de empresas, duas pequenas unidades fabris, uma instituição de apoio à deficiência, entre outros serviços que garantem emprego, quer aos da terra, quer a outros profissionais do concelho ou até de fora.

---

<sup>121</sup> Dados relativos aos lugares do concelho de Marvão segundo os censos de 2011.

No decurso do século XX e até à data da entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, Santo António das Areias possuía diversas unidades fabris, pertença da família Nunes Sequeira, que garantiam emprego a muitos marvanenses e habitantes de concelhos vizinhos, propiciando o contacto da sua população com gente de outros locais e com outras realidades linguísticas.

Durante a década de oitenta, essa indústria foi entrando em declínio, o que gerou muito desemprego, tendo muitos autóctones que procurar trabalho noutros locais e assim migrar para outras paragens, verificando-se uma redução grande ao nível da população.

A abertura das fronteiras, em 1993, pôs também fim à atividade do contrabando, que ocupava diversos habitantes desta aldeia e que assim tiveram de encontrar outras alternativas na zona ou migrar.

De notar que, como esta localidade sempre foi, e ainda continua a ser, bastante autossuficiente, os seus habitantes não tinham grande necessidade de sair da zona, contactando pouco com a população da zona sul de Marvão, pertencente às freguesias de Santa Maria e São Salvador da Aramenha. Só o prosseguimento de estudos, após o sexto ano (em tempos mais remotos) ou o nono (desde a construção da E.B.I.), levava os jovens a rumarem, respetivamente, a Castelo de Vide ou a Portalegre para esse efeito.

Hoje em dia, o facto de existir um agrupamento de escolas tem proporcionado um encontro mais frequente entre os alunos dos dois lados do concelho e tem ajudado a esbater um certo “bairrismo desmesurado” que caracterizava os alunos da zona norte e que, por diversas vezes, gerou conflitos entre os adolescentes. Este convívio mais frequente seguramente também virá a ter consequências na linguagem dos jovens, que, neste momento, apresenta traços distintivos de uma zona para a outra e poderá vir a perdê-los, havendo uma tendência para a uniformização.

A propósito desta aldeia, é de salientar ainda a festa de S. Marcos, realizada todos os anos por altura do 25 de abril, por ser uma romaria que aqui atrai gente de todo o concelho e arredores, inclusive os vizinhos espanhóis. Se atualmente ainda é bastante visitada, quando era permitida a entrada do bezerro na igreja, era muito mais, especialmente por parte dos espanhóis<sup>122</sup>.

---

<sup>122</sup> Cfr. ARIMATEIA, Rui (1992). “A festa de São Marcos e a religiosidade popular” in *Ibn Maruán* nº 2, pp. 15 – 49. ABAFA, Carlos (1997). “São Marcos na Religiosidade de um Povo”, in *Ibn Maruán* nº 7, pp. 325-328.

## Abegoa



**Fig. 48:** Vista geral da Abegoa.

Localizada a sudoeste desta freguesia, o casario disperso da localidade de Abegoa estende-se pela encosta oeste da serra de Marvão, estando os seus habitantes mais próximos da vila de Marvão que da sua sede de freguesia (Santo António das Areias). Muitos partiram em busca de melhores condições de vida; os poucos que ficaram ou trabalham no concelho ou em Portalegre, dedicando-se uma reduzida parte da população à agricultura de subsistência, pois esta zona mais não permite, já que se caracteriza por um relevo muito acentuado e parcelas de terreno muito pequenas. Atualmente residem neste lugar cerca de 20 pessoas<sup>123</sup>. Como agora aí não existe qualquer comércio ou local de convívio, normalmente é à localidade de Santo António das Areias que os residentes se dirigem, convivendo assim com os seus habitantes.

## Ramila



**Fig. 49:** Vista geral da Ramila

---

<sup>123</sup> Cfr. Dados referentes aos lugares do concelho de Marvão apurados nos censos de 2011.

Situada entre as localidades de Ponte Velha e Santo António das Areias, é necessário fazer-se um desvio da estrada principal para lá se chegar, o que propicia o seu isolamento.

A Ramila é constituída por um pequeno aglomerado de casas e, segundo os censos de 2011, vivem lá cerca de 40 pessoas, número com o qual discordamos por conhecermos as poucas casas aí existentes e como são habitadas. Na verdade, pernoitam aí cerca de 20 pessoas, havendo apenas uma criança e aqueles que se encontram em idade ativa trabalham fora, contactando assim com os habitantes das outras localidades marvanenses. Outrora também foi terra de contrabandistas, tendo alguns dos seus habitantes encontrado nesse negócio ilícito uma forma de reforçar o seu sustento.

### Relva da Asseiceira



Fig. 50: Vista geral do casario da Relva da Asseiceira<sup>124</sup>

Localidade muito próxima de Santo António das Areias, é caracterizada pela dispersão dos seus fogos, totalizando assim cerca de 62 habitantes<sup>125</sup>. Não havendo aí atualmente também qualquer comércio ou local de convívio, a sua população procura essas valências em Santo António das Areias, onde convive estreitamente com os seus residentes.

Outrora aí existiram comércios e passaram algumas rotas de contrabando. Hoje em dia, apenas alguns agricultores vão dando vida a estas paragens, mas poucos são os que concentram na agricultura a sua única forma de subsistência. Os residentes em idade ativa trabalham sobretudo fora.

Neste aglomerado populacional existe, de há uns anos a esta parte, um pequeno parque de campismo que para aqui atrai essencialmente estrangeiros.

---

<sup>124</sup> Foto cedida por Emília Mena.

<sup>125</sup> Cfr. Dados relativos aos lugares do concelho de Marvão, segundo os censos de 2011.

## Ranginha



**Fig. 51:** Vista geral da Ranginha

Esta localidade consiste num pequeno aglomerado de casas a norte de Santo António das Areias e muito próximo desta aldeia, dividido pela estrada que dá acesso à freguesia da Beirã. Na verdade, acaba por funcionar como um dormitório, pois a maioria dos seus habitantes trabalha e movimenta-se diariamente na sede da freguesia ou noutras localidades do concelho. Segundo os censos de 2011, aqui residem cerca de 50 pessoas, estando a maioria em idade ativa.

## Cabeçudos



**Fig. 52:** Vista aérea da aldeia de Cabeçudos



**Fig. 53:** Antiga choça

Esta aldeia dista cerca de 3 kms da sede de freguesia, sendo o seu único acesso uma estrada estreita que, ainda não há muito anos, passou a ser asfaltada. Tal localização e condições de acessibilidade motivaram o grande isolamento a que esta localidade esteve votada durante muito tempo e a manutenção de determinadas especificidades aqui encontradas.

Uma das particularidades desta aldeia era a abundância de choças. Apesar de estas construções circulares de pedra, com telhado cónico de giesta, existirem também noutros lugares do concelho, nos Cabeçudos, eram o tipo de habitação que predominava e ainda hoje é possível encontrar aí alguns exemplares, embora já um pouco degradados. No final da década de 40 do século XX, ainda há notícia de algumas famílias as habitarem e sabe-se que, no início desse século, a maioria das habitações era deste estilo, sendo as construções retangulares uma exceção<sup>126</sup>. Segundo António Dias, foram os lucros do contrabando obtidos entre a primeira e a segunda guerra mundiais que permitiram a renovação arquitetónica desta aldeia.

Ainda que distante da fronteira, foi terra de contrabandistas, que aí se refugiavam e daí partiam carregados, por caminhos tortuosos, até Espanha. O comércio que outrora aí existiu e que que dava movimento à aldeia há muito que cerrou portas. Muita da sua população ou morreu ou partiu em busca de melhores condições de vida, estando, neste momento, reduzida a 50 residentes, cuja maioria se encontra em idade ativa.

Apesar da desertificação, residem na aldeia ainda alguns jovens, mas, não havendo qualquer café ou outro ponto de encontro, estes deslocam-se com frequência para a sede de freguesia. O mesmo procedimento há muito adotam os seus progenitores, que aí não têm qualquer hipótese de encontrar trabalho, exceto algum que se dedique à agricultura. Todavia, os terrenos que circundam o casario são extremamente agrestes, adequando-se somente à criação de algum gado caprino .

---

<sup>126</sup> Cfr. DIAS, 1948: 164 - 172.

### 2.1.3.4. Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de Beirã

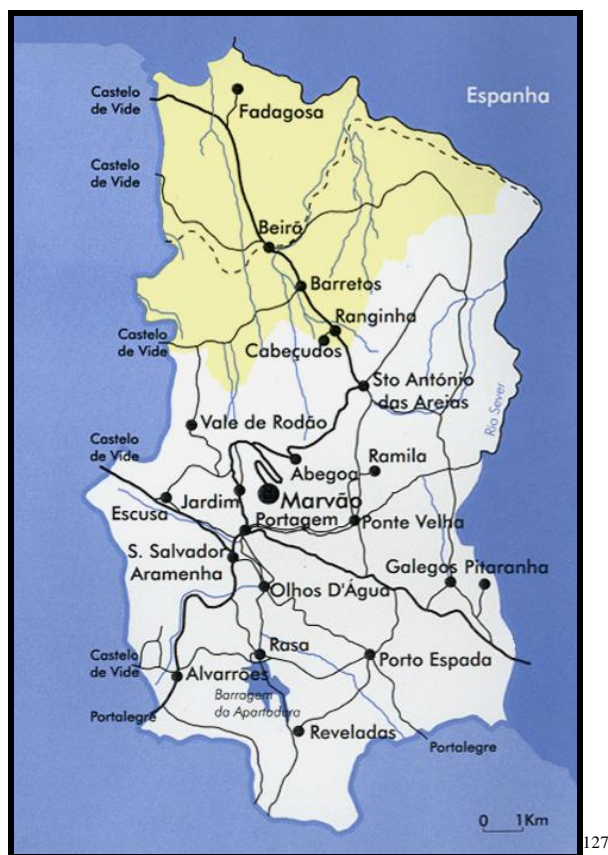


Fig. 54: Destaque da freguesia da Beirã.

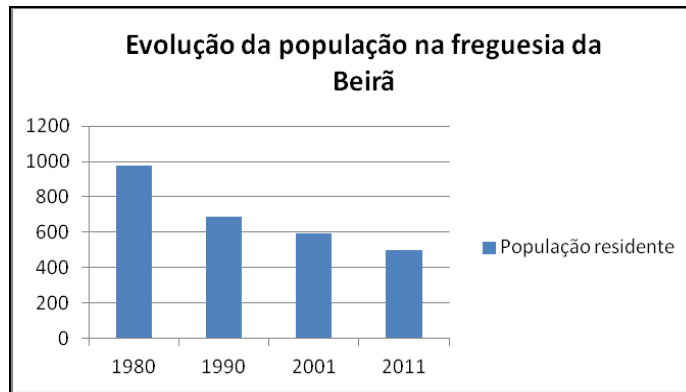
Esta freguesia é a mais jovem do concelho de Marvão, pois só surgiu em 1944. Até essa altura, os lugares que a compõem integravam a freguesia de Santo António das Areias, sendo os mais povoados Beirã e Barretos.

Atualmente conta com uma área de 44,8 km<sup>2</sup>, ao longo dos quais se distribuem os seus 498 habitantes, o que origina uma baixa densidade demográfica, de 11,12 habitantes/km<sup>2</sup>. Desde a década de 80 que esta freguesia tem vindo a perder um número considerável de população e a envelhecer bastante, como ilustram a tabela e os gráficos seguintes:

Ano dos censos	1980	1990	2001	2011
População residente	976	690	596	498

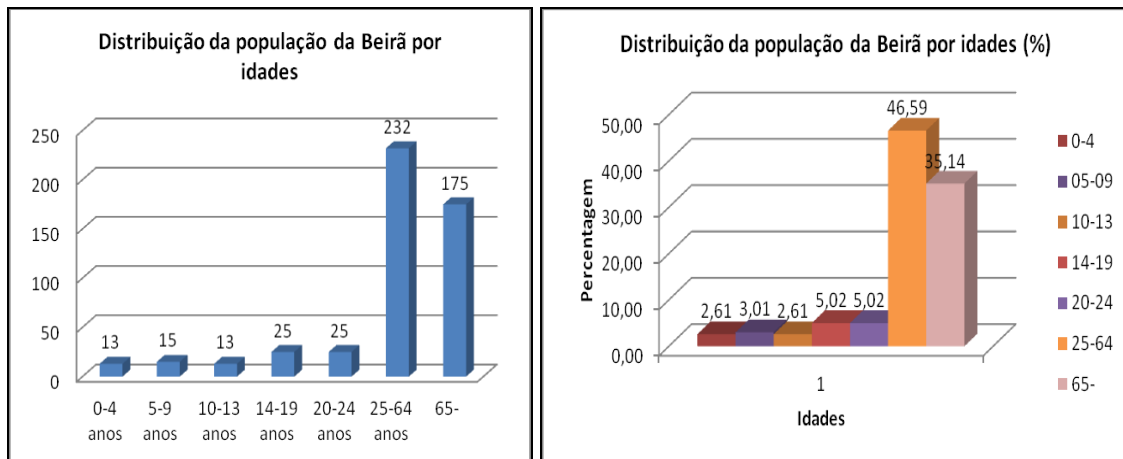
Fig. 55: Grelha da evolução da população da Beirã nos últimos 30 anos.

<sup>127</sup> Mapa cedido pela Câmara Municipal de Marvão.



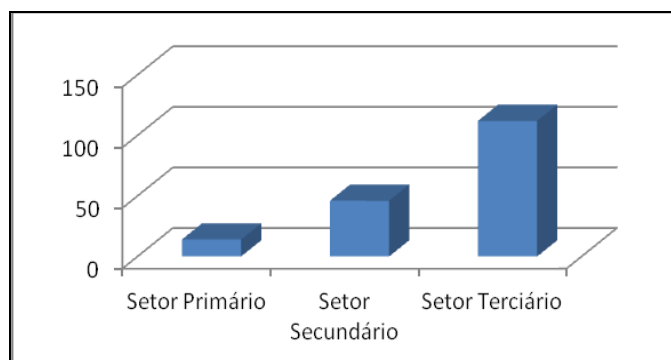
**Fig. 56:** Gráfico da evolução da população da Beirã nos últimos 30 anos.

No que diz respeito à estrutura da população, a Beirã é a segunda freguesia mais envelhecida do concelho. O número de jovens é também bastante reduzido, tal como acontece no restante município.



**Figs. 57/ 58:** Gráficos da distribuição da população da Beirã por idades.

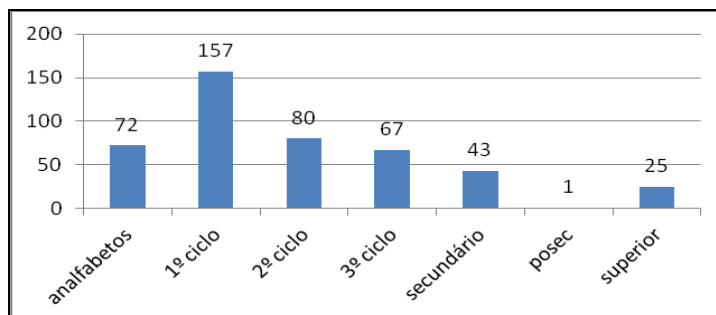
A população ativa, com uma percentagem abaixo dos 50%, distribui-se essencialmente pelo setor terciário, sendo de salientar o facto de o setor primário ter pouquíssima expressão, quando outrora foi um dos principais setores empregadores.



**Fig. 59:** Gráfico da distribuição dos empregados por setor de atividade em 2011.



Relativamente ao nível de ensino da população residente, verifica-se ainda uma significativa taxa de analfabetismo, 14,46%, a segunda maior do concelho, motivada pelo elevado número de idosos que aqui vive. O ensino primário é o grau que apresenta uma percentagem mais elevada entre os falantes alfabetizados.



**Fig. 60:** Gráfico da escolaridade dos habitantes da Beirã em 2011.

## Beirã



**Fig. 61:** Vista geral da Beirã<sup>128</sup>.

Esta localidade constitui a sede da freguesia e dista de Marvão cerca de 11 kms. Desde a sedentarização do Homem que esta zona foi habitada e aí foi praticada a agricultura, destacando-se o período romano. Região de solos planos e aráveis, sempre proporcionou a exploração agrícola em regime de latifúndio, o que contrasta com os demais territórios que integram o norte do concelho.

---

<sup>128</sup> Foto do espólio da Junta de Freguesia de Beirã.

No final do século XIX, quando se pensou construir o ramal ferroviário de Cáceres (impulsionado pela exploração das minas de fosfato de Cáceres, cuja mercadoria assim poderia chegar ao nosso porto de mar), esta região era quase um descampado, havendo apenas uma referência de 1837 a um aglomerado de casas nesse local, que serviam de abrigo aos trabalhadores agrícolas<sup>129</sup>.

A linha do caminho de ferro, começada a construir em 1878<sup>130</sup> e aberta à circulação em 1880, veio modificar para sempre este lugar, pois logo surgiram novas casas de habitação e diversos serviços, nomeadamente, a estação, a alfândega<sup>131</sup>, os escritórios dos despachantes, o posto da guarda-fiscal, da PIDE, entre outros. Assim, rapidamente o pequeno casario deu lugar a uma aldeia bastante desenvolvida que, em 1944, se autonomizou da freguesia de Santo António das Areias, juntamente com as outras localidades que a integram.

A abertura das fronteiras deixou de justificar a maioria dos serviços existentes na aldeia da Beirã, obrigando muita gente a partir e aqueles que teimaram em ficar a ajustar-se a novos empregos ou simplesmente a nunca mais voltarem à vida ativa.

Assim, atualmente esta localidade conta com um número reduzido de habitantes, cerca de 241<sup>132</sup>, encontrando-se a maior parte em idade ativa.

Desativada a linha ferroviária em 2012, deixou de funcionar também a estação, pelo que só alguns cafés, umas mercearias, um restaurante, algumas unidades de turismo e um centro de dia para idosos/ unidade de convalescença continuam ainda a dar alguma vida a uma povoação que outrora tão agitada e dinâmica foi.

A forma como foi evoluindo o povoamento desta terra motivou o convívio de gentes de muitas localidades. Poucos eram os naturais do concelho de Marvão; logo, ao nível do falar dos

---

<sup>129</sup> Cfr. MAGALHÃES, 1912: 15.

Também o dramaturgo e engenheiro D. João da Câmara, na sua obra *Os Velhos*, retrata de modo ímpar a realidade deste local aquando da construção do caminho de ferro. A dimensão biográfica que caracteriza esta peça de teatro permite-nos conhecer de forma mais realista as vivências daquela época. Tal como a personagem do jovem engenheiro Júlio, que veio trabalhar na obra do ramal de Cáceres e acaba por se apaixonar por uma autóctone (Emilinha), também D. João da Câmara, recém-licenciado, veio trabalhar nessa obra e teve uma noção exata de como se vivia nessa época por terras da Beirã. Cfr. CÂMARA, 1893.

<sup>130</sup> Cfr. MARTINS, 1983: 9. Segundo este autor, os trabalhos tiveram início em 1878, foram dirigidos por D. João da Câmara e, em 1879, a linha foi aberta à circulação de comboios de mercadorias. Contudo, a sua inauguração oficial só aconteceu a 06 de junho de 1880. A primeira ligação ferroviária entre Lisboa e Madrid, via Valência de Alcântara – Cáceres, teve lugar dia 08 de outubro de 1881, mas a inauguração oficial só se fez a 04 de novembro de 1887, com o comboio Sud-Express. Pelo ramal de Cáceres passavam os comboios TER, Regional e Lusitânia.

<sup>131</sup> De notar que os serviços alfandegários nem sempre aqui funcionaram. Segundo Possidónio Laranjo Coelho, em 1883, devido à construção na Beirã da estação terminal da linha ferroviária do leste, foi transferida de Portalegre para a Beirã uma delegação da alfândega, mas, devido à falta de condições e de salubridade aí existentes, não se conservou aí muito tempo, sendo transferida para Castelo de Vide, onde permaneceu durante muitos anos. Nesse período, os funcionários aduaneiros deslocavam-se à Beirã a fazer a inspeção dos comboios. Cfr. COELHO, 1924: 304.

<sup>132</sup> Cfr. Dados relativos aos lugares do concelho de Marvão obtidos nos censos de 2011.

seus habitantes, há uma enorme variedade. Curiosamente, só as gerações mais novas - que aqui nasceram, já só conheceram o declínio da aldeia e têm convivido essencialmente com os autóctones - mantêm traços linguísticos também presentes noutras localidades do concelho de Marvão.

### **Pereiro e Fadagosa**

Ainda que, neste momento, ninguém habite nestes dois lugares e estes se encontrem bastante abandonados, não faz sentido caracterizar a freguesia da Beirã sem dedicar uma atenção especial à Herdade do Pereiro e à Fadagosa e sua estação termal de outrora.



**Fig. 62:** Vista geral da Herdade do Pereiro

No que diz respeito à Herdade do Pereiro, aí estava sediada, ao longo do século XX, a importante casa agrícola da família Nunes Sequeira, que empregava um elevado número de trabalhadores, quer em permanência, quer nas campanhas sazonais. Assim, aí se reuniam trabalhadores de várias partes do concelho, bem como de municípios vizinhos, sendo um número de tal forma significativo que justificava a existência de um escola primária no monte. De notar que alguns dos nossos informantes, quer da parte norte, quer também da parte sul do concelho, trabalharam nessa herdade ou nas fábricas que eram pertença dessa família.

Após o 25 de abril de 1974, com a independência das colónias africanas, de onde vinha muita da matéria-prima transformada na Herdade do Pereiro, essas indústrias foram decaindo. A entrada de Portugal na C.E.E. veio dificultar ainda mais os negócios locais, assistindo-se ao fecho de muitas fábricas, ao abandono dos campos e ao conseqüente despedimento de muitos funcionários. A desertificação foi aumentando de tal modo que, hoje em dia, não resta um único residente. Muitos

migraram, outros faleceram, outros encontram-se distribuídos pelas localidades vizinhas, designadamente, Beirã, Barretos, Santo António das Areias, entre outras.



Fig. 63: Monte do Pereiro<sup>133</sup>

Relativamente ao lugar de Fadagosa e à estação termal que aí funcionou, não há também senão memórias, pois não vive ninguém no local, estando completamente votado ao abandono.

Localizada a quatro quilómetros da estação do caminho de ferro da Beirã, esta estância termal foi construída a partir da antiga fonte Maria Viegas. Para além do balneário, aí funcionou um hotel (com capacidade para 150 banhistas), um casino, um buvette e diversas construções de apoio, que deram vida, durante muitos anos, à região mais a norte do concelho de Marvão e que aí proporcionaram o encontro de gentes de muitas zonas do nosso país e da vizinha Espanha<sup>134</sup>.

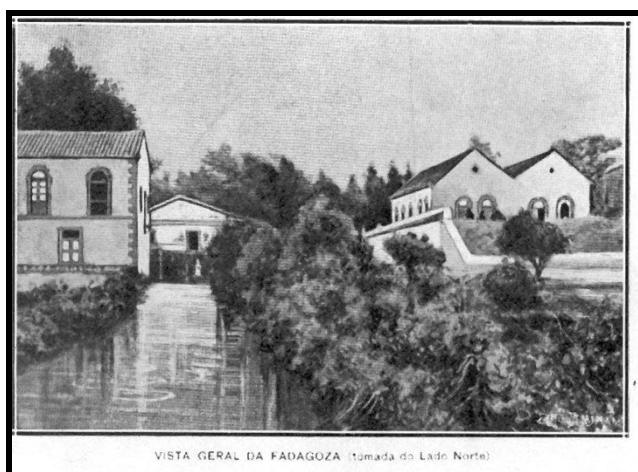


Fig. 64: Termas da Fadagosa em 1920<sup>135</sup>



Fig. 65: Ruínas das Termas<sup>136</sup>

<sup>133</sup> Imagem retirada de: <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/terra-com-historia-a-venda-no-alentejo.html>

<sup>134</sup> Cfr. FREIRE, 1912 e MAGALHÃES, 1872.

<sup>135</sup>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1438900059236&set=a.1409268958477.2057288.1435053433&type=3&theater> (14/12/2014)

<sup>136</sup> Foto retirada de:

Segundo A. Freire, data de 1780 a ordem para construir uma arca de fonte para recolher aquelas águas. Em 1885, o Dr. António de Mattos Magalhães adquiriu em hasta pública o domínio dessas águas (que até então pertenciam à Câmara Municipal de Marvão) e, em sociedade com Augusto da Fonseca Coutinho, renovou as instalações, abrindo, em 1887, as portas aos aqúistas que padeciam essencialmente de reumatismo e doenças de pele.

Durante os três meses da época balnear, a Beirã ganhava ainda mais vida e a sua população também participava nos muitos eventos que tinham lugar nas termas; logo, era influenciada pelos muitos aqúistas que por aí passavam.

As termas da Fadagosa estiveram em alta até ao início do século XX, mas esse esplendor durou pouco tempo. Foram-se degradando e assim perdendo aqúistas. Em 1942, a concessão foi transmitida a João Nunes Sequeira, mas a exploração continuou precária, a procura foi diminuindo e o complexo foi definhando até fechar. Em finais da década de 50 já não funcionavam e, em 1971, as termas foram declaradas abandonadas<sup>137</sup>.

### Barretos



Fig. 66: Vista geral dos Barretos

Ainda que pertencente à freguesia da Beirã desde 1944, esta aldeia está bem mais próxima de Santo António das Areias e partilha muitas das suas peculiaridades.

---

[http://www.panoramio.com/photo\\_explorer#view=photo&position=21&with\\_photo\\_id=33995384&order=date\\_desc&user=444949](http://www.panoramio.com/photo_explorer#view=photo&position=21&with_photo_id=33995384&order=date_desc&user=444949) (12/12/2014)

<sup>137</sup> Cfr. [http://www.aguas.ics.ul.pt/portalegre\\_fpereiro.html](http://www.aguas.ics.ul.pt/portalegre_fpereiro.html) (consultado a 04/05/2014).

Atravessada pela estrada que estabelece a ligação entre Santo António das Areias e a Beirã e segue para o concelho de Castelo de Vide, esta aldeia é constituída por um grupo concentrado de fogos, no qual, apesar de haver diversas casas vazias, ainda residem cerca de 137 pessoas<sup>138</sup>.

A maioria dos seus habitantes trabalha fora da localidade, laborando alguns em Santo António das Areias. De notar que é à sede da freguesia vizinha que a população essencialmente recorre para satisfazer as mais diversas necessidades, indo à Beirã quase somente para tratar de assuntos relacionados com a junta de freguesia ou o posto médico.

Um grande número de habitantes dos Barretos também trabalhava para a família Sequeira, quer na herdade, quer nas fábricas. Assim, com o seu declínio, muitos se depararam igualmente com o desemprego, obrigando-os a reajustar-se noutros locais próximos ou a migrar para fora do concelho.

---

<sup>138</sup> Cfr. Dados referentes aos lugares de Marvão obtidos nos censos de 2011.

## 2.2. Breve caracterização do território raiano de Valencia de Alcántara

### 2.2.1. Localização geográfica



Fig. 67: Mapa das comunidades e províncias espanholas<sup>139</sup>

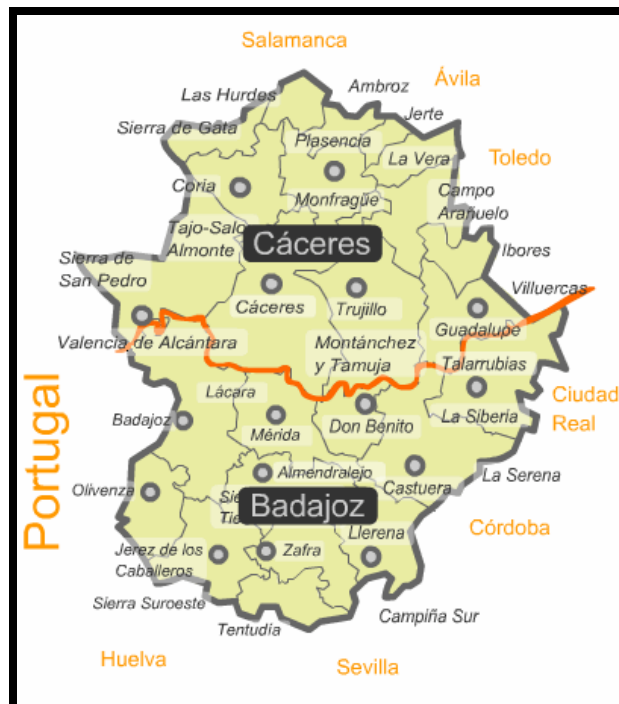


Fig. 68: Mapa da Extremadura<sup>140</sup>

<sup>139</sup> www.ign.es.  
<sup>140</sup>

[https://www.google.pt/search?q=mapa+extremadura+espa%C3%B1ola&es\\_sm=93&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=SW94U6SJFceV0AXg64DoCA&ved=0CFMQ7Ak&biw=1024&bih=659#q=mapa+provincia+caceres&tbm=](https://www.google.pt/search?q=mapa+extremadura+espa%C3%B1ola&es_sm=93&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=SW94U6SJFceV0AXg64DoCA&ved=0CFMQ7Ak&biw=1024&bih=659#q=mapa+provincia+caceres&tbm=)

O município de Valencia de Alcántara fica localizado no extremo mais ocidental da Extremadura espanhola e integra a província de Cáceres, ficando o principal núcleo urbano a 14 kms da fronteira com Portugal e a 87 kms de Cáceres. Este município faz fronteira com Portugal a oeste, com Herrera de Alcántara e Santiago de Alcántara a norte, com Membrío e Salorino a este e com San Vicente de Alcántara a sul.

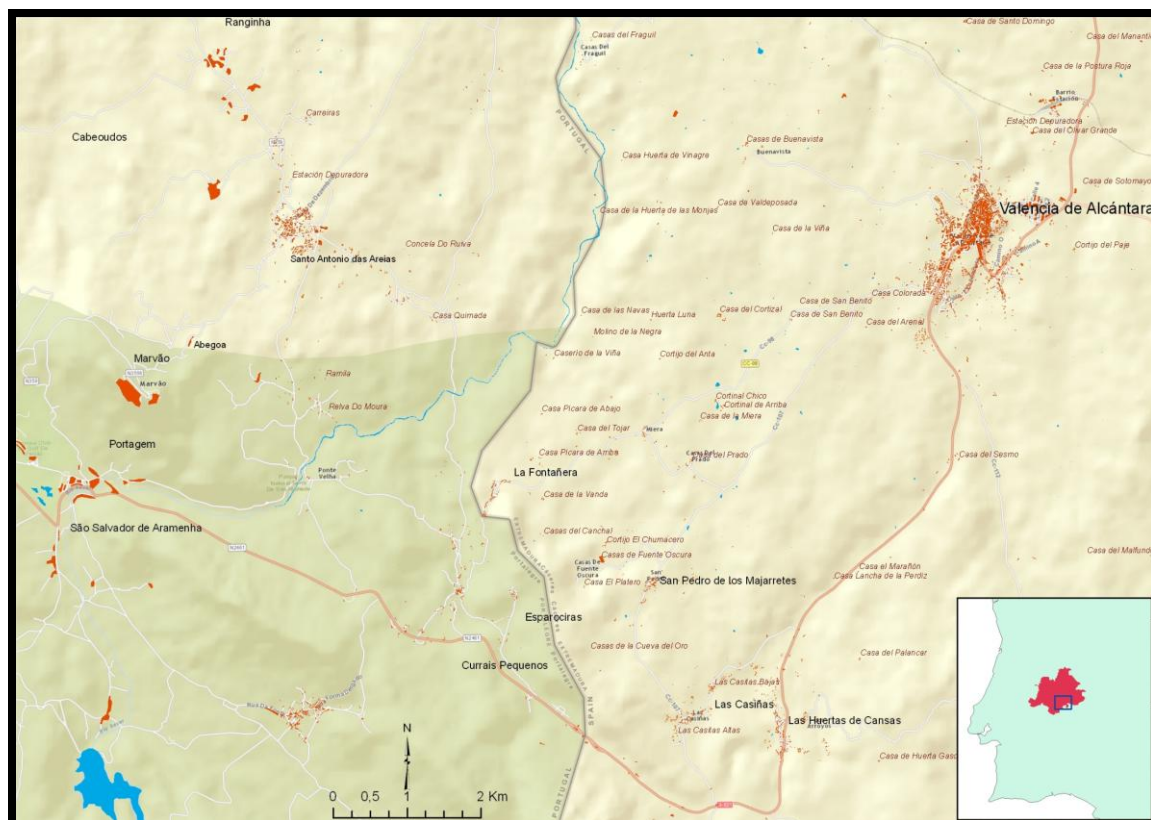


Fig. 69: Mapa do território de Valencia de Alcántara<sup>141</sup>.

A cidade de Valencia de Alcántara encontra-se a 461 metros de altitude e constitui o núcleo urbano principal, estando o resto da população distribuída pela chamada “Campaña”, constituída por dez aldeias, designadamente, El Pino, Las Huertas de Cansa, San Pedro de los Majarretes, Las Casañas, Aceña de la Borrega, Alcorneo, Las Lanchuelas, La Fontañera, Jola e La Miera, bem como outros pequenos aglomerados populacionais<sup>142</sup>.

isch&facrc=\_&imgdii=\_&imgrc=RINiaddqK3jb-

M%253A%3BGrdGwt5ygAQDAM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.viajarporextramadura.com%252Fdoc%252Fdatos%252Fdocs%252Fdoc\_11%252Fimag\_1409\_00\_mapa\_extremadura.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.viajarporextramadura.com%252Fdoc%252Fap%252Fdoc%252Fdoc%252FGuia-de-Extremadura-11.htm%3B400%3B456 (consultado a 18 de maio de 2014).

<sup>141</sup> Mapa facultado pela Oficina de Gestión Urbanística de Valencia de Alcántara.

<sup>142</sup> Para uma visualização breve da Campaña, Cfr. <http://www.youtube.com/watch?v=xMJc7B2ONcs>.



## 2.2.2. Breve evolução do povoamento de Valencia de Alcántara<sup>143</sup>

Há vestígios de ocupação humana na área do município de Valencia de Alcántara desde a Pré-história, mais concretamente, desde o Paleolítico.

No Neolítico, essa presença acentuou-se e muitos são os monumentos fúnebres que o atestam. Valencia de Alcántara possui um dos conjuntos megalíticos mais importantes da Europa, estando identificadas quarenta e uma antas.

Ainda que o nome “Valencia” tenha surgido pela primeira vez num texto de Tito Lívio, em que se falava da sua doação por Júnio Bruto, pouco se sabe relativamente à sua fundação e povoamento. Dados mais concretos só permitem ter certezas da sua ocupação na Alta Idade Média, aquando da queda do império romano<sup>144</sup>.

Desde a Idade Média, Valência foi concebida como uma praça com funções militares e assim chegou quase até ao século XX. Tal levou a que estivesse durante grandes períodos assolada pela guerra, o que também dificultou bastante o seu povoamento.

Em 711, começou a invasão árabe e, depois da rendição de Mérida, em 713, todo o Oeste peninsular ficou dominado pelos muçulmanos, situação que se vai manter durante cerca de quinhentos anos.

Em 876, ano da era cristã, Ibn Maruán, a partir de Marvão, onde construiu uma imponente fortificação, apoderou-se das terras circundantes, estendendo-se essa abrangência às terras de Valência. Esta situação manteve-se até aproximadamente 930, altura em que o seu bisneto, de igual nome, foi deposto pelo Califa Abderramán III Al-Nasir.

No século XII, em 1164, D. Afonso Henriques conquistou Marvão, tendo sido ajudado pelo português Geraldo Sem Pavor, que conquistaria também Valência e outras localidades da atual Extremadura espanhola<sup>145</sup>.

A vila foi conquistada pelos Cristãos no século XIII. Em abril de 1221, Valência foi conquistada pelo Mestre da Ordem de Alcântara D. García Sanchez, mantendo o mesmo nome<sup>146</sup>.

Como já foi referido, em 1226, o rei português D. Sancho II concedeu o primeiro foral a Marvão, no qual se definia o vasto território que lhe pertencia, estando incluída toda a região de

---

<sup>143</sup> Cfr. <http://www.valenciadealcantara.es/index.php/historia> (consultado a 01 de junho de 2014).

<sup>144</sup> Cf. GALAVÍS BUENO, 2010: 87, 99.

<sup>145</sup> Cf. GALAVÍS BUENO, 2010: 95.

<sup>146</sup> Cf. GALAVÍS BUENO, 2010: 102.

Valencia de Alcántara. Mais tarde, este território espanhol volta a ser pertença da Ordem de Alcántara.

Durante a Baixa Idade Média e princípios da Idade Moderna, Valencia pertencia à Ordem de Alcántara e tinha bastante importância devido à sua localização geográfica. Era habitada essencialmente por cristãos, havendo uma minoria judia e mudéjar<sup>147</sup>.

Desde a reconquista cristã, a população muçulmana foi-se adaptando à forma de viver cristã, pelo que, no final do século XV, estava completamente inserida. Com eles convivia também uma comunidade judia minoritária, que, na sequência do decreto dos Reis Católicos de 1490, passou a viver isolada da restante comunidade e que, dois anos mais tarde, em 1492, por novo decreto, se viu obrigada a converter-se ao Cristianismo ou a exilar-se noutros países, como sucedeu com Portugal, mais concretamente, em Marvão ou Castelo de Vide, havendo na segunda uma importante comunidade judaica.

Em 1715, Valencia de Alcántara voltou definitivamente a ser espanhola, depois de ter estado na posse dos portugueses durante dez anos<sup>148</sup>. Nessa altura, a cidade encontrava-se bastante destruída. A fortaleza atualmente existente foi reedificada no século XVIII.

O início do século XIX foi particularmente agitado, já que Valencia de Alcántara esteve envolvida em dois conflitos, nomeadamente, a Guerra das Laranjas (1801) e a Guerra da Independência (1811).

O clima de instabilidade e de crise em que a população vivia frequentemente levou-a a recorrer ao comércio ilícito para tentar suprimir a recorrente falta de alimentos que aí se verificava e com isso também angariar algum dinheiro. Assim, até à abertura das fronteiras, o contrabando foi motivo de contactos constantes com os portugueses, sendo muito frequentes as trocas ilícitas entre os habitantes dos dois países.

Segundo Francisco Galavís Bueno<sup>149</sup>, ainda que houvesse diversos confrontos entre os dois reinos, portugueses e espanhóis conviviam normalmente, acedendo no dia a dia aos dois lados da fronteira. Prova disso são os “Compromissos entre Marvao y Valencia” assinados no Convento de los Majarretes, no século XIV, e que, no seu entender, não são mais do que um reflexo escrito dos costumes e hábitos quotidianos que caracterizavam um viver há muito em comum.

A construção, no século XIX, da linha férrea que ligava Madrid a Lisboa representou um importante fator de desenvolvimento para esta localidade da raia.

---

<sup>147</sup> Cf. GALAVÍS BUENO, 2010: 18.

<sup>148</sup> Cf. GALAVÍS BUENO, 2010: 34.

<sup>149</sup> Cf. GALAVÍS BUENO, 2010: 106.

Cessadas as lutas com Portugal e preparado o caminho para o desenvolvimento e a modernidade desta região, eis que a primeira metade do século XX foi ainda marcada pela Guerra Civil (1936-1939) e por um longo período de ditadura (1939 a 1976), que muito dificultaram a vida a todos os espanhóis.

Em 1936, depois de um fracassado golpe de Estado de um setor do exército contra o governo democrático legalmente estabelecido na Segunda República, teve início um longo período de guerra civil, do qual saíram vitoriosos os militares e se destacou o general Francisco Franco, que depois instaurou em Espanha um regime ditatorial de carácter fascista. Valencia de Alcántara, tal como toda a província a que pertence, esteve, desde o início, integrada na zona dominada pelas tropas nacionais que viriam depois a vencer o conflito. Assim, apesar de toda a instabilidade inerente a uma guerra civil, esta região não viveu a tragédia direta do conflito militar.

Quer durante a guerra civil, quer durante o período da ditadura franquista, as condições de vida eram muito más e só as relações de fronteira e o “útil” contrabando permitiram às populações ir vivendo um pouco melhor.

Com a queda da ditadura portuguesa, em 1974, e da ditadura espanhola, em 1976, bem como com a entrada de Portugal e Espanha para a Comunidade Económica Europeia, em 1986, teve início um processo de afastamento entre os dois povos que, até esse momento, só politicamente tinham divergências, pois a nível local e sob o ponto de vista das relações humanas, sempre se ajudaram e muito estreitamente conviviam.

A abertura das fronteiras teve em Valência o mesmo efeito que em Marvão, ou seja, representou o fim de toda uma estrutura socioeconómica que empregava muita gente e assim fixava população. Com a extinção dos diversos serviços inerentes à alfândega, também muitos valencianos tiveram de partir da sua terra natal em busca de melhores condições de vida, contribuindo para a desertificação do território, em especial da Campiña. A maioria das localidades de raia, onde o português (independentemente da fronteira política) é usado, apresenta uma população muito reduzida e algumas até estão completamente desabitadas, como sucede com Fuenteoscura, outrora importante polo de contrabando.

Se não for contrariada esta tendência e se os seus poucos habitantes não continuarem a transmitir aos descendentes os seus conhecimentos do português falado na raia, dentro de poucos anos, esta situação de bilinguismo não passará de uma lembrança.

Tratando-se de uma marca identitária desta região, há que contrariar essa tendência e contribuir para que o “raiano”<sup>150</sup> não caia em esquecimento.

---

<sup>150</sup> Designação usada sobretudo pelos espanhóis quando se referem à variante do português aqui usada.

### 2.2.3. Breve caracterização demográfica e socioeconómica



Fig. 70: Vista aérea de Valencia de Alcántara

Atualmente o município é constituído por uma área de 595,10km<sup>2</sup>, ao longo dos quais, segundo dados dos censos de 2010, se distribuem os seus 6188 habitantes<sup>151</sup>. Dados mais recentes, de 24 de julho de 2013, cedidos pelo Ayuntamiento de Valencia de Alcántara, dão-nos conta de uma redução para 6011 habitantes, sendo a sua densidade demográfica de 10,10 habitantes/km<sup>2</sup>. Valência é a localidade mais povoada, seguindo-se Las Huertas de Cansa.

À semelhança de muitos outros municípios do interior espanhol e do vizinho concelho de Marvão, nos últimos anos, a sua população tem vindo a diminuir bastante. O pico demográfico verificou-se na década de 40 do século passado, registando os censos 15636 habitantes, como se pode constatar no gráfico seguinte:

---

<sup>151</sup> Cfr. Censos de 2010 do INE.

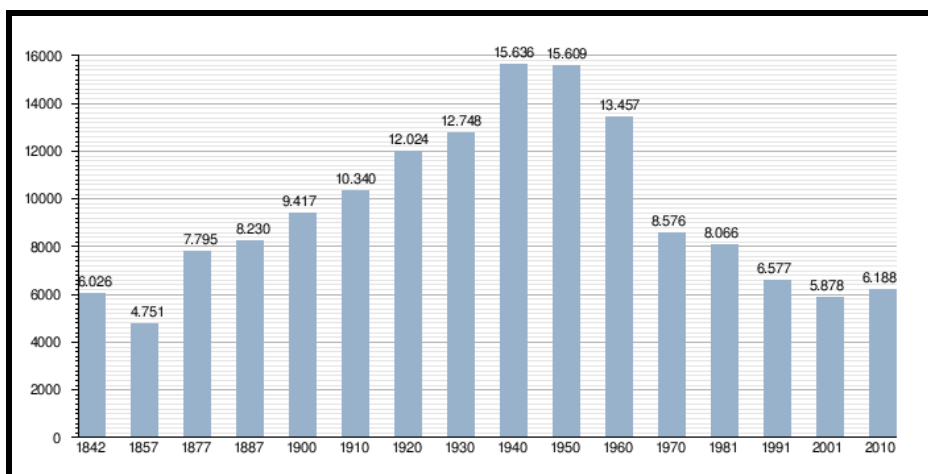


Fig. 71: Mapa da evolução da população de Valência de Alcántara<sup>152</sup>.

Tal como o Alentejo, no século XX, mais concretamente nas décadas de 50, 60 e 70, a Extremadura conheceu um elevado fluxo migratório<sup>153</sup>. Os extremenhos rumaram sobretudo à Catalunha, Madrid e País Basco (dentro de Espanha), bem como Alemanha, França e Suíça (no estrangeiro)<sup>154</sup>, onde procuraram melhores condições laborais.

Motivada pela pobreza, pela falta de trabalho e de perspetivas de futuro, esta emigração gerou ainda mais dificuldades, pois estas regiões perderam o seu capital humano e tal contribuiu para um envelhecimento da população e um conseqüente subdesenvolvimento.

Só a crise económica mundial de 1973, marcada pela subida extrema dos preços do petróleo e pela saturação do mercado laboral do centro europeu, travou a forte onda de emigração. Segundo dados do Instituto Espanhol de Estatística e do Instituto Espanhol de Emigração<sup>155</sup>, entre 1950 e 1977, a Extremadura perdeu 645000 habitantes, ou seja, 45% da sua população de meados do século.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística, nesse período de vinte e sete anos, o Alentejo viu partir cerca de 270000 habitantes, que correspondem a 36% da sua população em 1950.

Esse decréscimo na população não foi ainda mais notório porque, nesse período, se assistiu a um “boom” da natalidade, quer em Espanha, quer em Portugal.

<sup>152</sup> [http://es.wikipedia.org/wiki/Valencia\\_de\\_Alc%C3%A1ntara#Situaci.C3.B3n](http://es.wikipedia.org/wiki/Valencia_de_Alc%C3%A1ntara#Situaci.C3.B3n) (consultado a 18 de maio de 2014).

<sup>153</sup> Cfr. CAYETANO ROSADO, 2007: 22. O autor compara a emigração alentejana e extremencha entre 1950 e 1977. Nesse período de vinte e sete anos, emigraram cerca de 441000 alentejanos e 671000 extremenchos, o que perfazia cerca de metade da população dessas duas regiões.

<sup>154</sup> Cfr. CAYETANO ROSADO, 2007: 11.

<sup>155</sup> Cfr. CAYETANO ROSADO, 2007: 170.

Entre 1961 e 1975, dentro da Extremadura, destacamos as regiões que fazem fronteira com Marvão, nomeadamente La Campiña e Valencia de Alcántara<sup>156</sup>. No caso da primeira, perdeu 51,63% da sua população, passando de uma densidade demográfica de 31 para 17 habitantes/km<sup>2</sup>. Já a segunda perdeu 44,74% dos seus habitantes, verificando-se uma redução de 18 para 11 habitantes/km<sup>2</sup>.

Os sucessivos planos de desenvolvimento traçados por Franco e Salazar favoreceram a emigração das localidades rurais do interior para cidades mais desenvolvidas e até para o estrangeiro. Assim, em pouco mais de duas décadas, a raia viu partir mais de metade dos seus habitantes, saindo aqueles que mais vigor tinham para trabalhar e ficando os mais velhos, que menos podiam contribuir para o seu desenvolvimento.

A integração de Portugal e Espanha na União Europeia afetou de forma considerável a economia dos dois países, mas de forma muito particular a região raiana da Extremadura e do Alentejo, por serem consideradas regiões pobres. Assim, se Badajoz, Valencia de Alcántara, Campo Maior, entre outras localidades de maior dimensão, conheceram algum esplendor, as pequenas aldeias raianas estagnaram completamente, foram ficando desertas e algumas até desapareceram.

O comércio e o contrabando transfronteiriços, juntamente com as atividades bélicas e de vigilância, representavam as principais atividades laborais da raia. Com a abertura das fronteiras, tudo isso deixou de fazer sentido e assistiu-se à partida da maior parte daqueles que da fronteira dependiam profissionalmente ou, em muito menor número, à sua permanência e adaptação a novas atividades laborais, por norma menos rentáveis que as que tinham anteriormente, o que lhes degradou consideravelmente a qualidade de vida.

Nas últimas três décadas, a diminuição da população de Valencia não tem sido tão acentuada, o que contrasta com a maioria dos municípios desta comarca. Tal situação deve-se, em parte, a muitos filhos da terra que, depois de se reformarem, decidiram voltar às origens para aqui gozar o merecido descanso.

No que diz respeito à distribuição da população por idades, ainda que a população das aldeias fronteiriças e das povoações rurais esteja muito envelhecida, no geral, o município de Valencia de Alcántara apresenta uma pirâmide etária muito equilibrada, sendo a faixa entre os 34 e os 44 anos aquela que concentra mais população. Tal situação justifica-se com o *baby-boom* que marcou Espanha entre 1966 e 1975. Segue-se a faixa compreendida entre os 70 e os 79 anos, o que se justifica pelo envelhecimento generalizado da população e pelo regresso às origens daqueles que, nos anos 60, partiram em busca de emprego nas grandes cidades.

---

<sup>156</sup> Cfr. CAYETANO ROSADO, 2007: 33.

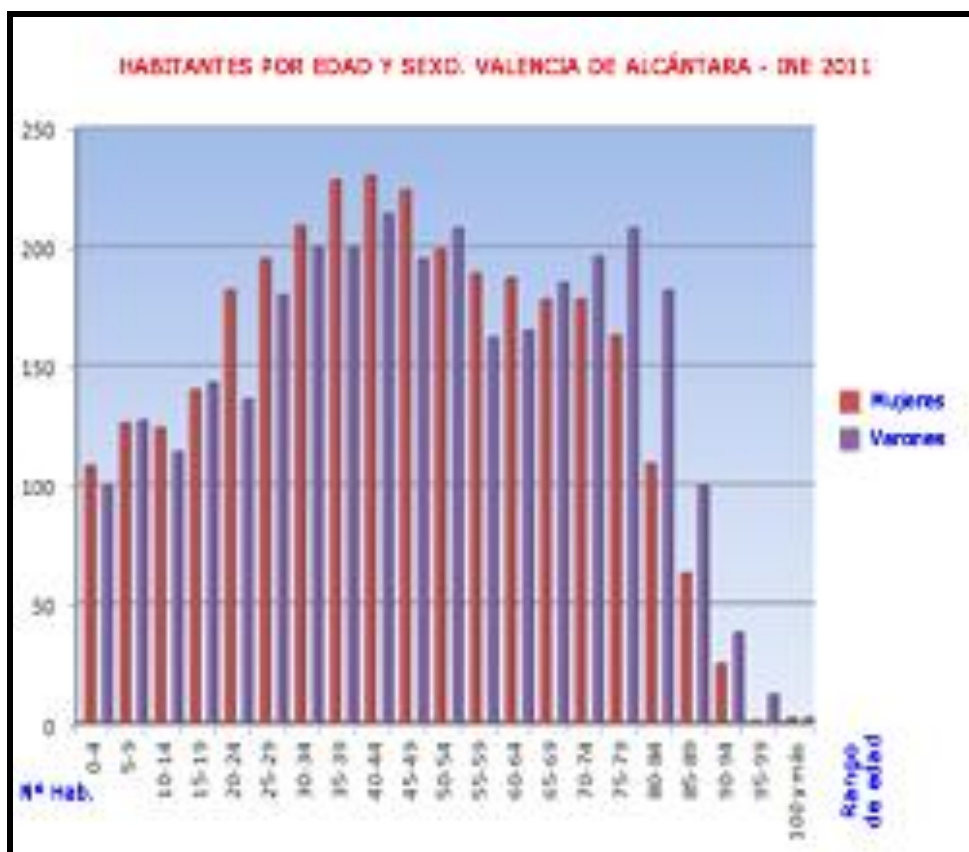


Fig. 72: Distribuição da população de Valencia de Alcántara por idade e sexo.

No que diz respeito à taxa de analfabetismo, esta é bem menor do que em Marvão. Se em 2001 ultrapassava quatro vezes a média de Espanha, em 2011, verificou-se uma grande redução, como se pode ver em seguida:

Taxa de analfabetismo em 1991 (%)	Taxa de analfabetismo em 2001 (%)	Taxa de analfabetismo em 2011 (%)
Portugal - 11 Marvão - 25,7	Portugal - 9 Marvão - 21,8	Portugal - 5,2 Marvão - 12,47
Espanha - 2,87 Valencia de Alc. - 11,54	Espanha - 2,6 Valencia de Alc. - 8,9	Espanha - 2,2 Valencia de Alc. - 2,78 <sup>157</sup>

Fig. 73: Tabela da taxa de analfabetismo em Marvão e Valencia de Alcántara, comparada com as médias dos dois países<sup>158</sup>

<sup>157</sup> Segundo dados do Ayuntamiento de Valencia de Alcántara (atualizados em janeiro de 2015), 2,78% da população total de Valencia não sabe ler nem escrever e 18,41% não possui nenhum tipo de estudos. Na faixa acima dos 65 anos, esta percentagem sobe bastante, pois 17,61% da população é completamente analfabeta e 46,61% não tem nenhum tipo de estudos.

<sup>158</sup> Dados consultados em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela> (consultado a 12/12/2014) e Ministerio Administraciones Públicas España

## La Campiña

Uma vez que, neste trabalho, nos debruçaremos sobretudo sobre as localidades espanholas da Campiña que fazem fronteira com o território do concelho de Marvão, em seguida, caracterizaremos brevemente apenas essas.

Já antes nos reportámos ao clima de instabilidade que se viveu na raia durante a Idade Média, com os muitos episódios bélicos que aí tiveram lugar, ora, essa situação proporcionou uma inevitável desertificação dessa região, especialmente do lado espanhol. Só depois do terminus dos enfrentamentos militares entre os dois países é que a região foi repovoada.

Nessa altura, muitos portugueses foram ocupar terras desabitadas em solo espanhol, mantendo-se esse fluxo migratório nas décadas seguintes. Para além dos interesses agrícolas, cedo as transações comerciais começaram a ser mais um motivo de fixação na região e de promoção do contacto entre os dois povos, bem como de divulgação da variedade regional do português além da fronteira política.

Segundo Juan Carrasco González<sup>159</sup>, exceto San Pedro de los Majarretes, as povoações fronteiriças de Valencia de Alcántara surgiram provavelmente entre os séculos XVII ou XVIII e princípios do XX. Os seus primeiros habitantes eram portugueses, de origem beirã ou alentejana, e terão ido para Espanha em busca de melhores condições de vida.

## La Fontañera<sup>160</sup>



Fig. 74: Estrada que atravessa a Fontañera e termina em Portugal.

<sup>159</sup> Cfr. CARRASCO GONZÁLEZ, 2006: 66.

<sup>160</sup> Cf. VELA BUENO, Maria del Rosario (2013). “La Fontañera” in *Revista Feria y Fiestas de San Bartolomé 2013* – Valencia de Alcántara.



Carrasco González<sup>161</sup> considera que, das localidades da raia de Valencia, esta terá sido das que surgiu mais tarde, ou seja, apenas no século XIX ou início do século XX, pois só conseguiu encontrar este topónimo no *Boletín Oficial de la Provincia de Cáceres* correspondente ao biénio 1917-1918.

Segundo dados do *Ayuntamiento* de Valencia, esta aldeia conta atualmente com cerca de 154 habitantes registados. No entanto, lá não habitam mais do que 20 pessoas. Antes da abertura das fronteiras, a povoação chegou a ter 250 residentes.

Outrora esta localidade teve uma grande atividade comercial, chegando a totalizar onze estabelecimentos, onde se podia comprar de tudo. A maior parte dos seus clientes era portuguesa, tanto de dia como de noite.

Quando as trocas comerciais entre Portugal e Espanha deixaram de ter restrições, muitos dos seus habitantes foram obrigados a emigrar em busca de melhores condições de vida, provocando uma grande desertificação. A maioria das casas funciona como habitação de fim-de-semana para os habitantes de Valencia de Alcántara que aí se mantêm registados ou é ocupada nos períodos de férias, quando os filhos da terra voltam para matar saudades e assistir às festas de verão (no segundo fim de semana de agosto).

Segundo Maria del Rosario Vela Bueno (Concejala de Turismo y Campiña), La Fontañera distingue-se das demais localidades de Valencia de Alcántara pela sua “fala” e pelo facto de fazer fronteira com Portugal no final da sua rua principal. Aliás, aí existe mesmo uma casa cujas divisões se repartem por território espanhol e português.

De notar também que o topónimo tem origem portuguesa, provindo de “fonte” e não de “fuente”.

### **San Pedro de los Majarretes**

Localizada entre La Fontañera e Las Casiñas, esta localidade também se encontra muito próxima da linha de fronteira com Portugal (a cerca de 1 km a pé) e, contrariamente às demais aldeias da raia, San Pedro não surgiu com a emigração portuguesa do século XVIII ou posterior, esta localidade já existia antes da Guerra da Restauração. Na verdade, é o aglomerado populacional mais antigo da Campiña. Desde meados do século XV, foi aqui construído um convento franciscano, no qual San Pedro de Alcántara veio a cumprir o seu noviciado e a tomar o hábito da

---

<sup>161</sup> Cfr. CARRASCO GONZÁLEZ, 2004: 19.

Ordem Seráfica, em 1515<sup>162</sup>. Ao redor do convento foram surgindo habitações, dando assim origem à povoação atual. Aquando da emigração portuguesa, a sua densidade populacional aumentou consideravelmente.



163

Fig. 75: Vista aérea de San Pedro de los Majarretes

De acordo com os dados do *Ayuntamiento* de Valencia de Alcántara, estão registados 75 habitantes, embora aí residam diariamente cerca de metade. Só no verão as casas voltam a ser habitadas e a povoação ganha a vida que outrora teve.

À semelhança de outras localidades vizinhas, San Pedro também viu partir as suas gentes em busca de melhores condições de vida. Tal situação agravou-se depois da abertura das fronteiras e do terminus do contrabando, atividade a que toda a população se dedicava e que dava alma aos comércios aí existentes, chegando a haver três.

Atualmente, nesta terra, existe apenas um café/restaurante e uma hospedaria, que aqui atraem gente dos arredores, inclusive de Portugal.

Quanto ao domínio do português ou “raiano”, de notar que, antes da partida massiva das suas gentes, aqui quase todos o falavam, mas, dos poucos que ficaram ou vieram posteriormente, só cerca de cinco ainda dominam a língua lusa, a par do castelhano.

---

<sup>162</sup> Desde que este santo foi canonizado, em 1669, realiza-se aqui uma festa religiosa que, no dia 19 de outubro, atrai muitos devotos, entre eles a população da raia.

<sup>163</sup>

[https://www.google.pt/search?q=san+pedro+de+los+majarretes&espv=2&biw=1024&bih=620&tbm=isch&imgil=rJISmJDfmsC1FM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn2.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AANd9GcQ9MQGstmIfgCQQRMaIe0fPkNGo5U7hkbDDt-csfZBFYuNB92ITQw%253B640%253B480%253B4Jt\\_yw-8AyOSzM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.sierrasanpedrobaldios.com%25252Fpatrimonio00117.html&source=iu&usg=\\_\\_oVqNkAfBOX90s7sPEjMwgyGWGGw%3D&sa=X&ei=K5uLU7q7Kuig7AaG34GYBw&ved=0CDoQ9QEwAQ#imgdii=\\_](https://www.google.pt/search?q=san+pedro+de+los+majarretes&espv=2&biw=1024&bih=620&tbm=isch&imgil=rJISmJDfmsC1FM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn2.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AANd9GcQ9MQGstmIfgCQQRMaIe0fPkNGo5U7hkbDDt-csfZBFYuNB92ITQw%253B640%253B480%253B4Jt_yw-8AyOSzM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.sierrasanpedrobaldios.com%25252Fpatrimonio00117.html&source=iu&usg=__oVqNkAfBOX90s7sPEjMwgyGWGGw%3D&sa=X&ei=K5uLU7q7Kuig7AaG34GYBw&ved=0CDoQ9QEwAQ#imgdii=_)

## Las Casiñas

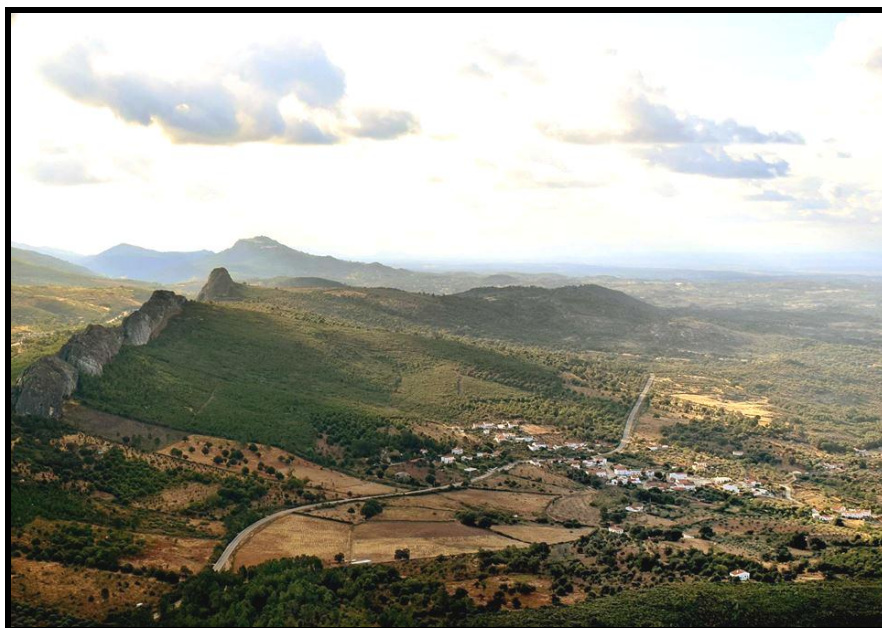


Fig. 76: Vista aérea de Las Casiñas.

Localizado entre San Pedro e Las Huertas, este aglomerado populacional é composto por Las Casiñas Altas, Las Casiñas Bajas e Los Molinos, estando aí registadas 160 pessoas, embora os residentes permanentes sejam cerca de metade.

Ainda que um pouco mais afastada do que as aldeias anteriormente apresentadas, Las Casiñas dista somente cerca de 5 kms da fronteira com Portugal, o que gerou uma dinâmica semelhante à atrás descrita.

Segundo um dos nossos informantes<sup>164</sup>, o nome desta povoação estará relacionado com dois bugios que existiram na parte de cima da estrada. Estes terão sido construídos por dois portugueses e começaram a chamar-lhes “as casinhas”. Foi a partir destas duas casas que se começou a formar o povoado.

## Las Huertas de Cansa

Situada a três quilómetros da fronteira com Portugal e a oito de Valencia de Alcántara, esta localidade é atravessada pela estrada nacional. Por estar localizada nas margens da ribeira de Avíd, possui diversas charcas e diversos regatos que garantem abundância de água às hortas que circundam a povoação e que estão na génese do topónimo.

---

<sup>164</sup> Lourença Berrocal Carvalho ao relembrar os ensinamentos do seu pai.



**Fig. 77:** Vista aérea de Las Huertas de Cansa

Nas localidades de Las Huertas e Los Arroyos estão registados 201 habitantes, estando 47 acima dos 65 anos, ou seja, 23%. Contudo, aqui não vivem diariamente mais de 80 pessoas.

De notar que uma boa parte dos idosos aqui residentes são emigrantes que, essencialmente nos anos sessenta, partiram para a Europa ou para grandes cidades espanholas em busca de melhores condições de vida, tendo optado por gozar a reforma nas suas origens. Os adultos trabalham maioritariamente em Valencia de Alcántara, onde os jovens também estudam. Quando chega a altura de prosseguirem estudos, partem para os grandes centros urbanos e poucos regressam, o que vai contribuindo para o envelhecimento da população.

Sendo esta povoação atravessada pela estrada que liga a fronteira com Portugal a Valencia de Alcántara, é de todas as da raia aquela que está muito exposta a influências e isso também é notório no falar raiano.

### **Estación de Ferrocarril**

No caso desta localidade, se os dados indicam 99 habitantes, a realidade é bem diferente, morando aqui somente 10 a 15 pessoas. Outrora até uma escola aqui existiu, mas a linha férrea perdeu muita da sua atividade e a população também procurou outras paragens.



**Fig. 78:** Estação do caminho de ferro de Valencia de Alcántara

### Lugares despovoados

Ainda que atualmente estejam ao abandono, há umas décadas atrás, muitos outros lugares da Campiña eram habitados e neles também se falava português. São disso exemplo as povoações de Huerta Luna e Fuenteoscura.

Relativamente à primeira, nas décadas de 50/60, e até mais tarde, praticamente todas as casas existentes eram propriedade de portugueses e, conseqüentemente, falava-se recorrentemente português.

No caso concreto da Fuenteoscura, resume-se a um casario desabitado, tomado pelos silvados, que atualmente mal se deteta no meio da vegetação. Todavia, no final do século XX, esta localidade ainda era habitada e, embora integrada em espaço espanhol, a língua aí falada era o português, mais concretamente uma variante designada pelos autóctones como “chapurreao o portuñol”<sup>165</sup>.

Localizada a cerca de vinte metros da fronteira, com a migração e emigração de alguns dos seus habitantes e a decadência do comércio ilícito entre Portugal e Espanha, foi a pouco e pouco perdendo vida até entrar completamente em decadência.

Junto ao rio Sever, nos lugares de El Fraguil, El Batán e Molino de la Negra, também havia comércios e até salões de baile, ou seja, locais propícios ao convívio entre portugueses e espanhóis e à promoção do diálogo em língua portuguesa, na sua variante regional.

Como já antes foi referido, fazem parte da Campiña outras aldeias, nas quais ainda se continua a falar a variante raiana do português aqui em estudo. No entanto, nesta fase da investigação, optámos por abordar somente aquelas que fazem fronteira política com o concelho de Marvão, reservando o estudo das restantes para trabalhos futuros.

---

<sup>165</sup> Cfr. <http://larayaenlanoche.wordpress.com/historia/valencia-de-alcantara-la-rama-y-sus-hombres/> (consultado a 04-03-2014).

### 2.3. O contrabando<sup>166</sup>

Tratando-se aqui de uma investigação sobre um falar de raia e do espaço em que este ganha vida, não poderíamos abdicar de referir, e dedicar até particular destaque, ao contrabando, ainda que sem a pretensão de apresentar um estudo exaustivo sobre esta temática. Na verdade, esta atividade ilícita faz parte da essência da fronteira luso-espanhola e partilhamos em pleno a opinião de Fátima Amante quando afirma que “o raiano não concebe a existência da fronteira sem o contrabando, nem consegue definir aquilo que é a fronteira sem ser por referência explícita e directa à prática do contrabando”<sup>167</sup>.

Eusebio Medina García<sup>168</sup> considera também que este comércio ilícito na fronteira da Extremadura com Portugal está estreitamente relacionado com a existência da fronteira propriamente dita, coincidindo com a ocupação militar dos portos secos, na primeira metade do século XIII. Para o autor, de todas as atividades da raia, até à década de oitenta, o contrabando tradicional foi sempre a que assumiu um lugar de destaque.

Durante a Idade Média, o contrabando foi-se desenvolvendo e, desde meados do século XIV em diante, passou a ser uma prática alargada a toda a fronteira, realizando-se tanto nos portos secos, como através dos rios fronteiriços. No concelho de Marvão, o rio Sever representava mais um entrave aos contrabandistas, especialmente no inverno, quando tinham de se despir e atravessá-lo com a carga até à outra margem, onde se voltavam a vestir e prosseguiram a rota até aos seus destinos.

Este tipo de negócio ilícito surgiu como uma forma de colmatar o comércio deficitário que existia entre os dois reinos. Segundo Medina García<sup>169</sup>, esse défice devia-se ao facto de a economia dos dois países ser muito assente na agricultura e na criação de gado para autoabastecimento, à má rede viária, aos constantes combates entre os dois reinos e, essencialmente, ao carácter monopolizador e intervencionista das suas autoridades, que aplicavam uma forte regulamentação e obrigavam ao pagamento de numerosos impostos referentes às deslocações de pessoas e mercadorias. A todos estes fatores acrescia a proliferação de alfândegas e a insegurança dos caminhos de acesso.

O clima de insegurança permanente nestas regiões de fronteira que marcou toda a Idade Média e Moderna dificultou, efetivamente, o comércio lícito e tornou o contrabando num

---

<sup>166</sup> Consultar rotas do contrabando no Anexo III.

<sup>167</sup> Cfr. AMANTE, 2004: 133.

<sup>168</sup> Cfr. MEDINA GARCÍA, 2009: 141.

<sup>169</sup> Cfr. MEDINA GARCÍA, 2009: 136-137.

mecanismo normal e original, através do qual se desenvolviam as transações entre os dois lados da raia. Este comércio ilícito foi favorecido pelas situações de conflito, assim como pelas disposições legais restritivas que chegavam dos longínquos centros de poder. Por isso mesmo, os anos de maior fluxo de contrabando coincidem geralmente com épocas de crise e de confrontos bélicos. Nos anos de paz, havia uma considerável redução desse comércio, que quase se diluía. Assim, ao longo da história, o contrabando, mais do que uma atividade que gerava benefícios, era uma prática que se desenvolvia sob um clima de perigo constante.

À semelhança do que sucedeu em toda a fronteira terrestre entre Portugal e Espanha, as localidades da raia de Marvão e Valencia de Alcántara também foram marcadas pela prática do contrabando, fazendo este parte integrante da cultura de fronteira, até porque constituía um recurso basilar da economia de muitos habitantes.

Se as autoridades o consideravam ilegal e tentavam erradicá-lo, os raianos encaravam-no como mais uma atividade socioeconómica, sem qualquer conotação pejorativa ou de marginalização social. Para as gentes da classe mais desfavorecida, o contrabando representou um modo de subsistência, para alguns, até uma via de ascensão social e, para uma pequena elite, foi um modo de acumular capital. Assim, havia vários tipos de contrabando: desde o individual até ao profissional e ao de cariz institucional<sup>170</sup>.

O contrabando das elites distinguia-se substancialmente do tradicional, praticado por gente comum. Ainda assim, nesta segunda categoria, importa distinguir o individual e ocasional do profissional. Deste último faziam parte os mochileiros, os cargueiros<sup>171</sup> e os guias, os quais integravam quadrilhas muito difíceis de detetar pelas autoridades.

Não se sabe ao certo quando terão começado estas quadrilhas. Eusebio Medina García<sup>172</sup> crê que terão começado antes da segunda metade do século XVIII, data em que já há referências históricas a esses grupos ilícitos, muito provavelmente contemporâneos do próprio contrabando.

---

<sup>170</sup> Ana Cabezudo Rodas e José Gutiérrez Casala distinguem três tipos de contrabando: o de largo alcance ou “contrabando de Estado”, o de curto alcance e o familiar. O primeiro garantia o transporte de avultadas mercadorias para longas distâncias, era praticado pelas sociedades anónimas com a conivência do Estado, já que a administração fingia não ver determinadas transações. O segundo era praticado na zona de fronteira, tinha um cariz mais local e a quantidade de mercadorias era bem menor em relação ao primeiro. Este era praticado por quadrilhas, que, sem qualquer proteção, carregavam às costas diversas mercadorias e revelava-se bastante rentável. O terceiro representava uma forma de sobrevivência para as famílias, chegando a ser praticado por todos os membros. Cfr. CABEZUDO RODAS, 2007: 50, 51.

<sup>171</sup> De notar que, quer os mochileiros, quer os cargueiros transportavam o contrabando a pé. Contudo, os primeiros eram proprietários da carga e os segundos apenas a carregavam a troco de um pagamento ou de uma comissão.

<sup>172</sup> Cfr. MEDINA GARCÍA, 2009: 148.

Estes podiam ser mais ou menos estratificados, sendo muito comuns aqueles em que os diversos mochileiros eram donos das suas próprias cargas e havia apenas um que assumia as funções de guia.

Não há dúvida de que o reforço da vigilância na fronteira favorecia o desenvolvimento do contrabando. Segundo Miguel Melón Jiménez<sup>173</sup>, de 1739 em diante, reformou-se a administração aduaneira e posteriormente reforçou-se o sistema de vigilância das transações comerciais, o que veio a ter como consequência previsível o desenvolvimento do contrabando. Para isso contribuíam diversos fatores, como era o caso da acentuada diferença de preços em certas mercadorias, das sucessivas guerras e das carências que daí advinham.

O incremento do contrabando obrigou os governos dos dois lados da fronteira a reforçar ainda mais as suas equipas de vigilância e uma das medidas adotadas foi contratar antigos contrabandistas<sup>174</sup>, que mais facilmente poderiam intercetar os seus antigos colegas nas rotas que lhes eram tão familiares. No fundo, todos ganhavam: o governo contratava profissionais conhecedores das práticas e os ex-contrabandistas tinham assim oportunidade de ter uma vida melhor, mais tranquila, mais bem remunerada, ainda que isso, por vezes, tivesse como consequência o prejuízo dos seus antigos pares.

No século XX, o contrabando teve o seu período áureo na sequência da guerra civil espanhola (1936-39), durante o período da segunda guerra mundial (1939-1945) e nos anos que se lhe seguiram, ou seja, desde o início dos anos 40 até meados dos anos 70, altura em que se verificou a queda das duas ditaduras e uma consequente liberalização do comércio entre Portugal e Espanha. Tal liberalização evoluiria cada vez mais com a entrada dos dois países na União Europeia (em 1986), a efetivação do Mercado Único e a assinatura do Acordo de Schengen, que conduziram à abertura das fronteiras, em janeiro de 1993, e ao desmantelamento de todos os serviços alfandegários.

Contudo, o facto de se ter verificado um grande aumento do número de contrabandistas levou a uma mudança no contrabando tradicional, havendo o desmantelamento das quadrilhas profissionais e a sua substituição por grupos amplos, sem uma hierarquia bem definida. Claro que o aumento da concorrência também representou um decréscimo do lucro e, com a independência das colónias portuguesas, o café, que era o produto rei desta atividade, encareceu bastante e deixou de

---

<sup>173</sup> Cfr. MELÓN JIMÉNEZ, 1999: 245.

<sup>174</sup> Estes dilemas de profissão foram-nos contados por um dos nossos informantes da Fontañera, Juan Vicho Carvallo, que hoje em dia é reformado da Guardia Civil, mas que durante muitos anos encontrou no contrabando o seu meio de subsistência. De notar que este contrabandista se destacou por uma particularidade muito interessante, ou seja, enquanto jogava às cartas e conversava na taberna da Fontañera, o seu cão ia buscar sacos de café à aldeia dos Galegos, onde lhos atavam ao lombo e recolhiam o dinheiro que levava de Espanha. Este cão, localmente conhecido como “perro contrabandista”, constituía assim uma preciosa ajuda para o seu dono, pois facilmente passava despercebido aos olhares atentos dos guardas.



dar o lucro de outrora. Perante essa nova realidade, muitos contrabandistas de toda a vida optaram por deixar essa ocupação e partir rumo a outras paragens em busca de melhores condições de vida. Uns migraram para as grandes cidades, escolhendo os marvanenses os arredores de Lisboa, outros saíram mesmo do país, embora em menor número. Das localidades de raia, só na Pitaranha a emigração foi mais significativa, sendo Suíça e França os destinos de eleição.

No que diz respeito às mercadorias transacionadas entre os dois países, estas foram muito diversificadas; nomeadamente, tabaco, fazendas, sapatilhas, azeite, cortiça, açúcar, ovos, pão, gado... sendo, contudo, o café aquele que indubitavelmente mais se destacou. O sentido dos fluxos dependia do mercado, ou seja, da oferta e da procura, bem como das diferenças de preços e das oscilações cambiais.



Fig. 79: Alpragaitas

Sendo uma atividade de risco, realizada essencialmente de noite e que podia exigir a carga de avultados pesos, era praticada muito mais por homens do que por mulheres, embora houvesse algumas mais ousadas e corajosas que também garantiam o sustento dos seus lares através desse comércio ilícito.

No concelho de Marvão, havia mulheres contrabandistas nas várias localidades<sup>175</sup>, mas era na Pitaranha que essa prática se generalizava. No entanto, se os homens andavam essencialmente de noite, elas transportavam as suas *cargas* sobretudo de dia, o que também as deixava mais expostas às auto

---

<sup>175</sup> Cfr. *Ibn Maruán* n° 6, pp. 109 - 136, 165 - 175.

ridades. Deslocavam-se, por norma, na sequência de encomendas que lhes faziam, tanto do lado português, como do lado espanhol, e dedicavam-se, essencialmente, a um contrabando de menor porte e de mais curta distância, vendendo elas próprias as mercadorias.

Do lado espanhol, na Fontañera, era frequente as mulheres praticarem o contrabando; já no Pino e em La Duveda tal não era muito comum.

Com a evolução dos meios de transporte, o comércio ilícito deixou de ser feito só a pé, passando a ser também posto em prática com a ajuda de motorizadas ou veículos automóveis, que eram estacionados relativamente perto da fronteira e assim permitiam transportar maiores cargas despendendo menos tempo.



**Fig. 80:** Antigos contrabandistas da Pitaranha<sup>176</sup>

A abertura das fronteiras, como já foi referido, mais do que representar o final do contrabando, significou o início do declínio de muitas localidades de raia, chegando algumas mesmo a desaparecer totalmente, como sucedeu com as aldeias de Fuenteoscura e Huerta Luna, em território espanhol. As que se mantêm assistiram a um acentuado êxodo da sua população em busca de trabalho e os poucos que ficaram tiveram de aprender a reajustar-se a uma nova realidade, a novas formas de sustento e à paulatina integração numa nova cultura de raia, marcada pela nostalgia

---

<sup>176</sup> [http://www.cafeportugal.pt/pages/dossier\\_artigo.aspx?id=4349](http://www.cafeportugal.pt/pages/dossier_artigo.aspx?id=4349) (consultado a 14/12/2014)

do passado, pela vivência de um presente “remediado” e com uma ínfima esperança de mudança no futuro.

A partir de 1986, com a adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia e a posterior abertura de fronteiras e adoção de uma política de livre circulação de pessoas, mercadorias e capitais entre os diversos Estados membros, deixou de ter sentido a prática do contrabando, o que veio a gerar uma avultada quebra na economia local. Para além disso, a aplicação da Política Agrícola Comunitária (PAC) trouxe alterações significativas no setor primário, deixando este de ter o protagonismo que tinha até esse momento e virando a economia desta região de raia para o setor dos serviços. Todavia tal não foi suficiente para dar emprego aos muitos habitantes desta zona, que viram a sua vida radicalmente alterada e que, por isso, partiram à procura de melhores condições em cidades com oferta de emprego ou até para o estrangeiro.

Atualmente restam muitas memórias contadas por quem dedicou uma parte da sua vida a essa prática e vão-se partilhando rotas e histórias rocambolescas ao longo das diversas caminhadas que entidades públicas e privadas vão organizando; claro que sem as enormes cargas de outrora, as adversidades climatéricas e a preocupação frequente de ver a sua mercadoria apreendida pelas autoridades ou, até, chegar a ser preso.

Enfim, tempos de extrema dureza e marcados por muitas contrariedades, que, ainda assim, deixaram a muitos saudades e continuam a contribuir para um brilho especial no olhar aquando da sua evocação e partilha na atualidade.

No contexto português, segundo sabemos, somente em Melgaço existe um museu dedicado a esta prática tão característica do território raiano. Atendendo à importância que outrora também teve para os habitantes do concelho de Marvão, bem se justificaria um núcleo museológico dedicado ao contrabando ou, quiçá, num dos edifícios da Fronteira, ser criado um museu de raia alusivo a essa temática, com a colaboração de portugueses e espanhóis, pois esse negócio envolvia os dois países e as suas gentes e marcou para sempre as suas culturas.

#### 2.4. Relações de fronteira entre Marvão e Valencia de Alcántara

A vivência numa região de fronteira e o convívio estreito entre as populações dos dois lados da raia sempre proporcionaram um estilo de vida e uma cultura muito peculiares, que se distinguem claramente dos que caracterizam as localidades vizinhas, mais para o interior da linha de demarcação política. O facto de se encontrarem longe dos centros de poder e de as decisões aí tomadas tardarem a chegar à periferia e muitas vezes, quando chegavam, já virem desatualizadas, levava estas comunidades a assumirem uma grande autonomia na gestão dos seus assuntos.

No caso da fronteira entre Marvão e Valencia de Alcántara, até as características geográficas contribuem para a indefinição da fronteira. Segundo Eusebio Medina García, “dicha frontera es una frontera política más que geográfica, ya que la mayor parte de su trazado se caracteriza por la continuidad paisajística, geomorfológica y la inexistencia de accidentes naturales.”<sup>177</sup>

Jorge de Oliveira<sup>178</sup> considera que as relações de proximidade entre as gentes dos dois territórios datam de, pelo menos, meados do quarto milénio antes de Cristo. De acordo com os testemunhos arqueológicos, no Neolítico, reconhece-se uma outra fronteira socioeconómica transversal à hoje existente. Nessa altura, as terras de Marvão e Valência estavam “delimitadas a norte por uma linha de menires implantados transversalmente à actual fronteira política e que separa estas terras de agricultura dos campos secos de xisto, onde outra economia, mais deficitária, se mantinha baseada, essencialmente, na caça e na pastorícia”. No ponto de vista deste arqueólogo, recuam à Pré-história as relações de proximidade entre os dois concelhos, sendo o rio Sever sempre um fator de união determinante.

Durante o período romano, essa proximidade manteve-se, até porque os dois territórios pertenciam à mesma administração municipal. O município de Ammaia (sediado no atual concelho de Marvão, mais concretamente na localidade de São Salvador da Aramenha) englobava um amplo território que também abrangia Valencia de Alcántara. Nele surgiu uma vasta rede de vias de comunicação que aproximou ainda mais as localidades que o constituíam.

No período do domínio islâmico, teve lugar novo reforço, especialmente no século IX, quando Ibn Maruán se refugiou em Marvão e aqui fundou a sua fortaleza.

---

<sup>177</sup> Cfr. MEDINA GARCÍA, 2009:131.

<sup>178</sup> Numa comunicação subordinada ao tema “Marvão e Valência de Alcántara : Uma raia sem fronteiras – o Tratado de 1313”.

Como já foi anteriormente referido, após a Reconquista Cristã, em 1226, foi atribuída a Marvão a Carta de Foral. Nela estava indicado o vasto território do concelho de Marvão, abrangendo este também terras extremenhas, entre as quais a região de Valencia de Alcántara.

Terminados os conflitos da Reconquista Cristã, foram-se formando outros municípios e começou a definir-se a linha de fronteira entre Portugal e Castela. Assim, com o objetivo de demarcar claramente essa linha e de evitar conflitos e mal entendidos quanto às pertenças dos dois reinos, ao longo da história, muitos foram os tratados que se celebraram. Contudo, estes de pouco valeram, pois as contendidas continuaram a existir e o convívio estreito entre portugueses e espanhóis sempre se manteve, ignorando essa divisão política.

Assim, em 1267, teve lugar um encontro entre “homens bons”, patrocinado pelos reis dos dois países, que esboçou o limite territorial ainda hoje existente.

A 12 de setembro de 1297, foi assinado o Tratado de Alcanizes pelos representantes dos reinos de Portugal, Castela e Leão, o qual tinha como objetivo pôr fim às lutas pelo território travadas pelos reinos e definir claramente a linha de fronteira.

Todavia, ainda que as fronteiras políticas estivessem traçadas, a população não sabia muito bem onde começava um reino e terminava o outro, até porque todo este território foi frequentemente palco de correrias militares. Tal situação de instabilidade em relação ao poder central levava a que as populações fossem ganhando uma certa autonomia e atuassem como se não houvesse uma fronteira.

Assim, a 12 de dezembro de 1313, em virtude de quezílias existentes entre as duas vilas, foi assinado, pelos representantes de D. Dinis e da Ordem de Alcántara, o “Tratado de Colaboração entre Marvão e Valencia de Alcántara”, tendo-se celebrado em 2013 os 700 anos dessa assinatura. Este tratado é um documento de acordo entre localidades e representa o reconhecimento, por parte dos poderes centrais, de que há uma vivência comum para além de uma fronteira política. Significa uma tentativa de resolver algumas contendidas, de modo a que reinasse a harmonia entre o espaço português e castelhano. A assinatura deste tratado visou também estabelecer como é que os habitantes das duas localidades podiam ter acesso às pastagens, ao pão, à água, aos moinhos, no fundo, às riquezas de um lado e do outro sem pagar quaisquer impostos. Numa época de profundo analfabetismo e de uma enorme escassez de documentos, este tratado ganha ainda maior relevância.

Segundo Jorge de Oliveira, este acordo veio a ser ratificado e atualizado ao longo dos anos, sendo conhecidos os acordos datados de 22 de setembro de 1519, de 12 de setembro de 1537, de 23 de setembro de 1585, de 23 de novembro de 1682 e o de 16 de junho de 1868. De acordo com o seu conteúdo, as normas que regiam as relações entre Marvão e a vizinha Valencia de Alcántara, ainda

que incorporados em países distintos, não diferiam e por vezes até eram mais permissivas do que as que regiam as relações com outros concelhos vizinhos, como sucedia com Castelo de Vide.

Com a perda da independência do reino português, em 1580, ter-se-á esbatido a linha de fronteira, até 1640. Contudo, depois da Restauração haveria um reforço da administração aduaneira e do sistema de vigilância, com vista ao combate ao contrabando.

Depois de mais um período de guerra entre portugueses e espanhóis, a 29 de setembro de 1864, foi assinado o Tratado de Limites, conhecido como Tratado de Lisboa, o qual definiu de vez os limites territoriais do exercício de poder dos dois estados.

Além da continuidade territorial, outra forma de testemunhar as estreitas relações entre as gentes dos dois lados da fronteira são os muitos casamentos desde sempre celebrados e ainda hoje patentes nos apelidos usados. Quer de um lado, quer de outro da fronteira, entrelaçam-se apelidos portugueses e espanhóis, evidenciando relações de há muitos anos, que sempre proporcionaram a partilha das culturas dos dois países e a construção de uma cultura comum, a cultura de raia.

Para o efeito, muito terão contribuído os diversos comércios e salões de baile existentes nas povoações portuguesas e espanholas. Depois de um árduo dia de trabalho, aqui se criavam condições para o convívio entre portugueses e espanhóis e muitas relações aqui terão tido a sua génese. Como já foi referido, as localidades portuguesas estavam mais próximas da maioria das povoações da Campiña do que a cidade de Valencia de Alcántara, sendo mais usual os espanhóis irem a Portugal do que à sede do seu município.

Face ao exposto, está bem evidente que, independentemente dos vários tratados de demarcação da fronteira política, do peso da construção dos reinos e do peso da realeza, a vivência secular dos habitantes da raia continuou nos moldes em que sempre existiu e foi levada ao extremo durante o longo período em que se praticava o contrabando. Este sempre marcou a zona de raia, mas, durante o período da guerra civil espanhola e das ditaduras portuguesa e espanhola, acentuou-se ainda mais e contribuiu decisivamente para o desenvolvimento económico das duas regiões.

Com a elevada onda de migração e emigração que se verificou nas aldeias fronteiriças, durante as décadas de 60 e 70, a adesão à União Europeia e a abertura das fronteiras; em vez de uma maior aproximação, verificou-se um afastamento das gentes dos dois lados da raia. Não havendo motivos socioeconómicos que justificassem a permanência nessas localidades, assistiu-se a uma desertificação dessas regiões e, conseqüentemente, a uma gradual perda da cultura aí existente, da qual faz parte o falar de raia, em estudo no âmbito desta dissertação de doutoramento como parte daquilo que consideramos ser ainda hoje um falar específico: o Falar de Marvão.

Atualmente os municípios de Marvão e Valencia de Alcántara vão desenvolvendo algumas atividades culturais em comum, como por exemplo, semanas gastronómicas ou a celebração da

boda régia (casamento do rei português D. Manuel com a rainha espanhola Isabel de Aragão), as quais proporcionam um convívio mais estreito entre portugueses e espanhóis, mas este nem se chega a assemelhar ao que existiu outrora e, pelos caminhos do tempo, muitos conhecimentos e tradições já quase se perderam, como sucedeu com o português ou “raiano”, que poucos ainda sabem e raramente praticam.

### Capítulo 3 – Caracterização do Falar de Marvão

“Muitas palavras que já morreram terão um segundo nascimento, e cairão muitas das que agora gozam das honras, se assim o quiser o uso, em cujas mãos está o arbítrio, o direito e a lei da fala.”

Horácio, *Ars Poetica*, vv. 70 et seqq.

Em trabalhos anteriores<sup>179</sup> dedicámos especial atenção às características fonético-fonológicas e morfossintáticas do Falar de Marvão, razão pela qual optámos aqui por uma abordagem centrada essencialmente no léxico. No entanto, apresentamos, em síntese, as principais marcas do Falar de Marvão nos domínios fónico e morfológico, patentes em muitas das formas registadas, concordando com Mário Vilela, quando nos diz que o “léxico está intimamente ligado por um lado com a parte fónica, por outro lado com as regularidades da língua, a gramática, tanto no que concerne a morfologia como a sintaxe”<sup>180</sup>.

De notar que nesta dissertação seguimos o conceito de léxico usado por Maria Tereza Biderman<sup>181</sup>, segundo o qual o léxico de uma língua é uma designação muito vasta, que inclui desde monossílabos, a vocábulos simples e até sequências complexas formadas por vários vocábulos e mesmo frases inteiras, como sucede com algumas expressões idiomáticas e alguns provérbios.

Apesar de se tratar de uma investigação há muito desencadeada, temos consciência da impossibilidade de enumerar todas as unidades lexicais que constituem o léxico deste falar e relembramos a definição de léxico usada por Margarita Correia<sup>182</sup>, segundo a qual este é um “conjunto virtual de todas as palavras ou unidades lexicais que fazem parte do acervo dessa língua”. Também Mário Vilela se reporta ao carácter aberto do léxico e à sua mutabilidade<sup>183</sup>. As fronteiras são sempre difíceis de definir e a todo o momento surgem diferentes significados, novas palavras, enquanto outras vão caindo no esquecimento. O Falar de Marvão não é exceção e a essa dificuldade ainda acresce o facto de se tratar de um falar de raia, cuja fronteira linguística vai além da fronteira política.

---

<sup>179</sup> Cfr. SIMÃO, 2011: 74 - 191.

<sup>180</sup> Cfr. VILELA, 1979: 15.

<sup>181</sup> Cfr. BIDERMAN, 2005.

<sup>182</sup> Cfr. CORREIA, 2009: 75.

<sup>183</sup> Cfr. VILELA, 1979: 16, 17. Segundo este autor, o carácter aberto do léxico, a sua mutabilidade semântica e estilística, a derivação e a composição não permitem estudar este domínio sem dificuldades.



Por essa razão, numa primeira fase, o nosso inquérito linguístico foi aplicado somente no concelho de Marvão e, numa fase posterior, nas várias aldeias da raia espanhola que fazem fronteira com este município, pois só alargando a investigação para solo espanhol foi possível compreender a continuidade e/ou perda do domínio lexical por parte dos falantes para além da fronteira política, bem como perceber como esse domínio se distribui pelas diversas camadas etárias nos dois espaços físicos.

No léxico recolhido, que aqui apresentamos sob a forma de glossário, importa distinguir duas situações distintas:

- léxico comum a outras regiões e à norma, mas alterado por fenómenos fonético-fonológicos, morfológicos e semânticos;
- léxico característico da região, que não se encontra registado.

Para conseguirmos apurar quais os regionalismos de Marvão, que vocábulos/expressões não estavam ainda registados e/ou que alterações se verificam relativamente à norma, como já referimos na Metodologia, confrontámos a nossa recolha essencialmente com três dicionários de referência, nomeadamente, o *Dicionário do Português Atual Houaiss* (D.H.), o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (D.C.F.) e o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências (D.A.C.)<sup>184</sup>. Sempre que nos deparamos com vocábulos/expressões que não constavam em nenhum dos três dicionários anteriormente referidos, confrontámos essas entradas com o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Moraes e Silva<sup>185</sup>.

Ao optarmos por estas obras, temos consciência de que muitas fontes importantes ficaram por consultar, mas a vasta recolha que possuímos impossibilita-nos de proceder a um confronto mais exaustivo.

Na verdade, constitui o nosso objetivo principal recolher e apresentar léxico que não se encontra nos dicionários de referência e que futuramente possa ser dicionarizado enquanto regionalismo da raia do Nordeste Alentejano, mais concretamente, da raia de Marvão/ Valência de Alcántara.

---

<sup>184</sup> VILLAR, 2011 (D.H.), FIGUEIREDO, 1996 (D.C.F.) e CASTELEIRO, 2001 (D.A.C.).

<sup>185</sup> SILVA, 1948.

### 3.1. Plano fonético-fonológico

No plano fonético-fonológico, as características registadas produzem alterações de forma mais ou menos significativas. Ainda assim, na maior parte dos casos é possível estabelecer a relação com os vocábulos na sua forma normal, como se pode constatar pelos seguintes exemplos:

Supressão – (a)rotar, (g)engive, far(t)um, hern(i)a, al(gui)dar, f(u)runc(ul)o, aluge(r).

Inserção – alacrau, acincho, marçela, megalhero, nol, pão-de-lor.

Metátese – framácia, paito, flimar, úrcela, oido.

Assimilação<sup>186</sup> - mintira, farramenta, nuviero, dantada, padaço, jambujo;

Palatalização<sup>187</sup> - sandalha, família, harmonho, manha, bureco, canaviel, jé;

Nasalização – menza, prum, javalim, constrol.

Dissimilação - imbulança, arrençar, engina, gamo, friolento, almagazar.

Desnasalização – coraja, varja, sóto, orégos, pastaja.

### 3.2. Plano morfossintático

Também no domínio da morfossintaxe muitas são as características que distinguem este falar da norma; contudo, aqui centrar-nos-emos somente naqueles que consideramos mais significativos, na morfologia nominal e verbal.

#### 3.2.1. Morfologia Nominal

Quanto à **variação em número**, em Marvão, nos vocábulos terminados em lateral alveolar, em vez da terminação –is (exemplo: espanhóis, anuais), verifica-se a manutenção do -l- intervocálico, no plural, seguindo-se a terminação regular –es, como por exemplo: espanhol/ espanholes, azul/ azules, anual/ anuales, anel/aneles, barril/barriles. Se no espaço físico português se verifica uma forte tendência para este tipo de formação do plural; no espaço político espanhol, ele generaliza-se, por analogia com o castelhano.

Também os vocábulos terminados em ditongo nasal evidenciam nesta região uma diferente formação do plural, associada ao fenómeno da monotongação, como se pode verificar em:

---

<sup>186</sup> Fenómeno muito frequente no Falar de Marvão, sendo a assimilação entre vogais mais comum do que entre consoantes.

<sup>187</sup> A palatalização de [a] tónico para [ɛ] constitui uma das características do falar de Castelo Branco e Portalegre. Cfr. CINTRA, 1995: 156.

- patrão/ patrons, chafurdão/ chafurdons, constipação/ constipações;
- escorpíem/ escorpions, excursẽum/ excursõs, letẽum/ letõs;
- cão/ cães ou cãs, pão/ pães ou pãs (a segunda forma está em vias de desaparecer, pois só é usada na aldeia da Escusa e por poucos idosos).

Relacionados com a variação em número, são de destacar ainda alguns **nomes coletivos** que se afastam da norma, nomeadamente:

- raposaria (conjunto de raposas);
- silval (conjunto de silvas);
- vergueral (conjunto de castanheiros novos).

No que diz respeito à **variação em género**, alguns vocábulos apresentam também alterações relativamente à língua padrão:

- o alcinho (a alcinha), o bíbaro (a víbora), o teto (a teta), o tropeço (a tripeça), o popo ( a poupa), o suíço ( a suíça), o mogango (a moganga), o nascente (a nascente), o ralo (a rala), o zunedero (a zunideira);
- a contrata ( o contrato), a espinafra (o espinafre), a medronhera (o medronheiro), a risa (o riso), a afogadora (o afogador), a pedrerinha (o pedreirinho), a surbeca (o surrobeco).

Quanto à classe do **adjetivo** e à sua **variação em grau**, não podemos deixar de chamar a atenção para a forma original como neste falar se expressa a superlativação. Para além das construções comuns à norma e do uso de aumentativos e diminutivos, nesta zona de raia recorre-se frequentemente a expressões idiomáticas:

- “Ser com'a mantega em focinho de cão” (ser muito rápido, célere);
- “Ser más arreganhado qu'um cão de caça” (expressão que se utiliza quando alguém é muito friorento);
- “Ser más calado c'o tocinho assado”;
- “Ser más do qu' as benditas almas” (expressão utilizada para designar uma grande quantidade);
- “Ser c'm'ós burros de Borba, que, quando descansam, acarretam água” (nunca estar parado);
- “Levar porrada de três em pipa” (levar muita porrada);
- “Passar fome d' arroba” (passar muita fome);

“Nã morrer de cornada de grilo” (expressão utilizada quando nos reportamos a alguém que é muito cauteloso);

“Bater a sota” (fazer algo melhor que todos e mais depressa).

Na classe dos **pronomes**, verificam-se essencialmente alterações motivadas por fenómenos fonético-fonológicos.

Para além disso, é de destacar, somente nos falantes mais idosos, o uso dos pronomes demonstrativos “aquesse(s), aquessa(s)” (em vez de “esse(s), essa(s)”) e “aqueste(s), aquesta(s)” (em vez de “este(s), esta(s)”).

A classe dos **advérbios**, ainda que invariável, no Falar de Marvão apresenta uma grande abundância e originalidade, destacando-se o grande número de **locuções adverbiais de modo**:

“à torna baldia” – desordenadamente;

“a unhas” – à pressa;

“à boca chea” – sem medo;

“à faianca” – de forma desengonçada;

“em ala” – em alvoroço;

“a troco de pontapé” – à força, sob o efeito de violência física.

### 3.2.2. Morfologia Verbal

Na classe verbal, começamos por salientar a frequente **mutação da vogal temática** nos verbos de tema em –a (sobretudo para –e, mas também para –i) em diversos tempos verbais, designadamente, no Infinitivo, no Presente, Pretéritos Perfeito, Imperfeito e Mais-que-Perfeito do Indicativo, bem como no Pretérito Imperfeito e no Futuro do Conjuntivo:

“Elem andem munto cansados.”;

“Anderem toda a nôte d’alevante, agora inda dormim.”;

“Dantes smiévimos munto, agora jé não.”;

“Se nã andesses coxo, desafieva-te p’a festa.”;

“Se carregaram tudo hoje, amanhã tã de folga.”.

Indo ao encontro do que é comum na linguagem popular portuguesa, no Falar de Marvão surgem diversos verbos que admitem **conjugação reflexa**, como por exemplo: “dormir-se, levar-se, descer-se”.

Por fim, salientamos a prática frequente de **substituir os verbos por expressões idiomáticas**, da qual apresentamos aqui alguns exemplos:

“fazer cera” – vadiar;

“ir pó penico” – estragar-se;

“fazer flor” - gabar-se;

“coçar os carraços” – bater;

“dar lenha” – ralhar, chamar a atenção;

“dar de corpo” – defecar.

### 3.2.3. Processos de criação, renovação e enriquecimento do léxico

Embora em trabalhos anteriores<sup>188</sup> já tenhamos abordado alguns processos de ampliação do léxico, não poderíamos deixar de referir aqui os que consideramos mais relevantes para o enriquecimento e originalidade do vocabulário do falar raiano de Marvão.

#### 3.2.3.1. Derivação (com adição de constituintes morfológicos)

São muitas as formas base às quais foram adicionados afixos, originando assim novas palavras. Estas são derivadas por prefixação, sufixação e parassíntese.

##### Prefixação

No domínio da prefixação, por vezes verificam-se diferenças relativamente à norma, motivadas por alterações de cariz fonético-fonológico e, noutros casos, pelo uso de prefixos de forma original, gerando vocábulos que não se encontram registados nos três dicionários de referência que consultámos.

- a- muito frequente e funciona como um prefixo nulo, pois não altera o significado das bases a que se junta: alampião, afunda, alinterna, aloja, ametade, anespra, aquebrantado, arracha, arresora;

---

<sup>188</sup> Cfr. SIMÃO, 2011: 181 – 190.

No verbo “atentar” (persistir, tentar várias vezes), surge com o sentido de reforço.

**des-** - negação, sentido oposto: desinsistir;

- prefixo nulo: desmorecer, desfolar, desmoer, destocar.

- Em “descontravontade”, funciona como um reforço de uma negação já existente na norma<sup>189</sup>.

**en- /em-** usado com vários sentidos:

- posicionamento: enfisgar.

- prefixo nulo: empenhorar, empiscar, encanaleizador.

**es-** surge como reforço do sentido ou sendo nulo:

- esvoltar;

- esbalancear, esglusier, escravela, escabecear.

**in-** prefixo nulo: intrebicar, invecẽum.

### **Sufixação**

No âmbito dos sufixos, são frequentes os aumentativos e os diminutivos; contudo, diversos vocábulos também exemplificam a existência de sufixos de nominalização, adjetivação e verbalização:

**-acha, o**<sup>190</sup> – juventude: lebracha.

**-aço** – resultado da ação: lamaço, cagaço.

**-ado, a**<sup>191</sup> – bastante frequente neste falar e associado a diversos sentidos:

- conjunto, ajuntamento, quantidade: estrangezada, fatada, caquerada, cachepada, maçarocada, ovelhada, silvado;

- ação e seu resultado, aliada à noção de intensidade: acarrado, agarrado, carregado, balharada, arrojada, aguarrechada, chocalhada, gaspachada, enganada, sulterada, larachada, vicionado, amanhado, ferrado, mandados;

- produto alimentar, bebida: garrafada, palhada, pingada.

**-aja** – resultante da alteração fonética de –agem, surge frequentemente associado à ideia de local, embora também exista com outros sentidos:

- pastaja, passaja, paraja, moaja;

---

<sup>189</sup> Cfr. BATISTA, 1967: 132. Na obra sobre o falar da Escusa, surge também o vocábulo “desinfeliz”.

<sup>190</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1987: 119. O autor considera este sufixo típico do Alentejo.

<sup>191</sup> Muitas vezes, este sufixo surge alterado foneticamente, mas com estas aceções, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

- buchada, estrangezada, pedrisqueda, poereda;

- testereda.

- bobraja, gaiataja.
- al**<sup>192</sup> – conjunto, abundância: andaval, avial, azinhal, canchal, catarral, fejoal, lamaçal, penheral, repolhale, sobrerel, vergueral.
- ana** – aumentativo: bubetana, bonachana.
- ão** – surge essencialmente associado à ideia de grandeza, embora também possa sugerir um valor depreciativo:
  - argolão, basbalhão, bugalhão, covão, castanhão, camadão, canadão, engadanhão, esquilão, estragadão, fortalhão, gaiatão, lapão, lindão, mentrosão, padrastão, pardelhão, tanganhão;
  - galinhão.
- **ẽum** – sendo uma alteração fonética do sufixo –ão, também surge associado ao aumentativo:
  - balcerẽum, narezẽum, gulẽum.
- aria** – apresenta dois sentidos:
  - ajuntamento, abundância: chancalharia, raposaria, ganharia;
- ção** – indica a ação e o resultado dessa ação: bailação, ingustiação, dexação, enforcação, mangação, sameação.
- ejo** – tanto pode ser nulo, como indicar o local onde se pega: anemalejo, alemalejo ou rabanejo.
- enho, a** – designa a origem: safrenho, berenho, cidadenho.
- ento, a** – surge com dois sentidos distintos:
  - qualidade ou tendência: asquento, besganhentó, friolento, vasquento;
  - resultado da ação: cozimento, destraimento, descorrimento, intendimento.
- ar/ er** – por se tratar de um sufixo verbal, é muito comum. Por vezes, a vogal surge alterada em virtude das especificidades fonético-fonológicas deste falar:
  - amanhar, amegar-se, apupar, arrochar, balear, bodegar;
  - agorer, baleer, bracejer, embrulher-se, ordenher, rabesquer.
- ero, a** – motivado pela monotongação que caracteriza todos os falares a sul do Tejo, este é um dos sufixos mais frequentes e assume diversos sentidos:
  - local: borraralhera, gatera, mosquero, secadero;
  - utensílio ou agente: aguadera, cavadera, bracara, chamadera, chocolatera, mãzera, ordenhadera, cornera, estanhera, mangoera, panelero, portera, roçadera;

---

<sup>192</sup> De notar que este sufixo muitas vezes é substituído pelo –el, motivado pelas alterações no vocalismo tónico que se verificam neste falar. Por exemplo: sobrerel, acaletrel.

- profissão ou ocupação: calero, gatero, sachenero, jornalero, cravenero;
  - qualidade/característica: segundera, chorecero, cachopero, durera, galhofero, farolero, friolero, galenhero, braselero, navalhero, putanhero, trogalhero, tornero, televisionero, sapatera;
  - plantas: parrera, cravalhera, caraptero, malvera, abobrerá;
  - conjunto: carrasquera, cantarera, gavelero;
  - grandeza ou quantidade: lajoera, faladero, estrequera;
  - pequenez: regatera.
- eta** – pequenez: calceta, mejeta, banqueta, lagareta, livreta.
- ice** – qualidade ou estado: galderice, juderice, pesquice, trogalhice, gavolice.
- iço, a** – qualidade ou estado: abaladiça, malhadiço, premeriça, interiço.
- inho, a** – diminutivo: borreguinhas/os, cacharrinho, pardalinho, passarinho, pataquinhos, cajadinha, calcinha, doradinha, quartinho, sumerinho, anjinho, azadinho, bejinho, curralinho, faguerinho, manerinho.
- ito, a**<sup>193</sup> – diminutivo: coquito, galapito, caçapito, cachopito, furãzito, gramito, rodelita, canito, zetonita.
- lhão/ona** – sentido depreciativo, associado também a tamanho desmesurado: amegalhona, zangalhona, cabralhona, fortalhão.
- ona** – aumentativo e depreciativo: tragona, dromenhona, gaiatona, rabona, raparegona, marrãzona, alcoveterona, zagalona.
- orro, a** – este sufixo é usado essencialmente com sentido aumentativo, mas também surge a designar um estado:
- calhaborro, macetorra, begotorro, cabeçorra, pedaçorro, batatorra, pezorro;
  - machorra.
- oso, osa** – abundância e estado: vasculhoso, venanoso, contaminoso, gastoso, ditoso, mintroso, langanhoso, andamoso, peganhoso, ranhoso, tramposo.
- ote, ota** – normalmente surge associado ao diminutivo, mas também pode indicar quantidade:
- camisote, guezota, lajeota, escoalhota;
  - penhota.
- udo, a** – para além do valor de aumentativo, comporta um sentido depreciativo: cabeçudo, cornudo, errudo, calduda, mamalhuda, narezudo, navalhudo, rabuda.

---

<sup>193</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1987: 120.



**-ura** – ação ou resultado da ação: lavadura, fintadura, lonjura, pisadura, quebradura, cobradura, farturas, amassadura.

O processo de derivação por sufixação é tão frequente que alguns vocábulos chegam a apresentar dois sufixos, como forma de reforço: covancherona, pelachinho, borralherada, canetelho, lebranchão, lebrachozinho, galarozêum.

### **Parassíntese**

A derivação é um processo muito frequente no Falar de Marvão; há diversos vocábulos em que se verifica um acréscimo simultâneo de um prefixo e de um sufixo à forma base, sem que esta faça sentido só com um deles.

Atendendo à abundância de exemplos que integram o glossário, apresentamos aqui apenas alguns, pertencendo estes sobretudo às classes do adjetivo e do verbo:

- arremangado, ensamarrado, ensapado, assovacado, alajeado, acanaviado, escalmurrado, emaluquedo, emborregado, empaneado, encodornado, enverdisquedo, entripal, embezerrado, desorfado, desorfanado, impedrado, empatalosado, enlarosado, enquebrantado, encorcovado;

- escornejar, afagulhar, escaquerar, esvoltenher, emachorrar, endromenhar-se, embocar, encantenhar-se, apernar, desapernar, arrelvar, desabanderar, desensamarrar, escarapelar.

### **3.2.3.2. Composição**

No âmbito da composição, verifica-se um predomínio da morfossintática, da qual apresentamos aqui uma pequena amostra:

- arencu (pirilampo), fura-pastos (tipo de réptil), erva-limão (lúcia-lima), arco-da-velha (arco-íris), cão de gaveta (dívida), corre-corre (tipo de réptil; tipo de planta trepadeira), cove-porquera (couve brava), cavalo-rincheum (tipo de pássaro), feguera-do-Inferno (tipo de erva daninha), moço-de-letras (o que sabe ler e escrever), nol-da-graganta/nol-da-sopa (maçã-de-adão), pão-de-ralo (tipo de pão), cravo-dos-mortos (tipo de flor).

### 3.2.3.3. Outros processos de enriquecimento do léxico: empréstimo

Debruçamo-nos aqui somente sobre o empréstimo, uma vez que não registámos outros processos em número significativo.

Na nossa recolha deparámo-nos com diversos vocábulos de origem árabe, bem como outros de origem castelhana. Tal situação era expectável, já que se trata de um falar de raia do Alentejo e, como foi evidenciado no capítulo referente à caracterização do espaço geográfico<sup>194</sup>, se sabe que, por um lado, a civilização árabe deixou marcas significativas nesta região e, por outro, há um contacto frequente com os falares da Extremadura espanhola. Assim, exploramos aqui apenas essas duas influências.

#### Arabismos

Os mais de cinco séculos de domínio árabe na zona portuguesa da Península Ibérica, o estreito contacto com a cultura árabe aquando do período dos descobrimentos e as várias influências recebidas por intermédio de outras línguas (processo que ainda continua) contribuiram para uma forte influência do árabe na língua portuguesa.

No caso concreto do território que atualmente constitui o concelho de Marvão e a sua raia, como já foi referido anteriormente, a presença da cultura árabe foi marcante no desenvolvimento do povoamento da região, a começar pelo fundador de Marvão – o muladi Ibn Maruán<sup>195</sup>. Esta presença deixou marcas na cultura dos marvanenses em geral, na toponímia e em diversos aspetos do seu falar, verificando-se que as múltiplas mudanças introduzidas pelos mouros, no período de domínio árabe da Península, proporcionaram a aprendizagem de novas palavras para designar produtos e processos inovadores.

Ao nível da toponímia<sup>196</sup>, nomes como Abegoa, Asseiceira<sup>197</sup>, Aldeia, Alvarrões, Aramenha, Azenha Branca, Azenha dos Canchos, Cabeço de Mouro, Cancho da Aldeia, Marvão, Laginha, *Ranginha*<sup>198</sup>, Relva da Moura, Safra Alta, Tapada de Mouro, Vale do Alcaide dão conta, ainda hoje,

---

<sup>194</sup> Cfr. capítulo 2 do presente trabalho.

<sup>195</sup> A explicação deste topónimo varia bastante. Segundo SOUSA, 2004: 154, o nome do destemido mouro que tão conhecido ficou pela sua bravura e pelas múltiplas batalhas que travou – Maruan - significa “suave, agradável”. Já ALVES, 2013: 629 indica que o antropónimo Maruan provém do nome comum que designa “sílex”, considerando que o antropónimo alude à firmeza da rocha. O autor acrescenta ainda que “os Banû Marwân foram uma importante linhagem, de marcado protagonismo na hist. do Alandalus e do mundo muçulmano, em geral”.

<sup>196</sup> O estudo da toponímia do concelho de Marvão será alvo de futuros estudos; aqui apenas se apresentam algumas curiosidades sobre a influência do árabe neste domínio.

<sup>197</sup> Em árabe, significa “o domínio, o governo (de uma região)”.

<sup>198</sup> Poderá derivar do topónimo de origem árabe “Arranginha”, que significa “a refém, o penhor, a fiança”.

dessa influência. Também o topónimo da localidade Valência de Alcântara tem origem árabe, mais propriamente, o segundo termo, que significa “a ponte”.

Para além dos muitos arabismos que integram a norma e se encontram dicionarizados, fazem parte do falar raiano de Marvão diversos vocábulos/expressões que, com o uso, foram sofrendo algumas alterações fonéticas e outros que, pelas suas semelhanças com alguns já dicionarizados, nos parecem ter a mesma origem. Nestes casos, não sendo possível ter certezas relativamente à sua origem, indicamo-los em itálico<sup>199</sup>.

Os arabismos presentes no falar de Marvão pertencem a diversos campos léxico-semânticos:

**Terra** – abobrado, almofariz<sup>200</sup>, arrife, baldio, barrero, barroca, barroco, *canchal*<sup>201</sup>, capa, caramoço, chaboco, *chabarco*<sup>202</sup>, charca, laja, *lajeota*, *lajoera*<sup>203</sup>, losinha, marja, pecerra, safra, talefo, talhão, varja<sup>204</sup>, varjola;

**Agricultura** – abogão, alcacero, alcatruz, aldrave, alforjo, argolão, aljaroz, arjorge/ arjoze, almieda/amieda, alqueve, atalhar, baldeer, baraço, camisa, desbanderar, desabandear, embelgar<sup>205</sup>, fardo, *fatada*<sup>206</sup>, ganharia, garfo, gavela, *gavelar*, *gavelero*<sup>207</sup>, guia, lambique/lembique/limbico, lera, machoca, *mexil*<sup>208</sup>, samarra, talegada, talego, talicão, teró, tirente, tondo<sup>209</sup>;

**Animais** - acarro, acarrado, arvela, alacrau, alecrenço, alfaiate, alfera<sup>210</sup>, *amancornar*, *amancornado*<sup>211</sup>, assario, bacro, badana, bardo, *bodegar*<sup>212</sup>, borracho, caçapo, caganita, carracero, carrapata, chibato, desgarrado, escornejar, farropo/farropa, farum,

---

<sup>199</sup> A fim de comprovar a origem árabe dos vocábulos apresentados, baseámo-nos em diversos artigos (indicados na bibliografia final) e consultámos essencialmente o *Dicionário Houaiss*, na sua rubrica de etimologia, bem como SOUSA: 2004, MACHADO: 1991, VARGENS: 1999 e ALVES: 2013. Ao fazer essa análise, deparámo-nos com opiniões diversas, pelo que, quando tal se verificou, optámos por seguir a obra mais recente e mais desenvolvida, nomeadamente ALVES: 2013. De referir que este último autor justificou a maior abrangência da sua obra (18073 entradas) pela inclusão no seu dicionário de palavras “cujo étimo árabe nos chegou por intermediação de outras línguas, e ainda aquelas cujo étimo foi introduzido através do árabe embora a sua origem remonte a étimos como o persa, o turco, o hindí, o grego ou o latim.” Acrescentou ainda que “contempla quer as palavras ditas primitivas (...) quer as derivadas, ou seja, as que nasceram a partir daquelas, por força do processo formativo intrarromânico antigo, ou já no português moderno.” Cfr. ALVES, 2013, 35.

<sup>200</sup> De notar que este vocábulo é aqui usado com o seu sentido original – campo. Já no português padrão, o termo está sempre associado a um recipiente para esmagar algo.

<sup>201</sup> Derivação de “alcanchal” – caminho difícil, com mau piso ou intransitável.

<sup>202</sup> Por analogia com “chabouco”.

<sup>203</sup> Derivações de “lage”.

<sup>204</sup> Deturpação de “várzea”.

<sup>205</sup> Deturpação de “abelgar” e derivado de “belga”.

<sup>206</sup> Por analogia com “fato”- conjunto de haveres, bagagem.

<sup>207</sup> Derivações de “gavela”.

<sup>208</sup> Por analogia com “manchil” –foice para segar.

<sup>209</sup> Por analogia com “toldo”.

<sup>210</sup> De notar que a palavra árabe “alfeira/alfeire” tem uma aceção diferente, significando “ovelha que já pariu, reprodutora”.

<sup>211</sup> Por analogia com “acornar” e “acornado”- que se acornou, atingido ou ferido pelos cornos

<sup>212</sup> Derivação de “bode”.

*focinhar*<sup>213</sup>, forra, golado, graveto, gusano, javardo, malata, manjedôria, manjengra, marafim, masserão, *pardala*<sup>214</sup>, pequenço, reclamo, salamanca, salamantega, sarda, uvar;

**Plantas** - abroita, alface, alperque, *alquemira*<sup>215</sup>, (sabola) alvarrã, arrudão, azenhale, beldoega, boleta, *carrapiço*<sup>216</sup>, carumba, cecém, celga, cerzelêum<sup>217</sup>, cornicho, espinafra, jambujero<sup>218</sup>, jambujo, labacinha, manjarico, manjarona, medronhera, moguingo, palanco, parrera, saragaço, tanjarnera, tinjarina, xara, zetona;

**Objetos** – acincho, *alcandorno*<sup>219</sup>, albarba, aldar/ alder, aldrave, argália, *albarba*<sup>220</sup>, almofadilha, alpargata/ alpragaita, amentolia, arrocho, barreguero, *cacharrinho*<sup>221</sup>, calece, caço, caçola, caquerada, caquero, *charilha*, *charelheda*, chupa, cocharra, cocharrão, enxeval, escoalho<sup>222</sup>, faca, gadanho, gafetera, guilho, guitarra, mocho, pindero, quinquelharia, safra, tarimba, zagaia, zabumba, *zangarro*<sup>223</sup>;

**Profissões** - almocreve, balfurnhero<sup>224</sup>, cefador, ganhão, gatero, *marchante*<sup>225</sup>, zagal/ zagalo;

**Habitação urbana e rural** – *almaçana*, almenzém, arracha, arrachadela, arrebena, bugio, buraca, cantarera, *chafurdão*<sup>226</sup>, choça, forno de poia, frísio, gatera, gruta, lagareta, paito, pial, secadero<sup>227</sup>, tarimba;

**Medidas** - arroba, meio-alquere, meio-arrate, salaminim;

**Alimentação** – abaladiça, açúcar, alco, amassadura, amêxoia, atabefe, barranhão, bejinho, borregos, cacho, chorecero, envacada<sup>228</sup>, garrafada, gaspachada, gravanço, matar o bicho, mexorfada, pechego, pindura, pilada, quemo, talhada, talhar-se, *xaramango*, *zambana*, *zangalhana*;

---

<sup>213</sup> Derivado de “afocinhar”.

<sup>214</sup> Por analogia com “pardaleja” ou “pardoca”.

<sup>215</sup> Por analogia com “alquemila”.

<sup>216</sup> Por analogia com “carraça” (que se agarra) e “carrapato”.

<sup>217</sup> Alteração de “cizirão” – ervilhaca, planta leguminosa.

<sup>218</sup> Alteração de “zambujeiro”.

<sup>219</sup> Por analogia com “alcândora”- poleiro para aves de rapina.

<sup>220</sup> Por analogia com “albarca” – caçado de couro/ “abarca”- sandália sujeita ao pé.

<sup>221</sup> Por analogia com “cocharro” e “cocharrinho” – invólucro.

<sup>222</sup> Alteração de “chocalho”.

<sup>223</sup> Por analogia com “zangarrear” (zumbir como zangão) e “zanguizarra” (toque ou som estridente e contínuo, ruído).

<sup>224</sup> Alteração de “bufarinheiro”.

<sup>225</sup> Por analogia com “marcha” e “marchar”.

<sup>226</sup> Por analogia com “chafurda” – chiqueiro.

<sup>227</sup> Alteração de “secador”.

<sup>228</sup> Alteração de “avacado”.

**Corpo humano e aspeto físico** – alborrónias<sup>229</sup>, algañaça, avantajada, barrelero, *barreguencha*<sup>230</sup>, bicanca<sup>231</sup>, caganera, caguero, calmerão, comesote, camisa, catarral, catarrera, chanca, embaraçada, *embesunhentado*<sup>232</sup>, *encorcolado*<sup>233</sup>, encorcovado<sup>234</sup>, engorgojado<sup>235</sup>, enfeter, enjorcado<sup>236</sup>, escaquerado, farrapa, fatexa, *fortalhão*<sup>237</sup>, fraldesquero, franginha, gadelha, gorgomilo, guita, langanhoso, pecareta, peda, (em) plota, ramela, ranhoso, rata, safons, talegas, xarifa, *xarifário*<sup>238</sup>, *zangalhão*<sup>239</sup>, zarolho;

**Comportamentos e atitudes** – abalar, abandalhado, açular, agarrado, ajojado, *alacar*<sup>240</sup>, alarido, *albolaia*, alcovetera, aldruga<sup>241</sup>, almanaque, *almariado*<sup>242</sup>, *alvadio*<sup>243</sup>, *algravitar-se*<sup>244</sup>, arreganhar, arrematar, arriar (o calhau), arrochada, arrochar, arrufo, *atafina*<sup>245</sup>, *atarear/ atalear*<sup>246</sup>, ataviar-se, ategar, *aziedo*<sup>247</sup>, bacharel, beldroquero<sup>248</sup>, borracho, bufo, cachopero, cagaço, cagarolas, cagufe, *chaguera*<sup>249</sup>, *cabaço*<sup>250</sup>, chancada, chiba, chibar, cobarde, cornudo, debalde, *desalvorir*<sup>251</sup>, desnortear, embalde, *embeçado*<sup>252</sup>, *encalacrado*<sup>253</sup>, encemer, enfadonher, engadanhado, engadanhão, engadanhido<sup>254</sup>, enganada, enraiviar-se, entarocado, *enxalamardear-se*, enxofrado, enxotar, *esbalfurnhar*<sup>255</sup>, *escalmurado*<sup>256</sup>, *estramposo*<sup>257</sup>, faguerinho, farolero, fona<sup>258</sup>,

---

<sup>229</sup> Deturpação de “almorródia”.

<sup>230</sup> Por analogia com “barriganha” e “barrigudo”.

<sup>231</sup> Alteração de “picanca”.

<sup>232</sup> Derivação de “bisonho”.

<sup>233</sup> Derivação de “caracolado”.

<sup>234</sup> Alteração de “alcorcovado”.

<sup>235</sup> Alteração de “engurujado”.

<sup>236</sup> Alteração de “ajorcado”.

<sup>237</sup> Derivação de “forte”.

<sup>238</sup> Derivação de “xarifa”.

<sup>239</sup> Derivação de “zangalho” – indivíduo alto e enredado; desajeitado.

<sup>240</sup> ALVES, 2013 regista “alacado”, mas com outra aceção.

<sup>241</sup> Deturpação de “aldruba” – aldrabão, mentiroso.

<sup>242</sup> Por analogia com “almareado” – estonteado, nauseado.

<sup>243</sup> ALVES, 2013 regista este vocábulo como topónimo, com o sentido de “terra deserta”.

<sup>244</sup> Por analogia com “algariar-se” – alvoraçar-se, perturbar-se.

<sup>245</sup> Por analogia com “adafina” - coisa oculta/sarrabulho.

<sup>246</sup> Alteração de “atalaiar” – vigiar, estar de sentinela ou de sobreaviso.

<sup>247</sup> Por analogia com “azar” e “azarado”.

<sup>248</sup> Alteração de “baldroqueiro”, “baldroegueiro”.

<sup>249</sup> Por analogia com “achaqueira” - com mal-estar, com maleitas.

<sup>250</sup> Com alteração semântica (virgindade).

<sup>251</sup> Por analogia com “alvoriço” e “alvoroço” – agitação sobressalto, motim.

<sup>252</sup> Derivação de “beição”.

<sup>253</sup> Derivação de “calacre” – dívida.

<sup>254</sup> Alteração de “engadanhado”.

<sup>255</sup> Por analogia com “bufarinheiro”.

<sup>256</sup> Derivação de “calma” – calor do sol.

<sup>257</sup> Por analogia com “tramposo” – aldrabão, vigarista, imundo, nojento.

<sup>258</sup> Também presente na expressão “andar numa fona”.

forrar, galdéria, galderice, galhofero, garganero, gasganhada, *gastoso*<sup>259</sup>, gavado, gavolas, gavolice, gula, gulêum, lapada, *latagada*<sup>260</sup>, magana, mangar, *mangação*<sup>261</sup>, marafona, *marzoguena*<sup>262</sup>, papa-açorda, peganhoso, pegar, pléria, *putanhero*<sup>263</sup>, ramboia, rebaldaria, tarrafia, toreda, trampa, tramposo, velheco, xarero, xarepa, *xerpa*, *zagalona*<sup>264</sup>, zaragatear, zorro, zumbar<sup>265</sup>, *zunicar*;

**Diversos** – alcunha/alcunho, alguero, aljabera, anexim, *arjur*, arraia, arrufar, bedelho, cachepada, cachopo, cagaita, caraiva<sup>266</sup>, chamburrada<sup>267</sup>, chocalhada, debalde, denguice, desagarrar, deslindado, desmasia, embalde, *emborregado*<sup>268</sup>, enxeval, *escalmurra*<sup>269</sup>, esbarrandar, escorva, esnocar, fanega, *fanforrenhar*<sup>270</sup>, farturas, fuleno, golado<sup>271</sup>, herdança, lagarice, langanha, *lulão*<sup>272</sup>, maçarocada, marafim, *moçaterona*<sup>273</sup>, muçole, morrinha, *pataquinhos*<sup>274</sup>, reclame, safrenho, surbeca, vereda, zunedero<sup>275</sup>.

De notar que, como se pode verificar no glossário que encerra este capítulo, uma boa parte dos arabismos que aqui coligimos não se encontra registada nos três dicionários de referência. Outros há, ainda que em menor número, que surgem registados como regionalismos<sup>276</sup>.

### Castelhanismos<sup>277</sup>

Tratando-se de um falar de raia, a forte influência do castelhano era previsível, todavia, não podemos esquecer que a fronteira linguística estende-se para além da fronteira política e, em solo espanhol, continua a falar-se português, na variedade “raiano”, que mais não é que o prolongamento

---

<sup>259</sup> Por analogia com “gastador”.

<sup>260</sup> Por analogia com “latagão”.

<sup>261</sup> Derivação de “mangar”.

<sup>262</sup> Por analogia com “marzagani” (cavaleiro árabe) e “marzoco” (bobo, bufão).

<sup>263</sup> Derivação de “puta”.

<sup>264</sup> Por analogia com “zagal” e “zagala”.

<sup>265</sup> Com alteração semântica.

<sup>266</sup> Alteração de “carava” – companhia, conversa, súcia.

<sup>267</sup> Alteração de “zamborrada” – bâtega forte e súbita de chuva; muita quantidade.

<sup>268</sup> Por analogia com “aborregado”.

<sup>269</sup> Derivação de “calma” – calor do sol.

<sup>270</sup> Por analogia com “fanfarra”.

<sup>271</sup> Deturpação de “gorado”.

<sup>272</sup> Por analogia com “aleiloar” - leiloar

<sup>273</sup> Derivação de “moça”.

<sup>274</sup> Derivação de “pataco”.

<sup>275</sup> Alteração de “zumbido”.

<sup>276</sup> Cfr. subcapítulo sobre os regionalismos.

<sup>277</sup> A seleção destes vocábulos como exemplos de castelhanismos teve por base o *Dicionário Houaiss*, na sua rubrica de etimologia. Contudo, alguns vocábulos não se encontram aí dicionarizados, ou por somente integrarem a língua castelhana ou por resultarem de uma mistura entre o português e o castelhano, o que surge com frequência nas zonas de raia.

do Falar de Marvão, ainda que com mais interferência do castelhano. De notar que o termo “raiano” é sobretudo usado em solo espanhol, sempre que se designa a variedade linguística usada na raia. Segundo os nossos informantes, não falam português nem espanhol, mas sim “raiano”, o que é comum, por exemplo, aos falantes do barranquenho, em território português. Todos têm consciência de que esta variedade, por eles assimilada desde criança, se afasta das duas normas, especialmente da espanhola, a qual alguns tiveram de aprender aquando da entrada para o ensino primário e outros só oralmente a sabem.

De notar ainda que os marvanenses sempre se esforçaram por falar espanhol (ou melhor dizendo “portunhol”<sup>278</sup>) quando convivem com os vizinhos de Valência, tendo assim bastante bem definido o que pertence a uma e a outra língua. Nas aldeias portuguesas que se localizam na linha de fronteira, aquando da aplicação dos inquéritos linguísticos, muitas vezes nos perguntaram se queríamos a versão em português ou em espanhol, o que revela bem o bilinguismo típico destes falantes.

Em solo valenciano, verifica-se uma maior interferência da norma espanhola, surgindo nas conversas em português (ou “raiano”) muito mais formas do castelhano.

Sendo assim, optámos por apresentar aqui somente os exemplos de vocábulos que surgiram nas aldeias portuguesas e espanholas. Para além disso, algumas palavras que regularmente associamos ao castelhano (como por exemplo, “embaraçada”, “gravanço” ou “gaspacho”) e nos aparecem nos dicionários de referência que consultámos como oriundos dessa língua, são, afinal, de origem árabe, embora tenham entrado no Português através do Castelhanao.

Estes castelhanismos são essencialmente nomes, surgindo também alguns adjetivos, verbos e expressões idiomáticas:

- anilha, bofe, boinente, bolandero<sup>279</sup>, cardilho, capacho, carrucha, cino, fundilhos, garrancho, gravato, grulha, ince, joanete, lavadurina, linchuguilha, malentio/ marantio<sup>280</sup>, melhiço, olha, passilho, pelota, peseta, ponilha, puchero, quartilha, retoça, risa, saragoça, sustém<sup>281</sup>, techote, tinau, tramoia, troxas;

- encelado, garanhão, manilha;

- agachar, andar à morena<sup>282</sup>, andar em celo, sajunar.

---

<sup>278</sup> Mistura de Português e Espanhol, muito usada em regiões de fronteira.

<sup>279</sup> Deturpação de “volandero”.

<sup>280</sup> Por analogia com “manantial” – fonte.

<sup>281</sup> Alteração de “sostem”.

<sup>282</sup> Por analogia com “armar la mari morena”.

### 3.3. Plano semântico

A par das alterações fonético-fonológicas e morfossintáticas, regista-se um elevado número de alteações semânticas. Muitas vezes, o vocábulo encontra-se registado nos dicionários de referência por nós consultados, mas surge em Marvão com outra aceção. Deparámo-nos com casos de ampliação e restrição, mas os mais frequentes são os de mudança:

**Ampliação** – abonar, alarido, alemalejo/ animalejo, almocreve, borracho, arrematar, cabaço, calece, caquerada, caquero, chancalho, escarapela, lavadura, pendura, talegada, talequẽum;

**Restrição** – acanhado, almanaque, aloja, anel, arrebeno/ arribana, avantajada, baja, balça, barranhão, bicha, búzio, caldo, careca, carga, chocalhada, coro, denunciador, denunciante, descante, durera, fexo, garrafada, malhada, matar, palerma, polero, suciar;

**Mudança** – a sopapo, abêbra, abrochar-se, abrunhar, adamado, afagulhar, afalcoar, agarrar, braselero, cachondo, berra, avozinha, borralhera, brasão, bugio, bocha, cartucho, cavaca, descorrimento, enraivado, esgalamido, gaita, galenhero, ilhós, maceta, malhão, narça, pingada, rasto, retoça, rola, serventia, tosquia, trancalho, vela, zabumba.

### 3.4. Plano lexical

Como já referimos na metodologia, seleccionámos três dicionários de referência (Dicionário Houaiss, Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo e Dicionário da Academia das Ciências), com os quais contrastámos a nossa recolha. Para além das alterações já apresentadas ao longo do capítulo 3 desta dissertação, essa análise contrastiva permitiu-nos saber qual o léxico que é considerado regionalismo e qual o original, ou seja, o que não se encontra registado nestas três fontes.

#### 3.4.1. Formas registadas como regionalismos

Aquando da consulta dos dicionários, constatámos que nem sempre os três foram unânimes na caracterização de determinados vocábulos como regionalismos. Aliás, poucas vezes foram coincidentes, sendo que, em alguns casos, uns nem sequer registavam essa entrada, outros registavam-na, mas sem essa indicação. Perante esta situação, optámos por considerar



regionalismos todas as palavras que, pelo menos numa das obras consultadas, assim foram registadas.

**Terra-** arrife, arrufo, baldio, canada, canchal, cancho, capa, caramoço, carril, cartera, covão, gorgolo, lamaço, machoca, mal andamoso, maroço, patamero, penoco, presa, saltadoro, sorte;

**Agricultura** – almieda, arrelvar, atalhar, baleio, brocho, calcador, cefador, corte, embarrado, embelgar, ganhão, manada, marrada, mãzera, meã, picota, ponte, quadra, rabanejo, relhero, talicão, talera, torna, trigada;

**Animais** – gadeza, alfaiate, acarro, amajo, aprisco, arencu, avental, caça-rabos, calhandra, carapito, carrapata, comedero, escarapão, farum, fura-pastos, gadeza, loça, malata, masserão, michão, melerinha, mosquero, suã, teto;

**Plantas** – abetoro, alandre/alandro, alverinha, bastão, botelha, carrapiço, carrasquera, carumba, jona, marcela, negral, orvelhena, palanco, poda, samarra, saragacinha, tocera;

**Objetos** - albarba, altesa, asada, cacharro, barrena, caço, camila, campanilho, capacho, carreta, carro-de-praça, chocolatera, esquila, esquilão, ferra, forcão, gorpelha, guilho, jangoto, livreta, pecedera, sarrão, serão, tanganho, tendal, tropeço;

**Alimentação** - acrescento, assadura, boia, borrego, cacho, carapulo, ferrado, poia, gravanço, landoque, matar o bicho, murraça, pendura, ponilha;

**Corpo humano e aspeto físico** - alacado, arremangado, azadinho, badalo, caguero, calmerão, enreçado, entorado, gadelha, lela, mal-atrogalhado, mal-enjorcado, manjengra, mirentes, paderia, pipi, sunisga, trogalho, zomba;

**Comportamentos e atitudes** - acarear, amanhar, apacadista, arreganhado, avezar, bacalhau, cabaço, cagarolas, cagufe, cão, careo, carregado, cavar, charepa, crismar, declinar, descontravontade, desunhar-se, embezerrado, empalagoso, enganido, enraiviar-se, enregar, esgarnacha, fazer cera, galheta, ganfar, garganero, gunfar, inganido, lapada, lascarinho, lavarinte, magana, orelhada, pachoveda, pangalhada, pireta, pipa, quebrado, risa, rosca, súcia, taloqueda, tarrafia, topar, tornero, torta, trambelho;

**Diversos** - anexim, assestida, búzio, ca, bonda, cachopo, cagaita, candonga, carujar, chancada, desorfado, encimar, galego, langanha, madrinha, morrinha, pelhera, surbeca, treguera, venda.

De salientar apenas que, analisada a etimologia dos regionalismos registados nos três dicionários de referência, alguns são de origem árabe.

### 3.4.2. Léxico não registado

Ainda que o glossário contenha a totalidade do léxico não registado, isto é, original, aí destacado por um sombreado cinzento, optámos por destacar aqui alguns exemplos a título de amostra<sup>283</sup>.

Primeiramente apresentamos diversos exemplos de diferentes classes de palavras e posteriormente as expressões idiomáticas, organizando a informação pelos campos léxico-semânticos mais representativos:

Na amostra escolhida predominam as classes do **nome** e do **adjetivo**, sendo o campo léxico-semântico dos comportamentos e atitudes o que concentra mais vocabulário não dicionarizado.

**Terra e fenómenos atmosféricos**<sup>284</sup> - aguarrechedo, arco-íris, atravesso, avagada, bardalhais, bechinho-de-vento, bolandero, borbolha, calhaborro, cartachal, chabarco, cobradera, denuivo d'água, estrela-boiera, linchera, marea, molha-bobos, olhereum, pedriscada, valagão, vereda de cabras, verguentas;

**Agricultura e alfaias agrícolas** – afaiancar, aventales, canguil, desensamarração, engarelar, fega<sup>285</sup>, gente dos almofarizes, guarda-ladrão, lavrega, mentulho, mula mecânica, roçador-de-balças, tentemoço, taboia;

**Animais**<sup>286</sup> – abelinha, arame dos porcos, áspia, avoinha, bicho-de-luz, borrena, calhabéu, cavalo-del-rei, cerrero, cínfalo, cobrazil, correol, crocar, destamarrado, escravelhera, fura-pão, gachela, lutrir, machagolo, mosca cavala, pelachinho, perca-sol, pesunha, peixe-judeu, peixe-macho, pica-pau alamão, posa-lora, rano, rapa-caçola, recoqueum, sordilho, talibã, vival;

**Plantas**<sup>287</sup> – amora-de-pau, amor-de-mãe, amo-de-pai, bagina, correlhão, dromenhona, endres, erva-brava, erva-da-topera, figo-toco, fotricas, gazulo, inchona, maiorro, malvera, meganita, mel-de-bruxa, mimos dos homens, pão-com-quejo, pata-de-galinha, patita, pingolha, rascalho, rebordoa, rendinhas, retuniço, rosa d' Alexandria, sabã-da-bruxa, salea, sestinas, sogras-noras, trevisca;

---

<sup>283</sup> De notar que, no subcapítulo dedicado à formação de palavras (quer na derivação, quer na composição), já foram apresentados diversos vocábulos que não se encontram registados nos três dicionários de referência por nós consultados, como comprovará uma leitura atenta do glossário.

<sup>284</sup> Os vocábulos “borbolha”, “estrela-boiera” e “olhereum” estão registados em SILVA, 1948.

<sup>285</sup> Registado em SILVA, 1948.

<sup>286</sup> Os vocábulos “áspia”, “borrena”, “cerrero”, “correol”, “mosca cavala”, “pelachinho” e “posa-lora” estão registados em SILVA, 1948.

<sup>287</sup> Os vocábulos “figo-toco”, “rebordoa” e “trevisca” estão registados em SILVA, 1948.

**Objetos**<sup>288</sup> – borloto, candeiro de carroça, catrafuso, cinjo, dedil, desboquinado, espercha, manhoca, manta d’acordar cedo, meo-caco, navalha de capar grilos, orelo, panela-dos-lavradores, panela-dos-segueros, pano-pão, pau d’arrair, rule;

**Habitação e adereços**- apindico, banca de cabecera, cajereum<sup>289</sup>, chafurdão, chinquera, mesa-de-pastor;

**Alimentação**<sup>290</sup> – bolo-da-festa, bolo-de-lata, bolos, brenhol, cachafrito, choriço da tripa do cu, cloque, envacada, fanoco, governeta, laburdo, larachadas, manta-de-gatero, mea-gaiola, mea-governeta, mea-lata, paparrato, papas do cu p’a caldera, pemento-de-cor, peroco, repasto da manhã, molguera, sementinhas, testo-de-panela;

**Corpo humano e aspeto físico**<sup>291</sup> – aimano, alganaça, bajaranica, buraquinho de caca, cabelo de rato, cabras, coscódia, crique, da retambana, daipano, dedo do coração, dente do juízo, elaborado, ensapado, entripal, entranquelhado, estabulho, fragalha, fragamô, fundo-das-costas, galhote, garripas, lafaruso, lavascão, loitita, mal enchapotado, maminho, menique, munete, nariz-de-pecareta, neninho, olhar-de-bruxa, pelhego, pelma, pestotira, soloso, talagão, ventas-de-panico;

**Doenças**<sup>292</sup> – aplomesia, belancoso, bramura, calequer, calequera, ceganhuto, corla, de patas ó ar, enfaloquedo, faloque, folinhas;

**Comportamentos e atitudes**<sup>293</sup> – afarracatar-se, apanhado da lua, arranhido, arrenquelha, às calcanharadas, às navalhas, às troxas, assovacado, assurganhar-se, atalondrado, atorrelhar, atromezer, basbalho, besganha, búbia, camunhas, cavanço, chera bonicos, desenvolve, desmarrido, dezimbrar-se, efunequer, emorcanado, encolhe-ombros, enculquer, enremulhar, entaloquedo, enxertado em corno de cabra, esbalagar, esbortear-se, escariota, escarrã, esgambézio, esgravulha, espacarongado, estrapacear, estravelar, esvalagador, faguntero, forumbero, fosquices, froar, gajiar, gala-pruas, iscadela, lagarteio, larô, lorenço, má relha, malagô, marzoguena, mendindas, menopeia, nicoso, paparô, pardelhão, pascoença, penaiva, pobre-sopas, poltricas, rua chea sem ninguém, salapismo, sarangonhar, semanta, tatalear, toio, totena, tortulho molguero, tragão, tratador de vida, trogalho-da-mea-nôte, zalhana.

---

<sup>288</sup> Os vocábulos “dedil” e “orelo” estão registados em SILVA, 1948.

<sup>289</sup> Registado em SILVA, 1948.

<sup>290</sup> Os vocábulos “brenhol” e “fanoco” estão registados em SILVA, 1948.

<sup>291</sup> Os vocábulos “crique”, “lavascão” e “pelma” estão registados em SILVA, 1948.

<sup>292</sup> Os vocábulos “ceganhuto” e “corla” estão registados em SILVA, 1948.

<sup>293</sup> Os vocábulos “camunhas”, “cavanço”, “desmarrido”, “esbortear-se”, “escariota”, “estrapacear” e “lorenço” estão registados em SILVA, 1948.

As **expressões idiomáticas**<sup>294</sup> constituem um dos aspetos em que o Falar de Marvão apresenta uma maior originalidade. Muitas ações são expressas através de combinatórias fixas, aqui designadas como expressões idiomáticas. De notar que a maior parte deste léxico não se encontra registado nos dicionários de referência que consultámos, como se poderá constatar aquando da consulta do glossário que integra o subcapítulo 3.4.3..

Este tipo de expressões é muito usado pelos marvanenses, independentemente da sua idade, formação académica ou profissão; embora seja na fala dos mais idosos que elas predominam. Surgem em diversos campos léxico-semânticos, mas o dos comportamentos e atitudes é, sem dúvida, o mais abundante:

Animais - bradar à rosa, detar a barriga, detar as galinhas, estercar a bardo;

Técnicas agrícolas - cavar ó camalhão, dar terras à matação, vender à carga cerrada;

Alimentação - comer o bolo, comer da melga, comer do barranhão, entrar o bispo em casa, entrar o bispo na panela;

Trabalho – trabalhar a seco<sup>295</sup>, trabalhar de saco aviedo, meter-se a requerimentos, pagar ó levantar da era, trazer uma gaita, mandar o bacalhau, detar-se fora, dar uma sardinha a que le der um porco gordo;

Bebedeira – ir de rebimbalho, ir de regangamalho, ñ andar sozinho, ñ ir munto católeco;

Ato de defecar – alevier a carga, arriar a calça, arriar o calhau, arriar o melão, dar de corpo, fazer os precisos, fazer um presente, ir a campo, ir à murelha, ir aviar a vida, pregar uma falsa;

Comportamentos – ñ dextrar criar musgo na estrada, ñ dar más passo nem chancada, passar-se à cortina, subir o cascalho, matar a formiga, ir a nove, ser um ai que te avias, dar razão de, nascer c’o cu virado p’ro lado da Fontanhera, dar de rabo, sem bom/mau d’abocar, dar ó badalo, fechar a navalha, rezar padres nossos castelhenos, vender lampanas, detar cantigas, detar saúdes, meter o cuspo atrás da orelha, tar c’o pica-pau de, ñ poder alimper potes, andar ó tiozinho tem cá talegues, borrar a malhada, dar conta d’um real d’água, dar lenha, entortar o cotovelo, ñ dar fásca, ir pó penico, coçar os carraços, entrar p’ra corda do sino, ir ó vulto<sup>296</sup>, passar o casaco, olhar contra o governo, estar em estado, ñ morrer de cornada de grilo, ñ comer pão da vida, enrolar os troços.

---

<sup>294</sup> Designação usada no Dicionário Terminológico do Ministério da Educação, passível de ser consultado em linha em [dt.dgide.min-edu.pt](http://dt.dgide.min-edu.pt).

<sup>295</sup> Registado em SILVA, 1948.

<sup>296</sup> Registado em SILVA, 1948.

### 3.4.3. Glossário

O glossário que aqui se apresenta inclui cerca de dois mil e novecentos verbetes, sendo as letras A, C, E e P as mais representativas.

Quanto à estrutura, cada verbete está organizado do seguinte modo:

- entrada (vocábulos/ expressões registados na forma mais próxima possível da linguagem dos marvanenses, evidenciando assim, na forma escrita, algumas alterações fonético-fonológicas que caracterizam a região<sup>297</sup>);

- transcrição fonética;

- classificação morfológica (em itálico);

- significado/s (1., 2., ... De notar que a ordem das aceções foi arbitrária; não foi seguido nenhum critério específico. Por outro lado, a definição lexicográfica contém, muitas vezes, informação que vai além da mera informação linguística, estando relacionada com a cultura e a realidade da linguagem local, o que permite ao consulente compreender melhor a palavra/ expressão. Sempre que surgem termos com o mesmo significado, damos conta dessa realidade linguística, remetendo para o seu sinónimo, através da abreviatura O. m. q.);

- contextualização (opcional e em itálico<sup>298</sup>);

- registo nos três dicionários consultados (esta informação surge entre parênteses e num corpo de letra um pouco mais reduzido. Sempre que esse vocábulo consta das obras de referência analisadas, estão indicadas as respetivas siglas - D.H. (*Dicionário Houaiss*), D.C.F. (*Dicionário Cândido de Figueiredo*) e D.A.C. (*Dicionário da Academia das Ciências*). As alterações fonético-fonológicas, morfológicas e/ou semânticas são registadas com as abreviaturas correspondentes: alt. fon., alt. morf., alt. sem.. O registo dos vocábulos como regionalismos ou dialetalismos está indicado nas abreviaturas reg. e dial., havendo ainda referência à região da recolha, sempre que os dicionários também a indicam. Outras informações relevantes surgem em notas de rodapé. De notar

---

<sup>297</sup> Pretende-se que este glossário seja um documento de sistematização (para memória futura) e de fácil consulta por todos os leitores, inclusive, os que não têm formação em linguística. Só assim pode representar um contributo para a preservação e dinamização do falar raiano de Marvão.

<sup>298</sup> Muitas vezes optámos por incluir o contexto em que surgiram as palavras/ expressões, pois este permite introduzir uma caracterização mais consentânea com as modulações de significado que o seu uso imprime.

que, sempre que o verbete surge sombreado a cinzento, o vocábulo não está registado nas três obras de referência<sup>299</sup>).

Uma vez que a recolha teve lugar em todo o concelho de Marvão e nas aldeias da raia espanhola, surgiram várias pronúncias para um mesmo vocábulo; na maior parte dos casos, procurámos dar conta dessa diversidade e privilegiámos a pronúncia dos informantes com mais idade, ou seja, aquela que tem tendência a extinguir-se mais rapidamente.

Sendo um falar em que abundam as expressões idiomáticas, muitas são as que integram este glossário. Contrariamente à prática comum de incluir esse tipo de expressões na entrada da primeira palavra plena que as constitui, o que dificulta a sua localização, seguimos o exemplo do Dicionário de Morais e Silva e adotámos um critério de simplificação, surgindo estas como entradas. Consideramos que esta organização facilita a pesquisa por parte dos consulentes, especialmente aqueles com poucos hábitos de consulta de dicionários/ glossários.

Quanto aos provérbios e máximas populares, uma vez que a maioria já antes fora registada<sup>300</sup>, os poucos que agora surgiram foram incluídos no glossário, não se justificando a sua apresentação num subcapítulo.

---

<sup>299</sup> Como já foi referido na Metodologia, somente nestes casos foi feito um confronto com o Dicionário de Morais e Silva e, sempre que nele constem esses vocábulos/ expressões, é apresentado, em nota de rodapé, o resultado, mantendo-se, contudo, o sombreado.

<sup>300</sup> Cfr. SIMÃO: 2010 e SIMÃO: 2011.

A

**à barba longa** [abárbelôgɐ] *loc. adv.* Com abundância, à farta. *A comida aqui é à barba longa.*

**a bem dzer** [ɐbédzér] *loc. adv.* Na verdade. (alt. fon., D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**à boca chea** [abókɛfɛɐ] *loc. adv.* Sem medo; sem vergonha. (alt. fon. D.A.C.)

**a bornil** [ɐburnít] *loc. adv.* Em abundância. *Há pá li cachos a bornil!*

**a butos** [ɐbútuʃ] *loc. adv.* A pé.

**a cavalo** [ɐkɛválu] **1.** *loc. adv.* À boleia. *Levaram-nos a cavalo p'ra Marvão.* **2.** *loc. adv.* De meio de transporte. *Como fui a cavalo, cheguê lá más depressa.* (1. alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**à faianca** [afɛjɛkɛ] *loc. adv.* De forma desengonçada. *Lá vai ela a andar à faianca.* (reg. D.C.F.<sup>301</sup>)

**à gosma** [agózɪmɐ] *loc. adv.* À mercê de; à mama. *Tem passado a vida a andar à gosma.* (reg. de Moçambique. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.<sup>302</sup>)

**a granel** [ɐgrɛnɛt] *loc. adv.* À solta. *As ovelhas dormem a granel no meio dos campos.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**à maré** [amɛrɛ] *loc. adv.* Por volta de, por ocasião de. *Este serviço só se faz à maré do sol posto.*

**a poder de tempos** [ɐpudérɔtɛpuʃ] *exp. idiom.* Com o passar dos tempos. *As zangas entre irmãos só a poder de tempos é que se curam.*

**a rodos** [ɐRóduʃ] *loc. adv.* Em abundância. *Lá em casa tenho disto a rodos.* (alt. morf. D.H./ D.A.C.)

**a rogo (de)** [ɐRógu] *loc. adv.* A pedido de. (D.A.C.)

**a sopapo** [ɐsupápu] *loc. adv.* Modo de preparar a hortaliça, que consiste em migá-la à mão grosseiramente. *Hoje a sopa tem bajas a sopapo.* (reg. do Brasil, alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**à soquepa** [asukɛpɐ] *loc. adv.* À socapa, às escondidas. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**à sovela** [asuvélɐ] *loc. adv.* Arrepiado, levantado. *O gaiato hoje traz o cabelo à sovela.* (D.H.)

**à torna baldia** [atórɛbaɫdíɐ] *loc. adv.* Sem rei nem roque; desordenadamente. *Zangô-se, saiu de casa e anda pr'aí à torna baldia.*

**a troco de pontapé** [ɛtrókudipõtɛpɛ] *loc. adv.* À força, sob o efeito de violência física. *A minha irmã só ia à escola a troco de pontapé.*

**a unhas** [ɐũɲɛʃ] *loc. adv.* À pressa. *Tive de sair a unhas p'ó trabalho.* (alt. sem. D.H.)

**abaladiça**<sup>303</sup> [ɐbɛladísɐ] *s. f.* A última bebida, de um conjunto de várias, que se bebe no âmbito de um convívio. *Temos d'ir embora, é pag'a abaladiça.*

**abandalhado, a** [ɐbɛðɛɫádu,-ɐ] *adj.* Deixado ao abandono. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**abebra** [ɐbébrɐ] **1.** *s. f.* Vagina dos animais. **2.** *s. f.* Abêbera, tipo de figo temporão, de pele negra e polpa vermelha. (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**abelinha** [ɐbilíɲɐ] *s. f.* Joaninha.

<sup>301</sup> Regista somente “faianca”.

<sup>302</sup> Os três dicionários apenas registam “gosma”.

<sup>303</sup> SILVA, 1948 regista “abaladiço”, mas com outra aceção.

- abespra** [ɐbéʃprɐ] *s. f.* Vespa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- abetoro** [ɐbitóru] *s. m.* Abetouro, tipo de urze muito alta, cujo nome científico é *Erica arborea* Lin. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- abobrado** [ɐbubrátu, -ɐ] *adj.* Saturado de água; alagado. *A terra tá abobrada d' água.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- abogão** [ɐbuǰẽw] *s. m.* Abegão, aquele que manda na lavoura; espécie de encarregado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- abonar** [ɐbunár] *v.* Ceder; dar. *Eles é que le abonaram aquela pastagem.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- abordo** [ɐbórdu] *s. m.* Aborto. *Passado poco tempo de casar, ela teve um abordo.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- abrir fridas** [ɐbrírfrídeʃ] *exp. idiom.* Alertar; chamar a atenção. *Nã tejas a abrir más fridas, senã inda é pior.* (alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- abrochar-se (com)** [ɐbroʃársi] *exp. idiom.* Abotoar-se, lucrar com alguma coisa. *No fim de contas, ele é que s'abrochô co negócio das cabras!* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)
- abroita** [ɐbrójtɐ] *s. f.* Abrótea, erva que deita uma pipa e produz umas pequenas batatas, cujo nome científico é *Asphodelus ramosus* L. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- abrunhar** [ɐbrunjár] *v.* Ter medo. *Ele, assim que viu a vaca, abrunhô logo.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)
- acabramar** [ɐkɐbrɐmár] *v.* Atar os cornos dos animais bovinos a um membro anterior com uma corda, para lhes dificultar os movimentos, impossibilitando-os de saltar cercas ou alcançar ramos altos. (D.H./ D.C.F.)
- acaletrel** [ɐkɐlitrɛl] *s. m.* Eucaliptal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- acalitro/ ucalitro** [ɐkɐlítu]/ [ukɐlítu] **1.** *s. m.* Eucalipto. *A rama melhor p'ra fazer cal era a d'acalitro.* **2.** *s. m.* Espécie de flor, que gera uma flor branca. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- acanskiado, a** [ɐkɐnɐvjádu, -ɐ] *s. m.* Com pouca força, combalido. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- acanhado** [ɐkɐnjádu] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- acarear** [ɐkɐrjár] *v.* Reunir; guardar; acautelar. *Está na hora d' ir acarear o gado.* (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)
- acarrado, a**<sup>304</sup> [ɐkɐrádu, -ɐ] *adj.* Que está no *acarro*, no rodeio.
- acarro** [ɐkáru] *s. m.* Local sombrio, onde o gado se abriga nas horas de maior calor. (reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)
- acepreste** [ɐsɪprɛʃti] *s. m.* Cipreste. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- achegão** [ɐʃigẽw] *s. m.* Achigã. (alt. fon. D.A.C.)
- acincho** [ɐsíʃu] *s. m.* Cincho, argola de alumínio usada para moldar os queijos. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- aclarar** [ɐklɐrár] *v.* Clarificar, esclarecer. *Anda cá, qu'há des aclarar aqui uma coisa.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- acompanhado, a** [ɐkõpɐnjádu, -ɐ] *s.* Bêbado. *Andô toda a tarde na taverna e depôs já vinha acompanhado.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>304</sup> SILVA, 1948 regista “acarrar”.



**acrescento/ crescento** [ɛkɾiʃɛ̃tu] / [kɾiʃɛ̃tu] *s. m.* Crescente; fermento para levedar massas, feito algumas horas antes ou guardado desde a última amassadura. *Logo p'la manhã, faz-se o acrescento, só a meio da manhã s' amassa.* (reg. do Douro, da Beira e do Algarve, alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**acupéda/ ocupeda** [ɛkupédɐ] / [ɔkupédɐ] *adj.* Grávida. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**adamado, a** [ɛdɐmádu, -ɐ] *adj.* Apaixonado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**adega** [ɛdégɐ] *s. f.* Pessoa que bebe muito e aguenta. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**adeus mundo cada vez a pior!** [ɛdɛwɔmũdukɛdɛvɛzɛɾpjɔɾ] Expressão enfática utilizada para indicar que algo tende a piorar.

**advartemento** [ɛdvɛrtimɛ̃tu] *s. m.* Divertimento. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**advertido, a** [ɛdvɛrtidu, ɐ] *adj.* Divertido. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**afagulhar** [ɛfɛguɫár] *v.* Atiçar; incentivar. *Ê é qu'afagulho o mê marido p'ra sairmos.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**afaiancar** [ɛfɛiɛ̃kár] *v.* Cortar de forma grosseira, sem ser pela raiz. *Tenho qu' afaiancar as silvas.*

**afalcoar** [ɛfaɫkwár] *v.* Acalmar (animais, trovoadas). *Parece qu'a trovoadá já afalcoô.* (reg., alt. sem. D.H./ reg., alt. sem. D.C.F.)

**afarracatar-se** [ɛfɛɾɛkɛtársi] *v.* Juntar-se a; fazer parceria com alguém.

**afelhar** [ɛfiɫár] *v.* Perfilhar. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**afetuosa** [ɛfɛtɔwózɐ] *adj.* Aftosa. *As cabras andam com febre afetuosa.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aflar/ afolar** [ɛflár] / [ɛfulár] *s. m.* Folar; bolo típico da época da Páscoa, cozido normalmente em forno de lenha. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**afogadora** [ɛfugɛdóɾɐ] *s. f.* Gargantilha. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F.)

**afunda** [ɛfũdɐ] *s. f.* Espécie de cinta usada para proteger as hérnias abdominais. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**afundir** [ɛfũdíɾ] *v.* Afundar. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**agachar-se** [ɛgaʃársi] *v.* Defecar. *Tá na hora de m' ir agachar p'a trás d'uma parede.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**agachinho** [ɛgaʃĩnu] *s. m.* Pequeno abrigo. (D.H./ alt. sem. D.C.F.<sup>305</sup>)

**agarrado, a** [ɛgɛrádu, -ɐ] *adj.* Poupado, forreta. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**agarrar** [ɛgɛráɾ] **1.** *v.* Tomar, apanhar. *Agarro um carro de praça e vô. **2.** *v.* Ganhar; auferir. *Agarrê lá fora um pouco de dinheiro e pude comprar esta casa.* (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)*

**agorer** [ɛgorér] *v.* Agoirar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**água de sê pé** [ágwɛdisepé] **1.** *exp. idiom.* Água da nascente. **2.** *exp. idiom.* Caudal de água que vinha dos rios ou dos tanques por gravidade, do qual as pessoas iam tirando a que lhes fazia falta. (1. alt. fon., alt. sem. D.C.F.) (2. alt. fon. D.C.F.<sup>306</sup>)

**aguadera** [ágwɛdérɐ] *s. f.* Estrutura metálica que se aplica no lombo das bestas ou, mais recentemente, nas motorizadas para transportar água ou outros produtos. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

<sup>305</sup> Ambos os dicionários só registam “agacho”.

<sup>306</sup> Regista “água de pé”.

**aguarrada** [aɣwɐɾáðɐ] *s. f.* Chuva grossa. (reg., alt. sem. D.C.F.)

**aguarrechedo, a** [aɣwɐɾiʃédu, -ɐ] *adj.* Que está embebido de água. *A terra tava aguarrecheda.*

**agudo, a d' ovido** [ɐɣúdu, ɐdovídu] *exp. idiom.* Qualidade daquele que ouve muito bem. *Nã fales munto alto, porque ele é agudo d'ovido.* (D.H.<sup>307</sup>/D.A.C.<sup>308</sup>)

**aguiero** [ɐɣjéru] *s. m.* Ramo inútil de oliveira ou outra árvore, que está a matar a própria árvore. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**agulhero** [ɐɣuléru] *s. m.* Buraco feito numa parede ou num muro, com vista a servir de passagem. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**ai Mãe Santíssima!** [ájmeʃsentísime] *exp. idiom.* Expressão usada muito frequentemente na raia para expressar admiração.

**aimano, a** [ajménu, -ɐ] *adj.* Airoso; bem parecido. *Oh p'a ele hoje tod' aimano!*

**ajojado, a** [ɐʒozédu, -ɐ] *adj.* Carregado, ajoujado. *Vô ajojada c'a carradona das coves.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ajuntar os trapos** [ɐʒũtáruʃtrápuʃ] *exp. idiom.* Passar a viver em união de facto; amancebar-se. (alt. fon. D.A.C.<sup>309</sup>)

**ajuntar-se** [ɐʒũtársi] *v.* O. m. q. *ajuntar os trapos.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**al vezes** [ɐʎvéziʃ] *loc. adv.* Às vezes. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**alacado, a** [ɐləkádu, -ɐ] *adj.* Com pouca saúde, débil. (reg. do Alentejo D.H.)

**alacar** [ɐləkáɾ] *v.* Ficar para último, não conseguir acompanhar o ritmo dos demais. *Aquele corredor já vai a alacar.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**alacrau** [ɐləkráw] **1. s. m.** Lacrau. **2. s. m.** Ferro existente no meio da canga, no qual se enfia o braço. (1. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**alagar** [ɐləgár] *v.* Matar, esmagando. *A marrã alagô os bacros.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**alajeado, a** [ɐləʒiádu, -ɐ] *adj.* Plano. *Esta lajeota é más alajeada.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**alamito** [ɐləmítu] *s. m.* Tipo de material explosivo, usado nas caleiras.

**alampião** [ɐləpjẽw] *s. m.* Candeeiro de mão, lampião. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alandre/o** [ɐlədrĩ/u] *s. m.* Loendro, cujo nome científico é *Nerium oleander* L.. (alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**alarido** [ɐlərídu] **1. s. m.** Entusiasmo, empolgação. **2. s. m.** Barulho. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**albarba** [aʎbárɐ] *s. f.* Sapato de sola de borracha, bicudo, cuja forma faz lembrar um barco; albarca; alpercata. O. m. q. *arpargata/ alpragaita.* (Açores, alt. fon. D.C.F./ reg. dos Açores, alt. fon. D.A.C.)

**albolaia** [aʎbulájɐ] *s. m.* Aquele que anda com a cabeça no ar, que não tem muito juízo. *O mê neto andô fêto albolaia.*

**alborrónias** [aʎburónjeʃ] *s. f. pl.* Hemorróidas. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alcacero** [aʎkəséru] *s. m.* Sementeira de centeio ou outro cereal destinada a ser comida pelo gado em verde. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**alcandorno** [aʎkẽdórnu] *s. m.* Estorvo, empecilho.

<sup>307</sup> Regista somente “agudo”, existindo esta aceção.

<sup>308</sup> Esta aceção apenas surge em “agudo de vista”.

<sup>309</sup> Regista “juntar os trapinhos”.

**alcovetero, a** [aʎkuvtɛru, -ɐ] *s.* Alcoviteiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aldar/er** [aʎdár/ér] *s. m.* Alguidar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aldrave** [aʎdrávi] **1. s. f.** Peça de ferro que prende a charrua ao *rabanejo*. **2. s. f.** Aldraba, aldrava. (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aldruga**<sup>310</sup> [aʎdrúgɐ] *adj.* Aldrabão.

**alecrenço** [ɐlikrɛ́su] *s. m.* Licranço. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alegre** [ɐlégrɨ] *adj.* Que já bebeu uns copitos, mas ainda não se pode considerar bêbado. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**alemalejo/ anemalejo** / [ɐlimɐlézu]/ [ɐnimɐlézu] *s. m.* Animal. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**alemel** [ɐliméʎ] *s. m.* Animal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alemiar/er** [ɐlimjár/ér] *v.* Alumiar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alenterna/ alinterna** [ɐlɛ́tɛrnɐ]/ [ɐlɨ́tɛrnɐ] *s. f.* Lanterna. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alavier a carga** [ɐlivjérekárgɐ] *exp. idiom.* Defecar.

**alface** [aʎfási] *s. f.* Espécie de flor que deita uma espiga comprida. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**alfaiate** [aʎfejáti] *s. m.* Espécie de inseto existente junto dos cursos de água. (reg. de Portugal D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**alfera** [aʎférvɐ] *adj.* Diz-se da fêmea que não cria, alfeire. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alforjo** [aʎfórzu] *s. m.* Alforje; utensílio retangular, feito do tecido das mantas, com duas bolsas na ponta, usado para transportar pequenas cargas nas bestas, somente quando se ia passear ou quando se ia às compras. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alganaça**<sup>311</sup> [aʎgɐnáʂɐ] *s. f.* Pessoa de estatura alta e desengonçada.

**algravitar-se** [aʎgrɐvítársɨ] *v.* Animar-se; entusiasmar-se.

**alguero** [aʎgéru] *s. m.* Argueiro, partícula de tamanho diminuto. *Tenho um alguero na vista.* (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alitado** [ɐlɨ́tádu] *s. m.* Javali pequeno. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**aljabera** [ɐʎzɐbérvɐ] *s. f.* Bolso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aljaroz** [aʎʒɛrós] *s. m.* Algeroz. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**almaçana**<sup>312</sup> [aʎmɐʂɛnɐ] *s. f.* Lagar.

**almanaque** [aʎmɐnáki] *s. m.* Aquele que adivinha o tempo meteorológico. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**almariado, a**<sup>313</sup> [aʎmɛrjádu, ɐ] *adj.* Maluco, que não tem juízo. *Aquele rapaz é completamente almariado.*

**almenzém** [aʎmɛzɛ́] *s. m.* Armazém. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**almieda/ amieda** [aʎmjéda]/ [ɐmjédɐ] *s. f.* Almiara, meda de palha sem grão, composta por feixes, que era normalmente coberta com giestas para aguentar todo o inverno. (reg. do Alentejo, alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg. do Alentejo, alt. fon. D.A.C.)

**almocreve** [aʎmukrɛví] *s. m.* Criado de servir. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>310</sup> SILVA, 1948 regista “aldruba”.

<sup>311</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo, com o sentido de “pernalta”.

<sup>312</sup> Deturpação do castelhano “almazara”.

<sup>313</sup> SILVA, 1948 regista “almareado”.

**almofadilha** [aʎmufedíʎe] *s. f.* Bornil. (alt. sem. D.H.)

**aloja** [əʎóʒe] *s. m.* Local onde dormem as bestas. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**alontrado de gordo** [əʎótrádudigórdu] *exp. idiom.* Muito gordo; gordo que nem uma lontra. *Desde que dexô de fumar, fecô alontrado de gordo.*

**alpaca** [aʎpáke] *s. f.* Fardo de palha. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**alpargata/ alpragaita** [aʎpərgátə]/ [aʎpərgájtə] *s. f.* Sapatilha; alpercata. O. m. q. *albarba*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alperque** [aʎpérki] *s. m.* Alperce. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alquemira**<sup>314</sup> [aʎkimíre] *s. f.* O. m. q. *capelinha*. Espécie de flor, muito usada para fazer as capelas de S. João, cujo nome científico é *Tanacetum parthenium (L.)Schultz Bip.*. Também é conhecida por rainha-das-flores ou alta mira.

**alta** [áʎte] *adj. f.* Aluada. *A vaca anda alta.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**altenóvale** [aʎtinóvəli] *s. m.* Automóvel. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**altesa** [aʎtéze] *s. f.* Artesa, recipiente de madeira em forma de quadrado, com asas, usado para amassar o pão. (alt. fon. D.H./ reg. D.C.F.)

**aluada/ alueda** [əʎuáde] / [əʎuéde] *adj. fem.* Diz-se da mulher com a menstruação. (alt. sem., alt. fon. D.H./ alt. sem., alt. fon. D.C.F./ alt. sem., alt. fon. D.A.C.)

**aluado/ aluedo, a** [əʎuádu, ə / əʎuédu, ə] *adj.* Aluado, diz-se dos animais que andam com o cio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alugue** [əʎúgi] *s. m.* Aluguer. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**alvadio, a** [aʎvədiú, -íe] *adj.* O. m. q. *albolaiá*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**alverinha** [aʎveɾíŋe] *adj.* Espécie de giesta de flor branca, cujo nome científico é *Cytisus multiflorus (L'Hér) Sweet*. *Naquela tapada há gestas alverinhas.* (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**amadia** [əʎmedíe] *adj.* Diz-se da cortiça que já foi tirada mais do que uma vez, que já é mansa. *Esta sobreira já tem cortiça amadia.* (alt. sem. D.H./ D.C.F.)

**amancornado, a** [əʎmẽkurnádu, ə] *adj.* Com os cornos atados a uma pata. *Todas as vacas andam amancornadas.*

**amancornar** [əʎmẽkurnár] *v.* O. m. q. *acabramar*.

**amanhar** [əʎmɛŋár] *v.* Arranjar, consertar. (reg. do Alentejo D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**amantar/ amentar** [əʎmɛtár]/ [əʎmɛtár] *v.* Amamentar. *De manhã e à tarde, temos que amantar os chibos.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**amantelhar-se** [əʎmɛtiʎársi] *v.* Tornar-se amante de. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**amassadura** [əʎmɛsədúre] **1.** *s. f.* Ato de amassar. *Hoje tã d' amassadura.* **2.** *s. f.* Resultado do ato de amassar. *Que grande amassadura fizeram hoje!* (1., 2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**amborragia** [əʎburɛzíe] *s. f.* Hemorragia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**amegalhona** [əʎmigəʎóne] *s. f.* Amante. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.<sup>315</sup>)

**amegar-se (de)/ amigar-se (de)** [əʎmigársi]/ [əʎmigársi] *v.* O. m. q. *amantelhar-se*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**amentolia** [əʎmɛtulíe] *s. f.* Almotolia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>314</sup> SILVA, 1948 regista “alquemila”, sendo esta de origem árabe.

<sup>315</sup> Os três dicionários só registam “amiga” com esta aceção.

**ametade** [ɐmitádi] *s. f.* Metade. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**amêxo** [ɐmɛʃwɐ] *s. f.* Ameixa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**amícula** [ɐmíkule] *s. f.* Amígdala. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**amigo, a** [ɐmígu, -ɐ] *s.* Amante. (D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**amiudar/ amiuder** [ɐmjudár]/ [ɐmjudér] *v.* Observar com atenção; apreciar com detalhe. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**amojo** [ɐmóʒu] *s. m.* Úbere, tetas, maminhas. (reg. de Portugal D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.)

**amol** [ɐmulár] *v.* Gozar, fazer troça de. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**amoquedo, a** [ɐmokédu, -ɐ] *adj.* Sem ânimo, esmorecido. *Encontrê a avó amoqueda ó canto do lume.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**amora-de-pau** [ɐmórɛdipáw] *s. f.* Amora produzida pela amoreira.

**amor-de-mãe** [ɐmórdimɛj] *s. m.* Espécie de flor trepadeira cujas pétalas fazem lembrar um coração.

**amor-de-pai** [ɐmórdipáj] *s. m.* Espécie de flor verde escura com motivos prateados.

**ampa** [ɛpɐ] *s. f.* Pau utilizado para apoiar culturas. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**amulado, a** [ɐmuládu, -ɐ] *adj.* Zangado. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**andar a arrastar as canelas** [ɛdárarɛʃtɛrɛʃkɛnɛlɛʃ] *exp. idiom.* Ir vivendo. *P'aqui ando a arrastar as canelas até c'a morte me leve.*

**andar à brocha** [ɛdárabrɔʃɐ] **1.** *exp. idiom.* Andar doente. **2.** *exp. idiom.* Andar à procura de alguma coisa. (1. D.H.<sup>316</sup>/ alt. sem. D.A.C.<sup>317</sup>) (2. alt. sem. D.H./ D.A.C.)

**andar à morena** [ɛdárámurɛnɛ] *exp. idiom.* Espalhar a confusão.

**andar a unir fileras** [ɛdárɛunírfilɛrɛʃ] *exp. idiom.* Andar sem dinheiro, falido. *Tens d'arranjar trabalho ó gaiatão, ñã vês q'and'ai a unir fileras!*

**andar às ochas** (com) [ɛdárázɔʃɐ] *exp. idiom.* Andar em dificuldades. *Pobre rapaz, aí anda às ochas há c'a tempos!* (alt. sem. D.C.F.<sup>318</sup>)

**andar c'ó janero** [ɛdárkuʒɛnɛru] *exp. idiom.* Andar com o cio. *Toda a nôte foi uma barulhera, os gatos andem c'ó janero.* (reg. de Portugal, alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.<sup>319</sup>)

**andar d' alevante** [ɛdárdɛlivɛti] *exp. idiom.* Levantar-se constantemente. *Ando mal da barriga, toda a note andê d' alevante.* (alt. fon. D.A.C.)

**andar de má raça** (com) [ɛdárdimárásɐ] *exp. idiom.* Andar zangado. *Anda já tudo de má raça com este Governo.*

**andar em celo**<sup>320</sup> [ɛdárɛsɛlu] *exp. idiom.* Andar com o cio. *Quando chega a primavera, as vacas andem em celo.*

**andar ó tiozinho tem cá talegues** [ɛdárɔtiuziŋputékátɛlɛgiʃ] *exp. idiom.* Andar aos caídos. *Desde que le morrê a mãe q'anda aí ó tiozinho tem cá talegues.*

**andaval** [ɛdɛvál] *s. m.* Vendaval. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**anel** [ɛnɛl] *s. m.* Gavinha, elo que liga a videira a uma estrutura. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem.

<sup>316</sup> Regista esta ideia em “brocha”.

<sup>317</sup> Regista somente “à brocha”.

<sup>318</sup> Regista apenas “ochas”.

<sup>319</sup> Os três dicionários registam apenas “janeiro”.

<sup>320</sup> Do castelhano “em celo”.

D.A.C.)

**anespra** [ənɛsprɐ] **1.** *s. f.* Bofetada. **2.** *s. f.* Vespa. **3.** *s. f.* Nêspira. (1., 2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (3. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**anesprera** [ənɛsprɛrɐ] *s. f.* Nespereira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**anesprero** [ənɛsprɛru] *s. m.* Vespeiro, local onde se reúnem as vespas. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**anexim** [ənɛʃɨ] *s.m.* Alcinha. (reg. do Alentejo D.H./ reg. D.C.F./ reg. do Alentejo D.A.C.)

**anginas** [ɐ̃zɨnɛʃ] *s.f. pl.* Amígdalas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**anhorro**<sup>321</sup> [ɐ̃nõru] *s. m.* Bezerro com cerca de um ano de idade.

**anilha** [ənɨlɐ] *s. m.* Rabo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**anilhas** [ənɨlɐʃ] *s. f. pl.* O. m. q. *anginas*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**anis em rama** [ənɨzɛrɛmɐ] *exp. idiom.* Erva-doce.

**anjinho/ enjinho** [ɐ̃zɨɲu]/ [ɛ̃zɨɲu] *s. m.* Bebê morto, que ainda não completou um ano. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.<sup>322</sup>/ alt. fon. D.A.C.)

**anorante** [ɐ̃nurɛ̃ti] *adj.* Ignorante. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**antão** [ɐ̃tɛ̃w] *adv.* Então. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**anteontim** [ɐ̃tiõfi] *adv.* Anteontem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**antes dontim** [ɐ̃tizdõfi] *loc. adv.* O. m. q. *anteontim*.

**anual** [ɐ̃nwál] *s. m.* Trabalhador fixo, que recebe ao mês. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ao preço da uva mejona** [awprɛsudeũvɛmizõnɐ] *exp. idiom.* Barato. *Quand' é no fim da fera, já tá tudo ao preço da uva mejona.*

**apancadista** [ɐ̃pɛkɛdɨʃtɐ] *adj.* Com comportamento imprevisível, com alguns distúrbios. (reg. de Portugal, alt. fon. D.H./ reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**apanhado da lua** [ɐ̃pɛɲádu,-ɐ̃dɛdɛlúɐ] *exp. idiom.* O. m. q. *apanhado*. *Passo a vida a abrir a boca, devo andar apanhado da lua.*

**apanhado, a** [ɐ̃pɛɲádu, -ɐ] **1.** *adj.* Que está sob o efeito do quebranto. *A Maria nã pára d'abrir a boca, vê-se mesmo que tá apanhada.* **2.** *adj.* Bêbado. *Ontem à nôte, vinhas da taverna já apanhado.* (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**apanhar uma bubedera** (com) [ɐ̃pɛɲárũmɛbubidɛrɐ] *exp. idiom.* Ser alvo de um engano; não obter o resultado esperado. *Ele apanhô uma bubedera c' aquele carro.*

**apanhar uma gaita** [ɐ̃pɛɲárũmɛgájɐ] **1.** *exp. idiom.* Não caçar nada. **2.** *exp. idiom.* Não atingir o objetivo previsto. *Fui ao médeco, mas apanhê uma gaita.*

**apartar** [ɐ̃pɛrtár] *v.* Começar, desatar a fazer algo. *O cão apartô a fugir e nunca más o vi.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**apaxonado, a** [ɐ̃pɛʃunádu, -ɐ] *s.* Aquele por quem se nutre interesse, de quem se gosta. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**apedrado** [ɐ̃pidrádu] *adj.* Diz-se do céu quando está encoberto, quando tem nuvens que lembram carneiros. *Céu apedrado aos três dias é molhado.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**apernar** [ɐ̃pɛrɲár] *v.* Prender, atar as patas de um animal. *Só falta apernar uma ovelha.* (D.C.F.)

**apertado, a** [ɐ̃pɛrtádu, -ɐ] *adj.* Condição da pessoa que, após ter sido benzida contra o quebranto, revelou não estar sob esse efeito. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>321</sup> Deturpação do castelhano “añejo”.

<sup>322</sup> Regista “anjo”.

**apindico** [əpĩdĩku] *s. m.* Miudeza de loiça. *Tenho tantos apindicos qu'alguns nem os uso.*

**aplomesia** [əplomizjɐ] *s. f.* Pneumonia.

**aporfiar** [əpurfjár] *v.* Assegurar; dizer como sendo verdadeiro. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**aposer** [əpozér] *v.* Poisar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aprisco** [əprĩsku] *s. m.* Corredor estreito onde se recolhem as ovelhas para serem ordenhadas. (D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**apupar** [əpupár] *v.* Atiçar. *Apupô o cão e depôs ele ia-le mordendo.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**aquase** [əkwázi] *adv.* Quase. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aquebrantado, a** [əkibrɛtádu, -ɐ] *adj.* Com quebranto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**aguesse/a** [əkési, -ésɐ] *pron. demonstr.* Esse, a. *Ele é daquessas bandas.* (D.C.F.)

**aqueste/a** [əkéstɨ, -éstɐ] *pron. demonstr.* Este, a. *Aquesta blusa já é velha.* (alt. fon. D.C.F.)

**aquilo era mas é bom!** [əkĩtérɐmɐzébõ] Expressão enfática usada para designar agrado. *Quand' era novo, ia às festas a Valença, aquilo era mas é bom!*

**arame dos porcos** [ərɛmiduʃpórkuʃ] *exp. idiom.* Arganel.

**aravessa** [ərɐvɛsɐ] *adj.* Diz-se dos objetos de madeira que estão derreados, prestes a estragar-se. *A mesa é uma aravessa.* (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**arbanhil**<sup>323</sup> [ərɐɓjĩ] *s. m.* Pedreiro.

**arco-da-velha** [árkudɐvélɐ] *s. m.* Arco-íris. O. m. q. *arco-irgem.* *Arco-da-velha de tarde ñ vem em balde.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arco-irgem** [árkuvirzɛ] *s. m.* O. m. q. *arco-da-velha.*

**arde o verde por seco** [árduvérdipurséku] *exp. idiom.* Expressão usada no negócio, quando se quer enganar o comprador, para indicar que os produtos verdes ou menos bons vão no meio dos maduros ou mais apresentáveis. *Este ano há munta batata miúda, tenho d'as misturar. Quand' é a vender, arde o verde por seco!*

**arencu/ ericú** [arɛkú]/ [erikú] *s. m.* Pirlampo. (reg. D.C.F.) (alt. fon. D.C.F.)

**argália** [ərgáljɐ] *s. f.* Algália. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**argolão** [ərgulɛõ] *s. m.* Aro onde se enfia o varal, existente tanto nos carros de bois, como nas carroças. (alt. sem. D.H./ D.C.F.)

**arjorge/ arjoze** [ərʒórzi]/ [ərʒózi] *s. m.* Espécie de chocalho com forma redonda; guizo existente nos burnis dos machos e das mulas. (reg. de Portugal, alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**arjur**<sup>324</sup> [arʒúr] *s. m.* Espécie de bordado que se coloca à volta das toalhas, *ajour.*

**armar uma mintira** [ərmárũmɛntírɐ] *exp. idiom.* Mentir; pregar uma mentira.

**armar-se d'arrochada** (com) [ərmársidɐruʃádɐ] *exp. idiom.* Bater. *O ti Chico armava-se d'arrochada c' as mulas.*

**armar-se de gadelha** (com) [ərmársidigɐdéɫɐ] *exp. idiom.* Brigar.

**armar-se de gadunha** (com) [ərmársidigɐdũɓɐ] *exp. idiom.* O. m. q. *armar-se de gadelha.* *Armárim-se de gadunha, só a aguarda é qu'os desapartô.*

<sup>323</sup> Do castelhano “arbañil”.

<sup>324</sup> Deturpação do francês “ajour”.

**armar-se de punheda** [ɐrmársidipunjédɐ] *exp. idiom.* O. m. q. *armar-se de gadelha. Armô-se ali de punheda c'o irmão e parti-le o nariz.*

**armas da gadanha** [ármezɔgɐdɛjɐ] *exp. idiom.* Sistema existente na extremidade do pau da gadanha onde encaixa a lâmina.

**arnela** [ɐrnélɐ] *s. f.* Genica; ânimo; iniciativa. *Aquela mulher tem munta arnela.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**arrã** [ɐRɛ] *v.* Rã, batráquio de cor acastanhada. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**arrabanhar** [ɐRɛbɛjár] **1.** *v.* Juntar. *Temos qu' arrabanhar a palha do gado.* **2.** *v.* Colher. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**arracha** [ɐRáʃɐ] *s. f.* Fenda, racha. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**arrachadela** [ɐRɛʃɐdélɐ] *s. f.* Fenda, racha com uma dimensão ainda reduzida. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**arraia** [ɐRájɐ] **1.** *s. f.* Confusão, reboiço. **2.** *s. f.* Raia, fronteira. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arranhido, a** [ɐRɛjídɐ, -ɐ] *adj.* Zangado.

**arrebena/ arribana** [ɐRibénɐ]/ [ɐRibénɐ] *s. f.* Estábulo onde dorme o gado bovino. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**arrebentar** [ɐRibɛtár] *v.* Rebentar. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arrebento** [ɐRibɛtu] *s. m.* Rebento. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**arrecuer** [ɐRikwér] *v.* Recuar. (alt. fon. D.C.F.)

**arredar-se** [ɐRidársɨ] *v.* Mover-se, desviar-se. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**arredio** [ɐRidíu, -íɐ] **1.** *adj.* Ausente. (1. D.H./ D.C.F.)

**arreganhado, a** [ɐRigɛjádɐ, -ɐ] *adj.* Cheio de frio; arrepinado; friorento. (reg. de Portugal D.H./ reg. D.C.F.)

**arreganhar** [ɐRigɛjár] *v.* Rir. *De que é que te tás a arreganhar?* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arregoar** [ɐRigwár] *v.* Abrir uma fenda, gretar. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arregoguedo** [ɐRigogédu, ɐ] *adj.* Divertido, extrovertido. (alt. fon. D.C.F.)

**arrelíquia** [ɐRilíkɛ] *s. f.* Defeito. (alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**arrelvar** [ɐRɛlvár] *v.* Dar a primeira lavra à terra. *Arrelvar em fevrêro/março, atalhar em maio, sementera em novembro.* (reg. do Alentejo D.H./ alt. sem. D.C.F./ reg. do Alto Alentejo D.A.C.)

**arremangado, a** [ɐRimɛgádɐ, -ɐ] *adj.* Arregaçado. (D.H./ reg. D.C.F.)

**arrematar** [ɐRimɛtár] *v.* Atar, prender. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**arremedar** [ɐRimidár] *v.* Imitar. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arremendão, ona** [ɐRimɛdɛw̃, ɔnɐ] *s.* Que faz uns remendos. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**arreguelha** [ɐRɛgélɐ] *s. f.* Pessoa com pouco valor.

**arresora/ arresoria** [ɐRizórɐ]/ [ɐRizórɛ] **1.** *s. f.* Rasoira. Medida de 10 litros. **2.** *s. f.* Medida de capacidade, usada para os cereais, equivalente a meio alqueire (7,5 litros). (1., 2. alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**arriar a calça** [ɐRjárɛkátɐ] *exp. idiom.* Defecar.

**arriar o calhau** [ɐRjárɛkáláw] *exp. idiom.* Defecar. (D.A.C.)

**arriar o melão** [ɐRjárɛmilɛw̃] *exp. idiom.* Defecar.

**arriba** [ɐRíbɐ] *adv.* Acima. *Íamos daqui por aí arriba.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arribe** [ɐRífi] **1.** *s. m.* Barreira de terra ou pedra, que separa parcelas de terra sobrepostas. **2.** *s. m.*



Parcela de terra sobreposta, talhão. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ D.C.F./ reg. dos Açores D.A.C.<sup>325</sup>)

**arrimar** [ʁrimár] v. Bater. *É pequeno, mas já l'arrima com força.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arroba** [ʁórbɐ] **1.** s. f. Unidade de medida com diferentes pesos em Portugal e Espanha. Assim, em Portugal equivale a 15 kg e em Espanha a 11,5 kg. Tal disparidade exigia uma atenção acrescida nos negócios de fronteira. **2.** s. f. Medida de capacidade equivalente a 25 litros, usada em Espanha para medir o azeite<sup>326</sup>. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.<sup>327</sup>) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**arrochada** [ʁuʃádɐ] s. f. Pancada; cacetada. *Dê-le cá uma arrochada qu'ele até desmaiô!* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arrochar** [ʁuʃár] v. Segurar, apertar. *No final temos que arrochar a carga.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arrocho** [ʁóʃu] **1.** s. m. Pau usado para bater o gado. **2.** s. m. Pau torto e pequeno, que serve para apertar a carga. (1. reg. do nordeste do Brasil D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**arrodeladinho, a**<sup>328</sup> [ʁudilɐdĩnu, -ɐ] adj. Ajeitadinho.

**arrogança** [ʁuɾgɐ̃sɐ] s. f. Iniciativa, força de vontade. *Se nã fosse a arrogança qu'a gente tem...!* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**arrudão** [ʁudɐ̃w] s. m. Planta parecida à arruda, mas que tem uma folha mais larga e um caule mais grosso. (D.H./ D.C.F.)

**arrueda** [ʁwɛdɐ] s. f. Carreiro. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**arrufar** [ʁufár] v. Levantar fervura. *Mal me descudê, o lête arrufô.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**arrufo** [ʁúfu] **1.** s. m. Zanga; desentendimento. **2.** s. m. *Arrife*, parede que marca o fim do talhão. **3.** s. m. Bolha. *Naquela fonte é possível ver os arrufos da água.* (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (3. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ reg. da Beira Alta D.A.C.)

**arruído** [ʁuídu] s. m. Chatice; arrelia. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**artresa**<sup>329</sup> [ʁtrɛzɐ] s. f. Tipo de inseto, conhecido como louva-a-deus, cujo nome científico é *Mantis religiosa* L.. O. m. q. *cavalo-del-rei*.

**arvela** [ʁvɛlɐ] **1.** s. f. Alvéola, pequeno pássaro da família dos motacilídeos. **2.** s. f. Pessoa que anda com a cabeça no ar. (1. reg. de Portugal, alt. fon. D. H., D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. fon, sem. D.H., alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)<sup>330</sup>

**arvelhana/erVELhana/erVELhena/orVELhena** [ʁvɛlɐ̃nɐ]/ [ʁvɛlɐ̃nɐ]/ [ʁvɛlɐ̃nɐ]/ [orvɛlɐ̃nɐ] s. f. Amendoim. (reg. D.C.F.)<sup>331</sup>

**às atenças** (de) [azɛtɛ̃sɐ̃] loc. adv. À custa de. *Às atenças do vinho do Rosal, o do Prero era bom.*

**às calcanharadas** [aʃkaʃkɐ̃rɐdɐ̃s] exp. idiom. À pressa. *Descúimos a ladera às calcanharadas, num stente nos lá púnhimos.*

**às cavalitas** [aʃkɐvɛlɐ̃tɐ̃] exp. idiom. Às costas. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**às navalhas** [aznɐvɐ̃lɐ̃s] exp. idiom. Aos caídos, sem eira nem beira. *Desde que saiu daquele*

<sup>325</sup> Os três dicionários indicam o uso deste vocábulo nos Açores.

<sup>326</sup> De notar que em Portugal se usa essencialmente o alqueire, equivalente a 10 litros.

<sup>327</sup> Os três dicionários só registam a medida portuguesa.

<sup>328</sup> SILVA, 1948 regista “arrodelado”, mas com outra aceção.

<sup>329</sup> Deturpação do vocábulo castelhano “santateresa”.

<sup>330</sup> A propósito desta ave, foi-nos apresentada uma máxima popular: “Aquele que apanha um’ arvela é más fino do que ela”.

<sup>331</sup> Só registo o termo “arvelhana”.

*emprego qu' anda aí às navalhas.*

**as premeras sã vassoras, as segundas sã senhoras** [ɐʃpriméɾɐʃsévesóɾɐzɐʃsigúdeʃséʃinóɾɐʃ]  
Adágio usado a respeito do casamento.

**às três quinze** [aʃtréʃkízi] *exp. idiom.* Diz-se da roupa com pouca apresentação e que causa espanto a quem a vê vestida. *Olha-me pr'aquele c' aquele fato às três quinze.*

**às troxas** [aʃtróʃɐ] *exp. idiom.* Às cavalitas; às costas.

**asada/ asado** [ɐzáda] / [ɐzádu] *s. f. / s. m.* Recipiente de barro em forma de panela com duas asas, usado para líquidos. (reg. D.C.F.) / (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ás-de-copas** [ázdikópɐʃ] *s. m.* Rabo. (reg. do Nordeste do Brasil D.H./ D.C.F.)

**áspia**<sup>332</sup> [áspijɐ] *s. f.* Animal parecido à lagartixa, mas mais espalmado, que tem a barriga amarela e pintas amarelas e verdes e é muito venenoso. Quando pica os animais, mata-os. Diz o povo que, após a picadela, os animais só têm uma hora de vida.

**asquento, a** [ɐʃkétu, -ɐ] *adj.* Que facilmente se enoja.

**assadura** [ɐsɐdúɾɐ] *s. f.* Naco de carne de porco. *Do presente da matança fazia parte uma morcela, uma cacholera e uma assadura.* (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**assario, a**<sup>333</sup> [ɐsɐríu, -ɐ] *adj.* De raça grande.

**assente** [ɐséti] *adj.* Diz-se do bolo ou de outro alimento que não é do dia, não é fresco. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**asestida** [ɐsi'tíde] *adj. f.* Menstruada. *A m' nha neta já é asestida.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**assim e assado** [ɐsíjɐsádu] *exp. idiom.* De uma maneira ou de outra. *Fazer as cosas assim e assado.* (D.H.<sup>334</sup>/ D.A.C.<sup>335</sup>)

**assolar** [ɐsulár] *v.* Dominar. *Quando chegaram, vinham a qu' rer assolar tudo.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**assomar** [ɐsumár] *v.* Espreitar. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**assovacado, a**<sup>336</sup> [ɐsuvəkádu, ɐ] *adj.* Com falta de ar.

**assurganhar-se** [ɐsurɣɐjárɐsi] *v.* Rir-se com ar de mistério ou de forma sarcástica.

**atã** [ɐtẽ] *adv.* Então. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**atabefe** [ɐtɐbéfi] *s. m.* Soro ou almece; líquido que se separa da coalhada aquando da feitura do queijo. (alt. fon. D.H./ D. C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**atafina** [ɐtɐfíne] *s. f.* Azáfama. *Toda a manhã andê num' atafina.* (alt. sem. D.C.F.)

**atalear/ atarear**<sup>337</sup> [ɐtɐljár]/ [ɐtɐrjár] *v.* Ter atenção; estar concentrado. *Vê lá s' ataleias, p' ra c' o trabalho fique em condeçons.*

**atalhar** [ɐtɐlár] **1.** *v.* Dar a segunda lavra à terra. **2.** *v.* Repesar a água. (1. alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.) (2. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**atalondrado, a** [ɐtɐlõdrádu, -ɐ] *adj.* Atordado.

**atasquero** [ɐtɐʃkéri] *s. m.* Local lamacento, onde se enterram os pés. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

<sup>332</sup> SILVA, 1948 regista “áspid(e)”.

<sup>333</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

<sup>334</sup> Regista “assim como assado”.

<sup>335</sup> Regista “assim ou assado”.

<sup>336</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo.

<sup>337</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo.

**ataviar-se** [ətəvjársi] v. Despachar-se. *Atavia-te! Olha que ñã temos a manhã toda!* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ategar** [ətəgár] **1.** v. Aguentar. *Memo coxo, ategô o caminho todo.* **2.** v. Funcionar, resultar. *Depôs de tanto trabalho, aquilo ñã ategô.* (1., 2. alt. fon. alt. sem. D.C.F.)

**atentar** [ətětár] v. Persistir. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**atirar à faianca** [ətiráfajjékə] *exp. idiom.* Atirar um projétil com o braço, rodando por baixo paralelamente ao corpo.

**atiscar-se** [ətiskársi] v. Atrapalhar-se. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**atório** [ətórju] s. m. Grande quantidade. *Lavê um atório de ropa.*

**atorrelhar** [əturilár] v. Humilhar; espezinhar. *Tanto atorrelhastes o rapaz, qu'ele foi-se embora.*

**atruvancar** [ətrevēkár] v. Obstruir; dificultar. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**atravesso** [ətrevésu] s. m. Atalho, caminho estreito.

**atromezer** [ətрумizér] v. Assustar; atormentar. *Tem cuidado, senã podes atromezé-lo.*

**aturar** [əturár] v. Durar, conservar-se. *Esta madera chega a aturar um ano na água.* (D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**avagada** [əvəgáde] s. f. Cova funda, localizada no cimo de um cabeço.

**avanão** [əvənēw̃] s. m. Abanão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**avantajada** [əvētəzádə] *adj. f.* Diz-se da mulher que tem os seios muito grandes. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.<sup>338</sup>)

**avantar/ aventar** [əvētár]/ [əvētár] **1.** v. Derrubar; deitar ao chão. *Avantaram no cravero e nem no apanharam.* **2.** v. Deitar fora. *Estes sapatos já tã rotos, já os podes avantar.* **3.** Provocar; mandar. *Essas bombas avantavam cá um estoro!* (1., 3. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)/ (1., 3. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**avelar** [əvilár] v. Secar. *Com o calor, as castanhas têm tado a avelar.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**avental** [əvētál] s. m. Peçaço de pano ou de cabedal que se ata à barriga dos carneiros e dos bodes para os impedir de cobrir as fêmeas. (D.H./ reg. D.C.F./ reg. do Alentejo D.A.C.)

**aventaes** [əvētálf] s. m. pl. Conjunto de homens que iam lavar com juntas de bois.

**avezado, a** [əvizádu, -e] *adj.* Habitado. *Tou avezado a viver aqui.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**avezar** [əvizár] v. Habituar-se, acostumar-se. (D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.)

**avial** [əvjál] s. m. Campo de aveia, aveal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aviar-se** [əvjársi] **1.** v. Ir às compras. **2.** v. Despachar-se; pôr-se a postos. *Avia-te! Olha qu'ê ñã tenho munto tempo!* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**avios** [əvíuf] s. m. pl. Compras. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.<sup>339</sup>/ alt. sem. D.A.C.)

**avoinha** [əvoínɐ] s. f. Joaninha, cujo nome científico é *Coccinella septempunctata L.* *Avoinha, avoinha, come pão com sabolinha.*

**avozinha** [əvozínɐ] s. f. O. m. q. *avoinha.* (alt. sem. D.A.C.)

**azadinho, a** [azədínɐ, -e] *adj.* Elegante; bem feito; jeitoso. (reg. D.H.)

<sup>338</sup> Os três dicionários registam o masculino – “avantajado” – e com uma aceção mais geral.

<sup>339</sup> D.H. e D.C.F. registam apenas o singular – “avio”.

**azenhale** [əzɨnájli] *s. m.* Conjunto de azinheiras. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**aziédo, a/ osiedo, a**<sup>340</sup> [əzjédu, -ɐ]/ [ozjédu, ɐ] *adj.* Propenso a; tendente a. *So munto aziedo a essa doença.*

## B

**babosa** [bəbóʒɐ] *s. f.* Lesma. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**bacalhau** [bəkəláw] *s. m.* Tipo de cumprimento; aperto de mão. (reg. Portugal D.H./ alt. sem. D.C.F./D.A.C.)

**bacalhazada** [bəkəlazáɖɐ] *s. f.* O. m. q. *bacalhau*. (alt.fon., alt.sem. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**bacera** [bəséɾɐ] *s. f.* Septicémia, doença que afeta quer os animais, quer os humanos. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**bacharel** [baʃɐɾɛ́ɫ] *s.* Pessoa espevitada, metediça; alguém que se julga sabedor de tudo. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**badalo** [bədálu] *s. m.* Língua. *Munto gostas tu de dar ó badalo!* (reg. Portugal D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**badana** [bədɛ́nɐ] *s. f.* Ovelha muito velha e magra. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**bagina** [bəʒínɐ] *s. f.* Vagem, feijão-verde. *Tenho que ir colher as baginas pró almoço.*

**baia baia!** [bájɐbájɐ] *interj.* Expressão de indignação, surpresa.

**bailação** [bɛjɫɐsɛ́w̃] *s. f.* Baile.

**baja** [bázɐ] **1.** *s. f.* Vagem seca. **2.** *s. f.* Vagem. *Hoje a sopa é de bajas.* (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**bajanica/ bejenica** [bɛʒɐnɨkɐ]/ [bɨʒɨnɨkɐ] *s. f.* Vagina.

**balça** [báɫsɐ] *s. f.* Silva. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**balcerão/ balcerêum** [baɫseréw̃]/ [baɫseréw̃] *s. m.* Aglomerado de silvas. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**balcero, a** [baɫséɾu, -ɐ] *adj.* Bisbilhoteiro; mexeriqueiro. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**baldeer** [baɫdɛ́ɾ] *v.* Lançar uma carga com a forquilha para o cimo da carrada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**baldio** [baɫdiú] *s. m.* Terra sem dono, da qual todos podem usufruir. (reg. Portugal D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**balear/ baleer** [bəljár]/ [bəljér] *v.* Varrer a eira com o *baleio*, ou seja, varrer as espigas e o grão, bem como o palhiço. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)/ (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**baleio** [bəlɛ́ju] *s. m.* Vassoura para limpar o palhiço do grão na eira. (reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**balfurnhero** [baɫfɨɾnɛ́ɾu] *s. m.* Bufarinheiro, tendeiro; vendedor ambulante. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**balhanco** [bəlɛ́ŋku] *s. m.* Balanco, espécie de aveia que degenera e só produz praganas, cujo nome científico é *Avena sativa* L.. O. m. q. *palanco*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**balhar** [baɫár] *v.* Bailar. (D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.)

**balharada** [baɫɐɾáɖɐ] *s. f.* O. m. q. *bailação*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**balho** [báɫu] *s. m.* Baile.

<sup>340</sup> SILVA, 1948 regista “aziago”.

...**fechadinho** [báluʃiʃeðĩju] *exp. idiom.* Baile em que dançam muito juntos.

...**macho** [bálumáʃu] *exp. idiom.* Baile composto só por homens. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**bambalhana** [bẽbẽlãẽnẽ] *s.* Desleixado. (alt. morf. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**banca de cabecera** [bẽkẽdikẽbisẽrẽ] *s. f.* Mesa de cabeceira, pequena mesa que ladeia a cama.

**banca** [bẽkẽ] *s. f.* Mesa tosca usada na matança para migar a carne do porco. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**banqueta** [bẽkẽtẽ] **1.** *s. f.* Banco com quatro patas. **2.** *s. f.* Pequena banca. (1. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**baraço** [bẽrãsu] **1.** *s. m.* Corda feita de palha, usada para atar os molhos. **2.** *s. m.* Pau de castincheira que se colocava em água durante um ano e depois se torcia para apertar os feixes, como se fosse um arame. **3.** *s. m.* Tira de giesta utilizada para segurar os feixes. *Antigamente, cada fexe levava dois baraços.* (1., 2., 3. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**barba** [bãrbẽ] *s. f.* Parte de cima da espiga. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**barba-de-bode** [bãrbẽdibõdi] *s. f.* Erva daninha, parecida à grama, mas mais miúda, cujo nome científico é *Tragopogon porrifolius L.* (D.H.)

**bardalhais** [bẽrdẽlãjʃ] *s. m. pl.* Local longínquo, muitas vezes inóspito e de difícil acesso. *Nã sê onde ele mora, a casa dele fica lá p'ós bardalhais.*

**bardo** [bãrdũ] *s. m.* Local onde se guarda o gado caprino e ovino; curral. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**bareja** [bẽrẽzẽ] *s. m.* Varejeira; mosca grande, que se destaca pelo forte zumbido e por pôr ovos no seio dos alimentos que encontra à disposição nos lares. Esta também é encarada como prenúncio de visitas. *Deve vir aí alguém, anda aí uma bareja...* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**barejera/ brajera** [bẽrzẽrẽ]/ [brẽzẽrẽ] *s. f.* O. m. q. *bareja*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**barimbelho** [bẽrĩbẽlu] *s. m.* Pequeno objeto, berloque. (alt. fon. D.C.F.)

**barraco** [bẽrãku] *s. m.* Varrasco; porco inteiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**barranhão** [bẽrẽnjãõ] *s. m.* Recipiente, normalmente uma bacia de barro, a partir do qual se comia em conjunto. *Intigamente todos comíamos do barranhão.* (alt. sem. D.C.F.)

**barreguencha** [bẽrigẽʃẽ] *s.* Barrigudo. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F.)

**barreguero** [bẽrigẽru] *s. m.* Cinta para apertar a barriga. (alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**barrelero, a** [bẽrilẽru, -ẽ] **1.** *adj.* Homem ou mulher que tem a barriga grande. **2.** *adj.* Diz-se do animal que fica com a barriga grande por comer mal. (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**barrena** [bẽrẽnẽ] *s. f.* Broca de ferro, usada no trabalho das caleiras. (reg. D.C.F./ D.A.C.)

**barrero** [bẽrẽru] *s. m.* Cova grande, com mais de um metro quadrado. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**barroca** [bẽrõkẽ] *s. f.* Curso de água mais pequeno que o ribeiro. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**barroco** [bẽrõku] *s. m.* Local de onde se extrai saibre, que pode ou não dar água. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**barrumbada** [bẽrũbãdẽ] *s. f.* Carga grande.

**basbalhão, ona** [bẽzẽbãlãõ, -õnẽ] *adj.* Aum. de *basbalho*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**basbalho, a** [bɐzbáɫu, ɐ] *adj.* Parvo; aquele que se deixa enganar facilmente; paspalho. *Grande basbalho me saístes!* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**basninha** [bɐznĩɲɐ] *s. f.* Diminutivo de vagem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.<sup>341</sup>)

**basta que sim!** [bɛʃtɛkiʃĩ] *exp. idiom.* Expressão usada simplesmente para anuir ou para incutir um tom irónico à conversa.

**bastão** [bɐʃtẽw] *s. m.* As primeiras landes que caem e que ainda não estão completamente maduras. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**batarel** [bɐtɛrɛĩ] *s. m.* Bataréu; batalhão; grande quantidade de gente. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**batata** [bɐtátɐ] **1.** *s. f.* Nariz grande. **2.** *s. f.* Nariz. (1. alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**batefea** [bɐtífɛɐ] *s. f.* Desordem; confusão. *Vai ali uma batefea no casão!*

**bater a sota** [bɐtɛrésótɐ] *exp. idiom.* Fazer um serviço melhor que todos e mais depressa. *A Mari da Estrela bate a sota a dançar!*

**bater c'as orelhas no masserão** [bɐtɛrkɛzɔréʎɛznumɛserẽw] *exp. idiom.* Comer.

**bater** [bɐtér] *v.* Aparecer; surgir. *Távamos à conversa e entretanto bate-me ali ele.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**batizo** [batízu] *s. m.* Batismo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**baxar** [baʃár] *v.* Descer. *Ele baxou ali p'aquela encosta.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**bechera** [biʃéɾɐ] *s. f.* Dívida. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**bechinho-de-vento** [biʃĩɲudivétu] *s. m.* Remoinho de vento.

**bedelho** [bidéɫu] *s. m.* Criançola. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**bejinho** [beʒĩɲu] *s. m.* Pequeno golo que se dá numa garrafa de bebida. *O mê marido anda todo o dia ós bejinhos na garrafa d' aguardente.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**belancoso, a** [bilẽkózu, ózɐ] *adj.* Adoentado.

**beldoega/ berdulaga** [bɛɫdwéɣɐ]/ [birduláɣɐ] *s. f.* Beldroega. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**beldrocar** [bɛɫdrukáɾ] *adj.* Bisbilhotar.

**beldroquero, a** [bɛɫdrukéɾu, -ɐ] *adj.* Bisbilhoteiro.

**bem m'era a mim** (que) [bẽméramĩ] *exp. idiom.* Bem me parecia.

**bendição** [bẽdisẽw] *s. f.* Grande quantidade. *Há aí uma benção desses bichos.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**benza Deus que nã a lamba o gato!** [bẽzadéwʃkinẽvɛlẽbɔgátu] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando uma pessoa se julga muito formosa.

**beredo** [berédu] *s. m.* Beiral. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**berenho, a** [berẽɲu, -a] *adj.* Beirão. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**berra** [bérɐ] *s. f.* Muito calor. *Têm tado dias assim de berra.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**berro** [béɾu] *s. m.* Mosca que ataca as bestas, cujo nome científico é *Hippobosca equina L.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**berruga** [birúɣɐ] *s. f.* Verruga. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>341</sup> De notar que nenhum dos dicionários regista o diminutivo.

**besganha** [biʒgɛ̃jɐ] *s. f.* Birra. O. m. q. *besguenga*.

**besganhento, a** [biʒgɛ̃jɛ̃tu, -ɐ] *adj.* Birrento.

**besguenga** [biʒgɛ̃gɐ] *s. f.* O. m. q. *besganha*.

**besícula** [bizíkulɐ] *s. f.* Vesícula. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**besuntar** [bizũtár] *v.* Untar. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**bíbaro** [bíberu] *s. m.* Víbora. *S' o alicranço ovisse e o bíbaro visse, ñã havia ser que no mundo vivesse.* (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**bicanca** [bikɛ̃kɐ] *s. m.* Nariz grande. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**bicha** [bíʃɐ] *s. f.* Espécie de sanguessuga que existe nos rios, grande e com uma lista vermelha de cada lado. Antigamente era usada para chupar o sangue moído. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**bicho** [bíʃu] *s. m.* Copo de aguardente. (D.H.)

**bicho-de-luz** [bíʃudilúʃ] *s. m.* Pirilampo, cujo nome científico é *Lampyris noctiluca L.* O. m. q. *arencu*.

**biquerada** [bikerádɐ] *s. f.* Pontapé. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**bisarma/ biserma** [bizármɐ]/ [bizérmɐ] *s. f.* Objeto ou ser de tamanho muito grande. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)/ (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**bláblá** [blablá] *s. m.* Achigã. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.A.C.)

**bobraja** [bubrázɐ] **1.** *s. f.* Mistura de farelos com água, que se dava aos animais. **2.** *s. f.* Preparado de leite em pó e água, que se dá aos mamíferos bebés. **3.** *s. f.* Qualquer preparado que se beba. *Todas as manhãs bebemos a bobraja de café.* (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2., 3. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**boca de chocalho** [bókɛ̃dʃukáʎu] *exp. idiom* Pessoa que facilmente divulga o que sabe, expondo, muitas vezes, a vida alheia.

**boceta** [busétɐ] *adj.* Lambusado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**bocha** [bóʃɐ] *s. f.* Cadela. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**bodegar**<sup>342</sup> [budigár] *v.* Tentar cobrir. *Andava ali o chibato a bodegar, a bodegar.*

**bogas** [bógɐʃ] *s. f. Pl.* Miolinhos de coalhada que ficam no fundo do recipiente para onde se deitou o soro.

**boia** [bójɐ] *s. f.* Naco grande. *O mê almoço é sopa e uma boia de tocinho.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**boinente** [bojnɛ̃ti] *s. m.* Tropa que usa boina.

**bolandero**<sup>343</sup> [bulɛ̃dɛ̃ru] **1.** *adj.* Diz-se do vento que tão depressa sopra de um lado como de outro.

**bolas** [bólɐʃ] *s. f. pl.* O. m. q. *anginas*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**boleta** [bulétɐ] *s. f.* Bolota. *Quem quer boleta que trepe.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**bolha** [bólɐ] *s. f.* Tipo de enxertia. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**bolindre** [bolíndri] *s. m.* Berlinde. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**bolisco/ bulisco** [bulíʃku]/ [bulíʃku] **1.** *s. m.* Belisco. **2.** *s. m.* Mossa que se faz no pão em massa para se diferenciar dos outros. Esta prática era frequente nos fornos comunitários. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

<sup>342</sup> SILVA, 1948 regista “bodejar”, mas com uma acentuação um pouco diferente.

<sup>343</sup> Do castelhano “volandero”.

**bolo sovado** [bólusuvádu] *s. m.* Tipo de bolo, confeccionado a partir da massa do pão, que é amassado nas mãos.

**bolo-da-festa** [bóludəfɛʃtɐ] *s. m.* Bolo finto, confeccionado sobretudo na Páscoa.

**bolo-de-lata** [bóludilátɐ] *s. m.* Boleima batida.

**bolos** [bóluf] *s. m. pl.* Castanhas assadas esmagadas.

**bomitar** [bumitár] *v.* Vomitar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**bonachana** [bonɛʃɛnɐ] *adj.* Diz-se da pessoa que é boa. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**bonda que** [bõdɛki] *loc. conj.* De modo que. *Bonda que fui oprado premero a este péi. Bonda que mexo o péi, mas...* (alt. sem. D.C.F.)

**bonda** [bõndɐ] *interj.* Basta. *Bem bonda quando estás doente!* (reg. D.C.F.)

**boneca d' açúcar** [bunékɛdɛsúkrɪ] *exp. idiom.* Espécie de chupeta, feita a partir de pão com açúcar, enrolados com uma linha.

**bonico** [buníku] *s. m.* Excremento. *A rua tá chea de bonicos de burro.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**bons anos** [bõzɛnuʃ] *exp. idiom.* Postais ilustrados que os rapazes, na noite de ano novo, colocavam debaixo das portas das raparigas. *Ê escrevi-te esses bons anos/ com uma varinha na mão/p'ra que, quando t'os fosse meter,/nã me mordesse algum cão.*

**borbolha**<sup>344</sup> [borbólɛʃ] *s. f.* Bolha de água a nascer.

**bordão** [burdɛw̃] *s. m.* Pau usado para orientar e bater o gado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**bordons** [burdõʃ] *s. m. pl.* Ranho grosso que se vê escorrer do nariz.

**borloto** [burlótu] *s. m.* Constituinte da carroça ou de uma escada de madeira, que consiste num pau redondo que encaixa numa estrutura. Por exemplo, nas escadas, os *borlotos* são os paus que têm a função de degraus e que estão encaixados em duas tábuas grossas laterais.

**bornal** [burnát] **1.** *s. m.* Bolsa de coiro usada pelos pastores para levar o farnel. **2.** *s. m.* Espécie de bolsa, feita com um saco, que se coloca por baixo do focinho das bestas e as impossibilita de comer o que lhes está vedado e também serve para lhes dar grão quando andam a trabalhar. (1., 2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**bornala** [burnátɐ] *s. f.* O. m. q. *bornal.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**borniço** [burnísu] *s. m.* Restos de cortiça.

**borracero** [borɛsɛru] *s. m.* Chuva miúda. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**borracho** [buráʃu] **1.** *adj.* Bêbedo. **2.** *s. m.* Pássaro pequeno, ainda sem penas. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**borralhera** [burɛléɾɐ] **1.** *s. f.* Buraco existente na chaminé, para o qual se deita a cinza. **2.** *s. f.* Poeirada, grande quantidade de pó. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**borralherada** [burɛléɾádɐ] *s. f.* Poeirada.

**borrar a malhada** [buráɾɛmɛládɐ] *exp. idiom.* Fazer disparates.

**borrego** [burégu] *s. m.* Nuvem. *Ih... cada borrego que há no céu! Cf. emborregado.* (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>344</sup> SILVA, 1948 regista “borbulhão” com esta aceção.



**borregos** [buréguʃ] *s. m. pl.* O. m. q. *bogas*. *Aproveta este soro, porque hoje tem muntos borregos.* (reg. D.H./ reg. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**borreguinhas/ borreguinhos** [burigíjɲɐʃ]/ [burigíjɲuʃ] *s. pl.* O. m. q. *bogas*.

**borrena**<sup>345</sup> [buréɲɐ] *s. f.* Tipo de mosca que pica os animais.

**borrera** [buréɾɐ] *s. f.* Diarreia. (alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**bota cá lecença** [bótɐkálisɛɲɐ] *exp. idiom.* Expressão utilizada pelos rapazes nos bailes, quando perguntavam às raparigas se queriam dançar.

**botar as galinhas** [bótáɾɛʒɐlíjɲɐʃ] *exp. idiom.* Preparar o choco das galinhas, reunindo os ovos e ajustando o local em que elas os possam chocar.

**botar contas**<sup>346</sup> [bótáɾkótɐʃ] *exp. idiom.* Fazer cálculos. *Tive a botar contas e vi qu' esse negócio nã valia a pena.*

**botar culpas** [bótáɾkúlpɐʃ] *exp. idiom.* Culpar.

**botar ó ar** [bótáɾóáɾ] *exp. idiom.* Limpar o grão. *Hoje há vento, tá bom pra botar o grão ó ar.*

**botar** [bótáɾ] *v.* Deitar; atirar. *Bota isso fora, que nã presta!* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**botar-se** (a) [bótáɾsi] *v.* Atacar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**boteco** [butéku] *s. m.* Pancada. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.A.C.)

**botelha** [butéʎɐ] *s. f.* Abóbora. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.)

**botiço**<sup>347</sup> [bótisu/i] *s. f.* Barulho, chinfrim.

**bracejer** [brɛsizér] *v.* Fazer uma massagem para aliviar a tensão. *Quando as veas tã entoradas, temos que bracejé-las.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**bracera** [brɛsérɐ] *s. f.* Objeto usado na ceifa, que se usava no braço e era enfiado nos dedos para os proteger. (alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**bradar à rosa** [bradáɾarózɐ] *exp. idiom.* Forma de miar dos gatos que andam com o cio, cujo som faz lembrar a palavra "rosa".

**bradar** [bradáɾ] *v.* Chamar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**bramura** [brɛmúɾɐ] *s. f.* Fogagem.

**brasão** [brɛzɛw̃] *s. m.* Orifício onde se enfia a ponta do temão na canga. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**braselero, a** [brɛziléru, ɐ] *adj.* Felizardo. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**brava** [brávɐ] *adj.* Diz-se da cortiça que é tirada pela primeira vez. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**brecha** [bréʃɐ] **1.** *s. f.* Ferida. **2.** *s. f.* Fenda. (1. alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**brenhol**<sup>348</sup> [brɛjól] *s. m.* Fritos feitos com uma variedade de abóbora menina, a moganga.

**brincar à rule** [brĩkárarúli] *exp. idiom.* Jogar à macaca.

**brocho** [bróʃu] *s. m.* Constituinte da canga, correspondente a uma correia que passa por baixo do pescoço do animal e se prende nos dois cangalhos que passam ao lado do pescoço. (reg., alt. sem. D.C.F.)

<sup>345</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo, mas com uma aceção completamente diferente.

<sup>346</sup> SILVA, 1948 regista “botar as contas”.

<sup>347</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo.

<sup>348</sup> SILVA, 1948 regista “brinhol”.

**bubadera/ bubedera** [bubədérɐ]/ [bubidérɐ] *s. f.* Bebedeira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**buber lume** [bubérlúmi] *exp. idiom.* Enraivar-se.

**buber** [bubér] *v.* Beber. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**bubetana** [bubiténɐ] *s.* Pessoa que anda sempre bêbeda. (alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**búbia** [búbjɐ] *s. f.* O. m. q. *bubadera*.

**bucha** [búʃɐ] *s. f.* Pequeno lanche que se toma entre as refeições principais para atenuar a fome. *Às dez, pára o serviço, porque é a hora da bucha.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**buena alma** [buénałmɐ] **1.** *s. f.* Pessoa que dá tudo o que tem, amiga do próximo. **2.** *s. f.* Homem que se deixa mandar pela mulher.

**buenaça**<sup>350</sup> [buénaʃɐ] *s. f.* Pessoa que dá tudo o que tem, amiga do próximo. (D.H.)

**bufo** [búfu] *s. m.* Medo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**bugalha** [bugáɫɐ] *s. f.* Melancia pequena. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**bugalhão** [bugɛłẽw] *s. m.* Espécie de bugalha com picos. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**bugalhinha do olho/ buguelha do olho** [bugɛłĩɲduólu]/ [bugéłɛduólu] *s. f.* Pupila. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)/ (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**bugio** [buʒíu] *s. m.* Espécie de barraca feita com pedras e telhado de giesta, na qual se abrigava o gado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**buraca** [buráɫɐ] *s. f.* Local de arrumação existente nas paredes. *Esses tachos tã na buraca da chamené.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**buraquinho de caca** [burɛkıɲudikáɫɐ] *s. m.* Ânus.

**burnil** [burníɫ] *s. m.* Espécie de almofada, revestida de cabedal e com palha no interior, usada para proteger o pescoço da besta e sobre a qual se coloca a canga. (reg., alt. fon. D.C.F.)

**burro** [búru] *s. m.* Espécie de cavalete, onde se firmam os barrotes de madeira para cortar. (reg. do Brasil D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**butano** [buténu] *s. m.* Gás usado no contexto doméstico. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**butre** [bútri] *s. m.* Abutre. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**buuu!** [bú] *interj.* Exprime admiração e espanto. *Esta fala aqui da Escusa é uma fala tipo trovada. Buuu!*

**buzino** [buʒínu] *s. m.* Búzio grande, que produz um som forte, utilizado para chamar os ranchos para comer ou os utilizadores do forno comunitário. *Quando ovíimos o buzino, íimos comer ó monte.* (alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**búzio** [búziu] *adj.* Embaciado, baço. *Tenho os óculos búzios.* (D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

<sup>349</sup> Influência do castelhano “bueno”.

<sup>350</sup> Do castelhano “buenazo”.

C

**c'a breca** [kəbrəkə] *exp. idiom.* Com o cio, aluada. O. m. q. *saída* e *alta*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cá calharás** [kákəλeráj] *exp. idiom.* Expressão equivalente a "cá chegarás à minha idade".

**cá ó mê rabo ninguém s'alimpa** [káomεrábunĩgēsēlĩpɐ] *exp. idiom.* Expressão utilizada para indicar que ninguém se mete na sua vida.

**ca** [kə] **1. conj.** Que. Usada como partícula expletiva. *Isso já morreu há ca tempos!* **2. conj.** Que. Esta introduz o segundo termo de comparação em frases comparativas. *O relajo velho era melhor ca este.* (reg. de Portugal D.H./ D.C.F.)

**cabaço** [kəbásu] *s. m.* Recusa. *Pedi-le p'ra dançar, mas levê um cabaço.* (reg. do Alentejo, alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cabecero** [kəbiséru] *s. m.* Almofada. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**cabeçudo, a** [kəbisúdu, -ɐ] **1. adj.** Pessoa que tem a cabeça grande. **2. adj.** Aquele que revela dificuldades na aprendizagem. **3. s. m.** Girino. O. m. q. *pexe-sapo*. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (3. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**cabelo de rato** [kəbéluðirátu] *s. m.* Cabelo fraco, com pouca saúde.

**cabelos do milho** [kəbéluðumílu] *s. m. pl.* Barbas do milho.

**cabo** [kábu] **1. s. m.** Fim. *Só no cabo do inverno é que choveu.* **2. s. m.** Réstia de alhos ou de cebolas. (1. alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**cabra cega/coxa ãã tem sesta** [kábrəségənētéséstɐ] / [kábrəkóʃənētéséstɐ] Adágio utilizado quando alguém tem uma debilidade. O facto de ter uma fragilidade faz com que não possa parar para a conseguir compensar.

**cabrar** [kəbrár] *v.* Cobrir. (alt. sem. D.H.)

**cabras** [kábrɐʃ] *s. f. pl.* Manchas que surgem nas pernas das mulheres, provocadas pelo excesso de calor. *Descudê-me ali ó lume, agora tenho as pernas cheas de cabras.*

**cabrero** [kəbréru] *adj.* Tipo de queijo mais serôdio, que fica muito branco. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**cabresto** [kəbréstɐ] *s. m.* Carneiro, normalmente capado, que usa um chocalho grande para chamar o resto do rebanho. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**caçadora**<sup>351</sup> [kəsədórɐ] *s. f.* Tipo de casaco quente, blusão. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.A.C.)

**caçapo** [kəsápu] *s. m.* Coelho pequeno. (D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**caça-rabos** [kásɐrábɐʃ] *s. m.* Saca-rabos, mangusto, cujo nome científico é *Herpestes ichneumon* L.. (reg., alt. morf. D.C.F.)

**cachafrito** [kəʃɐfrítɐ] *s. m.* Método de cozinhar semelhante ao estufar. *O almoço hoje é coelho de cachafrito.*

**cachaporra** [kəʃɐpórɐ] *s. f.* Tortulho ainda fechado, o. m. q. *maceta*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cachaporrinha** [kəʃɐporĩɲɐ] *s. f.* Pequena bolsa. (alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

**cacharrinho** [kəʃɐrĩɲu] *s. m.* Pote pequeno, que também pode ser usado como açucareira. (reg., alt.

<sup>351</sup> Do castelhano "caçadora".

morf., alt. sem. D.C.F.<sup>352</sup>)

**cacharro**<sup>353</sup> [kəʃáru]/[kɐʃáru] s. m. Recipiente. (reg., alt. sem. D.C.F.)

**cachepada** [kəʃipáde] s. f. Criançada; grupo de cachopos ou cachopas. (alt. fon. D.C.F.)

**cacho** [káʃu] s. m. Bago de uva. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ reg., alt. sem. D.A.C.)

**cachondo, a**<sup>354</sup> [kəʃódu, -ɐ] **1.** adj. Engraçado, brincalhão. **2.** s. m. Pessoa que gosta de gozar com as outras. (1., 2. reg., alt. sem. D.C.F.)

**cachons** [kəʃóʃ] s. m. pl. Gorgulhões de água a nascer. (<sup>355</sup>D.H./ D.C.F./ D.A.C.<sup>356</sup>)

**cachopero, a** [kəʃupéru, ɐ] adj. Aquele que tem dom para lidar com crianças. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**cachopo, a** [kəʃópu, ópɐ] s. Criança; pessoa jovem. (reg. de Portugal D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**cacimba** [kəʃíbe] s. f. Orvalho da manhã. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**caço** [kásu] **1.** s. m. Concha usada para servir, quer a sopa, quer o açúcar. **2.** s. m. Utensílio com buracos e rabo comprido, que era usado para tirar o pimento dos reservatórios, espécie de escumadeira. **3.** s. m. Recipiente com o cabo comprido, usado para aquecer água ou outros líquidos. *Tá na hora de pôr um caço ao lume p'ra fazer o chá.* **4.** s. m. Concha de ferro, com pega comprida, que servia para tirar a terra dos buracos nas pedreiras de cal. (1. D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.) (2., 4. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (3. D.H./ reg. D.C.F./ reg. de Trás-os-Montes D.A.C.)

**caçola** [kəsólɐ] s. f. Caçoila ou caçoula. Recipiente de barro ou metal, de diâmetro maior que a altura. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cadela** [kədélɐ] **1.** s. f. Bebedeira. *Já tás c'a cadela outra vez!* **2.** s. f. Mulher que trai o marido; prostituta. *O marido agora já morreu, mas ela tod'a vida foi uma cadela!* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.) (2. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**cagaço** [kəgásu] **1.** s. m. Medo. *Tenho de te meter cagaço p'ra nã ires p'ra rua.* **2.** s. m. Susto. *Apanhei cá um cagaço!* (1., 2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**cagaita** [kəgájtɐ] s. f. Sujidade. (reg. do Algarve e Alentejo, alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**caganera** [kəgənérɐ] **1.** s. f. Diarreia. **2.** s. f. Vaidade, presunção. *Tanta caganera e nã tem onde cair morto!* **3.** s. f. pl. Excesso de zelo, preocupação extrema. *Dêxa-te de caganeras e come lá isso, que nã te faz mal!* (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (3. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**cagarolas** [kəgərólɐ] s. Pessoa medrosa. (reg. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**caguero** [kəgéru] s. m. Rabo. (reg. de Portugal, alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**cagufe** [kəgúfi] s. m. Medo. (reg. de Portugal, alt. fon. D.H.)

**caída** [kəídɐ] s. f. Abate de animais fora do tempo normal da matança. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cair de susto** [kəírdísúʃtu] exp. idiom. Apanhar de surpresa alguém. *Vale mais saber já, assim depôs já nã le cai de susto.*

**cajada** [kəzádɐ] s. f. Pau com a extremidade superior em bico e virada para baixo, cajado. (alt. morf. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

<sup>352</sup> Só existe a entrada “cacharro”.

<sup>353</sup> Do castelhano “cacharro”.

<sup>354</sup> Do castelhano “cachondo”.

<sup>355</sup> Nos três dicionários, a entrada é “cachão”.

<sup>356</sup> Aceção presente na expressão “em cachão”.

**cajadinha** [kəʒvɔ́dɨɲɐ] *s. f.* Bengala pequena. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.<sup>357</sup>)

**cajado** [kəʒádu] *s. m.* Constelação em forma de cajado, composta por seis estrelas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cajerêum**<sup>358</sup> [kəʒerẽw̃] *s. m.* Jarro de vinho feito de barro.

**calabre** [kəlábri] *s. m.* Corda grossa e comprida. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**calandário** [kəlɛ́dárju] *s. m.* Calendário. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**calcador** [kalkədór] *s. m.* Local onde se trilha ou debulha o trigo, calcadoiro. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ reg., alt. morf. D.A.C.)

**calçar a bota sem mea** [kalsárebótəsēméɐ̃] *exp.idiom.* Enganar-se. *Por causa de ti calcê a bota sem mêa e tramê-me.*

**calceta** [kalsétɐ] *s. f.* Peúga, meia curta. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**calcinha** [kalsínɐ] *s. f.* Anel que permite distinguir os cogumelos comestíveis dos venenosos. *Os tartulhos bons sã os que têm a calcinha.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**calçonas** [kalsónɐʃ] *s. f. pl.* Calções. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**caldo** [káldu] **1.** *s. m.* Sopa. **2.** *s. m.* Caldo de galinha. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**calduo, a** [kaldúdu, -ɐ] *adj.* Diz-se da comida com muito caldo. *A sopa fecô calduda.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**calece** [kələ́si] *s. m.* Copo. *Toma uns caleces d' aguardente p'ra aqueceres.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**calequer** [kəlɨkér] *v.* Adoecer. *Você anda-se a calequer em tudo.*

**calequera** [kəlɨkéɾɐ] **1.** *s.* Pessoa desprezível. **2.** *s. f.* Doença que afeta os órgãos genitais femininos.

**calero** [kələ́ru] *s. m.* Homem que trabalha na extração e venda de cal. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**calha** [káɫɐ] *s. f.* Elemento constituinte do charrueco. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**calhabéu** [kələ́bɛw̃] *s. m.* Cão pequeno.

**calhaborro** [kələ́bóru] *s. m.* Pedra grande.

**calhandra** [kələ́ðɾɐ] **1.** *s. f.* Pessoa porca, que não tem cuidado com a limpeza. **2.** *s. f.* Tipo de cotovia, da família das alaudídeas. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. dial. de Portugal D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**calhega**<sup>359</sup> [kələ́gɐ] *s. f.* Beco, local. *Corri pr'além aquelas calhegas todas.*

**calmerão, ona** [kalmɛrẽw̃, -ónɐ] *s.* Pessoa que é corpulenta. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**calostros** [kəlóstɾuʃ] *s. m. pl.* Primeiro leite de todas as fêmeas recém-paridas. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**calote** [kəlóti] *s. m.* Dívida. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**camada** [kəmáɾɐ] *s. f.* Bebedeira. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**camadão** [kəmɔ́ðɛw̃] *s. f.* O. m. q. *camada*. (alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

<sup>357</sup> Os três dicionários só registam “cajado”.

<sup>358</sup> SILVA, 1948 regista “cajirão”.

<sup>359</sup> Cfr. Castelhana “calleja” (diminutivo de “calle”).

- camalhão** [kəməʎẽw̃] *s. m.* Monte de terra. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- câmbio** [kẽbju] **1.** *s. m.* Ajuda, apoio. *O tê irmão é um bom câmbio.* **2.** *s. m.* Pau com a extremidade superior em forma de gancho, usado para puxar os ramos das árvores para se poderem colher. *Estas oleveras são munto altas, só c'um câmbio é que se conseguem colher.* (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- camboio** [kẽbõju] *s. m.* Comboio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- cambra** [kẽbrɐ] *s. f.* Câmara. (D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- comesote** [kəmizóti] *s. m.* Peça de vestuário, composta por uma gola e uma faixa de tecido, que se usava por baixo dos casacos a imitar uma camisa. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- camila/ camília** [kəmíʎe]/ [kəmíʎɐ] *s. f.* Camilha. (reg. do Alentejo D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)
- caminho de cabras** [kəmĩɲudikábɾɛʃ] *exp. idiom.* Caminho mau, de difícil passagem. (D.H./ D.A.C.)
- caminho que há qu' andar nã tem que tar a aguardar.** [kəmĩɲukiákẽdárnẽw̃tẽkiʃtáragwɛrdár] Adágio segundo o qual não vale a pena retardar algo que tem que ser feito.
- camisa de onze varas** [kəmízɛdóziváɾɛʃ] *exp. idiom.* Sarilho; problema; situação embaraçosa. *Tás metido numa camisa de onze varas.* (D.H./ D.A.C.)
- camisa** [kəmízɐ] **1.** *s. f.* Peça de cabedal que faz parte do mangual. **2.** *s. f.* Película que envolve a espiga do milho, o. m. q. *samarra.* **3.** *s. f.* O linho que se encontra na ponta da maçaroca; barba do milho. (1., 3. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- camisão** [kəmizẽw̃] *s. m.* Camisa de dormir. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)
- campanilho** [kẽpɐníʎu] *s. m.* Tipo de chocalho dos animais, em forma de sino e de pequena dimensão. (reg. D.C.F.)
- camunhas**<sup>360</sup> [kəmũɲɐʃ] *s. m.* Pessoa avarenta.
- camurcina** [kəmursĩɲɐ] *s. f.* Casaco curto. (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- canada** [kənádɐ] **1.** *s. f.* Carreiro situado no meio dos campos, geralmente murado. **2.** *s. f.* Sopé da serra, parte inferior. (1. alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. de Trás-os-Montes D.A.C.)
- canadão** [kənədəw̃] *s. m.* Carreiro que atravessa os campos, mas de dimensão maior que a canada.
- canafrecha** [kənɛfrɛʃɐ] *s. f.* Tipo de erva, cujo nome científico é *Ferula communis L.*, a partir da qual, depois de seca, se fazem as caravelas. (D.H./ D.C.F.)
- canastra que leva sardinhas tarde o nunca perde o chero.** [kənástɾɛkilévɛsɛrdĩɲɐʃtárdɔnũkɐpɛɾduʃɛru] Adágio que significa que quem tem baldas/vícios nunca os perde.
- canchal** [kẽʃát] *s. m.* Zona onde existem muitos canchos. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F.)
- cancho de sobreras** [kẽʃudisubrɛɾɛʃ] *exp. idiom.* Montado, conjunto de sobreiras localizado numa zona muito rochosa.
- cancho** [kẽʃu] *s. m.* Pedra de grande volumetria. (reg. D.C.F.)
- cande** [kẽdi] *adv. e conj.* Quando. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- candeero-de-carroça** [kẽdjɛrudikɛɾósɐ] *s. m.* Candeeiro de mão, alimentado a petróleo.
- candéo** [kẽdéu] *s. m.* Ramo seco, que não tem força para se criar e acaba por cair. (alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- candongá** [kẽdõgɐ] *s. f.* Contrabando. *Assim que chegueva a nôte, úmos logo à candonga.* (reg. de

<sup>360</sup> SILVA, 1948 regista “camunha”, mas com outra aceção.

Portugal e Angola D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**canela-em-rama** [kənélĩrẽmɐ] *s. f.* Pau de canela.

**canetas** [kənétɐʃ] *s. f. pl.* Pernas. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**canetelho** [kənitélu] *s. m.* Cão pequeno. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**canga de parelha** [kẽgɔdĩpɛrélɐ] *exp. idiom.* Tipo de canga utilizada para prender os animais de lavoura, composta por quatro cangalhos.

**cangalho** [kẽgálu] **1. s. m.** Conjunto de dois, três ou mais enchidos. *Ontem deram-me um bom cangalho de choriços.* **2. s. m.** Parte constituinte da canga. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**canguil** [kẽgĩl] *s. m.* Tipo de canga puxada por um só animal.

**canguilho** [kẽgĩlu] *s. m.* Parte constituinte da canga, o. m. q. *cangalho*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**caniculaus** [kənikuláwʃ] *s. m. pl.* Caniculares. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**canino** [kənĩnu] *s. m.* Tipo de feijão, também designado por feijão frade. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**canjeron**<sup>361</sup> [kẽzɛrõʃ] *s. m. pl.* Alcatruzes.

**canora** [kənóɾɐ] *s. f.* Casca da fava. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**cantarera** [kẽtɛrérɐ] **1. s. f.** Grupo de pessoas. **2. s. f.** Conjunto de pratos de loiça. **3. s. f.** Móvel onde se colocam os cântaros. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.) (3. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**canudo** [kənúdu] **1. s. m.** Tipo de enxertia. **2. s. m.** Objeto de cana, com um pequeno buraco na ponta, usado para soprar o lume. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cão de gaveta** [kẽw̃digɛvétɐ] *s. m.* O. m. q. *cão*.

**cão** [kẽw̃] *s. m.* Dívida. (reg. de Portugal D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**capa** [káɾɐ] *s. f.* Pedra larga que se coloca na parte superior da parede, rematando-a. (reg. da Beira, alt. sem. D.H./ reg., alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**capacho** [kɛpáʃu] *s. f.* Seira, espécie de tapete redondo, para o qual se deita a massa da azeitona moída a fim de ir às prensas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**capela** (do olho) [kɛpélɐ] *s. f.* Pálpebra. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**capelas de São João** [kɛpélɛʒdisẽʒwẽw̃] *s. f. pl.* Tipo de flor, designada usualmente como perpétua, com a qual é costume se fazerem capelas por altura do S. João. O seu nome científico é *Helichrysum stoechas L.*

**capelei** [kɛpiléj] *s. m.* Capilé; tipo de licor muito comum antigamente, feito com água e xarope de avenca. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**capelinha** [kɛpíljɛ] *s. f.* O. m. q. *alquemira*. Tipo de flor usado na confeção das capelas de S. João, cujo nome científico é *Tanacetum parthenium (L.)Schultz Bip.*. Também é conhecida por rainha-das-flores ou alta mira. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.A.C.)

**capelo** [kɛpélɐ] *s. m.* Parede feita em torno do forno de cal. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**caquerada** [kɛkerádɐ] *s. f.* Conjunto de *caqueros*, ou seja, utensílios domésticos. *Tive a fazê um bolo e sujê cá uma caquerada!* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>361</sup> SILVA, 1948 regista “canjirão”, mas com outra aceção.

- caquero** [kəkéru] **1.** *s. m.* Recipiente. **2.** *s. m.* Enfeite doméstico. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- caraiva** [kərájvə] **1.** *s. f.* Boémia; diversão. *Andastes na caraiva ontem, hoje nã te consegues alevantar!* **2.** *s. f.* Companhia. *Tu o que queres é caraiva p'ra saíres.* (1. alt. sem. D.C.F.) (2. D.C.F.)
- caramoço** [kəɾəmósu] *s. m.* Mouroço, monte de pedras onde frequentemente se escondem os coelhos bravos. (reg., alt. fon. D.C.F.)
- carapito** [kəɾepítu, -v] *adj.* Diz-se do touro ou da vaca que tem os cornos virados para cima. (reg., alt. sem. D.C.F.)
- caraptero** [kəɾeptéru] *s. m.* Espécie de arbusto silvestre, que produz flor branca e bagas vermelhas, com espinhos nos ramos, cujo nome científico é *Crataegus monogyna Jacq.*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- carapulo** [kəɾepúlu] **1.** *s. m.* Copo grande. *Um carapulo d'aguardente dexa o home despachado.* **2.** *s. m.* Constituinte do mangual que está agarrado à mangoera. (1., 2. alt. sem. D.H./ reg., alt. sem. D.C.F.)
- cardilho**<sup>362</sup> [kərdílu] *s. m.* Tipo de cardo que antigamente se pelava e fazia parte da alimentação humana, cujo nome científico é *Scolymus Hispanicus L.*
- carduça** [kərdúsə] *s. f.* Dentes; dentadura. (alt. sem. D.H.)
- careca** [kərékə] *adj.* Diz-se das galinhas que não têm penas no pescoço. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- carecolada** [kəɾekuládə] *s. m.* Conjunto de caracóis. (alt. fon., alt. sem. D.H.)
- careio** [kəréju] *s. m.* Lógica; sentido. *Isso nã tem careio niu!* (dial. de Portugal, alt. fon. D.H./ reg. alt. fon., alt. sem. D.C.F.)
- careto** [kərétu] *s. m.* O. m. q. *canino*. (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- carga** [kárgə] **1.** *s. f.* Produto contrabandeado. **2.** *s. f.* Conjunto de vinte molhos de trigo. **3.** *s. f.* Bebedeira. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.) (3. D.H./ D.C.F.)
- carnal** [kərnáɫ] *adj.* Diz-se do tio ou do primo em primeiro grau, consanguíneo. *As nossas mães sã irmãs, ele é mê primo carnal.* O. m. q. *irmão*. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- carnera** [kərnéɾə] *adj. f.* Designação atribuída às castanhas que estão mal assadas e, por isso, são difíceis de descascar. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- carolo** [kərólu] *s. m.* Milho miúdo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- carracero** [kəɾəɾséru] *s. m.* Garça boieira, frequente junto de manadas de bovinos, cujo nome científico é *Bubulcus ibis L.*. (alt. fon., alt. morf. D.C.F.)
- carraço** [kəɾásu] **1.** *s. m.* Planta parecida ao feijão verde, que se semeia nas hortas para afastar as toupeiras. O. m. q. *erva-topera*. **2.** *s. m.* Carrapato fêmea já ingurgitado, assumindo assim uma volumetria maior. O. m. q. *chumbero*. (1. alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. morf., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. morf. D.H./ D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)
- carrapata** [kəɾəpátə] *s. f.* Carraça ou carrapato, cujo nome científico é *Rhipicephalus sanguineus Latreille*. (reg. D.H./ reg. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)
- carrapiço** [kəɾəpísu] *s. m.* Carrapicho. Tipo de erva daninha que tem nós com picos, os quais se agarram com facilidade à pelagem dos animais e à roupa e aos cordões dos sapatos dos humanos. (reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)
- carrasca** [kəɾájkə] *s. f.* Espécie de azinheira pequena, que nunca cresce. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>362</sup> Cfr. Castelhana “cardillo”.



**carrasco** [kəɾáʃku] *s. m.* Oliveira brava. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**carraspana** [kəɾəʃpɐ̃nɐ] *s. f.* Bebedeira. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**carrasquera** [kəɾəʃkɛɾɐ] *s. f.* Conjunto de *carrascas*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**carrasquinha** [kəɾəʃkĩɲɐ] *s. f.* Espécie de cardo cujos talos jovens são comestíveis. O seu nome científico é *Scolymus hispanicus* L. . (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**carregado, a** [kəɾigádu, -a] *adj.* Diz-se daquele que está bêbado. (reg. de Portugal D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**carreta** [kəɾétɐ] *s. f.* Carro puxado por vacas. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**carreto, a** [kəɾétu, -ɐ] *adj.* Diz-se daquele que dança mal. *Aquele rapaz é um carreto, não acerta niu passo.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**c'arrieta a arrastar** [kaɾjɛtaɾɐʃtaɾ] *exp. idiom.* Zangado. *Nã sê o que se passô, mas ele chegô c'arrieta a arrastar e fechô-se no quarto.*

**carril** [kəɾíʃ] *s. m.* Caminho de terra batida; carreiro. (reg. de Portugal D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**carroçaria** [kəɾosɐɾiɐ] *s. f.* Leito da carroça. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**carro-de-praça** [káɾudipɾásɐ] *s. m.* Carro d'aluguer; táxi. (reg. do Brasil D.H./ D.A.C.)

**carrucha**<sup>363</sup> [kəɾúʃɐ] *s. f.* Roldana.

**cartachal** [kəɾtəʃáʃ] *s. m.* Pequena parcela de terreno. Prédio pequeno.

**cartera** [kəɾtéɾɐ] **1.** *s. f.* Caminho de terra batida, mais largo que a vereda, com largura suficiente para lá passarem carros. **2.** *s. f.* Embalagem de papel usada para sementes. *Vô comprar uma cartera de espargos e outra de nabos.* (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. reg., alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**cartucho, a** [kəɾtúʃu, -ɐ] *adj.* Diz-se da pessoa que é baixa e gordinha. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**carujar** [kəɾuzáɾ] *v.* Chover pouco; choviscar. (dial. de Portugal D.H./ reg. D.C.F.)

**carujo** [kəɾúʒu] *s. m.* Chuva miúda. (D.C.F.)

**carumba** [kəɾúɓɐ] *s. f.* Caruma. (reg. da Beira, Estremadura e Minho D.H./ reg. D.C.F.)

**cascabulho** [kəʃkəbúʎu] *s. m.* Cálice da bolota. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**castanha** [kəʃtɛ̃ɲɐ] **1.** *s. f.* Bofetada. **2.** *s. f.* Espécie de broa confeccionada sobretudo na Páscoa, típica da aldeia de Porto da Espada. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**castanhão** [kəʃtɛɲɐ̃w̃] *s. m.* Bofetão.

**castincera** [kəʃfísɛɾɐ] *s. f.* Castanheiro bravo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**catarral** [kəɾɛɾáʃ] *s. m.* Inflamação do aparelho respiratório parecida à pneumonia. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**catarrera** [kəɾɛɾéɾɐ] *s. f.* Constipação. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**catracego, a** [kəɾɛsɛgu, ɐ] **1.** *adj.* Cego. **2.** *adj.* Zorolho, vesgo. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**catrafuso** [kəɾɛfúʒu] *s. m.* Espingarda.

**catraplasma** [kəɾɛplázɐ] *s. f.* Crosta formada pela sujidade acumulada. *Vê só a catraplasma do prato dos gatos!*

**catrina-quemada** [kəɾtɾínakemáɐ] *s. f.* Tipo de erva, da família das fumárias, muito frequente nos

<sup>363</sup> Cfr. Castelhana “carrucha/garrucha”.

campos, mas que nenhum animal come, cujo nome científico é *Fumaria officinalis* L.. (alt. fon. D.C.F.)

**catrino** [kətrínu] *s. m.* Catarino; variedade de feijão vermelho raiado. (alt. fon. D.A.C./ alt. fon. D.C.F.)

**cavaca** [kəvákə] **1.** *s. f.* Tablete. *Comprei uma cavaca de chocolate com amêndoas. **2.** *s. f.* Tipo de renda usada para enfeitar as toalhas de lavatório. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)*

**cavadera** [kəvədérə] *s. f.* Utensílio de ferro bivalente; de um lado tem um enxadão que serve para cavar, do outro um malho que serve para cortar. Antigamente era muito usado para desmatar as serras. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**cavalo de lançamento** [kəváludilēsēmétu] *s. m.* O cavalo que é usado para reprodução; ganhão. (D.A.C.)

**cavalo** [kəválu] *s. m.* Tipo de bebida, feita à base de água e pouca groselha, que se tomava nas festas e era ingerida através de uma palhinha com um cavalo na ponta. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cavalo-del-rei** [kəváludērej] *s. m.* Louva-a-Deus, cujo nome científico é *Mantis religiosa* L. O. m. q. *artresa. Cavalo-del-rei, põe as mãos qu'eu te matarei!*

**cavalo-rinchêum** [kəváluɾĩŝéw] *s. m.* Tipo de pássaro também conhecido por peto-real, cujo canto está associado à vinda de chuva em breve. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**cavanço**<sup>364</sup> [kəvẽsu] *s. m.* Fuga; evasão. *Vi-me aflito e tive de dar ó cavanço.*

**cavar ó camalhão** [kəvárəkəməlãw] *exp. idiom.* Modo de cavar a terra para as batatas, segundo o qual se vão fazendo montes.

**cavar** [kəvár] *v.* Fugir; evadir-se. *Cavaram p'ra festa e nem os vimos.* (reg. do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**caxa de fósforos**<sup>365</sup> [káʃədifóʃfuruʃ] *s. f.* Copo de vinho. *Ó senhô Zé Maria, vai uma caxa de fósforos, como de costume?*

**cãzinha** [kẽzĩɲə] *s. f.* Cadela pequenina, cadelinha.

**cecém** [sisé] *s. f.* Açucena. (D.H./ D.C.F.)

**cefador, a** [sefədór, -órə] *s.* Pessoa que ceifa; ceifeiro. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**cegada** [segáde] *s. f.* Barulho; confusão. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**ceganhuto, a**<sup>366</sup> [sigəɲútu, -v] *adj.* Designação depreciativa daquele que não vê bem.

**cegarrega** [segəɾégə] *s. f.* Cigarra, cujo nome científico é *Cicada orni* L.. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**celga** [séɣə] *s. f.* Acelga. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cementário/ cementério**<sup>367</sup> [simētárju]/ [simēterju] *s. m.* Cemitério. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cemerinho, a/ sumerinho, a** [simerĩɲu, -v]/ [sumerĩɲu, -v] *adj.* À superfície da terra. *A semente está munto cemerinha.* (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**cepo** [sépu] *s. m.* Elemento constituinte do charrueco. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**cerrero, a**<sup>368</sup> [siréɾə, -u] *adj.* Diz-se da besta que não se deixa montar, que ainda está brava.

**cerzelêum/ sarzelêum/ sazelaõ** [sirziléw]/ [səɾziléw]/ [səziléw] *s. m.* Cizirão, erva que produz

<sup>364</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como gíria.

<sup>365</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo, mas com outra acentuação.

<sup>366</sup> SILVA, 1948 regista o vocábulo “ceganhucho” como um provincianismo de Trás-os-montes.

<sup>367</sup> Cfr. Castelhana “cementério”.

<sup>368</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo, sendo originário do castelhano “cerrero”.

uma flor cor-de-rosa, cujo nome científico é *Lathyrus latifolius* L.. (alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cevão** [sivẽw] *s. m.* Porco gordo destinado para a matança ou para vender. (D.H./ D.C.F.)

**chabarco** [ʃɐbárku] **1.** *s. m.* Cova escavada no chão em que se represa água. **2.** *s. m.* Charco formado no rio. **3.** *s. m.* Buraco.

**chaboco** [ʃɐbóku] *s. m.* Cova onde existe água. *As cabras costumam beber água naquele chaboco.* (alt. fon., alt. sem. D.H.)

**chafurdão** [ʃɐfurdẽw] *s. m.* Tipo de abrigo, de forma redonda, construído em pedra e cujo teto é coberto por uma camada de terra.

**chaguera** [ʃɐgére] *s. f.* Pessoa maçadora, aborrecida. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**chamadera** [ʃɐmɐdérɐ] *s. m.* Chocalho grande, usado pelo cabresto. (alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**chamar** [ʃɐmár] *v.* Telefonar. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**chamarola** [ʃɐmɐrólɐ] *s. f.* Pequeno lume que se faz à boca do forno para o aquecer, quando este não apresenta a temperatura ideal para terminar a cozedura do pão ou dos bolos. *O. m. q. vista.*

**chamburrada** [ʃɐburráɐ] *s. f.* Grande quantidade. *Hoje caiu uma chamburrada de água.*

**chanca** [ʃɛkɐ] **1.** *s. f.* Chinelo. **2.** *s. f.* *O. m. q. chancada.* (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**chancada** [ʃɛkádɐ] *s. f.* Passo largo. (reg. D.C.F.)

**chancalaria** [ʃɛkɐlɐríɐ] *s. f.* Tralha.

**chancalho** [ʃɛkálɥu] *s. m.* Algo que já não presta. (alt. sem. D.C.F.)

**chaporrim** [ʃɐpɔrí] *s. m.* Disparate, palavra mal pronunciada.

**charca** [ʃárkɐ] **1.** *s. m.* Espécie de tanque escavado na terra. *O. m. q. presa.* **2.** *s. m.* Escavação no terreno com uma dimensão considerável, não muito profunda, mas larga, onde se concentra uma grande quantidade de água, usada quer para rega, quer para dar de beber ao gado. (1., 2. alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**charco** [ʃárku] **1.** *s. m.* Desgraçado; pessoa desprezível. **2.** *s. m.* Prostituta. *O filho dela metê-se c' aquele charco e dexô de ter denhero pa família.* (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**charelheda** [ʃarilédɐ] *s. f.* Tralha, coisas que não prestam. *O. m. q. charilha.*

**charepa** [ʃɐrépɐ] *s. f.* Pessoa com pouco importância. (reg., alt. fon. D.C.F.)

**charilha** [ʃarílɐ] *s. f.* *O. m. q. charelheda.*

**chea** [ʃéɐ] *adj.* Grávida. *Já se vê bem qu' aquela rapariga tá chea.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**chegar a pontos que** [ʃigáɐpótuʃki] *exp. idiom.* Haver um momento em que. *Chega a pontos qu'a gente deixa de conhecer as pessoas.*

**chegar a ropa ó pelo** [ʃigáɐrópɔpélu] *exp. idiom.* Bater. (D.A.C.<sup>369</sup>)

**chequero** [ʃkéru] *s. m.* Compartimento onde se guardam os cabritos recém-nascidos. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**chera bonicos** [ʃéɐbuníkuʃ] *exp. idiom.* Coscuvilheiro, que anda sempre a tentar saber tudo o que se passa.

**chiba** [ʃíbɐ] *s. f.* *O. m. q. carraspana.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**chibar** [ʃibár] *v.* Denunciar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

<sup>369</sup> Regista somente “chegar”, mas com esta aceção.

**chibato/ chebeto** [ʃibátu]/ [ʃibétu] **1. s. m.** Bode. **2. s. m.** Aquele que denuncia o contrabando. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) / (1., 2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**chiça panico!** [ʃisepeníku] *exp. idiom.* Expressão enfática proferida como forma de desabafo. *Chiça panico qu'isto nunca más acabava!*

**china** [ʃine] *s. f.* Cápsula; carga. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**chincar** [ʃikár] *v.* Ganhar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**chinquera** [ʃikéɾe] *s. f.* Buraco ou fenda existente no telhado, que permite a entrada de água em casa quando chove.

**choca** [ʃókɐ] *adj. f.* Diz-se da comida ou da bebida quando já não está fresca. *Demorê a vir comer e agora a salada já tá choca.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**choça/ socha** [ʃósɐ]/ [sósɐ] *s. f.* Espécie de cabana feita de pedra, sendo o telhado composto por uma estrutura de madeira revestida com giestas. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.) / (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**chocalhada** [ʃukɐláðɐ] *s. f.* Toque de chocalhos. Este era uma prática usual na aldeia da Escusa, quando um(a) viúvo(a) tornava a casar ou quando a mulher era abandonada pelo marido. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**chocolatera** [ʃkulɐtéɾɐ] *s. f.* Recipiente, com o feitio de cafeteira, no qual se prepara o café ou outras bebidas ao lume. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**chorecero** [ʃoriséru] *adj.* Designação atribuída ao condimento que serve para temperar chouriços. *Antigamente, o melhor pementão era o chorecero.*

**choriço da tripa do cu** [ʃorisudɐtrípɐdukú] *exp. idiom.* Chouriço feito com a tripa do reto.

**chotrice** [ʃɔtrísi] *s. f.* Sujidade, imundice.

**chumbero** [ʃũbéru] *s. m.* Carrapato fêmea já ingurgitada. Cfr. *carracho*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**chupa** [ʃúɐ] *s. f.* Chupeta. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cidadenho, a** [sidɐdɛ̃nu, -ɐ] *adj.* Que é da cidade; que diz respeito à cidade, cidadão.

**ciero** [sjéru] *s. m.* Vento seco, que sopra do lado de Valência e torna tudo áspero e ressequido. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**cínfalo/ cínfano**<sup>370</sup> [sífɛlu]/ [sífɛnu] *s. m.* Melga, tipo de mosquito. O. m. q. *mechão/ michão*.

**cinjo** [sĩzu] *s. m.* Espécie de cinto para atar os cueiros.

**cino**<sup>371</sup> [sínu] *s. m.* Cinema.

**cisco** [síku] **1. s. m.** Lixo. **2. s. m.** Argueiro. (1., 2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**clarim** [klɛrí] *adj.* Designação atribuída à pessoa que diz tudo de imediato, sem dar tempo que lhe perguntem. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cloque** [klókɪ] *s. m.* Beberete; lanche. *Depôs da inaguraçã, há um cloque.*

**cobarde** [kubárdɪ] *adj.* Que fala pouco; que não responde; tímido. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**cobradera** [kubrɛdɛɾɐ] *s. f.* Porção de terra usada na rega para mudar a água de um lado para outro.

**cobrado, a** [kubrátu, -a] *adj.* Que tem uma hérnia, quebrado. (reg. do Brasil, alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cobradura** [kubrɛdúɾɐ] *s. f.* Hérnia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>370</sup> Cfr. Extremenho “fínfano”.

<sup>371</sup> Cfr. Castelhana “cine”.

**cobranço** [kubrẽtu] *s. m.* Quebranto. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cobrazil** [kubrẽzi] *s. f.* Cobra grande.

**çoçar o calo** [kusárukálu] *exp. idiom.* Vadiar; não fazer nada.

**çoçar os carraços** [kusáru[kɐrásu]] *exp. idiom.* Bater. Tentar pôr na linha.

**cocegas** [kuségɐ] *s. m.* Cócegas. (alt. fon. D.H./ reg. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cocel** [kosét] *s. m.* Coucelo, conchelo, erva verde que nasce nas paredes e nos telhados, cujo nome científico é *Umbilicus rupestres (Salisb.) Dandy*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**cocharra** [kuʃárɐ] *s. f.* Colher. (reg. D.C.F.)

**cocharrão** [kuʃɐrẽw] *s. f.* Colher de pau de grande dimensão, usada para mexer o sangue das morcelas e fazer as migas.

**cocó** [kɔkó] *s.* Espécie de galo/galinha, de tamanho pequeno, também designada/o por *coquito*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**codesso** [kudésu] *s. m.* Erva daninha, que deita uma flor amarela e é muito prejudicial, cujo nome científico é *Adenocarpus complicatus J. Gay*. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**codorno** [kudórnu] *s. m.* Gelo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**coida** [kójdɐ] *s. f.* Côdea. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**colebrão/ colibrão**<sup>372</sup> [kulebrẽw]/ [kulibrẽw] *s. m.* Cobre.

**colharão** [kuʎɐrẽw] *s. m.* Concha, o. m. q. *caço*. (alt. fon. D.C.F.)

**com que** [kókɨ] *loc. conj.* De modo que. *Com que vim de lá e fiz o que tinha pensado.*

**com' o cão por corda** [kmɔkẽwɔpɔrkórdɐ] *exp. idiom.* Contrariado. *Nã qu'ria sair e depôs andô com' o cão por corda.*

**com'a mantega em focinho de cão** [kõmamẽtégẽfusijɔdikẽw] *exp. idiom.* Expressão que se utiliza para designar algo rápido, célere. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cómado** [kómɐdu] *s. m.* Local destinado à armazenagem, por exemplo, de cereais. (reg. do Brasil, alt. fon. D.H.)

**comadrona**<sup>373</sup> [komɐdrõnɐ] *s. f.* Parteira. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**comedero** [komidéru] *s. f.* Comedoiro. (reg. do Minho, alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**comer bíbares assanhades** [komérbíbɐrɨzɐɔnádɨ] *exp. idiom.* Não ter fastio, ser capaz de comer tudo o que lhe apareça na frente. *Isso, quando tem fome, come até bíbares assanhades!*

**comer da melga** [komérdɐmélgɐ] *exp. idiom.* Comer, em simultâneo com outras pessoas, do mesmo recipiente.

**comer do bernal**<sup>374</sup> [komérduburnál] *exp. idiom.* Espreitar o jogo dos parceiros. *P'ra jogares essa carta, já tevestes a comer do bernal.*

**comer do rabanhão** [komérdurɐbɐrẽw] *exp. idiom.* O. m. q. *comer da melga*.

**comer o bolo** [komérubólu] *exp. idiom.* Fazer um piquenique na segunda-feira de Páscoa. *Este ano vamos comer o bolo p'ra barraja.*

**comer o coco** [komérukóku] *exp. idiom.* Ficar a pensar.

**comer o pão-da-vida** [komérupẽwɔdɐvídɐ] *exp. idiom.* Ter saúde. *Aquele rapaz parece que nã*

<sup>372</sup> Cfr. Castelhana “colebrón”.

<sup>373</sup> Cfr. Castelhana “comadrona”.

<sup>374</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.

*come o pão de vida.*

**comer** [komér] *v.* Enganar. *Nã se dixerim comer no negócio.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**como semos, assim cudemos** [kõmusẽmuzesĩkudẽmuʃ] Adágio com o sentido de que como somos, assim pensamos que são os outros.

**companha** [kõpẽjã] *s. f.* Companhia. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**compreensão** [kõprẽsẽw] *s. f.* Paciência. *Hoje nã tenho compreensão p'ra nada.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**comprometido, a** [kõprumitĩdu, ɐ] *adj.* Que fez mal e não assume; cobarde. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**conforme é o toque, assim é o balho** [kõfõrmiẽutõkiẽsĩẽubálu] Adágio equivalente a “Se o toque for bom, o baile também será bom”. Ou seja, consoante ajam connosco, assim nós atuaremos.

**contaminoso, a** [kõtẽminõzu, -õzɐ] *adj.* Contagioso; contaminado.

**contramina** [kõtremĩnɐ] *s. f.* Local onde nasce a água. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**contrata** [kotrátɐ]. *s. f.* Contrato. *Trabalhar à contrata.* (D.H./ D.C.F.)

**coquito, a** [kõkĩtu, -ɐ] *s.* O. m. q. *cocó.* (alt. sem. D.C.F.)

**corda-d'água** [kõrdẽdãgwɐ] *s. f.* Chuva forte que, ao cair, assume a forma de corda. (alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**cordão** [kurdẽw] *s. m.* Muro de pedras feito à volta dos fornos de cal. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**corla**<sup>375</sup> [kõrlɐ] *s. f.* Vômito, de coloração normalmente amarela, expelido quando já não há mais comida no estômago. *Já detô tudo fora, agora só saem corlas.*

**cornecho** [kõrnẽʃu] *s. f.* Vagem do feijão-frade.

**cornera** [kõrnẽrɐ] *s. f.* Constituinte da canga, que consiste numa correia que dá a volta aos cornos das vacas. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**cornicho** [kõrnĩʃu] *s. f.* Vagem nova, acabada de se formar. O. m. q. *unha-gata.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cornudo, a** [kõrnũdu, ɐ] *adj.* Que é traído pelo cônjuge ou pela pessoa com quem tem uma relação íntima. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**coro** [kõru] *s. m.* Recipiente feito de coiro, muito utilizado no contrabando para transportar azeite. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**corrêcio, a** [kõrẽsju, -ɐ] *adj.* Que se dá bem com toda a gente; popular. (D.C.F./ D.A.C.)

**corre-corre** [kõrikõri] **1.** *s. m.* Bicho de cor preta, de tamanho maior que um grilo, mas mais estreito, que por norma circula com o rabo alçado. **2.** *s. f.* Tipo de trepadeira, um pouco mais fina que a hera. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**corrediça** [kõridĩsɐ] *adj.* Diz-se das ervas trepadeiras. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**correlhão** [kõriãw] *s. m.* Semente preta que nasce junto ao grão de centeio.

**correr a coxia** [kõrẽrẽkũʃĩɐ] *exp. idiom.* Vadiar. *Passas os fins de semana a correr a coxia lá por Portalegre!* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ reg. da Madeira, alt. fon. D.A.C.<sup>376</sup>)

**correr Ceca e Meca** [kõrẽrsẽkẽimẽkɐ] *exp. idiom.* Andar por muito lado; ir a muitos sítios. *Corri Ceca e Meca quando era mais novo.* (D.A.C.)

<sup>375</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

<sup>376</sup> Regista “correr a coxilha”.

**correr ó patalô** [kuréropeteló] *exp. idiom.* Correr mais rapidamente do que a passo, mas de forma desengonçada.

**corriol**<sup>377</sup> [kurjól] **1.** *s. m.* Pele de cabra ou ovelha, a partir da qual se fazem as correias. **2.** *s. m.* Corriola, tipo de trepadeira frequente nas margens dos ribeiros, cujo nome científico é *Convolvulus arvenses L.* (1. reg. alt. sem. D.C.F.) (2. alt. fon. D.H. / alt. fon. D.C.F.)

**corróbia**<sup>378</sup> [kuróbjə] *s. f.* Grupo de amigos.

**corropião** [kuropjěw] *s. m.* Escorpião. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cortá-las** [kurtáleʃ] *v.* Ter medo. *Cortô-as e nã veo.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**corte** [kórti] *s. m.* Local onde se juntavam a ceifar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**cosa-ruim** [kózɐruí] *s. f.* Doença cancerosa. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**coscódia** [kuʃkódjə] *s. f.* Carapela, crosta.

**coso, a** [kózu, -ɐ] *adj.* Maluco. *Hoje encontrê aquele qu'era assim mê coso.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**costado** [kuʃtádu] *s. m.* Entrecosto. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**costelhero**<sup>379</sup> [koʃtiłéru] *s. m.* O. m. q. *costado.*

**cotadinho** [kotədínu] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher. (alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

**cova do braço** [kóvədubrasu] *exp. idiom.* Axila, sovaco. (D.A.C.)

**covão** [kuvěw] **1.** *s. m.* Cova grande existente num ribeiro ou num terreno. **2.** *s. m.* Parte mais funda da encosta das serras, vale. (1. alt. sem. D.H./ D.C.F.) (2. reg. da Beira Litoral D.H./ reg. Serra da Estrela D.C.F.)

**cove-flor** [kóviflór] *s. f.* Rabo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cove-porquera** [kóvipurkéɾə] *s. f.* Variedade de couve, também designada por couve brava, que se miga para fazer sopa de forma grossa, como se fosse para dar aos animais.

**cozimento** [kozimétu] *s. m.* Infusão. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**cravalhera** [krəvɛłéɾə] *s. f.* Carvalho novo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cravalinha** [krəvɛłiɲə] *s. f.* Espécie de flor, mais conhecida por crisântemo, cujo nome científico é *Chrysanthemum morifolium Ramat.*

**cravar o cão** [krəvárúkěw] *exp. idiom.* Ficar a dever a alguém.

**cravenero** [krəvinéru] **1.** *s. m.* Carabineiro, tipo de guarda espanhol. **2.** *s. m.* Bicho de coloração amarela e, posteriormente, vermelha que ataca as couves. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**cravo-dos-mortos** [krávuduzmórtuʃ] *s. m.* Espécie de flor, também conhecida por alfinete-de-dama e cravo-de-defunto, cujo nome científico é *Tagetes erecta L.*

**crecem os chaparros, mingúem os sobrerros** [krɛʃéuʃɐpáruzmĩgwěuʃsubréruʃ] Adágio com o sentido de que crescem os rapazes e os velhos morrem.

**criança** [kriéʃə] *s. f.* Criança. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**crIQUE**<sup>380</sup> [kriki] *s. m.* Canudo de cabelo.

**crisente** [križéti] *s. m.* Crisântemo. O. m. q. *cravalinha.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>377</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo.

<sup>378</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo, mas com outra aceção.

<sup>379</sup> Cfr. Castelhana “costilla”.

<sup>380</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo, mas com uma aceção diferente.

**crismar** [kriʒmár] v. Bater; socar. (reg. de Portugal D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**crista-de-galo** [kriʃtədígálu] s. f. Caracol feito no meio da cabeça. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**cristo** [kriʃtu] s. m. Quisto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**crocar** [krokár] v. Cantar (as galinhas).

**croco** [króku] s. m. Barulho emitido pelas galinhas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**cruja o/a papô** [krúzɐu/ ɐpəpô] exp. *idiom.* Expressão designativa do desaparecimento de algo. *Em passando aquele dia, cruja a papô.*

**cruja** [krúzɐ] s. f. Coruja. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cruzes** [krúziʃ] s. f. pl. Quadris, parte do corpo correspondente ao fundo das costas. (D.H./ D.A.C.)

**cudar/ cuder** [kudár]/ [kudér] v. Julgar; pensar. *Ê cudo qu'ele vem hoje.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cunde** [kúdi] conj. Quando. *Cunde veio, resolveu o assunto.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**cunhera** [kunjéɾɐ] s. f. Buraco que se faz nas pedras antes de se racharem. (alt. fon. D.C.F.)

**curral/ currel** [kuráɫ]/ [kuréɫ] s. m. Pequena tapada. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**curralinho** [kurɐlĩnu] s. m. Pequena horta. (alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. morf., alt. sem. D.A.C.<sup>381</sup>)

**curto, a d'ovido**<sup>382</sup> [kúrtu/ɐdovídu] exp. *idiom.* Característica daquele que ouve mal.

**curto, a de vista** [kúrtu/ɐdivíʃtɐ] exp. *idiom.* Característica daquele que vê mal.

**cutim** [kufí] s. m. Tecido para fazer casacos/fatos.

## D

**dá cá lecença** [dákalísɛsɐ] exp. *idiom.* Expressão utilizada pelos rapazes nos bailes, quando perguntavam às raparigas se queriam dançar.

**da r'pente** [dɐɾipéti] loc. adv. De repente. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**da retambana**<sup>383</sup> [dɐɾitɛbbɛnɐ] exp. *idiom.* Foleiro; sem valor. *Nã te preocupes com essa ropa, é da retambana.*

**dado, a** [dádu, ɐ] adj. Alguém que dá tudo o que tem. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**daipana** [dajpɛnɐ] adj. Muito enfeitado.

**d'alta que salta** [dáɫɛkisáɫtɐ] exp. *idiom.* De um lado para o outro; sem sítio fixo. *Toda a manhã andê d'alta que salta, só agora m'arrumê à costura.*

**daquinada** [dɛkinádɐ] adv. Daqui a pouco; mais tarde.

**dar a mão d' amigo** [dárɐmɛw̃dɐmígu] exp. *idiom.* Cumprimentar; dar um passou bem. *É um senhô munto educado; quando aí chega, dá sempre a mão d'amigo.*

**dar cabaço** [dárkɛbásu] exp. *idiom.* Recusar (expressão usada sobretudo no contexto do baile). *Nunca consegui dançar c'a filha dela, ela dava-me sempre cabaço.* (alt. sem. D.H./ alt. sem.

<sup>381</sup> Só existe a entrada “curral”.

<sup>382</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.

<sup>383</sup> SILVA, 1948 regista “retambana” como provincianismo do Alentejo, mas com uma aceção um pouco diferente.



D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**dar cabo** (de) [dárkábʊ] *exp. idiom.* Fazer mal a, destruir, estragar. *Ele bate tanto na mula qu'inda dá cabo dela.* (D.A.C.)

**dar caraiva** [dárkərájvɐ] *exp. idiom.* Dar confiança; dar intimidade. *Deste-le munta caraiva, agora atura-o!*

**dar carrera dreita** [dárkɐrɛrɛdrɛtɐ] *exp. idiom.* Estar lúcido; saber o que faz. *Com aquela idade já nã dá carrera dreita.*

**dar com sota e manilha** [dárkõsõtımɛníɫɐ] *exp. idiom.* Apresentar argumentos irrefutáveis, imbatíveis. *Ela é terríval, nã vale a pena discutir com ela, dá com sota e manilha.*

**dar conta d'um real d'água** [dárkõtdũrjádágwɐ] *exp. idiom.* Não se esquecer de nada; cumprir tudo na íntegra. *Quando vás às compras, nunca trazes tudo, nã dás conta d'um real d'água.*

**dar creto** [dárkrɛtu] *exp. idiom.* Acreditar; dar crédito. (alt. fon. D.A.C.)

**dar d'olho**<sup>384</sup> [dárdólʊ] *exp. idiom.* Olhar de esguelha.

**dar de corpo** [dárdikõrpu] *exp. idiom.* Defecar. (D.H./ alt. morf. D.C.F.)

**dar de rabo** [dárdirábʊ] *exp. idiom.* Ser antipático. *A espanhola dava de rabo lá na loja.*

**dar em**<sup>385</sup> [dárɛ] *exp. idiom.* Costumar; começar; passar a. *O pai dá-le em dezer que tenha juízo. / O gado dê im saltar.*

**dar largas** (a) [dárlárgɐʃ] *exp. idiom.* Dar liberdade; dar permissão. *A que horas le dás largas p'ra sair?* (D.H.)

**dar lenha** [dárlɛɲɐ] *exp. idiom.* Ralhar; chamar a atenção. *Quando chamava alguém ó escritóire, era para le dar lenha.*

**dar más uma avançada** [dármázũmavɛsádɐ] *exp. idiom.* Arrancar de novo, retomar. Expressão muito utilizada para dar estímulo. *Já descansastes um bocadinho, vá, dá-le mais uma avançada!*

**dar o badagaio** [dárubɛdɛgáju] *exp. idiom.* Estragar-se; morrer. *O motor do carro acabô de dar o badagaio.* (D.H.<sup>386</sup>/ alt. sem. D.A.C.)

**dar ó badalo** [dárõbɛdálu] *exp. idiom.* Dar à língua; tagarelar. *Até debes tar cansada, levaste a tarde toda a dar ó lambarão c'a vezinha!* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**dar o cavanço** [dárũkɐvɛ̃su] *exp. idiom.* Fugir; evadir-se. *Assim que viu o jipe da guarda, deu logo o cavanço.*

**dar ó lambarão** [dárõlɛbɐrɛ̃w] *exp. idiom.* O. m. q. *dar ó badalo.*

**dar o segundo ferro** [dárũsigũdufɛ̃ru] *exp. idiom.* Lavar pela segunda vez. *O terreno já nã atola, tá na altura de le dar o segundo ferro.*

**dar pontos**<sup>387</sup> [dárpõtuʃ] *exp. idiom.* Costurar; remendar buracos em vestuário. *À tarde, costume sentar-me aqui ó sol a dar pontos.*

**dar razão** (de) [dárɐzɛ̃w] *exp. idiom.* Aperceber-se de; ter conhecimento de. *Nunca dê razão de terem chegado.* (alt. sem. D.H.)

**dar terras à matação** [dártɛrɐzãmɐtɛsɛ̃w] *exp. idiom.* Dar terras para serem cultivadas em troca de um quinto dos produtos colhidos. *O mé patrão, p'ra nã pagar jornas, dava terras à*

<sup>384</sup> SILVA, 1948 regista “dar de olho a”, mas com outro sentido.

<sup>385</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.

<sup>386</sup> D.H. só regista “badagaio”.

<sup>387</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.

*matação.*

**dar um par de correas** [dárũpárdikuréɐ] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando, no baile, a rapariga deixava o namorado e dançava ou falava com outro. *A Mari Rosa deu um par de correas ó namorado.*

**dar uma sardinha a quem le der um porco gordo** [dárũmæsərđĩnakêlidérũpórkuɡórdu] *exp. idiom.* Dar uma recompensa a quem lhe dá o ganho; não dar ponto sem nó. *O Manel era oportunista, só dava uma sardinha a quem lhe desse um porco gordo.*

**dar-se com todo o fiel farrapo** [dársikõtodufjêfɛrápu] *exp. idiom.* Dar-se com toda a gente, independentemente da sua classe social ou comportamento. *Aquele rapaz nunca foi de peneras, sempre se deu com todo o fiel farrapo.*

**de cabeça ó abaxo** [dikɛbésɔɛbásu] *exp. idiom.* Velho; prestes a morrer. *A minha mãe já tá de cabeça ó abaxo.*

**de cana e mea** [dikẽnɛiméɐ] *exp. idiom.* Melhor que os outros; que se destaca no que faz. *Ele é um cantador de cana e mea.*

**de cangão** [dikẽgẽw] *exp. idiom.* Em desequilíbrio. *Mal me descudê, ela já ia de cangão.*

**de cara à banda** [dikárabédɛ] *exp. idiom.* Sem reputação. *Inda fequestes pior de vezinhos, veio pr'aí essa gente de cara à banda.* (alt. sem. D.A.C.<sup>388</sup>)

**de champa** [diʃɛpɛ] *exp. idiom.* Bater em cheio, em pleno. *O sol cai aqui de champa.*

**de cunha** [dikũɲɛ] *exp. idiom.* Tipo de enxertia.

**de espelho** [diʃpélɥ] *exp. idiom.* Tipo de enxertia.

**de estalo** [diʃtálu] *exp. idiom.* Bom, que se pode ver. *Era um burro de estalo.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**de filha da púcara** [diʃíʎɛdɛpúkɛrɛ] *exp. idiom.* Tramado, difícil. *A vida d'agricultura é uma vida de filha da púcara!*

**de lerta** [dilértɛ] *exp. idiom.* Alerta; com vigilância. *Já andava de lerta com ele, por isso apanhê-o.* (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**de má raça** [dimárasɛ] **1.** *exp. idiom.* Danada; com garra. *A Rita era uma mulher de má raça p'ra trabalhar. **2.** *exp. idiom.* Mau. *Como é de má raça, voltô p'ra se vingar dos colegas.* (1. alt. sem. D.A.C.) (2. D.A.C.)*

**de maneira(s) que** [dimɛnérɛki] *loc. conj.* De modo que. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**de monda que** [dimódɛki] *loc. conj.* De modo que. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**de patas ó ar** [dipátɛzɔár] *exp. idiom.* À beira da morte; muito mal. *Quando foi p'ó hospital, já ia de patas ó ar.*

**de rangamalho** [dirẽgɛmálu] *exp. idiom.* Ao calhas; de qualquer maneira. *Chegô aí à pressa e fez tudo de rangamalho.* (alt. sem. D.C.F.<sup>389</sup>)

**de rapa terrão** [dirápɛtirẽw] *exp. idiom.* À pressa; sem concentração. *Quis ser ele a fazer tudo e depôs saiu tudo de rapa terrão.*

**de regangão** [dirigẽgẽw] *exp. idiom.* De rastos. *Chegô aí chêo de pressa e levô tudo de regangão.* (D.C.F.<sup>390</sup>)

**debalde** [dibáɫdi] *adv.* Em vão. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**debruedo, a** [dibruédu, ɐ] *adj.* Debruedo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>388</sup> Regista “ficar de cara à banda”.

<sup>389</sup> Regista “ir de rangamalho”.

<sup>390</sup> Regista somente “regangão”.

**debulher** [dibuʎér] v. Debulhar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**declinar** [diklinár] v. Ver. *Lê lá tu, filha, quê já nã declino bem.* (dial. de Portugal D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**dedera** [didérv] s. f. Objeto usado para proteger os dedos na ceifa, feito, muitas vezes, a partir da biqueira de uma bota. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**dedil**<sup>391</sup> [didíʎ] s. f. O. m. q. *dedera*.

**dedo do coração** [dédudukurəséw] s. m. Dedo maior, o mais central da mão.

**defiçal** [difísɐʎ] adj. Difícil. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**degote** [digóti] s. m. Decote. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**delido, a** [dilídu, -ɐ] adj. Diz-se dos alimentos escozinhados. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.A.C.)

**denguice/ dinguiçe** [dēgísi]/[dĩgísi] s. f. Coisa pequena e graciosa. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)/ (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**dente do juízo** [dētíduzuízu] s. m. Dente do siso.

**denuive d'água** [dinújvidágwɐ] s. m. Dilúvio.

**denuivo** [dinújvu] s. m. Grande número; abundância. *Passô ali um denuivo de pássaros.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**denunciador** [dinũsjədór] s. m. Pessoa que denunciava os contrabandistas às autoridades. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**denunciante** [dinũsjěti] s. m. O. m. q. *denunciador*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**depenada** [dipinádɐ] adj. Diz-se da árvore que não tem folhas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**derivado a** [diriváduɐ] loc. conj. Devido a. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**derrangar** [dirēgár] v. Pender, suspender. *As malvas derrangam da florera. O rapaz está derrangado do ramo da olevera.*

**derregar** [dirigár] v. Diluir. *Deve-se derregar logo o sal no molho.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**Dês a terra le seja leve com' ó castelo de Marvão!** [dézɐtérɐlisézɐlévikõmõkɐʃtéludimɐrvéw] exp. idiom. Expressão utilizada quando morre uma pessoa má.

**Dês a terra le seja leve!** [dézɐtérɐlisézɐlévi] exp. idiom. Expressão utilizada quando morre alguém bom.

**Dês le perdoie!** [dézlipirdóji] exp. idiom. Expressão proferida sempre que é referido alguém que já faleceu. (alt. sem. D.A.C.)

**Dês ma mim livre!** [dézɐmɐmílvri] exp. idiom. Deus me livre! (alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**desabanderar / desbanderar** [dizɐbēderár] / [dizbēderár] v. Cortar as bandeiras do milho. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**desagarrar** [dizɐgɐrár] v. Largar; soltar-se. *A tinta em cima da cal desagarra.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**desalvorir** [dizɐʎvurír] v. Fugir; evadir-se. (alt. fon. D.A.C.)

**desamontar-se** [dizɐmõtársi] v. Apear-se. (D.C.F.)

**desapartar-se** [dizɐpɐrtársi] v. Separar-se; divorciar-se. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**desapernar** [dizɐpɐrnár] v. Soltar; libertar.

**desastre** [dizáʃtri] s. m. Acidente. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

<sup>391</sup> Cfr. Castelhana “dedil”.

**desaver-se** [dizəvérsi] v. Desentender-se. *Desoveram-se e nunca mais fizeram as pazes.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desboquinado, a** [dizbokinádu, -ɐ] *adj.* Defeituoso; lascado.

**desbruçadora** [dizbrusedóɾɐ] *s. f.* Roçadeira. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**desbulher** [dizbuʎér] v. Debulhar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**descamberna** [diʎkẽbérnɐ] *s. f.* Confusão.

**descambernar** [diʎkẽbɨrnár] v. Tornar-se uma confusão.

**descante** [diʎkẽti] *s. m.* Baile do casamento. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**desconfiado, a** [diʎkõfjédu, -ɐ] *adj.* Ciumento. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**descontravontade** [diʎkõtrɛvõtádi] *adj.* Sem vontade, contra vontade. (reg. D.C.F.)

**descorçoado, a** [diʎkurswádu, ɐ] *adj.* Triste; desiludido. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.<sup>392</sup>/ alt. fon. D.A.C.)

**descorrer** [diʎkurér] v. Inventar. *Descorreu uma nova maneira de limpar a zetona.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**descorrimento** [diʎkurimétu] *s. m.* Capacidade de antever uma situação; iniciativa. *É um desgraçado, não tem descorrimento p'ra nada.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**descorro** [diʎkóru] *s. m.* O. m. q. *descorrimento.*

**desculper** [diʎkuʎpér] v. Desculpar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desdantado, a** [dizdẽtádu, ɐ] *adj.* Desdentado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desempenado, a** [dizẽpinádu, -ɐ] *adj.* Desembaraçado. *A Ana é uma gaja desempenada.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**desencantar** [dizẽkẽtár] v. Descobrir, achar. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**desenfrençado, a** [dizẽfrẽsádu, -ɐ] *adj.* Distinto; de tamanho diferente. (D.C.F.<sup>393</sup>)

**desensaibrido, a** [dizẽsajbrídu, -ɐ] *adj.* Insípido; desenhado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desensamarração** [dizẽsɐmɐɾɐsẽw] *s. f.* Desfolhada.

**desensamarrado** [dizẽsɐmɐrádu, -ɐ] *adj.* Diz-se do milho ao qual já foram tiradas as samarras.

**desensamarrar** [dizẽsɐmɐrár] v. Desfolhar, tirar as *samarras* ao milho.

**desenvolvo** [dizẽvólvu] *s. m.* Desenvoltura; desembaraço.

**desfegar** [diʎfigár] v. Trasfegar; separar o vinho do mosto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desfego** [diʎfégu] *s. m.* Tarefa ou serviço que exige uma maior dedicação de quem o faz, bem como uma maior envolvimento de recursos. *Todos os verões há o desfego das limpezas.*

**desfolar** [diʎfulár] v. Esfolar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desgarriado, a** [dizgɐrjádu, -ɐ] *adj.* Perdido, afastado do grupo (usado somente em relação aos animais). (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desgrácia** [dizgrásjɐ] **1.** *s. f.* Desgraça. **2.** *adj.* Desgraçado. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**desincatar** [dizĩkɛtár] v. Desassossegurar. *Estã fartas de me desincatar p'ra ir às excursions.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desinganar** [dizĩgɛnár] v. Desenganar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>392</sup> Inclui “descoroçoar”.

<sup>393</sup> Regista “desenferençar”.

**desingane** [diʒiŋgẽni] *s. m.* Desengano; recusa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desinsistir** [diʒisiʃtir] *v.* Deixar; desistir. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desinsofrido, a** [diʒisufriðu, -v] *adj.* Ansioso, cheio de vontade de fazer algo. (D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**deslaçar** [diʒlɔsár] *v.* Defecar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**deslindado, a** [diʒliðáðu, v] *adj.* Separado. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)<sup>394</sup>

**desmancho** [diʒmẽʃu] *s. m.* Aborto. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**desmarrido, a**<sup>395</sup> [diʒmɛriðu, -v] *adj.* Ávido por, com vontade ou desejo de. *Ando desmarrida de comer cerejas.*

**desmarzela** [diʒmɛrzɛlɐ] **1.** *s. f.* Desleixe; falta de cuidado. *Aquela gente ali vive naquela desmarzela.* **2.** *s. f.* Desgraça; problema. *Quando eu tiver desmarzelas, acuda-me logo!* (1. alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

**desmasia** [diʒmɛziɐ] *s. f.* Demasia; excesso. *O bêbado qu'ê bêbado, quando bebe em desmasia, nunca fecará bem sem mostrar a sua valentia.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desmariado, a** [diʒmɛzjáðu, -v] *adj.* Demasiado, excessivo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desmoer** [diʒmwér] **1.** *v.* Moer. **2.** *v.* Fazer a digestão. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**desmorecer** [diʒmurisér] *v.* Esmorecer. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desnortear** [diʒnortjár] *v.* Dizer coisas sem nexo. *Tavas a falar bem, mas agora já tás a desnortear.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**desorfado, a** [diʒɔrfáðu, v] *adj.* Abandonado; sem ninguém; tornado órfão. (reg. do Alentejo D.H./ reg. D.C.F.)

**desorfanado, a**<sup>396</sup> [diʒɔrfɛnáðu, v] *adj.* O. m. q. *desorfado.*

**desovar** [diʒɔvár] *v.* Defecar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**despachado, a** [diʃpɛsáðu, v] *adj.* Morto. *Quando a ambulança o levô, ia quase despachado.* (D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**despegar** [diʃpigár] *v.* Trocar (dinheiro). *Despega-me lá 50 €.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**despenada** [diʃpináðɐ] *adj.* Diz-se da árvore que não tem folhas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**despensero** [diʃpɛséru] *s. m.* A pessoa a quem cabia servir o vinho nas tabernas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**despida** [diʃpíðɐ] *adj.* O. m. q. *despenada.* (D.H./ alt. sem. D.A.C.)

**despor** [diʃpór] *v.* Transplantar. *Tá na altura de despor as coves.* (D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**despôs** [diʃpós] *adv.* Depois. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**despundredo, a** [diʃpũdréðu, v] *adj.* Dependurado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>394</sup> Os três dicionário só registam “deslindar”.

<sup>395</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Algarve, mas com uma aceção diferente.

<sup>396</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo.

**destamarrado, a** [diʃtəmɐrátu, ə] **1. adj.** Que anda afastado dos restantes, a monte. *Aquela ovelha anda além destamarrada.* **2. adj.** Perdido. *Quando foi à tropa, andô destamarrado lá por Lisboa.* **3. adj.** Disposto a tudo; isento de bom senso. *Saiu daí destamarrado, agora nã merece a pena ires falar com ele.*

**destilar** [diʃtilár] *v.* O. m. q. *desfegar.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**destinçar** [diʃtísár] *v.* Reduzir, retirando o excesso. *Destincê aquela nabiça p'a crercer melhor.*

**desto**<sup>397</sup> [diʃtót] *int.* Vocábulo proferido para exprimir desabafo e também para ralhar aos cães.

**destorroar** [diʃturwár] *v.* Passar a grade para romper os torrões. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**destraimento** [diʃtrajmétu] *s. f.* Distração. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**destrocer** [diʃtrusér] *v.* Distorcer. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desunhar-se** [dizunársi] *v.* Esforçar-se. *O pai desunhê-se p'ra conseguir mandar estudar os filhos.* (reg. de Portugal, Barcelos D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**desvorciado, a** [diʒvursjádu, ə] *adj.* Divorciado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**desvorcier-se/ divorciar-se** [diʃvursjérsi]/ [diʃvursjárssi] *v.* Divorciar-se. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**deta cá lecença** [détɛkálisésɐ] *exp. idiom.* O. m. q. *bota cá lecença.*

**detar a barriga** [detárɐbɐrígɐ] *exp. idiom.* Abortar. *Este ano já duas cabras deterem na barriga.*

**detar as galinhas** [detárɐʒgɐlíjɐʃ] *exp. idiom.* Pôr ovos debaixo das galinhas para incubação.

**detar cantigas** [detárkɛtígɐʃ] *exp. idiom.* Cantar. *Nos casamentos quase sempre há desgarradas onde se detem cantigas.*

**detar saúdes** [detársɐúdiʃ] *exp. idiom.* Fazer saudações em verso a pessoas, em honra das quais seguidamente se bebe um copo. *O Ti Chico era um ás a deter saúdes nos jantares.*

**detar um verso** [detárũvérsu] *exp. idiom.* Declamar. *Quando já bebeu um copinho, gosta de detar um versos.*

**detar-se** (a) [detársi] *v.* Dedicar-se. *Hoje de manhã, decidimos: vamos a detérmo-nos a esta casa.* (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**detar-se à sesta** [detársiaséstɐ] *exp. idiom.* Deitar-se a dormir a sesta.

**detar-se fora** [detársifórrɐ] *exp. idiom.* Sair; abandonar. *Aquela senhora era frera e detô-se fora.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**deter** [detér] *v.* Deitar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**detor** [detór] *s. m.* Doutor. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**deve ter a criança a ir pro narcedoro!** [dévitérɛkrjɛsáirprɔnɐrsidóru] *exp. idiom.* Expressão usada quando alguém tem muita pressa em fazer algo.

**devolver** [divɔlvér] *v.* Vomitar. (reg. do Brasil D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**dexação** [dɛʃɐsɛw̃] *s. f.* Espécie de herança. *Num sistema de dexação, podem viver na casa até morrerem sem pagar renda.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**dexar-se relaxar** [dɛʃársirilaʃár] *exp. idiom.* Não se preocupar; não tomar os devidos cuidados. *O mê genro tem diabetes e, como se dexô relaxar, agora tá mal.*

**dezer à boca chea** [dzérábókɐʃɛɐ] *exp. idiom.* Falar sem medo, sem vergonha. (alt. fon. D.A.C.<sup>398</sup>)

**dezimbrar-se** [dizĩbrársi] *v.* Desequilibrar-se.

<sup>397</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como sendo usado no Alentejo.

<sup>398</sup> Regista somente “à boca cheia”.

**di** [di] *adv.* Então. *Di começô finalmente a trabalhar.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**dia do bolo** [diédubólu] *s. m.* Segunda-feira de Páscoa.

**dia dos defuntos** [diédusdífütu] *s. m.* Dia de finados, dia 02 de novembro. (D.A.C.)

**didal** [didáɫ] *s. m.* Anel do tortulho. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**Diebe** [djébi] *s. m.* Diabo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**diêmetro** [diémitru] *s. m.* Diâmetro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**diente** [diéti] *prep.* Diante. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**dita** [dítɐ] *s. f.* Sorte. *Nã tens a dita de morrer.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**diter** [ditér] *v.* Deitar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**dito, a** [dítu, -ɐ] *adj.* Certo. *Chegô aí um dito homem...* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ditório** [ditórju] *s. m.* O que ofereciam, sob a forma de canto, à virgem.

**ditoso, a** [ditózu, ɐ] *adj.* Famoso. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**díveda** [dívidɐ] *s. f.* Dívida. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**doce-lima** [dosiĩmɐ] *s. f.* Lúcia-lima. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**doento** [dwétu] *adj.* Doente. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**domenêdo, a** [dominédu, ɐ] *adj.* Dominado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**donde** [dôdi] *adv.* Onde. *Nã sê p'ra donde vô.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**doradinha** [dorédjɐ] *s. f.* Tipo de flor silvestre, cujo nome científico é *Waltheria douradinha Saint Hilaire*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**dormento** [durmétu] *adj.* Dormente. *Tenho os dedos dormentos.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**dormido, a** [durmídu, -ɐ] **1.** *adj.* Diz-se dos bolos que levedam durante a noite. *No Porto da Espada há a moda dos bolos dormidos.* **2.** *adj.* Diz-se dos bolos que não fintaram durante a noite. *Este ano a amassadura correu mal, os bolos ficarem dormidos.* (1. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**dormir** [durmír] *v.* Levedar. *Os bolos agora deixam-se a dormir até tarem na conta de tender.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**dreita** [dréte] *s. f.* Direita. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**dromenhona** [drumjñõɐ] *s. f.* Espécie de flor com folhas verdes redondas e sinais pretos, que está aberta de dia e fecha-se à noite, daí o seu nome.

**dromir** [drumír] *v.* O. m. q. *dormir*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**dubra** [dúbɾɐ] *s. f.* Dobra. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**d'uma cana** [dũmekẽɐ] *exp. idiom.* Que faz algo bem; que se destaca pela positiva. *A Rosa é uma cantadera d'uma cana!* (alt. sem. D.A.C.)

**dura** [dúɾɐ] *s. f.* Duração, durabilidade. *A fruta do supermercado nã tem dura.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**durera** [duréɾɐ] *adj.* Diz-se das fêmeas que custam a soltar o leite aquando do ordenho. Também se usa quando alguém tem dificuldade em evacuar. (alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**dúveda** [dúvidɐ] **1.** *s. f.* Dúvida. **2.** *s. f.* Espaço intramuros que separa Portugal de Espanha. *Lá ao fundo desta tapada fica a dúveda.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

E

**ê conho!** [ékóɲu] *interj.* Expressão utilizada para exprimir espanto.

**é maior o atilho c'a gata** [éməjórueílikuegátə] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando nos referimos a qualquer coisa que é desmesurada. *Um caxote tã grande p'ra uma prenda tã pequena! Isso é maior o atilho c'a gata!*

**ecaliptel** [ekəliptéɫ] *s. m.* Eucaliptal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**economezer** [ekɔnimizér] *v.* Economizar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**economezador, a** [ekɔnumizədór, ə] *adj.* Poucado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**edespôs** [ediʃpós] *adv.* Depois. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**eduardo** [edwárdu] *s. m.* Espécie de licor, antigamente muito bebido nas tabernas.

**eduquedo, a** [edukédu, ə] *adj.* Educado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**efuneker** [efunikér] *v.* Amarrotar. *Efunequê a ropa no carro.*

**elaboçado, a** [eləbosádu, ə] *adj.* Gordo.

**elastre/ elestre** [ilástri]/ [iléstri] *s. m.* Elástico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**elétrico, a** [elétriku, ə] *adj.* Elétrico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**em ala** [ěálə] *exp. idiom.* Em alvoroço. *Na altura da festa anda tudo em ala.*

**em luguer de** [ěluđerdi] *loc. prep.* Em vez de. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**em plotá**<sup>399</sup> [ěplótə] *exp. idiom.* Nu. (alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**emachorrar** [eməʃurár] *v.* Ficar estéril.

**emaluquedo, a** [eməlukédu, ə] *adj.* Maluco.

**embalde** [ěbáɫdi] **1.** *adv.* Em vão. **2.** *s. m.* Empecilho; estorvo. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**embaraçada**<sup>400</sup> [ěbərəsáde] *adj.* Grávida. (reg. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**embarrado** [ěbərəádu] *s. m.* Videira que trepa por uma estrutura ou por árvores. (reg. D.C.F.)

**embeçado, a** [ěbesádu, -ə] *adj.* Dominado. Atraído. *Tem andado aí embeçado por uma cachopa.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**embelgar** [ěbeɫgár] *v.* Dividir em belgas. (reg. D.C.F.)

**embesunhentado, a** [ěbizunětádu, -ə] *adj.* Com má cara; feio. *Hoje vens embesunhentado. /O dia hoje está embesunhentado.*

**embezerrado, a** [ěbizirádu, -ə] *adj.* Que apresenta a cara vermelha devido ao calor. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F.<sup>401</sup>/ alt. sem. D.A.C.)

**embigo/ue** [ěbígu/i] *s. m.* Umbigo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**embiquedo, a** [ěbikédu, -ə] *adj.* Com o cio. *O cão andava embiquedo p'la cadela.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.<sup>402</sup>)

**embirrar** [ěbirár] *v.* Bater; esbarrar. *O pássaro embirró contra o vidro.* (alt. fon. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

<sup>399</sup> Cfr. Castelhana “en pelota”.

<sup>400</sup> Cfr. Castelhana “embarazada”.

<sup>401</sup> Regista “embezerrar”.

<sup>402</sup> Regista “embicar”.



**embocar** (em) [ẽbukár] **1.** v. Gostar de comer; engrajar com. *Eles nã embocaram na carne do javardo.* **2.** v. Apontar. *Emboquê-le pra lá a espinguerda e matê-o.* (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**emboque** [ẽbókĩ] *s. m.* Emprego; local onde se instalar. *Acabô o curso e nã consegue encontrar um emboque.* (alt. sem. D.H.)

**emborralhado, a** [ẽburɛládu, ɐ] *adj.* Coberto de poeira, empoeirado, sujo. *C'o vento qu'havia, saímos da torada todos emborralhados.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.<sup>403</sup>)

**emborregado** [ẽburĩgádu] *adj.* Estado do céu quando coberto por pequenas nuvens.

**embraviedo** [ẽbrɛvjédu] *adj.* Diz-se do terreno que não foi lavrado. (alt. fon., alt. sem. D.H.)

**embrulhar** [ẽbrułár] v. Envolver. *Embrulhavam na massa c'a banha.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**embrulher-se** [ẽbrułérsĩ] v. Embrulhar-se. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**embrutado, a** [ẽbrutádu, -ɐ] *adj.* Bruto. (D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.<sup>404</sup>)

**embubderado, a** [ẽbubderádu, -ɐ] *adj.* Bêbado. (alt. fon. D.H./ al. fon. D.A.C.)

**embubedar-se** [ẽbubidársĩ] v. Embebedar-se. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**emorcanado, a** [emurkɛnádu, -ɐ] *adj.* Aquele cuja aparência denota logo algumas incapacidades cognitivas.

**empalagoso, a** [ẽpɔlɛgózɔ, -ózɐ] *adj.* Aborrecido, chato. (reg. D.C.F.)

**empaneado** [ẽpɛnjédu] *adj.* Estado do céu quando está nublado. (alt. fon. D.A.C.)

**empatalosado, a** [ẽpɛtɔlozádu, -ɐ] *adj.* Que tem características de *patalô*.

**empato** [ẽpátu] *s. m.* Hesitação. *Comprê o carro sem empato nium.* (alt. Fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**empecilher** [ẽpisiłér] v. Empecilhar; estorvar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**empenhorar** [ẽpiɲurár] v. Penhorar. (D.H./ D.C.F.)

**empesquer/ empiscar** [ẽpi[kér]/ [ẽpi[kár]v. Piscar o olho. (alt. fon. D.C.F.) (D.C.F.)

**empestor, a** [ẽpištór, -ɐ] *adj.* Impostor; vaidoso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**empranhar p'los olhos** [ẽprɛɲárpluzólɔ] *exp. idiom.* Ficar encantado, iludido com algo que se vê.

**empranhar p'los ovidos** [ẽprɛɲárpluzɔvídu] *exp. idiom.* Deixar-se levar por conversas. (alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**encalacrado, a** [ẽkɔlɛkrádu, -ɐ] *adj.* Vítima de dívidas. *Nã le pagam a renda da casa, por isso tá encalacrado.* (D.H./ D.C.F.<sup>405</sup>/ D.A.C.)

**encanaleizador** [ẽkɛnɛlizédór] *s. m.* Canalizador. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**encantenhar-se** [ẽkɛtĩɲársĩ] v. Colocar-se num canto; acantoar. (reg., alt. fon. D.C.F.)

**encaramelado, a** [ẽkɛrɛmiládu, -ɐ] *adj.* Gelado; transformado em gelo. *A água tava encaramelada.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.<sup>406</sup>)

**encerrado, a** [ẽsɛrádu, -ɐ] *adj.* Encerrado, fechado. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.<sup>407</sup>)

<sup>403</sup> Os D.C.F. e D.A.C. somente registam “emborrallar”.

<sup>404</sup> De notar que nos três dicionários não existe esta entrada apenas “embrutar”, em D.H. e D.C.F., e “embrutecer” em D.A.C..

<sup>405</sup> Regista “encalacrar”.

<sup>406</sup> Regista “encaramelar”.

<sup>407</sup> Regista “encerrar”.

**encarrelhar** (com) [ɛ̃kʁɛɾiˈlaɾ] v. Aprender; compreender. *Nã sô capaz d'encarrelhar com este assunto.* (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**encastanhado, a** [ɛ̃kɐʃtɐɾɔˈadu, -ɐ] *adj.* Acastanhado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**encelado, a**<sup>408</sup> [ɛ̃siládu, -ɐ] *adj.* Com o cio.

**encemer/ encimar** [ɛ̃simér]/ [ɛ̃simár] v. Terminar. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.) (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**encende** [ɛ̃séd̃i] *s. m.* Incêndio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**encharcar** [ɛ̃ʃɐɾkár] v. Represar a água. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**encher-se de moscas** [ɛ̃ʃérsidimóʃkɐʃ] *exp. idiom.* Chatear-se; aborrecer-se. *Hoje já me tava a encher de moscas c'ô mê chefe.*

**encine/o/ incino** [ɛ̃ʃíni/u] / [iʃínu] *s. m.* Ancinho. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enclipse** [ɛ̃klípsi] *s. m.* Eclipse. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**encodornado, a** [ɛ̃kudurnádu, -ɐ] *adj.* Gelado. *Tava a água encodornada.*

**encolhe-ombros** [ɛ̃kólóʃbruʃ] *adj.* Friorento, o. m. q. *enganido.*

**encontrar piada** [ɛ̃kõtɾáɾpjáde] *exp. idiom.* Achar graça. *Ê encontrava piada nessas medidas.*

**encontrar** [ɛ̃kõtɾár] v. Pensar; julgar. *Ê cá encontro qu'ela devia ter fecado na casa dela.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**encontrar-se (em)** [ɛ̃kõtɾársi] v. Deparar-se com; achar-se envolvido em. *Ê é que m'encontrê naquilo sozinha.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**encontrar-se enganado, a** [ɛ̃kõtɾársiɛ̃gɐnádu, -ɐ] *exp. idiom.* Ser traído.

**encorcolado, a** [ɛ̃kɔɾkɔládu, -ɐ] *adj.* Encaracolado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**encorcovado, a** [ɛ̃kɔɾkɔvádu, -ɐ] *adj.* Curvado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**encortecedo** [ɛ̃kɔɾtisédu] *adj.* Diz-se do queijo, geralmente mais duro, que é feito com leite cru. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.<sup>409</sup>/ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**encrenca** [ɛ̃kɾékɐ] **1. s. f.** Sarilho; problema. *Tô metido numa grande encrenca.* **2. s.** Pessoa que gosta de dar sentenças, mesmo que não perceba muito do assunto. *Ai a encrenca da gaiata a qu'rer dar-nos a volta!* **3. s.** Pessoa que não é muito do agrado dos presentes. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2., 3. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**enculquer** [ɛ̃kulkér] v. Arranjar; preparar (num contexto de namoro). *A mãe dela é qu'andô a enculquer aquele namoro.*

**endres** [ɛ̃driʃ] *s. m.* Pernada com vários ramos, que se corta para servir de ancinho ou forquilha. *S'ô ramo era torto, dava endres de encine. S'ô pau era dreto, dava endres de forquilha.*

**endreta** [ɛ̃drétɐ] *s. m.* Endireita, pessoa que coloca os ossos deslocados novamente no sítio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**endromenhar** [ɛ̃dɾumɛɲár] v. Adormecer.

**endulado, a** [ɛ̃duládu, -ɐ] *adj.* Ondulado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enfadonher** [ɛ̃fɛduɲér] v. Maçar; provocar enfado.

**enfaloquedo, a** [ɛ̃fɛlokédu, -ɐ] *adj.* Adoentado.

**enfeter** [ɛ̃fetér] v. Enfeitar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enfiedo, a** [ɛ̃fjédu, -ɐ] *adj.* Enfiado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enfier** [ɛ̃fjér] v. Enfiar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>408</sup> Cfr. Castelhana “encelar” e “encelado”.

<sup>409</sup> Os D.C.F. e D.A.C. registam apenas “encortiçar”.

**enfisgar** [ẽfĩʒgár] v. Ser apanhado numa *fisga*; ficar preso numa fenda.

**enfornação** [ẽfurnesẽw] s. f. Ato de enfornar (no caso dos fornos de cal, era sempre feito com oito homens).

**engadanhado, a/ engadanhido, a** [ẽgødẽpádú, -v]/ [ẽgødẽpídú, -v] adj. Sem ação por causa do frio. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.) (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**engadanhão, ona** [ẽgødẽpẽw, -õnẽ] adj. Pessoa que está sempre com frio, que jamais tem calor.

**enganada** [ẽgẽnádẽ] adj. Situação da mulher quando engravida sem estar ainda casada. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**enganido, a** [ẽgẽnídú, -v] adj. O. m. q. *engadanhado*. (D.H.<sup>410</sup>/ reg. D.C.F.)

**engarelar/ engrelar** [egørilár]/ [ẽgrilár] v. Acarretar os cereais para a eira.

**engavelar** [ẽgẽvilár] v. Formar gavelas, molhos (de feno). (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**engina** [ẽʒínẽ] s. f. Angina. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**engive** [ẽʒívĩ] s. f. Gengiva. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**engorgojado, a/ enguergojado, a** [ẽgurgojádu, -v]/ [ẽgĩrgojádu, -v] adj. Corcovado, engurujado.

**engraçar** (com) [ẽgrẽsár] v. Gostar. *Ele ñã engraçô c'a rapariga*. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**engranhado, a** [ẽgrẽpádú, -v] adj. Encaracolado. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.<sup>411</sup>)

**engrolado, a** [ẽgruládu, -v] adj. Mal cozido. (D.H./ D.C.F.<sup>412</sup>/ D.A.C.)

**enguilhedo, a** [ẽgĩlédu, -v] adj. Habitado.

**enjoelhar** [ẽʒwejár] v. Ajoelhar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enlarosedo, a** [ẽlẽrozédu, -v] adj. Maluco.

**enlodrar-se** [ẽludrársĩ] v. Sujar-se. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enquebrantado, a** [ẽkĩbrẽtádu, -v] adj. Com quebranto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enraivado** [ẽrajváu, -v] adj. Que não corta; mal afiado. *Esta tesora tá enraivada*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.<sup>413</sup>)

**enraiviado, a** [ẽrajvjáu, -v] adj. Enraivecido. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.<sup>414</sup>)

**enraiviar-se** [ẽrajviársĩ] v. Enraivecer-se; zangar-se. *Uma pessoa, em s' enraivando, perde a cabeça*. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enreçado** [ẽrĩsáu] adj. m. Diz-se do cabelo crespo. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enregar** [ẽrĩgár] v. Começar uma tarefa. *O rapaz depressa enregô a trabalhar*. (reg. D.C.F.)

**enremulhar** [ẽrĩmujár] v. Amarrota, enrugar.

**enrestar** [ẽrĩʃtár] v. Fazer uma réstia (de cebolas ou de alhos). (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**enrolar os troços** [ẽruláruʃtrósuʃ] exp. idiom. Morrer. *Vô vesite-la ó lar, s' ela ñã enrolar os troços até lá*.

**ensamarrado, a**<sup>415</sup> [ẽʃmẽráu, -v] adj. Vestido com roupa em excesso.

<sup>410</sup> Registado como “enganir”.

<sup>411</sup> Os D.H. e D.C.F. somente registam “engrenhar”.

<sup>412</sup> Regista “engrolar”.

<sup>413</sup> Os três dicionários apresentam somente a entrada “enraivar”.

<sup>414</sup> Os três dicionários apresentam somente a entrada “enraivar”.

<sup>415</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo, mas com diferente aceção.

**ensapado, a** [ẽsɐpádu, -v] *adj.* Que se custa a mexer; que tem pouca genica.

**ensener** [ẽsinér] *v.* Ensinar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ensinar** [ẽsinár] *v.* Receitar. *Ó Sr.Dr., atã nã m'ensina nada?* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**entaloquedo, a** [ẽtɛlokédu, -v] *adj.* Bêbado.

**entamoereda** [ẽtɛmwerédu] *adj.* Diz-se da fala quando é grossa.

**entarocado, a** [ẽtɛrokádu, -v] *adj.* Semi-bêbado. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**enterçol/ interçol** [ĩtĩrsól]/ [ẽtĩrsól] *s. m.* Terçol; terçolho<sup>416</sup>. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**entertine/ entertinho** [ẽtĩrfĩni]/ [ẽtĩrfĩnu] *s. m.* Intestino; véu da tripa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**entes** [ẽtĩf] *adv.* Antes. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**entiedo** [ẽtjédu] *s.m.* Enteadado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**entopea** [ẽtupéu] *s. f.* Centopeia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**entorado, a** [ẽtorádu, v] *adj.* Cheio, prestes a rebentar. (reg., alt. fon., alt. sem. D.H.<sup>417</sup>/ reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**entortar o cotovelo** [ẽturtárukutuvélu] *exp. idiom.* Pagar. *O fuleno nã quer entortar o cotovelo.*

**entranquelhado, a** [ẽtrẽkĩládu, v] *adj.* Aquele que junta os joelhos quando anda; canejo.

**entrar em encaminhamentos** [ẽtrárẽkẽmĩnẽmẽtu] *exp. idiom.* Aconselhar-se com alguém. *Antes de comprar a casa, entrô em encaminhamentos c' o pai.*

**entrar o bispo em casa** [ẽtrárubĩspuẽkázv] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando a comida se esturrou. *Hoje entrô o bispo cá em casa.*

**entrar o bispo na panela** [ẽtrárubĩspunẽpẽnêlv] *exp. idiom.* O. m. q. *entrar o bispo em casa.*

**entrar p'ra corda do sino** [ẽtrárprakórdẽdušĩnu] *exp. idiom.* Levar porrada. *Porta-te bem, senã entras p'ra corda do sino!*

**entre** [ẽtri] **1.** *adv.* Durante. *Entre o dia isso vai-se fazendo. **2.** *prep.* Ante. *Descia as escadas pés entre pés.* (1. D.H.<sup>418</sup>/ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)*

**entrebésperas** [ẽtribéspĩrv] *adv.* Antevéspera. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**entrecasco** [ẽtrĩkáku] *s. m.* O que fica no caule depois de sair a cortiça. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**entreço** [ẽtrésu] *s. m.* Lucro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**entremeado, a** [ẽtrimjádu, -v] *adj.* Junto; misturado. (D.H./ D.C.F.<sup>419</sup>/ D.A.C.)

**entrementes** [ẽtrimẽtĩf] *adv.* Entretanto. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**entripal** [ẽtripál] *adj.* Relativo ao intestino.

**entronhado, a** [ẽtrunjádu, -v] *adj.* O. m. q. *emorcanado.*

**enuvrado, a/ enuvredo, a** [ẽnuvrádu, -v]/ [ẽnuvrédu, -v] *adj.* Enevoadado, encoberto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>416</sup> Segundo a crença de alguns dos nossos informantes, os “enterçoles” apareciam na sequência de se defecar nos caminhos.

<sup>417</sup> Regista “entourar”.

<sup>418</sup> Registado com a indicação de diacronismo arcaico.

<sup>419</sup> Regista “entremear”.

**envacada** [ẽvɛkádɐ] *adj.* Diz-se da melancia quando apresenta uma cor rosa e não tem doce. *Esta melancia ñã presta, tá envacada.*

**enverdisquedo, a** [ẽvirdiʃkédɐ] *adj.* Esverdeado.

**envernezédo, a** [ẽvɪrnizédɐ, -ɐ] *adj.* Envernizado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enxalamardear-se** [ẽʃɐlɐmɐrdjársɪ] *v.* Sujar-se.

**enxada** [ẽʃédɐ] *s. f.* Enxada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enxertado em corno de cabra** [ẽʃirtádẽkórnuðikábrɐ] *exp. idiom.* Mau, de má índole. *Ñã damos conta do gaiato, é enxertado em corno de cabra!*

**enxeval** [ẽʃivál] *s. m.* Enxoval. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**enxofrado, a** [ẽʃufrádu, -ɐ] *adj.* Extenuado, estado motivado pelo calor e pelo cansaço. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.<sup>420</sup>)

**enxotar** [ẽʃutár] *v.* Afastar. *Enxotar o fumo de cima.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**enxurreda** [ẽʃurédɐ] *s. f.* Enxurrada, cheia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**epiletre, a/ epilétrico, a/ eplético, a** [epilétri, -ɐ]/ [epilétriku, -ɐ]/ [eplétiku, -ɐ] *adj.* O. m. q. *eplético.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**equizema** [ekizémɐ] *s. f.* Eczema. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ero** [éru] *s. m.* Euro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**errudo, a** [erúdu, -ɐ] *adj.* Aquele que tem dificuldade em aprender.

**erva-brava** [érvɐbrávɐ] *s. f.* Todo o tipo de erva que é imprópria para o gado.

**ervaça** [ervásɐ] *s. f.* Erva.

**erva-da-topera/ erva-topera** [érvɐðɐtopéɐ] / [érvɐtopéɐ] *s. f.* Planta parecida ao feijão verde, que deita uma baga usada para afastar as toupeiras. O. m. q. *carraço.*

**erva-de-fevra** [érvɐðifévɐ] *s. f.* Erva-de-febra, erva-fêvera ou erva-febra. Tipo de erva da família das angiospérmicas. Espécie de aveia selvagem que deita apenas saruga, cujo nome científico é *Lolium rigidum Gaudin.* (alt. fon. D.C.F.)

**erva-doce** [érvɐðósi] *s. f.* Todo o tipo de erva boa para o gado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**erva-limão** [érvɐlimẽw̃] *s. f.* O. m. q. *doce-lima.*

**esbalagar** [ʒbɐlɐgár] *v.* Gastar mal; estragar. *Esta gente d'hoje narce a esbalagar e morre a esbalagar.*

**esbalanceér** [ʒbɐlɛsjér] *v.* Balançar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esbalfurnhar** [ʒbɐlfurnjár] *v.* Bisbilhotar. *Andô a esbalfurnhar a casa toda.*

**esbandalhar-se** [ʒbẽðɐlársɪ] *v.* Partir-se. *Quando caiu, esbandalhô-se todo.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**esbanzalhar-se** [ʒbẽzɐlársɪ] *v.* O. m. q. *esbandalhar-se.* (reg., alt. sem. D.C.F.<sup>421</sup>)

**esbarrandar** [ʒbɐrɛðár] *v.* Deitar ao chão, esbarrondar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esbilerer** [ʒbiɫér] *v.* Espirrar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esboquenado, a** [ʒbokɪnédu, -ɐ] *adj.* Partido; quebrado.

**esborralhar** [ʒburɐláɾ] *v.* Derrubar; deitar ao chão. *Esborralhó a parede e ñã a quis levantar.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>420</sup> O D.A.C. só regista “enxofrar”.

<sup>421</sup> Aparece registado somente como “esbanzalhado”.

**esbortear-se**<sup>422</sup> [ʒburtjárʃi] v. O. m. q. *enxalamardear-se*.

**esbranquecedo, a** [ʒbrẽkisédu, -v] *adj.* Esbranquiçado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escabecear** [ʃkɐbiʃjár] v. Cabecear. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escacinha** [ʃkɐʃínɐ] *s. f.* Mulher pequena. O. m. q. *manjengra*.

**escalabanceador** [ʃkɐləbẽsjədór] *s. m.* Baloíço.

**escalabancear-se** [ʃkɐləbẽsjársi] v. Balançar-se.

**escalmurra** [ʃkałmũrɐ] *s. f.* Excesso de calor, calmaria.

**escalmurrado, a** [ʃkáłmũrádu, -v] **1.** *adj.* Cheio de calor. **2.** *adj.* Zangado. (1. *reg.*, alt. fon., alt. sem. D.C.F.) (2. alt. fon. D.C.F.)

**escalmurrar** [ʃkałmũrá] v. Bater; açoitar. *Escalmurrava o cão, por isso ele fugi-le.* (*reg.*, alt. fon., D.C.F.)

**escamado, a** [ʃkɐmádu, -v] *adj.* Zangado. (D.H.<sup>423</sup>/ D.C.F./ D.A.C.)

**escanchada** [ʃkẽʃádɐ] *s. f.* Passo grande. (alt. sem. D.A.C.)

**escancha-perna** [ʃkẽʃɐpɛrnɐ] *s. f.* Forquilha.

**escangalhar-se de risa** [ʃkẽgɐłársidiriʒɐ] *exp. idiom.* Rir-se muito.<sup>424</sup>

**escaquerado, a** [ʃkɐkerádu, -v] *adj.* Sem graça; sem beleza. *Já sô uma velha escaquerada.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escaquerar** [ʃkɐkerár] v. Partir; quebrar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escarado, a** [ʃkarádu] *adj.* Assustado. *O gado anda escarado.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)<sup>425</sup>

**escarafunchar** [ʃkɐrɛfũʃár] v. Mexer, analisando ao pormenor. (D.H./ D.C.F.)

**escarapão** [ʃkɐrɛpẽw] *s. m.* Variedade de cobra não venenosa, de coloração preta, que anda frequentemente nos telhados à procura de ratos. (*reg.* D.C.F.)

**escarapela** [ʃkɐrɛpɛlɐ] *s. f.* Desentendimento. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**escarapelado, a** [ʃkɐrɛpiládu, -v] *adj.* Com películas salientes. (alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)<sup>426</sup>

**escariota**<sup>427</sup> [ʃkɛrjótɐ] *adj.* Gozão.

**escarrã** [ʃkaɾɛ] *adj.* Labrego, saloio.

**escarrado, a** [ʃkɐrádu, v] *adj.* Igual a; muito semelhante a. *O neto é mesmo o avô escarrado.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**escarrapachado, a** [ʃkɐrɛpẽʃadu, v] *adj.* Montado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)<sup>428</sup>/ alt. fon. D.A.C.)

**escarrapachar-se** [ʃkɐrɛpẽʃársi] v. Sentar-se em cima de algo com uma perna para cada lado; escarranchar-se. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)<sup>429</sup>

**escarrapantalho** [ʃkɐrɛpẽtáɫu] **1.** *s. m.* Espantalho. **2.** *s. m.* Letra ou carácter ilegível. *Olha-me p'ra esse caderno, sã só escarrapantalhos!*

**escarso, a** [ʃkársu, v] *adj.* Escasso; raro. *Isto tá a ficar escarço.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>422</sup> SILVA, 1948 regista “esborrotar”.

<sup>423</sup> Regista “escamar”.

<sup>424</sup> Em D.A.C. apenas está registado “esgangalhar-se a rir”.

<sup>425</sup> Em D.H. e D.C.F. a entrada registada é “escarar-se”.

<sup>426</sup> D.H. regista “escarapelar” e D.C.F. “escarpelar”.

<sup>427</sup> SILVA, 1948 regista “escariote”, mas com diferente aceção.

<sup>428</sup> Regista “escarranchar”.

<sup>429</sup> Regista “escarrapachar” (sem a aceção indicada neste glossário) e “escarranchar”.

**escavacar** [ʃkɐvəkár] v. Partir. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**escloa** [ʃklóɐ] s. f. Espécie de chocalho em forma de campainha e com o toque fino.

**escoalhar** [ʃkwɛlár] v. Chocalhar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escoalho** [ʃkwálɐ] s. m. Chocalho. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escoalhota** [ʃkwɛlótɐ] s. f. Espécie de chocalho de tamanho pequeno.

**escôlpalo** [ʃkólɐlu] s. m. Escopro; utensílio usado pelos pedreiros para picar as paredes. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escornejar** [ʃkurnizár] v. Marrar. *Esta vaca tá sempre a ver se é capaz de escornejar a gente.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escorpiëum** [ʃkurpjéũ] s. m. Escorpião. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escorva** [ʃkórɐ] s. f. Tipo de material inflamável, usado nos rebentamentos. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**escravela** [ʃkrɛvéɐ] s. f. Caravela. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escravelhera** [iʃkrɛvɛlɛrɐ] s. f. Tipo de ave, parecida à cotovia, com uma risca no peito e pintada dos lados.

**escravelho** [iʃkrɛvéɐlu] s. m. Escravelho. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escraviar** [ʃkrɛvjár] v. Escravidar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escretore** [ʃkɛritóri] s. m. Escritório. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escrevëum** [ʃkrivéũ] s. m. Escrivão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escrever** [ʃkruvér] v. Escrever. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escuma** [ʃkúɐ] s. f. Espuma. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**escuter** [ʃkutér] v. Escutar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esfrunhadoro** [ʃfruɲɔdóru] s. m. Espécie de vassouro com que se remove a fuligem e as teias de aranha. (alt. morf. D.C.F.)

**esfrunhar** [ʃfruɲár] v. Remover a fuligem e as teias de aranha; esfulinhar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esgalamido, a** [ʒgɛlɛmídu, ɐ] *adj.* Histérico; com voz muito estridente. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**esgalhar** [ʒgɛlár] **1.** v. Partir. *Esgalha-me aí um bocado de pão.* **2.** v. Correr com rapidez. *Passô aí um maluco a esgalhar, nem vi bem quem era.* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.<sup>430</sup>)

**esgalho** [ʒgáɐ] s. m. Pequena parte do cacho. *Fecô um esgalho esquecido nesta parrera.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**esgambézio, a** [ʒgɛbɛzju] *adj.* Louco; com pouco juízo.

**esgarnacha** [ʒgɛrnáʃɐ] s. f. Desgraça, algo que não correu como o esperado e deu prejuízo. (reg., alt. sem. D.C.F.)

**esglusier** [ʒgluzjér] v. Andar na gulodice. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**esgravatar** [ʒgrɛvɛtár] v. Remexer com os dedos, com as unhas ou com um objeto; esgaravatar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esgravulha** [ʒgrɛnúɐ] *adj.* Que não pára quieto; hiperativo.

**esmagachar** [ʒmɛgɛʃár] v. Esmagar. (D.C.F.)

**esmagar a orelha** [ʒmɛgárɛurɛlé] *exp. idiom.* Dormir a sesta. *No verão, depôs d'almoçar, sabe-me munto bem ir esmagar a orelha.*

**esnocar** [ʒnukár] v. Partir. *Assim que saiu do forno, esnoquê logo um bocado de pão.* (alt. sem. D.H./

<sup>430</sup> D.A.C. regista a expressão “a esgalhar”.

D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**espacarongado, a** [ʃpəkərõgádu, ə] *adj.* Parvo.

**espagnar** [ʃpɛzinar] *v.* Espalhar.

**espalha-brasas** [ʃpálevbrázɐʃ] *adj.* Maluco; que não tem juízo. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**espalhador** [ʃpɛlɛdór] *adj.* Gastador. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**espalmelhado** [ʃpálmikládu] *adj.* Sem sola. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**espalmelhar-se** [ʃpálmiklársi] *v.* Ficar sem sola. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**espárias** [ʃpárjɐ] *s. f. pl.* Secundinas; páreas; placenta e membrana da fêmea expelidas na fase terminal do parto. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esparramar** [ʃpɛrɛmár] *v.* Espalhar; tirar do devido lugar; desarrumar. *Inda agora chegô, já esparramô os brinquedos todos.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**esparvoeredo, a** [ʃpɛrvwerédu, ə] *adj.* Esparvoado. (alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**espavilar as botas** [ʃpɛvilárɛzbóteʃ] *exp. idiom.* Apressar-se; mexer-se com mais rapidez; pôr-se a postos. *Vê lá s'espavilas as botas que ãã temos o dia todo!*

**espavilar-se**<sup>431</sup> [ʃpɛvilársi] *v.* O. m. q. *espavilar as botas.*

**espenhela caída** [ʃpijélɛkɛídɐ] *exp. idiom.* Doença ou quebranto que provoca uma fraqueza geral. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.<sup>432</sup>/ alt. fon. D.A.C.)

**espenhela** [ʃpijélɐ] *s. f.* Coluna dorsal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**espera** [ʃpɛrɐ] **1.** *s. f.* Dente da forquilha que se usava nas eiras e que era virado ao contrário. **2.** *s. f.* Constituinte da carroça, que serve para a apoiar quando não tem besta. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. reg. do Centro-Oeste do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**esperas** [ʃpérɐʃ] *s. f. pl.* Argolas da safra, que impedem que esta se enterre totalmente na terra. (alt. sem. D.H.)

**espercha** [ʃpérʃɐ] *s. f.* Armadilha para apanhar pássaros.

**esperdecer/ esperdiçar** [ʃpirdisér]/ [ʃpirdisár] *v.* Desperdiçar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esperdiço** [ʃpirdísu] *s. m.* Desperdício. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**espernegado, a** [ʃpɛrnigádu, -ɐ] *adj.* Que está à vontade; descontraído. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)<sup>433</sup>

**espetar um sopapo** [ʃpitárũsupápu] *exp. idiom.* Dar um murro. *Tanto ralharem e, no fim, inda ele le espetô um sopapo.*

**espigo** [iʃpígu] *s. m.* Grelo. *Gosto de fazer espigos de cove com ovos logo de manhã.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**espilrar** [ʃpiłrár] *v.* Espirrar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**espilro** [ʃpíłru] *s. m.* Espirro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**espinafra** [ʃpináfɾɐ] *s. f.* Espinafre. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**espinguerda** [ʃpíngéɾɐ] *s. f.* Espingarda. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**espinha-carnal** [ʃpijɛkɛrnáɫ] *s. f.* Pele que se levanta junto à unha; cutícula levantada. (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**espojero** [ʃpuzérɐ] *s. m.* Cova feita na terra pelas galinhas e outros bichos, na qual se empoeiram. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

<sup>431</sup> SILVA, 1948 regista “espavilar”.

<sup>432</sup> Não existe enquanto entrada, mas é referida esta doença na explicação de “espinhela”.

<sup>433</sup> Os três dicionários apenas registam a forma verbal “espernegar”.



**esponja** [ʃpõʒɐ] *adj.* Pessoa que bebe muito e aguenta, custando a ficar bêbado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**esporrear** [ʃpuɾjár] *v.* Afastar com violência. *Nã há aqui gatos porque os esporream.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**espumadera** [ʃpumədérɐ] *s. f.* Escumadeira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esquifo** [ʃkífɨ] *s. m.* Esquife. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esquila** [iʃkílɐ] *s. f.* Tipo de chocalho, de tamanho pequeno. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. do Alentejo D.A.C.)

**esquilão** [iʃkilẽw̃] *s. m.* Espécie de chocalho. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**Essa é qu'ela foi gorda!** [esékelɐfójgórdɐ] *exp. idiom.* Expressão equivalente a “Essa é que foi boa!”.

**Essa malta, só c'um espeto quente!** [esəmáltɐsókũʃpétukéti] *exp. idiom.* Expressão proferida quando se fala de alguém que não se aprecia.

**estabulho** [ʃtɐbúɫɨ] *s. m.* Pénis.

**estafalário, a** [ʃtɐfɐlárju, ɐ] *adj.* Pessoa que estraga o que tem, que não sabe preservar. (alt. fon. D.C.F.)

**estancado, a** [ʃtɛkádɨ, ɐ] *adj.* Estacionado. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)<sup>434</sup>

**estander** [ʃtɛdér] *v.* Estender. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**estander-se** [ʃtɛdérɨ] *v.* Gabar-se. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**estanheta** [iʃtɐnɛrɐ] *s. f.* Estante onde se colocam os pratos e os alumínio. (reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F./ reg. do Alentejo, alt. fon. D.A.C.)

**estapor** [ʃtɐpór] *s. m.* Estupor. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**estarola** [ʃtɛrólɐ] *adj.* Pessoa cómica; comediante. (alt. sem. D.H./ reg., alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**estera** [ʃtérɐ] *s. f.* Seira de esparto. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**estercar a bardo** [ʃtirkárɐbárdɨ] *exp. idiom.* Forma de fertilizar a terra, que consiste em ir montando o bardo dos animais em vários locais, para assim eles irem fertilizando as terras.

**esteva** [ʃtévɐ] *s. f.* Tipo de arbusto, também designado como xara, cujo nome científico é *Cistus ladanifer* L.. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**estevão** [ʃtívẽw̃] *s. m.* Arbusto existente nas serras e que deita uma baga, cujo nome científico é *Cistus populifolius* L.. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**estirer-se** [ʃtírérɨ] *v.* Deitar-se; esticar-se. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**estopim** [ʃtupĩ] *s. m.* Rastilho da bomba usada nos rebentamentos. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**estorer** [ʃtórér] *v.* Estostrar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**estornilhe/o** [ʃturníli/ u] *s. m.* Estorninho. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**estraçalhar** [ʃtrɛɐlár] *v.* Partir, cortar. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**estraga-albardas** [ʃtrágɐɫbárdɐʃ] *adj.* Estróina; gastador. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**estragadão, ona** [ʃtrɛgɐdẽw̃, -õnɐ] *adj.* O. m. q. *estraga-albardas*. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**estragado, a** [ʃtrɛgádɨ, -ɐ] *adj.* O. m. q. *estraga-albardas*. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**estralar** [ʃtrɛlár] **1.** *v.* Estrelar. **2.** *v.* Estalar. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**estralo** [iʃtrálu] *s. m.* Estalo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>434</sup> Os três dicionários apenas registam o verbo “estancar”.

**estramposo, osa** [ʃtrɛpózu, -ózv] *adj.* Que tem muitas dívidas.

**estrangereda** [ʃtrɛgɛréðɐ] *s. f.* Conjunto de estrangeiros. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**estrangular** [ʃtrɛgular] *v.* Estragar; gastar mal. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**estrapacear**<sup>435</sup> [ʃtrɛpɛsjár] *v.* O. m. q. *estrangular*. *Estrapacea tudo, nã aforra nada.*

**estruvelar** [ʃtrɛvilár] *v.* Ficar contente, entusiasmado. *O cão, quando me vê, até estruvela.*

**estrebochedo, a** [ʃtribufédu, v] *adj.* Caído; prostrado. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.<sup>436</sup>)

**estrefenefe** [ʃtrɛfinéfi] *s. m.* Reboiço.

**estrela-boiera**<sup>437</sup> [ʃtrɛlɐbojérv] *s. f.* Estrela que aparece no horizonte antes de nascer a da manhã.

**estrema** [ʃtrémɐ] *s. f.* Condição social. *Eles eram daquela estrema, por isso nã nos dávamos munto.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**estrequera** [ʃtrikérv] *s. f.* Estrumeira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**estrichado, a** [ʃtrifádu, v] *adj.* Deitado.

**estroina** [ʃtrójnɐ] *adj.* Gastador. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**estudente** [ʃtudéti] *s.* Estudante. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esvalagador, a** [zvɛlɛgɔdór, v] *adj.* Que gasta tudo o que ganha e até vai além desse limite.

**esvecer** [zvɛsér] *v.* Esvair-se devido a esperar em demasia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esvoltear** [zvɔltjár] *v.* Remexer em busca de algo, bisbilhotar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**esvoltenher** [zvɔltjɛr] *v.* O. m. q. *esvoltear*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**excursêum** [ʃkursẽũ] *s. f.* Excursão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**expediente** [ʃpidjéti] *s. m.* Iniciativa. *Também nã l'encontrê grande expediente.* (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**expliquer** [ʃplikér] *v.* Explicar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**expramantar** [ʃprɛmɛtár] *v.* Experimentar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

## F

**fábrega** [fábrikɐ] *s. f.* Fábrica. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**faca** [fákɐ] *s. f.* Ferro que integra as grades de madeira. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**fachina** [fɛʃinɐ] *s. f.* Chacina. *Tem sido p'raí uma fachina c'os cães a matarem as ovelhas...* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**faguerinho, a** [fɛgɛrĩnu, v] *adj.* Dócil, mimado. *A cadela é munto faguerinha.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**faguntero, a** [fɛgũtɛru, v] *adj.* Reinadio; simpático.

**faiana** [fɛjẽnɐ] *s. f.* Festa.

**faladero** [fɛlɛdɛru] *s. m.* Tagarelice.

<sup>435</sup> SILVA, 1948 regista “estrapaçar” como termo dos Açores, mas com uma aceção diferente.

<sup>436</sup> Os três dicionários só registam “estrebuchar”.

<sup>437</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

**falar** (com)/ (para) [fə́lar] **1.** v. Namorar. *O mê filho anda a falar com uma rapariga da su' terra.* **2.** v. Telefonar. *Falê p'a guarda a avisá-los.* (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**falar a verdade c'o coração nas mãos** [fə́larəvirdádikukurəsé̃w̃nəzmẽw̃ʃ] *exp. idiom.* Expressão utilizada para reforçar que se está a ser sincero.

**faloque, a** [fə́lɔki, ə] *adj.* Fraco; atrofiado.

**famila/ família** [fə́milə] / [fə́míʎə] *s. f.* Família. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fanega**<sup>438</sup> [fə́nɛgə] *s. f.* Medida usada para os cereais, equivalente a quatro *quartilhas*. (reg. de Rio Grande do Sul D.H./ D.C.F.)

**fanforrenhar** [fə́fʊrɨɲár] v. Tocar harmónio.

**fanoco**<sup>439</sup> [fə́nɔku] *s. m.* Peçaço; naco.

**fardo** [fá́rdu] *s. m.* Pano usado na colheita da azeitona. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**farmaceuta** [fə́rməséwtə] *s.* Farmacêutico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**farolero, a** [fə́ruléru, -ə] *adj.* Mentiroso, gabarola. (reg. do Brasil, alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**farramenta** [fə́rəmétə] *s. f.* Ferramenta. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**farrapa** [fə́rápə] *s. f.* Ferida. (alt. sem. D.C.F.)

**farropo, a** [fə́rópu, ópə] *s.* Porco jovem, a meio da criação. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**farturas** [fə́rturəʃ] *s. f. pl.* Abundância. *As farturas de carne da matança fazem mal.* (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**farum** [fə́rũ] *s. m.* Fartum; bafio. (reg. do Algarve, alt. sem. D.H./ reg., alt. sem. D.C.F.)

**fatada** [fə́tádə] *s. f.* Conjunto de roupa e merenda que os trabalhadores levavam para as temporadas na ceifa ou para a semana no monte onde laboravam.

**fatexa** [fə́téʃə] *s. f.* Dente grande. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon./ alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**fazer a arraia** [fə́zərárijə] *exp. idiom.* Delinear algo, traçar. Por exemplo, desenhar os quadrados no jogo da macaca.

**fazer as regaderas** [fə́zəɾɛʒɾigədéɾəʃ] *exp. idiom.* Embelgar. *As batatas já narceram, agora tenho de fazer as regaderas.*

**fazer bulha** [fə́zərbúlə] *exp. idiom.* Manifestar-se; impor as suas ideias. *S'ê nã tevesse feto bulha, inda agora tava à espera da decisão deles.* (reg., alt. sem.. D.H./ alt. sem. D.C.F.<sup>440</sup>/ alt. sem. D.A.C.)

**fazer caraiva** [fə́zérkərajvə] *exp. idiom.* Acamaradar; fazer cabeça com.<sup>441</sup> *Ele gosta munto de fazer caraiva c'os netos da Ti Chica.*

**fazer caso** (de) [fə́zérkázu] *exp. idiom.* Ligar; ter consideração por. *Nunca fez caso da gente, agora é que s'alembra!* (D.H./ D.A.C.)

**fazer cera** [fə́zərséɾə] *exp. idiom.* Trabalhar pouco. *Andem n'aí os trabalhadores todo o dia a fazer cera e o trabalho nã avança.* (reg. do Brasil D.H./ reg. do Brasil D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**fazer cosa** [fə́zérkózə] *exp. idiom.* Fazer moça; gerar problemas. *O vírus já fez cosa no animal.*

**fazer da cara cu** [fə́zərdəkáɾəkú] *exp. idiom.* Não ter palavra; não cumprir o prometido. *Nã se pode confiar nesse tipo, ele costuma fazer da cara cu.*

<sup>438</sup> Cfr. Castelhana “fanega”.

<sup>439</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo.

<sup>440</sup> Os D.H. e D.C.F. registam somente “bulha”.

<sup>441</sup> D.C.F. regista “ir de caraiva”.

**fazer de pele e vinagre** [fəzérðipélivínágrɨ] *exp. idiom.* Dar cabo da cabeça; fazer de fel e vinagre. (alt. fon. D.A.C.)

**fazer fé** [fəzérfɛ] *exp. idiom.* Ser alvo de crédito. *Esse estrangeiro nã me faz fé.* (D.H./ alt. sem. D.A.C.)

**fazer fio** [fəzérfiu] *exp. idiom.* Revelar intenção de. *A vaca nem fez fio p'ra marrar.* (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**fazer flor** [fəzérflór] *exp. idiom.* Gabar-se; armar-se perante alguém. *Munto gosta ele de fazer flor à frente dos colegas.*

**fazer idea de**<sup>442</sup> [fəzérídɛv] *exp. idiom.* Tencionar; pretender. *Faço idea deste ano ir à festa da Senhô de Estrela, a Marvão.*

**fazer mangação** [fəzérðmɛŋgəšɛw̃] *exp. idiom.* Gozar, troçar. *Oh, caramba! Tás sempre a fazer mangação da gente!* (D.H.<sup>443</sup>)

**fazer o alqueive** [fəzérúałkévɨ] *exp. idiom.* Aprontar a terra para semear. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.<sup>444</sup>)

**fazer o ninho atrás d' orelha** [fəzérunijnuətrazdórélvɛ] *exp. idiom.* Enganar; ludibriar. (D.C.F./ D.A.C.)

**fazer os precisos** [fəzérusprɨsízus] *exp. idiom.* Evacuar. *Tô memo aflita, tenho d'ir fazer os precisos à retrete do café.*

**fazer pouco (de)** [fəzérpóku] *exp. idiom.* O. m. q. *fazer mangação.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**fazer sinais** [fəzérsinájɚ] *exp. idiom.* Tocar os sinos de um determinado modo, indicativo da morte de alguém nascido ou residente na terra. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.<sup>445</sup>)

**fazer-se feo (com)** [fəzérðsiféu] *exp. idiom.* Impor-se a . *Façam-se feos com eles!* (alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

**fazer-se grande**<sup>446</sup> [fəzérðsigrɛdi] *exp. idiom.* O. m. q. *fazer flor.*

**fazer-se novo (de)** [fəzérðsinóvu] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando se come uma coisa pela primeira vez no ano. *Hoje fiz-me nova de cerejas.*

**fecedede** [fisidédi] *s. f.* Felicidade. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fechar a navalha** [fiʃárɛnɛválnɛ] *exp. idiom.* Calar-se. *Nã vale a pena tares com mais conversa, fecha já a navalha!*

**fecher** [fiʃér] *v.* Fechar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fedelho/ fotelho/ fudelho** [fidélu]/ [futélu]/ [fudélu] *s. m.* Biscoito frito, confeccionado a partir de moganga. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)/ (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**fega**<sup>447</sup> [fɛgɐ] *s. f.* Trabalho sazonal; campanha. *Acaba a fega da castanha, começa a da zetona.*

**fegorífeco** [figurífku] *s. m.* Frigorífico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**feguera-do-inferno** [figérðduiférnu] *s. f.* Erva daninha, que cheira muito mal e produz uma flor branca e bagas com espinhos, cujo nome científico é *Datura stramonium L.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fejã-canito** [fezɛkɛnítu] *s. m.* Feijão frade. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**fejã-preto** [fezɛprétu] *s. m.* O. m. q. *fejã canito.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

<sup>442</sup> SILVA, 1948 regista a expressão “fazer ideia”, mas com diferente aceção.

<sup>443</sup> Regista somente “mangação”.

<sup>444</sup> D.H. e D.C.F. registam apenas “alqueive”.

<sup>445</sup> Todos os dicionários registam somente “sinais”.

<sup>446</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.

<sup>447</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como termo usado em Elvas.

**felëum** [filéw̃] *s. m.* Carreiro, fileira. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**felhós** [fiłóʃ] *s. f.* Filhó. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**feloso, a** [filózu, ózɐ] *adj.* Adoentado. *Ando um bocado felosa.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**felpa**<sup>448</sup> [félpɐ] *s. f.* Flanela. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**fenaral** [finɐrál] *s. m.* Funeral. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fergoneta** [firgunéɐ] *s. f.* Carrinha.

**ferra** [férvɐ] *s. f.* Pá, utensílio doméstico usado para apanhar o lixo ou as brasas. (reg. de Portugal D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**ferrado** [firádu] *adj.* Diz-se do café ao qual é adicionada uma brasa para assentar a borra mais depressa. (reg. do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ferro velho ñã aprende linguages** [féruvélunéɐprédiŋgwázɨ] Adágio equivalente a "Burro velho não aprende línguas".

**ferro** [féru] *s. m.* Lavra. *Tá na altura de dar o premero ferra na terra.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ferruja** [firúʒɐ] *s. f.* Ferrugem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fersuras** [firsúrvɨ] *s. f. pl.* Vísceras, fressura. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**fescata** [fi[kátɐ] *s. f.* Festa; paródia.

**festa** [féʃtɐ] *s. f.* Páscoa. *Este chibo tá guardado p'a comer em março, na festa.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**festa-de-flores** [féʃtɐdiflóriʃ] *s. f.* O. m. q. *festa.* (D.A.C.)

**fetecera** [fetisérɐ] *s. f.* Alcoviteira, mulher que organiza pares. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**fevra** [févrɐ] *s. f.* Febra, fêvera. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fixo** [féʃu] *s. m.* Conjunto de quatro gavelas de feno. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**fezes** [féziʃ] *s. f. pl.* Preocupações; problemas. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**ficar de relva** [fikáridɐrélvɐ] *exp. idiom.* Ficar o terreno por semear. *Este talhão este ano fica de relva.*

**ficar no ar** [fikárnuár] *exp. idiom.* Ficar em pulgas para fazer algo. *Mal sôbe da festa, fecô logo no ar.*

**fideo** [fídjɐ] *s. m.* Esparguete.

**figo-chumbo** [fíguʃúbu] *s. m.* Figo-da-índia, figo de piteira, cujo nome se deve às grainhas que o compõem e fazem lembrar grãos de chumbo. O seu nome científico é *Opuntia ficus-indica* L..

**figorifo** [figurífu] *s. m.* Frigorífico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**figo-toco**<sup>449</sup> [fígotóku] *s. m.* Figo que se coloca junto das figueiras esteveiras, do qual sai um tipo de mosquito que, ao poisar nos *figos-vendimos*, os faz crescer e amadurecer.

**figo-vendimo** [fíguvêdímu] *s. m.* Figo de tamanho pequeno, produzido pelas figueiras esteveiras numa fase mais tardia. (alt. fon. D.A.C.)

<sup>448</sup> Cfr. Castelhana "felpa".

<sup>449</sup> SILVA, 1948 regista "figo-toque".

**fino** [fínu] *adj.* Diz-se do azeite de boa qualidade. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**fintadura** [fitədúre] *s. f.* Levedação.

**fintar/ finter** [fitár]/ [fitér] *v.* Levedar. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.) (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**finto, a** [fítu, e] *adj.* Lêvedo, fermentado. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**figsa** [fízgø] *s. f.* Fenda. *Tenho de pintar a parede por causa das figsas./ Tenho uma fêvra na figsa do dente.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**fisotrapia** [fizotrəpiə] *s. f.* Fisioterapia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**flaita** [flájtə] *s. f.* Flauta; gaita. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**flimar** [flimár] *v.* Filmar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**flor de Nossa Senhora de Fátima** [flórdinósəsijórədifátimø] *s. f.* Espécie de flor, que, quando abre, parece um santo.

**focinhar** [fusijnár] *v.* Revolver, mexer com o focinho. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**focinho** [fošínju] *s. m.* Tipo de foice pequeno. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**fole** [fóli] *s. m.* Estômago. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**folha de tocinho** [fólæditosínju] *exp. idiom.* Peçaço grande de toucinho.

**folhado** [fuládu] *s. m.* Milho em planta, que se corta e serve de alimento ao gado. *Tá na hora d'ir cefar o folhado pr'ó gado.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**folinhas** [fólínjəs] *s.* Pessoa débil.

**fome d'arropa** [fómidəróbø] *exp. idiom.* Muita fome. *Quando andê na tropa, passê fome d'arropa.*

**fona** [fõnø] *adj.* Forreta. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**fonica**<sup>450</sup> [foníke] **1.** *adj.* O. m. q. *fona*. **2.** *s. f.* Costura, remendo. *Só à nôte é que tanho tempo p'ra fazer umas fonicas nas meas.*

**fonte de chaboco** [fótidijəbóku] *s. f.* Fonte que consiste numa cova escavada no chão. (alt. fon., alt. sem. D.H.<sup>451</sup>)

**fora de sortes** [fórədisórtijs] *exp. idiom.* Diz-se dos rapazes com mais de vinte anos.

**forcão** [furkẽw] *s. m.* Pau com a ponta em forma de forca, usado regularmente para suster parreiras e outras latadas. (reg., alt. sem. D.C.F.)

**forfo** [fórfu] *s. m.* Fósforo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**forno de poia** [fórnuðipóje] *s. m.* Forno comunitário. (D.C.F./ D.A.C.<sup>452</sup>)

**forra** [fórø] *adj.* Fêmea estéril ou que não foi coberta. *Esta ovelha este ano fecô forra.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**forrar** [furár] *v.* Poupar; aforrar. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**forro** [fóru] *s. m.* Poupança; aforro. (alt. sem. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**fortalhão, ona** [furtəléw, ónø] *adj.* Pessoa muito forte.

**forumbero, a** [furübéru, ø] *adj.* Bisbilhoteiro; intrometido.

**fósfore** [fóʃfori] *s. m.* O. m. q. *forfo*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fosquices** [fóʃkísij] *s. pl.* Esquisitices. *Dêxa-te de fosquices e despacha-t'a comer!*

**fotricas** [futríkəs] *s. f. pl.* Ervilhas e favas.

<sup>450</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Algarve.

<sup>451</sup> Regista apenas “chabouco”.

<sup>452</sup> Ambos registam somente “poia”, como sinónimo de algo que se dá ao forneiro.

**fragalha** [frɛgáɫɐ] *s. m.* Pessoa com pouco importância, com a aparência um pouco descuidada.

**fragamô** [frɛgɐmó] *s. m.* Desconhecido, normalmente com má aparência, que gera receio nas pessoas.

**fraldesquero, a** [fraldĩskéru, ɐ] *adj.* Mal vestido, mal arranjado. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**framácia** [frɛmásiɐ] *s. f.* Farmácia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**frança** [frɛsɐ] *s. f.* Vassoura de giesta, cuja rama não foi aparada. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**francesinha de jona** [frɛsĩziɲɛdizõɲɐ] *exp. idiom.* Sinal feito com um pequeno pau de jona nos alguidares da massa do pão e dos bolos, usado para controlar o quanto cresceu a massa.

**frangainha** [frɛgɛĩɲɐ] *s. f.* Criança pequena. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**frangalho** [frɛgáɫu] *s. m.* Pedaco. *Fecô ali um frangalho de terreno por lavrar.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**frededera** [frizidéreɐ] *s. f.* Frigideira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**freter** [fritéɾ] *v.* Fritar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**friar**<sup>453</sup> [friár] *v.* O. m. q. *freter*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**friado** [friédu] *s. m.* Feriado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**frimeza** [frimézɐ] *s. f.* Firmeza. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**friolento, a** [friulétu, ɐ] *adj.* Friolento. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**friolero, a**<sup>454</sup> [friuléru, ɐ] *adj.* Friolento. (alt. fon, alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**frísio** [fríziu] *s. m.* Friso; espécie de prateleira, localizada normalmente na parede da chaminé. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**fritos de mogango** [frítuzdimugégu] *s. m. pl.* O. m. q. *fedelho*.

**froar** [fruár] *v.* Bisbilhotar; meter o nariz onde não se é chamado.

**fromiga** [frumígeɐ] *s. f.* Formiga. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**frumento** [frumétu] *s. m.* Fermento. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fruncho/ frunco** [frúʃu]/ [frúku] *s. m.* Furúnculo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fudérico** [fudiríku] *s. m.* O. m. q. *figorifo*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fuero** [fuéru] *s. m.* Pau comprido, que se aplicava às carretas e às carroças, com vista a aí espetarem os molhos dos cereais, ampliando assim a carga. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fugaja** [fugázɐ] *s. f.* Fogagem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fuleno** [fulénu] *s. m.* Fulano. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fundilhos** [fũdíʎuʃ] *s. m. pl.* Rabo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**fundir** [fũdíɾ] *v.* Render. *A amassadura fundiu bem/mal.* (D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**fundo-das-costas** [fũdudɛʃkóstɐʃ] *s. m.* Rabo.

**furão** [furéw̃, -óɐ] *adj.* Bisbilhoteiro. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**fura-pão** [fúɾɐpéw̃] *s. m.* Espécie de cobra negra. O. m. q. *fura-pastos*.

**fura-pastos** [fúɾɐpástuʃ] **1.** *s. m.* Espécie de cobra que anda pelos campos e que tem as patas

<sup>453</sup> Cfr. Castelhana “freír”.

<sup>454</sup> Cfr. Castelhana “friolero”.

pequenas e rabo curto, cujo nome cinetífico é *Lacerta chalcides*, Lin.. **2.** s. m./f. Pessoa que tenta, por todos os meios, singrar na vida. (1. reg. D.C.F.) (2. alt. sem. D.C.F.)

**furmento** [furmětu] s. m. Fermento. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**furver** [fúrvér] v. Ferver. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**fusca** [fúʃkə] s. f. Lixo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**fuvrero** [fúvréru] s. m. Fevereiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

## G

**gabina** [gabíne] s. f. Habitáculo dos automóveis; cabina. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gabiru, ua** [gabirú, -úv] s. Pessoa desconhecida e geralmente com mau aspeto. *Apareceu aí esse gabiru, nã sê donde saiu.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**gachela** [gaʃéʎ] adj. Bovino que tem os cornos virados para baixo.

**gacho** [gaʃə] adj. O. m. q. *gachela*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**gadanho** [gəðəɲu] s. m. Espécie de ancinho com os dentes grandes. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**gadelha** [gədéʎə] **1.** s. f. Briga. *Inda banhão pegam-se de gadelha.* **2.** s. f. Pêlo, cabelo. *Anda sempre c'as gadelhas nos olhos.* (1. alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.)

**gadeza** [gəðéze] s. f. Gado. *Tá na hora d'ir tratar da gadeza.* (reg. D.C.F.)

**gadilo/ gladilo/ glodilo** [gədílu]/ [glədílu]/ [gludílu] s. m. Gladiolo, espécie de flor. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gafetera** [gəfítərə] s. f. Cafeteira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gaiataja** [gəjetáze] s. f. Gaiatada; conjunto de miúdos. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**gaiatão, ona** [gəjetéw̃, -ónə] s. Rapaz/rapariga; moço/a.

**gaiato** [gəjátu] s. m. Miúdo; criança; jovem. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**gaita** [gájtə] s. f. Mulher com pouco graça. *Aquela detora é uma gaita, ninguém diria o que é.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**gaiva** [gájvə] s. f. Rego que marca a fronteira da relva para o lavrado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**gajiar** [gəzjár] v. Namorar.

**galapero**<sup>455</sup> [gələpéru] s. m. O. m. q. *carapero*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**galapito** [gələpítu] s. m. Galo pequeno. (alt. sem. D.C.F.)

**gala-pruas** [gáleprúeʃ] adj. Mulherengo. *Chamaste-me gala-pruas/ algumas tenho galado/ galê uma irmã das tuas/agora sô tê cunhado.*

**galar a melancia**<sup>456</sup> [gəlarəmilēsíe] exp. idiom. Fazer um corte na casca da melancia, geralmente triangular, a fim de a provar.

**galarô** [gəleró] s. m. Galo. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**galcedo** [gaʎsédu] s. m. Conjunto de prostitutas.

<sup>455</sup> Cfr. Castelhana “galapero”.

<sup>456</sup> SILVA, 1948 regista somente “galar” como provincianismo do Alentejo, mas a aceção é diferente.



**galdéria** [gaɫdérjɐ] *s. f.* Mulher que facilmente acede a cortesias. (reg. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**galderice**<sup>457</sup> [gaɫdɛrísɨ] *s. f.* Vadiagem, *rambóia*.

**galego** [gaɫégu] *adj.* Tipo de vento que sopra do lado de Marvão para Valência de Alcântara e que, por ser fresco, no verão ajuda a criar o milho. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**galenhão** [gaɫɨnɐ̃w] *s. m.* Rapaz que gosta de uma rapariga, mas nada lhe diz.

**galenhero** [gaɫɨnɛru] *adj.* Homem que está sempre em casa e não convive com os outros na taberna. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**galheta** [gaɫéte] *s. f.* Bofetada. (reg. de Portugal D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**galhofero, a** [gaɫɔféru, -ɐ] *adj.* Brincalhão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**galhote** [gaɫóti] *s. m.* Pescoço.

**galo** [gálu] *s. m.* Parte central da melancia; coração. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**gamélia** [gaɫémɛljɐ] *s. f.* Gamela, comedouro. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gamo** [gɛ̃mu] *s. m.* Gomo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gancho** [gɛ̃ʃu] *s. m.* Pau cuja extremidade forma um V ao contrário, utilizado para agarrar o gado ovino e caprino. Tem exatamente a mesma função que o *gravato*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ganfar** [gɛ̃fár] *v.* Agarrar; apanhar. *O bicho ganfô o bocadinho do pão e fugiu.* (reg. da Bairrada D.H./ reg. D.C.F.)

**ganhão** [gaɫnɐ̃w] *s. m.* A pessoa que trabalha no campo. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**ganha-pão** [gáɫnɛpɐ̃w] *s. m.* Rabo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ganharia** [gaɫnɛriɐ] *s. f.* Empreitada. (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**garaja** [garázɐ] *s. f.* Garagem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**garanhão** [gɛrɛnɐ̃w] *s. m.* Homem mulherengo. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**garfo** [gárfu] *s. m.* Tipo de enxertia. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**garganero, a** [gɛrgɛnɛru, -ɐ] *adj.* Egoísta. (reg., alt. fon. D.H./ reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**garrafada** [gɛrɛfáde] *s. f.* Tipo de bebida confeccionada a partir de vinho, utilizada como mezinha para as pessoas débeis ou enfermas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**garrancho** [gɛrɛ̃ʃu] *s. m.* O. m. q. *gancho*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**garripas**<sup>458</sup> [gɛrípɛʃ] *s. f. pl.* Cabelos.

**garrota** [gɛrótɐ] *s. m.* O. m. q. *gancho*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**garrote** [gɛrótɨ] *s. m.* Pau usado para bater o gado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**gasalhada** [gɛʒgɛláde] *s. f.* Gargalhada; risada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gaspachada** [gɛʃpɛʃáde] *s. f.* Refeição à base de gaspacho.

**gastoso, a** [gɛʃtózu, -óze] *adj.* Gastador, dissipador.

**gatear/ gateer** [gɛtjár]/ [gɛtíɛr] **1.** *v.* Pôr *gatos*; pôr remendos. **2.** *v.* Trepar. *Lá vai o gato a gateér p'los castanheiros adiente.* (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gatera** [gɛtɛrɐ] *s. f.* Buraco existente na parte de baixo da porta para passarem os gatos. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>457</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

<sup>458</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

**gatero** [gátɛru] *s. m.* Homem que remenda alguidares. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gato** [gátu] *s. m.* Arame com que se fazem os remendos. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**gavado, a** [gəváu, -ə] *adj.* Gabado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gavar-se** [gəvársi] *v.* Gabar-se. (D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gavela** [gəvélə] *s. f.* Feno enrolado para se fazer um feixe. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**gavelar** [gəvilár] *v.* Juntar o feno.

**gavelero** [gəviléru] *s. m.* Carreiro de feno junto.

**gavolas** [gəvólɐʃ] *adj.* Que gosta de se gabar; gabarolas. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gavolice** [gəvolísi] *s. f.* Gabarolice. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gazulo** [gəzúlu] *s. m.* Eixo da espiga, parte em que o grão é criado.

**gene** [ʒéni] *s. m.* Génio; garra. *Aquela rapariga tem cá um gene, tudo o que pensa faz!* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**genete/ janete** [ʒinéti]/ [ʒenéti] *s. m.* Joanete. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gente dos almofarizes** [ʒɛtiduzaʎmufərizi] *s. f.* Gente da terra; gente do campo.

**gentio** [ʒɛtíu] *s. m.* Multidão. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**gesta** [ʒɛʃtɐ] *s. f.* Giesta-amarela ou giesta-das-serras, cujo nome científico é *Cytisus striatus* (Hill) *Rothm.* Cfr. *negral*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gieda** [ʒiédɐ] *s. f.* Geada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**godelhêum** [gudiʎéũ] *s. m.* Mancha negra e inchada; cogulo; tabuão. *Tenho estes godelhons nas pernas.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**golado** [guládu] *adj.* Adjetivo utilizado para classificar o ovo choco, que tem o pinto morto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**gomitar** [gumitar] *v.* Vomitar. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gomitona** [gumitónɐ] *s. f.* Vomitado abundante.

**gorgolo** [gurgólu] *s. m.* Bolha que a água forma ao nascer. (alt. morf. D.H./ reg., alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**gorgomilo** [gurgumílu] **1.** *s. m.* Goela. **2.** *s. m.* Amígdala. (1. D.H./ alt. morf. D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**gorgulhão** [gurguléũ] *s. m.* Local onde nasce a água e se vê brotar sob a forma de bolhas. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**gorgulho** [gurgúlu] *s. m.* O. m. q. *gorgolo*. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gorpilha** [gurpélɐ] **1.** *s. f.* Boné da tropa. **2.** *s. m.* Utensílio moldável, de forma retangular, com duas bolsas na ponta, que se colocava em cima dos burros para acarretar palha, estrume, folhas... (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ reg. alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**governeta** [guvirnéɐ] *s. f.* Copo de vinho.

**graça** [grásɐ] *s. f.* Nome. *Como é a sua graça?* (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**graganta** [grəgɛtɐ] *s. f.* Garganta. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gramito** [grəmítu] *s. m.* Tipo de grama mais fino e mais bravo que a grama normal.

**granita** [grənítɐ] *s. f.* Grainha. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**grau** [gráw] *s. m.* Gral, almofariz. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**gravanço** [grəvéʃu] *s. m.* Grão. (reg. de Portugal D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.)

- gravato** [grɛvátu] *s. m.* Pau com um gancho na ponta, usado para apanhar o gado ovino e caprino. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- grave** [grávi] *adj.* Esquisito. *Nã gostas do almoço! Tal é o que hádes tar de grave hoje!* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- greimo** [grému] *s. m.* Grémio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- grosso** [grósu] **1.** *adj.* Diz-se do azeite de má qualidade. *As zetonas tavem podres, logo o azete este ano é grosso.* **2.** *adj.* Bêbedo. *Ah, sacana, que já vens grosso!* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- grude** [grúdi] *s. m.* Fuligem existente nas paredes das chaminés em que é feito lume. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- grulha** [grúlɐ] *s. f.* Engenho usado para tirar água dos poços. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- gruta** [grúte] *s. f.* Abertura existente no cimo do forno de cal, por onde este se enchia. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- guá** [gwá] *s. m.* Cova pequenina, na qual se tentam inserir as bugalhas no jogo do guá (espécie de jogo do berlinde).
- guarda-comidas** [gwárðɛkumídɛʃ] *s. m.* Armário de cozinha, no qual se acondiciona comida e, por vezes, também loiça. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- guarda-fumero** [gwárðɛfuméru] *s. m.* O. m. q. *choriço da tripa do cu.*
- guarda-ladrão** [gwárðɛldrɛw] *s. m.* Local para onde cai a maquia de azeite que fica para o dono do lagar. O. m. q. *ladrão.*
- guarnapisa** [gwɛrnɛpízɐ] *s. f.* Tira de tecido pregada no interior das saias, utilizada tanto para proteger as barras bordadas da bainha, como para fazer as bainhas quando o tecido era curto para esse efeito; guarda-pisa; roda-pisa; catrapisa. (alt. fon. D.C.F.)
- guezota** [gizótɐ] *s. f.* Espécie de chocalho. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)
- guião** [giéw] *s. m.* Ramo ou pernada inútil. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- guia** [gíɐ] *s. f.* Elo vegetal que liga a videira a uma estrutura; gavinha. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- guilho** [gílu] *s. m.* Utensílio parecido à cunha de rachar lenha, usado para rachar pedra. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)
- guita** [gíte] *s. f.* Mulher magrinha. *A minha cunhada é uma guita.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- guitarra** [gitéɾɐ] *s. f.* Guitarra. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- gula** [gúlɐ] *adj.* Comilão, pessoa que come muito. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- gulêum** [guléw] *s. m.* O. m. q. *gula.* (alt. fon. D.A.C.)
- gunfar** [gũfár] *v.* Reclamar; choramingar. (reg. D.C.F.)
- gusano**<sup>459</sup> [guzɛnu] *s. m.* Tipo de verme que se produz na madeira e também a fura, cujo nome científico é *Teredo navalis L.* (D.H./ D.C.F.)

<sup>459</sup> Do castelhano “gusano”.

## H

- harmoine/ harmonho** [ɐrmójni]/ [ɐrmóju] *s. m.* Harmónio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- hástia** [áʃtjɐ] *s. f.* Haste. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- herdança** [erdɛ̃sɐ] *s. f.* Herança. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- herege** [erɛ̃zi] *adj.* Ruim; mau. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- herna** [érnɐ] *s. f.* Hérnia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- hipetequédo, a** [ipitíkɛdu, ɐ] *adj.* Hipotecado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- hospetel** [ɔʃpitɛɫ] *s. m.* Hospital. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

## I

- i** [í] *adv.* Aí. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- idede** [idédi] *s. f.* Idade. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- igualá** [igwáɫɐ] *s. f.* Condição social. *Com'eram da mesma iguala, sempre s'entenderam bem.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- iguel** [igwéɫ] *adj.* Igual. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- ilestre** [ilɛ̃stri] *s. m.* Elástico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- ilhano**<sup>460</sup> [ilɛ̃nu] *s. m.* Parcela de terreno direito.
- ilhós** [ilós] *s. m.* Rabo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- im** [í] *prep.* Em. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- imbarcadero** [ĩbɐrkɛdɛru] *s. m.* Cais. *Fecha a cancela do imbarcadero do gado.* (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)
- ambiente** [ĩbiéti] *s. m.* Ambiente. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- imbigada** [ĩbigáɫɐ] *s. f.* Taleigada. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)
- imbora** [ĩbóre] *conj.* Embora. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- imbude** [ĩbúdi] *s. f.* Embude. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- imbulança** [ĩbulɛ̃sɐ] *s. f.* Ambulância. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- impeçar** [ĩpisár] *v.* Cruzar-se com. (alt. fon., sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- impecával** [ĩpikávɛɫ] *adj.* Impecável. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- impedrado** [ĩpidrádu] *adj.* Diz-se do céu aos carneiros. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- impige/ impinja** [ĩpízi]/ [ĩpízɐ] *s. f.* Impigem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- impovesedo, a** [ĩpɔtvizédu, -ɐ] *adj.* Improvisado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- importança** [ĩpurtɛ̃sɐ] *s. f.* Importância. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- impresso** [ĩprɛ̃su] *s. m.* Impresso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- impriscar** [ĩpriʃkár] *v.* Meter no aprisco. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

<sup>460</sup> Cfr. Castelhana “llano”.

- inçado, a** [ĩsádu, -ɐ] *adj.* Cheio. *O cão tá inçado de carraços.* (D.H./ D.C.F.<sup>461</sup>)
- incante** [ĩkétĩ] *s. m.* Encanto, sonho. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- ince**<sup>462</sup> [ĩsi] *s. m.* Entorse. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- incelências** [ĩsilêsjɐ] *s. f. pl.* Orações que cantavam durante o período da Quaresma; excelências. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- inchado, a** [ĩʃádu, -ɐ] *adj.* Diz-se do fruto semi maduro. (reg. Brasil. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)
- inchente** [ĩʃétĩ] *s. f.* Enchente. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- inchona** [ĩʃõnɐ] *adj.* Diz-se da fruta semi madura.
- incontrar** [ĩkõtrár] *v.* Encontrar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- incruzer** [ĩkruzér] *v.* Movimentar o mangual aquando da malha. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- inda banão** [ĩdɛbnɛ̃w̃] **1.** *loc. adv.* De vez em quando. *Inda banão zangam-se.* **2.** *loc. adv.* Entretanto. (1., 2. alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- inda** [ĩdɛ] *adv.* Ainda. *Inda há poucos dias qu’o vi.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- indevido** [ĩdivídu] *s. m.* Indivíduo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- indispôs/ ipôs** [ĩdiʃpós]/ [ipós] *adv.* Depois. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- indorinha** [ĩdurĩɲɐ] *s. f.* Andorinha. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- indreta** [ĩdrétɐ] *s. m.* Endireita. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- inducado** [ĩdukádu] *adj.* Educado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- infadar-se (de)** [ĩfɛdársi] *v.* Enfadar-se de; cansar-se. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- infarto** [ĩfártu] *s. m.* Enfarte. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- infermero** [ĩfirméru] *s. f.* Enfermeiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- infier** [ĩfjér] *v.* Enfiar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- infim** [ĩfĩ] *adv.* Enfim. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- infusa** [ĩfúzɐ] **1.** *s. f.* Cafeteira. **2.** *s. f.* Recipiente para líquidos, com uma asa lateral, feita de barro ou de metal. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- ingação** [ĩgásu] *s. m.* Engaço. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- inganido, a** [ĩgɛnídu, -ɐ] *adj.* Cheio de frio. (alt. fon. D.H.<sup>463</sup>/ reg., alt. fon. D.C.F.)
- ingarela** [ĩgɛrélɐ] *s. m.* Utensílio feito de ferro ou madeira, que se colocava nas bestas para levar cargas. (reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F.)
- ingive** [ĩʒívi] *s. f.* Gengiva. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- inguia** [ĩgíɐ] *s. f.* Enguia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- ingustiação** [ĩguʃtjɛsɛ̃w̃] *s. f.* Angústia.
- injeção** [ĩʒɛrsɛ̃w̃] *s. f.* Injeção. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- inquelebrer** [ĩkilibrér] *v.* Equilibrar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- insener** [ĩsinér] *v.* Ensinar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- insoado, a** [ĩsuádu, -ɐ] *adj.* Recozido pelo sol; ensoado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- insoar** [ĩsuár] *v.* Ensoar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>461</sup> D.H. e D.C.F. registam apenas “inçar”.

<sup>462</sup> Deturpação do castelhano “esguince”.

<sup>463</sup> Regista a entrada “enganir”.

**intarnet** [ĩtarnéti] *s. f.* Internet. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**inté** [itê] *prep.* Até. (D.H./ D.C.F.)

**intendimento** [ĩtêdimêtu] *s. m.* Entendimento; juízo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**interar-se** [ĩterársi] *v.* Saber; informar-se. *A minha mulher é que s'interô disso.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**interiço, a** [ĩterísu, -ɐ] *adj.* Inteiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**intertinho** [ĩtirĩjnu] *s. m.* Vêu da tripa. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**intigamente** [ĩtigemêti] *adv.* Antigamente. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**intigo, a** [ĩtígu, -ɐ] *adj.* Antigo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**intipátco, a** [ĩtipátku, ɐ] *adj.* Antipático. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**intrebicar** [ĩtribikár] *v.* Tropeçar. (alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**intremedes** [ĩtrimédiʃ] *s. m.* Por intermédio de. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**intrementes** [ĩtrimêtiʃ] *adv.* Entretanto. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**intressor, a** [ĩtrisór, -órvɐ] *adj.* Rival; aquele por quem o amado se interessa.

**intretenença** [ĩtritinêsvɐ] *s. f.* Entretém; entretenimento.

**intrudo/ Intrudo** [ĩtrúdu, -ɐ] **1.** *s. m.* Pessoa mal vestida. **2.** *s. m.* Entrudo. (1. reg. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**invecẽum** [ĩvisêw] *s. m.* Vício. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**inverno** [ĩvérvɐ] *s. f.* Inverno rigoroso. (D.C.F.)

**inveter** [ĩvitér] *v.* Evitar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**inxada/ inxada** [ĩʃádvɐ]/ [ĩʃédvɐ] *s. f.* Enxada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**inxame/ inxeme** [ĩʃémí]/ [ĩʃémí] *s. m.* Enxame. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**inxó** [ĩʃó] *s. m.* Enxó, utensílio para trabalhar a madeira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ir a campo** [ĩrɛkêpvɐ] *exp. idiom.* Defecar.

**ir à murelha** [ĩramurélvɐ] *exp. idiom.* Defecar.

**ir a nove** [ĩrɛnóvi] *exp. idiom.* Ir muito depressa. (D.C.F./ D.A.C.<sup>464</sup>)

**ir aviar a vida** [ĩrɛvjárvídvɐ] *exp. idiom.* Defecar.

**ir de rebimbalho** [ĩrdĩribĩbálvɐ] *exp. idiom.* Ir com os copos.

**ir de regangamalha** [ĩrdĩrigêgvɐmálvɐ] *exp. idiom.* Ir com os copos.

**ir ó vulto**<sup>465</sup> (a) [ĩrɔvúlvu] *exp. idiom.* Agredir; bater.

**ir pó penico** [ĩrpɔpĩníku] **1.** *exp. idiom.* Estragar-se. *A bomba da rega já foi pó penico. **2.** *exp. idiom.* Ficar sem efeito. *Todos os preparativos foram pó penico.**

**ir p'ra vea d'água** [ĩpravévdágvɐ] *exp. idiom.* Ser mentira. *Algumas das histórias dele vão p'ra vea d'água.*

**ir ver a rapariga** [ĩrvérvɐrvɐrígɐ] *exp. idiom.* Ir namorar.

**irmão** [irmêw] *adj.* O. m. q. *carnal.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**isca** [ĩʃkvɐ] *s. f.* Tira feita a partir de tecido inflamável, usada antigamente para acender os cigarros. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>464</sup> Ambos registam somente “a nove”.

<sup>465</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.

**iscadela** [iʃkədélɐ] *s. f.* Borradela.

**iscar-se** [iʃkársi] *v.* Defecar; sujar ligeiramente a roupa interior. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**isquer** [iʃkér] *v.* Atacar. *Já m'isquérim alguns três cães.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

## J

**jambujero** [ʒɐ̃buʒéru] *s. m.* Oliveira brava; zambujeiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**jambujo** [ʒɐ̃buju] *s. m.* Zambujo; o fruto do zambujeiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**janero** [ʒɐnéru] *s. m.* Cio. *Os gatos andem co janero.* (reg., alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**jangada** [ʒɐ̃gádɐ] *s. f.* Tralha. *Isto há p'ra qui jangada nesta casa!* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**jangoto** [ʒɐ̃gótɐ] *s. m.* Pau usado para bater o gado. (reg. da Beira D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**javardo** [ʒɐvárdɐ] *s. m.* Javali. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**jé** [ʒɛ] *adv.* Já. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**Jesus te valha, saco de palha!** [ʒizúʃtiválɐsákudipálɐ] *exp. idiom.* Expressão que se profere quando alguém esbirra.

**jinela** [ʒinélɐ] *s. f.* Janela. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**jogar** (com) [ʒugár] *v.* Dar bem com; adaptar-se a. *O casaco novo joga bem c' as calças.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**jogar o guá** [ʒugárogwá] *exp. idiom.* Jogar ao berlinde, mas com bugalhos dos carvalhos.

**jogar uma pedrada** [ʒugárũmɛpidrádɐ] *exp. idiom.* Lançar uma pedra.<sup>466</sup>

**jona** [ʒónɐ] *s. f.* Urze que produz uma flor rosa, cujo nome científico é *Calluna vulgaris* (L.) Hull. (reg., alt. sem. D.C.F.)

**jornalero** [ʒurnɛléru] *s. m.* Pessoa que trabalhava à jorna. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**jospiro** [ʒɔʃpíru] *s. m.* Diospiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**jová** [ʒɔvá] *s. m.* Jeová. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**juderice** [ʒuderísi] *s. f.* Maldade.

**judeu** [ʒudéw] *adj.* Mau; ruim. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**juguer** [ʒugér] *v.* Jogar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**jum** [ʒũ] *s. m.* Jejum. *Ando im jum até tarde.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**juntar-se** (com) [ʒũtársi] *v.* Passar a viver em união de facto; amancebar-se. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**jurção** [ʒursẽw] *s. f.* Um monte de, uma grande quantidade.

**justo** [ʒúʃtu] *s. m.* O. m. q. *anual.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>466</sup> Os três dicionários registam “jogar” com o sentido de “lançar”.

K

**kodak** [kɔdákɨ] *s. m.* Máquina fotográfica. *Nos anos 60 as raparigas traziam o kodak e os óculos escuros.*

L

**labacinha** [lɐbɐʃĩɲɐ] *s. f.* Tipo de labação que é comestível.

**laburdo** [lɐbúrdɨ] *s. m.* Restos da festa do casamento, que os miúdos não convidados comiam nas imediações do local onde decorria a boda.

**ladrão** [lɐdrɛ̃w̃] *s. m.* O. m. q. *guarda-ladrão*. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**lafaruso** [lɐfɐrúzu] *s. m.* Homem mal encarado.

**lagareta** [lɐgɐrétɐ] *s. f.* Local onde se pisam as uvas. (reg. D.C.F.)

**lagarice** [lɐgɐrísɨ] *s. f.* Tipo de atividade que implica sujidade e corpo molhado. (reg. de Portugal, alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**lagartear** [lɐgɐrtjár] **1.** *v.* Roubar; pilhar. **2.** *v.* Trepar como os lagartos. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**lagarteio** [lɐgɐrtéju] *s. m.* Pilhagem; roubo.

**lagartuxa** [lɐgɐrtúʃɐ] *s. f.* Lagartixa. (reg. D.C.F.)

**lágrimas de Nossa Senhora**<sup>467</sup> [lágɾimɐʒdĩnósɐsɨjórɐ] *s. f. pl.* Designação atribuída à chuva durante a Quaresma.

**laja** [lájɐ] *s. f.* Lajem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lajeota** [lɐʒjótɐ] *s. f.* Laje de tamanho reduzido. (alt. morf. D.H.)

**lajoera** [lɐʒwéɾɐ] *s. f.* Laje grande. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**lamaço** [lɐmásu] *s. m.* Lama, lodo. (reg. D.C.F./ D.A.C.)

**lambança** [lɐ̃bɐ̃sɐ] *s. f.* Conversa. (reg. do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**lambique/ lembique/ limbico/ limbique** [lɐ̃bíki]/ [lɐ̃bíki]/ [lĩbíki]/ [lĩbíki] *s. m.* Alambique. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lambrança** [lɐ̃brɛ̃sɐ] *s. f.* Lembrança. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lambusina** [lɐ̃buʒĩnɐ] *s. f.* Limusine, uma raça de gado bovino. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**lançar fora**<sup>468</sup> [lɐ̃ʃárfórɐ] *exp. idiom.* Vomitar. *Mal acabê de comer, lancê tudo fora.*

**lancho** [lɐ̃ʃɨ] *s. m.* Lanche. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lançol** [lɐ̃sól] *s. m.* Lençol. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**landoque** [lɐ̃dókɨ] *s. m.* Comida com pouca sustança. (reg., alt. sem. D.C.F.)

**langanha** [lɐ̃gɛ̃ɲɐ] *s. f.* Coisa pegajosa, que teima em não se despegar das mãos. (reg. de Trás-os-montes, alt. sem. D.H./ reg. D.C.F.)

**langanhoso, a** [lɐ̃gɛ̃nózɨ, -ózɐ] **1.** *adj.* Pegajoso. **2.** *adj.* Aquele que apresenta os olhos cheios de ramelas; remeloso. (1. alt. sem. D.H./ D.C.F.) (2. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

<sup>467</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão, mas com diferente acentuação.

<sup>468</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.



**lapada** [lepáde] *s. f.* Bofetada, chapada. (reg. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**lapão** [lepẽw] *s. m.* Pedra grande. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**larachadas** [lɛrɛʃadeʃ] *adj. pl.* Diz-se das *castanhas/biscoitos* que se vertem com uma colher na lata onde cozem. *Este ano, na Páscoa, fiz castanhas larachadas e castanhas de forma.*

**larada** [lɛráde] **1.** *s. f.* Pedacinho de barba que escapou no momento de barbear. **2.** *s. f.* Excremento de ave. *Acabê de pisar uma larada de galinha.* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.) (2. Reg. do Algarve, alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. do Algarve D.A.C.)

**laraipo, a** [lɛrájpu, -ɐ] *adj.* Ladrão; larápio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**larero, a** [lɛréru, -ɐ] *adj.* O que gosta de dar fé, bisbilhotar; curioso. *Aquela mulher é mesmo larera, ñã para sossegada em casa.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**largar** [lɛrgár] *v.* Sair; terminar o serviço. *Hoje só largo às 6 horas.* (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**largas** [lárgɛʃ] **1.** *s. f. pl.* Liberdade. *Ele gosta é d'andar às largas.* **2.** *s. f. pl.* Fartura. *Nas festas a comida é sempre às largas.* (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.<sup>469</sup>) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**larô** [lɛró] *adj.* Gandaio; maluco. *Foram p'ra Lisboa e andaram por lá fetos larôs.*

**lascar** [lɛʃkár] *v.* Defecar. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**lascarino, a** [lɛʃkɛrínu, -ɐ] *adj.* Travesso; esperto. (reg. de Trás-os-montes, alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**latagada** [lɛtɛgáde] *s. f.* Porrada; agressão física. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**lavadura** [lɛvɛdúre] *s. f.* Alimento dado aos porcos, composto por água, farelos, batatas cozidas, tomate, frutas... (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**lavadurina** [lɛvɛduríne] *s. f.* Fermento, levedura.

**lavar o pelhego** [lɛvárupikégu] *exp. idiom.* Tomar banho. *Só quando ia ao médeco é que lavava o pelhego.*

**lavarinte** [lɛvɛríti] *s. m.* Reboleço; confusão. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**lavascão**<sup>470</sup> [lɛvɛʃkẽw] *adj.* Que anda todo sujo; porco.

**lavôria** [lɛvórjɐ] *s. f.* Lavoura. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lavrador** [lɛvrɛdór] *s. m.* O patrão dos ganhões. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**lavrança** [lɛvrẽsɐ] *s. m.* O. m. q. *lavôria.* (D.H./ D.C.F.)

**lavrega** [lɛvréɣɐ] *s. m.* O. m. q. *lavrador.*

**lavutar** [lɛvutár] **1.** *v.* Frequentar; ir muitas vezes a um sítio. *Lavutê munto tempo a casa dessa gente.* **2.** *v.* Lidar com; dar-se com; conviver. *Ê lavutê sempre com pessoas ricas e pobres.*

**lebracha** [libráʃɐ] **1.** *s. f.* Lebre jovem. **2.** *s. f.* Elemento do sexo feminino que se destaca pela esperteza e por tentar enganar os outros. *Ela é uma lebracha, é preciso cuidado com ela!* (1. D.H./ D.C.F.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**leceça** [lisẽsɐ] *s. f.* Licença. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lecẽum** [lisẽw] *s. f.* Lição. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**legera** [lizére] *adj.* Diz-se da mulher que facilmente acede a cortesias. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**légica** [lézikɐ] *s. f.* Lésbica. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>469</sup> D.H. e D.C.F. registam a entrada “larga” e D.A.C. regista “à larga”.

<sup>470</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo, mas com diferente aceção.

**lela** [lélə] *adj.* Composta; enfeitada. *Onde vás hoje toda lela?* (alt. sem. D.H./ reg., alt. sem. D.C.F.)

**lembranças** [lẽbrẽsẽ] *interj.* Vocábulo proferido quando se deixa cair algo para o chão. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**lemẽum** [limẽũ] *s. m.* Limão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lenchuga/ linchuga** [lẽʃúgɐ]/ [liʃúgɐ] **1.** *s. f.* Leituga, tipo de erva, muito usada para alimentar os coelhos, cujo nome científico é *Tolpis barbata* Lin.. **2.** *s. f.* Alface<sup>471</sup>. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lenda/ lende** [lẽdɐ]/ [lẽdi] *s. f.* Lêndea. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lenha gandaia** [lẽnɐgẽdájɐ] *exp. idiom.* As sobras miúdas da chamiça.<sup>472</sup>

**lentresquero** [lẽtriʃkẽru] *s. m.* Oliveira brava que nunca dá fruto. (alt. fon., alt. sem. D.H.)

**ler o escrito** [lẽruʃkřitu] *exp. idiom.* Ver o sexo. *Nã sê s'é macho o fêmea, inda nã le li o escrito.*

**lera** [lẽrɐ] *s. f.* Canteiro; parcela de terra onde se semeiam as hortaliças. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lerpar** [lẽrpár] *v.* Morrer.

**letẽum** [letẽũ] *s. m.* Leitão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**levar na idea** [livárnẽidẽv] *exp. idiom.* Pensar em; lembrar-se. *Levê na idea que nã tinha fechado a porta.*

**levar porrada de três em pipa** [livárpurádẽditrẽzẽpípɐ] *exp. idiom.* Levar porrada em abundância. (D.C.F.<sup>473</sup>/ D.A.C.<sup>474</sup>)

**levar uma remessa deles no fole** [livárũmẽrẽmẽsẽdẽlẽzũnũfólĩ] *exp. idiom.* Ir bêbado.

**levar-se dos diabos** [livársidũzdiábũ] *exp. idiom.* Enraivar-se; zangar-se. *Ó rapaz, ê levê-me dos diabos e bati-le!* (alt. sem. D.H.<sup>475</sup>/ alt. sem. D.A.C.<sup>476</sup>)

**lhano, a**<sup>477</sup> [lẽnu, -ɐ] *adj.* Plano. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**lhantra** [lẽtrɐ] *s. f.* Constituinte da carroça, que consiste num aro de ferro que circunda a roda, no qual assenta o conjunto das *pinas*.

**lícado** [líkɐdu] *s. m.* Líquido. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lida** [lídɐ] *s. f.* Preocupação. *Ando chea de lidas por causa dos mêš netos.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**limpa** [lípɐ] *s. f.* Várzea de terreno. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**limpar o salão** [lipáruslẽvũ] *s. f.* Limpar o interior do nariz com os dedos. (reg. do Brasil D.H./ D.A.C.)

**linchera** [líʃẽrɐ] *s. f.* Terreno ocupado por canchos e giestas, de tamanho maior que a marrada.

**linchuguilha** [liʃugíʃɐ] *s. f.* O. m. q. *lenchuga*.

**lindão** [lĩdẽũ] *s. m.* Parte de terreno localizado no meio de uma horta, que não tem dono e marca a fronteira entre as duas propriedades. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**linguiça** [liŋwĩsɐ] *s. f.* Enchido confeccionado com fraldas do costado e tripa de porco estreita. (D.C.F./ D.A.C.)

<sup>471</sup> Influência do castelhano “lechuga”.

<sup>472</sup> Os três dicionários somente registam “gandaia”.

<sup>473</sup> Regista somente de “de três em pipa”, significando “valentemente”.

<sup>474</sup> Regista “pancada de três em pipa”.

<sup>475</sup> D.H. regista “levar o diabo”.

<sup>476</sup> D.A.C. regista “levado do diabo”.

<sup>477</sup> Cfr. Castelhana “lhano”.

**linquintinas** [likĩfĩnɐ] *s. m. pl.* Balelas. *Pôs-se a ouvir linquintinas e atrasô-se.*

**lísio, a** [lízju, -ɐ] *adj.* Liso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**liso** [lízju] *s. m.* Copo de vinho grande. (reg. de Santa Catarina, alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**listado** [listádu] *s. m.* Javali pequeno. (alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**listo d' ovido** [lístudovídu] *adj.* Que ouve muito bem.

**livreta** [livrétɐ] *s. f.* Bloco de folhas. (reg. do Brasil D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**loba** [lobɐ] *s. f.* Espécie de cama que se forma no meio do campo de trigo, quando o cereal avaga. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**loça** [lósɐ] *s. f.* Conjunto de chocalhos. (reg. do Ribatejo, alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**lodre/ lodro** [lódri]/ [lódru] *s. m.* Lodo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**loitita** [lojtítɐ] *s. m.* Pénis das crianças.

**lora** [lórɐ] *s. f.* Ninho, lura dos coelhos. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lorenço**<sup>478</sup> [lorésu] *adj.* Tonto. *O gaiato é meio lorenço.*

**losinha** [lozĩnɐ] *s. f.* Tipo de pedra, de cor amarelada, semelhante ao xisto. (reg. de Portugal, alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**lulão** [lulɛw̃] *s.m.* Leilão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lustre** [lústɾi] *s. m.* Luxo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**lutrir** [lutrír] *v.* Medrar; crescer (o animal).

**luzero da manhã** [luzérudɐmɐnjɛ] *s. m.* Estrela da manhã. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.<sup>479</sup>)

## M

**má relha** [márélɐ] *exp. idiom.* Que tem mau feitio. *Tem cuidado c'ó ele, qu'ele é má relha.*

**maçarocada** [mɐsɐrukádɐ] *s. f.* Espécie de jogo, no qual atiravam com maçarocas. (alt. sem. D.H.)

**maceta** [mɐsétɐ] *s. f.* Tortulho ainda fechado. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**machagolo** [mɐʃɛgólɐ] *s. m.* Macho pequeno.

**machoca** [mɐʃókɐ] *s. f.* Peçaço de terreno. *Tá escondido naquela machoca de canas.* (reg., alt. sem. D.C.F.)

**madrinha** [mɐdrĩnɐ] *s. f.* Designação usada pelos enteados para designar a madrastra. (reg. do Nordeste do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**maduro, a** [mɐdúru, ɐ] *adj.* Manso; calmo. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**mãe** [mɛj] *s. f.* Pele das uvas que, no pote do vinho, ao início vem ao de cima e, quando cozido, vai ao fundo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**magana** [mɛgɛnɐ] **1.** *s. f.* Prostituta. **2.** *s. f.* Mulher que trai o marido. **3.** *adj.* Atrevida; esperta; traquinas; ladina. *Ah, minha magana, que já me tramastes!* **4.** *s. f.* Saia rota. (1. reg. do Algarve D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.) (2., 3., 4. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**maiorro** [mɛjórɐ] *s. m.* Tipo de erva medicinal, cujo nome científico é *Marrubium vulgare L.*

<sup>478</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo, mas com diferente aceção.

<sup>479</sup> De notar que os três dicionários somente incluem a entrada “luzeiro”.

**mal parir**<sup>480</sup> [máɫpəɾír] *exp. idiom.* Abortar.

**malagô** [mæɫəɡó] **1. s. m.** Desgraçado; malfeitor. **2. s. m.** O natural de Póvoa e Meadas (freguesia do concelho de Castelo de Vide).

**mal-andamoso, a** [máɫɛðəmózu, -óʒɐ] *adj.* Diz-se de uma via, um caminho difícil de calcorrear. (reg. D.C.F.<sup>481</sup>)

**malata** [mɛɫátɐ] *s. f.* Ovelha nova, até dois anos. (alt. morf., alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg., alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

**mal-atroalhado, a** [máɫɛtruɡɛládu, -ɐ] *adj.* Mal vestido. (reg. D.C.F.<sup>482</sup>)

**mal-azado, a** [máɫázadu] *adj.* Que não tem jeito para fazer algo. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**mal-encabelado, a** [máɫɛkɛbiládu, -ɐ] *adj.* Mal vestido. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.<sup>483</sup>)

**mal-enchapotado, a** [máɫɛʃɛputádu, -ɐ] *adj.* Diz-se da pessoa que é mal feita, com o corpo disforme.

**mal-enjorcado, a** [máɫɛʒɔɾkádu, -ɐ] *adj.* Defeituoso, desengonçado, com má aparência. (reg. do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F.<sup>484</sup>/ alt. sem. D.A.C.)

**malentio/ marantio**<sup>485</sup> [mɛɫɛ́tiu]/ [mɛɾɛ́tiu] *s. m.* Nascente.

**malfeto fora** [maɫfétufóɾɐ] *exp. idiom.* Expressão equivalente a “tal seria!...”/ “Era já só o que faltava!”

**malhada** [mɛɫáðɐ] *s. f.* Local onde se encurralam os porcos, pocilga. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**malhadiço, a** [mɛɫɛðísu, -ɐ] *adj.* Farto de levar lambada. *Não vale a pena bateres-le más, o cão já tá malhadiço.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**malhão, ona** [mɛɫɛ́ɲɔ, -õɲɐ] *adj.* Gordo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**maliça** [mɛɫísɐ] *s. f.* Espécie de flor que pende ou se alastra pelo chão e que pode ter diferentes colorações (branca, azul, rosa, vermelha). Existe a maliça dos homens e a maliça das mulheres.

**malino, a** [mɛɫínu, -ɐ] *adj.* Maligno. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mal-portada** [máɫpurtáðɐ] *s. f.* Prostituta; mulher que facilmente acede a cortesias.

**malsinador** [máɫsɪnɛdór] *adj.* Pessoa que denunciava o ato do contrabando, malsim.

**malsinar** [maɫsɪnár] *v.* Assinalar, marcar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**malvera** [maɫvéɾɐ] *s. f.* Espécie de malva.

**mamalhuda** [mɛmɛɫúðɐ] *s. f.* Mulher que tem os seios muito grandes. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**mamão** [mɛmɛ́ɲɔ] *s. m.* Ramo que tira a força à árvore. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**mamar** [mɛmár] **1. v.** Tomar; comer. *Os pruns mamavam aquilo qu'era uma beleza.* **2. v.** Levar com; aguentar. *Mamê lá 16 meses de tropa.* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**maminho** [mɛmíɲu] *s. m.* Dedo mínimo.

**mamites** [mɛmítɪ] *s. f.* Doença muito frequente no gado vacum, que afeta o úbere. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

<sup>480</sup> SILVA, 1948 regista “mal-parida”.

<sup>481</sup> Só regista “andamoso”, apresenta esta expressão como exemplo.

<sup>482</sup> Só regista “atroalhado”, mas remete para “mal-amanhado”, com este sentido.

<sup>483</sup> Os dois dicionários só registam “encabelar”.

<sup>484</sup> Este dicionário só regista “enjorcado”.

<sup>485</sup> Deturpação do castelhano “manantío”.

**manada** [mənáðɐ] **1.** *s. f.* Vara. *Vi uma manada de javalins.* **2.** *s. f.* Pequeno molho, braçado. *Troxé uma manada de fel da terra.* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. reg. de Portugal, alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**manadilha**<sup>486</sup> [mənɐdĩɲɐ] *s. f.* Conjunto de feno que cabe na mão, diminutivo de *manada*.

**mandados** [mɛ́ðáduʃ] *s. m. pl.* Compras. *De manhã vô aviar os mandados, mas à tarde já tô por casa.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**mandalete** [mɛ́ðɛlétɨ] *s. m.* Rapaz novo em que todos mandam; moço de recados. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mandar à fonte limpa** [mɛ́ðárafõtilĩpɐ] *exp. idiom.* Mandar dar uma volta.

**mandar o bacalhau** [mɛ́ðárubɛkɛkláw] *exp. idiom.* Exercer poder sobre os outros. *O João era o que mandava o bacalhau.*

**manea** [mənɛé] *s. f.* Peia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**máneca** [mánikɐ] *s. f.* Máquina. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**manera** [mənɛré] *s. f.* Comportamento; atitude. *Ela, c' aquela sua manera, consegue sempre o que quer.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**maneras** [mənɛréʃ] *adv.* Mais ou menos, um pouco. *Ele também sabe ler maneras.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**manerinho, a** [mənɛrĩɲu, -ɐ] *adj.* Com a medida certa; jeitoso. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**manga de capote** [mɛ́gɛdikɛpótɨ] *s. f.* Tipo de massa aos canudos grossos. (D.A.C.)

**manga** [mɛ́gɐ] *s. f.* Cepo, pedaço de toro. (D.H./ D.A.C.)

**mangação** [mɛ́gɐsɛw̃] *s. f.* Gozo. *Todos fazem mangação dele.* (D.H./ D.A.C.)

**mangar** [mɛ́gár] *v.* Gozar; brincar. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**mangoera** [mɛ́gwéɾɐ] *s. f.* Constituinte do mangual, correspondente ao pau maior, mango. (alt. morf. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**manhoca** [mɛɲókɐ] *s. f.* Parte do objeto em que se pega. *Pega bem na manhoca do charrueco./ Parti a manhoca do guarda-chuva.*

**manilha** [mənílɐ] *adj.* Terrível; um expert. *Tu, p'ra gozar és uma manilha.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**manjarico** [mɛ́ʒɐríku] *s. m.* Manjerico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**manjarona** [mɛ́ʒɐrõnɐ] *s. f.* Manjerona. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**manjedôria** [mɛ́ʒidórjɐ] *s. f.* Manjedeira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**manjengra** [mɛ́ʒɛgrɐ] **1.** *s. f.* Mejengra, pássaro também conhecido por chapim. **2.** *s. f.* Mulher pequena. (1. alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**manta d'acordar cedo** [mɛ́tɛðɛkurdársɛdu] *exp. idiom.* Manta de trapos, a qual é pouco quente, logo, leva os usuários a levantarem-se cedo.

**manta** [mɛ́tɐ] *s. m.* Copo de vinho grande. Abreviatura de *manta-de-gatero*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**manta-de-gatero** [mɛ́tɛdigɛtɛru] *s. m.* Copo de vinho de tamanho grande, equivalente a 1/4 de litro.

**mantrascos** [mɛ́tráʃku] *s. m.* Mentrasto, erva parecida à hortelã, cujo nome científico é *Mentha suaveolens Ehrh.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>486</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

**manuge/ meruja** [mɐnũzi]/ [mirũzɐ] *s. f.* Morugem, marugem, tipo de erva que se cria em terrenos com muita água e que também se comia em salada, cujo nome científico é *Stellaria media* L. (Vill). (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mão-d'amigo** [mẽwðemigu] *s. f.* Cumprimento; passou bem. *Sempre que me vê, dá-me a mão-d'amigo.*

**maquenério** [mɛkinérju] *s. m.* Máquina. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**maquiar** [mɛkjár] *v.* Bater. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**maquinário** [mɛkinárju] *s. m.* Máquina. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**marafim** [mɛrɛfĩ] *s. m.* Marfim. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**marafona** [mɛrɛfõnɐ] *s. f.* Pessoa do sexo feminino (nova ou velha), que é desconhecida. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**marca** [márkɐ] *s. f.* Botão. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**marcela** [mɛrsélɐ] *s. f.* Macela, camomila, erva cujo nome científico é *chamaemelum nobile*. (reg. de Rio Grande do Sul D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**marchante** [mɛrʃɛti] *s. m.* Homem que conduzia os porcos. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**marchar** [mɛrʃár] *v.* Ir. *Os velhotes, marchô tudo pró lar.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**mareia** [mɛrɛɐ] *s. f.* Orvalho.

**maricom/ão** [mɛrikõ/ẽw] *s. m.* Homossexual. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.A.C.)

**marja** [márzɐ] *s. f.* Margem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**marmelo** [mɛrmélu] *s. m.* Gás; flatulência. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**maroço** [mɛrósu] *s. m.* Monte de pedras, no qual se escondem os coelhos bravos; morouço. (reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**marrada** [mɛrádɐ] **1.** *s. f.* Zona da cara em que a barba ficou mal cortada. **2.** *s. f.* Pedaco de terra que se deixava à volta do tronco das árvores aquando da lavra e que, posteriormente, era cavado à mão. Algumas senhoras costumam brincar com esta palavra: *Lá dziam os de Montalvão:*

- *Eh, Maria, atã nã tans aí o meu home?*

- *Tá prá li pó pé do meu, andem prá li às marradas um c'o otro!* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**marrano, a** [mɛrɛnu, -ɐ] *adj.* Que é pouco asseado, sujo. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**martelo** [mɛrtélu] *s. m.* Tipo de penteado, que consiste num tufo de cabelo dobrado. *Quando era moça, usava um popo de martelo.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**marzia** [mɛrziɐ] *s. f.* O. m. q. *mareia*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**marzoguena** [mɛrzoɡɛnɐ] *adj.* Que não se dá bem com ninguém.

**mas pronto** [mɛʃprõtu] *exp. idiom.* Enfim.

**más** [máʃ] **1.** *adv.* Mais. **2.** *s. f. pl.* Maioria. *Nã podia fazer as más das cosas.* (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**masgar** [mɛʒgár] *v.* Esmagar. (alt. fon. D.H./ reg. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**massa** [máʃɐ] *s. f.* Parte central da roda da carroça, que circunda o eixo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**masserão/ masserêum** [mɛserẽw]/ [mɛserẽw] *s. m.* Recipiente de madeira, onde comem os porcos. (reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mata-bicho** [mátɐbĩʃu] *s. m.* Aguardente que se toma pela manhã. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**mata-cabras** [mátɛkábrɐʃ] *s. m.* Tipo de vento provindo do lado da Serra da Estrela, que provoca medo nas cabras. Vento suão. (alt. sem. D.H.)

**matação** [mɛtɛsɛw̃] *s. f.* Lucro. *Premero tiras-le a matação e depôs vendezi-o.* (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**matadoa** [mɛtədóɐ] *s. f.* Metadona. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**matar a formiga** [mɛtárɛfurmígɐ] *exp. idiom.* Dormir a sesta.

**matar o bicho** [mɛtárubĩʃu] *exp. idiom.* Beber um copo de aguardente. (reg. de Portugal, alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**matar** [mɛtár] *v.* Fazer a matança do porco. *Costumo matar no principio do inverno.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**matarrábia** [mɛtɛrábɪɐ] *s. f.* Beterraba. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mata-velhos** [mátɛvélʃu] *s. m.* Pequeno carro, com motor de moto, muito conduzido por idosos e, infelizmente, algumas vezes responsável pela sua morte. O. m. q. *matrimónio e papa-reformas.*

**material** [mɛtrjáɫ] *s. m.* Pele, couro. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**matremónio** [mɛtrímóniu] *s. m.* Carro com motor de moto, onde só cabem duas pessoas. O. m. q. *mata-velhos.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**matriel** [mɛtrjéɫ] *s. m.* Material. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mazela** [mɛzélɐ] *s. f.* Problema. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**mãzera** [mɛzérɐ] *s. f.* Pega do cajado. (reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mê** [mé] *s. m.* Meio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**meã** [mjɛ̃] **1.** *s. f.* Constituinte do mangual, que serve para segurar o *pirco*. **2.** *s. f.* Parte constituinte da carroça, que serve para atar os dois cangalhos um ao outro. (1. reg. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**mea-carga** [méɛkárɐ] *s. f.* Conjunto de dez molhos.

**mea-gaiola** [méɛɐɐjólɐ] *s. f.* Copo de vinho pequeno.

**mea-governeta** [méɛɐɐvɪrnétɐ] *s. f.* O. m. q. *mea-gaiola.*

**mea-lata** [méɛlátɐ] **1.** *s. f.* Copo de vinho de 1/4 de litro. **2.** *s. f.* Medida de capacidade, correspondente a um quarto de litro.

**mea-latinha** [méɛlɛtĩɐ] *s. f.* O. m. q. *mea-lata.*

**mechão/ michão** [mĩʃɛw̃]/[mĩʃɛw̃] *s. m.* Melga. O. m. q. *cínfalo/ cínfano.* (reg., alt. fon. D.C.F.)

**medronhera** [mɛdrɔnɛrɐ] *s. f.* Árvore que dá o medronho, medronheiro. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**megalhero** [mɛɐɐléru] *s. m.* Mealheiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**megalho** [mɛɐɐáɫu] *s. m.* Espécie de corda feita de feno, que servia para atar os molhos. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**meganita/ migantina** [mɛɐɐnítɐ]/ [mɛɐɐnĩɐ] *s. f.* Espécie de batata com forma de amêndoa, que provém da lechuga e que é doce.

**meguena/ migana** [mɛɐɐnɛ]/ [mɛɐɐnɛ] *s. f.* Mediana, tipo de pão espanhol. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**mejeta** [mɛzétɐ] *s. f.* Pequeno fio de água. *A fonte só deta uma mejeta de água.*

**mela** [mélɐ] *s. f.* Cola produzida pelos pinheiros. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**mel-de-bruxa** [mélɛdɪbrʃɐ] *s. m.* Espécie de cola que surge no tronco das cerejeiras, das ginjeiras e

outras árvores. O. m. q. *sabã-da-bruxa*.

**melerinha** [milerĩɲɐ] *s. f.* Milheirinha, espécie de pássaro. (alt. fon., alt. morf. D. H./ reg. alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**melga** [mélɣɐ] **1. s. f.** Bebedeira. **2. s. f.** Malga; tigela grande. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**melharengo** [miλɐrẽɣu] **1. adj.** Mulherengo. **2. adj.** Homem com trejeitos de mulher, afeminado. (1., 2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**melharoco** [miλɐróku] *s. m.* Melharuco ou abelharuco, tipo de pássaro cujo nome científico é *Merops apiaster* L. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**melhém** [miλẽ] *s. f.* Milhã, tipo de erva, cujo nome científico é *Panicum crus-galli*, Lin. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**melhiço, a**<sup>487</sup> [miλísu, -ɐ] *adj.* Gémeo.

**melindro** [miłĩdru] *s. m.* Melindre, tipo de flor, cujo nome científico é *Balsamina vulgaris*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**melosa** [miłózɐ] *s. f.* As primeiras landes que caiem. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.A.C.)

**mendindas** [mẽdíɲɐ] *adj.* Forreta.

**menina-do-olho** [minĩnɐduólu] *s. f.* Pupila. (D.C.F./ D.A.C.)

**menique/ minhique**<sup>488</sup> [meníki]/ [mijníki] *s. m.* Dedo mínimo.

**menjadora** [mẽʒɐdóɾɐ] *s. f.* Manjedoura. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**menopáusia** [menɔpáwzjɐ] *s. f.* Menopausa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. d.c.f./ alt. fon. D.A.C.)

**menopeia** [minɔpɛjɐ] *s. f.* Bebedeira.

**mensaja** [mẽsáʒɐ] *s. f.* Mensagem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mentosão, ona** [mẽtruzẽwĩ, -õɲɐ] *adj.* Aldrabão. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon. alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**mentulho** [mẽtułu] *s. m.* Corda para atar a manada dos cereais cortados.

**menza** [mẽzɐ] *s. f.* Mesa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**meo-alquere** [méaλkéri] *s. m.* Recipiente de lata, usado para guardar azeite, cuja capacidade é de 5 litros.

**meo-arrate**<sup>489</sup> [mévɐráti] *s. m.* Medida de peso correspondente a metade do arrátel, uma antiga medida equivalente a 459 gramas.

**meo-caco** [mékáku] *s. m.* Medida de volume usada para medir o vinho, equivalente a meio litro.

**merçol/ merzol** [mĩrsól]/ [mĩrzól] *s. m.* Moela, moiçó. (reg. D.C.F.)

**merecer** [mĩrisér] *v.* Valer. *Dexe tar, nã mereç'a pena.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**merlo, a** [mérlu, -ɐ] *s. f.* Melro. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**meroal** [merwáf] *s. m.* Guardador de gado. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mesa-de-pastor** [mẽzɐdipɛʃtór] *s. f.* Mesa pequena de madeira, com uma gaveta grande, usada para guardar comida.

**mesarável** [mizɐravéʃ] **1. adj.** Forreta. **2. adj.** Miserável, que vive na penúria. (1., 2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mestra** [mẽʃtrɐ] *s. f.* Mulher experiente a quem cabe temperar a carne da matança. (D.H./ D.C.F./

<sup>487</sup> Cfr. Castelhana “mellizo”.

<sup>488</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

<sup>489</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.



D.A.C.)

**meter a língua na caxa** [mitérelǵwɛnəkáʃɐ] *exp. idiom.* Calar-se. *Ela fêzia meter a língua na caxa.*

**meter a penada** [mitérepinádɐ] *exp. idiom.* Dar palpites.

**meter cabeça (com)** [mitérkɛbésɐ] *exp. idiom.* Atacar; avançar para. *O burro dele metê cabeça c'ô mê burro.*

**meter o colharão** [mitérukulɛrɛw̃] *exp. idiom.* Intrometer-se na conversa. (alt. morf. D.H.<sup>490</sup>/ D.C.F./ alt. morf. D.A.C.<sup>491</sup>)

**meter o cuspo atrás d'orelha** [mitérukúʃpɛtrazdɔréʎɐ] *exp. idiom.* Afiçar alguém, incentivar negativamente. *O rapaz até era calmo, mas meterem-le o cuspo atrás d'orelha...*

**meter-se a requerimentos** [mitérsɛrɪkɪrɪmɛtuʃ] *exp. idiom.* Pedir para ir trabalhar. *Foi à fábrica meter-se a requerimentos, mas nã teve sorte.*

**meter-se dentro** [mitérsidɛtru] *exp. idiom.* Dominar; inteirar-se do assunto. *Eles sã capazes de se meter dentro desse assunto.*

**mexil/ moxilo** [mɨʃíʎ]/ [muʃílu] *s. m.* Constituinte do charrueco que segura a aiveca ao cepo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**mexorfada** [mɨʃɔrfádɐ] *s. f.* Mistura. Mexerufada; garrafada de remédio. *Tava bem mal, mas tomê aquela mexorfada e fequê bom!* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**migalha** [miqáʎɐ] *s. f.* Pequena quantidade, um pouco. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**migalho** [miqáʎu] *s. m.* Tubo das linhas de alinhar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**milhã** [miʎɛ] *s. f.* Constituinte do mangual, que servia para segurar o *pirco*. O. m. q. *meã*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**mimória** [mimórɣɐ] *s. f.* Memória. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mimos das mulheres** [mĩmúzdɛzmuʎériʃ] *exp. idiom.* Tipo de planta que deita uma flor parecida ao bico de um passarinho.

**mimos dos homens** [mĩmúzduzómɛʃ] *exp. idiom.* Tipo de flor.

**mindinguente** [mĩdĩgɛti] *adj.* Forreta. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**miner** [minér] *v.* Minar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**minga** [mĩgɐ] *s. f.* Órgão genital masculino. (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**minguer** [mĩgwér] *v.* Minguar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mentir** [mĩtir] *v.* Mentir. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mintira** [mĩtirɐ] *s. f.* Mentira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mintroso, a** [mĩtrózo, ózɐ] *adj.* Mentiroso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mirentes** [mirɛtiʃ] *s. m. pl.* Olhos. (reg. do Brasil, alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**moaja** [mwáʒɐ] *s. f.* Moagem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mocanço** [mɔkɛsu] *s. m.* Cobrição.

**mocâneco** [mɔkɛniku] *s. m.* Mecânico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**moçaterona** [musɛterónɐ] *s. f.* Moça de tamanho grande. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**mochêum** [moʃɛw̃] **1.** *s. m.* Terreno onde há um monte de mato. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon.

<sup>490</sup> Regista “meter a colher”.

<sup>491</sup> Regista “meter a colherada”.

D.A.C.)

**mocheda** [moʃéðɐ] *s. f.* Tufo (de cabelos). *Arrancô-le uma mocheda de cabelos.*

**mochô** [móʃu] *s. m.* Banco com três pernas feito em pau. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**moço-de-letras** [mósudilétrɐʃ] *s. m.* Aquele que sabe ler e escrever.

**moda** [móðɐ] *s. f.* Cantiga; música. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**moguengo/ mogango** [mugégu/ mugẽgu/ ] *s. m.* Moganga; variedade de abóbora. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**mole** [móli] *adj.* Fresco. *Vô comprar pão mole p'ra comer com queijo mole.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**molguera** [mołgérɐ] *s. f.* Reserva, conjunto de produtos que se vão reservando para consumir posteriormente. *Ele é despachado a descascar as castanhas e já ali tem uma grande molguera.*

**molha-bobos** [mółɐbobuʃ] *s. f.* Chuva miúda, chuveisco.

**molha-parvos** [mółɐpárvuʃ] *s. f.* O. m. q. *molha-bobos.*

**monho** *s. f.* Poupô, tipo de penteado que consiste no cabelo enrolado no alto ou na parte posterior da cabeça. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**montado** [mõtádu] *s. m.* Lande que cai no devido tempo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**morcela** [murséɫɐ] *s. f.* Rolo de pano que se coloca por trás das portas e janelas para calafetar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**morẽum** [morẽũ] *s. m.* Mourão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**morrer no narcedoro** [murérnunɐrsidóru] *exp. idiom.* Esmorecer; terminar quando está a começar a ter vigor. *O projeto era bom, mas morrê no narcedoro.*

**morrinha** [murĩɲɐ] *s. f.* Chuva miúda. (reg. do Brasil D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**mosca cavala**<sup>492</sup> [móʃkɐkɐváɫɐ] *s. f.* Mosca de tamanho grande que ataca sobretudo os cavalos.

**mosca** [móʃkɐ] *s. f.* Birra; amúo. *Tá ca mosca porque o pai nã a dexô sair.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**moscar** [muʃkár] *v.* Abrigar-se do sol, do calor e das moscas num local com sombra e/ou fresco. *As ovelhas tã a moscar além debaixo daquele carvalho.* (D.H./ D.C.F.)

**mosquero** [muʃkérɐ] **1.** *s. m.* Sítio onde o gado costuma moscar, normalmente uma sombra, uma zona fresca. **2.** *s. m.* Erva parecida ao trigo. (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ reg., alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**mostro** [móʃtru] *s. m.* Mosto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mota** [móɫɐ] *s. f.* **1.** Carvalho novo; rebento de carvalho. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**motreco** [mutréku] *s. m.* Pedaco de pão, geralmente duro. (D.C.F.)

**mover** [muvér] *v.* Abortar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**mucedéde** [musidédi] *s. f.* Mocidade. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**muçole, a** [musóli, ɐ] *s. m.* Rapaz ou rapariga com idade compreendida entre os 12 e os 20 anos. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mui** [múj] *adv.* Muito. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**mula mecânica** [mulɐmíkɐnikɐ] *exp. idiom.* Motocultivador.

<sup>492</sup> SILVA, 1948 regista “mosca-de-cavalo”.

**mulharengo** [muʎeréngu] *adj.* Mulherengo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mulo** [muʎu] *s. m.* Macho. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**mum** [mũ] *adv.* O. m. q. *mui*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mundial** [mũdjáʎ] *s. f.* Hemodiálise. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**mundice** [mũdísi] *s. f.* Lixo; imundícia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**munete** [munéti] *s. m.* Careta.

**munte/ munto** [mũti]/ [mũtu] *adv.* O. m. q. *mui*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**murraça** [murásɐ] *s. f.* Qualquer bebida alcoólica. *Ê sento-me já aqui ó pé do garrafão da murraça.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**murta** [múrte] *s. f.* Multa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

## N

**nã andar sozinho** [nẽdársɔʒĩɲu] *exp. idiom.* Estar com os copos; estar bêbedo. *Nã le digas nada, qu'ele já nã anda sozinho.*

**nã comer pão da vida** [nẽkumérpẽwðevíde] *exp. idiom.* Diz-se daquele que anda muito escanzelado, que não tem um ar saudável. *Olha-me p'r aquele rapaz, parece que nã come pão da vida.*

**nã dar carreira dreta** [nẽdárkɐrévdréte] *exp. idiom.* Não fazer as coisas adequadamente; não estar no seu juízo perfeito. *Depôs do acedente, nã fecô a dar carreira dreta.*

**nã dar faisca** [nẽdárfeĩkɐ] *exp. idiom.* Não dar mão, não se deixar domar. *Essa égua inda nã dá faisca.*

**nã dar más passo nem chancada** [nẽdármaspásunẽʃẽkáde] *exp. idiom.* Não fazer mais nada. *Por hoje já chega de labuta, já nã dô más passo nem chancada!*

**nã dar os golpes com** [nẽdárɔʒɔpĩkõ] *exp. idiom.* Não se entender com. *Estes dôs irmãos nã dão os golpes um c'ó otro.*

**nã deixar criar musgo na estrada** [nẽdeʃárkriármúzɣunẽʃtráde] *exp. idiom.* Ir a um sítio com bastante frequência. *Vinhim cá uns indevidos que já nã dexevim criar musgo na estrada.*

**na esgalha** [nɛʒgáʎɐ] *exp. idiom.* Muito rápido. *Passô aí um carro na esgalha.* (D.A.C.)

**nã fazer bom de** [nẽfɛzérbódi] *exp. idiom.* Não conseguir fazer nada de; não dominar. *Ele nã faz bom dela; ela só faz o que quer.*

**nã gramar nem com molho de tomate** [nẽgrɛmárnẽkõmóludítumáti] *exp. idiom.* Detestar; odiar. *O mê marido nã gramava a Refer nem com molho de tomate.*

**nã haver froxeza de nada** [nẽvɛrfɛzɛdináde] *exp. idiom.* Não se temer a gastos; haver abundância de tudo. *Naquele casamento nã hove froxeza de nada.*

**nã haver rei nem roque** [nẽvɛrɛjñẽróki] *exp. idiom.* Não haver sentido, não haver organização<sup>493</sup>. *Naquela casa nunca hove rei nem roque.*

**nã havia cá tu tia** [nẽvɛíkátutíe] *exp. idiom.* Expressão utilizada em situações em que se fala de alguém com desprezo e não há vontade de lhe valer, de a ajudar. *Nunca se derem com ninguém e agora criim ajuda. Ora, nã havia cá tu tia!*

<sup>493</sup> D.A.C. regista “sem rei nem roque”.

**nã ir munto católeco** [nẽĩrmũtũkətólikũ] *exp. idiom.* Ir com os copos. *Depôs de toda a tarde na taverna, já nã vai munto católeco.*

**nã juntar bem o gado** [nẽžũtárbeũgádu] *exp. idiom.* Evidenciar desequilíbrio psíquico, revelar problemas cognitivos. *Nã te fies nele, qu'ele nã junta bem o gado.*

**nã merece!** [nẽmirési] *exp. idiom.* Expressão equivalente a Não tem de quê!/ De nada!. – *Obrigado! – Nã tem de quê!*

**na mesma correnteza** [nẽmẽžmøkũrẽtéžẽ] *loc. adv.* A seguir, sem ser preciso fazer desvio. *Na mesma correnteza vesetê a familia toda.* (D.H./D.C.F.<sup>494</sup>/D.A.C.<sup>495</sup>)

**nã morrer de cornada de grilo** [nẽmũrẽrdikurnádẽdigrĩlu] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando nos referimos a alguém que se acautela muito, que é muito cauteloso. *Como ele é, nã morre de cornada de grilo.*

**nã poder alimper potes** [nãpudẽrẽlipẽrpótĩʃ] *exp. idiom.* Ser traído pelo cônjuge. *Com essa mulher... esse desgraçado ó tempo que nã pode alimper potes!*

**nã sobrar o casaco** [nẽsubrárũkẽžákũ] *exp. idiom.* Expressão usada para designar que está frio. *Tá sol, mas hoje nã sobra o casaco.*

**nã tar com olhos nem gastos** [nãtárkõólužnẽgáʃtuʃ] *exp. idiom.* Não estar com rodeios, com meias medidas. *Chegô lá e batê-le, nã teve com olhos nem gastos.*

**nã tar sozinho** [nẽtársõžĩpu] *exp. idiom.* Estar bêbedo. *Olha como chegô do almoço, já nã vem sozinho.*

**nã ter cancelas** [nẽtẽrkẽsẽlẽʃ] *exp. idiom.* Ter uma duração longa. *Ainda me falta munto p'r'acabar, mas a nôte nã tem cancelas.*

**nã ter falta** (de) [nẽtẽrfáʃtẽ] *exp. idiom.* Ser bem dotado de. *Ela nã tem falta d' altura.*

**nã ter os cinco alqueres bem medidos** [nẽtẽruʃsĩkaʃkẽrĩžbẽmidĩduʃ] *exp. idiom.* Não ter o juízo perfeito. *Nã liguẽs ó que diz, já nã tem os cinco alqueres bem medidos.* (alt. fon. D.A.C.)

**nã trazer puto tostão** [nẽtrẽžẽrpũtũtuʃtẽwĩ] *exp. idiom.* Não trazer dinheiro nenhum. *Nã posso pagar um copo, pôs nã trago puto tostão.*

**nã vale a pena pôr más no prato, porque já tá cheo** [nẽválnẽpẽnẽpórmáznuprátũpurkĩžátáʃẽu] *exp. idiom.* Expressão equivalente a: Não vale a pena dizer mais, porque já se percebeu.

**nã** [nẽ] *adv.* Não. (D.H./D.C.F.)

**nalga** [náʃgẽ] *s. f.* Nádega. (D.H./D.C.F./D.A.C.)

**narça** [nársẽ] *s. f.* Bebedeira. (alt. sem. D.C.F.)

**narcente** [nẽrsẽtĩ] *s. m.* Nascente, local onde nasce a água. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**narcer** [nẽrsẽr] *v.* Nascer. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**narezẽum** [nẽrĩžẽwĩ] *s. m.* Nariz grande. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**narezudo, a** [nẽrĩžũdu, ẽ] *adj.* Que tem o nariz grande. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**nariz de santo** [nẽrĩždisẽtu] *exp. idiom.* Coisa preciosa, importante. *Isto tamém nã é niũm nariz de santo!* (D.A.C.)

**nariz-de-pecareta** [nẽrĩždĩpĩkẽrẽtẽ] *adj.* Que tem o nariz grande.

**nas salgas** (de) [nẽʃsáʃgẽʃ] *exp. idiom.* Em perseguição; no encalce de. *O Manel foi nas salgas dele, mas nunca o apanhô.*

<sup>494</sup> Regista somente “correnteza”.

<sup>495</sup> Regista “de/em correnteza”.

**nascer c'o cu virado p'ro lado da Fontanhera** [nɐʃsérkukúviráduproládudɛfõtɐpérɐ] *exp. idiom.*  
Ser mal disposto, mal humorado. *Nasceste c'o cu virado p'ro lado da Fontanhera, ninguém te pode aturar!*

**natura** [nɛtúrɐ] *s. f.* Órgão sexual dos animais femininos. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**navalha de capar grilos** [nɛválnɛdɪkɐpárgríluʃ] *exp. idiom.* Navalha pequenina.

**navalhas** [nɛválnɛʃ] *s. m. pl.* Dentes incisivos dos javalis, que, à medida que o animal vai envelhecendo, lhe vão crescendo e saindo da boca. (D.A.C.)

**navalhero** [nɛvɛléru] *s. m.* Javali macho, já com alguma idade, caracterizado por ter uns dentes muito grandes (*navalhas*). (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**navalhudo** [nɛvɛlúdu] *s. m. O. m. q. navalhero.*

**nefta** [néftɐ] *s. f.* Nêveda, erva aromática usada, essencialmente, para temperar as azeitonas, cujo nome científico é *Calamintha nepeta Savi*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**negral**<sup>496</sup> [nɪgrál] **1.** *s. m.* Nódoa negra, hematoma. **2.** *adj.* Diz-se da giesta que deita uma flor amarela, também conhecida como giesta-amarela ou giesta-das-serras, cujo nome científico é *Cytisus Striatus (Hill) Rothm.* *O. m. q. gesta. A serra tá chea de gestas negrales.* (1.alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2.alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ reg. das Beiras D.A.C.)

**neninho** [nɛnɪnju] *s. m. O. m. q. menique.*

**neve derregada** [névidɪrɪgádɐ] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando se quer caracterizar algo como muito frio. *A água hoje é neve derregada.*

**nicoso, a** [nikózu, ózɐ] *adj.* Esquisito.

**nim puta idéia** [níputɛidéjɐ] *exp. idiom.* Expressão equivalente a *Nã me lembro!*

**nim** [ní] *adv.* Nem. (alt. sem. D.C.F.)

**nium, uma** [niú, úmɐ] *det.* Nenhum. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**nol** [nól] *s. m.* Nó. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**nol-da-graganta** [nólɔdɛgrɛgɛtɐ] *s. m.* Maçã-de-adão. (alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**nol-da-sopa** [nólɔdɛsópɐ] *s. m. O. m. q. nol-da-graganta.*

**nomeado, a** [nomjádu, ɐ] *adj.* Que tem boa fama. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**nonos** [nónuʃ] *adj. pl.* Ímpares. *Queres pares ou nonos?* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**Nosso Senhor ponha a pele nas papas até qu'ó nosso pai venha da missa!**  
[nɔsusɪjɔrɔpónapɛlɛʃpápɛzɛtɛkuncɔsupájvɛjɛdɛmísɐ] Dito popular usado na aldeia da Escusa, quando alguém tenta remediar algo que fez mal.

**nôte velha** [nótivélɛ] *s. f.* Noite do dia 31 de dezembro. (alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**nôte-do-galo** [nótidugálu] *s. f.* Noite de Natal.

**noz** [nól] *s. f. O. m. q. nol-da-graganta.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**num** [nú] *adv.* Não. (D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**nuva** [núvɐ] *s. f.* Nuvem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**nuvrina** [nuvrínɐ] *s. f.* Neblina. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**nuvrite** [nuvrítɪ] *s. f.* Nevrose.

**nuviero** [nuvwéru] *s. m.* Nevoeiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>496</sup> Cfr. Castelhana “negral”.

O

**ó agarra!** [ɔɐgáɾɐ] *exp. idiom.* Expressão equivalente a *ó linhas!*. Assim qu'o pai o largô, ó agarra, aí vai ele!

**ó linhas** [ɔlíɲɐʃ] *exp. idiom.* O. m. q. *ó agarra!*

**ó meio batatas** [ɔmêjubɐtátɐʃ] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando alguém interrompe um diálogo com outra conversa pelo meio.

**ó patas!** [ɔpátɐʃ] O. m. q. *ó agarra!*

**ó pé coxo** [ɔpékóʃu] *exp. idiom.* Assente apenas num pé.

**o que é qu' o cu tem a ver c' as calças?** [ukékukútiévérkɐʃkáʃɐʃ] *exp. idiom.* Expressão equivalente a O que é que uma coisa tem a ver com a outra?

**o tanas da Fonte Soto** [utěnzɔdefóʃisótu] *exp. idiom.* Expressão equivalente a "Vai dar uma volta!"

**ô [ó]** *conj.* Quando. *Ô o arranjandem, acabamos a obra.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**obra** [óbrɐ] *s. f.* Grande quantidade. *Precisas de lanha? Ali à frente da porta há obra!* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**obreguer** [ɔbrigér] *v.* Obrigiar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**odepôs/ undepôs/ opôs** [ɔdipóʃ]/ [ũdipóʃ]/ [opóʃ] *adv.* Depois. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**odiência** [ɔdjěsɐ] *s. f.* Audiência. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**oido** [ójdu] *s. m.* Ódio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ól [ól]** *s. m.* Óleo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**olha lá ô!** [ólɐláó] *exp. idiom.* Expressão equivalente a Tal é!

**olha** [ólɐ] **1.** *s. f.* Sopa. **2.** *s. f.* Panela. (1., 2. alt. sem. D.H./ D.C.F.)

**olhar contra o governo** [ɔláɾkóʃtrɐuguvérnu] *exp. idiom.* Olhar para dentro. *Depressa a detetas no meio das otras empregadas, ela olha contra o governo.*

**olhar-de-bruxa** [ɔláɾdibrúʃɐ] *s. m.* Olhar das mulheres quando menstruadas, que causa danos nas carnes da matança.

**olherẽum**<sup>497</sup> [olɐrěũ] *s. m.* Local onde nasce a água.

**omecê** [omisé] Forma de tratamento equivalente a Vossa mercê, Você. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**onde** [ódi] *conj.* Quando. *Onde ê nã podendo, peço ajuda.* (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ontim** [õfi] *adv.* Ontem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ontonte** [õtõti] *adv.* Anteontem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ora adeus vindima!** [ɔɾɐdɛwzviðimɐ] *exp. idiom.* Expressão enfática equivalente a Tal era!

**orda** [órɔɐ] *s. f.* Ordem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ordenhadeira/ ordenhadora** [ɔɾdɲɐdɛɾɐ]/ [ɔɾdɲɐdóɾɐ] *s. f.* Ordenha mecânica. (alt. fon. D.H./ (alt. sem. D.C.F.)

**ordenher** [ɔɾdɲér] *v.* Ordenhar, mungir. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**oregos** [ɔréguʃ] *s. m. pl.* Orégãos. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>497</sup> SILVA, 1948 regista “olheirão”.

**orela** [orélɐ] *s. m.* Extremidade dos quartos do pão, composta sobretudo por côdea. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**orelhada** [ɔriɫáðɐ] *s. f.* Bofetada. (reg. do Alentejo D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**orelo**<sup>498</sup> [orélu] *s. m.* Tipo de rodilha usada para levar os cântaros à cabeça.

**orener/ orinar** [orinéɾ]/ [orináɾ] *v.* Urinar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**orvalhado, a** [ɔɾvɐɫáðu, ə] *adj.* Húmido. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**orvalho-do-sol** [ɔɾváluðusól] *s. m.* Tipo de planta medicinal, cujo nome científico é *drosophylum lusitanicum*. (D.H./ D.C.F.)

**orvilha/ urvilha** [orvíɫɐ]/ [urvíɫɐ] *s. f.* Ervilha. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**os janêros já são muntos** [uzɐnéɾuzásémútu] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando se pretende frisar que a idade já é avançada<sup>499</sup>.

**os janeros tão lá em cima** [uzɐnéɾuʃtéláẽsíɱɐ] *exp. idiom.* O. m. q. *os janêros já são muntos*.

**ovelha ranhosa** [uvélɐɾɐɾjózɐ] *s. f.* Pessoa que se destaca pela negativa no seio de um grupo, ovelha ranhosa. *No nosso rancho, a Manela era sempre a ovelha ranhosa.* (D.A.C.)

**ovelhada** [ɔvɪɫáðɐ] *s. f.* Conjunto de ovelhas, rebanho. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

## P

**p'ra bem tarde e p'ra mal nunca** [pɾɐbétáɾdiipɾemáɫnúkɐ] Adágio proferido quando se fala de um casamento que não deu certo.

**pa munde de**<sup>500</sup> [pɐmúdi] *loc. conj.* Por causa de. *Ando na fisioterapia pa munde da dor que tenho na perna.*

**pachoveda** [pɐʃovédɐ] *s. f.* Asneira; tolice. *Tive toda a tarde a dzer pachovedas.* (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**padera** [padéɾɐ] *s. f.* Rabo grande. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**paderia** [paderiɐ] **1.** *s. f.* O. m. q. *padera*. **2.** *s. f.* Padaria. (1. reg. do Brasil, alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**padrastão** [pɐdɾɐʃtẽw] *s. m.* Designação atribuída ao padraço quando trata mal os enteados. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**padraço** [pɐdɾɐʃtu] *s. m.* Unheiro. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**padre nosso**<sup>501</sup> [páɾɾĩnosu] *s. m.* Pai nosso, oração cristã.

**padrinho** [pɐdɾĩɱu] *s. m.* Designação usada pelos enteados para se referirem ao padraço. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pagar ó levantar da era** [pɐgáɾɔlivétáɾdɐéɾɐ] *exp. idiom.* Pagar só quando o trabalho está pronto.

**pai-padrinho** [pájɐdɾĩɱu] *s. m.* O. m. q. *padrinho*.

**paito** [pájtu] *s. m.* Pátio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>498</sup> SILVA, 1948 regista “ourela”, mas com diferente acentuação.

<sup>499</sup> Os três dicionários apenas registam “janeiros”.

<sup>500</sup> SILVA, 1948 regista “paramonde” como provincianismo do Alentejo.

<sup>501</sup> SILVA, 1948 regista “Pai Nosso”.

**palanco** [pəlɛ́ku] *s. m.* Balanco, espécie de aveia que degenera e só produz praganas, cujo nome científico é *Avena sativa L.*. O. m. q. *balhanco*. (alt. fon. D.H./ reg. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**palerma** [pəlɛ́rmɐ] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**palhaça** [pəlɛ́asɐ] *s. f.* Queda. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**palhada** [pəlɛ́aðɐ] *s. f.* Mistura de palha, farinha ou farelo e água com que se alimenta o gado. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**palito** [pəlítu] *s. m.* Fósforo. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.)

**palpetér** [paɫpitér] *v.* Calcular; prever. *Logo palpetê que vinhas*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pana** [pɛ́nɐ] *s. f.* Fazenda. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**panal** [pənáɫ] *s. m.* Pano usado na colheita da azeitona. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**pancista**<sup>502</sup> [pɛ́siʃtɐ] *s. m.* Homem que tem a barriga grande.

**panela-dos lavradores** [pənélɛduʒlɐvrədóriʃ] *s. f.* Panela de barro.

**panela-dos-segueros** [pənélɛduʒsigéruʃ] *s. f.* Panela de ferro. Esta era usada por quem ceifava, porque não se partia.

**panelera** [pənilerɐ] *s. f.* Mulher que tem preferência sexual por uma pessoa do mesmo sexo. O. m. q. *légica*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**panelero** [pənileru] **1.** *s. m.* Homossexual masculino. **2.** *s. m.* Base para poisar os recipientes quentes. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) / (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**pangaiada** [pɛ́gɛjádɐ] *s. f.* Boémia; diversão. *Andô toda a nôte na pangaiada e agora nã s'alevanta*. (alt. sem. D.C.F.)

**pangalhada** [pɛ́gɛládɐ] *s. f.* O. m. q. *pangaiada*. (reg. do Alentejo, alt. sem. D.H.)

**panico** [pəníku] *s. m.* Penico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pano-pão** [pɛ́nupɛ̃w] *s. m.* Pano usado para cobrir o tabuleiro aquando da feitura do pão.

**pantes**<sup>503</sup> [pɛ́tiʃ] *s. f. pl.* Collants, meias de senhora compridas.

**pão-com-quejo** [pɛ̃w̃kõkéʒu] *s. m.* Espécie de flor, mais conhecida como violeta-vermelha, cujo nome científico é *Primula polyanthus, L.*

**pão-de-lór** [pɛ̃w̃dilór] *s. m.* Pão-de-ló. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pão-de-ralo** [pɛ̃w̃dirálu] *s. m.* Pão feito da farinha que ficou no ralo, confeccionado para dar aos criados. (alt. sem. D.H.<sup>504</sup>/ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**papa-açorda** [pápasórɔ] *adj.* Sem personalidade; que se deixa mandar por todos. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**papa-reformas** [pápɐrifórmeʃ] *s. m.* Carro com motor de moto, onde só cabem duas pessoas, adquirido regularmente por pessoas de idade avançada, muitas vezes reformadas. O. m. q. *mata-velhos* e *matrimónio*.

**paparô** [papɐró] *s. m.* O. m. q. *papa-açorda*.

**paparrato** [papɐrátu] *s. m.* Massa das farinheiras, que se frita às colheradas.

**papas do cu p'a caldera** [pápɐʒdukúpakalɛ́rɐ] *exp. idiom.* Papas de milho, tradicionalmente

<sup>502</sup> Cfr. Castelhana “pancista”.

<sup>503</sup> Cfr. Castelhana “pantys”.

<sup>504</sup> Regista somente “ralo”.



confeccionadas no Dia de Todos os Santos.

**papeluço** [pəpɨlúsu] *s. m.* Pequena embalagem de papel. *Comprê um papeluço de castanhas assadas.* (alt. fon. D.H.)

**par d'encanhas** [párdẽkẽnjɐʃ] *exp. idiom.* Designação depreciativa de um par com pouco valor social.

**paraja** [pərazɐ] *s. f.* Paragem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pardala** [pərdálɐ] *s. f.* Fêmea do pardal, pardoca. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F.)

**pardalinho** [pərdɐlĩnu] *s. f.* Copo de whisky pequenino.

**pardelha** [pərdéɫɐ] *s. f.* Bebedeira. (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pardelhão** [pərdiálẽw̃] *s. f.* Grande bebedeira. (alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

**paredão** [pəridẽw̃] *s. m.* Arrife feito com pedra. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**parilético, a/ periletro, a** [pərilétiku, -ɐ]/ [pərilétu, -ɐ] *adj.* Epiléptico. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**parlucera** [pərlusérɐ] *s. f.* Mulher que é coscuvilheira e não consegue guardar um segredo.

**parrera** [pəréɾɐ] *s. f.* Videira. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**parte** [párti] *s. f.* Partida; pirraça. *Aquele malandro fez-me cá uma parte!* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**partida de nascimento**<sup>505</sup> [pərtidɐdĩnɐʃsimétu] *exp. idiom.* Certidão de nascimento. *A minha partida de nascimento é portuguesa, mas já vivo em Espanha há munto.*

**pascoença** [pəʃkwẽsɐ] *s. f.* Pessoa que faz tudo devagar.

**passadinhas** [pəsɐdĩnjɐʃ] *s. f. pl.* Primeiros passos do bebé.

**passado amanhã** [pəsádãmɐnjɐ] *loc. adv.* Depois de amanhã.

**passar o casaco** [pəsárukɐzákɐ] *exp. idiom.* Bater; sovar. *O pai passava-lhe o casaco, cand'ele se portava mal.*

**passareta** [pəsérɛtɐ] **1.** *s. f.* Passarinha; baço do porco. **2.** *s. f.* Parte externa dos órgãos genitais femininos. (1. alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.) (2. alt. morf. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**passarinho** [pəsɐrĩnu] *s. m.* Vagina. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**passar-se à cortina** [pəsársakurtĩnɐ] *exp. idiom.* Esquecer-se. *Qu'ria dzer-te o nome dela, mas passô-me à cortina.*

**passar-se dos carretos** [pəsársiduʃkɐrétuʃ] *exp. idiom.* Desorientar-se; perder o tino. *Quando sôbe da notícia, passô-se dos carretos.*

**passé muito bonito!** [pásimũtubunítu] *exp. idiom.* Forma de cumprimento equivalente a *Passé muito bem!*

**passilho** [pəsíɫɐ] *s. m.* Conjunto de pedras isoladas que constituem uma espécie de ponte. (alt. sem. D.C.F.)

**passona** [pəsõnɐ] *adj.* Diz-se da fruta muito madura.

**pastaja** [pəʃtázɐ] *s. f.* Pastagem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pastana** [pəʃtẽnɐ] *s. f.* Pestana. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pata-de-galinha** [pétɐdigɐlĩnjɐ] *s. f.* Tipo de erva, frequente no verão, cuja rama tem a configuração das patas-de-galinha e que nenhum animal come. O seu nome científico é *Eleusine indica L. Gaertn.*

<sup>505</sup> Cfr. Castelhana “partida de nascimento”.

**patalô** [pətəló] **1.** *s. m.* Pessoa que anda de forma esquisita, desengonçada. **2.** *s. m.* Pessoa que não é muito inteligente. (1., 2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**patamero** [pətəméru] *s. m.* Zona de terra muito húmida num pátio, lodeiro. (reg. do Alentejo, alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**pataquinhos** [pətəkíɲuʃ] *s. m. pl.* Tostões. (alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**patarra**<sup>506</sup> [pətárɐ] *s. f.* Patilha.

**patas-de-galinha** [pátɐzdigeɫíɲɐ] *s. f. pl.* Rugas existentes nos cantos dos olhos.

**patear** [pətjár] **1.** *v.* Morrer. **2.** *v.* Dar voltas, desencadear iniciativas. *Fartê-me de patear pela partida de nascimento.* (1. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pateruere** [pətérwéri] *s. f.* Tupperware; caixa plástica de marca Tupperware ou de qualquer outra.

**patita** [pətítɐ] *s. f.* Tipo de erva bulbosa, que deita uma flor lilás e tem o feitio da pata de uma besta.

**patroa** [pətróɐ] *s. f.* Esposa; mulher. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pau d'arrair** [páwdɐrɐír] *s. m.* Pau de arrasar, usado para retirar o excedente e nivelar os cereais que se colocavam na rasoira e nas outras medidas.

**pavão** [pəvẽw̃] *s. m.* O. m. q. *papa-açorda.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**paxom** [paʃó] *s. f.* Paixão; desgosto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**peça** [pésɐ] *s. f.* Música; moda; canção. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**pecadera** [pikédérɐ] *s. f.* Espécie de chocalho maior que o *pecadero*, que tem a mesma largura em cima e em baixo. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg. alt. fon. D.C.F.)

**pecadero** [pikédéru] *s. m.* Espécie de chocalho com cerca de 20 cms, mais largo ao cimo que ao fundo. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**pecanino, a** [pikɐnínu, ɐ] *adj.* Pequeninino. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pecareta** [pikérɛtɐ] *s. f.* Nariz grande. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pecerra** [písérɐ] *s. f.* Xisto preto. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pechego** [pɨségu] *s. m.* Pêssego. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pé-curto** [pékúrtu] *s. m.* Porco. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**peda** [pédɐ] *s. f.* Rabo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**pedir os santos** [pidíruʃsɛtuʃ] *exp. idiom.* Andar de porta em porta, no dia 01 de novembro, a pedir doces, dinheiro, ... a fim de celebrar o dia de todos os santos.

**pedrerinha** [pidrɛríɲɐ] *s. f.* Pássaro de tamanho pequeno, de cor preta, com o rabo e o peito brancos. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F.)

**pedriscada/ pedrisqueda** [pidri[kádɐ]/ [pidri[kédɐ] *s. f.* Tempestade de granizo.

**pedrisco** [pidríʃku] *s. m.* Granizo. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**peganhoso, a** [pɨɐɲózu, ózɐ] *adj.* Gozão; que tem por hábito gozar e chatear. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pegar** (com) [pɨgár] *v.* Gozar. *Peguê com ela derivado ó corte do cabelo.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**péi** [péj] *s. m.* Pé. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pela** [pélɐ] **1.** *adj.* Forreta. **2.** *s. f.* Tosquia. **3.** *s. f.* Cada uma das camadas de cortiça do sobreiro. *Este sobreiro tá n' altura de dar a premera pela.* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (3. alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

<sup>506</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo de Trás-os-montes, mas com diferente aceção.

**pela** [pélɐ] *s. f.* Monte. *Esta manhã cortê uma pela de balças.* (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pelachinho**<sup>507</sup> [pɛlɛʃɨnu] *s. m.* Pássaro pequeno, ainda sem penas.

**pelacho, a** [piláʃu, -ɐ] *adj.* Nu.

**pelada** [piládɐ] *adj.* Designação atribuída à árvore sem folhas, bem como às galinhas sem penas no pescoço. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pelar** [pilár] **1.** *v.* Comer as últimas ervas. *O gado anda a pelar os campos.* **2.** *v.* Tosquiar. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pelas largas** [plɛʃlárɣɐʃ] *loc. adv.* Em abundância. *Desde que venderam na casa, têm sempre comida p'las largas.* (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf., alt. sem. D.A.C.<sup>508</sup>)

**peleto, a** [pilétu, -ɐ] *adj.* O. m. q. *pelacho.*

**pelhego**<sup>509</sup> [pilégu] *s. m.* Corpo.

**pelhera** [piléɾɐ] *s. f.* Buraco aberto na parede das casas, que funciona como local de arrumação ou armazenagem; pilheira. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**pelico** [pilíku] *s. m.* Fato feito com peles de animais. (D.H./ D.C.F.)

**pelma**<sup>510</sup> [pélmɐ] *s. f.* Pessoa desgraçada; com pouca apresentação. *Aí anda aquela pelma!*

**pelota** [pilótɐ] *s. f.* Bola. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**pemento-de-cor** [pimétudikór] *s. m.* Colorau.

**penaiva** [pinájvɐ] *adj.* Que só quer boa vida, que pouco para a trabalhar.

**penálti** [penáʎti] *s. m.* Copo de vinho grande. (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**penca** [péɲɐ] **1.** *s. f.* Nariz grande. **2.** *s. f.* Pessoa que coxeia. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**penegar** [pinigár] *v.* Sofrer; penar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon.)

**penerero** [pineréru] *adj.* Designação atribuída ao homem que é malandro, que não quer trabalhar. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem.)

**penheta** [pɨnéɾɐ] *s. f.* Pinhata; primeiro domingo da Quaresma. (alt. fon. D.A.C.)

**penhota** [pɨnótɐ] *s. f.* Conjunto de dois, três ou mais enchidos. O. m. q. *cangalho.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**penoco** [pinóku] *s. m.* Marco geodésico localizado no cimo das serras. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ reg. alt. fon. D.A.C.)

**pensol** [pēsól] *s. m.* Suspensório. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pequêum** [pikéũ] *s. m.* Picão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pequeda** [pikédɐ] *s. f.* Picada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pequenho** [pikéʃu] *s. m.* Picanço, espécie de pássaro da família dos lanídeos. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pequer** [pikér] *v.* Picar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pera-te aí!** [péɾɛtɛí] *exp. idiom.* Expressão que traduz espanto e admiração.

**perca-sol** [péɾkɐsól] *s. f.* Tipo de perca frequente na região, comestível e também usado para extinguir o achigã. O seu nome científico é *Lepomis gibbosus L.*

**percina** [pɨɾsɨnɐ] *s. f.* Piscina. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>507</sup> SILVA, 1948 regista “pelacho” como provincianismo.

<sup>508</sup> Os três dicionários só registam “à larga”.

<sup>509</sup> Cfr. Castelhana “pellejo” – pele, couro.

<sup>510</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo, mas com diferente aceção.

**perder o norte à terra** [pirdérunórtatérɐ] *exp. idiom.* Desorientar-se; não saber às quantas anda. (D.A.C.<sup>511</sup>)

**pereta/ pireta** [píretɐ]/ [píretɐ] *adj.* Pirata; ladino. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pernã** [pírnɛ̃w̃] *adj.* Ímpar. *Queres par o pernã?* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**peroco** [píróku] *s. m.* Tipo de maçã com a configuração mais larga.

**peseta** [pizétɐ] *s. f.* Pessoa por quem não se tem grande consideração, pois não é muito recomendável. (alt. sem., alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**pessuejo/ precebejo** [píswézu]/ [píribézu] *s. m.* Percevejo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pestotira** [píʃtótírɐ] *s. f.* Vagina.

**pesunha**<sup>512</sup> [pízũɲɐ] **1.** *s. f.* Pieira, doença que afeta as patas dos ovinos e caprinos. **2.** *s. f.* Unha dos animais quadrúpedes.

**petera** [pitérɐ] *s. f.* Ferida. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**petrol** [pítróɫ] *s. m.* Petróleo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**peixe-judeu**<sup>513</sup> [péʃizudéw] *s. m.* Peixe muito parecido com o barbo, cuja única diferença é o focinho, que é mais aguçado. O seu nome científico é *Auxis rochei* Risso.

**peixe-macho** [péʃimáʃu] *s. m.* Barbo. O seu nome científico é *Barbus bocagei* Steindachner.

**peixe-sapo** [péʃisápu] *s. m.* Girino. O. m. q. *cabeçudo*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**pexinho-da-horta** [péʃĩnudéórtɐ] *s. m.* Alimento confeccionado a partir de feijão-verde, que, depois de frito, assume uma forma semelhante à do peixe. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

**pial/ piel** [piáɫ]/ [piéɫ] *s. m.* Poial. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**piata** [piátɐ] *s. f.* Pedra saliente nas paredes do poços, cujo conjunto constitui uma espécie de escada interior.

**pica-pau alamão** [píkɐpéwɛɫmɛ̃w̃] *s. m.* Espécie de pássaro, também conhecido como cavalo-rinchão e pica-pau-verde, cujo nome científico é *Piccus viridis* L..

**pica-pau** [píkapáw] *s. m.* Intenção; vontade. *Estou c'o pica-pau de cair a casa.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**picar** [pikár] *v.* Modo de afiar as gadanhas com uma safra e um martelo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**picota** [pikótɐ] **1.** *s. f.* Engenho usado para tirar água dos poços. **2.** *s. f.* Constituinte da *grulha*, que consiste no pau comprido que vai da força até ao fundo do poço para elevar a água. (1. alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pid** [píd] *prep.* Por aí. *Vi-o ir aqui pid'acima./ Ia caindo das escadas pid'abaxo.*

**piela** [pjéɫɐ] *s. f.* Bebedeira. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**piera** [piérɐ] O. m. q. *pesunha*. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pilada** [piládɐ] *adj.* Diz-se da castanha descascada e seca. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**pilonga**<sup>514</sup> [pilóŋɐ] *adj.* O. m. q. *pilada*.

**pimpilo** [pĩpílu] *s. m.* Pampilho, tipo de malmequer silvestre, de coloração amarela, cujo nome científico é *Chrysanthemum coronarium* L.. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>511</sup> Regista “perder o norte”.

<sup>512</sup> SILVA, 1948 regista “pesunho” e com uma acentuação diferente.

<sup>513</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

<sup>514</sup> Cfr. Castelhana “castaña pilonga”.

**pina** [pínɐ] *s. f.* Peça de madeira que constitui a roda da carroça, na qual encaixam os raios. O conjunto das *pinas* é envolvido pela *lhantra*.

feito de madeira, que pega com a *lhantra*. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**pindero** [pĩdɛru] *s. m.* Pandeiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pindrico** [pĩdrĩku] *s. m.* Coisa pequena pendente; berloque. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**pindura** [pĩdũrɐ] *s. f.* Cacho de uvas. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F./ reg. do Alentejo, alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**pingada** [pĩgádɐ] *s. f.* Fatia de pão duro, frita em azeite ou pingo de toucinho e polvilhada com açúcar e canela. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pingolha** [pĩgólɐ] *s. f.* Parte mais alta da árvore.

**pintar** [pĩtár] *v.* Roubar. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**pintiér** [pĩtjér] *v.* Pentear. *Quando se vê o arco-da-velha diz-se que tam-se as bruxas a pintiér.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pio** [píu] *s. m.* Local onde se pisam as uvas e as azeitonas. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**piorno** [piórnu] *s. m.* Planta silvestre parecida à giesta, que produz pequenas flores amarelas e umas bagas, cujo nome científico é *Retama sphaerocarpa L. Boiss.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**pipa** [pípɐ] *s. f.* Pessoa que bebe muito e aguenta. (reg. do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**pipi** [pipí] *s. m.* Vagina das crianças. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**pirco** [pírku] *s. m.* Constituinte do mangual, correspondente ao pau mais pequeno, pírtigo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pirum/ prum** [pirú]/ [prú] *s. m.* Peru. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pisadura** [pizɛdũrɐ] *s. f.* Ato de trilhar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**pisco** [písku] *s. m.* Pessoa que come pouco. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**pi-shert** [piʃért] *s. f.* T-shirt. (alt. fon. D.C.F.)

**pleia**<sup>515</sup> [pléjɐ] *s. f.* Discussão. *Hove aí um bocado de pleia entre eles.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pléria** [plérjɐ] *s. f.* Partida; brincadeira; piada; pilhéria. *Que pléria fzestes p'ra te vires a rir?* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**plético, a** [plétiku, ɐ] *adj.* O. m. q. *parilético*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**plice** [plísi] *s. f.* Peliça; samarra; casaco grosso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**plumonia/ promonia/ pulmonia** [plumuníɐ]/ [promuníɐ]/ [pulmuníɐ] *s. f.* Pneumonia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pobre-sopas** [póbrisópɐʃ] *s. m.* Alguém que não é bom nem mau; inócuo.

**poco-mas-o-menos** [pókumázomẽnuʃ] *adj.* Que é inferior; reles. (alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

**poda** [pódɐ] *s. f.* A flor que dá o cravo. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**podoa** [podóɐ] *s. f.* Utensílio para roçar mato. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**poia** [pójɐ] *s. f.* Maquia que se dava ao proprietário do forno ou ao forneiro do forno comunitário, constituída por farinha, pães ou bolos. (D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**polero** [puléru] *s. m.* Espécie de palco elevado, localizado no cimo de umas escadas, onde normalmente só cabia a pessoa que atuava. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>515</sup> Cfr. Castelhana “pelea”.

**políteco, a** [pulítiku, -ɐ] *adj.* Zangado. *Eles andem polítecos um c'o otro.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**polivã** [pɔlivɐ̃] *s. m.* Polibã. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**poltricas** [połtríkɐʃ] *s. f. pl.* Gracinhas. *Este bebé agora tá na fase de fazer poltricas.*

**poltro** [pɔłtru] *s. m.* Poldro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**polvarinto** [połvrítu] *s. m.* Polvorosa; agitação. *Chegô aí ela, pôs tudo em polvarinto.*

**polvra** [pɔłvrɐ] *s. f.* Pólvora. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ponilha** [punílɐ] *s. f.* Pó que se forma sobre os queijos e os frutos secos. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg. D.C.F.)

**ponte** [pɔ̃ti] *s. f.* Pau semi-curvo que une os dois tendais nas carroças, a fim de os reforçar por causa da pressão dos taipais, especialmente quando levam carga. (alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ reg. do Algarve D.A.C.)

**pontes** [pɔ̃tiʃ] *s. m.* Ponto. *Chega a pontes que ninguém o atura.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**popa** [pɔpɐ] *s. f.* Totó; carrapito. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pôr a cavar** [pɔrɛkɐvɐr] *exp. idiom.* Mandar embora; despedir.

**pôr a trazer** [pɔrɛtrɛzɛr] **1.** *exp. idiom.* Começar a usar o vestuário novo no dia-a-dia. *Já comprastes umas calças novas, já podes pôr a trazer as outras.* **2.** *exp. idiom.* Divulgar uma informação. *Contaste-le a novedéde, dêxa qu'ela depressa a põe a trazer.*

**por munde**<sup>516</sup> [pɔrmũdi] *loc. conj.* Por causa de. *O mê marido nã pode comer doces por munde os diabetes.*

**pôr o sentido** [pɔrusɛtídu] *exp. idiom.* Interessar-se por. *Pus o sentido naquela rapariga e tanto andê que veio a ser mha mulher.*

**pôr um par de cornos** [pɔrũpárdikórnuʃ] *exp. idiom.* Trair. (D.H./ D.A.C.<sup>517</sup>)

**porquero** [pɔrkɛru] *s. m.* Guardador de porcos. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pôr-se em pelete** [pɔrsɛpilétu] *exp. idiom.* Despir-se. *Quando úimos às sortes, tínhimos que nos pôr em pelete.*

**portera** [pɔrtɛrɐ] *s. f.* Porta do forno de cal, composta por quatro pedras. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**pôs até sim!** [pɔzɛtɛsí] *exp. idiom.* Expressão muito usada para afirmar e indicar concordância.

**pôs** [pɔʃ] *conj.* Pois. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**posa-lora**<sup>518</sup> [pɔzɛlɔrɐ] *s. f.* Borboleta.

**prander** [prɛdɛr] *v.* Prender. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pranta** [prɛtɐ] *s. f.* Planta. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**prantar** [prɛtár] *v.* Pôr; ficar. *Prantarem-se logo no siite certo.* (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pravoera** [prɛvuérɐ] *s. f.* Parvoeira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**precura** [prɛkúre] **1.** *s. f.* Pergunta. **2.** *s. f.* Procura, busca. *Saio à precura deles.* (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**precuração** [prɛkuresɛw] *s. f.* Procuração. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>516</sup> SILVA, 1948 regista a expressão “pormonde”.

<sup>517</sup> Ambos registam a expressão “pôr os cornos”.

<sup>518</sup> SILVA, 1948 regista o vocábulo “pousa-loura” como provincianismo do Alentejo.

**precurar/ precurer** [prɛkurár]/ [prɛkurér] v. Perguntar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pregar uma falsa** [prigárũmefálsə] *exp. idiom.* Defecar. Esta expressão era utilizada quando iam defecar como desculpa para não trabalharem.

**pregoso, a** [prigózu, -óze] *adj.* Perigoso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**preguntar** [prigũtár] **1.** v. Perguntar. **2.** v. Procurar. *Nunca preguntô uma moça p'ra namorar.* (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**preido** [préjdi] *s. m.* Prédio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**premeriça** [primerísə] *adj.* Diz-se das fêmeas que parem pela primeira vez.

**premero, a/ prumero, a** [priméru, -e] [pruméru, -e] *adj.* Primeiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**preinha** [préjɲe] *adj.* Grávida. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**propóseto** [prípózetu] *s. m.* Propósito. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**prera** [prérv] *s. f.* Pereira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**presa** [prézv] **1.** *s. f.* Escavação no terreno, com uma parede e uma bucha, usada para concentrar água que normalmente serve para a rega das hortas. *Solta-me lá a água da presa p'a regar estas batatas.* **2.** *s. f.* Buraco que se faz no monte da farinha, antes de se começar a amassar a massa. *Faz-se uma presa na farinha e juntam-se aí todos os ingredientes.* (1. reg. D.H./ D.C.F./ reg. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**presêum** [prizéũ] *s. f.* Prisão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**presente** [prizéti] **1.** *s. m.* Oferta dada pela pessoa que fez a matança; composta por carne fresca, uma morcela, uma cacholeira cozida e uma porção de *paparratos*. **2.** *s. m.* Excremento. *Cudado, senã pisas esse presente de cão!* (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**pri xemple/ pri xemples** [prizépli]/ [prizépliʃ] *loc. adv.* Por exemplo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**princepel** [prĩsipéɫ] *adj.* Principal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**princípio** [prĩsĩpu] *s. m.* Princípio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**proibido, a** [prubĩdu, v] *adj.* Proibido. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**procurar agrado** [prɔkurárɛgrádu] *exp. idiom.* Namorar.

**procurer** [prɔkurér] v. Procurar, perguntar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**prua** [prúv] *s. f.* Bebedeira. *Que grande prua o Manel apanhó ontem!* (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**psicolico** [psikóliku] *s. m.* Psicólogo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**puchero**<sup>519</sup> [puʃéru] *s. m.* Recipiente para líquidos, com uma asa lateral, feita de barro ou de metal. O. m. q. *infusa*. (alt. fon., alt. sem. D.H.)

**pulgo** [púɫgu] *s. m.* O masculino de pulga, pulgão. (D.C.F.)

**pumento** [pumétu] *s. m.* Pimento. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**pundrado, a** [pũdradu, -v] *adj.* Pendurado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**punheta** [puɲéte] *s. f.* Prato confeccionado a partir de bacalhau cru desfiado. *Nã tenho grande fome, comi lá na taverna uma punheta de bacalhau.* (alt. sem. D.H.)

**pupino** [puɲĩnu] *s. m.* Pepino. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**puta c'a pariu** [pútekeperíw] *exp. idiom.* Expressão proferida em momentos de revolta. *Tudo me*

<sup>519</sup> Cfr. Castelhana “puchero”.

*corre mal, nã se pode a gente fiar em ninguém! Puta c'a pariu!* (alt. sem. D.A.C.)

**putanhero**<sup>520</sup> [putɐɲéru] *s. m.* Mulherengo.

**puxar conversa** [puʃárkõvérsɐ] *exp. idiom.* Namorar. *Ele, naquela altura, andava sempre a qu'rer puxar conversa.*

## Q

**quadra** [kwádrɐ] *s. f.* Local onde se guardam as vacas, estábulo. (reg. de Portugal, alt. sem. D.H./ reg. alt. sem. D.C.F./ reg. do Alentejo, alt. sem. D.A.C.)

**qualedede** [kwɛlidédi] *s. f.* Qualidade. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**quando o sobrero temprar e o lorero der cortiça** [kwẽdusubrérutẽprárjulorérudérkurtisɐ] *exp. idiom.* Expressão equivalente a nunca, jamais.

**quanta fotrica!** [kwẽtɐfutríkɐ] *exp. idiom.* Expressão de admiração equivalente a Tanta coisa!

**quarta** [kwártɐ] *s. f.* Recipiente de zinco, usado para transportar água ou leite, que pode ter várias capacidades. (D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**quartela** [kwartélɐ] *s. f.* Cautela; cuidado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**quartilha** [kwɛrtíʎɐ] *s. f.* Medida de madeira, com uma parte em lavadeira, propícia para despejar o seu conteúdos nos sacos. (alt. sem. D.H.)

**quartina** [kwɛrtínɐ] *s. f.* Cortina. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**quartinho** [kwɛrtíɲu] *s. m.* Doze tostões. (D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**que Deus tem/tenha** [kidéʃté, tẽɲɐ] *exp. idiom.* Expressão utilizada com muita frequência, quando é referida uma pessoa que já faleceu. *O Sr. Rui, que Deus tenha, era o dono destas terras.* (D.A.C.)

**que grande camadão!** [kiɣrẽdikɐmɛdẽw] *exp. idiom.* Expressão proferida perante o cenário de uma forte geada ou perante um bêbado.

**que mal le pergunte...** [kímáʎliprigúti] *exp. idiom.* Expressão que funciona como um bordão que antecede algumas questões, quando estas são mais delicadas.

**que no céu esteja** [kinuséwiʃtẽzɐ] *exp. idiom.* Expressão proferida cada vez que se fala numa pessoa que já faleceu. *A minha mãe, que no céu esteja, gostava munto desta comida.*

**quebrado, a** [kibrádu, -ɐ] *adj.* Que tem uma hérnia. (reg. do Brasil D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**quebradura** [kibrɛdúɾɐ] *s. f.* Hérnia. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**queida** [kẽjɔ] *s. f.* Queda. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**quemer** [kemér] *v.* Queimar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**quemo** [kému] *s. m.* Picante. *Este quejo tem munto quemo.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**quente com' o lume** [kẽtikõmólúmi] *exp. idiom.* O. m. q. quente.

**quente** [kẽti] *adj.* Diz-se da mulher que acede facilmente a cortesias. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**quer-se dzer** [kẽrsidzér] *exp. idiom.* Expressão que funciona como um bordão de fala que antecede todas as explicações; isto é.

**quesa** [kẽzɐ] *s. f.* Casa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>520</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.



- quexeda** [keʃédɐ] *s. f.* Queixada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- qui** [ki] *pron.* Que. *Qui más haverá?* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- quinquelharia** [kĩkiʎɛriɐ] *s. f.* Objetos de pouco valor, bugigangas. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- quintel** [kĩtɛɫ] *s. m.* Quintal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- quintero** [kĩtɛru] *s. m.* Canteiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- quique** [kiki] *s. m.* Totó, carrapito no cabelo. (alt. sem. D.H)

## R

- rabanada** [rɐbɐnádɐ] *s. f.* Ronco dos javalis. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- rabanejo** [rɐbɐnézu] *s. m.* Parte do charrueco onde se pega. (reg. D.C.F./ reg. do Alentejo D.A.C.)
- rabanho** [rɐbɐnju] *s. m.* Conjunto de ovelhas, rebanho. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- rabeca** [rɐbɛkɐ] *s. f.* Tipo de casaco. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- rabera** [rɐbɛrɐ] *s. f.* O que se separa do grão quando este é deitado ao vento. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- rabesquer** [rɐbiʃkɛr] *v.* Colher o rabisco, rabiscar. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)
- rabiar** [rɐbjár] *v.* Resmungar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- rabona** [rɐbónɐ] *s. f.* Ovelha com o rabo comprido. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- rabudo, a** [rɐbúdu, -ɐ] *adj.* Ovelha ou carneiro com o rabo comprido. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- raçocino** [rɐsusiɲu] *s. m.* Raciocínio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- raia** [rájɐ] *s. f.* Vinco. *Estas calças têm raia, custam más a passar.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- rair** [rɛír] *v.* Rasar. *Antigamente usava-se o pau de rair p'ra tirar o excesso das medidas do grão.* (reg., alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)
- raivosa** [rajvózɐ] *s. f.* Névoa. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)
- ralado, a** [rɐládɐ, -ɐ] *adj.* Preocupado. (D.H./ D.A.C.<sup>521</sup>)
- ralão** [rɐlɛw̃] *s. m.* O que resta quando se peneira o farelo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- ralar** [rɐlár] **1.** *v.* Preocupar. *Tô ralada com eles, chove tanto e eles na estrada.* **2.** *v.* Chatear, aborrecer. *Todo o dia tem ralado a irmã com pravoeras.* (1., 2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)
- ralidade** [rɐlidédi] *s. f.* Realidade. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- ralo** [rálu] **1.** *adj.* Raro. **2.** *s. m.* O. m.q. *ralão.* (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)
- ramaninho/ rasmaninho** [rɐmɐníju]/ [rɛzmɐníju] *s. m.* Rosmaninho, cujo nome científico é *Lavandula stoechas L.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)
- ramboia** [rɛbójɐ] *s. f.* Pândega; boémia. *Foste p'a ramboia e agora ñ consegues trabalhar!* (D.H./ D.C.F.)
- rambulhada** [rɛbuládɐ] *s. f.* O. m. q. *ramboia.* *O melhor das sortes era a rambulhada do jantar.*

<sup>521</sup> Regista somente “ralar”.

**ramela** [Rɐmélɐ] *s. f.* Remela. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rampolia** [Rɛ̃puliɐ] *s. f.* O. m. q. *ramboia*.

**randa** [Rɛ̃dɐ] *adj.* Boémio; que gosta de beber uns copos. (alt. sem. D.C.F.)

**rander** [Rɛ̃dér] *v.* Render. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rangotango** [Rɛ̃gútɛ̃gu] *s. m.* Tipo de baile repetitivo. *Os balhos agora são só rangotango.*

**ranhoso, a** [Rɐ̃ɲózu, -óze] **1.** *adj.* Que apresenta o ranho a cair-lhe do nariz. **2.** *adj.* Chato; maçador. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**ranilha** [Rɐ̃níλɐ] *s. f.* Doença que afeta o gado bovino. Esta pode ser de cabeça ou *entripal*, consoante afete a cabeça ou os intestinos. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**rano** [Rɛ̃nu] *v.* Tipo de rã de cor verde, também conhecida por rela, cujo nome científico é *Hyla arborea* L..

**rapa**<sup>522</sup> [Rápe] *s. f.* Abreviatura de *rapa-caçola*.

**rapa-caçola** [Rápekeçólɐ] *s. f.* Bicha-cadela, tipo de inseto, de corpo alongado e com uma tenaz na extremidade do abdómen, cujo nome científico é *Forficula auricularia* L.. Quando começa o tempo quente, representa uma praga na vila de Marvão.

**raparegona** [Rɐ̃peɾigónɐ] *s. f.* Rapariga grande. (alt. fon. D.A.C.)

**raposaria** [Rɐ̃puzeɾiɐ] *s. f.* Conjunto de raposas.

**rascalho** [Rɐ̃kálɐ] *s. m.* Ramo seco, que pode ser usado para varrer.

**rasero**<sup>523</sup> [Rɐ̃zeɾu] *s. m.* Pau de rasar, rasoira. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**rastilho**<sup>524</sup> [Rɐ̃stíλɐ] *s. m.* Ancinho. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**rasto** [Rástu] *s. m.* Constituinte da carroça. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**rata** [Rátɐ] *s. f.* Vagina. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**real-d'água** [Riáɫdágwɐ] *s. m.* Rabo. (alt. sem. D.C.F.)

**rebaldaria** [Ribaɫdeɾiɐ] *s. f.* Travessura, patifaria. (alt. fon. D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rebela** [Ribeɫɐ] *s. f.* Contrariedade; obstáculo; prejuízo. *Se ñã hover rebela, cand'ê qu'acaba este processo?/ Não tem havido revela na criação.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)/(alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**rebimbar** [Ribĩbár] *v.* Resmungar. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**rebordoa**<sup>525</sup> [Rĩbordóɐ] *adj.* Tipo de castanha temporã, também designada por bárea.

**rebuçado** [Rĩbusédu] *s.m.* Rebuçado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**reção** [Rĩséw] *s. f.* Ração. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**reclame** [Reklémɪ] *s. m.* Anúncio publicitário; publicidade. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**reclamo** [Reklému] *s. m.* Canto da perdiz. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.) (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**recoquẽum** [Rĩkokéw] *s. m.* Ninho dos coelhos, feito debaixo do chão.

**regabofe** [Regebófi] *s. m.* Anarquia. *Quando o chefe sai, isto vira um regabofe.* (alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**regatera** [Rĩgeɾéɾɐ] **1.** *s. f.* Rego; regadeira. **2.** *s. f.* Curso de água pequeno. (1., 2. alt. fon. D.H./ alt. fon.

<sup>522</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo.

<sup>523</sup> Cfr. Castelhana “rasero”.

<sup>524</sup> Cfr. Castelhana “rastrillo”.

<sup>525</sup> SILVA, 1948 regista “rebordão” como provincianismo da Beira, mas com uma aceção um pouco diferente.

D.C.F.)

**regular** [Rigulér] *v.* Regular. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**relaço, a** [Rilásu, ə] *adj.* Vadio; relaxado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**relhero** [Riléru] *s. m.* Conjunto de *medas*. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**relho** [Rélu] *s. m.* Corda grossa. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**remáteco** [Remétiku] *s. m.* Reumático. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**remeido** [Riméjdu] *s. m.* Remédio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**remelica** [Rimilíkə] *s. f.* Remela pequena. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**remessa** [Rimésə] *s. f.* Grande quantidade. *Isso foi há uma remessa d'anos!* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**rendinhas** [Rēđjɲɐ] *s. f. pl.* Tipo de flor, conhecida como gipsófila, cujo nome científico é *Gypsophila paniculata* L..

**rengo, a** [Régu, ə] *adj.* Coxo. *Já vai rengo de uma perna.* (alt. sem. D.H./ D.C.F.)

**repasto da manhã** [Ripástudemɲɐ] *exp. idiom.* Pequeno-almoço.

**reposer** [Ripozér] *v.* Repousar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**repunar** [Ripunár] *v.* Repugnar; ter nojo de. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**reseda** [Rizédə] *s. f.* Risada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**résio, a** [Rézju, ə] *adj.* São.

**resquebre** [Rikébrj] *s. m.* Refrão; estribilho. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**restolhada** [Riʃtuládə] *s. f.* Prato confeccionado a partir de batatas, cebolas e alhos fritos. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**restolhera** [Riʃtulére] *s. f.* O que fica depois do corte da seara, restolho. (alt. morf. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**retaçado** [Ritəsádu, -ə] *adj.* Partido.

**retoca** [Retókə] *s. f.* Conversa fiada. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**retoça** [Ritósə] *s. f.* Brincadeira. *Os gaiatos nunca más cheguem, porque andem na retoça.* (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**retuniço** [Ritunísu] *s. m.* Designação atribuída às últimas vagens do feijoeiro, normalmente de tamanho mais pequeno que as anteriores.

**revolto, a** [Rivóltu, -ə] *adj.* Mal disposto, zangado. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**rezar padres nossos castelhenos** [Rizárpádrizɲosɯkɐʃtɨlénuʃ] *exp. idiom.* Dizer maldades. *Aquelas mulheres passem na vida a rezar padres nossos castelhenos.*

**risa** [Rízə] **1.** *s. f.* Risada. **2.** *s. f.* Algo que diverte; divertimento. *É uma risa c'aquela cachopa.* (1. reg. D.C.F.) (2. alt. sem. D.C.F.)

**rixenol** [Riʃinól] *s. m.* Rouxinol. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**robar uma rapariga** [Robárũɐɐɐɐríge] *exp. idiom.* Ir buscar a rapariga para viverem juntos. *Este mê cunhado pedi-me o macho emprestado p'ra ir robar a rapariga.*

**rober** [Robér] *v.* Roubar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**roçadera** [Rusədérə] *s. f.* Roçadoira, pau com um podão na ponta. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**roçador-de-balças** [Rusədórdibátsəʃ] *s. m.* Trabalhador do campo. *P'la tua ropa, tu nã debes ser roçador de balças!*

**rochina** [Ruʃinɐ] *s. f.* Pico, período de mais intensidade, rechina. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rola** [RÓlɐ] *s. f.* Vagina. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**rolha** [RÓlɐ] *adj.* Ruim. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**rombo, a** [RÓbu, -ɐ] *adj.* Estragado. *A agulha já tá romba.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**ronca** [RÓkɐ] *s. f.* Instrumento musical, feito a partir de uma quarta furada no fundo e com a boca tapada com pele de coelho, com uma cana enfiada, que produz um som semelhante a um ronco. Esta é usada na noite de Natal, quando se anda de casa em casa a pedir as filhós. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**ronha** [RÓɲɐ] **1.** *s. f.* Preguiça. **2.** *s. f.* Doença que ataca o gado ovino, sob o efeito da qual cai a lã. (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**ropa-de-baxo** [RÓpɛdibáʃu] *s. f.* Roupa interior. (alt. fon. D.A.C.)

**ropa-de-trazer** [RÓpɛditɾɛzɛr] *s. f.* Roupa de usar no trabalho ou por casa.

**ropa-velha** [RÓpɛvɛlɐ] *s. f.* Iguaria confeccionada a partir de restos de couves, batatas e bacalhau cozidos, típica do almoço do dia de Natal. (alt. fon. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rosa d'Alexandria** [RÓzɛdɛlɪʃɛdríɐ] *s. f.* Espécie de rosa, cujas pétalas são usadas para lavar os olhos, cujo nome científico é *Rosa centifolia* (L.) Regel.

**rosa-albardera** [RÓzɛɫbɛrdɛrɐ] *s. f.* Espécie de rosa que surge nos campos, designada vulgarmente como peónia. (reg. de Portugal, alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rosca** [RÓʃkɐ] **1.** *s. f.* Bebedeira. *Já tás c'a rosca, já nem oves nada.* **2.** *adj.* Matreiro; que fica sempre à espera que os outros façam o serviço que lhe compete a si. *Tenho uma colega qu'ê cá uma rosca!* (1. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.) (2. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**rotar** [ROTár] *v.* Arrotar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rote** [RÓti] *s. m.* Arroto. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rua chea sem ninguém** [Rúɐʃɛsɛñĩgɛ] *exp. idiom.* Criatura que parece ser uma grande coisa, mas na realidade não é nada; alguém que tem uma aparência que se destaca, mas que é desprovido de essência.

**rubiola** [RubjÓlɐ] *s. f.* Rubéola. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**rule** [Rúli] *s. f.* Pedra que se lança no jogo da macaca.

## S

**sã más do c'as benditas almas!** [sɛmázdukɛzbɛdítɛzázɫmɛʃ] *exp. idiom.* Expressão utilizada para designar uma grande quantidade.

**sabã-da-bruxa** [sɛbɛdɛbrúʃɐ] *s. m.* O. m. q. *mel-de-bruxa.*

**sábio** [sábju] *s. m.* Tipo de barro branco que se tirava dos poços, saibro. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sabola alvarrã** [sɛbólaɫvɛrɛ] *s. f.* Cebola albarrã; planta cujo nome científico é *Urginea maritima* (L.) Baker. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sabugo** [sɛbúgu] *s. m.* Rabo. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**sachenero** [sɛʃinɛru] *s. m.* Talhante. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**sachina** [sɛʃinɐ] **1.** *s. f.* Chacina; grande quantidade de mortes. **2.** *s. f.* Salcicharia, talho onde se vende carne de porco. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**sacrefiço** [sɛkrifíʃu] *s. m.* Sacrifício. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**saфра** [sáfrɐ] *s. f.* Utensílio de ferro usado para afiar as gadanhas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**saфrenho, a** [səfrɛ̃nu, -ɐ] *adj.* Habitante da parte norte do concelho de Marvão, da Sáfra.

**saída** [sáidɐ] *adj. f.* Diz-se das fêmeas que andam com o cio, aluadas. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**sair fora dos testos** [sáirfórɔduʃtɛʃtuʃ] *exp. idiom.* Não ir ao encontro das suas ideias. *Nã me dô bem qu'aquele padre, ele sai fora dos mês testos.*

**sajunar**<sup>526</sup> [səʒunár] *v.* Tomar o pequeno almoço.

**salamanca** [sələmɛ̃kɐ] *s. f.* Salamandra. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**salamantega**<sup>527</sup> [sələmɛ̃tɛgɐ] *s. f.* O. m. q. *salamanca*.

**salamim** [sələmí] **1.** *s. m.* Celamim. Antiga medida de capacidade, equivalente à décima sexta parte de um alqueire, que servia para pesar grão, sal... **2.** *s. m.* O próprio objeto que serve para medir essa capacidade. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**salão dos cabrerros** [sələ̃w̃duʃkəbreruʃ] *s. m.* Laje localizada no cimo da Penha do Corvo (Escusa), onde diziam que os cabreiros aprendiam a bailar.

**salapismo/ sanapismo** [sələpízmu]/ [sənəpízmu] *s. m.* Pessoa que não tem muita iniciativa, acanhada.

**salea** [sələɛ] *s. f.* Azaleia, espécie de flor, também designada por azálea, cujo nome científico é *Rhododentron indicum L.* (alt. fon. D. H./ alt. fon. D.C.F. /alt. fon. D.A.C.).

**saltadoro** [saɫtədóru] *s. m.* Local onde se salta uma parede, no qual existem pedras salientes para auxiliar o salto. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**saluçar** [səlusár] *v.* Soluçar. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**saluço** [səlúsu] *s. m.* Solução. (D.H./ D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**salvar** [saɫvár] *v.* Passar sem tocar. *Salvê a parede e foi enquanto me lá pus.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**samarra** [səmárɐ] **1.** *s. f.* Película que envolve a espiga do milho. *As samarras sã boas para detar às cabras.* **2.** *s. f.* Avental de pele usado na ceifa para proteger o corpo. (1. reg. do Alentejo D.H./ alt. sem. D.C.F./ reg. do Alentejo D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**sameação** [səmʒəsɛ̃w̃] *s. f.* Sementeira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**samear/ sameer** [səmjár]/ [səmjér] *v.* Semear. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**samessuga/ semessuga** [səmisúgɐ]/ [simisúgɐ] *s. f.* Sanguessuga. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**samuscar** [səmuʃkár] *v.* Chamuscar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sancada** [sɛ̃kádɐ] *s. f.* Passo largo, o. m. q. *escanchada*.

**sancalhada** [sɛ̃kɐláɔɐ] *s. f.* O. m. q. *escanchada*.

**sandalha** [sɛ̃dálɐ] *s. f.* Sandália. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sangrar** [sɛ̃grár] *v.* Fazer regos num terreno para escoar a água. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**santeio** [sɛ̃tɛ̃ju] *s. m.* Centeio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**santopea** [sɛ̃tupɛ̃ɐ] *s. f.* Centopeia. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sapatera** [səpətɛ̃ɐ] *adj.* Diz-se das azeitonas de conserva que estão moles e não sabem muito bem. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>526</sup> Cfr. Castelhana “desayunar”.

<sup>527</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como “salamântega”.

**saragacinha** [səɾəgəʃiɲə] *s. f.* Sargacinha. Erva parecida ao sargaço, que deita uma flor azul e serve para curar as feridas, cujo nome científico é *Lithodora prostrata* (Loisel). (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg. do Alentejo, alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sargaço** [səɾəgásu] *s. m.* Sargaço, cujo nome científico é *Cistus monspeliensis* L.. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**saragoça** [səɾəgósə] *s. f.* Tipo de tecido, de textura grossa. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**saranda** [səɾédə] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**sarangonhar** [səɾəgɔɲár] *v.* Deambular; matar tempo. *Não tens o trabalho acabado e andas a sarangonhar.*

**sarda** [sárdə] *s. f.* Animal rastejante, parecido à lagartixa, mas mais bravo; osga. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**sarpelhera** [səɾpɨléɾə] *s. f.* Serapilheira, tipo de tecido, usado essencialmente para a confeção de sacas. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sarradelo** [səɾədélɨ] *s. m.* Serradela, tipo de erva cujo nome científico é *Ornithopus sativus* (Dufour) Dostal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sarrão** [səɾéw̃] *s. f.* Bolsa de pele em que os pastores levavam a comida. (D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**sarrero, a**<sup>528</sup> [səɾéru, -ə] **1. adj.** Bravo; que nunca foi domesticado. **2. adj.** Diz-se da besta que é nova e ainda não fez mudas de dentes.

**sarril**<sup>529</sup> [səɾí] *adj.* O. m. q. *sarrero*.

**sarvente** [səɾvéti] *s. m.* Servente. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sastefeto, a** [səʃtífétu, -ə] *adj.* Satisfeito. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sastesfação** [səʃtiʃfəséw̃] *s. f.* Satisfação. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**saúde e biskas!**<sup>530</sup> [səúdiβiʃkəs] *exp. idiom.* Expressão equivalente a E a vida continua!

**seara** [sjáɾə] *s. f.* Remessa, quantidade. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**sebostero** [sibuʃtéru] *s. m.* Reposteiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**seca** [séka] *adj.* Diz-se da casa que não tem quintal ou terreno à volta. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**seca-adeegas** [sékadégəs] *adj.* Que bebe muito e aguenta.

**secadero** [sikədéru] *s. m.* Secador. Lugar onde se colocam as castanhas a secar. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**secretário, a** [sikritárju, -ə] *adj.* Que guarda segredo. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**segundas** [sigúðəs] *s. f.* Espárias, secundinas. (alt. fon. D.H./ alt. fon., D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**segundera** [sigúderə] **1. adj.** Diz-se da fêmea que pare pela segunda vez. **2. adj.** Diz-se da cortiça que é tirada pela segunda vez, após a retirada da cortiça virgem. (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**segurar-se** [sigurársi] *v.* Poupar. *É a tal coisa d'agente se segurar e ñã comprar o que l' apetece.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**seguro, a** [sigúru, -ə] *adj.* Poupado; forreta. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**selada** [siládə] *s. f.* Salada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**selado, a** [siládu, -ə] *adj.* Diz-se do burro que tem as costas avagadas. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**sem avanar as orelhas** [səɛvənárɛzɔréʎəs] *exp idiom.* Sem hesitar. *Agarrou-se a fazer o trabalho*

<sup>528</sup> Cf. Castelhana “cerrero”.

<sup>529</sup> SILVA, 1948 regista este vocábulo como provincianismo do Alentejo.

<sup>530</sup> SILVA, 1948 regista “saúde ... e biskas” e com uma aceção diferente.

*sem avanar as orelhas.*

**semanta** [simẽtɐ] *s. f.* Surra; sova.

**semelhença** [similẽsɐ] *s. f.* Imitação. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**sementero** [simẽtɛru] *s. m.* Bolsa feita de uma saca, que serve para transportar a semente para semear. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sementinhas** [simẽtĩnɐ] *s. f. pl.* Erva-doce, cujo nome científico é *Pimpinella anisum L.*

**senel** [sinɛl] *s. m.* Sinal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sengue** [sẽgi] *s. m.* Sangue. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**senhor** [sĩnɔr] *s. m.* Marido. (D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**senisga/ sunisga** [sinĩzɔɐ]/ [sunĩzɔɐ] *s. f.* Pessoa pequena. (reg. do Alentejo D.H./ reg. D.C.F.) / (reg. do Alentejo, alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**sepcémia/ sepcenha** [sepsẽmjɐ]/ [sepsẽjɐ] *s. f.* Septicémia, doença que afeta o sangue. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ser amante** (de) [sɛrɐmẽti] *exp. idiom.* Gostar de; apreciar. *Sô poco amante de peixe.* (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.<sup>531</sup>)

**ser amigo** (de) [sɛrɐmĩgu] *exp. idiom.* Gostar de; ter prazer em. *Ele é munto amigo de trabalhar.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**ser bom d'abocar** [sɛrbõdɐbukár] *exp. idiom.* Ser de fácil trato; ter bom feitio. *Ela nunca foi boa d'abocar.*

**ser com' a máquena do Ti Zé Badana, que fez umas calças enquanto a procissão deu a volta** [sɛrkõmɐmákinɐdutizɛbɛdẽnɛkifézũmɐ]kálɐsɛzɛkwɛtuɐprosisẽwɛdɛwɛvóɬtɐ] *exp. idiom.* Expressão aplicada quando se quer caracterizar alguém como muito despachado, muito rápido.

**ser com'a caminete da carrera a fugir** [sɛrkõmakaminɛtidɛkɛrɛrafuzĩr] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando se presencia a realização de uma atividade com rapidez. *Ela escreve depressa, é com'a que é a caminete da carrera a fugir.*

**ser com'a magarça** [sɛrkõmamɛgársɐ] *exp. idiom.* Ser mau, ruim. *Ês tão mau, qu'ês com'a magarça.*

**ser com'ós burros de Borba, que, quando descansam, acarretam água** [sɛrkõmɔzɐbũru]dibórbɛkikwɛdudĩ]kɛsẽwɛkɛrɛtẽwágwɐ] *exp. idiom.* Nunca estar parado.

**ser das quintas** (de) [sɛrdɛ]kĩtɐ] *exp. idiom.* Ter nascido no mesmo ano. *O João e o Manel são das minhas quintas.*

**ser de plérias** [sɛrdĩplɛrjɐ] *exp. idiom.* Ser engraçado.

**ser formoso, a** (em) [sɛrfurmózu, -ózɐ] *exp. idiom.* Fazer algo bem. *Ela é formosa no cantar.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**ser más arreganhado qu'um cão de caça** [sɛrmázɐrĩgɐnádúkũkẽwɛdikásɐ] *exp. idiom.* Expressão que se utiliza quando alguém é muito friorento.

**ser más calado c'ó tocinho assado** [sɛrmá]kɛládúkutosĩnɐsádu] *exp. idiom.* Ser muito calado. *Eh caramba! O mê marido é más calado c'ó tocinho assado!*

**ser o ai Jasus** [sɛruájzɛzúz] *exp. idiom.* Ser o encanto de; o alvo de todas as atenções. *Aquela menina agora é o nosso ai Jasus.*

**ser pão com mel** [sɛrpẽwɛkõmɛl] *exp. idiom.* Ser fácil, ser favas contadas. *Este trabalho é pão com mel.*

<sup>531</sup> Os três registam apenas “amante”.

**ser quinto** [sérkítu] *exp. idiom.* Ser do mesmo ano na incorporação militar. *O tê pai é mê quinto.*

**ser um ai que t' avias** [sérũájktevíeʃ] *exp. idiom.* Ser rápido. *Só tens d'encontrar o siite, depois é um ai que te avias.*

**ser um bocadinho de pão** [sérũbukẽđĩjudipẽw] *exp. idiom.* Ser muito bom. *Tu tás bem, o tê patrão é um bocadinho de pão!*

**ser um moro pro trabalho** [sérũmórurpõtřebálu] *exp. idiom.* Trabalhar muito. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.<sup>532</sup>)

**ser uma casca d'alho que nã vale nada** [sérũmøkákãkẽdálukinẽválnádẽ] *exp. idiom.* Expressão utilizada para designar algo que não tem muito valor ou que está próximo do fim da sua vida útil. *S'ê morrer, já nã faz mal, já sô uma casca d'alho que nã vale nada.*

**serão** [serẽw] *s. f.* Bolsa grande, feita de esparto, que se punha por cima das bestas de carga. (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.)

**seroído, a** [siróju, -e] *adj.* Diz-se das culturas que dão mais tarde, serôdio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**serventia** [sirvẽtiẽ] *s. f.* Vagina dos animais. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**servidẽum** [sirvidẽw] *s. f.* Caminho público estreito, que dá acesso a vários prédios. (alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**servir-se (de)** [sirvírsi] *v.* Abusar sexualmente de uma fêmea. *Chegô aí, serviu-se dela e depôs nunca más le disse nada.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**sestinas** [sĩʃtĩnẽʃ] *s. f. pl.* Petúnias, espécie de flor, cujo nome científico é *Petunia hybrida* Lutke WK.

**Sete-estrela** [sẽtĩʃtrẽlẽ] *s. m.* Sete-Estrela, Plêiades, uma constelação. *“O Sete-Estrela vem alãim e o cajado vem na volta, e a menina nã me quer, porque tenho a minga torta”.* (alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sezema** [sizẽmẽ] *s. f.* Eczema. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**siguro, a** [sigúru, -e] *adj.* Avarento; forreta. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**silval** [silvã] *s. m.* Aglomerado de silvas, silvado.

**sim senhora** [sĩsĩjórẽ] *exp. idiom.* Expressão que funciona como um bordão de fala indicativo de anuência e afirmação.

**sim** [sĩ] *prep.* Sem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**simpáteco, a** [sĩpátiku, -e] *adj.* Simpático. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**simples** [sĩplĩ] *s. f.* O. m. q. *quente.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**sinais** [sinãjʃ] *s. m. pl.* Tipo de toque dos sinos da igreja, indicativo da morte de alguém nascido ou residente na terra. *Tô a ovir fazer sinais, quem é que terá morrido?* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**slenço** [slẽsu] **1.** *s.m.* Silêncio. **2.** *adj.* Silencioso. *O cantar da mea-note é um cantar munto slenço.* (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**sobrecama** [sobrikẽmẽ] *s. f.* Sobrecâmara, sótão. (alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**sobretudo de madeira** [subritududimẽdẽrẽ] *exp. idiom.* Caixão; urna.

**sogra** [sógrẽ] *s. f.* Pano usado para levar os cântaros à cabeça. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**sogras-noras** [sógrẽʒnórẽʃ] *s. f.* Planta cujas flores se encontram voltadas de costas umas para as outras. O seu nome científico é *Hippeastrum striatum* (Lam.) Moore.

**soidades** [sojdádiʃ] *s. f. pl.* Saudades. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>532</sup> Nos três dicionários, apenas está registado “mouro”.



**soldador** [sɔɫdədór] *s. m.* Curandeiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

**soloso** [sulózu, -óze] *adj.* Sujo.

**soltar petaneras**<sup>533</sup> [sɔɫtárpetenéreʃ] *exp. idiom.* Dizer disparates, dizer algo que não vem ao encontro do que se está a conversar. *Vale más tares calado, tás só a soltar petaneras.*

**somblante** [sõbléti] *adj.* Sonâmbulo.

**sonso, a** [sósu, -e] *adj.* Insosso. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**sopapo** [supápu] *s. m.* Murro; soco; bofetada. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**sordilho** [sordílu] *s. m.* Espécie de pássaro de tamanho pequeno, que acudia à torna quando se andava a lavrar, em busca de bichos para se alimentar. Vulgarmente é conhecido por cartaxo, sendo o seu nome científico *Saxicola rubicola L.*

**sorte** [sórti] *s. f.* Parcela grande de terreno, folha. (reg. de Portugal D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**soto** [sótu] *s. m.* Sótão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sovaco** [suváku] *s. m.* Surpresa. *Apanhê-me de sovaco, até m'assutê.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**sovela** [suvéle] *adj.* Forreta. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**sovra** [sóvræ] *adj.* Referente a sobreira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sovro** [sóvru] *s. m.* Sobro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**suã** [swẽ] *s. f.* Espinha dorsal dos porcos. (reg. de Portugal D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**subir o cascalho** [subírukeʃkálu] *exp. idiom.* Irritar-se. *Inda banã, subi-le o cascalho e respondê-le mal.*

**subside/ subsil** [subsídi] [subsíʃ] *s. m.* Subsídio. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**súcia** [súsje] *s. f.* Grupo; parceria. *Nã gosto de beber sozinho, só em súcia.* (D.H./ reg. D.C.F./ reg. do Minho D.A.C.)

**suciar** [susjár] *v.* Beber em conjunto com. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**suízo** [suísu] *s. m.* Patilha; suíça. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**sujedede** [suzidédi] *s. f.* Sujidade. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sujetação** [suzetəsẽw] *s. f.* Capacidade de guardar um segredo. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**sujeto, a** [suzétu, e] **1.** *s. f.* Fulano. Designação informal, algo pejorativa, com que se faz referência a alguém cujo nome se ignora ou não se menciona. *Aquela sujeta é que m'atendeu lá nos Correios.* **2.** *s. f.* Namorado. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**sulano** [sulẽnu] *adj.* Tipo de vento quente, que sopra do sul para sudeste e é muito nocivo para as culturas, suão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**sulterada** [suɫteráde] *s. f.* Diarreia.

**sultura** [suɫtúre] *s. f.* Diarreia. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**suquepa** [suképe] *s. f.* Socapa. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**surbeca** [surbéke] *s. f.* Surrobeca; tipo de tecido. (reg. de Portugal, alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**survir** [survír] *v.* Servir. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**substância** [suʃtẽze] *s. f.* Energia; robustez. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

<sup>533</sup> Cfr. Castelhana “salir por peteneras”.

**sustém**<sup>534</sup> [suʃtẽ] *s. f.* Sutiã.

**sustentativo, a** [suʃtẽtativu, -v] *adj.* Que sustenta; sustentador. *A cerveja é uma bebida sustentativa.*

**suvão** [suvẽw] *s. m.* O porco que engorda mais cedo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.)

## T

**tã** [tẽ] *adv.* Então. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tabarro**<sup>535</sup> [tɛbãru] *s. m.* Mosca grande e comprida que pica os animais e os humanos. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**tablero** [tɛblɛru] *s. m.* Tabuleiro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tal ó quei** [tãłkɛj] *exp. idiom.* Mais ou menos; assim assim. *Como andava tal ó quei, decidi começar a limpeza.*

**talagão** [tɛlɛgẽw] *s. m.* Pessoa grande.

**talefo** [tɛléfu] *s. m.* Marco geodésico situado no cimo de monte. (reg., alt. fon. D.C.F.)

**talegada/ talegueda** [tɛlegádɐ]/ [tɛlegédɐ] *s. f.* Pequena porção existente no fundo de um saco. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**talegas** [tɛlégɛʃ] *s. f. pl.* Seios de grande volume.

**talego** [tɛlégu] **1.** *s. m.* Saco que contém uma pequena porção. **2.** *s. m.* Saco normalmente feito de linho, usado unicamente para levar o trigo para o moinho e de lá trazer a farinha. (1. alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**talequẽum/ talicão** [tɛlekẽw]/ [tɛlikẽw] *s. m.* Pedaco de pau que fica na terra quando se faz a poda ou quando se corta algo sem ser rente. (reg., alt. fon., alt. sem. D.C.F.)/ (reg., alt. sem. D.C.F.)

**talera** [tɛlére] *s. f.* Constituinte da carroça, taleira. (alt. fon., alt. sem. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**talhada** [tɛláde] *s. f.* Fatia (de queijo, carne, melancia...). *O mê lancho é uma fatia de pão e uma talhada de tocinho.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**talhão** [tɛlẽw] *s. m.* Parcela de terra que fica por cima do arrife. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**talhar-se** [tɛlársi] *v.* Decompor-se. *Cozi o leite, mas ele talhê-se.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**talibã** [tɛlibẽ] *s. m.* Tipo de peixe de água doce de pequena dimensão.

**talisca** [tɛlíʃkɛ] *s. f.* Fatia fina. *Parte-me lá uma talisca de presunto.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**taloqueda** [tɛlokédɐ] *s. f.* Pancada. (reg. da Bairrada, alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**taludo, a** [tɛlúdu, -v] *adj.* Crescido; encorpado. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**tamém** [tɛmẽ] *adv.* Também. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tampero** [tɛpɛru] *s. m.* Tempero. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tamprado, a** [tɛprádu, -v] *adj.* Temperado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tamprar** [tɛprár] *v.* Temperar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>534</sup> Alteração do castelhano “sostén”.

<sup>535</sup> Cfr. Castelhano “tabarro”.

**tanaz/ tanaza** [tənáf]/ [tənázɐ] *s. f.* Tenaz. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tander** [tɛ́dɛr] *v.* Tender. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tanganhão** [tɛ̃gɐ̃nɐ̃w̃] *s. m.* Homem de estatura grande. (D.H./ D.C.F.)

**tanganho** [tɛ̃gɛ̃ɲu] **1.** *s. m.* Pau usado para bater o gado. **2.** *s. m.* Pau grande usado para manter o lume. (1.reg. D.H./ reg. D.C.F./ reg., alt. sem. D.A.C.) (2. reg. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**tanjarnera** [tɛ̃zɛ̃rnɛrɐ] *s. f.* Tanjerineira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tantar** [tɛ̃tár] *v.* Tentar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tapadera** [tɛpɛdɛrɐ] *s. f.* Tampa. (alt. sem. D.C.F.)

**tapar** [tɛpár] *v.* Cobrir, ter relações sexuais com, no contexto dos animais. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**tapona** [tɛpónɐ] *s. f.* Bofetada. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**tar c'o pica-pau** (de) [tárkupíkápáw] *exp. idiom.* Estar com intenção de. *Tô c'o pica-pau de cair a casa.*

**tar com linquentinas** [tárkõlíkĩtĩnɛʃ] *exp. idiom.* Querer meter os dedos nos olhos; querer convencer. *Tás pr'aí com linquentinas, mas o preço continua a ser o mesmo.*

**tar dado, a por mandecato** [tárdádupurmẽdikátu] *exp. idiom.* Deixar-se mandar por todos. *Com'ele é calmo, naquela fábreca tá dado por mandecato.*

**tar de cabeça ó abaxo** [tárdíkɛbɛsɛɔɐbáʃu] *exp. idiom.* Estar velho, prestes a morrer. *Ai filha, p'ro mê marido já tava tudo bom, já tava de cabeça ó abaxo!*

**tar de patas ó ar** [tárdipátɛzɔár] *exp. idiom.* Estar à beira da morte; estar mesmo mal. *Fui vê-lo ó hospitel, mas já tava de patas ó ar.*

**tar de vela** [tárdivɛlɐ] *exp. idiom.* Não conseguir dormir. *Toda a nôte tive de vela a ver passar as horas.* (D.C.F.)

**tar despedido** [tárdiʃpidídu] *exp. idiom.* Já não dar mais frutos. *O melancial já tava despedido este ano.*

**tar em estado** [tárɛʃtádu] *exp. idiom.* Estar grávida. *Andamos todos contentes, a nossa filha tá em estado.*

**tar fora da mulher** [tárfórɛdɛmulér] *exp. idiom.* Estar separado, divorciado. *Mora ali um estrangeiro, mas parece-me que tamém tá fora da mulher.*

**tar junto** (com) [tárzũtu] *exp. idiom.* Viver em união de facto. *Os mêz filhos nã se casarem, mas tã juntos.*

**tar na terra da verdade** [tárnɛtɛrɛdɛvirdádi] *exp. idiom.* Estar morto. *Côtado, já lá tá na terra da verdade!* (D.H.)<sup>536</sup>

**tar no rodeo** [tárnurudéu] *exp. idiom.* Diz-se das ovelhas quando estão à sombra, na hora de mais calor, com o focinho virado para o chão. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)<sup>537</sup>

**tar numa traça** [tárnũmɛtrásɐ] *exp. idiom.* Estar desejoso, ansioso. *Tô numa traça enquanto eles nã cheguem.*

**tar p'ra ter familia** [tárprɛtɛrfɛmíɛ] *exp. idiom.* O. m. q. *tar em estado.*

**taramas** [tɛrɛmɛʃ] *s. f. pl.* Chamiços, lenha miúda.

**tarimba** [tɛrĩbɐ] *s. f.* Cama feita a partir de uma estrutura de madeira com giestas por cima. (D.H./ alt.

<sup>536</sup> Regista apenas a expressão “terra da verdade”.

<sup>537</sup> De notar que a expressão não está registada em nenhum dos três dicionários, apenas “rodeio”.

sem. D.C.F./ D.A.C.)

**tarrafia** [təɾɐfíɸ] *s. f.* Pirraça; partida. (reg. D.C.F.)

**tarríval** [təɾíɸvɐɫ] *adj.* Terrível. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tartulho** [təɾtúɫu] *s. m.* Tortulho, cogumelo cujo nome científico é *Macrolepiota procera* (Scop) Singer. Os tartulhos são os que têm a calcinha. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tatalear** [tətɐɫjár] *v.* Balançar de bêbado.

**taverna** [təvɛrnɐ] *s. f.* Taberna. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**techote** [tɨʃótɨ] *s. m.* Dichote; piada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tel** [tɛɫ] *pron.* Tal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**telemóval** [tɛɫɐmóvɐɫ] *s.m.* Telemóvel. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**televisionero, a** [tlivizjunéru, -ɐ] *adj.* Diz-se daquele que vê televisão. *Ê cá nã sô munto televisionera!* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**telhedo** [tɛɫɛdu] *s. m.* Telhado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**telnro** [tɛɫnúru, -ɐ] *adj.* Tenro. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tem tato!** [tɛtátu] *exp. idiom.* Expressão equivalente a "Tem cautela!"; "Tem cuidado!".

**temão** [timɛw] *s. m.* Elemento constituinte do charrueco, timão. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**tempestada** [tɛpiʃtádɐ] *s. f.* Tempestade. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tempra** [tɛprɐ] *s. f.* Temperatura ideal para se cozerem os pães e os bolos. *O forno inda nã tem a tempra p'ó pão.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**temprão/ temprom, oa** [tɛprɛw/tɛpró, -óɐ] *adj.* Que amadurece mais cedo, temporão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tendal** [tɛdál] **1.** *s. m.* Pano do pão, com que se fazem os compartimentos para o colocar no tabuleiro. **2.** *s. m.* Tábua que se coloca por cima da altesa e na qual se tende o pão. **3.** *s. m.* Constituinte da carroça, onde enfiam os *borlotos*. (1. reg. de Trás-os-montes D.H./ reg. D.C.F./ reg. do Algarve D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (3. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**tenque** [tɛki] *s. m.* Tanque. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tentemoço** [tɛtimósu] *s. m.* Espera da carroça, pau em que esta se apoia quando não está atrelada à besta. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**ter as velas acesas** [tɛɾɐzvélɐzɛsɛzɐ] *exp. idiom.* Estar ranhoso. *Assoa lá o gaiato que já tem as velas acesas!*

**ter dura** [tɛrdúɾɐ] *exp. idiom.* Durar; aguentar. *Este tecido foi caro, mas tem munta dura.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.<sup>538</sup>)

**ter ementes (de)** [tɛremétiʃ] *exp. idiom.* Ter intenção de, ter intuito de. *Tenho ementes d'ir à festa este ano.* (alt. fon. D.H./ D.C.F.<sup>539</sup>/ alt. fon. D.A.C.)

**ter falho** [tɛrfáɫu] *exp. idiom.* Falhar, ser mal sucedido. *A partera teve falho naquele nascimento.*

**ter falta d' ovido** [tɛrfáɫɐdóvídu] *exp. idiom.* Ouvir mal, ser surdo. *Tens de falar alto qu'ela já tem falta d'ovido.*

**ter má cronha** [tɛrmákrɔɲɐ] *exp. idiom.* Ser antipático. *Nunca vô àquela loja, porque o dono tem má cronha.*

**ter manias com'a burra da ti Mari Temuda** [tɛrmɛniɐʃkõmabúɾɐdɛtimɛɾítimúde] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando alguém tem que fazer as coisas à força. *Tens manias com'a burra*

<sup>538</sup> Os três dicionários registam apenas “dura”.

<sup>539</sup> Só regista “mente”.

*da ti Mari Temuda, mas nã tens outro remeido, senã acabar isso.*

**ter na certeza** [térnɐsirtézɐ] *exp. idiom.* Acreditar. *Tenhas tu bem na certeza que o quê prometo nã falto.*

**ter o coração com'o d'um burro** [térukurɐsɛ̃w̃kõmõdübúru] *exp. idiom.* Ter bom coração. *Dali nunca esperes mal, ela tem o coração com 'o dum burro.*

**ter os dias incemados** [térudzíɛzĩsimáduʃ] *exp. idiom.* Estar a caducar, estar com a vida a acabar. *Essa amizade tamém tem os dias incemados.*

**ter os olhos invenagrados** [téruzóluzĩvinegráduʃ] *exp. idiom.* Estar bêbedo. *Olha o que deu a saída, já tem os olhos invenagrados!*

**ter pelo na venta** [térpélunɐvɛ̃tɐ] *exp. idiom.* Ser mau. *Nã te metas com ele, olha que tem pelo na venta.* (D.A.C.)

**ter que pagar a padera igual ós otros** [térkipegáɾɐpadéɾɛigwáɫõzótɾuʃ] *exp. idiom.* Não ser exceção; não haver discriminação. *Mêmo sendo rico, tem que pagar a padera igual ós otros, ora essa!*

**ter resgo** [térɾézgu] *exp. idiom.* Ser apreciado; ter valor. *Quando era novo, o mê marido tinha munto resgo.* (reg., alt. sem. D.C.F.<sup>540</sup>)

**ter uma joroba nas costas** [térũmɐzoróbɐnɐʃkõʃtɐʃ] *exp. idiom.* Gracejo que se usa a propósito de alguém que não gosta de trabalhar.

**terer/ tirar/ trer** [tirér]/ [tirér]/ [trér] *v.* Tirar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**teresinhas** [trizĩnɐʃ] *s. f. pl.* Tipo de erva, que dá uma flor cor-de-rosa, cujo nome científico é *Erigeron karvinskianus DC.* (alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. morf., alt. sem. D.C.F.)

**termenar** (a) [tirminár] *v.* Decidir; determinar. *Termenê a caiar a casa sozinha.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**teró** [teró] *s. m.* Pau forte que segura o *temão* ao *cepo*. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**terra-da-verdade** [térɐdɐvirdádi] *s. f.* Cemitério. (D. H.)

**terrea** [tiréɐ] *adj.* Diz-se da casa com um só piso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ D.A.C.)

**tesquiar** [tɨʃkjar] *v.* Tosquiar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**testereda** [tɨʃtɛɾɛdɐ] *s. f.* Cabeçada. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F.)

**testo** [téstu] *s. m.* Tampa. *Perdi o testo d'esta panela.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**testo-de-panela** [téstudipɐnɛlɐ] *s. m.* Bolo que não levedou e, por isso, ficou muito baixo.

**teto** [tétu] *s. m.* Teta. (reg. D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**tí** [tí] Forma de tratamento correspondente a "senhor"/"senhora". (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**tímado, a** [tímɐdu, ɐ] *adj.* Tímido. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tinau**<sup>541</sup> [tináw] *s. m.* Casão, espaço dedicado a arrecadação.

**tinjarina** [tɨʃɐrĩnɐ] *s. f.* Tangerina. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tinjarnera** [tɨʃɐrnɛɾɐ] *s. f.* Tangerineira. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tintelhẽum** [tɨtɨlɛ̃w̃] *s. m.* Tentilhão, tipo de pássaro cujo nome científico é *Fringilla coelebs L.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tio, a** [tíu, -ɐ] *s.* Designação usada por alguns enteados para designar o padrasto ou a madrasta. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

<sup>540</sup> Regista somente "resgo".

<sup>541</sup> Cfr. Castelhana "tinado".

**tioreca** [tjurékə] **1.** *s. f.* Prática. *Vocemecê já tem essa tioreca, depressa escreve o que dezemos.* **2.** *s. f.* Rotina. *É todos os dias aquela tioreca.* (1., 2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**tira-olhos** [tíróʎu] *s. m.* Libelinha, inseto cujo nome científico é *Oxygastra curtisii*, Dale. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**tirar a fala** [tirárefále] *exp. idiom.* Deixar de falar a alguém. *Terê-le a fala desde que me robô.*

**tirar as sortes** [tiráref[sórti]] *exp. idiom.* Ir às sortes; ir à inspeção médica com o objetivo de apurar os mancebos para cumprirem o serviço militar. *Fui tirar as sortes a Coimbra mais a rapaziada do mê tempo.*

**tirar pesquice** [tirárpi[kísi]] *exp. idiom.* Tentar saber; indagar. *Andô a tirar pesquice p'ra saber quem pescô o pego.*

**tirar semelhanças** [tirársimi[késeq]] *exp. idiom.* Imitar; tomar como modelo. *Antes de ter fêto a casa, terê semelhanças por uma lá da terra da minha filha.*

**tirente** [tiréti] **1.** *s. m.* Corrente que passa pelo balancim do charrueco. **2.** *s. m.* Suspensório. (1.alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.) (2.alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**tlevesêum** [tlivizéũ] *s. f.* Televisão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tô atrasado, tenho a carga trasera** [tóatrezáduťɛkárgetrezére] *exp. idiom.* Expressão utilizada para designar a intenção de ir defecar.

**tocera** [tosérev] **1.** *s. f.* Erva parecida à aveia, mas com a semente miúda. **2.** [tosérev] *s. f.* Tufo de erva. (1. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.) (2. alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**toio** [tóju] *s. m.* Genica; vivacidade. *Ando sem toio p'ra nada.*

**tomar o cordão** [tumárukurdéũ] *exp. idiom.* Tradição praticada na aldeia de Porto da Espada, que consiste numa penitência da mulher no dia 25 de março (dia da Sra. da Encarnação).

**tomar sentido**<sup>542</sup> [tumársétidu] *exp. idiom.* Ter cuidado, atenção. *Toma sentido, senã ainda te amolas.*

**tomar soberba** [tumársubérbv] *exp. idiom.* Aumentar; piorar (a doença). *O cobro tem tado a tomar soberba, já l'apanha o braço todo.*

**tomara que** [tumárekí] *int.* Oxalá. (alt. sem. D.H./ D.C.F.<sup>543</sup>/ D.A.C.)

**tomar-se (de)** [tumársi] *v.* Ficar imobilizado. *Tomô-se das pernas e teve de dexar de trabalhar.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**tondo** [tôdu] *s. m.* Pano utilizado na colheita da azeitona. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**tonho, a** [tôpu, -v] *adj.* Bêbedo. (alt. sem. D.C.F.)

**topar** [tupár] *v.* Gostar de; simpatizar com. *Ele nã me topa, mas tem de m' aturar.* (reg. do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**toque** [tôki] *s. m.* Música. Aquele que interpreta a música; tocador. *Hoje o balho é bom, porque o toque também é bom.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**toqueroso** [tukerózu, -óze] *adj.* Diz-se da madeira que está podre.

**torção/ troção** [turséũ]/ [truséũ] *s. m.* Terçolho; terçol. (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)/ (alt. fon. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**toreda** [toréde] *s. f.* Tourada. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**torêum** [toréũ] *s. m.* Tourão, também conhecido como furão, cujo nome científico é *Mustela*

<sup>542</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.

<sup>543</sup> D.H. e D.C.F. só registam a entrada “tomar”.

*putorius L.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**torna** [tórɲɐ] *s. f.* Parcela de terra. (reg. de Portugal D.H./ reg. D.C.F./ reg. D.A.C.)

**tornador** [turnədór] *s. m.* Parte de terra usada para mudar a água de um lado para outro aquando da rega. (alt. sem. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tornero, a** [turnéru, -ɐ] **1. adj.** Torto, teimoso. **2. adj.** Pouco inteligente. (1. reg. de Portugal, alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ reg., alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**torta** [tórɲɐ] *s. f.* Bebedeira. (reg. de Portugal D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**tortulho molguero** [turtúluɲoʎéru] **1. s. m.** Tortulho. Quando se anda aos tortulhos, é frequente entoar-se a seguinte pergunta: *Tortulho molguero, onde tá o tê companhero?* **2. s.m.** Pessoa tonta.

**torva** [tórɲɐ] *s. f.* Espécie de poço, para o qual se deita a azeitona, que daí é conduzida através de um sem-fim. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**tosquia** [tuʃkiɐ] *s. f.* Desforra. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**totena** [totéɲɐ] **1. adj.** Parvo; com pouca iniciativa. *O filho do Jeremias é um totena.* **2. adj.** Sem jeito. *A fala da Escusa é uma fala totena.*

**trabalhar a seco**<sup>544</sup> [trɐbɐláɾɐsékɐ] *exp. idiom.* Trabalhar segundo um tipo de contratação que não prevê o fornecimento de comida.

**trabalhar de saco aviedo** [trɐbɐláɾɐsákɐvjeðu] *exp. idiom.* Trabalhar a semana fora. *Cand'era novo, andê sempre a trabalhar de saco aviedo.*

**traboia** [trɐbójɐ] *s. f.* Utensílio usado para lavrar com bestas ou vacas.

**traça** [trásɐ] *s. f.* Desejo; ânsia. *Tem andado numa traça c'a vinda dos primos.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**tragão, ona**<sup>545</sup> [trɛgɐw, -õɲɐ] *adj.* Comilão.

**trambelho** [trɐbélu] **1. s. m.** Ação; jeito. *Estou já sem trambelho p'a trabalhar.* **2. s. m.** Lógica. *Já nã consegue conversar com trambelho.* (1. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ reg. D.C.F./ D.A.C.)

**tramoia** [trɐmójɐ] *s. f.* Cilada. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**trampa** [trɛpɐ] *s. f.* Porcaria; imundice. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**trampete** [trɛpétɪ] *s. f.* Trompete. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tramposo, a** [trɛpózu, -óɲɐ] *adj.* Que mete nojo; sujo. (alt. sem. D.H./ D.C.F.)

**tranca** [trɛkɐ] *s. f.* Bebedeira. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**trancada** [trɛkádɐ] *s. f.* Paulada. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**trancalho** [trɛkálu] *s. m.* Peçaço grande. *Hoje o almoço é sopa de bajas ós trancalhos.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**transeter** [trɛzitéɾ] *v.* Transitar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**trapalhão, ona** [trɐpɐlɛw, -õɲɐ] *adj.* Aldrabão; mentiroso. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**trasero** [trɛzéru] *s. m.* Rabo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**trastes** [trástɪs] *s. m. pl.* Objetos que não têm utilidade, só empecilham. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**tratador, era de vida** [trɛtədór, éɾɛdivíðɐ] *exp. idiom.* Trabalhador; que procura singrar na vida. A

<sup>544</sup> SILVA, 1948 regista esta expressão.

<sup>545</sup> Cfr. Castelhana “tragón”.

*fábrica fechô, mas ela depressa arranja outro trabalho, ela é tratadera de vida.*

**travita** [trɛvítɐ] *s. f.* Utensílio feito de pau, onde se enfia o *relho* para apertar a sobrecarga. (alt. fon. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**trazer companhia** [trɛzérkõpɐniã] *exp. idiom.* Vir bêbado.

**trazer uma gaita** [trɛzérúmɛgájtɐ] *exp. idiom.* Não caçar nada. *Levantaste-te cedo p'ra nada, troxeste uma gaita.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**trebunel** [tribunɛɫ] *s. m.* Tribunal. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tregueda/ trigada** [trigédɐ]/ [trigádɐ] *s. f.* Campo de trigo. (alt. fon., alt. morf. D.H./ reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.H./ reg. D.C.F.)

**treguera** [trigérɐ] *s. f.* Risca. (reg., alt. fon. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**trelder** [trilér] *v.* Trilhar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**trepá** [trɛpɐ] *s. f.* Pássaro pequeno que trepa pelas árvores, mais conhecido como trepadeira-comum, cujo nome científico é *Centhia brachydactyla Brehm.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**trer a mama** [trérɛmémɐ] *exp. idiom.* Desmamar, tirar a mama.

**tresantontim/ tresontontem** [trizẽtõti]/ [trizõtõté] *adv.* Trasantontem. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**trevisca** [triví[kɐ] *s. f.* Trovisco, arbusto muito tóxico, usado na pesca ilegal para envenenar os peixes, mas também para atar às patas dos animais para os curar da diarreia. O seu nome científico é *Daphne gnidium L.* (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F. / alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**troça** [trõsɐ] *s. f.* Fatia grande. *O mê jantar é uma sopa e uma troça de pão com zetonas.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**troca-bolas** [trókɐbólɐ] *s. m.* Trapalhão.

**trocer** [trusér] *v.* Torcer. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**troço** [trõsu] *s. m.* Tronco, ramo. *Caía a rama, ficavam os troços.* (D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**troçolho** [trusólɐ] *s. m.* O. m. q. *torção.* (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**trogalhero, a** [trugɛléru, -ɐ] **1. adj.** Espalhafatoso; mal vestido. **2. adj.** Tonto. (1. alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F.<sup>546</sup>) (2. alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F.)

**trogalhice** [trugɛlísɪ] *s. f.* Mentira, engano. *Tá calado! Nã tejas com trogalhices!*

**trogalho** [trugáɫɐ] *s. m.* Pessoa espalhafatosa, mal vestida. (D.H./ reg., alt. sem. D.C.F.)

**trogalho-da-mea-nôte** [trugáɫudɛmɛnótɪ] *s. m.* Tonto.

**tromenta** [trumɛtɐ] *s. f.* Trovoada, tormenta. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tropeço** [trupésu] **1. s. m.** Pessoa que se deixa cair facilmente. **2. adj.** Coxo. **3. s. m.** Banco com três pernas, feito com cortiça; tripeça. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.) (3. reg. do Alentejo, alt. sem. D.H./ reg., D.C.F./ reg. D.A.C.)

**troxas** [trõsɐʃ] *s. f. pl.* Seios de grande volume. (alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. morf., alt. sem. D.A.C.)

**tu fechas a navalha e calas-te** [tufɛʃɛzɛnɛválikálɛʃti] *exp. idiom.* Expressão utilizada para reforçar a passagem de alguém ao silêncio.

**tuberculosa** [tubɛrkulózɐ] *s. f.* Tuberculose. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**tufar** [tufár] *v.* Brotar. *Vês ali a água a tufar?* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

<sup>546</sup> Contudo, ambos os dicionários só se reportam à mulher.



**tulha** [túlʎe] **1.** *s. f.* Recipiente de cimento onde o vinho vai a cozer. **2.** *s. f.* Pessoa que bebe muito e aguenta. (1., 2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**tupido, a** [tupídu, -ɐ] *adj.* Entupido. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.A.C.)

## U

**um corpo sem denhero é um corpo sem sengue.** [ũkórpusẽdipéruẽũkórpusẽsẽgi] Adágio usado quando se pretende destacar a importância do dinheiro.

**unde** [ũdi] *conj.* Quando. Und 'ele vindo, partimos o bolo. (alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**unha-gata** [ũpɛgátɐ] **1.** *s. f.* Tipo de erva daninha, que produz pequenas bolas de picos que facilmente se agarram ao pelo dos animais e à roupa. **2.** *s. f.* Vagem nova, acabada de se formar. (1. D. H./ D.C.F./ D.A.C.) (2. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**úrcela/ urscla** [úrsilɐ] / [úrʃklɐ] *s. f.* Úlcera. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**urenadela** [urinɛdélɐ] *s. f.* Mijadela. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F.)

**urinas** [urínɛʃ] *s. f. pl.* Rins. *Agora tenho pedra nas urinas.* (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**urinér** [urinér] *v.* Urinar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**user** [uzér] *v.* Usar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**uvar** [uvár] *v.* Uivar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

## V

**vaca-lora** [vákɛlóɾɐ] *s. f.* Inseto de coloração preta com riscas cor-de-laranja, também conhecido como arrebenta-bois, cujo nome científico é *Berberomeloe majalis* L.. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vagom** [vagó] *s. m.* Vagão. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**valagão** [vɛlɛgõ] *s. m.* Zona de terra muito húmida, que normalmente produz mais erva.

**valentário, a** [vɛlɛtárju, ɐ] *adj.* Voluntário. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vander** [vɛdér] *v.* Vender. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vão** [vẽw] *s. m.* Balanço. *Tomê vão e salvê a rebera.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**varal** [vɛrál] **1.** *s. m.* Constituinte da carroça, que corresponde a um dos paus que ladeiam a besta. **2.** *s. m.* Vara da nora. **3.** *adj.* Diz-se da pessoa que não gosta de trabalhar, só vive do expediente. (1. D.H./ D.C.F./ D.A.C.) (2., 3. alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**vardascada** [vɛrdɛʃkádɐ] *s. f.* Agressão física posta em prática com uma vara. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vareta** [vɛréte] *s. f.* Diarreia. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.<sup>547</sup>)

**variado, a** [vɛrjédu, ɐ] *adj.* Maluco. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**varja** [várʒɐ] *s. f.* Várzea, zona de terreno direito. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

<sup>547</sup> D.A.C. regista “andar de vareta”.

**varjola** [vɐɾʒólɐ] *s. f.* Zona do leito do rio onde se pode passar a pé.

**varredor** [vɐɾidór] *s. m.* Vassouro usado para limpar o forno, feito de giesta ou outro arbusto. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**varunca** [vɐɾúŋɐ] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher. (D.C.F.)

**vasca** [váʃkɐ] *s. f.* Birra; amuo. *Dêxa-o, já tá c'a vasca.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**vasculhoso, a** [vɐʃkulózu, -óʒɐ] *adj.* Que vasculha tudo; que bisbilhota tudo; cuscovilheiro.

**vaso** [vázɐ] *s. m.* Penico. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**vasquento, a** [vɐʃkétu, -ɐ] *adj.* Birrento; maluco.

**vassoro** [vəsóru] *s. m.* Molho de pequenos ramos atados, que servem para varrer o forno de lenha. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vazar a tripa** [vɐzárɐtrípɐ] *exp. idiom.* Defecar.

**vela acesa** [vélasézɐ] *exp. idiom.* Ranho que, ao escorregar do nariz, assume a forma da chama de uma vela. *Cotadinho do cachepinho, anda c'a vela acesa.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.<sup>548</sup>)

**velheco, a** [viléku, ɐ] *adj.* Mau; nocivo. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**venanoso, a** [vinɐnózu, óʒɐ] *adj.* Venenoso. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vencer** [vɛsér] *v.* Levar; viver. *Nã pode vencer esta vida assim.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**venda** [vɛdɐ] *s. f.* Pequena mercearia, geralmente ladeada por uma taberna, onde se compram os bens de primeira necessidade. (reg. do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**vender à carga cerrada** [vɛdérakárgɐsɪrádɐ] *exp. idiom.* Vender a olho, sem peso nem medida.

**vender lampanas** [vɛdérlepɐnɐʃ] *exp. idiom.* Travar conversas de pouca importância.

**vender os olhos d'água e ninguém os comprar** [vɛdérúzɔʎuzdágwɛiniŋgɛuʃkõprár] *exp. idiom.* Expressão utilizada quando alguém diz que sabe muito e, afinal, não sabe nada. *Teve p'ra lá a falar, mas vendeu os olhos d'água e ninguém os comprô.*

**venegre** [vinégri] *s. m.* Vinagre. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**veneta** [vinétɐ] *s. f.* Zanga; aborrecimento. *Dê-le a veneta e batê c'a porta.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**ventanera** [vɛtɐnérɐ] *s. f.* Vento que sopra do sul e que antecede a chuva. (alt. fon., alt. sem. D.H./ alt. fon., alt. sem. D.C.F./ alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**ventarrão** [vɛtɐrɐw] *s. m.* Vento forte. (alt. morf. D.H./ alt. morf. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**ventas** [vɛtɐʃ] *s. f. pl.* Cara. *Fui abrir a tornera p'ra lavar as ventas e nã tinha água.* (D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**ventas-de-panico** [vɛtɐʒdipɐníku] *s.* Pessoa mal encarada.

**ventejar** [vɛtizár] *v.* Libertar gases, flatulências. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**verador** [vɐɾdór] *s. m.* Vereador. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**verdolengo, a** [virdulɛgu, -ɐ] *adj.* Diz-se da fruta inchada. (reg. do Brasil D.H./ alt. sem. D.C.F./ D.A.C.)

**vereda de cabras** [virédɐdikábrɐʃ] *s. f.* Caminho estreito, de terra batida e sem paredes.

**vereda** [virédɐ] *s. f.* O. m. q. *vereda de cabras.* (reg. do Centro-Oeste do Brasil D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**verga d'água** [virédɐ] *s. f.* Quantidade de água que se bebe avidamente. *Quand'acabê de lavar, bebi uma verga d'água fresca antes de vir p'ra casa.*

<sup>548</sup> Os três dicionários só registam “vela”.

**vergalhera** [virgɐléɾɐ] *s. f.* Pénis dos animais de grande porte. (alt. morf., alt. sem. D.H./ alt. morf. alt. sem. D.C.F./ alt. morf. D.A.C.)

**verguentas** [virgétɐ] *s. f.* Sacos de sementes produzidas pelos *piornos*.

**verguerai** [virgeráɪ] *s. m.* Conjunto de castanheiros bravos.

**versura** [virsúɾɐ] *s. f.* Víscera dos animais. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vesetér** [vizitéɾ] *v.* Visitar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vestir-se de Carnaval** [viʃtírsidikɐrnɐváɪ] *exp. idiom.* Mascarar-se. *Este ano vesti a minha filha de Carnaval, ia de espanhola.*

**vestir-se de lavado** [viʃtírsidilɐvádu] *exp. idiom.* Vestir roupa lavada. *Todas as manhãs visto o gaiato de lavado, mas chega sempre sujo.*

**vestir-se de velho** [viʃtírsidivélɐ] *exp. idiom.* Envergar *ropa-de-trazer*; vestir roupa velha. *Quando chego a casa, visto-me de velho p'ra tratar do gado.*

**vetrenairo** [vitrinájru] *s. m.* Veterinário. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vicionado, a** [visjunádu, ɐ] *adj.* Viciado. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**viço** [vísu] *s. m.* Vício. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vil** [víɪ] *adj.* Avarento; forreta. *Lá nisso não sã viles.* (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**vir à cão** [víɾákẽw] *exp. idiom.* Vir à boleia. *Nunca gasta denhero em autocarros, vem de Lesboa sempre à cão.*

**vir à idea** [víɾaidɐw] *exp. idiom.* Lembrar-se. *Veio-me à idea qu'inda ñã paguê a luz.*

**vir acompanhado, a** [víɾɛkõpɐɾádu, -ɐ] *exp. idiom.* Vir bêbado.

**vir c'a menopea** [víɾkɛminopɐw] *exp. idiom.* Vir bêbado.

**vir c'os olhos enuvrados** [víɾkúzólɐʃenuvráduʃ] *exp. idiom.* Vir bêbado.

**virar-se o santo contr' a esmola** [virársusɛtukõtrazmólɐ] *exp. idiom.* Ser vítima do que se está a fazer aos outros. *Qu'rias amolá-lo e, afinal, virô-se o santo contra a esmola e tu é que te tramastes.*

**visga** [vízɐw] *s. f.* Fenda. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vista** [víʃtɐ] *s. f.* Pequeno lume, que se faz à boca do forno para acabar de cozer o pão ou os bolos, quando a temperatura não está suficientemente quente. *O pão inda tá munto branco, temos de le fazer uma vistazinha.* (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**viúva** [víjuvɐ] *adj.* Diz-se da tomatada simples, ou seja, aquela que não leva qualquer outro ingrediente a enriquecê-la. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**viva** [vívɐ] *adj.* Diz-se da pedra que não está fixa. *Esse terreno tá cheo de pedras vivas.* (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**vival** [vivaɪ] *s. m.* Covil, toca.

**voltemêa** [võtemɐw] **1.** *adv.* De vez em quando. **2.** *adv.* Entretanto. (1. alt. fon. D.A.C.) (2. alt. fon., alt. sem. D.A.C.)

**vomecê/vossemecê/vossemecei** [võmisɛ]/ [võsimisɛ]/ [võsimisɛj] *pron.* Você, vossa mercês. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vometér** [vomitéɾ] *v.* Vomitar. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**vurmelho** [vurmélɐ] *s. m.* Vermelho. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**X**

**xara** [ʃáɾɐ] *s. f.* O. m. q. *esteva*. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**xaramango** [ʃɛɾɐmẽgu] *s. m.* Pão com enchidos e toucinho.

**xarero, a** [ʃɛɾéru, ɐ] *adj.* Habitante de São Julião.

**xarifa** [ʃɛɾífɛ] *s. f.* Vagina. (alt. sem. D.H./ D.C.F.)

**xarifário** [ʃɛɾifárju] *adj.* Designação atribuída ao ataque que é motivado por doenças de mulheres, doenças que estejam relacionadas com a *xarifa*.

**xerpa** [ʃérpɐ] *s. f.* Ação; vigor; alento. *Ando sem xerpa niuma*

**Z**

**zabumba** [zɛbũbɐ] *s. f.* O. m. q. *ronca*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**zagaia** [zɛgáɣɐ] *s. f.* Arma feita a partir de uma vara de castanheiro e de uma vareta de guarda-chuva. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**zagal/ zagalo** [zɛgát]/ [zɛgálu] *s. m.* Trabalhador jovem. Miúdo que guarda o gado. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)/ (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**zagalona** [zɛgɛlõnɐ] *s. f.* Pessoa jovem, do sexo feminino, que é desconhecida.

**zaipana** [zajpẽnɐ] *adj.* Esparvoado; tonto. (D.C.F.)

**zalhana** [zɛlẽnɐ] *adj.* Tonto.

**zambana** [zɛbẽnɐ] *s. m.* Soro. (alt. sem. D.C.F.)

**zangalhana** [zɛgɛlẽnɐ] *s. f.* O. m. q. *xaramango*.

**zangalhão, ona** [zɛgɛlẽw̃, -õnɐ] *s.* Criatura com um corpo mal feito. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**zangarro** [zɛgáru] *s. m.* Chocalho.

**zaragatear** [zɛɾɛgɛtjár] *v.* Brigar, promover uma zaragata. (D.A.C.)

**zarolho, a** [zɛrólu, -ɐ] *adj.* Diz-se daquele que é cego de um olho. (D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**zetona** [zɛtõnɐ] *s. f.* Azeitona. (alt. fon. D.H./ alt. fon. D.C.F./ alt. fon. D.A.C.)

**zomba** [zõbɐ] *s. f.* Pessoa que junta os joelhos ao caminhar. (reg., alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**zorra** [zórɐ] *s. f.* Carro com rodas pequenas, usado nos terrenos com declives. (alt. sem. D.H./ D.C.F./ D.A.C.)

**zorro, a** [zórɐ, -ɐ] *adj.* Diz-se daquele que se interessa por tudo da vida dos outros e nada conta da sua. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F./ alt. sem. D.A.C.)

**zumbar** [zũbár] *v.* Cair. *No inverno, al vezes zumbavimos p'ó rio*. (alt. sem. D.H./ alt. sem. D.C.F.)

**zunedero** [zunidéru] *s. m.* Zumbido. (alt. fon., alt. morf. D.H./ alt. fon., alt. morf. D.C.F./ alt. fon., alt. morf. D.A.C.)

**zunicar** [zunikár] *v.* Apreciar apalpando; beliscar.

### 3.4.4. Antroponímia – A alcunha e a arte de (re)nomear em Marvão

“As alcunhas duma comunidade são uma obra colectiva, misto de rendilhado e prazer lúdico, labirinto de gozo e riso, discurso sério e picaresco, reflexo de uma capacidade inigualável de referenciar o outro com as palavras suficientes e essenciais.”<sup>549</sup>

#### 3.4.4.1. Considerações preliminares

No concelho de Marvão, o nome vai muito além da sua função de nomear; na verdade, reflete o modo de viver das gentes, a sua cultura e a forma de representar os seus valores.

Segundo o *Diccionario etimológico de la lengua castellana*<sup>550</sup>, a alcunha, mais do que um sobrenome ou apelido, é um renome. Assim, entendemo-la como uma arte utilitária que, ao nomear, facilita a identificação dos indivíduos.

Se os apelidos são escolhidos em função da tradição portuguesa e o nome em função da vontade dos pais ou dos padrinhos aquando do nascimento, ao longo da vida, o ser humano pode vir a ser (re)nomeado através das alcunhas. O complemento que a alcunha representa na nossa nomenclatura está bem evidente na seguinte canção popular recolhida por Leite de Vasconcelos<sup>551</sup>:

“O meu nome é só – amar-te,  
O meu sobre-nome – querer-te,  
Meu apellido – adorar-te,  
Minha alcunha – merecer-te...”

No que concerne ao nome “alcunha”, de origem árabe, ao longo deste capítulo, será usado como sinónimo da forma masculina alcunho, bem como de anexim e de apodo<sup>552</sup>. Embora nem todos os dicionários apresentem estes termos como sinónimos, no concelho de Marvão, alcunha, alcunho ou anexim são designações usadas indistintamente pelos falantes, logo manteremos aqui essa tendência; até porque todas as designações dizem respeito à mesma realidade linguística.

---

<sup>549</sup> Cfr. RAMOS, 2006: 51.

<sup>550</sup> Cfr. MONLAU, 1944: 285.

<sup>551</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1928: 17.

<sup>552</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1928: 10. O linguista considera que “o apodo é transitório, e às vezes um passo para a alcunha; esta exprime caracter duradouro”. Não concordamos com esta opinião, pois, na prática, ambos são sinónimos e ilustram uma mesma realidade, não havendo qualquer distinção relativamente à sua duração.

Uma vez que a intenção de incluir as alcunhas neste trabalho é meramente linguística, não se pretendendo invadir a esfera do privado, mas apenas registar algumas das componentes do património imaterial de Marvão, os visados não são identificados. Também não se indica a localidade específica onde são utilizadas as alcunhas, até porque várias surgiram repetidas em diversas aldeias, algumas com a mesma génese, outras com motivações completamente distintas.

De notar ainda que esta recolha tem vindo a ser feita nos últimos dez anos, de forma gradual, aproveitando a permanência no concelho e os diversos diálogos travados no dia a dia com os marvanenses. Muitos dos anexins aqui presentes são do conhecimento da maioria dos habitantes de Marvão, sendo frequente ouvi-los em conversas, quer informais, quer até formais, pois a alcunha é de uso tão comum que muitas vezes é usada sem que se tenha até consciência disso e representa, sem dúvida, uma marca bem vincada do falar dos marvanenses.

A rapidez com que estas formas de (re)nomear vão surgindo é maior do que aquela com que vão desaparecendo, pelo que o seu número tem sido crescente. Algumas das que aqui apresentamos pertenciam a pessoas que, inclusive, já faleceram, mas que ainda são lembradas pelos que ficaram como parte integrante das memórias deste povo.

Também nas escolas os anexins continuam a ser algo muito comum. A nossa experiência de lecionação de vários anos nas duas escolas do concelho permitiu-nos assistir *in loco* ao surgimento e uso de muitas alcunhas que provavelmente acompanharão estes jovens até ao final das suas vidas e que, quem sabe, poderão até vir a passar para os seus descendentes, à semelhança do que aconteceu com as gerações que os antecederam. Muitos são os casos em que, para além do anexim de família, determinado comportamento ou deturpação linguística se tornam motivo de graça e acabam por dar origem a mais um alcunho, havendo quem “colecione” dois e três e raramente seja tratado pelo seu nome próprio ou apelido<sup>553</sup>.

Na maior parte dos casos, as alcunhas, por, ao contrário dos nomes, serem motivadas e não arbitrárias, identificam bem melhor o perfil dos seus usuários do que os nomes ou apelidos. Quando são herdadas dos ascendentes, como se de apelidos se tratasse, já nem sempre há uma tão perfeita adequação ao renomeado, adquirindo nestes casos a alcunha um carácter de arbitrariedade equivalente ao do nome e do apelido.

---

<sup>553</sup> A diversidade existente ao nível da antroponímia sempre marcou a população portuguesa. A este propósito, lembramos a preocupação de Manuel Paiva Boléo, que, em 1942, incluiu no seu questionário do *Inquérito Linguístico* as questões referentes ao Nome Oficial, ao Nome por que é Conhecido e à Alcinha.

### 3.4.4.2. Breve Historial da Alcunha

Não se sabe ao certo quando surgiram as alcunhas; apenas se tem conhecimento de alguns exemplos na Antiguidade Clássica<sup>554</sup>.

Ao longo da Idade Média, a permanência de antropónimos formados por dois elementos, um nome próprio e um patronímico, à semelhança do que acontecia no Latim, gerou inúmeras situações de homonímia, quer nos nomes masculinos, quer nos femininos. Tal facto terá desencadeado a necessidade de criar outros elementos antroponímicos que fossem mais individualizantes e não deixassem dúvidas relativamente aos seus portadores<sup>555</sup>.

Segundo Iria Gonçalves<sup>556</sup>, entre os Portugueses, o apodo ou alcunha não atingiu a popularidade que teve noutras regiões para lá dos Pirinéus; contudo, no contexto português, destaca-se a região a sul do Tejo, havendo uma intensificação do seu uso a partir de finais do século XIII, altura em que, segundo a autora, o apodo permitiu confirmar muitas identificações.

A abundância de alcunhas tem atraído vários autores e motivado diversas obras sobre esta temática. No contexto do Alentejo, destaca-se o nome de Francisco Ramos<sup>557</sup>. Este, nos vários estudos sociológicos que tem realizado sobre este território, tem dedicado uma especial atenção às alcunhas, sendo a obra *Tratado das Alcnhas Alentejanas* a mais significativa, pois nela colige uma vasta recolha, acompanhada de um estudo sobre esta temática.

Mais concretamente sobre a alcunha no distrito de Portalegre, a que pertence Marvão, merece destaque a obra *Através dos Campos*, de José da Silva Picão<sup>558</sup>. Nesta obra, ao descrever os usos e costumes alentejanos, no capítulo dos “Costumes dos Campónios”, o autor dedica algumas linhas ao tema da alcunha, por esta ser um atributo inerente a muitos homens e mulheres do campo. No seu entender, “Dos homens, só escapam à crisma, os raros de nome próprio arrevezado ou fora do comum. Mesmo de entre aqueles que herdaram a alcunha dos progenitores, abundam os que apanham outras novas.”.

Motivada pela riqueza onomástica da população de Campo Maior, também Rosa Dias escreveu, em verso, uma obra intitulada *Anexins e Nomes Engraçados de Campo Maior*, onde, logo

---

<sup>554</sup> Cfr. BATALHA, 1924: 252 – 264. Entre outras, refere a origem e evolução das designações “Gajo” e “Corno”.

<sup>555</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1928: 6, 7. O recurso frequente à alcunha é comprovado com a existência de uma obra manuscrita sobre esse tema, de inícios do século XVIII, referida por Leite de Vasconcelos: “Pascoal Ribeiro Coutinho – *Alcuniario: origem de memoráveis cognominações assim de famílias, como de pessoas, que com elas se cognomiarão*, escrita em 1715”.

<sup>556</sup> Cfr. GONÇALVES, 2011: 211- 216.

<sup>557</sup> Cfr. RAMOS, 1990; RAMOS, 2006 e RAMOS, 2002.

<sup>558</sup> Cfr. PICÃO, 1947: 167, 168.

no início, salienta o caráter hereditário da alcunha, bem como a sua abrangência. “Quando um dia por piada/ Alguém se lembrar de fazer/ Um anexim para ti/ Vás tê-lo até morrer// E vem nossa descendência/ E este nome jamais morre/ Todos têm anexim/ Seja rico seja pobre”<sup>559</sup>.

Igualmente em verso, António Goulão, na sua obra *Alcunhas de Nisa*, dá conta da abundância de anexins nesta vila do Norte Alentejo<sup>560</sup>. Sobre as alcunhas de uma das freguesias de Nisa, designadamente Alpalhão, também Joaquim Carrilho Capelão<sup>561</sup>, no jornal *O Concelho de Nisa*, redigiu diversas quadras.

Alexandre Carvalho Costa<sup>562</sup>, na vasta obra que dedica ao distrito de Portalegre, tratou igualmente a temática dos apodos e gentílicos, dedicando particular atenção também à vila de Nisa.

De notar que, nas pequenas comunidades, a necessidade de distinção torna-se ainda maior, já que muitas pessoas têm o mesmo apelido, devido às relações de parentesco, mais ou menos estreitas, entre os vários habitantes.

O uso generalizado do anexim ao longo dos anos tem também levado a que muitos dos atuais apelidos tenham origem em antigas alcunhas de família, que paulatinamente foram sendo integradas<sup>563</sup>.

Todavia, se muitos anexins surgiram para esclarecer equívocos, muitos há que não têm essa função e frequentemente nada beneficiam o seu portador, chegando, muitas vezes, a ridicularizá-lo e a provocar o riso entre quem os verbaliza e os ouve. Estes são inventados regra geral à revelia do seu portador e têm, por norma, um cunho negativo e até, por vezes, insultuoso<sup>564</sup>.

No final do século XIX, Leite de Vasconcelos referia que “de ordinário, o povo, no trato familiar, não emprega apelidos e prefere servir-se de uma alcunha frisante a servir-se de um apelido”<sup>565</sup>. Aliás, o mesmo autor alerta para o facto de muita da poesia popular apontar para a tendência de alcunhar, já que nela existem várias referências a anexins, feitas, normalmente, de forma indireta.

Desde a Idade Média, a alcunha constitui uma característica muito mais vincada nos homens do que nas mulheres. Nesse período, tal situação fazia perfeitamente sentido, uma vez que a mulher pertencia essencialmente à esfera do privado, pertencendo o homem à esfera pública, onde com

---

<sup>559</sup> Cfr. DIAS, 1988: 5.

<sup>560</sup> Cfr. GOULÃO, 1988.

<sup>561</sup> Cfr. CAPELÃO, 1986.

<sup>562</sup> Cfr. COSTA, 1986.

<sup>563</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1928: 181 – 280.

<sup>564</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1928, 186. Para além da sua útil função identificativa, o autor também evidenciou o cariz negativo que a alcunha pode assumir: “Se ela serve na essência para determinar melhor este indivíduo, muitas vezes não passa de mofa. Tão inveterado está em Portugal o hábito das alcunhas, que chegam a empregar-se sem nenhuma necessidade prática: só por desleixo, ou gosto de zombaria!”.

<sup>565</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1887: 147.



mais facilidade se poderiam gerar situações de homonímia e consequente necessidade de criar um apodo para esclarecer dúvidas ou outras situações motivadoras da sua génese. Hoje em dia as mulheres movem-se igualmente na esfera pública; contudo, talvez por esta mudança ter sido gradual, elas continuam a não ser o destinatário preferencial das alcunhas.

Ainda que, na maior parte dos casos, os apodos surjam de uma intenção explícita, noutros eles surgem sem intenção, em relação aos amigos e parentes, encarregando-se a sociedade de os aceitar e de lhes dar protagonismo, a tal ponto que de nada vale tentar desdizê-los.

Rara é a pessoa alcunhada que não tem conhecimento da sua própria designação; todavia, a forma como lida com isso varia bastante. Há recetores que a aceitam bem e eles próprios se apresentam pela sua alcunha; há aqueles que sabem, aceitam, mas preferem ser chamados pelo seu verdadeiro nome e outros ainda que sabem, mas fingem não saber e, quando assim designados, reagem negativamente. Tal comportamento contribui ainda mais para o uso da referida alcunha e é motivo de maior chacota. É certo que alguns anexins são bastante depreciativos, mas como calar a voz do Povo?

O anexim é, pois, uma característica que abrange todos, renomeando indistintamente. Daí que Baena diga:

“Então a alcunha não mete no mesmo saco bons e maus, endinheirados e miseráveis, gente de respeito e ralé, homens e mulheres, honestos e aldrabões?!”<sup>566</sup>

A propósito das funções dos alcunhos, Francisco Ramos e Carlos da Silva referem que “eles servem para reduzir diferenças socioeconómicas, eliminando privilégios e igualizando todos os membros da comunidade. Uma espécie de democratização linguística.”<sup>567</sup>.

### **3.4.4.3. A alcunha no concelho de Marvão**

#### **3.4.4.3.1. Características gerais**

Neste capítulo, pretendemos centrar-nos essencialmente na alcunha individual; contudo, não podemos deixar de referir alguns anexins coletivos que existem no concelho de Marvão, bem como alguns ditos e apodos tópicos, pois também integram o património oral das suas gentes. Estes têm origem em rivalidades existentes entre grupos e entre as diversas localidades. Mais do que indicarem a origem dos visados ou determinadas características de uma comunidade, visam demarcar bem a diferença entre os grupos, ou seja, os nomeados e os que nomeiam. Muitas vezes, estes apodos surgem como uma forma de evitar a violência física, por isso são maioritariamente

---

<sup>566</sup> Cfr. BAENA, 1974: 156.

<sup>567</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 17.

ofensivos, ilustrando as palavras de Josef Breuer e Sigmund Freud, que consideram que “a linguagem serve de substituto para a ação”<sup>568</sup>.

Assim, são conhecidos os *Brigões da Escusa*<sup>569</sup>, os *Malagôs* (forma de tratamento dos marvanenses em relação aos habitantes de Póvoa e Meadas<sup>570</sup>), os *Xareros* (designação dos habitantes de S. Julião), entre outros.

Alexandre Costa, numa obra dedicada aos apodos tópicos, refere-se aos habitantes da aldeia de Escusa como os “Lagarteiros”<sup>571</sup> e questiona-se sobre a motivação de tal designação. Já os habitantes de Marvão, apresenta-os como os “Enxota Pardais”<sup>572</sup>. Se neste último caso encontramos alguma justificação para o apodo na altura do morro em que habitam; no primeiro caso, não é evidente a motivação de tal designação.

A propósito das rivalidades étnicas em Marvão, refere Leite de Vasconcelos:

“Por ficar em ponto alto, diz-se no concelho de Marvão: «Marvão! Sempre é terra que vê os milhanos pelas costas!»<sup>573</sup>”.

O mesmo autor, relativamente aos habitantes da parte norte do concelho, a zona da Sáfara, constituída pelas freguesias de Santo António das Areias e Beirã, refere que o nome étnico usado pelos de fora em relação aos seus habitantes é “Safarenhos”<sup>574</sup>.

Ainda no âmbito dos grupos, não podemos deixar de referir o curioso apodo atribuído aos membros da patrulha da G.N.R.: *Banda de Alegrete*. Desconhecemos o motivo de tal nomeação, mas supomos que se deva ao facto de a farda ser parecida à dos elementos da banda musical da freguesia de Alegrete, localizada no concelho de Portalegre, e de o carro em que circula a patrulha

---

<sup>568</sup> Cfr. BREUER, Josef, FREUD, Sigmund, 1988: 46.

<sup>569</sup> Cfr. *Ibn Maruán* n.º 13, p. 102, na qual é citado um artigo de Matos Magalhães, publicado no jornal *O Distrito de Portalegre*, n.º 125, em 1886: «Atribuem aos habitantes da Escusa uma índole brigosa e irrequieta, mas ninguém lhes nega o espírito saliente de solidariedade, que manifestam sempre aonde se encontram, lutando juntos, protegendo-se reciprocamente, acudindo ao menor aviso dos seus conterrâneos. Amam com a mesma constância com que odeiam. São tão capazes de agradecer como de se vingarem. Teem todos as mesmas ideias, e defendem o seu torrão natal com o denodo próprio das antigas eras».

Mais de um século depois e sendo conhecedores da realidade social que se verifica na aldeia da Escusa, verificamos que houve uma alteração de comportamentos nos habitantes da Escusa. Por diversos motivos, a escassa população da aldeia encontra-se dividida em duas fações, tendo-se assim perdido o espírito de união que outrora caracterizou estas gentes e que esperamos que um dia aí volte a reinar.

<sup>570</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1988: 615. O autor informa-nos de que, no concelho de Castelo de Vide, chamam aos habitantes de Póvoa e Meadas os *Papeiros*.

<sup>571</sup> Cfr. COSTA, 1973: 301.

<sup>572</sup> Cfr. COSTA, 1973: 321.

<sup>573</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1988: 615.

<sup>574</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1941: 552. Numa anotação filológica, o autor acrescenta que, em 1933, o Reverendo Padre João da Graça Oliveira, pároco de Santo António das Areias, o informara de que a designação de “Safra” não se usava entre os habitantes, que a consideravam um anexim, e que não aparecia nos livros da paróquia havia já umas centenas de anos.

Trata-se, pois, de um topónimo bastante antigo, que na região de Marvão caiu completamente em desuso, mas que em localidades próximas (Alpalhão, Nisa, Alegrete) se continuou a usar.

andar normalmente em marcha lenta, o que pode fazer lembrar o compasso de uma banda filarmónica a marchar em determinados eventos.

Como já foi referido em capítulo anterior, Marvão, um concelho de raia marcadamente rural, tem uma densidade populacional reduzida; contudo, as alcunhas proliferam, como em qualquer outro meio campesino em que todos os habitantes se conhecem e diariamente convivem. Aliás, muitos são os casos em que os alcunhados não são conhecidos pelos seus apelidos, mas pelos seus apodos, sejam estes abonatórios ou depreciativos, o que representa uma dificuldade para quem não reside na região<sup>575</sup>.

Ainda que sejam uma constante em todo o território do concelho, os anexins ganham particular relevância na parte norte, pois aí a população está mais aglomerada, o que representa uma situação propícia ao seu surgimento.

Tal como sucede noutros locais, em Marvão, muitos dos apelidos mais frequentes parecem ter origem em alcunhas e, com vista a confirmar esta hipótese, analisámos os cadernos eleitorais de 2012 das quatro freguesias, seleccionando os principais apelidos dos marvanenses. Numa segunda fase, partindo da obra de José Pedro Machado – *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*<sup>576</sup> – apurámos a sua etimologia, tendo confirmado a nossa hipótese. Assim, tiveram a sua génese em antigas alcunhas os seguintes apelidos mais frequentes:

Carrilho, Machado, Raposo, Lourenço, Maroco, Barradas, Ramos, Bengala, Andrade, Oliveira, Pereira, Bonacho, Costa, Morgado, Garção, Magro, Chaparro, Seco, Coelho, Rosado, Picado, Barroqueiro, Mimoso, Botelheiro, Barbas, Trigueiro, Moura, Mouro, Garraio, Reia, Sequeira, Serra, Castanho, Tapadinhas, Farinha, Paz/ da Paz, Nabeiro, Branco, Madeira, Salgueiro.

Se, no Falar de Marvão, como noutras variedades dialetais, se verifica uma tendência generalizada para se irem perdendo características, quer no domínio da fonética e fonologia, quer no da morfossintaxe e até do léxico em geral, no capítulo das alcunhas verifica-se o inverso, pois, para além de estarem bem presentes as antigas, a todo o momento surgem novas.

O contexto escolar é, desde logo, um ambiente favorável a brincadeiras, discriminações entre colegas e, conseqüentemente, ao surgimento de apodos.

Anexins como *Jóia, Juen, Chica Monkey, Cacanho, Bizi, Been, Zerva, Riscas, Giestas, Gula, Bob, Chiba, Pilinhas, Cambalhotas*, entre muitos outros, proliferam no contexto escolar e, muito provavelmente, acompanharão os visados ao longo da sua vida.

---

<sup>575</sup> A este propósito, não podemos deixar de citar o caso de Cedillo, uma localidade espanhola de raia, localizada um pouco a norte de Marvão, em que todos os habitantes possuem alcunhas e chegam a ficar ofendidos se não forem tratados por elas. Aliás, existe mesmo uma lista telefónica das alcunhas da terra, a fim de facilitar a consulta de informação.

<sup>576</sup> Cfr. MACHADO, 1984.

O aumento da alfabetização, uma maior interação entre a população, a vinda de gente de fora para o concelho, a influência dos media - que tão erosivos são na preservação da essência de um falar - têm, neste caso, contribuído ainda mais para o despoletar de alcunhas e seu refinamento. Exemplo disso são os muitos anexins inspirados em programas e figuras que aparecem na televisão, tais como, *Been, Bonanza, Topo Gígio, Bob Gavancha, Cambra Prera, Cananga, Giló, Dartanham, George Clooney, Gongulhana, Lucas Pires, Macaco Adriano, Mantorras, Nodi, Patinhas, Rainha da Sucata, Rei do Gado, Zeca Diabo*.

Muitas vezes, as alcunhas estão associadas a um sentido depreciativo, estando a ironia frequentemente presente, como se pode constatar em:

*Bejocas, Meia Jorna, Ciências, Engenhero, Engenhero Cagão, Menina Amélia, Menino Jorginho, Penteadinho, Saboneta, Príncipe e Princesa.*

Há, no entanto, algumas alcunhas que são bastante abonatórias, como por exemplo:

*Boa Pessoa, Lindinha, Excelência, Menino Jesus, Nosso Senhor, Nossa Senhora.*

Outras há que têm um cariz hiperbólico, pois reforçam determinadas características dos seus portadores:

*Cavalão, Valentão, Barril, Ventanera, Mata Burros, Mata Cães, Mil Homens, Tira Peles.*

Por outro lado, deparamo-nos com anexins antitéticos, ou seja, a designação atribuída ao visado corresponde ao contrário das suas características, tais como:

*Aguardente Froxa, Levezinho, Rei das Meninas, Triste, Grande Acordeonista, Fodarra.*

Esta arte de (re)nomear revela-se de tal modo eficaz que algumas alcunhas cristalizam-se ao ponto de chegarem a substituir completamente os nomes ou os apelidos dos visados. Esta cristalização também justifica a sua passagem de geração em geração. Ao recolhermos as mais diversas alcunhas, tentámos sempre apurar o porquê da sua existência, no fundo, a sua história; todavia, nem sempre foi tarefa fácil e muitas vezes não conseguimos chegar a esse conhecimento. Muitos foram os casos em que nem os próprios visados sabem o porquê de ser assim renomeados. Habitaram-se de tal forma ao anexim que a essência de tal nomenclatura deixou de ter relevância para eles. Como atrás referimos, deparámo-nos também com muitos exemplos de hereditariedade, em que o alcunho já vem desde um avô ou bisavô. Nestes casos, raramente os atuais visados conhecem a história da designação que herdaram, como se de mais um apelido se tratasse.

### 3.4.4.3.2. Aspetos lexicais, morfológicos e fonético-fonológicos

#### 3.4.4.3.2.1. Tipologias

No que concerne às alcunhas individuais, optámos por catalogá-las em função do tipo de transmissão e das motivações que estiveram na base do seu surgimento.

Assim, quanto ao tipo de transmissão, considerámos as seguintes tipologias:

- adquiridas (sempre que são adquiridas individualmente pelo visado);
- hereditárias (sempre que vão passando de geração em geração e abrangem vários elementos da família ).

No que diz respeito aos motivos que estiveram na sua génese, definimos seis tipologias:

- linguísticas (motivadas por aspetos relacionados com a linguagem dos visados);
- derivadas de nome ou apelido (sempre que houve deturpação dos mesmos);
- profissionais (quando relacionadas, direta ou indiretamente, com a profissão dos nomeados);
- físicas (geradas pelo aspeto físico dos apodados);
- psicológicas/ comportamentais (quando originadas pela maneira de ser dos visados e/ou certos comportamentos que assumem ou assumiram);
- geográficas (sempre que são motivadas por um topónimo).

No que concerne às alcunhas adquiridas, por norma, permitem identificar muito nitidamente o perfil dos visados, já que, contrariamente aos apelidos e às alcunhas hereditárias, são motivadas e não arbitrarias. Em Marvão, são frequentes:

*Agarra Plachos, Chenês, Cinco Tostões, Copita, Escurinho, Giestas, Lucas Pires, Lupas, Malhado, Mantorras, Malaia, Mija na Salsa, Pelona, Piaçá, Pinante, Rei do Gado, Sabi, Silvina, Tenente, Três Tetas, Tchitcholina, Varinhas, Venanosa, Zabumba, Zuca.*

Por outro lado, muitos indivíduos nascem já com as alcunhas, pois herdaram-nas dos seus pais e avós. Neste caso, ainda que Pitt Rivers<sup>577</sup> considere que “a alcunha é sempre criada com uma intenção individual”, quando os alcunhados as recebem dos seus familiares, não há qualquer intenção individual, assumindo estas um carácter arbitrário, tal como os apelidos.

No concelho de Marvão, a alcunha hereditária também é bastante comum, como por exemplo:

---

<sup>577</sup> RIVERS, 1983: 136.

*Chibo, Cuco, Grilo, Balharadas, Janero, Gaiolas, Moedas, Estriga, Passarito, Bota-fogo, Passeta, Caga-pregos, Cágado, Canilhas, Prajal, Cerveja, Cestinho de Flores, Charafa, Da Viúva, Das Galinhas, Espanhol, Pichorrito, Inverno, Manoleta, Marzia, Mil Homens, Vetrano, Pantelho, Penuja, Perdido, Rambóia, Regoga, S. Marcos, Sarzedas, Serrinha, Voltinhas*, entre muitas outras.

Situações há em que as alcunhas herdadas estão perfeitamente desajustadas em relação às características dos indivíduos que as recebem. Por exemplo, a alcunha de família *Os Brutos* aplica-se atualmente a senhoras bastante delicadas.

Algumas alcunhas hereditárias trazem-nos à memória os antigos patronímicos, pois os filhos, para além dos apelidos, continuam a ver reforçada a sua relação de paternidade através das alcunhas. São disso exemplo:

*Do Américo, Do Clemente, Do Ânjar, Do Bento, Do Jerónimo, Do Sabastião, do Suvrino, Do Leonardo...*

Em alguns casos, como por exemplo, em *Da Luzia*, reforça-se a relação de maternidade, sendo esta situação menos frequente<sup>578</sup>.

Alguns anexins hereditários vão sendo herdados ao longo da vida. Um dos momentos em que tal acontece é o casamento, altura em que, mais do que o apelido, regra geral do marido, muitas vezes um dos elementos do casal, ou até ambos, são renomeados com a alcunha do parceiro. Nesta situação, é mais frequente a mulher herdar a alcunha do marido do que o inverso, embora também se verifiquem alguns casos em que tal acontece.

Assim, há anexins que clarificam a relação entre as mulheres e os seus respetivos maridos<sup>579</sup>:

*Do Adão, Do Branco, Do Preto, Do João Manel, Do Mário, ...*

Ainda que menos comuns, também há casos em que são os nomes das mulheres que servem de referência para uma melhor identificação dos maridos<sup>580</sup>:

*Da Celeste, Da Mari Tresa, Da Matilde, Da Suzana...*

Em certos casos, ainda que esporádicos, há homens que adotam os nomes ou alcunhas das suas esposas:

*Libânio, Maresia.*

Noutras alcunhas, as relações de parentesco são expressas de forma indireta. Por exemplo, o marido tem como anexim *Comboio Parado*, passando a sua mulher a ser alcunhada de *Grasine* ou *Automotora*.

---

<sup>578</sup> Cfr. BOLÉO, 1953a: 9.

<sup>579</sup> Cfr. BOLÉO, 1953a: 8.

<sup>580</sup> Cfr. BOLÉO, 1953a: 9.

O mesmo se passa entre irmãos. Ao mais velho foi chamado *Bomba*, ao do meio *Bombinha* e à mana mais nova *Estalinho*.

Noutro caso, um irmão tem a alcunha de *Cavalinho*, sendo o outro o *Burrinho*, uma vez que apresenta uma menor estatura.

Noutra localidade, ao irmão mais velho foi chamado o *Sobe e Desce*, ficando o mais novo o *Sobinho*, sucedendo o mesmo no caso de o *Pilha* e o *Pilhinha*.

Na passagem das alcunhas de pais para filhos, por vezes surgem algumas alterações, havendo, contudo, sempre um fio condutor que facilmente permite esclarecer a relação entre o ascendente e o descendente. Por exemplo, um pai apodado de *Banana* e a filha de *Bananinha*, um pai *Barril* e um filho *Caneca*, outro *Macaco* e a descendente *Chica Monkey*, uma mãe *Coelha* e um filho *Caçapa*, um pai *Batatero* e um filho *Batata*, etc.

Relativamente às alcunhas linguísticas, muitas são as situações em que determinada deturpação ou certo hábito dos falantes estiveram na sua génese, de que são exemplo:

*Abel é Bom, Balalaicas, Bagagera, Bem na Barra, Caletra, Cão d' Água, Carreta, Cata Quenhenta, Chico da Blusa, Curinha, É que mas é que, mas é que..., Estimado Amigo, Moço, Monelha, Rápido, Rolinha, Romaninga, Tavã, Tlinta e Tlês, Toc'ó tu, Valha-me Deus*, entre outras.

Com frequência, o nome ou o apelido dos visados, ditos de forma estropiada ou completamente alterados, também geram alcunhas<sup>581</sup>, tais como:

*Veleza, Treguera, Raposa, Ramona, Fanan, Coelha, Charafa, Catrina, Canas, Betinho, Bernaldinha*, etc.

A profissão está na origem de um vasto rol de alcunhas, umas expressas de forma direta, outras de forma indireta.

Assim, de forma direta, surgem anexins como:

*Albardero, Alfaiate, Bate-chapas, Cestero, Eletrecista, Ferrero, Guarda-rios, Latoero, Mestre Albardero, Sapatero, Sardenhero(a), Tanoero, Cabrero...*

Já de forma indireta, estando muitas delas relacionadas com as matérias primas e utensílios usados, deparámo-nos com:

*Cestinho de Pão, Cabra, Chiba, Cabacinhas, Da Água, Tabuinhas, Da Cal, Da Cesta, Da Giesta, Da Caldera, Da Serra, Das Gasosas, Das Molas, Dos Tratores, Do Carro de Praça, Dos*

---

<sup>581</sup> BOLÉO, 1953a: 9.

*Cavalos, Massa Frita, Puxa o Pau, Rei do Gado, Torradora, Robielac, Das Cabras, Das Carpas, Do Talho, Do Dotor, Mamute, Da Farmácia...*

O aspeto físico, especialmente quando os visados apresentam alguma deficiência, representa outra das motivações dos apodos. São exemplo de alcunhas físicas:

*Barbas, Careca, Dona Popas, Escurinho, Grande, Pequeno, Malhado, Maminhas, Meia Jorna, Menor, Metro e Vinte, Orelhas, Perna Curta, Pilinhas, Tchitcholina, Zabumba, Da Cara Cagada, Do Buço, Dentinho d'Oro, Barril, Boca de Sapo, Comprido, Três Tetas...*

As características psicológicas, bem como os comportamentos dos recetores estão na génese de uma grande parte dos anexins dos marvanenses. Muitas são as alcunhas que integram a tipologia psicológicas/comportamentais, entre as quais:

*Beças, Aguardente Froxa, Amarguinha, Bajecas, Balharadas, Bíbare, Bonanza, Búbias, Caga-tias, Calça Arregaçada, Engenheiro Cagão, Estora, Foguete, Frasquinho de Veneno, Papa-açúcre, Rambóia, Velhaca, Marcha Atrás, Mentira Fresca, Mija na Salsa, Pica na Fava, Pinante, Tenente, Pressas, Ventanera.*

Com frequência, assistimos também a um cruzamento de duas variantes da onomástica, nomeadamente, a antroponímia e a toponímia, surgindo assim alcunhas relacionadas com topónimos. Há bastantes exemplos de anexins no concelho de Marvão originados pelo nome de um local a que os visados estão ou estiveram associados; onde nasceram, viveram, trabalharam<sup>582</sup>:

*Da Barradas, Da Bica, D' Asseiceira, Da Tapada das Pias, Da Tapad'Moro, Da Praça, Da Laja, Do Cabral, Do Castelinho, Farias, Montalvão, Santa Comba Dão, Dos Alvarrões, Da Escusa, Da Safr' Alta, Do Matinho, Do Laranjal, Do Batão, Das Golas, Da Fadagosa, Da Torre, Das Lamerinhas, Do Pereiro, Das Saboarias, Galega<sup>583</sup>, etc.*

Como a sociedade evolui e o topónimo vai permanecendo na língua, deparamo-nos com vários indivíduos a partilhar a mesma alcunha, quer de forma individualizante, quer de forma hereditária. Por exemplo:

*Da Praça; Do Rebero de Penhero, Do Matinho, Da Talega...*

---

<sup>582</sup> Esta realidade não se verifica só ao nível das alcunhas, também se passa com os apelidos. Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1928: 165-166) considera que muitos apelidos de família provêm de nomes geográficos de Portugal: “Uns provêm de povoações (cidades, vilas, aldeias), outros de quintas, propriedades, sítos; e assim por diante.”

<sup>583</sup> Cfr. BRITO, 1938: 15. A motivação da alcunha “Galega” no concelho de Marvão vem ao encontro do testemunho deste autor, que refere: “Todos os portugueses ao norte do Tejo são galegos, dizem os do Alemtejo.”



### 3.4.4.3.2.2. Campos Léxico-semânticos

No âmbito das categorias anteriormente citadas, é possível estabelecer relações associativas tendo como base o significado, nomeadamente agrupar as alcunhas identificadas em determinados campos léxico-semânticos:

- **fauna:** *Badana, Bodes, Boca de Sapo, Boca de Cação, Boi, Borregas, Bíbare, Burrinho, Cabra, Caçapa, Cágado, Cão d' Água, Carraça, Cavala, Cavalinho, Cavalão, Chiba, Cobra, Coelha, Cruja, Cuco, Da Burra, Da Marrã, Das Cabras, Das Galinhas, Do Burro, Dos Carneiros, Dos Cavalos, Dos Porcos, Falcão, Farropo, Galinha, Gato, Gato Bravo, Grilo, Loba, Lobito, Macaco, Macaco Adriano, Mamute, Marrãzinha, Minhoca, Mocho, Mula Brava, Melhano, Morcego, Pardal, Passarito, Pato, Pata de Cabra, Penuja, Picanço, Picarrocha, Picha de Cavalo, Pintainho(a), Pulga, Raposa, Ratão, Rolinha, Urso, O das Carpas, Cão da Muralha, Frango, Frango Longo, Patinho;*

- **flora:** *Balsa, Batata, Batatinha, Botelha, Canas, Caniço, Cardinho, Chaparrete, Chaparro, Da Giesta, Estriga, Gavelas, Giestas, Jona, Manjerico, Pregana, Rascalho, Salsa/ Salsinha, Caroço;*

- **minerais:** *Cal Branca, Calhau, Caramoço, Cu de Lata, Ferro, Latoa, Picha de Aço, Pé de Chumbo;*

- **corpo humano:** *Barbas, Barriga Fria, Beças, Bocas, Careca, Da Cara Cagada, Da Caralha, Da Gaita, Das Barbas, Das Mãos Grandes, Dentinho D'Oro, Do Buço, Dona Popas, Pera Negra, Gretas, Lábio Arrachado, Maminhas, Manzudo, Mãos Grandes, Orelhas, Pantelho(a), Pé Leve, Peitinhos, Pelingrinas, Perna Curta, Picha Negra, Pilas, Pilinhas, Popas, Popiço, Quexadas, Sem Tripas, Tetas, Três Tetas, Boca Negra, Pé de Chumbo, Perna de Pau, Ventas Baxas, Gaitas;*

- **práticas fisiológicas:** *Bufa Amarela, Bufente, Caga-pregos, Caga-tias, Engenhero Cagão, Fezes, Fezes Albardero, Mejado, Merda Seca, Pedorrero;*

- **vestuário e afins:** *Boina Branca, Calça Arregaçada, Calças, Calcinha, Cerolas, Chico da Blusa, Jóia, Mantas, Poca-Ropa, Pana, Riscas, Meia Rota;*

- **higiene (ou falta dela):** *Catinga, Chera a Vaca, Lavadinho, Lavado;*

- **ideias mágicas e religiosas:** *Amalçuedo, Condanado Zé, Menino Jesus, Nossa Senhora, Nosso Senhor, S. Marcos, Valha-me Deus, Adventista, Espírito Malino;*

- **alimentos:** *Bacalhau, Banana, Toranja, Batata, Batatinha, Broa, Bife, Carcacinha, Chocolate, Do Mel, Dos Choriços, Farenhera, Farturas, Mantegas, Massa Frita, Nabo, Fava, Pão de Centeio, Papa-açúcre, Papa-galinhas, Papa-ovos, Parte Pão, Sopa, Tocinha, Cestinho de Pão, Estrelado, Linguíça;*

- **bebidas e embriaguez:** *Aguardente Froxa, Amarguinha, Bajecas, Caneca, Cerveja, Coca Cola, Das Gasosas, Do Leite, Copita, Barril, Cafetera Rota, Lambretas, Latinhas, Búbias;*

- **instrumentos de trabalho e matérias-primas:** *Alicate, Cabacinhas, Cachaporra, Cancelas, Carroça, Da Caldera, Da Cesta, Da Serra, Das Carroças, Das Molas, Do Carro de Praça, Dos Tratores, Gadanha, Gaiolas, Martelinho, Mola Partida, Pincel, Puxa o Pau, Serrinha, Tabuinhas;*

- **dinheiro e medidas:** *Cinco Tostões, Meia, Meia Jorna, Meia Leca, Menor, Metro e Vinte, Moedas, Pesetas, Grande, Comprido;*

- **fenómenos atmosféricos, astros, meses e estações do ano:** *Faísca, Inverno, Janero, Marzia, Ventanera;*

- **numerais**<sup>584</sup>: *Catorze, Quinze, Dezanove, Dezoito, Trinta, Setecentos, Tlinta e Tlês.*

---

<sup>584</sup> Cfr. BATALHA, 1924: 270, 271. A propósito da origem dos nomes, o autor refere algumas civilizações em que diferenciavam os filhos pelo número de ordem de nascimento. No concelho de Marvão, ainda que desconhecamos o motivo de tais designações, não consideramos que seja esta a motivação das alcunhas.

### 3.4.4.3.2.3. Estrutura Morfológica

Do ponto de vista morfológico, as alcunhas são preferencialmente nomes e adjetivos, por vezes resultantes de processos de formação de palavras produtivos em Português, nomeadamente a derivação e a composição.

#### 3.4.4.3.2.3.1. Alcinhas formadas por derivação

Relativamente à derivação, surgem vocábulos essencialmente formados por sufixação e derivação imprópria, havendo também exemplos de derivação não afixal.

No que diz respeito à derivação por sufixação, predominam sobretudo sufixos modificadores em detrimento dos derivacionais<sup>585</sup>, uma vez que, no capítulo da alcunha, abunda a sufixação avaliativa associada à formação dos diminutivos e dos aumentativos.

No âmbito dos sufixos diminutivos, destaca-se o –inho(a):

*Vitinho, Cavalinho, Baxinho, Burrinho, Lavadinho, Leandrinho, Martelinho, Bombinha, Bolinhas, Tachinha, Tabuinhas, Serrinha, Pintainha, Paderinho, Manelinho, Calcinha, Carcacinha, Cardinho, Fadinho, Latinhas, Rolinha, Penteadinho, Pedrerinho, Gordinha, Magrinha, Maminhas, Mejinha, Marrãzinha, Peitinhos, Pilinhas, Pilhinha, Quedinhas, Salsinha, Voltinhas, Vaquinhas, Varinhas, Escurinho, Barradinhas, Batestinha, Estalinho, Patinhas, etc.*

Igualmente relacionados com o diminutivo, surgem os sufixos:

-ito (a) – *Passarito, Lobito, Terito, Copita, Palita;*

-ico – *Balharicos, Zerico;*

-eca – *Janeca;*

-ete (a) – *Chaparrete, Serranete, Passeta.*

Quanto ao aumentativo, registam-se os sufixos avaliativos –ão ou –ana:

-ão – *Cavalão, Valentão, Pingão, Ratão;*

-ana – *Tomasana, Ratana.*

---

<sup>585</sup> Terminologia usada em MATEUS, 2003: 956 - 960.

No que diz respeito aos sufixos derivacionais, é de salientar –ero(a), resultante da monotongação de –eiro(a), relacionado frequentemente com a designação das diversas profissões que motivaram os respetivos anexins:

-ero(a) – *Sapatero, Cartero, Albardero, Ferrero, Cestero, Latoero, Tendero, Sardenhera, Sapatelhera, Bagagera, Trogalhera, Ventanera, Batatero, Cabrero, Chumbero, Cravenero, Pedorrero.*

Quanto aos restantes, são menos representativos, o que gera uma grande diversidade:

-ada(s) – *Torada, Facadas, Quexadas, Pensadas, Risadas, Balharadas;*

-ado – *Mijado, Tombado, Estrelado, Lavado, Ratado, Torrado;*

-anho – *Cacanho;*

-enha – *Safrenha;*

-ente – *Bufente;*

-inca – *Chorinca;*

-dor – *Ferrador, Torrador;*

-osa – *Venanosa;*

-oca – *Bejocas;*

-ocho – *Clarocho*

-una – *Brazuna, Landuna;*

-ura – *Farturas;*

-usco – *Fadusco;*

-udo – *Navalhudo, Manzudo, Maçudo.*

Quanto à derivação imprópria, no domínio das alcunhas, são muito frequentes as mudanças de classe ou subclasse, como por exemplo:

❖ nome comum ⇒ nome próprio

*Toranja, Tigela, Sopa, Salsa, Calças, Pesetas, Piaçá, Pardal, Nabo, Morcego, Minhoca, Mocho, Batata, Broa, Cabra, Caneca, Caroço, Cobra, Coelha, Pressas.*

❖ adjetivo ⇒ nome

*Triste, Secreta, Russo, Rápido, Brava, Bruto, Castanho, Comprido, Escurinho, Grande, Gordinha, Magrinha, Legero, Maluco, Malhado, Menor.*

❖ verbo (particípio passado) ⇒ nome

*Condanado, Fugido, Lavado, Tombado, Mejado.*

❖ Numeral ⇒ nome

*Dezanove, Catorze, Dezoito, Setecentos, Trinta, Quinze.*

Relativamente à derivação não afixal, surgiram exemplos do tipo:

*Vegia* (vigiar), *Pula* (pular), *Penetra* (penetrar), *Gira* (gitar), *Estora* (estourar), *Esfrega* (esfregar), *Chuta* (chutar), *Chera* (cheirar).

### 3.4.4.3.2.3.2. Alcunhas formadas por composição

No âmbito da formação por composição, existem sobretudo compostos morfossintáticos, sendo estes essencialmente formados por reanálise de uma expressão sintática<sup>586</sup>:

*Tira-peles, Marra-baxo, Agarra-plachos, Balha-bem, Bota-fogo, Bate-chapas, Caga-pregos, Caga-tias, Fala-barato, Guarda-rios, Mata-burros, Mata-cães, Papa-açúcre, Papa-galinhas, Papa-léguas, Papa-ovos, Papa-teatros, Parte-pão, Peia-gatos, Pilha-galinhas, Rouba-escadas, etc.*

Ainda que menos frequentes, algumas alcunhas são compostas por reduplicação<sup>587</sup>:

*Gagá, Bilbil, Kiki, Lulu, Sassá, Pisca Pisca.*

### 3.4.4.3.2.3.3. Alcunhas formadas a partir da lexicalização de expressões sintáticas:

À semelhança do que sucede no restante léxico que integra o Falar de Marvão, no capítulo das alcunhas também abundam exemplos de lexicalização de expressões sintáticas:

*Bate n'Avó, Cher'a Vaca, Cu de Lata, Pux'ó Pau, Pica na Fava, March' Atrás, Volta ó Mundo, Boca de Sapo, Cão da Muralha, Cavalo de Pau, Cestinho de Flores, Cestinho de Pão, Colete d'Azinho, Faz-me rir, Frasquinho de Veneno, Lá de Chima, Má Vasilha, Mala Cara, Mentira Fresca, Mestre d'Obras, Mola Partida, Mula Brava, O das Carpas, Parvinho da Carne à Farta, Pé de Chumbo, Pedrerinho d'Assecera, Pica na Fava, Povo Honrado, Povo Unido, Rainha*

---

<sup>586</sup> Classificação adotada por MATEUS, 2003: 982, 983.

<sup>587</sup> Classificação adotada por AZEREDO, 2010: 290.

*da Sucata, Rei das Meninas, Rei do Gado, Rei do Preto, Sobe e Desce, Valha-me Deus, Ventas Baixas...*

#### 3.4.4.3.2.3.4. Alcunhas formadas por outros processos<sup>588</sup>

**Onomatopeia** – *Zic e Trac, Tlinta e Tlês, Tinonim, Destó.*

**Truncação** – *Zé (José), Zerva (preservativo), Balha (Balharadas), Charafa (Charafina), Sabi (Sabichão).*

**Empréstimo** – *Ramon, Manolo/a, Menage, Planchau.*

**Sigla** – *JJ (Jota Jota<sup>589</sup>).*

No conjunto das alcunhas, muitos são os exemplos de **extensão semântica**:

*Alicate, Automotora, Badana, Balsa, Banana, Barril, Batata, Bife, Bola, Bomba, Borregas, Botelha, Broa, Cabanas, Calças, Calhau, Camisolas, Carçoço, Carraça, Carroça, Cerveja, Cerolas, Chaparro, Chocolate, Ciências, Cobra, Coelha, Comboio, Cuco, Faísca, Farenhera, Farropo, Fava, Fezes, Fontes, Gaiolas, Gaitas, Galinha, Gato, Gavelas, Grazine, Gretas, Grilo, Gula, Inverno, Janero, Joia, Jona, Lambretas, Latas, Loba, Lupas, Macaco, Mamute, Manjerico, Mantegas, Maresia, Minhoca, Mocho, Moedas, Morcego, Nabo, Panela de Pressão, Pão de Centeio, Pardal, Pata, Persianas, Piaçá, Pífarro, Pulga, Quedas, Realidades, Riscas, Rolo, Saboneta, Salsa, Sopa, Tabaco, Tambor, etc.*

#### 3.4.4.3.2.4. Características fonético-fonológicas

Tal como o restante vocabulário, as alcunhas refletem as características fonético-fonológicas, morfossintáticas e semânticas do Falar de Marvão, com destaque para as primeiras, de que apresentamos alguns exemplos:

##### 3.4.4.3.2.4.1. Supressão

Neste domínio, verificam-se sobretudo casos de síncope: *Amalçuédo, Cambra Prera, Catrina, Cravenero, Cruja, Da Ambulança, Do Suvrino, Espírito Malino, Esprancinha, Paciência, Pléria, Safrenha, Veternário e Piaçá.*

---

<sup>588</sup> Classificações adotadas por AZEREDO, 2010: 296.

<sup>589</sup> As letras JJ representam as iniciais do nome do visado.

#### **3.4.4.3.2.4.2 Inserção**

No conjunto de alcunhas recolhidas, existem exemplos de vários tipos de acrescentamento: *Acrescente, Caramoço, Lábio Arrachado*;

#### **3.4.4.3.2.4.3. Dissimilação**

*Bajecas, Batestinha, Cevil, Gongunhana, Ingenhero, Pechorrito, Vegia, Venanosa* são alguns dos exemplos que ilustram a diferenciação de sons nos anexins recolhidos.

#### **3.4.4.3.2.4.4. Assimilação**

Muitos são os casos de assimilação existentes, tal como sucede no léxico em geral deste falar: *Charafa* (Serafim), *Condanado, Da Laja, Do Ânjar, Do Sabastião, Eletrecista, Legero, Meguela, Treguera*, etc.

#### **3.4.4.3.2.4.5. Monotongação**

Não querendo abordar de forma exaustiva os fenómenos fonéticos que alteraram o léxico associado às alcunhas, não podemos deixar de mencionar a monotongação, ou não estivesse o Falar de Marvão integrado no Alentejo, região tão marcada por esse traço. Esta verifica-se, quer nos ditongos nasais, quer nos orais:

- *Montalvã, Tavã*;

- *Albardero, Batatero, Baxinho, Beças, Bejocas, Cafetera Rota, Cartero, Cerolas, Chera, Chumbero, Do Dotor, Do Carnerero, Dos Choriços, Estora, Marra-baxo, Poca-ropa*, etc.

### 3.4.4.3.3. Coletânea<sup>590</sup>

#### A

**Abel é bom** – *m. adq., linguística* O visado usa com frequência esta expressão.

**Açoreano** – *m. hered. geográfica* O visado é natural dos Açores.

**Acrescente** – *m. adq. o.ob.*

**Adventista** – *m./f. adq. psicológica/ comportamental* Os visados são praticantes da religião adventista.

**Agarra-plachos** – *m. adq. psicológica/ comportamental, o.ob.*

**Aguardente Froxa** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Aplicada devido ao indivíduo andar frequentemente bêbedo.

**Alacado** – *m. adq. física* Numa altura em que o visado esteve doente, emagreceu bastante, o que motivou a alcunha. Apesar de ter recuperado a forma física, já não perdeu o anexam.

**Albardero** – *m. adq. profissional* O visado era albardeiro de profissão.

**Alcena** – *m. s.i.*

**Alfaiata** – *f. o.ob.* A nomeada não tem esta profissão.

**Alfaiate** – 1. *m. profissional* O visado exerce a profissão de alfaiate. 2. *m. hered. o.ob.*

**Alicate** – *m. hered. o.ob.*

**Alpina** – *m. hered. o.ob.*

**Amalçuédo, a** – *m./ f. hered. psicológica/ comportamental* Motivada pelo mau feitio dos inicialmente visados.

**Amarguinha** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O senhor gosta particularmente de beber amêndoa amarga.

**Arrenga** – *m. hered. o.ob.* A alcunha passou de pai para filho.

**Aurreliane** – *m. linguística o.ob.*

**Automotora** – *f. hered.* A visada é mulher do "Comboio Parado".

---

<sup>590</sup> Lista de abreviaturas usadas nas entradas:

*m.* – masculino;

*f.* – feminino;

*o.ob.* – origem obscura;

*s.i.* – sem informação;

*adq.* – adquirida;

*hered.* – hereditária;

*deriv.* – derivada.



**B**

**B/Varandas** – 1. *m. hered. linguística* Motivada por uma deturpação linguística a partir de “brando/brandas”. 2. *m. hered. comportamental* Segundo Francisco Ramos<sup>591</sup>, os alcunhados, por serem muito curiosos e gostarem muito de conhecer a vida alheia, estão sempre à espreita na varanda, para ver o que se passa.

**Bacalhau** – *m. s.i.*

**Bacolhes** – *f. s.i.*

**Badana** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental, o.ob.*

**Bagagero, a**<sup>592</sup> – *m. f. hered. profissional linguística* O pai do visado era manajeiro e pronunciava o nome da sua profissão de forma deturpada. Segundo Francisco Ramos, a alcunha proveio do pai do visado, que era empregado dos caminhos de ferro e transportava as bagagens dos clientes.

**Bailundo** – *m. s.i.*

**Bajanica**<sup>593</sup> – *m./f. hered. comportamental* Segundo Francisco Ramos, o portador da alcunha, quando era criança, gostava de comer vagens secas.

**Bajecas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcinha atribuída devido ao visado gostar muito de beber “bejecas”, ou seja, cervejas.

**Balalaicas** – *m. adq. linguística* Quando era miúdo, queriam calçar-lhe umas botas de borracha e ele não as queria, porque eram muito grandes. Então, de forma estropiada, dizia que não queria as “balalaicas”.

**Balha** – *m. hered. psicológica/ comportamental* Abreviatura da alcunha “Balharadas”.

**Balha-bem** – *m. adq. psicológica/ comportamental.*

**Balharadas**<sup>594</sup> – *m. hered. psicológica/ comportamental* Já passou para a terceira geração e terá surgido devido ao facto de o avô se destacar por bailar bastante e ser uma pessoa muito extrovertida. Segundo F. Ramos, o anexam deve-se ao facto de o alcunhado ter uma família muito numerosa e, quando se juntavam todos, faziam grandes festas.

**Balharicos** – *m. hered. psicológica/ comportamental o.ob.*

**Balocha** – *f. s.i.*

---

<sup>591</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 83.

<sup>592</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 76.

<sup>593</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 78.

<sup>594</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 78. Alcinha registada como “Bailaradas”.

**Balsa** – *m. adq. o. ob.* No concelho existem, pelo menos, dois visados com esta alcunha e não têm qualquer relação de parentesco.

**Banana** – 1. *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando era pequeno, o visado comia com regularidade bananas e era comum a sua mãe chamá-lo na rua para ir “comer a banana”. 2. *m. adq. o.ob..*

**Bananinha** – *f. hered.* O pai tem como alcunha “Banana”.

**Barbas** – *m. adq. física* O visado usa regularmente a barba muito comprida.

**Barradinhas** – *m. s.i..*

**Barreta**– *m./f. hered.* Segundo F. Ramos<sup>595</sup>, a alcunha tem cariz geográfico, há um local com esse nome.

**Barriga Fria** – *f. hered. o.ob..*

**Barril** – *m. adq. física* O recetor apresenta uma estatura baixa e corpulenta.

**Bataréu** – *m. hered.* Designação relacionada com outra alcunha do portador “B/Varandas”.

**Batata** – 1. *m. hered.* Ao pai chamavam o "Batatero". 2. *m. adq. o.ob..*

**Batatero, a** – *m./f. adq. o.ob.* A alcunha passou para o filho como "Batata".

**Batatinha** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado gosta muito de comer batatas fritas.

**Bate n’ Avó** – *m. adq. psicológica/ comportamental*

**Bate-chapas** – *m. adq. profissional* O alcunhado tem a profissão de bate-chapas.

**Batestinha** – *f. adq. deriv. do apelido* A recetora tem como apelido Baptista.

**Baxinho** – *m. adq. física* O visado apresenta uma estatura baixa.

**Beba** – *m. adq. o.ob..*

**Becas** – *m. adq. linguagem deriv. do nome* Diminutivo do nome Bernardo.

**Beças** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando era miúdo, o visado fazia frequentemente birras e “beicinha”.

**Bechano, a** – *m./f. hered. o.ob..*

**Been** – *m. adq. física* Motivada pela parecença do visado com o Mister Been.

**Bejocas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O recetor tem por hábito distribuir beijos a toda a população nos eventos a que se desloca.

**Bem na Barra /Bela Barra** – *m. adq. linguística* O alcunhado trabalhou nas minas da Panasqueira, no volfrâmio, e era habitual comentar "Bela Barra!".

**Bernaldinha** – *f. adq. linguística deriv. do nome* A visada chamava-se “Bernardina”, mas era frequente a população deturpar o seu nome.

---

<sup>595</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 88.

**Betinho** – *m. adq. linguística deriv. nome* O alcunhado chama-se “Alberto”, surgindo a alcunha como uma deturpação do seu nome.

**Bi** – *m. adq. o.ob.*

**Bíbare** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O nomeado tem por hábito fazer muitas partidas.

**Bife** – *m. adq. o.ob.*

**Bilbil** – *m. hered. o.ob.* O primeiro visado já faleceu. Entretanto a alcunha foi herdada pelo genro.

**Bizi** – *m. adq. o.ob.* Alcinha gerada no contexto escolar, desconhecendo o portador a sua génese.

**Boa Pessoa** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O recetor é uma pessoa muito cordial.

**Bob Gavancha** – *m. adq. física* O alcunhado apresenta semelhanças com um desenho animado chamado Bob.

**Boca Aberta** – *m. adq. física* O portador da alcunha, por vezes, esquece-se da boca aberta, o que logo despertou a atenção dos colegas.

**Boca de Sapo** – *m. adq. física* O visado tem uma boca grande.

**Boca Negra** – *m. adq. física* O alcunhado tem os lábios muito escuros.<sup>596</sup>

**Bocas** – *m. adq. o.ob.*

**Bocazune** – *m. adq. física* O visado apresentava semelhanças com uma personagem de um videojogo com esse nome.

**Bochincha** – *m. s.i.*

**Bode** – *m. adq. física* O portador da alcunha é considerado muito feio. As pessoas diziam que “era mais feio do que um bode”.<sup>597</sup>

**Bodes** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O recetor, devido a perturbações mentais, apresenta comportamentos que dão nas vistas.

**Boi** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Diz a população que o visado é traído pela mulher.

**Boina Branca** – *m. adq. física o.ob.* De notar que o visado não tem por hábito usar boina branca.

**Bola** – *m./f. hered. o.ob.*

**Bolinhas** – *m./f. s.i.*

**Bomba** – *m. adq. física* Quando mais jovem, o visado tinha o rabo grande. A sua alcunha passou depois para os irmãos mais novos.

**Bombinha** – *m. hered. física* O irmão mais velho do alcunhado tem o anetim de “Bomba”.

**Bonanza** – *m. psicológica/ comportamental* É frequente o visado envolver-se em brigas, como sucedia na série televisiva “Bonanza”.

---

<sup>596</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 107.

<sup>597</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 107.

**Borregas** – *m. s.i.*.

**Bota-fogo** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* A alcunha foi atribuída aos pais, entretanto já passou para os filhos. Francisco Ramos e Carlos da Silva<sup>598</sup> indicam que na origem desta alcunha estão deficiências mentais e que o visado foi acusado de incendiar algumas matas na região.

**Botelha** – *m. s.i.*.

**Braga** – *m. hered. o.ob.*

**Bragança** – *m. s.i.*.

**Brava** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A visada apresentava um comportamento ríspido.

**Brazuna** – *m. hered. psicológica/ comportamental* Abrange dois visados sem qualquer grau de parentesco. Os alcunhados têm um comportamento arrebatado e um deles até já teve várias acidentes, escapando sempre.

**Brazuna Pobre** – *m. adq.* Na terra existem dois senhores com a mesma alcunha, logo, a condição social foi uma forma de os distinguir.

**Brazuna Rico** – *m. adq.* Na terra existem dois senhores com a mesma alcunha, logo, a condição social foi uma forma de os distinguir.

**Broa** – *f. s.i.*.

**Bruto, a (s)** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* Já vem de família, por alguns elementos apresentarem comportamentos um pouco rudes, apesar de alguns elementos femininos que atualmente a possuem não apresentarem comportamentos que venham ao encontro da alcunha; pelo contrário, até são bastante requintados.

**Búbias** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Durante uma determinada fase, o visado andava frequentemente bêbedo.

**Bufa Amarela** – *m. s.i.*.

**Bufente** – *m. s.i.*.

**Burrinho** – *m. hered. física* O alcunhado tem um irmão cuja alcunha é “Cavalinho”. Como ele apresenta uma estatura pequena, ficou o “Burrinho”.

---

<sup>598</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 116.

C

**Cabacinhas** – *m. professional* Devido ao visado ser electricista e lidar com lâmpadas, que são parecidas a cabaças.

**Cabanas** – *m. adq. o.ob.*

**Cabeça Agúdia** – *m. adq. física* Alcunha registada em Marvão por Francisco Ramos e Carlos da Silva, motivada pelo facto de o indivíduo ter a cabeça pontiaguda.<sup>599</sup>

**Cabra** – *m. adq. professional* O visado guarda cabras desde tenra idade.

**Cabrero** – *m. adq. professional* O alcunhado tem cabras.

**Cacanho** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Motivada pelo facto de o recetor ter pouca habilidade para jogar futebol.

**Caçapa** – *m. hered.* O visado era filho de uma senhora a que atribuíram a alcunha de “Coelha”.

**Cachaporra** – *m. adq. o.ob.*

**Cadáver** – *m. adq. física* Numa determinada fase da sua vida, o visado teve vários acidentes de moto que o iam levando à morte. Para além disso, anda frequentemente bêbedo e apresenta, por norma, um aspeto desleixado e pouco salutar.

**Cadelo** – *m. s.i.*

**Cafetera Rota** – *m. hered. psicológica/ comportamental* Já ao pai do visado chamavam esta alcunha. Alcunha motivada pelo facto de o recetor andar frequentemente bêbedo.

**Cafezinho** – *m. adq. linguística comportamental* No exercício das suas funções, tem por hábito oferecer um "cafezinho" a quem o procura.

**Caga-tias** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O nomeado costuma ter muita sorte, em calão designada por “caga”.

**Cágado (s)** – *m. hered. o.ob.* Toda a família adotou esta alcunha.

**Cagaito** – *m. física* Alcunha recolhida por Francisco Ramos e Carlos da Silva<sup>600</sup>. É atribuída a um indivíduo de estatura baixa.

**Caga-pregos** – *m. hered.* Esta alcunha tem sido herdada pelas várias gerações. Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, tem um cariz comportamental, já que o seu portador é servente de pedreiro, mas é muito preguiçoso. Por isso, usa qualquer desculpa para não fazer nada, como ir levar pregos a outro colega<sup>601</sup>.

---

<sup>599</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 125.

<sup>600</sup> Cfr. RAMOS, 2001: 141.

<sup>601</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 140.

**Cal Branca** – *m. hered. o.ob.*

**Calça Arregaçada** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado, nos leilões, tinha por hábito ir para o pé dos grandes lavradores e arregaçava as calças.

**Calcachana** – *m. hered. o.ob.*

**Calças** – *m. hered. o.ob.* A alcunha tem passado de geração em geração.

**Calcinha** – *m. s.i.*

**Caletra** – *m. adq. linguística* O nomeado, em vez de dizer “bicicleta, dizia “caletra”.

**Calhau** – *m. s.i.*

**Calhó** – *m. adq. o.ob.*

**Calica** – *m. adq. o.ob.*

**Camanhas** – *m. hered. o.ob.*

**Cambalhotas** – *m. adq. o.ob.*

**Cambra Prera** – *m. adq. física* O alcunhado apresenta algumas semelhanças com o fadista Nuno da Câmara Pereira.

**Cambriolas** – *m./f. hered. o.ob.*

**Camesolas** – *m. adq. o.ob.*

**Cananga** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A visada tem normalmente um comportamento extrovertido, que dá bastante nas vistas.

**Canas** – *m. adq. deriv. do nome linguística* A alcunha provém do apelido “Canuto”.

**Cancelas** – *m. adq. profissional* O alcunhado tem a profissão de ferreiro e, entre outras coisas, faz cancelas de ferro.

**Caneca** – *m. hered. física* Ao pai do visado chamam “Barril”, logo, o povo estabelece uma relação de dependência entre a caneca e o barril.

**Canhoto, a** – *m./f. hered. o.ob.* Existem vários visados com este anexam em várias aldeias do concelho.

**Canico** – *m. s.i.*

**Canilhas** – *m./f. hered. o.ob.* Vários irmãos partilham este anexam, mas desconhecem a sua origem. Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, um dos visados com esta alcunha é canalizador<sup>602</sup>. Todavia, dos que nós conhecemos, nenhum tem essa profissão, pela que, no caso destes, a etimologia terá outra explicação, por nós desconhecida.

**Cão d' Água** – *m. adq. linguística* O visado costumava chamar "cão de água" aos outros e acabou por ficar ele assim alcunhado.

---

<sup>602</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 154.

**Cão da Muralha** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcunha recolhida por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O visado tinha por hábito andar encostado à muralha<sup>603</sup>.

**Caramoço** – *m. adq. física* O visado era bastante alto.

**Carcacinha** – *m. adq. o.ob.*

**Cardinho** – *m. s.i.*

**Careca** – *m. adq. física* Os vários alcunhados têm muito pouco ou mesmo nenhum cabelo.

**Caroço** – *m. hered. características psicológicas/comportamentos* A alcunha tem passado de geração, desconhecendo os mais novos a sua origem. Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, o anexam deve-se ao facto de um indivíduo ter afirmado que conseguia beber cinco litros de vinho só com um caroço de azeitona<sup>604</sup>.

**Carraça** – *m. s.i.*

**Carreta** – *m. adq. linguística* O visado, em pequeno, dizia “carreta” em vez de “careta”.

**Carretas** – *m. adq. física* Alcunha motivada pelo facto de o visado ser parecido com um guarda fiscal que estivera na zona e a que chamavam “Carretas”.

**Carrilho** – *m. hered. o.ob.*

**Carroça** – *m. hered. profissional* Alcunha que tem passado de geração em geração. Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, começou por ser aplicada a uma família que antigamente alugava carroças às pessoas como meio de transporte, depois foi passando para outros familiares<sup>605</sup>.

**Cartero** – *m. adq. profissional* O visado é carteiro de profissão.

**Casinhas** – *m. adq. linguística* O portador tem como apelido Casanova.

**Castanho** – *m. hered.* O visado tinha um burro castanho.

**Cata Quenhenta** – *m. adq. linguística* Quando miúdo, o visado dizia “cata quenhenta” em vez de “quatro e quinhentos”.

**Catarro(s)** – *m./f. hered. o.ob.* Abrange toda a família.

**Catatão** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcunha recolhida por Francisco Ramos e Carlos da Silva. Na sua génese está o facto de o visado gostar muito de ver na televisão o boneco animado “Catatão”<sup>606</sup>.

**Catinga** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A nomeada costumava exalar um mau cheiro.

**Catorze** – *m. linguística* Quando pequeno, o alcunhado dizia sempre “13/14, 13/14” e daí não

---

<sup>603</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 156.

<sup>604</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 167.

<sup>605</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 170.

<sup>606</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 176.

passava.

**Catrina** – *f. adq. o.ob.* A visada é assim chamada, mas este não é o seu nome de batismo.

**Cavaco/a** – *m./f. s.i.*

**Cavala** – *f. hered. psicológica/ comportamental* Forma abreviada de *Cavalo de Pau*. Esta alcunha vem da sua progenitora, que assim foi nomeada por ter o hábito de brincar nas grades do lajeado de Castelo de Vide.

**Cavalão** – *f. adq. física e psicológica/ comportamental* A visada, para além de apresentar um porte acima da média das mulheres, anda de forma desenfreada, fazendo lembrar um cavalo sem rédea.

**Cavalinho** – *m. hered.* Dois irmãos foram alcunhados com nomes de bestas, um tem este, o outro tem o de “Burrinho”. De notar que o “Cavalinho” tem um maior porte que o “Burrinho”, daí essa distinção.

**Cavalo de Pau** – 1. *f./m. hered. psicológica/ comportamental* A progenitora tinha o hábito de brincar no gradeamento do lajeado de Castelo de Vide. Depois foi passando para os filhos e netos. 2. *f. adq. física* Motivada pela forma de andar da senhora.

**Cena** – *m. s.i.*

**Cerolas** – *m. hered. psicológica/ comportamental* A alcunha já vem do avô do atual portador. Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, os visados tinham esta alcunha porque vestiam as ceroulas dos irmãos mais velhos<sup>607</sup>.

**Cerveja** – *m. hered. psicológica/ comportamental* A alcunha começou há três gerações. O inicialmente visado ia buscar estanho a Espanha (através do contrabando) e, quando cá chegava, isso rendia-lhe muito dinheiro. Assim, como o dinheiro abundava, logo que chegava a uma taberna, em vez de beber vinho, que era a bebida mais barata, bebia cerveja, uma bebida mais cara na altura. Francisco Ramos e Carlos da Silva consideram que esta alcunha foi atribuída a um indivíduo que gosta muito de beber cerveja<sup>608</sup>.

**Cestero** – *m. adq. profissional* Ao longo da sua vida, o visado tem-se dedicado à feitura de cestos.

**Cestinho de Flores** – *m. hered. o.ob.* Já o avô assim era designado.

**Cestinho de Pão** – *m. adq. profissional* O visado é padeiro de profissão.

**Cevil** – *m. adq. o.ob.*

---

<sup>607</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 184.

<sup>608</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 184.



**Chabouco dos Cágados** – *m. adq. geográfica* Alcunha recolhida por Francisco Ramos e Carlos da Silva<sup>609</sup>. O visado viveu muito tempo num local que tinha esta designação.

**Chaca** – *m. hered. o.ob.*

**Chalantra** – *f. hered. psicológica/ comportamental.*

**Champa** – *m. hered. psicológica/ comportamental.*

**Chanquelho** – *m./f. hered. o.ob.*

**Chaparrete** – *m. hered. o.ob.* A alcunha já veio do seu pai.

**Chaparro** – *m. hered. o.ob.*

**Charafa** – *m. hered. deturpação do nome linguística* O nome “Serafim” evoluiu para “Sarafim” e posteriormente para “Charafina”, o nome do pai do visado. Entretanto a alcunha foi reduzida para “Charafa”.

**Charanga** – *m. adq. o.ob.*

**Charreco** – *m. adq. o.ob.*

**Chenês** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O nomeado apresenta normalmente má cara, um semblante antipático.

**Cher’ a Vaca** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado, fora do contexto agrícola, exala frequentemente cheiro a vaca.

**Chera** – *m. adq. psicológica/ comportamental.*

**Chiba** – *m. adq. profissional* O alcunhado desde pequeno que guarda cabras.

**Chibo(s)** – *m./f. hered. o.ob.* Abrange toda a família.

**Chica Monkey** – *f. hered.* Ao pai da nomeada chamam “Macaco”, havendo uma adaptação na passagem da alcunha para a sua descendente.

**Chico** – *m. adq. o.ob.* O visado não tem este nome.

**Chico da Blusa** – *m. adq. linguística* Pegando numa expressão do seu sogro, o nomeado tinha o hábito de chamar “Chico da Blusa” aos demais, entretanto alcunharam-no com essa expressão.

**Chocolate** – *m. adq. física* Um dos visados apresenta uma tez muito escura.

**Chorinca** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado, quando era miúdo, chorava muito.

**Chumbero** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O detentor do anexim atuava como um criado obediente perante o seu patrão.

**Chuta** – *m. adq. o.ob.*

**Cianeto** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcunha recolhida por Francisco Ramos e Carlos

---

<sup>609</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 186.

da Silva. Quando se embebedava, o visado era muito importuno e ruim<sup>610</sup>.

**Ciências** – *m. psicológica/ comportamental o.ob.*

**Cinco Tostões** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Numa situação de aposta, o visado apostou cinco tostões.

**Clarocho** – *m. hered. o.ob.* A alcunha proveio do pai do visado, desconhecendo este a sua génese.

**Cobra** – *m. adq. psicológica/ comportamental o.ob.*

**Coca-cola** – *m. adq. psicológica/ comportamental o.ob.*

**Cocas** – *m. adq. física* A cara do visado faz lembrar um sapo.

**Cócegas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando vê algum miúdo, este senhor tem por hábito fazer-lhe cócegas.

**Coelha** – 1. *f. deturpação do apelido* O apelido da senhora foi adaptado ao feminino. 2. *f. hered. o.ob.* Num dos casos, esta alcunha foi transmitida ao filho da visada, ficando ele o “Caçapo”.

**Colega** – *m./f. hered. o.ob.* O marido e a mulher tinham a mesma alcunha.

**Colete d’ Azinho** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Durante a juventude, o visado tentava proteger a única filha que tem de forma rígida.

**Comboio (Parado)** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado apresenta algum atraso mental. Francisco Ramos e Carlos Silva registam a alcunha “Comboio”, apresentando como explicação o visado já ter uma idade muito avançada<sup>611</sup>.

**Compincha** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Durante a sua juventude, o visado era um bom companheiro de farra e começaram a tratá-lo deste modo.

**Comprido** – *m. adq. física* Os dois alcunhados apresentam uma grande altura.

**Condanado** – *m. adq. o.ob.*

**Copita** – *m. adq. psicológica/ comportamental* É frequente o alcunhado andar com os copos.

**Cornhera** – *f. adq. o.ob.*

**Cravenero** – *m. hered. linguística* Um dos visados dizia que era “carabineiro”, mesmo sem o ser.

**Cruja** – *m. s.i.*

**Cu de Lata** – *m. adq.* Francisco Ramos e Carlos da Silva, a propósito desta alcunha, indicam que o visado é cabo reformado da G.N.R.<sup>612</sup>.

---

<sup>610</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 200.

<sup>611</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 206.

<sup>612</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 216.

**Cuco, a (s)** – *m./f. hered. o.ob.* A alcunha tem passado de geração em geração e abarca muitos dos elementos da família.

**Curinha** – *m. linguística* À coronha da espingarda o visado chamava “curinha”.

## D

**D’Asseiceira** – *m. adq. geográfica* O alcunhado vive na Relva da Asseiceira.

**Da Ambulância** – *m. adq. profissional* Durante toda a sua vida, o alcunhado foi motorista de ambulância.

**Da Barradas** – *m. adq. geográfica* O alcunhado viveu num prédio que se chama a “Barradas”.

**Da Barreta** – *m. hered. geográfica* O visado nasceu e viveu num prédio denominado a “Barreta”.

**Da Barroca da Pena** – *m./f. hered. geográfica* Os visados vivem ou viveram num local chamado “Barroca da Pena”.

**Da Bica** – *m. adq. geográfica* O recetor desta alcunha nasceu no local da “Bica”.

**Da Bola de Cera** – *m. adq. geográfica* O visado viveu num prédio designado a “Bola de Cera”.

**Da Broca** – *m./f. adq. geográfica* O alcunhado vive num prédio chamado a “Broca”.

**Da Burra** – 1. *m. adq. psicológica/ comportamental* Em miúdo, o detentor do anexam costumava andar com uma burra. 2. *m. hered. o.ob.*

**Da Cal** – *m. adq. profissional* O alcunhado comercializou cal.

**Da Caldera** – *m. adq. profissional* O nomeado trabalhava numa fábrica com uma caldeira.

**Da Calera** – *m. adq. geográfica* O visado tem terrenos na zona das caleiras.

**Da Cara Cagada** – *f. adq. física* A visada era muito pobre e por vezes andava suja.

**Da Caralha** – *m. adq. o.ob.*

**Da Celeste** – *m. hered.* O visado foi casado com uma senhora que se chamava “Celeste”.

**Da Cesta** – *m. hered. profissional* Os visados são comerciantes ambulantes. A alcunha também veio a abranger os descendentes.

**Da Defesa** – *m. hered. geográfica* O nomeado viveu num prédio chamado a “Defesa”.

**Da Escusa** – *m. adq. geográfica* Alcinha motivada pela naturalidade ou residência dos visados na Escusa.

**Da Fadagosa** – *m. adq. geográfica* O visado viveu e teve um comércio na Fadagosa.

**Da Farmácia** – *m. adq. profissional* O nomeado trabalha numa farmácia.

**Da Gaita** – *m. hered. o.ob.* A alcunha passou do pai para os dois filhos.

**Da Giesta** – *m. profissional* O alcunhado cortava giestas para alimentar as caleiras da Escusa.

**Da Horta** – *m. s.i.*

**Da Laja** – *f. adq. geográfica* No local em que vivia a alcunhada, havia uma grande laje à porta de casa.

**Da Laja do Grego** – *f. hered. geográfica* As visadas moraram num local denominado a “Laje do Grego”.

**Da Lajinha** – *m./f. hered. geográfica* Os visados residem no local da “Lajinha”.

**Da Luzia** – *m. hered.* A mãe do visado chamava-se “Luzia”.

**Da Macera** – *m./f. hered. geográfica* Os recetores vivem ou viveram num sítio chamado “Maceira”.

**Da Mari Tresa** – *m. hered.* O alcunhado está casado com uma senhora chamada “Maria Teresa”.

**Da Marrã** – *m. hered. psicológica/ comportamental* O anexam proveio dos pais, que, como eram muito pobres, quando morriam porcos na aldeia, iam desenterrá-los para comer.

**Da Nave** – *m. adq. geográfica* O visado residiu na “Nave”.

**Da Nora** – *f. adq. geográfica* A visada vive perto de uma nora.

**Da Olga** – *m. hered.* O visado é casado com uma senhora chamada “Olga”.

**Da Padaria** – *m. adq. profissional* O visado possui uma padaria.

**Da Praça (de Toros)** – *f. hered. geográfica* As visadas moraram ou moram nas casas integradas na praça de touros.

**Da Quinta** – *m./ f. hered. geográfica* Existem várias pessoas com esta alcunha. Todas elas viveram durante um tempo numa quinta.

**Da Relmeia** – *m. adq. geográfica* O visado reside num local chamado a “Relmeia”.

**Da Safr' Alta** – *f. adq. geográfica* As visadas residem num local designado a “Safrá Alta”.

**Da Serra** – *m. adq. profissional* O recetor da alcunha trabalhava numa fábrica com uma serra.

**Da Tapada' Moro** – *m. hered. geográfica* O alcunhado viveu num local chamado a “Tapada do Mouro”.

**Da Tapada das Pias** – *m./f. adq. geográfica* Os visados moraram ou moram no local da “Tapada das Pias”.

**Da Torre** – *f. adq. geográfica* A visada viveu no sítio da “Torre”.

**Da Viúva** – 1. *m. hered. o.ob.* A alcunha já vem do tempo do seu avô. 2. *m. hered.* O visado era casado com uma senhora cuja alcunha era a *Viúva Alegre*.

**Dartanham** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Na altura em que andavam a dar estes desenhos animados, o alcunhado exibia-se como o mosqueteiro Dartanham.

**Das Águas** – *f. hered. o.ob.* Toda a família partilha esta alcunha.

**Das Albardas** – *m. adq. o.ob.*

**Das Barbas** – *m. adq. física* O visado usa regularmente a barba muito comprida.

**Das Cabras** – *m./ f. adq. profissional* Durante a sua infância e juventude, a visada guardava as cabras do pai. Já o visado, noutra localidade, desde novo que guarda cabras e ainda mantém esta atividade.

**Das Carroças** – *m. s.i.*

**Das Ferrarias** – *m. adq. geográfica* O portador da alcunha trabalhou num prédio chamado “Ferrarias”.

**Das Galinhas** – *m. hered. profissional* Alcinha motivada pela profissão dos visados, que eram negociantes de galinhas. Num dos casos, passou de pai para filho.

**Das Gasosas** – *m. adq. profissional* O alcunhado vende vinho e refrigerantes, entre os quais “gasosas”.

**Das Golas** – *m. hered. geográfica* Os visados são proprietários de um prédio denominado “As Golas”.

**Das Herdades** – *m. adq. geográfica profissional* O apodado trabalhou, durante um tempo, em herdades.

**Das Lamerinhas** – *m. hered. geográfica* Os visados residiram num prédio chamado as “Lameirinhas”.

**Das Mãos Grandes** – *m. adq. física* O nomeado tem as mão muito grandes.

**Das Molas** – *m. adq. profissional* Na sua profissão, o senhor trabalhava com molas.

**Das Saboarias** – *m./f. adq. geográfica* Os visados vivem num local chamado “Saboarias”.

**De Rojo** – *m. adq. psicológica/ comportamental linguística* Quando andava a dançar, o nomeado não tinha muito jeito, então, agarrava-se à mulher e dizia: “Isto vai de rojo!”.

**De Santa Comba Dão** – *m. adq. geográfica* O visado era natural dessa região.

**Délio do Alho** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcinha recolhida por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O visado gosta muito de fazer petiscos e utiliza muito o alho<sup>613</sup>.

**Denisa à Trindade** – *f. adq. o.ob.*

**Dentinho D’oro** – *m. adq. física* Os vários visados têm dentes de ouro.

**Destó** – *m. adq. linguística* Em jovem, o portador tinha muito o hábito de proferir a interjeição “Destó!”.

**Dezanove** – *m. hered. o.ob.* Já o pai tinha esta alcunha e passou para o filho.

**Dezoito** – *m. s.i.*

---

<sup>613</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 222.

**Diabo** – *m. psicológica/ comportamental* Quando bebe em demasia, o alcunhado costuma causar distúrbios.

**Diana** – *m. adq. o.ob.*

**Diário de Notícias** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Anexim recolhido por Francisco Ramos e Carlos da Silva<sup>614</sup>. O alcunhado gosta muito de boatos e mexericos.

**Do Adão** – *f. hered.* O marido da visada chama-se “Adão”.

**Do Américo** – 1. *m. hered.* O pai do visado chamava-se “Américo”. 2. *f. hered.* A visada está casada com um senhor chamado “Américo”.

**Do Ânjar** – *m. hered. linguística* O pai do nomeado chamava-se “Ângelo”.

**Do Atalho** – *m. adq. geográfica* O alcunhado viveu num local chamado “Atalho”.

**Do Batão** – *m. adq. geográfica* O visado reside num sítio denominado “Batão”.

**Do Bento** – *m. hered.* O pai do recetor chamava-se “Bento”.

**Do Branco** – *f. hered.* O marido da senhora tem como apelido “Branco”.

**Do Buço** – *f. adq. física* Na altura da adolescência, a visada apresentava um ligeiro buço, que motivava o comentário dos colegas.

**Do Burro** – *m. hered. psicológica/ comportamental* Já o pai do visado tinha um burro inteiro e o filho mantém o mesmo hábito.

**Do Cabeço** – *m. geográfica.*

**Do Cabral** – *m./f. hered. geográfica.* Alcinha motivada pelo nome do prédio onde viveram.

**Do Canto** – *m. geográfica.*

**Do Carnerero** – *f. adq. geográfica* Viveu num local chamado “Carneireiro”.

**Do Carro de Praça** – *m. adq. profissional.* O visado possui um táxi.

**Do Castelinho** – *m. hered. geográfica* As visadas moravam num local denominado “Castelinho”.

**Do Castelo** – *m. adq. geográfica* O alcunhado reside perto do castelo de Marvão.

**Do Clemente** – *m. hered.* O pai chamava-se Clemente.

**Do Dotor** – *f. adq. profissional* A nomeada trabalhou toda a vida em casa de um médico.

**Do Ginjal** – *m. adq. geográfica* O alcunhado reside num prédio com a designação de “Ginjal”.

**Do Grémio** – *m. adq. profissional* O visado trabalhou no escritório do grémio de lavoura.

**Do Guarda-fio** – *f. hered. o.ob.* A visada herdou a alcunha do marido.

**Do Guarda-rios** – *m. hered. profissioanl* O seu progenitor tinha a profissão de guarda-rios.

**Do Jerónimo** – *m. hered.* O pai do nomeado chamava-se “Jerónimo”.

---

<sup>614</sup> Cfr. RAMOS 2002: 226.

**Do Laranjal** – *f. hered. geográfica* As nomeadas residiram no local do “Laranjal”.

**Do Leite** – *m. adq. o.ob.*

**Do Leonardo** – *m. hered.* O pai do visado chamava-se “Leonardo”.

**Do Matinho** – *m. hered. geográfica* Vários visados partilham esta alcunha. Ou o próprio ou os seus pais moraram num prédio chamado “Matinho”.

**Do Mel** – *m. adq. profissional* O alcunhado produz mel.

**Do Padre** – *f. adq. psicológica/ comportamental* Diz o povo que a visada é amante de um padre.

**Do Parque** – *m./f. adq. profissional* Os alcunhados trabalharam ou trabalham no Parque Natural da Serra de S. Mamede.

**Do Paulos** – *f. o.ob.* De notar que o marido da visada não se chama “Paulos”.

**Do Pereiro** – *m. adq. geográfica* O visado trabalhou na herdade do Pereiro.

**Do Pino** – *m. adq. geográfica* O visado é natural da localidade do Pino.

**Do Porto** – *m. hered. geográfica* Todos os irmãos têm esta alcunha. O pai viveu no lugar do Porto.

**Do Poupichinho** – *f. adq. física* Alcinha recolhida por Francisco Ramos e Carlos da Silva. A visada usava o cabelo apanhado em poupo, mas tinha tão pouco cabelo que se diferenciava das outras raparigas por isso<sup>615</sup>.

**Do Preto** – *f. hered.* O marido da visada é de raça negra.

**Do Rebero das Talhas** – *m. adq. geográfica* O alcunhado viveu no “Ribeiro das Talhas”.

**Do Rebero de Penhero** – *m./f. adq. geográfica* Os visados vivem ou viveram num local chamado “Ribeiro do Pinheiro”.

**Do Sabastião** – *m. hered.* O pai do visado chamava-se “Sabastião”.

**Do Suvrino** – *m. hered.* O pai do nomeado chamava-se “Severino”.

**Do Talho** – *m./f. adq. profissional* Os visados possuem um talho.

**Do Valado** – *m./f. hered. geográfica* Os visados viveram num prédio chamado o “Valado”.

**Do Vital** – *m. adq. o.ob.*

**Dona Popas** – *f. adq. física* A visada era professora e usava um penteado que chamava a atenção.

**Dos Aires** – *m. adq. geográfica* O visado vive num local chamado “Os Aires”.

**Dos Alvarrões** – *m. adq. geográfica* O visado reside numa parte em que se pensa ter sido o início da aldeia dos Alvarrões.

**Dos Bejos** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado gostava muito que lhe dessem beijos, mas, como não era muito belo, não lhos queriam dar.

---

<sup>615</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 362.

**Dos Carneros** – *m. s.i.*

**Dos Cavalos** – 1. *m. hered. profissional* Durante um determinado tempo da sua vida, o visado trabalhou com cavalos. A alcunha também passou para os seus filhos. 2. *m./f. hered.* Noutra aldeia, a alcunha passou para a esposa, mas não se estendeu aos filhos do casal.

**Dos Choriços** – *m. s.i.*

**Dos Correios** – *m. adq. profissional* O portador do anexim trabalhou nos Correios.

**Dos Espetáculos** – *m. adq. profissional* Durante um período da sua vida, o visado organizou espetáculos de animação no concelho.

**Dos Porcos** – *m. profissional.*

**Dos Tojais** – *m./f. adq. geográfica* Os alcunhados vivem ou viveram num prédio chamado “Tojais”.

**Dos Tratores** – *m. adq. profissional* O visado é mecânico de tratores.

## E

**É que mas é que, mas é que...** – *m. adq. linguística* O alcunhado usava este bordão de fala para iniciar muitas vezes o seu discurso.

**Eletrecista** – *m. adq. profissional* O nomeado tem a profissão de eletricista.

**Engenhero** – *m. hered. o.ob.* Há visados com esta alcunha em mais de uma aldeia.

**Engenhero Cagão** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado tinha o hábito de se intrometer nas obras dos outros.

**Escurinho** – *m. adq. física* O nomeado apresenta uma tez bastante morena.

**Escusa** – *m. adq. geográfica* O visado é natural da aldeia da Escusa.

**Esfrega** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado tem por hábito esfregar as mãos uma pela outra.

**Espanhol** – *m./f. hered. o.ob.*

**Espanta** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* Abreviatura de *Espanta Marrãs*.

**Espanta Marrãs** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* Passou de pai para filho. Um dia, o progenitor ia a circular num caminho e, aquando da sua passagem, espantou umas marrãs que pastavam na tapada. Como a situação foi vista por outrem e gerou risota, logo motivou a alcunha. Muitas vezes esta é usada de forma abreviada – *Espanta*.



**Espírito Malino** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcunha recolhida somente por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O sujeito visado tem uma personalidade perversa<sup>616</sup>.

**Esprancinha** – *m./f. hered. o.ob.* O pai dos visados já tinha esta alcunha.

**Espreta** – *m. adq. psicológica/ comportamental* É frequente o alcunhado andar a espreitar para tentar sempre estar a par das últimas novidades.

**Estaça** – *m. adq. geográfica* Alcunha recolhida somente por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O portador do anexim morou na Estaça<sup>617</sup>.

**Estalinho** – *f. hered.* O irmão mais velho da nomeada tem como alcunha “Bomba”. O irmão do meio foi apodado de “Bombinha”, sendo a mais nova designada por “Estalinho”, ou seja, uma pequena bomba.

**Estanquero** – *m. s.i.*

**Estimado Amigo** – *m. adq. linguística* O visado tinha por hábito chamar isto aos seus clientes.

**Estora** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Qualquer um dos visados, em localidades diferentes, apresenta comportamentos bastante arrebatados.

**Estrelado, a** – *m. hered. o.ob.* Já a mãe assim era designada e estendeu-se a toda a família.

**Estriga** – *m./f. hered. o.ob.*

**Excelência** – *m. adq. o.ob.*

## F

**Facadas** – *m./f. hered. o.ob.*

**Fado/ Fadinho** – *m. hered. o. ob.* Passou de pai para filho.

**Fáisca** – *m. adq. psicológica/ comportamental* No concelho, existem vários visados com esta alcunha. Um dos visados é bastante rápido nas tarefas que executa.

**Fala-barato** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado falava muito e alto.

**Falcão** – *m. s.i.*

**Falera** – *f. s.i.*

**Fanan-** *m. adq. linguística deriv. do nome* Deturpação do nome do visado (Fernando).

**Farenhera** – *m. hered. psicológica/ comportamental linguística* Um dos visados tinha por hábito, em miúdo, ir para as tabernas e pedir pão com farinheira aos adultos. Entretanto a alcunha já passou para o seu filho. Noutros casos, desconhece-se a sua génese.

---

<sup>616</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 244.

<sup>617</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 245.

**Farias** – *m. hered. geográfica* O pai dos visados viveu num prédio chamado “Faria”.

**Farropo** – *m./f. hered. o.ob..*

**Farrusco** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado revela-se regularmente antipático e dá-se mal com uma grande parte da vizinhança.

**Farturas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado tem por hábito cometer alguns excessos.

**Fatela** – *m. hered. física* A alcunha proveio de seu pai, por usar roupas um pouco feias.

**Fava** – *m./f. hered. o.ob..*

**Faz-me rir** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O nomeado é muito bem disposto e anda sempre a rir-se.

**Fedúcias** – *m. adq. o.ob..*

**Feio** – *m. adq. física* O visado não prima pela beleza.

**Fenita** – *m. hered. o.ob..*

**Fera Negra** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Na sua juventude, o visado apresentava alguns comportamentos arrebatados, temidos pelos demais.

**Feri** – *m. adq. o.ob..*

**Ferrador** – *m. hered.* O sogro e o cunhado eram ferradores e o visado, quando casou, herdou a alcunha.

**Ferrero** – *m. adq. profissional* Designação motivada pela profissão do senhor.

**Ferro** – *m. o.ob.* O visado não tinha este apelido.

**Fezes** – *f./ m. adq. o.ob..*

**Fezes Albardero** – *m. hered./adq. profissional* Dupla alcunha. Para além da alcunha de família, o visado adquiriu outra devido à sua profissão.

**Finanças** – *m. adq. profissional* O alcunhado trabalha nas Finanças.

**Fodarra** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado gaba-se de ser engatão.

**Foguete, a** – 1. *m./ f. hered. psicológica/ comportamental* No dia em que tirou as sortes, o alcunhado deitou fogo a um molho de foguetes ao mesmo tempo, provocando uma pequena explosão e bastante pó. Entretanto o anetim passou para a sua descendente. 2. *m./f. hered. o.ob.* Já a mãe tinha essa alcunha, mas desconhece-se a sua génese.

**Fonga** – *f. adq. o.ob..*

**Fontes** – *m. hered. o.ob..*

**Fragalha** – *m. s.i..*

**Francês** – *m. adq. geográfica* O visado esteve emigrado em França.

**Frango** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcunha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O visado usa modas efeminadas<sup>618</sup>.

**Frango Longo** – *m. adq. física* Alcunha recolhida somente por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O portador do anexim é alto e caminha de forma muito característica, agitando os braços e dando grandes passadas<sup>619</sup>.

**Franzil** – *m. hered. o.ob.* Ao pai do visado chamam o *Barril*.

**Frasquinho de Veneno** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado por vezes promove a discórdia no seio do seu grupo de amigos.

**Fugido** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O nomeado não costumava ter paradeiro certo.

**Furriel** – *m. s.i.*

## G

**Gadanha** – *m. hered. profissional* A alcunha já vem dos avós do visado e os familiares desconhecem a sua motivação. Francisco Ramos e Carlos da Silva consideraram que este anexim é atribuído a um indivíduo que trabalha no campo e usa uma gadanha<sup>620</sup>.

**Gadanho** – *m. s.i.*

**Gadocha (s)** – *f. hered. o.ob.*

**Gagá** – *m. adq. linguística* O visado apresenta uma ligeira gaguez.

**Gaiolas** – *m. hered.* Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, esta alcunha é atribuída a uma família que costuma arranjar sarilhos<sup>621</sup>.

**Gaitas** – *m. adq. o.ob.*

**Galafo** – *m. adq. o.ob.* O mesmo portador tinha também o anexim de X das Galinhas.

**Galamarra** – *m. s.i.*

**Galega** – 1. *f. hered. deturpação do apelido.* A senhora tem como apelido "Galego", havendo uma adaptação ao feminino. 2. *f. hered. geográfica* A alcunha terá tido origem na bizavó da visada. Esta fora assim alcunhada porque era natural da Beira e, naquela altura, chamavam aos que vinham de locais acima do Tejo os "Galegos".

**Galhanços** – *m. adq. linguística* Quando era criança, davam ao visado muitas vezes grãos e ele costumava dizer: "A velha dá só galhanços!" (designação derivada de "gravanços").

---

<sup>618</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 270.

<sup>619</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 270.

<sup>620</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 275.

<sup>621</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 276.

**Galinha** – 1. *m. hered.* Num caso, a alcunha passou do padraço para o enteado. 2. *m. s.i.*

**Galinhas** – *f./m. hered. profissiona* Provavelmente associada ao negócio das galinhas.

**Gamberra** – *m. s.i.*

**Gandim** – *m. adq. psicológica/ comportamental.*

**Garraieta** – *f. s.i.*

**Gasalha** – *f. s.i.*

**Gato** – *m. s.i.*

**Gato Bravo** – *m. psicológica/ comportamental* Um dos visados foi um dos poucos marvanenses que participou na guerra de França.

**Gavelas** – *m. adq. o.ob.*

**Geografia** – *m. s.i.*

**George Clooney** – *m. s.i.*

**Giestas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Nos treinos de futebol, o nomeado mandava sempre a bola para fora do campo, para as giestas.

**Giló** – *m. adq. física* A fisionomia do visado faz lembrar uma figura de uma novela que tinha esse nome.

**Ginja** – *m. adq. linguística* Alcinha motivada por uma décima que o visado cantava, a qual falava de uma ginja.

**Gira** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O nomeado tem por hábito andar sempre de um lado para o outro.

**Gongulhana** – *m. adq. linguística* Corruptela de Gungunhana.

**Gordinha** – *f. adq. física* Devido a haver duas raparigas com o mesmo nome na aldeia, a aplicação da alcunha teve uma função distintiva.

**Gordo** – *m. adq. física* O visado é gordinho. De notar que, para além da alcunha, também existe este apelido no concelho.

**Grande** – *m./ f. adq. física* Alguns dos assim nomeados são-no devido à sua grande estatura. Outros são assim designados para se distinguirem de outros habitantes das aldeias que tenham o mesmo nome, sendo normalmente mais velhos e nem sempre maiores ao nível da estatura.

**Grande Acordeonista** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O detentor do anexam não revela muito jeito para tocar acordeão.

**Grazine** – *f. hered.* A portadora vive com um senhor a que chamam “Comboio Parado”, sendo a denominação da alcunhada referente a um determinado tipo de composição ferroviária.

**Gretas** – *m./f. hered. o.ob.*

**Grila, o (s)** – *m./f. hered. o.ob.* Todos os membros da família têm esta alcunha.

**Guarda-rios** – *m. adq. profissional* A designação deve-se à profissão do senhor.

**Guarita** – *m. hered. linguística* Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, o visado herdou a alcunha do seu pai, o qual tinha o hábito de perguntar às pessoas: “Dão guaritas?”<sup>622</sup>.

**Gudi** – *m. adq. o.ob.*

**Guindilhas** – *m. s.i.*

**Gula** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado tem por hábito comer muito, nada lhe enche a barriga.

## H

**Hilário** – *m. s.i.*

## I

**Ideias** – *m. hered. o.ob.* Alcinha partilhada por todos os irmãos.

**Ingenhero** – *m. adq. psicológica/ comportamental* No seu local de trabalho, atuava como engenheiro, superiorizando-se aos seus colegas, ainda que não tenha essa formação.

**Inverno, a (s)** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* O anexam teve origem no pai dos portadores, que pertencia a uma família muito numerosa e era muito pobre e, por isso, passava muito frio no inverno.

## J

**Janeca** – *m. adq. derivação do nome* A alcunha formou-se a partir de um diminutivo do nome do visado – João.

**Janero, a (s)** – *m./f. hered. o.ob.* Toda a família partilha esta alcunha.

**Jaquina Pelona** – *f. adq. derivação do nome* Toda a vida a senhora foi chamada por Joaquina/Jaquina, não sendo esse o seu nome.

**JJ (Jota Jota)** – *m. derivação do nome* A alcunha é formada pelas iniciais do nome do visado.

**João da Escusa** – *m. adq. profissional* Numa determinada altura, o visado andou a substituir o

---

<sup>622</sup> RAMOS, 2002: 295.

carteiro da Escusa, o que originou a sua alcunha, mesmo sem se chamar “João”, apenas por analogia com um habitante da aldeia muito conhecido, cujo nome era “João da Escusa”.

**Jóia** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Existem dois visados no concelho. No caso de um deles, entrou na fase final de um jogo de futebol e marcou o golo que permitiu o desempate.

**Jona** – *m./f. hered. o.ob..*

**Jovem** – *m. adq. linguística* O alcunhado treinava equipas de futebol jovens e tinha o hábito de dizer "parece um jovem".

**Juen** – *m. adq. linguística derivação do nome* A alcunha resulta da deturpação do nome do alcunhado – João – com o sentido de assim o ridicularizarem, pois este, às vezes, apresenta alguns comportamentos menos aceitáveis no contexto escolar.

**Júlio** – *m. adq. o.ob.* O visado não tem este nome nem apelido.

## K

**Kadafi** – *m. hered. o. ob.* Este anexam abrange os três irmãos.

**Kiki** – *m. adq. o.ob..*

**Kinder** – *m. adq. o.ob..*

## L

**Lá de Chima** – *m. adq. geográfica linguística* O visado é da zona de Santa Comba Dão e, por isso, apresenta na sua linguagem algumas características da sua zona, nomeadamente, o uso das chiantes.

**Lábio Arrachado** – *m. adq. física* O visado apresenta uma fenda no seu lábio.

**Laboça** – *m. s.i..*

**Labrego** – *m. adq. o.ob..*

**Lacão** – *m. hered. o.ob.* A alcunha abrange todos os elementos masculinos da família.

**Lambretas** – *m. adq. o.ob..*

**Lanas** – *m. adq. o.ob..*

**Landuna** – *f. hered. o.ob..*

**Laronha** – *m. adq. o.ob..*

**Latas** – *m. s.i.*

**Latinhas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado gostava muito de beber latas de cerveja.

**Latoa (s)** – *f. hered. psicológica/ comportamental* A mãe de uma das alcunhadas costumava espantar os pássaros com uma lata.

**Latoero** – *m. hered. profissional* O alcunhado era latoeiro de profissão. A alcunha também passou aos descendentes.

**Lavadinho** – *m. hered. o.ob.*

**Lavado** – *m. hered. o.ob.* O avô do visado já tinha esta alcunha.

**Leandrinho** – *m. derivação do nome* O possuidor era deficiente e por isso só usavam o diminutivo do seu nome para o designar.

**Legero** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Um dos visados era muito rápido.

**Levezinho** – *m. adq. física* O visado apresenta um grande porte e é bastante robusto, precisamente o contrário da alcunha que lhe atribuíram.

**Libânio** – *m. hered. derivação do nome* A esposa do visado chama-se “Libânia” e ele passou a adotar o seu nome, mas adaptado ao masculino.

**Limpa-fossas** – *m. adq. o.ob.*

**Lindinha** – *f. adq. derivação do nome* A recetora chama-se “Deolinda” e daí derivou a sua alcunha.

**Lisboa** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcinha recolhida somente por Francisco Ramos e Carlos da Silva. A alcunha deve-se ao facto de o visado gostar muito de Lisboa<sup>623</sup>.

**Loba (s)** – *f. hered. o.ob.*

**Lobito** – *m. adq. o.ob.*

**Loçana** – *f. s.i.*

**Lucas Pires** – *m. adq. física* O visado apresenta muitas semelhanças físicas com o político Lucas Pires.

**Lulu** – *m. adq. derivação do nome* O nomeado chama-se Luís e a sua alcunha terá derivado da repetição da primeira sílaba do seu nome.

**Lupas** – *m. adq. física* Durante muitos anos, o alcunhado usou óculos de lentes muito grossas, que faziam lembrar lupas.

**Luzinhas** – *m. adq. profissional* O portador da alcunha era o responsável pelas luzes na discoteca.

---

<sup>623</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 336.

M

**Má Vasilha** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A visada tinha mau feitio.

**Macaco Adriano** – *m. adq. o.b.*

**Macaco** – *m. adq. física* A fisionomia do alcunhado faz lembrar a de um macaco.

**Maçudo** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O portador é conhecido por ser muito maçador nas suas conversas.

**Magrinha** – *f. adq. física* Devido a haver duas raparigas com o mesmo nome na aldeia, a aplicação da alcunha teve uma função distintiva.

**Majora** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A senhora tem um feitio austero e gosta de ser ela a mandar.

**Mala Cara** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado tinha um comércio, mas era um pouco antipático para os clientes.

**Malagô** – *m. adq. geográfica* O recetor é natural de Póvoa e Meadas.

**Malaia** – *m. adq. o.ob.*

**Malaquias** – *m. s.i.*

**Malato(s)** – *m./f. hered. o.ob.* Alcinha que abrange toda a família.

**Malhado** – *m. adq. física* O senhor tinha a pele com manchas.

**Maluco** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Qualquer um dos visados apresenta um comportamento por vezes agitado, gerando problemas à sua volta.

**Maminhas** – *f. adq. física* O peito da visada destaca-se.

**Mamute** – *m. adq. profissional* O visado é arqueólogo e estuda sobretudo a pré-história.

**Manelinho** – *m. adq. derivação do nome física* O portador do anexim apresenta uma estatura pequena e franzina, daí ser designado pelo diminutivo do seu nome – Manuel.

**Manjerico** – *m. s.i.*

**Mano João** – *m. adq. o.ob.*

**Manoleta(s)** – *m. hered. o.ob.* A alcunha abrange toda a família.

**Manolo, a** – *m./f. hered.* A alcunha passou da mãe para o filho.

**Mantas** – *m. s.i.*



- Mantegas** – *m. hered. psicológica/ comportamental* Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, esta alcunha caracteriza os elementos masculinos de uma família por serem muito moles<sup>624</sup>.
- Mantorras** – *m. adq. característica física* O visado é grande e forte, lembrando o jogador benfiquista “Mantorras”.
- Manzudo** – *m. adq. física* O portador tem as mão bastante grandes.
- Mãos Grandes** – *m. adq. física* O visado tem as mãos de um tamanho considerável.
- Marcha Atrás** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Um dos alcunhados anda, por norma, muito devagar.
- Maresia(s)** – *m./f. hered. o.ob.* Num dos visados, a alcunha passou da mulher para o homem.
- Mariano(s)** – *m. hered. o.ob.* Alcinha aplicada a vários membros da família.
- Marquês** – *m. adq. derivação do apelido* O portador tem como apelido “Marques”.
- Marra-baxo** – 1. *m. linguística* Um recetor foi assim alcunhado porque, numa tourada, dizia: "Esta marra baxo, esta marra baxo!". 2. *m. psicológica/ comportamental* O outro nomeado recebeu o anexim porque tem o hábito de olhar por baixo da boina.
- Marrãzinha** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A nomeada exalava frequentemente um mau cheiro.
- Martelinho** – *m. adq. profissional* O alcunhado tem a profissão de pedreiro e é frequente andar com o martelo nas mãos.
- Massa Frita** – *m. hered. profissional* Durante uma fase da sua vida, o recetor foi vendedor ambulante de massa frita.
- Mata-burros** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado é caçador e já tem matado javalis de grande porte, comparados a burros.
- Mata-cães** – *m. adq. o. ob.*
- Mau** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O feitio do visado justifica a sua alcunha.
- Mê Boi** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Diz o povo que o visado é traído pela esposa.
- Meguela** – *f. s.i.*
- Meia** – *m./f. hered. o.ob.* Todos os irmãos herdaram a alcunha.
- Meia Jorna** – *m. adq. física* O visado apresentava baixa estatura e era delgadinho, logo, no entender do povo, só deveria ganhar metade do ordenado.
- Meia(s) Rota(s)** – *m./f. hered. física* Alcinha recolhida somente por Francisco Ramos e Carlos da Silva. Os visados pertencem a uma família de pouco recursos económicos.<sup>625</sup>

---

<sup>624</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 354.

**Meio Tostão** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcunha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O recetor desta alcunha tem fracos recursos económicos<sup>626</sup>.

**Melhano** – *m. hered. o.ob.*

**Mena** – *m. hered. o.ob.* Alcunha recolhida somente por Francisco Ramos e Carlos da Silva. Trata-se de uma alcunha herdada do pai, desconhecendo-se o motivo da sua atribuição<sup>627</sup>.

**Menage** – *m. adq. o.ob.*

**Menina Amélia** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado apresenta, por vezes, uns trejeitos um pouco efeminados.

**Menina Emília** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A senhora visada casou já tarde, por isso nunca deixou de ser tratada como “menina”.

**Menina(s) do Cabril** – *f. hered. geográfica* Alcunha motivada pelo nome do prédio onde habitavam. “Meninas” por se tratarem de raparigas ricas.

**Menino Jesus** – *m. hered. o.ob.*

**Menino Jorginho** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Durante o ensino primário, o visado frequentou a sala das raparigas em vez da dos rapazes, o que gerou o desdém dos colegas.

**Menor** – *m. adq. física* O visado tem uma estatura baixa.

**Mentira Fresca** – *m. hered. psicológica/ comportamental* Alcunha com origem no pai do visado, o qual tinha o hábito de mentir frequentemente.

**Merda Seca** – *m. adq. o.ob.*

**Mesquita** – *m. adq. o.ob.*

**Mestre** – *m. adq. o.ob.*

**Mestre Albardero** – *m. adq. profissional* O senhor tinha a profissão de albardeiro.

**Mestre d’ obras** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado não está ligado à área da construção, apenas gosta de dar palpites sobre diversos assuntos.

**Mestre Vetrino** – *m. profissional* O visado ainda andou a aprender a profissão de ferreiro com o seu pai.

**Metro e Vinte** – *m./f. hered. física* Vários elementos da família apresentam uma estatura bastante baixa.

**Mija na Salsa** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Em miúdo, o alcunhado tinha o hábito de urinar nos canteiros da salsa.

---

<sup>625</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 382.

<sup>626</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 383.

<sup>627</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 384.

**Mijado** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, os visados herdaram a alcunha de um familiar que andava sempre bêbado e que, muitas vezes, não tinha tempo de usar a casa de banho<sup>628</sup>.

**Mil Homens** – *m./f. hered. física* A alcunha tem passado de geração em geração. O primeiro visado era um homem forte que diziam valer por mil.

**Minhoca** – *m. s.i.*

**Mocho** – *m. s.i.*

**Moço** – *m. adq. linguística* O visado tem por hábito usar a palavra “moço”.

**Moedas** – *m./f. hered. o.ob.* A alcunha tem sido transmitida ao longo de diferentes gerações.

**Mola Partida** – *m. hered. o.ob.*

**Molero** – 1. *m. hered. o.ob.* Um dos visados herdou a alcunha do pai, mas este não tinha esta profissão. 2. *m. hered. profissional* Outro alcunhado também a herdou do seu pai, o qual era moleiro de profissão.

**Monelha** – *m. adq. linguística* O nomeado não sabia dizer “botelha”, logo dizia “monelha”.

**Montalvão** – *m. hered. geográfica* O visado é natural de Montalvão e a alcunha passou para os seus descendentes.

**Montalvã** – *m. adq. geográfica linguística* O visado morou em Montalvão, onde há uma forte tendência para a monotongação, patente na sua linguagem quando veio viver para o concelho de Marvão.

**Morcego** – *m. psicológica/ comportamental* O visado morava junto aos fornos da cal e andava sempre sozinho.

**Motocão** – *m. adq.* Alcinha adquirida na juventude, quando o visado adquiriu uma moto.

**Mouzinho** – *m. hered. o.ob.*

**Mula Brava** – *f. adq. psicológica/ comportamental* Designação atribuída por uma irmã, quando se zangaram.

## N

**Nabo** – *m. s.i.*

**Navalhudo** – *m. adq. o.ob.*

**Nicolau** – *m. s.i.*

**Nina (s)** – *m./f. hered. o.ob.*

---

<sup>628</sup> Cfr. RAMOS 2002: 392.

**Nodi** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado costuma conduzir uma viatura amarela, que faz lembrar o carro de um desenho animado chamado “Nodi”.

**Noguero** – *m. hered. o.ob.*

**Noguita** – *f. adq. o.ob.*

**Nossa Senhora** – *f. hered. o.ob.*

**Nosso Senhor** – *m. adq. o.ob.*

## O

**O das Carpas** – *m. adq. profissional* O visado tem um restaurante cujo prato principal é carpa.

**Orelhas** – *m. adq. física* O alcunhado tem as orelhas grandes e salientes.

## P

**Paciência** – *f. hered. psicológica/ comportamental* Motivada pelo pouco gosto de trabalhar.

**Paderinho(s)** – *m./f. hered. o.ob.*

**Padero** – *m. hered. o.ob.* Já vem do pai do visado, mas nenhum deles exercia a profissão de padeiro.

**Palino** – *m. hered.* O senhor não tem este apelido, o seu avô é que se chamava “Paulino”.

**Palita** – *m. adq. o.ob.*

**Palito** – *m. adq. física* O visado é muito magro e alto.

**Palrão, oa** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental.*

**Pana** – *m. s.i.*

**Panala** – *m. s.i.*

**Pancadas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Durante uma fase da sua vida, o nomeado tinha a “pancada” de andar aos gritos na aldeia.

**Panela de Pressão** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado tem uma forma de rir que faz lembrar a panela de pressão quando de lhe tira o pipo.

**Pantana** – *m. hered. o.ob.* O filho também herdou esta alcunha.

**Pantelho, a** – *m./f. hered. o.ob.*

**Pão de Centeio** – *m. adq. física* O alcunhado tem a pele escura.

**Papa-açúcre** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando era pequeno, a mãe do nomeado

mandava-o ir comprar açúcar e ele, entretanto, comia-o pelo caminho.

**Papa-galinhas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado tem fama de roubar galinhas.

**Papa-léguas** – *f. s.i.*

**Papa-ovos** – *m. o. ob.*

**Papa-teatros** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando era jovem, o alcunhado gostava muito de ver teatros.

**Parafitas** – *m. s.i.*

**Parcero** – *m. psicológica/ comportamental linguística* Após o 25 de abril, o alcunhado enveredou por um partido de esquerda e era habitual chegar perto das pessoas para as influenciar e dizer: "Oh Parcero,...".

**Pardal** – 1. *m. s.i.* 2. *m. s.i.* As raparigas costumavam cantar-lhe uma quadra: "Na fonte d'Arranginha, / Há um ninho de pardal/ Onde o ti Zé Antonho/ vai lavar o badal."

**Pardinho** – *m. s.i.*

**Paródias** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado era muito bem disposto e andava sempre na "paródia".

**Parte-pão** – *m. s.i.*

**Parvinho da Carne à Farta** – *m. hered. psicológica/ comportamental* Alcinha herdada do pai e relacionada com o facto de apresentar um atraso comportamental.

**Passarito, a (s)** – *m./f. hered. física* Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, este epíteto é atribuído a uma pessoa pequena e acomodada<sup>629</sup>.

**Passeta** – *m./f. hered. o.ob.*

**Pata** – *f. hered.* Ao irmão mais velho chamam o "Pato", logo houve uma adaptação ao feminino.

**Pata de Cabra** – *m. hered. o.ob.*

**Patacas** – *m. s.i.* De notar que no concelho também existe este apelido.

**Patalim** – *m. s.i.*

**Patalô** – *m. adq. física* O visado apresenta com frequência um ar pouco cuidado.

**Patinhas** – *m. s.i.*

**Pato** – *m. hered. o.ob.* Existem vários nomeados com esta alcunha em diversas localidades, desconhecendo-se, todavia, a sua génese.

**Patrão** – *m. psicológica/ comportamental o.ob.*

**Pé de Chumbo** – *m. adq. física* Alcinha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O visado é muito gordo, logo, tem dificuldade em mexer os pés<sup>630</sup>.

---

<sup>629</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 441.

**Pé Leve** – *m. o.ob.*

**Pechorrito, a (s)** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* Todos os elementos da família são bastante estridentes, o que se acentua quando se juntam.

**Peda** – *m. s.i.*

**Pedorrero** – *m. hered. psicológica/ comportamental* A alcunha passou do pai para o filho e surgiu porque o inicialmente nomeado tinha o hábito de libertar muitos gases em público.

**Pedrerinho d'Assecera** – *m. adq. geográfica profissional* O visado teve a profissão de pedreiro e reside na Relva da Asseiceira.

**Peia-gatos** – *m. psicológica/ comportamental o.ob.*

**Peitinhos** – *m. s.i.*

**Pelé** – *m. adq. o.ob.*

**Pelingrinas** – *m. s.i.*

**Pelona** – *f. s.i.*

**Penetra** – *m. s.i.*

**Pensadas** – *m. adq. físico* Um dia, o visado cortou-se a fazer a barba e aplicou um penso, tendo este caído na graça dos seus colegas.

**Penteadinho** – *m. adq. física* O visado anda sempre com o cabelo muito penteado.

**Penuja (s)** – *m. hered. o.ob.*

**Pequeno** – 1. *m. adq. física* Num caso, deve-se ao facto de apresentar uma baixa estatura. 2. *m. adq.* Noutro caso, tem a função de distinguir. Ou seja, há duas pessoas com o mesmo nome na terra e um passa a ser o “Grande” e outro o “Pequeno”, sendo este último, por norma, o mais novo, mesmo que tenha uma estatura maior que o primeiro.

**Pequete** – *m. adq. o.ob.*

**Pera Negra** – *m. adq. física* Em jovem, o visado tinha uma mancha escura na barba.

**Perdido, a (s)** – *m./f. hered. o.ob.*

**Perna Curta** – *m. adq. física* O portador da alcunha apresenta baixa estatura e coxeia.

**Perna de Pau** – *m. física* Alcinha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O senhor tinha uma perna de pau<sup>631</sup>.

**Persianas** – *m. adq. física* O alcunhado não consegue abrir os olhos na totalidade<sup>632</sup>.

**Pesetas** – *m. profissional* O alcunhado andava sempre à procura de pesetas para negociar o

---

<sup>630</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 451.

<sup>631</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 465.

<sup>632</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 467.

câmbio.

**Piaçá** – *m. adq. física* O alcunhado usa a barba grande, fazendo esta lembrar um piaçaba.

**Pica na Fava** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando jovem, o visado foi apanhado a comer favas verdes no quintal do colégio em que estudava.

**Picanço (s)** – *m. hered. psicológica/ comportamental* A alcunha passou para os filhos. O visado inicial imitava muito bem os picanços.

**Picarrocha** – *m. s.i.*

**Picha de Aço** – *m. s.i.*

**Picha de Cavalo** – *m. s.i.*

**Picha Negra** – *m. s.i.*

**Pico** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcinha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. Esta designação deve-se ao facto de o visado não gostar de trabalhar, sobretudo com instrumentos pesados<sup>633</sup>.

**Piconero** – *m. s.i.*

**Pífaró** – *m. adq. profissional* Francisco Ramos e Carlos da Silva consideram que esta alcunha é atribuída a um indivíduo que toca pífaró<sup>634</sup>.

**Pilas/Pilinhas** – *m. adq. física* Alcinha que abrange dois visados. No caso de um, teve origem no grupo do futebol, devido ao visado ser muito franzino. No caso de outro, foi motivada pela baixa estatura do portador.

**Pilau** – *m. s.i.*

**Pilha** – *m. hered.* O visado já só herdou metade da alcunha do pai e do avô – “Pilha Galinhas”.

**Pilha-galinhas** – *m. hered. psicológica/ comportamental* O senhor primeiramente alcunhado tinha fama de roubar galinhas.

**Pilhinha** – *m. hered.* Ao irmão mais velho chamam "Pilha", logo, o mais pequeno herdou um diminutivo.

**Pinante** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Durante um período da sua vida, o nomeado andava sempre a pedir dinheiro e bebida aos conhecidos.

**Pincel** – *m. s.i.*

**Pinflim** – *m. adq. o.ob.*

**Pingão** – *m. s.i.*

**Pinta** – *f. hered. deturpação do apelido.* A visada tem como apelido do marido "Pinto", havendo

---

<sup>633</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 474.

<sup>634</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 474, 475.

uma adaptação ao feminino.

**Pinta Santos** – *m. adq.* Alcunha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O alcunhado andava de porta em porta a comprar crucifixos e outros objetos religiosos, para depois restaurar e vender<sup>635</sup>.

**Pintainha** – *f. s.i.*

**Pintainho** – *m. s.i.*

**Pintelho** – *m. adq. física* O visado apresenta uma estatura baixa relativamente aos demais jovens da sua idade.

**Pipa** – *f. adq. linguística derivação do nome* Diminutivo do nome da visada – Filipa.

**Piqui** – *m. s.i.*

**Pirata** – *m. hered. psicológica/ comportamental* O progenitor era muito brincalhão e gostava de pregar partidas. A alcunha entretanto passou de geração em geração.

**Piri** – *m. adq. o.ob.*

**Pirica** – *m. adq. o.ob.*

**Pisca Pisca** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado bate a vista com frequência.

**Pitucha** – *m. s.i.*

**Pitufo** – *m. adq. o.ob.*

**Pívias** – *m. adq. psicológica/ comportamental.*

**Planchau** – *f. o.ob.* A visada tinha naturalidade espanhola.

**Pléria** – *m. s.i.*

**Poca-Ropa** – *m. s.i.*

**Polícia** – *m. adq. profissional* O visado teve a profissão de polícia.

**Popas** – *m. adq. física* A senhora era professora e o seu cabelo dava nas vistas.

**Popiço** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando era pequeno, o visado andava sempre a enrolar o cabelo.

**Porco** – *m. adq. psicológica/ comportamental o.ob.*

**Porra Zabel** – *m. hered. linguística* O pai dos visados tinha por hábito dizer “Porra, Zabel!”.

**Povo Honrado** – *m./f. hered. linguística* Um lapso numa carta originou o surgimento desta alcunha, em vez de “Povo Unido”, um dia escreveram “Povo Honrado”.

**Povo Unido** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* A família, depois do 25 de abril, uniu-se e decidiu aderir ao comunismo, sendo o patriarca o grande impulsionador.

**Praga** – *m. hered. o.ob.*

---

<sup>635</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 479.



**Prajal** – *m./f. hered.o.ob.*

**Pregana** – *m. s.i.*

**Pressas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado anda sempre com pressa.

**Primo Real** – *m. psicológica/ comportamental* Alcinha recolhida somente por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O recetor viveu numa terra onde todos se tratavam por “primos”. O visado era muito educado e correto, como se pertencesse a uma família real<sup>636</sup>.

**Príncipe** – *m. adq. física* O nomeado, quando vem de férias para a terra, veste-se com toda a pompa, andando sempre de fato e gravata.

**Princesa** – *f. adq. física* A alcunhada, quando vem de férias para a terra, veste-se com toda a pompa, como se andasse permanentemente numa festa.

**Psedonhe** – *m.s.i.*

**Pula** – *m. hered. o.ob.*

**Pulga** – *m. adq. o.ob.*

**Purina** – *m. adq. profissional* Alcinha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O visado vende rações para animais e “Purina” é uma marca de que é representante<sup>637</sup>.

**Puxa o Pau** – *m. adq. profissional* O alcunhado possuía uma serração, sendo comum, no seu dia a dia, ir puxando os paus para os cortar.

## Q

**Quedas /Quedinhas** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental*. A alcunha já se estendeu a outros membros da família. Segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, esta alcunha surge porque, para além de ser muito educado, o visado anda de forma delicada.

**Quexadas** – *m. adq. o.ob.*

**Quintanilha** – *m. hered. o.ob.*

**Quinze** – *m. s.i.*

## R

**Rabita** – *f. psicológica/ comportamental* A visada apresenta um comportamento reguila.

**Rabocázio** – *m. adq. psicológica/ comportamental linguística* O alcunhado apresenta

---

<sup>636</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 494.

<sup>637</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 496.

comportamentos um pouco agressivos nas tabernas e costuma dizer: "Levas um rabocázio de cima pra baxo!".

**Rainha da Sucata** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A visada coleciona objetos antigos e tem-nos expostos no quintal de sua casa.

**Rambóia** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* A alcunha surgiu por o progenitor ser muito divertido e gostar bastante de festas e pândega. Entretanto passou para todos os descendentes.

**Ramon** – *m. adq. linguística* Abreviatura deturpada de outra alcunha que possui “Romaninga”.

**Ramona** – *f. hered. derivação do nome* O bisavô das visadas chamava-se Romão e em Espanha dizia-se "Ramon". Esse nome foi passando para as filhas e para as netas.

**Rápido** – *m. adq. psicológica/ comportamental linguística* Um dos alcunhados costumava dizer “Ia lá rápido!”.

**Raposa** – *f. adq. derivação do apelido* A visada tem como apelido do marido "Raposo" e houve uma adaptação ao feminino.

**Raposa Negra** – *m. adq. linguística* O portador da alcunha costuma usar muito esta expressão.

**Rascalho** – *m. hered. o.ob..*

**Ratado** – *m. adq. física* Alcinha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. Em criança, o alcunhado teve varicela e ficou com muitas marcas na cara<sup>638</sup>.

**Ratana** – *m./f. hered. o.ob..*

**Ratão** – *m. hered. o.ob.* Passou do pai para os filhos.

**Realidades** – *m. s.i..*

**Regoga** – *m. hered. psicológica/ comportamental* O pai dos visados era muito extrovertido, andava sempre “arregoguedo”, daí a derivação para alcunha.

**Rei das Meninas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado era bastante introvertido e nem sequer se insinuava perante as raparigas.

**Rei do Gado** – *m. adq. profissional* O nomeado é detentor de um número considerável de gado.

**Rei do Preto** – *m. adq. física* O visado tem uma tez muito escura.

**Rei Preto** – *m. adq. física* O visado tem uma pele muito escura. Para além disso, um dos visados era muito aldrabão, talvez por isso lhe chamassem o "rei".

**Resgata** – *m./f. s.i..*

**Ribas** – *m. s.i..*

**Richa** – *m. s.i..*

---

<sup>638</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 508.

**Risadas** – 1. *m. hered. psicológica/ comportamental* Passou de pai para o filho e deve-se ao facto de o progenitor ter o queixo grande e, quando fala, mostra os dentes, parecendo estar sempre a rir-se. 2. *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando era novo, o visado era muito traquina.

**Riscas** – *m. adq. física* O alcunhado, por vezes, vestia uma blusa às riscas.

**Robbielac** – *m. hered. profissional* O nomeado vende tintas da marca “Robbialac”. O filho herdou a alcunha do pai.

**Rolinha** – *m. adq. linguística* Quando era miúdo, costumava dizer “Tenho um ninho de rolinha”.

**Rolo** – *m. adq. física* O nariz um pouco grande do visado faz lembrar um rolo.

**Romaninga** – *m. adq. linguística* Havia um jogador alemão com este nome e o visado tinha dificuldade em pronunciar o seu nome.

**Roscas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Quando o visado jogava futebol, falhava muitas vezes a bola.

**Rouba-escadas** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Alcinha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. O recetor, durante a época da colha da azeitona, tinha por hábito roubar as escadas que ficavam pelos olivais e depois vendi-as nas concelhos vizinhos<sup>639</sup>.

**Russo** – *m. hered.* O visado teve um irmão que tinha o cabelo muito louro. Com o falecimento desse, passaram a chamar ao alcunhado “Russo”, apesar de este ser moreno e ter cabelo escuro.

## S

**Sã Marcos** – *m. hered. psicológica/ comportamental* O visado, quando era pequeno, falava com frequência no S. Marcos. A alcunha entretanto já passou para os filhos e netos.

**Sabi** – *m. adq. psicológica/ comportamental* Abreviatura de “Sabichão”, alcunha originada em tempos de escola.

**Sabina(s)** – *f. hered. derivação do apelido* Alcinha aplicada às familiares de um senhor cujo apelido é “Sabino”.

**Sabonete (a)** – 1. *m. linguística* O visado utiliza muito esta palavra. 2. *f. psicológica/ comportamental* A visada tem por hábito dar boa conversa àqueles de quem pretende vir a extrair algo, no fundo vai “ensaboando” as pessoas.

**Safolas** – *m. hered. linguística* Quando era pequeno, foram a casa do alcunhado e andava um

---

<sup>639</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 522.

vizinho a varrer. Ele gritou à mãe: "Anda cá ver safolas!". A alcunha também já passou para os filhos.

**Safrenha** – *m. s.i.*

**Salazar** – *m. hered. linguística psicológica/ comportamental* A alcunha veio do seu pai. Este andava a tocar o burro e dizia: "Anda, Salazar!". Francisco Ramos e Carlos da Silva consideram que o recetor tem a convicção política de que era necessário um outro Salazar para endireitar o país<sup>640</sup>.

**Salsa/Salsinha** – *m. hered o.ob...*

**Sanico (a)** – *m./ f. hered. o. ob.* A alcunha passou de geração em geração. O recetor inicial apresentava um comportamento caracterizado por alguma brutalidade e má educação, andando também frequentemente embriagado.

**Sapatero, a** – 1. *f. hered.* O pai da nomeada tinha a profissão de sapateiro. 2. *m. professional* O visado era sapateiro de profissão.

**Sapatilha** – *f. s.i.*

**Saragoça** – *m. linguística* Em pequeno, calharam a chamar este nome ao visado e depois foi ficando.

**Sardenhero, a (s)** – *m./f. hered. professional* O senhor e a esposa vendiam peixe. A alcunha também passou para as filhas.

**Sargenta** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A nomeada tem um feitio austero, gostando de ser ela a definir a regras.

**Sarrudo, a** – *m./f. hered. o.ob..*

**Sarzedas** – *m. hered. o.ob..*

**Sassá** – *m. adq. o.ob..*

**Secreta** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado faz tudo pela calada.

**Sem Tripas** – *f. s.i.*

**Sereno** – *m. s.i.*

**Serranete** – *m. adq. derivação do apelido* O visado tem como apelido "Serrano"; para se distinguir do seu pai, foi-lhe adicionado um sufixo diminutivo.

**Serrinha** – *m./f. hered. o.ob..*

**Setecentos** – *m. adq. o.ob..*

**Silvina** – *m. adq. psicológica/ comportamental* No concelho existe uma cozinheira chamada Silvina. Como o alcunhado tem jeito para preparar petiscos, quando precisam de alguém

---

<sup>640</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 528.

para fazer um, dizem que vão chamar o "Silvina".

**Sipó** – *m. adq. o.ob.*

**Sobe e Desce** – 1. *m. adq. psicológica/ comportamental* Motivada pela maneira de andar do visado, que aparenta ir sempre a subir e descer. 2. *m. adq. psicológica/ comportamental* Outro nomeado é coxo, daí dar a sensação de ir a subir e a descer quando caminha.

**Sobinho** – *m. hered.* O nomeado é o irmão mais novo de um alcunhado “Sobe e Desce”. Assim, herdou a alcunha, mas foi adaptada por ser mais novo.

**Sopa** – *m. adq. psicológica/ comportamental* A designação deve-se ao facto do visado comer muita sopa.

**Sumido** – *m. hered. o.ob.* A alcunha também passou para o filho.

## T

**Tabaco** - *m. s.i.*

**Tabordas** – *m. s.i.*

**Tabuinhas** – *m. adq. profissional* O recetor da alcunha é carpinteiro de profissão.

**Tacha** – *m. s.i.*

**Tachinha** – *m. s.i.*

**Talega** – *m./f. hered. geográfica.* Já vem do pai dos visados, que morara num prédio denominado a “Taleiga”, entretanto tem vindo a passar de geração em geração. Francisco Ramos e Carlos da Silva consideram que o recetor faz comentários do género “Grande talega!”<sup>641</sup>.

**Tambor(a)** – *m./f. hered. o.ob.* A alcunha abrange os dois irmãos.

**Tampera** – *m. hered.o.ob.* Alcinha comum aos dois irmãos.

**Tanoero** – *m. adq. profissional* O senhor era tanoeiro de profissão.

**Taralhana** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado tinha um estabelecimento comercial e costuma baralhar-se nos pedidos e nas contas.

**Tatéta** – *m. s.i.*

**Tavã** – *m. adq. linguística* O visado não conseguia dizer “travão”, pronunciando “tavã”.

**Tchitcholina** – *f. adq. física* A alcunhada tem o peito grande e saliente.

**Tegela** – *m. s.i.*

**Tendero** – *m. adq. o.ob.* De notar que o visado nunca teve a profissão de tendeiro.

**Tenente** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A visada quer sempre estar inteirada de tudo o

---

<sup>641</sup> RAMOS, 2002: 550.

que lhe diz respeito e atua de forma austera para com os seus familiares.

**Terinho** – *m. adq. linguística derivação do nome* Diminutivo do seu nome – Antero.

**Terito** – *m. adq. linguística derivação do nome* Diminutivo do seu nome – Antero.

**Terra** – *m. s.i.*

**Testera** – *m. hered. o.ob.* Abrange todos os irmãos.

**Tetas** – *m. adq. o.ob.*

**Ti Falera** – *f. s.i.*

**Ti Garraieta** – *f. s.i.*

**Tico** – *m. adq. derivação do nome* O visado chama-se Francisco, mas, como tem uma estatura pequena e algum atraso mental, passaram a chamar-lhe “Tico”.

**Tímido** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O portador costuma ter um comportamento muito reservado.

**Tinonim** – *m. adq. o.ob.*

**Tira-peles** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado era muito severo e exigente para os seus funcionários.

**Tita** – *m. adq. o.ob.*

**Titó** – *m. adq. derivação do nome* Alcinha proveniente do nome do visado - “Vítor”.

**Tlinta e Tlês** – *m. adq. linguística.*

**Tó Mô** – *m. hered. linguística geográfica* Abreviatura da alcunha “Tonho da Tapad’Moro”. O visado viveu num prédio que se chama “Tapada do Mouro”.

**Toc’ó tu** – *m. adq. linguística* O nomeado costumava ir para junto dos ferreiros da aldeia e estes mandavam-no tocar o fole. Logo ele respondia: “Toc’ó tu!”.

**Tocere** – *m. s.i.*

**Tocero/a** – *m./f. hered. o.ob.*

**Tocinha** – *f. hered. o.ob.*

**Tolan** – *m. adq. o.ob.*

**Tomasana** – *m. adq. derivação do nome psicológica/ comportamental* O visado chama-se “Tomás” e apresenta regularmente comportamentos bastante arrebatados, que justificam o acréscimo do sufixo depreciativo.

**Tomasinho, a** – *m./f. hered. o.ob.*

**Tombado** – *m./f. s.i.*

**Tonecas** – *m. adq. o.ob.*

**Tonicho, a** – *m./f. hered. o.ob.*

**Tony** – *m. adq. linguística derivação do nome* O visado chama-se António.

**Topo Gígio** – *m. adq. física* Existem dois visados. No caso de um, tem a cabeça grande, fazendo lembrar o boneco Topo Gígio.

**Torada** – *m. s.i.*

**Toranja** – *m. adq. o.ob.*

**Torrado** – *m. s.i.*

**Torrador/a** – *f. adq. profissional* Os visados torravam café numa torrefação.

**Torres** – *m. adq. física* O Torres era um jogador do Benfica muito alto e começaram a chamar-lhe isto por ser precisamente o inverso, ou seja, muito baixo.

**Torrinha** – *m./f. hered. geográfica* Os visados vivem ou viveram num local chamado a “Torrinha”. A alcunha passou de pai para filho.

**Touché** – *m. adq. o.ob.*

**Trabalhador Honrado** – *m. adq. linguística* O alcunhado tinha o hábito de dizer que era trabalhador, mas “trabalhador muito honrado”.

**Tranquilhas** – *m. s.i.*

**Trapalhadas** – *f. s.i.*

**Treguera** – *f. adq. derivação do apelido* A visada tinha como apelido “Trigueiro”, o qual foi adaptado ao feminino.

**Três D** – *m. adq. física* O portador nasceu com três dedos pegados.

**Três Tetas** – *m. adq. física* O visado tem três mamilos.

**Trinta** – *m. s.i.*

**Trinta Quedas** – *m. hered. o.ob.*

**Triste** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O nomeado é uma pessoa muito bem disposta, sendo a sua alcunha precisamente o contrário da sua maneira de ser.

**Trogalhera** – *f. adq. física* A senhora vestia de forma espalhafatosa, muito colorida, adornada com muitos colares.

**Tropeça** – *f. hered. psicológica/ comportamental* O pai da visada já tinha este anexim, que terá surgido porque o senhor era tocador e, quando subia ao palco e via muita gente, recusava-se a tocar.

**Tropeço (s)** – *hered. física* A alcunha abrange os dois membros do casal. O visado adquiriu esta alcunha porque tem uma maneira estranha de andar.

**Turra** – *m. s.i.*

U

**Urso** – *m. adq. física psicológica/ comportamental* O visado apresenta um grande porte e, por vezes, alguns comportamentos mais bruscos, que fazem lembrar um urso.

V

**Valentão** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O alcunhado cometia várias valentias no seu trabalho e também apresenta, por vezes, nas tabernas, alguns comportamentos bruscos.

**Valeriana** – *f. s.i.*

**Valha-me Deus** – *m. adq. linguística* Expressão muito usada pelo visado.

**Vaquinhas** – *m. s.i.*

**Varandas/ Barandas** – *m. hered. o.ob.*

**Varinhas** – *m. adq. o.ob.*

**Varjão/ Varjã** – *m. adq. o.ob.*

**Vegia** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado tem o hábito de andar a vigiar o que se passa no largo onde mora.

**Veleza** – *f. adq. deturpação do apelido* O apelido da visada é “Velez”, havendo, assim, uma adaptação ao feminino.

**Velhaca** – *f. adq. psicológica/ comportamental* A visada atende ao público e revela pouca simpatia e algum mau feitio.

**Venanosa** – *f. adq. psicológica/ comportamental* Alcinha motivada pelo mau feitio da sua recetora.

**Veneta** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* A alcinha proveio do pai da visada, ainda assim, esta também tem muito mau feitio.

**Ventanera** – 1. *m. psicológica/ comportamental* O nomeado tinha uma moto e andava sempre a acelerar, chegando mesmo, um dia, a perder a mulher devido à velocidade extrema. 2. *m. adq. linguística* Francisco Ramos e Carlos da Silva consideram que o alcunhado usa frequentemente a expressão “Que ventanera esta!”<sup>642</sup>.

---

<sup>642</sup> Cfr. RAMOS, 2002: 583.



**Ventas Baixas** – *f. adq. psicológica/ comportamental* Alcinha recolhida apenas por Francisco Ramos e Carlos da Silva. Trata-se de uma senhora sisuda e introvertida que, sempre que passa pelas pessoas, baixa a cabeça<sup>643</sup>.

**Ventura** – *m. hered. o.ob.* Os visados não têm este apelido, no entanto são assim chamados.

**Ventura Espanhol** – *m. deturpação de nome psicológica/ comportamental* O visado chama-se Boaventura, sendo pronunciada só uma parte do seu nome. Quanto ao “Espanhol”, já vem de seu pai e deve-se ao facto de esse usar calças pretas justas como os espanhóis.

**Veternário** – *m. s.i.*

**Vetrano** – *m./f. hered. o.ob.*

**Vítaro da Nave** – *m. adq. deturpação do nome geográfica* O alcunhado chama-se “Vítor” e reside no sítio da Nave.

**Vitinho** – *m. adq. física derivação do nome* O alcunhado chama-se “Vítor”, devendo-se o sufixo com valor de diminutivo ao facto de apresentar estatura baixa.

**Viúva Alegre** – *f. adq. o.ob.*

**Volta ó Mundo** – *m. adq. psicológica/ comportamental* O visado tem o tique de estar sempre a rodar a cabeça.

**Voltinhas** – *m./f. hered. psicológica/ comportamental* O nomeado tinha o hábito de andar sempre de um lado para o outro. A alcunha já passou para a segunda e terceira gerações.

## X

**Xalipa** – *m. adq. linguística* O visado, quando era criança e lhe perguntavam o nome, dizia-o de forma estropiada, resultando em “Xalipa”.

## Z

**Zabumba** – *m. adq. física* O senhor era aleijado e andava de forma desengonçada.

**Zandinga /Zandi** – *m. adq. o.ob.*

**Zarolho** – *m. adq. física* O visado tem um olho torto.

**Zé** – *m. adq. linguística* No momento do batizado, os pais do alcunhado desentenderam-se e começaram a chamar-lhe “Zé”, ainda que o tivessem registado com outro nome.

**Zeca Diabo** – *m. física* O visado apresenta algumas semelhanças com uma personagem de novela

---

<sup>643</sup> Cfr. RAMOS 2002: 583.

que tinha esse nome.

**Zefa** – *m. adq. o.ob.*

**Zerico** – *m. s.i.*

**Zerva** – *m. adq. linguística* Abreviatura da alcunha “Preservativo”. Tudo começou no contexto escolar, num dia em que os colegas descobriram um preservativo na posse do visado.

**Zic e trac** – *m. adq. linguística* O alcunhado tinha o hábito de dizer “zic e trac” como interjeição.

**Zuca** – *m. adq. o.ob.*

## Capítulo 4 – Fronteiras linguísticas do Falar de Marvão

No mapa dialetal de Portugal definido por Lindley Cintra<sup>644</sup>, o Falar de Marvão surge integrado na região dos dialetos centro-meridionais, partilhando as características definidas pelo linguista, nomeadamente, a monotongação dos ditongos [ej] e [oj] e a realização da sibilante correspondente aos grafemas *s* e *ss* como predorsal. Na subdivisão dos dialetos centro-meridionais, esta região enquadra-se no grupo dos dialetos do centro-interior e sul, na região da Beira Baixa e Alto Alentejo. Assim, para além da palatalização do [ü] (isófona que delimita esta zona), este falar caracteriza-se pela palatalização do [a] tónico, passando a [ɛ] em determinados contextos, pela pronúncia do ditongo grafado como «ou» como [ö], pela labialização do [e] e pela queda da vogal átona final grafada como «o» ou pela sua redução a [i].

Nos capítulos anteriores, foram apresentadas diversas características fonético-fonológicas, morfológicas e lexicais que, além destas, distinguem o Falar de Marvão em relação ao português padrão e a outros falares existentes no país. Existem, no entanto, diferenças dentro do território geográfico em que este falar é usado diariamente, pelo que o que aqui designamos como “Falar de Marvão” não pode ser considerado uma realidade homogénea.

Efetivamente, apesar de o concelho de Marvão ter uma dimensão muito reduzida (Cfr. Cap. 2, p. 41), são notórias diferenças entre várias aldeias que o constituem. No que diz respeito à zona de raia, apesar de em toda a linha de fronteira se falar esta variedade dialetal do português, confrontando os inquéritos linguísticos aplicados nas aldeias/ lugares portugueses e espanhóis, também existem alguns traços distintivos de lugar para lugar. Se uns passam despercebidos aos falantes, outros há que são notados por estes, como sucede em relação aos traços diferenciadores da Escusa e das aldeias da raia espanhola.

Por exemplo, a propósito dos habitantes da Escusa, um informante da aldeia de Vale de Ródão referiu-nos que “essa fala é entamoereda”, isto é, uma fala grossa. Ou seja, este senhor (já de avançada idade) considera que na Escusa há uma maior nasalização. Em relação aos habitantes da raia, quer do lado português, quer do espanhol, os restantes marvanenses também sentem algumas diferenças no seu modo de se expressar.

---

<sup>644</sup> Cfr. CINTRA, 2006: 11.

Procuramos aqui analisar essas marcas distintivas:

#### 4.1. Marvão - Norte/ Sul

Em primeiro lugar, debruçamo-nos sobre as diferenças existentes no concelho de Marvão, começando por uma alteração fonético-fonológica que se verifica entre o Norte e o Sul do município, a qual passa despercebida à maioria dos marvanenses e não é sentida pelos falantes como uma alteração em relação à norma.

Assim, enquanto no Sul a vogal átona final das palavras terminadas em -o é pronunciada como na norma, isto é, como [u]; na zona norte, especialmente na freguesia de Santo António das Areias, verifica-se uma mutação para [i], como se pode constatar no exemplo: “Ê vive em Sante Antonhe desde sempre.” [evívēsētētónideʒdisépri].

De notar que, se algumas marcas distintivas só caracterizam determinadas camadas da população<sup>645</sup>, esta mutação vocálica abrange a maioria dos falantes, perdendo-se apenas em alguns mais escolarizados e que estão mais afastados da região.

Aquando da nossa experiência de lecionação no Agrupamento de Escolas de Marvão, com frequência nos deparávamos com esta alteração. Durante esses anos, contactávamos com alunos das mesmas idades, com o mesmo grau de escolaridade e, se de manhã, na Escola Básica Dr. Manuel Magro Machado (localizada em Santo António das Areias), ouvíamos uma pronúncia; na parte da tarde, na Escola Básica de Ammaia (localizada na Portagem), já nos confrontávamos com outra, distando as duas escolas somente 7,5 quilómetros por estrada.

Ao corrigirmos os textos produzidos pelos discentes da zona norte, frequentemente também verificámos a vitalidade deste traço fonético-fonológico, pois muitos tinham tendência para aproximar o registo escrito do oral e assim cometiam esse erro ortográfico. Ao ser-lhes proposta a correção, chegavam mesmo a evidenciar algum espanto, pois era assim que falavam. Na sua rede de relações mais próximas esse traço também era uma constante e só a escola (e especialmente os vários docentes de Português) contrariava essa tendência que lhes parecia tão “normalizada”. A partir do 9º ano, com a saída dos jovens marvanenses, essencialmente para Portalegre, a fim de prosseguirem estudos, este traço vai-se esbatendo e só quando estão extremamente à vontade e integrados no seu espaço geográfico de origem ou num grupo que a ele esteja associado é que essa marca distintiva surge espontaneamente na oralidade.

---

<sup>645</sup> Informação desenvolvida no capítulo seguinte, referente à evolução sociocultural do Falar de Marvão.

O facto de esta diferença não ser facilmente detetada pelos marvanenses da zona sul pode indiciar que se trata de uma alteração fonético-fonológica que, em tempos muito recuados, possa ter caracterizado todo este espaço geográfico e que paulatinamente se foi perdendo na zona sul, em virtude de esta ser mais exposta à mudança, já que há muito conta com melhores acessos e sempre tem havido um maior contacto das suas gentes com a população dos concelhos vizinhos. Afinal, já antes referimos que Cintra apresentou esse traço como característico dos dialetos do centro-interior e sul, mais concretamente da região da Beira Baixa e Alto Alentejo.

Depois de consultarmos diversas fontes e de termos avançado com várias suposições, concluímos que esse traço fonético-fonológico se poderá explicar pela influência do romance moçárabe<sup>646</sup>.

J. A. Gonçalves Viana, no final do século XIX, iniciou estudos sobre o moçárabe, mas não houve uma continuidade. Na última década do século XX, Manuela Barros Ferreira dedicou um artigo aos “Vestígios do Romance Moçárabico em Portugal”<sup>647</sup>, no qual voltou a refletir sobre esta temática e apontou algumas influências, entre as quais a pronúncia da vogal átona final –o como [i]. Esta autora refere o desaparecimento do –u final na zona de Castelo Branco-Portalegre, em Alcochete, noutros pontos a sul do Tejo, no Algarve e nos Açores<sup>648</sup>. Em Marvão, mais concretamente na zona norte, o –u final desaparece ou é pronunciado como [i]<sup>649</sup> e registado na escrita como <e>.

#### 4.2. Marvão/ Portalegre

Como ficou explícito no capítulo 2 deste trabalho, o concelho de Marvão faz fronteira com três concelhos distintos, nomeadamente, Portalegre, Castelo de Vide e Valencia de Alcántara.

No que diz respeito a Portalegre, fazem com ele fronteira as aldeias de Escusa, São Salvador da Aramenha, Alvarrões, Reveladas e Porto da Espada. Se nas duas primeiras a fronteira se circunscreve a uma serra inóspita, que não proporciona o contacto entre falantes; no caso das demais aldeias, há atualmente facilidade de contacto, pois existem vias de acesso relativamente

---

<sup>646</sup> Aqui entendido como a língua falada pelos cristãos em território arabizado.

<sup>647</sup> Cfr. FERREIRA, 1992: 217 – 228.

<sup>648</sup> Cfr. FERREIRA, 1992: 226.

<sup>649</sup> Cfr. ALEXANDRE, 1976: 109. Também em Castelo de Vide se verifica esta alteração fonético-fonológica.

boas e estreitas redes de relações entre os seus habitantes e os das aldeias do concelho vizinho, designadamente, Carreiras, Ribeira de Nisa<sup>650</sup> e S. Julião.

Confrontando os falantes dos Alvarrões com os das Carreiras<sup>651</sup> e da Ribeira de Nisa, as diferenças são mínimas; só ao nível do sotaque há pequenas mutações, especialmente na nasalização que caracteriza o concelho de Marvão. A proximidade entre estas aldeias sempre motivou um contacto estreito entre os seus habitantes<sup>652</sup>. Para além das relações do dia a dia, os momentos festivos e os tradicionais bailes constituíam igualmente oportunidades de convívio.

Quando questionados os falantes das duas localidades sobre se havia diferenças entre as suas maneiras de falar, alguns disseram-nos não notar diferença, mas outros houve que nos apontaram alguns traços distintivos.

Assim, segundo alguns habitantes das Carreiras, a única diferença é que “no termo de Marvão, fala-se c’ a boca chêa”. Estes apenas notavam mais algumas diferenças quando os marvanenses viviam na zona da raia, onde usavam algum vocabulário diferente do que eles dominavam, como por exemplo: “cartera”<sup>653</sup> (carreiro), “infusa”, “puchero” (cafeteira). Para as nossas informantes, a fala da zona da raia marvanense “era munto à antiga”, pois ainda diziam, por exemplo, “crêdes”, “fazêdes”. Ou seja, usam formas arcaicas em que ainda se mantém o –d- intervocálico.

Segundo os habitantes dos Alvarrões, nos falantes das Carreiras verifica-se apenas uma maior abertura das vogais [ɛ] e [ɛ̃]<sup>654</sup>. Por exemplo, dizem “Carrêra, panéla”. Algumas informantes das Carreiras, quando lhes perguntámos se sentiam diferenças entre a sua maneira de falar e a das localidades vizinhas, partilharam connosco que, quando eram moças e iam trabalhar para fora, era frequente troçarem do seu sotaque, dizendo-lhes que vinham “da terra da panéla”, salientando também assim a particular abertura que se verifica no [ɛ̃].

---

<sup>650</sup> Na sequência da reforma político-administrativa de 2013, as freguesias de Carreiras e Ribeira de Nisa foram agrupadas, passando a ser designadas por União das Freguesias de Carreiras e Ribeira de Nisa.

<sup>651</sup> Segundo Alexandre Carvalho Costa, este topónimo dever-se-á aos estreitos carreiros que serpenteavam a serra circundante, indo todos dar acesso à aldeia.

<sup>652</sup> Cfr. TRANSMONTANO, 1976: 14-15. Segundo a autora, em 1738, a igreja das Carreiras era filial da Ordem dos Terceiros de Marvão, o que significa que, também por motivos religiosos, havia uma estreita relação entre as localidades. Nesta mesma obra (pp. 84-87), a autora reporta-se aos “bailes do termo de Marvão”, nos quais os moços das Carreiras eram assíduos.

<sup>653</sup> Influência do castelhano “carretera” - estrada.

<sup>654</sup> Cândida Baptista, a propósito do Falar da Escusa, também refere que o [ɛ̃] tónico “apresenta um timbre mais aberto do que o [ɛ] do português padrão, sobretudo quando seguido das consoantes k, l e r”. Cfr. BAPTISTA, 1967: 16, 17.

Quanto ao confronto entre a aldeia de Porto da Espada e as que compõem a freguesia de São Julião<sup>655</sup>, verificámos que existem poucas diferenças, até porque, até 1842, esta freguesia pertencia também ao concelho de Marvão. Devido à sua orografia, as localidades que constituem S. Julião estão sujeitas a um grande isolamento, o qual é benéfico para uma maior preservação das características do falar e de mais formas arcaizantes. Para além disso, até há poucos anos, as crianças da então freguesia de S. Julião frequentavam os 2º e 3º ciclos na Escola Básica de Ammaia (localizada na Portagem) e só depois rumavam à sede do seu concelho para aí prosseguirem os estudos, continuando, muitas vezes, a ter como colegas os alunos de Marvão, já que Portalegre é também o destino preferencial dos discentes marvanenses para frequência do ensino secundário.

Aquando da nossa experiência a lecionar na Escola Básica de Ammaia, pudemos constatar que alguns dos nossos alunos de S. Julião ainda continuavam a preservar certas alterações fonético-fonológicas e certos vocábulos que, em Marvão, os mais novos desconhecem e só os mais velhos ainda partilham, o que evidencia bem a maior preservação do falar nessas localidades.

Ao questionar os falantes das duas aldeias sobre as diferenças existentes no seu modo de falar, os de São Julião disseram-nos que apenas consideram que a fala dos habitantes do Porto da Espada “deixa um rabo”, isto é, verifica-se um arrastamento na pronúncia. Contudo, quando aplicámos os inquéritos em S. Julião, não notámos diferenças muito significativas do ponto de vista fonético-fonológico.

Segundo os habitantes do Porto da Espada, há poucas alterações ao nível da pronúncia, somente, por vezes, alguma aproximação à pronúncia espanhola nas localidades de S. Julião. Tal não é de admirar, pois a maioria dos seus habitantes mais velhos dedicou-se, noutros tempos, ao contrabando e diariamente contactava com a língua vizinha. Segundo eles, quase todos (mesmo as mulheres) “arremedem bem o espanhol”, ou seja, sabem falar essa língua. Quanto ao léxico, os vizinhos sentem diferenças só no uso de certas expressões ou vocábulos que não ouvem normalmente em Marvão. Claro que esses traços distintivos só se notam no decurso de uma longa conversa, pois, numa abordagem breve, não se evidenciam. Sendo esta uma região muito isolada, é natural que aqui persista léxico que entretanto já desapareceu noutras zonas de Marvão.

---

<sup>655</sup> Aquando da recente reorganização político-administrativa de Portugal, a freguesia de S. Julião foi agrupada com a de Reguengo, passando este território a designar-se por União de Freguesias de Reguengo e São Julião.

### 4.3. Marvão/ Castelo de Vide

No que diz respeito à fronteira política entre Marvão e Castelo de Vide, os concelhos fazem fronteira através das freguesias de Beirã, Santa Maria de Marvão e São Salvador da Aramenha.

No caso da Beirã, trata-se de uma zona de latifúndio, quase despovoada, pelo que atualmente não há contacto linguístico regular entre os habitantes dos dois concelhos. Nos tempos áureos da Casa Sequeira<sup>656</sup>, em que aqui era requerida muita mão-de-obra, era frequente virem grupos de trabalhadores de Castelo de Vide, que assim se misturavam com os marvanenses, mas isso são tempos de que já só os mais velhos têm memória e a pronúncia de Castelo de Vide sempre foi bem notada pelos habitantes da parte norte de Marvão, pelo que a fronteira política aqui corresponde à linguística.

Quanto à freguesia de Santa Maria de Marvão, apenas uma parte da aldeia de Vale de Ródão faz fronteira com o concelho vizinho, mas o território é muito acidentado, quase despovoado, logo, muito pouco propício a contactos diários com os castelo-videnses. Sendo assim, também aqui a fronteira linguística é semelhante à política.

Relativamente à freguesia de São Salvador de Aramenha, a fronteira política localiza-se na aldeia da Escusa e aqui já não se verifica uma coincidência com a fronteira linguística. Na verdade, como já foi anteriormente referido, os falantes do concelho de Marvão só notam diferenças na pronúncia em relação aos habitantes da Escusa, precisamente porque estes partilham alguns traços fonético-fonológicos existentes no concelho de Castelo de Vide. Sendo assim, do ponto de vista linguístico, esta aldeia já se enquadra no concelho vizinho. Essa situação poderá encontrar explicação no facto de, durante muito tempo e devido à sua localização, a aldeia da Escusa ter estado muito isolada das demais do concelho de Marvão e, desde a Idade Média, aqui existir um contacto estreito com os habitantes de Castelo de Vide. Como já referimos no capítulo 2<sup>657</sup>, no século XV, era permitido aos criadores de Castelo de Vide apascentar os seus gados na Escusa e, apesar de várias tentativas do município de Marvão para alterar essa situação, o rei nunca permitiu coutar esse território. Esse convívio estreito foi-se mantendo e as suas gentes sempre estiveram mais ligadas ao concelho vizinho do que quaisquer outros habitantes do concelho de Marvão.

Maria do Guadalupe Alexandre<sup>658</sup>, na década de 70 do século passado, no âmbito da sua tese de licenciatura, abordou alguns aspetos da linguagem de Castelo de Vide e, logo na Introdução,

---

<sup>656</sup> Cfr. Cap. 2, dedicado à “Caracterização do espaço geográfico”, especialmente os dados referentes às freguesias de Santo António das Areias e Beirã.

<sup>657</sup> Cfr. Capítulo 2, p. 67.

<sup>658</sup> Cfr. ALEXANDRE, 1976: 108.



começou por dizer que o modo de falar dessa vila se circunscrevia a esse concelho, excetuando a aldeia de Póvoa e Meadas. Não concordamos com essa afirmação, pois consideramos que alguns dos traços caracterizadores do falar de Castelo de Vide também se estendem à aldeia vizinha da Escusa, embora esta pertença ao concelho de Marvão.

Uns anos antes, no final da década de 60, Cândida Baptista<sup>659</sup> dedicara a sua tese de licenciatura ao Falar da Escusa e, ao longo da primeira década de 2000, voltámos a estudar esta aldeia, quando abordámos todo o falar do concelho de Marvão<sup>660</sup>, pelo que, confrontando estes dois estudos com o de Guadalupe Alexandre, facilmente se detetam diversas semelhanças com a linguagem de Castelo de Vide.

Assim, constituem marcas distintivas da Escusa a velarização do [e] tónico, passando a [ë], bem como a palatalização do [o] tónico e do [u], em posição átona e tónica, passando a [ö] e [ü] respetivamente. Aliás, a palatalização desta última vogal, quer oral, quer nasal, é, sem dúvida, a marca mais acentuada da linguagem dos habitantes desta aldeia e é partilhada por todas as camadas etárias. De referir ainda uma acentuada nasalização, especialmente por parte dos mais velhos e menos instruídos, bem como uma maior tendência para a monotongação do [ẽ] em palavras em que normalmente esta não se verifica, como por exemplo: cãs (cães), pãs (pães). O mesmo se passa com o ditongo [ẽw̃] em posição tónica final, cuja monotongação é muito frequente na Escusa, contrariamente ao que se passa nas demais aldeias do concelho de Marvão. Na década de 60 do século passado, Cândida Baptista também apresentou como frequente a queda do [o] átono final<sup>661</sup>, mas atualmente este traço fonético-fonológico já não é tão vincado, especialmente nas gerações mais jovens.

Neste momento, essa diferenciação ao nível da pronúncia ainda se continua a notar entre os marvanenses, mas a localidade da Escusa passou a contar com boas vias de acesso e uma reduzida população, a qual, diariamente, tanto contacta com os habitantes de Castelo de Vide, como com os de Marvão ou Portalegre, pelo que estão criadas as condições para, a pouco e pouco, esta especificidade se ir perdendo.

---

<sup>659</sup> Cfr. BAPTISTA, 1967.

<sup>660</sup> Cfr. SIMÃO, 2011.

<sup>661</sup> Cfr. BAPTISTA, 1967: 39, 40.

#### 4.4. Marvão/ Valencia de Alcántara

Quanto à fronteira com Espanha, mais concretamente, com o município de Valencia de Alcántara, já antes referimos que a fronteira linguística não corresponde à política, pois nas aldeias espanholas da raia ainda se fala português, neste caso a variante regional que aqui temos vindo a estudar.

Toda a zona este do concelho de Marvão faz fronteira com Espanha, logo, todas as freguesias portuguesas têm zonas de raia, embora numas haja contactos mais estreitos entre os falantes das duas nacionalidades do que noutras.

Na freguesia da Beirã, o território de fronteira enquadra-se num regime de latifúndio, tem como barreira natural o rio Sever, apresenta uma densidade demográfica muito reduzida e, até aos nossos dias, não possui bons acessos entre os dois países. Sendo assim, só o contrabando motivava um contacto próximo entre os habitantes das duas margens, mas, há muito extintos todos os comércios localizados junto ao rio e partindo os escassos habitantes para os núcleos urbanos, atualmente já não se fala português nesta zona da raia espanhola.

Na freguesia de Santo António das Areias, continua a ser o rio a delimitar a fronteira. Também há muito que encerraram as lojas que dinamizavam o comércio ilícito de há umas décadas atrás e os acessos continuam a ser os trilhos outrora usados no contrabando. Somente no local da Boavista encontramos ainda falantes de português, tendo aí aplicado o inquérito linguístico por nós criado. De notar que, neste e noutros locais da linha de fronteira, poucos habitantes existem; a maioria rumou a Valencia de Alcántara ou migrou para outras paragens. As poucas casas ainda habitáveis que por aí há servem como casas de campo para quem vive noutros locais, sendo raro encontrar alguma de habitação permanente. Por exemplo, no local da Boavista, somente uma habitação é ocupada em permanência.

Perante este panorama, só aqueles que toda a vida residiram nesta região continuam a falar diariamente o dialeto da raia, a par do castelhano, pois os que aqui vieram adquirir uma casa só para veraneio falam apenas a língua nacional de Espanha.

Quanto à freguesia de Santa Maria de Marvão, as localidades de Fronteira, Galegos e Pitaranha são as que sempre mantiveram um contacto mais estreito com os vizinhos espanhóis e ainda o vão mantendo. Apesar de serem aldeias muito desertificadas e habitadas essencialmente por gente idosa, o facto de terem bons acessos às localidades espanholas de raia, mesmo depois do terminus do contrabando, proporciona o convívio entre os povos. Contudo, nas aldeias da raia espanhola, já nem todos conhecem o falar aqui outrora existente como único. Em San Pedro, no dia a dia, muito poucos sabem português (não mais que cinco). Os que o aprenderam migraram e só em

épocas festivas regressam à aldeia e então o põem em prática. Em Las Casiñas, o número de falantes é maior, todos são bilingues e a maioria é idosa, ou seja, também não houve uma regeneração dos falantes. Panorama ainda pior se verifica em Las Huertas, onde já só muito poucos falam o raiano. De notar que, em Valencia de Alcántara, também existem ainda muitos falantes desta variante raiana, todos eles com origem em aldeias de fronteira, mas também estes se expressam regularmente em castelhano, só usando o português quando lhes é solicitado ou quando dialogam com os outros que partilham a mesma língua, desde que não tenham por perto quem não a saiba. Quando alguém não domina essa variante, para que todos partilhem a conversa, a língua eleita é sempre o castelhano.

Assim, é possível concluir que, por enquanto, a fronteira linguística ainda vai além da linha da fronteira política<sup>662</sup>, mas, se nada for feito em contrário, não será por muito tempo, pois já poucos habitantes continuam a saber falar o português da raia e todos os nossos informantes já revelaram muitas influências da sua língua nacional, o que é perfeitamente natural, uma vez que é aquela que mais usam diariamente. O domínio da variante portuguesa também varia de aldeia para aldeia, sendo a Boavista e a Fontañera os locais em que notámos menos interferência do castelhano<sup>663</sup>.

Os vários informantes com que contactámos nas localidades da raia espanhola têm noção de que atualmente falam uma variante que não é português nem castelhano, mas sim uma mistura das duas línguas. Certo dia, quando tentávamos saber, afinal, como nos descreviam o seu modo de falar, disseram-nos que “temos uma de cal e ôtra d’areia”. Muitos têm consciência de que a situação de bilinguismo com que se deparam constantemente faz com que não falem corretamente nem o português nem o espanhol: “Como nós falemos de tanta manêra, niuma presta!”.

Assim, ao nível da fonética e da fonologia, não há diferenças muito significativas em relação aos falantes do outro lado da fronteira. Um dos nossos informantes ensinou-nos mesmo um pequeno teste para verificar as capacidades do aparelho fonador de todos os raianos, ou seja, nenhum espanhol monolíngue consegue dizer “um prato cheio de cinza”; contrariamente aos habitantes da raia, que são bilingues e o pronunciam na perfeição. Ainda assim, os raianos têm consciência de que

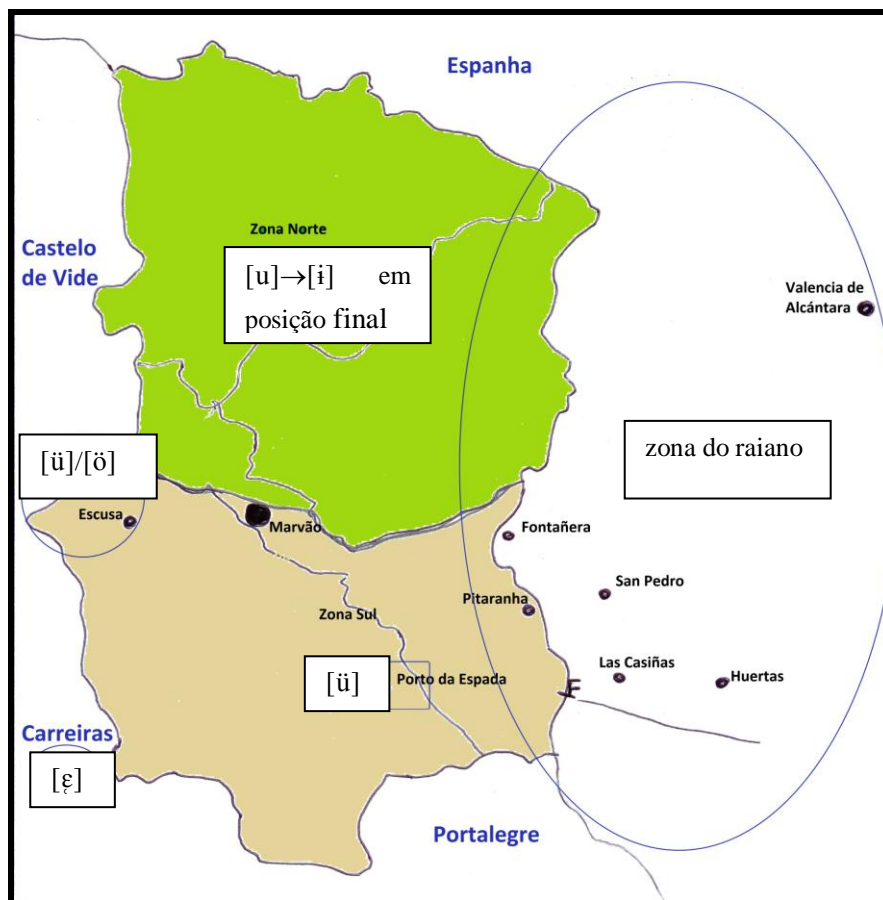
---

<sup>662</sup> Discordamos, pois, de Pilar Cuesta e Maria da Luz, quando, a propósito das linguagens fronteiriças, a sul do Douro só referem Alamedilla, S. Martín de Trevejo, Olivenza e Barrancos. Cfr. CUESTA, 1961: 60. Também Leite de Vasconcelos não se reporta a este falar de raia. Cfr. VASCONCELOS, 1902.

Por outro lado, Juan Carrasco González tem realizado, nos últimos anos, diversos trabalhos de investigação no sentido de delimitar a fronteira linguística na Extremadura espanhola e definiu quatro grupos de falares fronteiriços: “1) Os falares de Xalma (San Martín de Trevejo, Eljas e Valverde del Fresno; 2) Herrera de Alcántara; 3) Cedillo e as aldeias fronteiriças dos concelhos de Valencia de Alcántara e La Codosera; 4) Olivença”. Cfr. CARRASCO, 2007: 51.

<sup>663</sup> De notar que nos referimos aqui só ao conjunto das aldeias que fazem fronteira com o município de Marvão. Na totalidade de La Campiña, há outras em que a variante portuguesa também ainda é conhecida por muitos habitantes, como por exemplo, Jola.

não têm uma pronúncia correta quando falam português e verbalizam-no: “nós nã pronunciamos bem as palavras, dezemos um chaporrim<sup>664</sup>”.



**Fig. 81:** Mapa ilustrativo das fronteiras linguísticas do Falar de Marvão

Se a maior parte das características fonético-fonológicas continua aqui bem presente, também já se começam a notar algumas interferências do castelhano em algumas palavras pertencentes a esta língua, como por exemplo, na pronúncia do h aspirado e no uso da africada [tʃ], como em vocábulos do tipo “chica” (rapariga) [tʃíkə]. Ainda assim, muito do léxico espanhol que surge numa conversação é pronunciado “à portuguesa”, como a seguir se demonstra.

As interferências aumentam no âmbito da morfologia e da sintaxe. Por exemplo, é comum usarem o pretérito mais-que-perfeito do indicativo em vez do pretérito imperfeito do conjuntivo: “Chamô a sogra p’ra que fora lá a ajudé-la.”, “S’ele nã tevera mal da perna, saímos más”, “pa quê nã a usara”, “s’ê a tevera”. Surgiram também casos de anteposição do pronome pessoal na função

<sup>664</sup> Expressão mal dita, estropiada. Para além de “chaporrim”, também usam a designação de “chaporrau” como sinónimo de língua que resulta de uma mistura do português e do castelhano. A mesma designação é usada na região de Xalma.

de complemento indireto: “vô la contar o caso”. Nas aldeias com maior interferência, como é o caso de Las Casiñas, deparámo-nos com o uso frequente de formas do verbo haver conjugado como no castelhano: “o talhão q’além hai”.

No que diz respeito ao uso de algumas conjunções, também se verifica uma interferência do castelhano, pois frequentemente usam o “pero” em vez do “mas” ou o “sem embargo” em vez do “contudo”.

Por outro lado, é de salientar a manutenção de alguns traços do falar de Marvão que, em solo português, estão em vias de desaparecer e que nas aldeias da raia com maior influência portuguesa ainda se mantêm, como sucede com:

- o uso de formas arcaizantes na conjugação do verbo “vir”: “nã advemos juntos”;
- a conjugação verbal, na terceira pessoa do plural, usando formas arcaizantes<sup>665</sup>: “vocês ides pá i pa trás”, “saídes a cavalo, entrêdes logo, nim vos molhêdes”, “sempre gastêdes esse”, “qui estêdes a fazer?”, “vocês é que têdes a culpa”.

No que diz respeito ao léxico, é neste domínio que se verifica a principal influência. Aquando da aplicação de inquéritos, muitos foram os casos em que nos apresentaram termos do castelhano com uma pronúncia tipicamente portuguesa, como por exemplo: “pilão” (lavadouro), “tejão” (texugo), “rinhão” (rim). Noutros casos, somente usavam uma palavra espanhola, não se lembrando ou não sabendo qual a correspondente em português, como por exemplo: “ince” (entorse), “hóstia!” (caramba), “sajunar” (tomar o pequeno-almoço), “enfermidades” (doenças), “calabacin” (o estrangeirismo “courgette”), “monho” (poupo), “tinau” (casão), “frite” (refogado), “servilheta” (guardanapo), “regla” (classe), “guapa” (bonita), as cores, os dias da semana, entre muitos outros.

De notar que o grau de interferência do castelhano a nível lexical varia muito de informante para informante. Para além da sua origem, são determinantes o seu percurso de vida e as suas vivências. Ou seja, aqueles que sempre trabalharam no campo e não contactam regularmente com instituições ou pessoas que os obrigam a optar pelo castelhano e que em casa veem regularmente os canais da televisão portuguesa ainda denotam uma influência pouco significativa. Outros que trabalharam, por exemplo, no atendimento ao público ou que diariamente contactam com a língua padrão revelam um grau de interferência muito maior.

As nossas conversas evidenciaram uma verdadeira mistura de línguas, pelo que concordamos inteiramente com Christina Ossenkop, quando, em 2000, investigou a situação linguística nestas

---

<sup>665</sup> Cfr. VIOLA, 1996: 409. A propósito de La Codosera e de Valencia de Alcántara, o autor refere que o português aqui falado é arcaico, um português de outros tempos.

aldeias e mais tarde escreveu que se deparara com uma “verdadera lengua mixta”<sup>666</sup>. No fundo, esta é a essência do atual “raiano”, isto é, um falar que não é português, não é castelhano, mas sim uma mistura das duas línguas. A base é uma variedade do português do Nordeste Alentejano que, com o passar dos anos, tem vindo a adquirir cada vez mais características das realidades linguísticas existentes nesta zona de Espanha, nomeadamente, o castelhano padrão e o dialeto extremeño.

Como já referimos anteriormente, na investigação que aqui apresentamos apenas pretendemos saber até onde se estende a variedade linguística que é comum ao espaço do concelho de Marvão e o que é que dela se mantém em terras espanholas, não temos o intuito de estudar esse tipo de influências. Esse é um estudo que carece de desenvolvimento, pois seria interessante saber até onde vão as interferências da língua espanhola padrão e do dialeto extremeño.

Atendendo ao panorama linguístico atrás descrito, não restam dúvidas quanto às mutações existentes no Falar de Marvão em função dos diferentes espaços em que este é falado; todavia, todas elas tendem a desvanecer-se como consequência da desertificação de alguns locais, das melhores acessibilidades, do aumento da escolaridade dos falantes, da influência dos media, pois favorecem uma maior interferência das línguas padrão deste território de raia - o português e o castelhano.

---

<sup>666</sup> Cfr. OSSENKOP, 2006: 678.

## Capítulo 5 – Variação diacrónica, sociocultural e diafásica no Falar de Marvão

O espaço condiciona o uso de uma língua, gerando diferentes variedades dialetais, de que o Falar de Marvão é apenas mais um exemplo na língua portuguesa. Contudo, estas variedades estão ainda sujeitas a alterações decorrentes da evolução do tempo, das características dos falantes e das situações em que são usadas. Assim, tendo analisado o Falar de Marvão enquanto exemplo de variação geográfica, importa também compreender como a erosão do tempo tem motivado alterações, quais as diferenças existentes nos falantes em função da sua faixa etária e do seu grau de escolaridade, bem como das circunstâncias em que usam este falar.

### 5.1. Variação em território marvanense

No que diz respeito à variação diacrónica, não dispomos de muitos elementos que nos permitam conhecer aprofundadamente a evolução deste falar raiano, pois, como já foi referido, antes da nossa investigação, apenas existia uma obra de fundo sobre a aldeia da Escusa, estando o resto do concelho de Marvão por estudar. Tal significa que somente em relação ao falar desta aldeia podemos fazer uma análise comparativa precisa entre as características registadas em 1967, no estudo referido, e as atuais. Em solo espanhol, ao longo do século XX, foram desenvolvidos alguns trabalhos de investigação, os quais nos permitiram ter uma base de comparação com a situação atual.

Anteriormente à década de 60 do século passado, existem, no entanto, alguns registos efetuados por Leite de Vasconcelos, quando passou pelos concelhos que ladeiam Marvão. Como há muitas características que são comuns a todo o Alto Alentejo, considerámos oportuno apresentar aqui essas notas.

Em 1891, quando o autor<sup>667</sup> esteve uma tarde em Portalegre, recolheu algumas marcas do seu falar. Ainda que tenha sido uma recolha muito reduzida e pontual, confrontando esse registo com a atualidade, notamos algumas diferenças, das quais se destacam o [u] tónico, que soava como [ü], ou a redução do ditongo [ow] para [ö], que atualmente já não ouvimos nas localidades do concelho de

---

<sup>667</sup> Cfr. VASCONCELOS, 1896.

Portalegre que fazem fronteira com Marvão. Por outro lado, continua a verificar-se a nasalização de vogais antes de consoantes nasais e a redução do ditongo [ej] para [e] antes de consoante. No âmbito do léxico, o autor apenas indicou o uso da palavra “lavutar” como “conviver”, ilustrativa da troca entre [b] e [v], ainda viva na atualidade.

No mesmo dia em que estive em Portalegre, Leite de Vasconcelos teve oportunidade de falar com uma senhora de Castelo de Vide, o que lhe permitiu coligir algumas marcas da linguagem dessa terra. Através desse testemunho, registou também o uso do [ü] e do [ö], a nasalização de vogais antes de consoantes nasais, a redução do ditongo [ej] para [e], a ditongação do [e] tónico fechado para [ɛ̃], o que também sucede na vogal nasal [ẽ], que passa a [ɛ̃j]. Registou ainda o desenvolvimento de um [i] para evitar o hiato (como em “da i água”). [s] e [z] apresentavam-se, como em todo o sul, como pré-dorsodentais, distinguindo-se das sibilantes ápico-alveolares da Beira.

Dos traços fonético-fonológicos registados por L. de Vasconcelos, salientamos a redução generalizada do [ej] para [e] e a nasalização das vogais antes de consoantes nasais, pois ainda se mantêm no concelho de Marvão. Quanto às vogais [ü] e [ö], só no Porto da Espada e na Escusa se verificam ainda. Se no Porto da Espada não passam de vestígios, só ouvidos em pessoas muito idosas; na Escusa, caracterizam o modo de falar da maioria dos seus habitantes, constituindo esta aldeia a única ilha no concelho de Marvão em que este traço linguístico perdura no tempo.

No que respeita à obra de Cândida Baptista<sup>668</sup>, sobre o falar da Escusa, quando confrontamos a nossa recolha com a então efetuada pela autora, neste espaço de quarenta anos, e apesar de um dos informantes ter sido coincidente, foram notórias muitas diferenças.

No que diz respeito à vogal oral tónica [a], a autora registou o desenvolvimento da semivogal [w] junto dela depois de consoante oclusiva velar surda ([kwáz] - caso), situação que já não encontramos, exceto em [ʃkwaʎu] (chocalho).

Quanto ao [ɛ] tónico, quer oral, quer nasal, a linguista presenciou um timbre mais aberto do que o da norma, sobretudo quando seguido de [k], [l] ou [ʀ], situação que caracteriza o falar das gentes da vizinha aldeia de Carreiras, já pertencente ao distrito de Portalegre<sup>669</sup>, e que em Marvão já não se ouve.

---

<sup>668</sup> Cfr. Baptista, 1967.

<sup>669</sup> Cfr. Cap. 4, p. 302.



Relativamente ao [e] tónico, foi registado como muito velarizado, sendo esta também uma alteração em vias de desaparecer.

No âmbito das vogais átonas, Cândida Baptista assinalou a queda do [o] átono final. Como já referimos anteriormente, a queda deste som ou a sua substituição por [i] já só apresenta vitalidade na zona norte do concelho de Marvão; na Escusa já não passou para as gerações mais jovens. A sua permanência até mais tarde nesta localidade do sul poderá justificar-se pelo isolamento a que também esteve sujeita ao longo do século XX, contrastando com as demais aldeias da zona sul, que sempre foram mais permeáveis à receção de mudanças.

No domínio da ditongação, a autora registou a redução do [aw] em diversos contextos, quer em sílaba tónica, quer em posição átona. No concelho de Marvão continua a verificar-se essa monotongação, mas sobretudo em sílaba pretónica. Em sílaba tónica pouco a ouvimos, mesmo na Escusa, onde outrora constituiu um traço muito recorrente.

Quanto ao ditongo [ew], para além da sua redução, foi registada uma velarização, passando a [ë]. Atualmente continua a haver redução, mas só os mais velhos pronunciam a velarização.

No que diz respeito ao ditongo [iw], há quarenta anos, era frequente a sua redução em posição tónica e átona final; todavia, atualmente só os mais idosos vão mantendo este traço, sem continuidade nas gerações mais jovens.

Entre os mais novos e até em muitos idosos, já não se verifica a monotongação do [ẽj] em posição tónica final, como por exemplo: [kẽj] - cãs (cães), [pẽj] - pãs (pães). O mesmo se passa com o ditongo [ẽw], reduzido antigamente em palavras como [ʒwẽ] - Juã (João), [irmẽ] - irmã (irmão). A exceção verifica-se quando este ditongo surge numa sequência, como por exemplo: [nẽkẽru] - “nã quero” (não quero) ou [ʒwẽnúnu] - “Juan Nuno” (João Nuno). Ainda sobre este ditongo, foi referida pela autora uma palatalização, quer do seu primeiro elemento, quer da vogal em casos de redução, bem como a sua queda em posição pós-tónica final, fenómenos que já não tivemos oportunidade de testemunhar na atualidade.

À semelhança do que sucede noutras localidades mais isoladas do concelho, o ditongo [ẽw] é ainda ouvido em alguns idosos acima dos 80 anos; abaixo dessa idade ninguém o pronuncia. O mesmo se passa com a redução do ditongo [õj], que já só se verifica nos falantes mais velhos.

No que diz respeito às consoantes, as alterações registadas na Escusa também se verificam no resto do concelho. De salientar apenas uma pequena mutação na sequência da queda das vogais

finais [u] e [i]. Ficando em posição final, as consoantes [b], [d] e [g] tornam-se fricativas e ensurdecidas. No mesmo contexto, também o [v] perde a sonoridade e o [r] cai.

No que respeita às vibrantes, verificava-se a queda do [r] final, com particular incidência no infinitivo dos verbos, fenómeno que também já não presenciámos, exceto quando as palavras surgem integradas numa estrutura frásica.

No capítulo da fonética sintática, além das reduções referidas nos ditongos nasais, destacamos o desenvolvimento da semivogal [j] com funções anti-hiáticas, depois de consoante e antes do pronome pessoal “o” ou “a”, atualmente também já pouco frequente.

No domínio da morfologia, ainda tivemos oportunidade de confirmar a maioria dos aspetos apresentados por Cândida Baptista, quer na Escusa, quer noutras localidades do concelho de Marvão e nas aldeias da raia espanhola. De salientar apenas o uso das formas pronominais “mos” e “mes” em vez de “nos”; o uso das formas relativas “cal” e “cais” em vez de “qual” e “quais”, fenómenos que já não nos surgiram aquando da aplicação dos inquéritos nesta localidade.

Curiosamente, a autora registou um único caso de uso da forma arcaica “sabedes”, referindo que só nas orações antigas ainda aparecia esse tipo de conjugação, e nós, quarenta anos depois, ainda conseguimos registar esse traço nesta e noutras aldeias, quer em solo marvanense, quer em solo valenciano; embora só caracterize o falar dos mais idosos.

Ainda no âmbito da conjugação verbal, destacamos a conjugação de alguns verbos no futuro do indicativo, resultando exemplos do tipo: “verarê” (verei), “verirê” (virei), “trrarê/trazerê” (trarei), atualmente já não usados.

Na classe das preposições, foi registado o uso de “por” como “pel”, a que já não tivemos acesso: «Amanhã pel esta hora»<sup>670</sup>.

No conjunto das locuções prepositivas, apenas “resolvido a”, com o sentido de “devido a” não nos surgiu; todas as outras são comuns também a outras aldeias.

Quanto à sintaxe, presenciámos os vários aspetos registados pela autora, tanto na Escusa, como noutras aldeias. A maior parte só é usada pelos falantes com mais de 70 anos. À medida que a idade diminui, vão-se perdendo muitas destas construções frásicas.

Relativamente ao léxico, o confronto dos nossos resultados com os recolhidos há mais de quatro décadas atrás exemplifica em pleno as palavras de Margarita Correia, quando diz que “De entre as componentes do conhecimento linguístico, o léxico é (...) aquela em que a variação que ocorre ao longo dos tempos (diacrónica) é mais visível. Constituindo o ponto de cruzamento entre a

---

<sup>670</sup> Cfr. Baptista, 1967: 122.

língua e a realidade extralinguística, ele reflecte a evolução desta, o surgimento de novas realidades, de novos conceitos e até de novas perspectivas sobre a realidade.<sup>671</sup> Assim, começamos por referir a abundância de vocabulário em alguns campos léxico-semânticos. Na década de 60 do século passado, verifica-se um registo muito significativo nos campos léxico-semânticos da agricultura, da extração da cal, do moinho, do linho, ao qual já não tivemos acesso tão abundantemente aquando da aplicação do nosso inquérito, pois muitos dos informantes dessa altura já tinham falecido e aqueles mais idosos que nós inquirimos há muito que haviam deixado essas atividades, esses objetos, banindo conseqüentemente da sua linguagem muito desse vocabulário. Quanto aos mais novos, muitos desses saberes já não passaram para as gerações seguintes; nuns casos porque os jovens enveredaram por outras atividades, noutros porque as novas tecnologias e os novos métodos de trabalho vieram substituir muitos dos antigos usos.

Este confronto evidencia bem a erosão do tempo nos falares. Sendo estes um património imaterial, que só é transmitido através das gentes e do seu uso, à medida que os mais velhos vão partindo, vai-se também perdendo este património, especialmente se não for registado e dado a conhecer às novas gerações. Na verdade, é lamentável que a tese de licenciatura de Cândia Baptista não tenha sido mais divulgada entre a população da Escusa e de Marvão em geral, pois talvez essa divulgação e a valorização deste património pudessem ter evitado o seu rápido desaparecimento.

Com a evolução dos tempos e o surgimento de situações propícias à homogeneização dos falares, estas particularidades linguísticas tenderão a esbater-se. Nos últimos anos, foram bastante melhorados os acessos à aldeia da Escusa, a maioria dos seus habitantes trabalha ou estuda fora desta localidade e até fora do concelho de Marvão, pelo que estão reunidas as condições para que esta genuinidade se vá perdendo. Até os mais idosos, fiéis depositários do Falar da Escusa, na aldeia apenas dispõem de um centro de dia em que poucos se reúnem; quando mais debilitados, frequentam os lares existentes no concelho, como por exemplo, em São Salvador da Aramenha ou em Marvão, onde contactam com variantes linguísticas de outras partes do concelho e até do país.

Este exemplo reforça ainda mais o nosso propósito de continuar a divulgar ao maior número possível de leitores, em especial aos marvanenses, as características do Falar de Marvão, valorizando-as enquanto património imaterial, para que perdurem na memória e ganhem vida através do uso, pois só assim uma língua (neste caso um falar de raia) se mantém viva.

Relativamente à variação sociocultural do falar, debruçamo-nos essencialmente sobre a influência da idade e do grau académico, embora estes fatores não possam ser analisados

---

<sup>671</sup> Cfr. CORREIA, 2009: 99.

isoladamente da profissão/ ocupação regular dos informantes, fatores com os quais estão intimamente associados.

Em 2004, quando iniciámos esta investigação, optámos por inquirir apenas informantes idosos, com idade superior a 70 anos, e analfabetos. Deste modo, tentámos registar as características que ainda se manifestavam em falantes pouco influenciados pela escolarização, que gradualmente vai conduzindo a uma aproximação à norma.

Posteriormente, quando alargámos o nosso estudo, aplicámos os inquéritos linguísticos a falantes de diferentes camadas etárias e diferentes níveis de escolaridade, o que nos permitiu compreender que características se vão mantendo de geração em geração e de que forma estão a ser influenciadas pelo aumento da escolarização.

Na camada etária acima dos 70 anos, com frequência os informantes são analfabetos ou apenas frequentaram o ensino primário, não sendo, por isso, ainda muito influenciados pela norma. Esta situação de “pureza” agudiza-se ainda mais quando residem em localidades mais isoladas, com difíceis vias de acesso e pouco convivem com gerações mais jovens e mais escolarizadas. A maioria destes informantes trabalhou toda a vida na agricultura e na criação de gado, bem como, em algumas aldeias, no contrabando. Sendo assim, o seu maior domínio lexical verifica-se nestas áreas. À medida que a idade vai diminuindo, as profissões vão-se diversificando e também vai aumentando o nível de escolaridade, bem como o contacto com outras realidades linguísticas, o que contribui de forma decisiva para a perda de muitas das características apuradas junto dos mais idosos.

Ao longo dos anos, o acesso ao ensino tem sofrido várias alterações no concelho de Marvão. Durante muito tempo, após o ensino primário, os alunos só tinham como opção a telescola, funcionando uma sala na Portagem e outra em Santo António das Areias. Quem não quisesse frequentar este sistema de ensino, teria de, desde tenra idade, deslocar-se para Castelo de Vide ou Portalegre, a fim de ingressar no então Ciclo Preparatório. Concluído o sexto ano, o concelho de Marvão não tinha mais oferta para prosseguimento de estudos, indo a maioria dos alunos para Castelo de Vide até completar o nono ano e outros para Portalegre. Tal situação obrigava a que todos eles, desde os 12 anos, contactassem longamente com outras variantes linguísticas, sendo por elas influenciados. Com a abertura de duas escolas no concelho<sup>672</sup> com continuidade até ao nono ano, verificou-se um retrocesso dessa tendência, o que foi favorável para a manutenção do Falar de Marvão nas camadas mais jovens. Assim, só a ida para Portalegre, a fim de frequentarem o ensino secundário, os confronta agora com as diferenças existentes entre a sua maneira de falar e a dos

---

<sup>672</sup> Uma na Portagem e outra em Santo António das Areias.

alunos de outras partes do distrito, verificando-se muitas vezes situações de alguma troca por parte dos colegas que contribuem para que os jovens marvanenses vão abandonando as características distintivas do seu falar e adotando, cada vez mais, a norma.

Ao aplicarmos os inquéritos a faixas etárias mais jovens, nos domínios da fonética e da fonologia, da morfossintaxe e do léxico, constatámos diversas alterações relativamente às que antes havíamos registado entre a população mais idosa<sup>673</sup>.

No que diz respeito à **fonética e à fonologia**, existem alguns traços em perigo de desaparecer, uma vez que, embora se encontrem ainda nos mais idosos, já não caracterizam o falar das camadas mais jovens, como por exemplo:

#### Vogais tónicas

- palatalização de [a] e [ɐ] para [ɛ] e [ẽ]<sup>674</sup>: “canaviel/ fuleno”;
- ditongação da vogal [ɛ] em sílaba tónica nas palavras agudas, passando a [ej]: “caféi”;
- palatalização de [ẽ] para [ẽ̃], especialmente quando a vogal nasal é antecedita por vogal ou semivogal palatal: “criença”;
- palatalização de [u] e [ũ] em [ü] e [ũ̃], exceto na aldeia da Escusa, onde ainda se mantém.

No entanto, nos jovens que frequentam o infantário ou a pré-escola já não se verifica este traço, ou seja, nada no seu sotaque os distingue já dos jovens das demais aldeias marvanenses. As únicas exceções verificam-se em crianças que estão a ser criadas em casa pelos avós e que só ingressam na escola para frequentar o primeiro ciclo, o que é muito raro acontecer. Alguns alunos do primeiro, segundo e terceiro ciclos ainda mantêm esta característica;

#### Vogais átonas

- centralização e fechamento de [ɛ] para [ɐ], especialmente quando a vogal antecede uma consoante lateral alveolar velarizada: “móval”;
- transformação do [e] em [i] em início de palavra: “inveter” (evitar);
- passagem de [i] a [ɐ], [i] ou [u]: “anadota”, “sabola”, “mimória”, “survir”;
- centralização e abertura da vogal [i] para [ɐ], em posição pós-tónica: “lícado”;
- passagem de [ẽ] a [i], especialmente em sílaba inicial: “ambiente”;
- palatalização de [ũ] para [ũ̃], exceto na Escusa;

---

<sup>673</sup> Cfr. SIMÃO, 2011.

<sup>674</sup> Além da palatalização, verifica-se também uma nasalização.

### Ditongos

- consonantização do [w] em [ʔ] no ditongo [aw]: “almento”;
- redução do ditongo [ɛw] para [ɛ]: “chapé”;
- metátese da semivogal nos ditongos [jɐ] e [ju]: “coméida”, “óido”;
- redução dos ditongos [jɐ] e [ju] para [ɐ] e [u]: “Dunisa”, “alumino”;
- desnasalização e monotongação do ditongo [ɛj], passando a [ɐ] ou [i]: “curaja”, “garaja” ou “ome”, “onte”;
- alteração do ditongo [ẽw̃] para [ẽw̃]: “balserẽum”;
- redução do ditongo [õj]: “casons”;

### Consonantismo

- palatalização do [l], quando seguido da semivogal palatal [j]: “Emilha”, “Julho”.

Quanto à **morfossintaxe**, com o passar dos anos, estão em perigo de se extinguir alguns traços:

- manutenção do -l- intervocálico presente no plural das palavras terminadas em lateral alveolar <l> no singular: “anuales”;
- formação do plural em -ons, tanto nas palavras terminadas em -ão, como em -ẽum: “ganhons”, “letons”;
- uso dos pronomes demonstrativos “aquesse/aquessa” e “aqueste/aquesta”;
- uso de alguns coletivos que se afastam da norma e são formados por analogia com outros: “ovelhada”, “raposaria”;
- uso das formas de tratamento “vomecê” e “vossemecê”;
- uso de formas arcaicas na segunda pessoa do plural do modo imperativo: “fazêde”;
- uso do gerúndio em substituição do futuro do conjuntivo: “und’ ele vindo, começamos a comer”;
- uso de formas arcaicas na conjugação dos verbos na segunda pessoa do plural: “vocês ganhêdes”;
- conjugação do verbo “andar” no pretérito perfeito do indicativo usando as formas “andive, andvestes...”, já só usada agora pelos idosos nas aldeias da raia;
- uso de alguns advérbios e locuções adverbiais, por exemplo: “entrementes, na mesma correnteza, manêras, um atório de, um poder de, à carga cerrada, de rapa terrão”...;

- uso de algumas conjunções e locuções conjuncionais, por exemplo: “ô, unde, pa munde de, bonda que, com que”, entre outras.

No que se refere ao **léxico**, concluímos que os mais novos desconhecem muitos termos da fauna e da flora, bem como muito vocabulário associado aos ofícios de antigamente e alusivo à agricultura, pois a realidade em que se inserem proporciona-lhes outras aprendizagens. Sendo assim, muitos vocábulos/ expressões respeitantes a realidades do antigamente são conservados somente pelos mais idosos e por alguns adultos. Algumas exceções verificam-se em aldeias mais isoladas (como, por exemplo, nos Cabeçudos) e no seio de um agregado familiar com pouca escolaridade, mas o convívio escolar e a saída do concelho para prosseguir estudos facilmente alterará essa genuinidade.

Quanto menor é o grau de escolaridade dos jovens marvanenses, mais traços estes mantêm do falar partilhado pelos seus pais e avós. No entanto, as crianças que ainda não passaram pela fase da alfabetização e, desde tenra idade, frequentam o infantário e a creche, já não apresentam alguns traços que as poucas que são criadas em casa até aos seis anos ainda evidenciam.

Relativamente aos alunos do primeiro e segundo ciclos, que, com frequência, escrevem como falam, deixam ainda transparecer em alguns dos seus textos certas marcas da sua oralidade. Esta situação vai sofrendo alterações à medida que os jovens vão avançando para o terceiro ciclo. São disso exemplo, em todo o concelho, as terminações verbais na terceira pessoa do plural do presente ou do pretérito perfeito do indicativo dos verbos de tema em –a (“andem, andarem”) ou dos de tema em –e ou –i (“fizerem, forem”). Somente na parte norte do concelho, é muito frequente a terminação em –e de certos vocábulos que na língua padrão terminam em –o, como sucede com “come, dede, dade, casaque, domingue”. Por vezes, surgem palavras que denotam hipercorreção, como “dento” (dente).

No ensino secundário e universitário, nada na escrita dos jovens marvanenses denuncia as suas raízes. No domínio do oral, só quando integrados num grupo de marvanenses estes jovens naturalmente vão evidenciando as suas origens, pois, se estiverem noutra ambiente, tendem a contrariar a sua variedade natural, optando por usar somente a língua padrão. Este comportamento verifica-se em situações tanto formais, como informais.

## 5.2. Variação em território valenciano

Se na área política do concelho de Marvão a idade tem uma importância grande no maior ou menor domínio das características do falar regional, nos lugares e aldeias da raia espanhola por onde se estende o falar de Marvão esse fator é decisivo.

Segundo Juan Carrasco<sup>675</sup>, em 1900, mais de 90% dos habitantes das aldeias de raia falavam exclusivamente o dialeto fronteiriço; em 2000, 100% conheciam e falavam o castelhano<sup>676</sup>. Baseando-se nos censos de 2001, o linguista refere que nas aldeias de Valencia de Alcántara os dialetos fronteiriços eram falados ainda por adultos acima dos 30 anos<sup>677</sup>, sendo todos bilingues. Acrescenta ainda que, tendo por base os dados referentes a todas as aldeias da raia de Valencia de Alcántara, a população totalizava 850 habitantes, havendo 630 (74,11%) que falavam o dialeto<sup>678</sup>, ou seja, no início do século XXI, somente 220 (25,8%) não o falavam.

Contudo, conhecendo a realidade destas aldeias, os dados dos censos induzem-nos em erro, pois o número de pessoas que consta dessa estatística é completamente diferente do número de habitantes que diariamente vive nestes locais.

Quando iniciámos a nossa pesquisa em solo espanhol, recolhemos informação demográfica referente às aldeias estudadas e confrontámo-la, depois, com a nossa contagem nos diversos locais, tendo constatado uma grande disparidade de dados. Ao tentarmos apurar o porquê de tal situação, fomos informados de que há muitos naturais de Valencia e dos seus arredores que se mantêm lá recenseados, mas há muito que partiram para outros locais em busca de melhores condições de vida. Na verdade, eles sabem falar o português da raia e alguns têm menos de 60 anos, mas, no dia a dia das localidades de fronteira, só muito acima dessa idade se ouve essa variante linguística e já não são todos os residentes que a dominam. Aliás, há aldeias, como é o caso de San Pedro de los Majarretes, em que somente quatro ou cinco pessoas utilizam este falar.

Esta situação inverte-se apenas na altura das férias e/ou períodos festivos, em que os filhos da terra regressam para descansar e matar saudades.

Como não existem estudos anteriores aos de Juan Carrasco González sobre esta zona da raia luso-espanhola, os elementos de que dispomos sobre a situação linguística desta região noutras épocas são pouco expressivos. Quando o referido autor se debruçou sobre estas aldeias da raia espanhola, já esta variedade se encontrava numa situação desfavorável, pois já se vivia numa

---

<sup>675</sup> Cfr. Carrasco, 2007: 62, 63.

<sup>676</sup> Segundo o autor, só no Val de Xalma e nas aldeias raianas de La Codosera esta situação era diferente, aí o processo ainda estava um pouco atrasado.

<sup>677</sup> Já em Cedillo, Herrera de Alcántara e Olivença, só acima dos 60 anos ainda sabem falar os respetivos dialetos.

<sup>678</sup> Cfr. CARRASCO, 2007: 64.



situação de bilinguismo e a vitalidade do falar ia diminuindo devido à penetração da língua oficial (o castelhano), pelo que nunca conseguiremos saber exatamente como foi a sua evolução ao longo dos três primeiros quartéis do século XX. Ainda assim, segundo este linguista pôde apurar, no início do século XX, quase 100% dos falantes das aldeias fronteiriças da Extremadura espanhola falavam português, sendo apenas as pessoas de melhores condições económicas as que eram bilingues, já que tinham possibilidades de estudar e assim aprender o castelhano. As informações obtidas por Carrasco derivam de estudos linguísticos realizados em Espanha, alguns ainda antes do final do século XIX, nomeadamente do *Diccionario Geográfico* de Madoz, publicado entre 1845 e 1850, no qual consta que, nas aldeias da raia de Valencia de Alcántara, «os habitantes son de raza portuguesa, cuyo idioma y costumbres conservan»<sup>679</sup>.

Em 2007, Juan C. González<sup>680</sup> fez um balanço de todos os falares de fronteira da Extremadura e, no que às aldeias de Valencia diz respeito, informa-nos que aí o bilinguismo estagnara, sendo a situação parecida à descrita na década de 60 do século passado. Ou seja, quase todos os falantes continuavam a ter o português como língua materna e usavam recorrentemente o castelhano com quem não dominava a variedade linguística da raia. O autor considera que isso se devia ao facto de aí só viver gente idosa e de ainda se manter uma grande ligação aos portugueses.

Em 2013/2014, quando aplicámos os inquéritos linguísticos nas aldeias espanholas da raia, deparámo-nos com um falar regional em risco de sobrevivência. São raros os adultos abaixo dos 50 anos que ainda sabem falar raiano. Acima desse nível etário ainda encontramos alguns, variando a percentagem de aldeia para aldeia. Se nuns locais a maioria ainda domina esta variante linguística (como por exemplo na Fontañera), noutros já muito poucos a conhecem (como sucede em Las Huertas). Independentemente do seu grau de instrução, é de notar que atualmente todos os falantes que ainda dominam a variedade raiana são bilingues, verificando-se uma situação de adstrato entre o português da raia e o castelhano.

Entre 1970 e 1980, a maioria dos habitantes (monolingué ou bilingué) não transmitiu esse conhecimento aos seus descendentes. O acesso ao ensino básico passou a ser obrigatório, nas localidades da raia foram construídas escolas primárias e as crianças que em casa falavam português, melhor dizendo, raiano, tinham muitas dificuldades em aprender castelhano. Como todas as matérias na escola eram ministradas na língua oficial de Espanha, isso constituía uma grande desvantagem e era um promotor de insucesso escolar. Perante isso, os pais optaram por poupar os mais novos a tais dificuldades, não lhes ensinando a variedade regional que eles dominavam.

---

<sup>679</sup> Cfr. CARRASCO, 2007: 52.

<sup>680</sup> Cfr. CARRASCO, 2007: 55.

Quando questionados os vários informantes sobre esta situação, todos eles já bilingues, muitos demonstraram arrependimento por não terem ensinado aos seus filhos, a par do castelhano, o raiano, reconhecendo ser agora difícil inverter essa situação. Em algumas famílias, uma parte dos filhos sabe português, e nesta língua fala regularmente com os seus progenitores, e a outra parte somente fala castelhano, o que origina que um mero encontro familiar seja propício a uma situação de bilinguismo constante por parte dos pais e dos irmãos que sabem o raiano.

Ao longo do período de recolha de dados, foram-nos contados diversos episódios e tivemos oportunidade de presenciar alguns que, para além da variação diatópica, também evidenciam situações de variação diafásica. Por exemplo, uma das nossas informantes recebeu um telefonema de um filho<sup>681</sup> e toda a conversa se desenrolou em raiano. Contudo, no momento da despedida, esta foi feita em castelhano.

Noutro caso, de quatro irmãos, só os dois mais velhos sabem falar esta variedade do português; os mais novos apenas a compreendem. Assim, quando se juntam, por norma falam castelhano, por ser mais fácil para todos. No entanto, ao tratarem de assuntos importantes, especialmente quando envolvem questões familiares (como por exemplo a resolução de um processo de herança), é em português que debatem o assunto. Ou seja, quando se trata de assuntos respeitantes ao antigamente e que relembram a memória dos seus progenitores, que sempre falaram português, é através dessa língua que se expressam. De notar que estas mutações tanto acontecem quando os dois progenitores são portugueses, como quando algum tem origem espanhola.

Para além do acesso ao ensino, também a forte onda de migração/ emigração que se verificou na Extremadura e nas aldeias da raia, em concreto, foi determinante para que os pais não ensinassem o raiano aos seus descendentes. A viver longe da raia, para os migrantes ou emigrantes já não fazia muito sentido transmitir essa variedade aos seus filhos. Para além disso, para muitos, a aprendizagem do castelhano representou uma nova oportunidade de emprego, de integração na sociedade espanhola e, de certa forma, uma pequena ascensão social. As novas gerações, que nas férias de verão regressam para passar férias nas aldeias dos seus ancestrais, comunicam apenas em castelhano, quanto muito, compreendem o raiano, mas não o falam.

Na verdade, ausente das escolas, da administração pública, dos media, no fundo, de tudo o que circunda os falantes, o português da raia ficou social e linguisticamente desprestigiado, o que provocou um crescente desinteresse por esta variedade.

---

<sup>681</sup> Um dos dois filhos mais velhos a quem ensinaram português, já que os dois mais novos não tiveram essa oportunidade. Também este migrara em busca de melhores condições de vida.

Num dos muitos dias de inquérito em solo espanhol, ao convivermos num café com alguns habitantes da aldeia de Las Huertas, tentámos perceber quantos dos presentes ainda falavam raiano. Nenhum dominava esta variante linguística, considerando estranha a pergunta. Ou seja, para aqueles habitantes da raia, com idades entre os 35 e os 40 anos, na sua aldeia só o espanhol é falado, situação que consideram normal.

Assim, apesar de a cultura portuguesa ainda estar muito presente em algumas aldeias<sup>682</sup>, o falar da raia vai paulatinamente desaparecendo<sup>683</sup> e só os mais audazes e os que continuam a ter um verdadeiro orgulho na sua primeira língua (o português), agora já muito alterada, é que continuam a falá-la, mas são cada vez menos.

Nestes casos, se nos domínios fonético-fonológico e morfossintático ainda não há muitas interferências do castelhano (como se pode constatar nos dados apresentados no capítulo anterior); no âmbito do léxico, muitas palavras caíram no esquecimento, sendo substituídas pelas correspondentes do castelhano. Este processo afetou, não só os vocábulos relativos a novas realidades da atualidade, como também muitos referentes a objetos e profissões do antigamente. Ao falarem português, os habitantes das aldeias raianas espanholas facilmente introduzem palavras ou expressões do espanhol, contudo, o contrário já não se verifica.

Em 2009, servindo-se de inquéritos recolhidos para o Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) e outros (estendendo-se a recolha entre 1974 e 1997), João Saramago e Xosé Álvarez debruçaram-se sobre o léxico referente ao porco e à matança na zona de fronteira luso-espanhola da Extremadura. Após confrontarem os dados recolhidos em Porto da Espada e Alegrete (do lado português) com os de Rabaza (do lado espanhol), encontraram 17 coincidências. Acreditamos que, se os dados fossem mais recentes, não haveria tantas, já que a interferência do castelhano no léxico dos falantes das localidades espanholas de raia é atualmente muito grande.

À medida que o tempo vai passando, os idosos das aldeias de raia vão partindo e não vai havendo regeneração; assumindo o castelhano um protagonismo cada vez maior. Como já foi referido, a decisão dos pais de não continuarem a transmitir a sua língua materna aos seus descendentes marcou o início da decadência desta variedade geográfica do português, pois seriam as crianças, mesmo que bilingues, que lhe garantiriam a continuidade. Nas aldeias raianas, só a

---

<sup>682</sup> Por exemplo, em La Fontañera, em algumas festas populares, tivemos oportunidade de assistir ao início de bailes improvisados pelos convivas, os quais foram abertos com músicas portuguesas e não espanholas.

<sup>683</sup> Em 2006, já Juan Carrasco se reportava ao desaparecimento das falas fronteiriças nos próximos anos e citava o testemunho de outras investigadoras de falares da raia a esse propósito, nomeadamente, Maria de Fátima Matias e Maria da Conceição Vilhena. Cfr. CARRASCO, 2006: 624, 625.

implementação de medidas que visem atrair a curiosidade das crianças e o seu gosto pelo raiano poderá inverter um ciclo que caminha a passos largos para o fim.

Até ao momento, em Valência de Alcântara é ensinado o português como língua estrangeira nas escolas e até vão tendo lugar alguns cursos de formação para adultos; no entanto, no que ao “raiano” diz respeito, ninguém o ensina nem alguma instituição o promove. Os idosos constituem, assim, a única esperança desta variedade que, se nada for feito em solo politicamente espanhol, terá um “prazo” de duração de sensivelmente 20/30 anos.

## Conclusão

Em 2011, quando apresentámos uma parte da recolha anteriormente efetuada à comunidade local, constatámos já não ser possível ter presente a maioria dos nossos informantes, pois muitos já não se encontravam entre nós. Se, por um lado, essa situação nos abalou, por outro, mostrou-nos a importância de ter conseguido registar os seus saberes ancestrais e assim poder dá-los a conhecer às gerações vindouras. Representou também um incentivo acrescido para continuarmos a nossa pesquisa, a aprofundarmos e a ampliarmos, o que se traduziu na realização deste trabalho académico, que se assume como um contributo, por um lado, para o estudo da variação linguística e, por outro, para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial do concelho de Marvão e das aldeias raianas de Valencia de Alcántara.

Desde a Renascença que o ser humano revela preocupação com a invocação e preservação da memória. Ao longo dos séculos, o termo “património” conheceu diversas aceções. Inicialmente teve um cariz mais material e, só em finais do século XX, passou a contemplar também os bens intangíveis, nos quais se enquadram os falares, conferindo assim uma nova relevância aos estudos sobre variação dialectal.

Apesar do caminho trilhado até esse momento, o surgimento da UNESCO, em 1945, constituiu um marco decisivo no interesse e salvaguarda da diversidade cultural, em geral, e das línguas, em concreto. A criação de instrumentos jurídicos internacionais, de instrumentos reguladores, bem como a promoção de encontros de reflexão foram decisivas para a sensibilização dos povos e para a salvaguarda desse tipo de diversidade.

Quanto aos instrumentos reguladores, no domínio do património cultural imaterial, o primeiro documento normativo relativamente à sua proteção foi a *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular* (de 1989). No entanto, foi a Convenção de 2003 - *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* - exclusivamente dedicada ao património intangível, a que mais importância teve e mais decisivamente influenciou os povos do mundo a salvaguardarem as suas marcas identitárias. Em Portugal, esta convenção foi ratificada em 2008 e, em 2014, conta já com a aprovação de 161 Estados Partes. Nela é definido o conceito de Património Cultural Imaterial e os domínios em que este se manifesta, entre eles as “tradições e expressões orais, incluindo a língua”.

No que diz respeito às línguas e aos falares, é de referir também o programa Línguas em Perigo no Mundo (iniciado em 1993) e a obra *The Red Book of Languages in Danger of Disappearing*, bem como a publicação do *Atlas of the World's Languages in Danger of Disappearing*, em 1996, e sua atualização em 2001 e 2010. A *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, adotada em 2001, com especial destaque para os pontos 5, 6 e 10, foi igualmente de extrema importância para despertar o mundo para esta problemática.

Em contexto nacional, os primeiros passos foram dados em 1985, com a publicação da Lei de Bases do Património Cultural, sendo o artigo 43º dedicado aos “bens imateriais”. Seguiram-se outras leis, com vista a clarificar como proteger este tipo de património intangível e, em 2005, juntamente com mais dezoito países do Mediterrâneo, Portugal assinou uma convenção com vista a pôr em prática o projeto MEDINS (Identity is the Future: The Mediterranean Intangible Space”). Coordenado a nível nacional pelo investigador do CIDEHUS-UE Filipe Themudo Barata, nele havia uma estreita articulação com a Convenção de 2003. Já no século XXI, vários passos foram dados com vista à inventariação e proteção do património intangível português.

No que diz respeito a candidaturas do património imaterial português na Lista Representativa da UNESCO, já quatro foram reconhecidas. Em 2012, foi aprovada a do Fado. Em 2013, foi classificada a Universidade de Coimbra, uma candidatura que interligou o material e o imaterial e na qual a língua portuguesa e o papel da universidade na sua divulgação foram decisivos. Em 2013, foi inscrita a dieta mediterrânica, em que a gastronomia portuguesa também se insere. Mais recentemente, em 2014, o cante alentejano foi declarado Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Relativamente aos falares regionais, principal tema deste trabalho, ainda em Portugal não se refletia sobre o conceito de património imaterial, já José Leite de Vasconcelos, no final do século XIX, se preocupava em registá-lo, estudá-lo e salvaguardá-lo. O seu exemplo foi seguido por outros linguistas, como Manuel Paiva Boléo, Luís Filipe Lindley Cintra e muitos dos seus discípulos. Contudo, na maioria dos casos, apenas teve lugar o registo; e, por outro lado, muitos desses estudos sobre variação dialetal foram divulgados somente no circuito fechado da academia e não chegaram aos falantes dessas variedades. Para além disso, não houve, por parte das instituições e dos falantes das diversas localidades, uma atitude de incentivo à sua preservação e a dinamização de medidas para que estas variantes da língua portuguesa fossem passando de geração em geração e resistindo à evolução do tempo e da sociedade, cada vez mais globalizada. O trabalho realizado na aldeia marvanense da Escusa, em 1967, é disto um bom exemplo; raras são as pessoas que têm conhecimento dele, não lhe tiveram acesso e nada foi feito para ir preservando este falar tão característico do Nordeste Alentejano. Porém, mais grave ainda é a situação dos muitos locais que

não foi possível estudar durante o “boom” das teses de licenciatura dedicadas à variação linguística; pois muitas terão sido as particularidades linguísticas que existiram e das quais nem sequer restaram registos. Assim, com a partida natural dos falantes, extinguiram-se os seus saberes, não sendo essa herança partilhada por ninguém.

No que diz respeito ao Falar de Marvão, como pudemos constatar, estamos perante um espaço de raia, periférico relativamente aos grandes centros de desenvolvimento, quer portugueses, quer espanhóis, muito envelhecido e com um elevado índice de desertificação. Grande parte da fronteira entre Portugal e Espanha é definida pelo curso do rio Sever, constituindo este uma linha de separação, mas, ao mesmo tempo, um motivo de união entre portugueses e espanhóis.

Povoado desde o Paleolítico, o território atualmente correspondente ao concelho de Marvão conheceu diversos picos de ocupação. No contexto deste trabalho, são de destacar a ocupação romana nas zonas férteis e a construção da importante cidade de Ammaia, bem como a ocupação árabe (no século IX, o inóspito morro terá servido de refúgio ao muladi Ibn Maruán, cujo nome veio a estar na origem do topónimo Marvão), existindo ainda muitos vestígios dessa cultura, inclusive no falar aqui em estudo. Conquistado este território numa fase inicial da Reconquista Cristã, só em 1226 lhe foi atribuída a primeira carta de foral; segundo a qual o município de Marvão incluía grande parte do distrito de Portalegre e uma zona do atual território de Valencia de Alcántara. No entanto, essa dimensão manteve-se por pouco tempo.

Ao longo da Idade Média, a fortaleza de Marvão assumiu uma grande importância defensiva e este concelho foi palco de frequentes guerras, situação que dificultou bastante o seu povoamento, concentrando-se a maioria da população na vila e só um quarto no resto do território.

No século XV, aquando da expulsão dos judeus do território espanhol, uma parte desse povo e muita população mourisca fixaram-se neste concelho, continuando assim a influenciar a sua cultura.

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, muitos foram os episódios bélicos que tiveram lugar neste território e que só terminariam na segunda metade do século XIX, acompanhando a diminuição do valor estratégico de Marvão, que chegou mesmo a perder a sua independência e a ser anexado a Castelo de Vide durante três anos.

Do ponto de vista demográfico, embora seja um concelho com uma dimensão muito reduzida, Marvão apresenta atualmente uma densidade demográfica muito baixa. Desde a década de 50 do século passado, o município tem sido marcado por um acentuado decréscimo da população, em virtude da emigração e migração de muitos dos seus habitantes e do envelhecimento da sua população. Ainda assim, registam-se diferenças ao nível do falar, tanto entre o Norte e o Sul, como

de algumas aldeias para outras. Estas são motivadas sobretudo pela evolução do seu povoamento e pela maior ou menor exposição do falar à norma e a outras variedades linguísticas.

Das quatro freguesias do concelho de Marvão, Santa Maria é a que apresenta uma população mais envelhecida e com menor grau de escolaridade (20,16% de taxa de analfabetismo), o que é favorável para a manutenção de determinadas características do falar. Se a vila de Marvão, devido à grande exposição a outras variedades linguísticas e, em especial, à norma, já apresenta muitas interferências; as aldeias desta freguesia, especialmente as mais isoladas, são as que mais traços ainda preservam. São disso exemplo Vale de Ródão, Galegos e Pitaranha.

São Salvador de Aramenha é a freguesia que apresenta a segunda menor taxa de analfabetismo, embora de aldeia para aldeia se verifiquem diferenças muito acentuadas. Alvarrões, São Salvador de Aramenha e Portagem estão muito expostas a influências linguísticas; já o Porto da Espada e a Escusa estiveram, durante muitos anos, mais preservados. Por esse motivo, ainda apresentam certos traços linguísticos que não surgem em mais nenhuma aldeia, como sucede com a palatalização do [ü].

No que diz respeito a Santo António das Areias, é a freguesia do concelho de Marvão que apresenta uma maior densidade populacional e a maioria dos seus habitantes concentra-se em Santo António. Um pouco distante de Marvão e Castelo de Vide, mais ainda da capital de distrito (Portalegre) e com acessos sinuosos, esta freguesia sempre foi muito autossuficiente, não precisando a população de se deslocar regularmente para outras localidades e assim ter contacto com outras realidades linguísticas. Esta situação poderá explicar a preservação de traços fonéticos que não se verificam na região sul do concelho. Durante o século XX, até à década de 80, aqui existiram diversas indústrias que proporcionavam emprego aos residentes e também a muitos outros que para aqui se deslocavam para esse efeito, mas que, concluída a jornada de trabalho, regressavam às suas aldeias, não influenciando muito os falantes locais. Atualmente, a sede da freguesia, embora viva numa situação muito diferente da do período áureo das indústrias, ainda continua a ser dotada de alguns serviços e comércio que a vão mantendo autossuficiente e que promovem o convívio diário entre os locais. Apesar de uma parte da população já ter de se ausentar para trabalhar fora, ainda há muitos que aí conseguem desempenhar a sua profissão.

Se em Santo António se verificou uma grande quebra no último quartel do século passado, muito pior foi a situação da Beirã; pois dependia essencialmente da agricultura e dos serviços ferroviários e alfandegários, que entretanto foram extintos. A sua população está assim muito envelhecida e a taxa de analfabetismo continua a ser alta. De notar que nesta freguesia se verificam diferenças muito grandes na linguagem dos seus habitantes, pois só aqueles que aqui tiveram as



suas raízes e, regra geral, trabalharam no campo mantêm os traços do falar marvanense. Os que aqui se vieram instalar por motivos profissionais, geralmente mais escolarizados, usam regularmente a língua padrão e acabam por ir influenciando quem com eles priva. Outrora com uma grande atividade económica, a Beirã conta agora com uma população bastante reduzida, os seus poucos habitantes são obrigados a procurar trabalho noutras paragens e até a linha ferroviária, que lhe dava algum alento, também acabou por ser desativada em 2012.

Em território espanhol, encontrámos realidades socioeconómicas muito distintas entre a cidade de Valencia de Alcántara e as aldeias que constituem a chamada Campiña, nas quais se inserem as localidades de raia que fazem fronteira com o concelho de Marvão.

Tal como o atual território de Marvão, a região de Valencia foi povoada desde o Paleolítico, acentuando-se o seu povoamento no Neolítico. Nessa altura, a fronteira era transversal à atual, sendo o rio Sever um fator de união entre os dois territórios. Durante o período romano, manteve-se essa proximidade, pois ambos os territórios pertenciam à mesma administração municipal, o município de Ammaia.

Durante a Idade Média e Moderna, várias vezes este território também esteve associado a Marvão. Na segunda metade do século IX, Ibn Maruán apoderou-se também deste território, situação que se manteve até 930. Em 1226, quando o rei português D. Sancho II concedeu a carta de foral a Marvão, o território aí definido voltava a incluir a região de Valencia até passar para a Ordem de Alcántara. No século XVIII, embora só por dez anos, a cidade espanhola voltou a estar na posse dos portugueses.

As muitas lutas que se travaram nesta região entre portugueses e espanhóis dificultaram a permanência de habitantes nas zonas desprotegidas. Ainda assim, se as duas coroas batalhavam frequentemente, as populações de Marvão e de Valencia sempre mantiveram estreitas relações no seu dia a dia. Com o desenvolvimento do contrabando, esse convívio acentuou-se ainda mais, só se invertendo com a abertura das fronteiras, em 1993.

Finalizados os conflitos com os portugueses no início do século XIX, a população de Valencia de Alcántara pode finalmente sair do circuito amuralhado e habitar a chamada Campiña. Nessa altura, muitos portugueses optaram por ir ocupar alguns desses terrenos, especialmente os localizados mais junto à fronteira. Assim terão surgido muitas das aldeias da raia e assim se justifica que, desde essa altura, aí se fale português; não a norma, mas uma variedade regional partilhada pelos falantes do lado português, ou seja, o falar de Marvão.

O período de guerra civil em Espanha e a ditadura que se lhe seguiu dificultaram muito a vida aos espanhóis, conseguindo os da raia ir minorando as suas necessidades através do contrabando, que nessa altura atingiu o seu período áureo. Essa prática, desenvolvida ao longo da Idade Média e

alargada a toda a fronteira desde meados do século XIV, para além de imprescindível à economia local, quer de Marvão, quer de Valencia, promovia um contacto estreito e diário entre a população dos dois lados da raia, muito propício à manutenção da variedade linguística que aí se havia implementado e que, até à obrigatoriedade da escolaridade mínima em Espanha, era naturalmente transmitida de pais para filhos e assumia o estatuto de língua materna.

A entrada de Portugal e Espanha na Comunidade Económica Europeia e a posterior abolição das fronteiras geraram alterações profundas em todo o país, mas em especial nos concelhos de raia. Marvão e Valencia de Alcántara não foram exceção e viram assim acabar os serviços alfandegários e tudo o que deles dependia, bem como o comércio e um dos principais meios de subsistência da população, ou seja, o ancestral contrabando. Para além do fim das frequentes relações comerciais entre marvanenses e valencianos, terminou também o contacto diário entre as gentes. A abertura das fronteiras originou um gradual afastamento entre os dois povos; estando estes cada vez mais virados para o seu país, contrariamente ao que sempre se verificou na raia.

Valencia de Alcántara e La Campiña viram nessa altura partir muitos dos seus habitantes em direção aos grandes centros urbanos e a alguns países da Europa, ficando pequenas povoações mesmo desertas. Note-se que La Campiña perdeu cerca de 50% da sua população e Valencia 45%. Muitos desses migrantes ou emigrantes eram falantes do raiano e continuam a usá-lo quando vêm de férias, mas, longe da terra que os viu nascer e sendo o castelhano a língua oficial de Espanha, deixou de fazer sentido transmitir esses conhecimentos às novas gerações, interrompendo-se assim o circuito de aprendizagem deste falar. Ou seja, a acompanhar o avanço imposto do castelhano, verificou-se um recuo do português, proporcionado pela atitude dos pais. Os que ficaram continuam a usar esta variedade lusófona, mas entretanto há muito que aprenderam também o castelhano como segunda língua. Para além disso, as aldeias da raia foram recebendo novos habitantes e a maioria destes já não sabe falar raiano. Logo, em situações de convívio, acaba por ser o castelhano a língua eleita, por ser a única conhecida de todos. Todo este contexto leva a que, cada vez mais, os falantes desta variedade linguística regional, mesmo os analfabetos, sejam influenciados pela norma espanhola.

No domínio do léxico, um dos mais representativos da originalidade do Falar de Marvão, foi possível constatar que esta variedade regional, para além das expressões idiomáticas, apresenta uma grande diversidade e originalidade também noutras classes de palavras, nomeadamente, nos nomes, nos adjetivos, nos advérbios e locuções adverbiais, nas preposições e locuções preposicionais, nas interjeições e expressões interjetivas, bem como ao nível das conjunções e locuções conjuncionais. Tendo em conta a totalidade do glossário apresentado, composto por cerca de 2900 entradas, 9%

dessas palavras aparecem registadas como regionalismos nos dicionários de referência consultados, mas 29,7% podem ser consideradas originais, uma vez que não constam das fontes por nós seleccionadas. As restantes entradas são vocábulos ou expressões existentes na variedade padrão, mas que no Falar de Marvão surgem alterados por fenómenos fonético- fonológicos, morfossintáticos e semânticos.

No que diz respeito a variação de natureza fonético-fonológica, tal como sucede na linguagem popular em geral, verifica-se um grande predomínio de dissimilações e assimilações, sendo estas mais frequentes entre vogais do que entre consoantes. Enquanto processos de assimilação, são ainda de destacar os casos de palatalização e nasalização, sendo os últimos uma marca muito característica deste falar. Também muitos são os exemplos de supressão, inserção e metátese, no início, no meio e no final das palavras. Estas alterações verificam-se, de uma maneira geral, em todo o léxico, notando-se, no entanto, uma maior incidência no vocabulário pertencente ao campo léxico-semântico da saúde/doenças, o que é explicável pelo facto de que, sendo os vocábulos desconhecidos e alguns deles de difícil dicção, é normal que surjam alterações, sendo estas partilhadas pelas várias camadas da população, mas sobretudo pelos mais idosos e analfabetos.

Relativamente a alterações morfossintáticas, estas registam-se, quer na morfologia nominal, quer na morfologia verbal. No caso da primeira, é de destacar a variação em grau na classe do adjetivo, verificando-se um recurso frequente a expressões idiomáticas para exprimir a superlativação. Na classe adverbial, surgiram muitos advérbios e locuções adverbiais não registados nos dicionários de referência. No âmbito da morfologia verbal é essencialmente de relevar a substituição de muitos verbos por expressões idiomáticas.

Quanto a processos de criação, renovação e enriquecimento do léxico, verifica-se, tal como noutras variedades, um predomínio da derivação e da composição. No que diz respeito à derivação, se alguns sufixos e prefixos resultam de alterações fonético-fonológicas, outros há que, ainda que na sua forma normal, dão origem a palavras originais, destacando-se a derivação por sufixação e por parassíntese como processos mais produtivos. Relativamente à composição, predomina claramente a morfossintática, sendo muitos desses compostos originais. Estes pertencem a diversos campos léxico-semânticos, havendo uma maior abundância de léxico relacionado com os animais e a alimentação.

Apesar de não termos tido a pretensão de estudar aprofundadamente a etimologia do léxico marvanense, aquando do confronto da recolha com as obras de referência escolhidas, foi possível identificar diversos vocábulos de origem árabe e alguns de origem castelhana, embora os segundos só surjam mais frequentemente em solo espanhol. Nas aldeias portuguesas, por norma, os falantes

que sabem falar espanhol têm presente o que pertence a uma língua e a outra, havendo apenas interferências pontuais. Dos exemplos registados, a maioria pertence à classe do nome.

Quanto à presença de léxico árabe, para além de, no Alentejo e no Algarve, se verificar uma maior influência dessa civilização, o território correspondente ao concelho de Marvão e de Valência de Alcántara foi particularmente marcado pela cultura árabe, a começar pelos topónimos Marvão e Alcántara, entre muitos outros da região. De notar que os arabismos se distribuem por diversos campos léxico-semânticos, sendo, contudo, o campo referente aos comportamentos e atitudes aquele em que mais exemplos se registam; o que é curioso, pois a maioria dos arabismos integrados na norma da língua portuguesa designa nomes concretos. De salientar ainda o facto de alguns empréstimos da língua árabe que coligimos aparecerem registados como regionalismos, não constando, no entanto, a maior parte dos dicionários consultados<sup>684</sup>.

No plano semântico, são dignos de registo alguns exemplos de ampliação e de restrição de sentido. Contudo, na maioria dos casos, verificam-se fenómenos de mudança. Uma leitura atenta do glossário evidencia bem a quantidade de vocábulos que neste território adquiriu novos sentidos.

No que diz respeito aos vocábulos ou expressões que atualmente já se encontram registados nas obras de referência como regionalismos ou dialetalismos, já antes referimos que não houve consenso entre as três obras consultadas, pois raramente partilharam todas essa catalogação. Este léxico está associado essencialmente à terra e à agricultura, havendo também um número considerável de vocábulos pertencentes ao campo léxico-semântico dos comportamentos e atitudes.

Quanto ao léxico considerado original, ou seja, que não se encontra registado nos dicionários consultados, os nomes e os adjetivos são as classes de palavras que predominam. Também a maioria das expressões idiomáticas registadas são originais. Estas substituem regularmente o uso dos verbos e surgem em diversos campos léxico-semânticos, sendo o dos comportamentos e atitudes, sem dúvida, o mais rico.

A leitura atenta dos verbetes que constituem o glossário apresentado permite-nos concluir que a totalidade do léxico aqui coligido e estudado se distribui por diversas áreas temáticas, verificando-se uma grande abundância nas áreas da fauna e da flora, bem como da agricultura; o que é perfeitamente compreensível, uma vez que foram os idosos quem mais informação nos transmitiu e estas são áreas em que eles têm um conhecimento muito alargado, especialmente os homens. São igualmente muito abundantes os vocábulos/ expressões que designam objetos do contexto doméstico, bem como léxico associado à gastronomia. No campo léxico-semântico o Homem,

---

<sup>684</sup> Só a consulta de obras específicas permitiu esse apuramento, sendo o *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa* a principal fonte (ALVES, 2013).

registou-se um número considerável de entradas associadas ao corpo humano e à aparência física; todavia, é, mais uma vez, no campo dos comportamentos e atitudes, bem como das características psicológicas que se insere a maioria do léxico mais característico do Falar de Marvão.

A riqueza lexical deste falar estende-se à área da antroponímia, mais concretamente ao domínio das alcunhas; havendo em Marvão, à semelhança do que sucede em todo o Alentejo, o hábito frequente de renomear as gentes. Tratando-se de um concelho com tamanho reduzido, em que muitos apelidos são partilhados por vários habitantes, estão criadas as condições para o surgimento de alcunhas, sendo estas ainda mais frequentes na zona norte do que na zona sul do município. Esta prática ancestral, para além de potenciadora de uma enorme riqueza lexical, é deveras utilitária, já que a alcunha, mais do que o nome, representa uma forma de facilmente distinguir os seus portadores. No entanto, nem todas as alcunhas surgiram com um objetivo distintivo, muitas têm um cunho negativo, são jocosas, ridicularizam o portador e normalmente provocam o riso de quem as profere e de quem as ouve. Para além disso, refletem o modo de viver das gentes, a sua cultura e a forma de representar os seus valores.

De notar que, por vezes, o uso das alcunhas é tão generalizado que estas passam a apelidos. Apurados os nomes de família mais frequentes em Marvão e estudada a sua etimologia, constatámos efetivamente que muitos deles são disso exemplo.

Quanto à tipologia, algumas alcunhas são efémeras, contudo, muitas há que acompanham o seu portador até ao fim da sua existência e, inclusive, passam de geração em geração, sendo frequente alguns habitantes possuírem um anexo hereditário e outro ou outros adquiridos. A sua génese pode ser muito diversificada. Assim, enquadrámo-las essencialmente em seis tipologias: linguísticas, derivadas de nome ou apelido, profissionais, físicas, psicológicas/ comportamentais e geográficas, sendo as duas últimas as mais frequentes.

Relativamente à sua distribuição por campos léxico-semânticos, o mais produtivo é o da fauna, seguindo-se o do corpo humano e o dos alimentos.

Tal como o restante léxico deste falar, muitas alcunhas dão conta de alterações linguísticas motivadas por processos fonético-fonológicos.

No que diz respeito à classe morfológica a que pertencem as alcunhas registadas, elas são essencialmente nomes ou adjetivos, formados por derivação e composição. No primeiro caso, existe sobretudo derivação por sufixação (predominando o sufixo -inho) e derivação imprópria. Tal como sucede no restante léxico, abundam os compostos morfossintáticos e é muito frequente a lexicalização de expressões sintáticas.

No domínio da semântica, também se verificam muitos casos de extensão.

Contrariamente ao que se verifica na generalidade das características do Falar de Marvão, a prática da alcunha não apresenta qualquer risco de extinção, pelo contrário, cada vez está mais viva, surgindo, muitas vezes, desde tenra idade, especialmente no contexto escolar.

A maioria do léxico apresentado nesta dissertação surgiu em todo o território estudado, sendo difícil definir áreas geolinguísticas neste domínio. Já nos domínios da fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, existem diversos traços distintivos que nos permitem, neste espaço tão reduzido, delimitar fronteiras linguísticas e territórios de incidência de determinadas marcas dialetais.

A forte nasalização que caracteriza o falar de Marvão é identificada pelos habitantes do concelho vizinho de Portalegre; no entanto, a maior parte das características da linguagem é partilhada, não se verificando uma descontinuidade motivada pela fronteira política.

Relativamente a Espanha, a fronteira linguística vai, ainda atualmente, muito para além da política, estendendo-se o falar raiano às localidades de La Campiña e sendo ainda usado por muitos habitantes de Valencia de Alcántara que entretanto para aí migraram. Em território espanhol, contudo, já se verifica uma grande interferência do léxico do castelhano e também algumas diferenças ao nível da morfossintaxe, sendo o domínio fonético-fonológico aquele em que existe uma maior preservação. De notar que esta é uma variante regional só partilhada por falantes acima dos cinquenta anos, para quem o raiano constituiu, na maior parte dos casos, a sua língua materna. Das aldeias/ lugares que estudámos, foi na Fontañera e na Boavista que registámos uma maior preservação das características do raiano; verificando-se, nas outras localidades, uma maior interferência.

Assim, quanto às áreas geolinguísticas no território em estudo, a isófona correspondente à substituição do [u] final por [i] divide claramente o norte do sul do concelho, sendo esse traço atualmente característico da zona norte. Embora Lindley Cintra tenha apresentado esta alteração como característica dos dialetos do centro-interior e sul, mais concretamente da região da Beira Baixa e Alto Alentejo, apenas na zona norte de Marvão ela mantém a sua vivacidade. Em estudos realizados na década de sessenta<sup>685</sup>, na aldeia da Escusa, ainda foi possível registá-la, embora atualmente não tenha já grande expressão.

Já a palatalização do [ü] e do [ö] constitui um traço distintivo da aldeia da Escusa, se bem que ainda restem alguns vestígios do primeiro na localidade de Porto da Espada. De notar que este traço é partilhado pelos falantes do vizinho concelho de Castelo de Vide, constituindo aí um traço

---

<sup>685</sup> Cfr. Baptista, 1967.

dos mais distintivos do seu falar. Na Escusa, é também notório um reforço da nasalização relativamente ao resto do concelho, bem como uma maior tendência para a monotongação do [ẽ̃] e do [ẽ̃w̃] em posição tónica final.

Traçadas as fronteiras do falar raiano de Marvão, importa também destacar as características que distinguem esta variedade linguística das demais variedades regionais existentes no Nordeste Alentejano. Para o efeito, confrontámos os resultados da investigação que temos vindo a desenvolver nos últimos dez anos<sup>686</sup> com trabalhos de autores que, ao longo do século XX, estudaram os falares de outras localidades do distrito de Portalegre<sup>687</sup>.

Assim, o falar de Marvão apresenta traços distintivos nos domínios da fonética e fonologia, da morfologia e sintaxe, bem como do léxico:

No que diz respeito às características fonético-fonológicas, no vocalismo, é de destacar a mutação de [ɛ] para [ɐ], em posição pós-tónica e antes de consoante alveolar velarizada, bem como a passagem de [ɐ] a [ẽ̃] e de [ẽ̃] a [ẽ̃w̃] em sílaba tónica. Em início de palavra e posição átona, assiste-se à passagem de [e] a [ĩ].

Quanto aos ditongos, é de salientar o ditongo nasal [ẽ̃j]. Na aldeia da Escusa, ainda que já só nos mais idosos, verifica-se a monotongação nas formas de plural (por exemplo, [kẽ̃w̃]/[kẽ̃j]). Em posição final, nota-se em todo o concelho e, para além da monotongação, uma desnasalização, passando o ditongo a [ɐ]. Especialmente nas formas verbais, existe também uma alteração do referido ditongo para [ĩ]. No que diz respeito ao ditongo [ẽ̃w̃], regista-se a sua alteração para [ẽ̃w̃], embora esta característica já só se verifique em lugares mais isolados e na fala dos mais idosos. Em algumas terminações verbais assiste-se também à sua substituição por [ẽ̃] e [ĩ].

No consonantismo, não se verificam grandes alterações relativamente à norma e algumas que surgem são comuns aos falares vizinhos. De destacar, apenas, a troca da consoante palatal [ʎ] pela lateral [l], especialmente nas formas dativas dos pronomes pessoais oblíquos.

Relativamente à morfossintaxe, na classe do adjetivo, é de destacar o uso frequente de diminutivos e aumentativos, bem como de comparações e metáforas com sentido de superlativação.

---

<sup>686</sup> Cfr. Os dados presentes neste trabalho e em SIMÃO, 2011 ou SIMÃO, 2010.

<sup>687</sup> Cfr. ALEXANDRE, 1976; CARREIRO, 1948; MATIAS, 1984; PAULINO, 1959; ROCHA, 1970 e SIMÃO, 1969.

Nos pronomes demonstrativos, ainda que só nas aldeias da raia e nos mais idosos, salientamos o uso das formas “aquele(s)”, “aquela(s)” e “aquele(s)”, “aquela(s)” em paralelo com as formas da norma “esse(s)”, “essa(s)” e “este(s)”, “esta(s)” respetivamente.

Na conjugação verbal, é de referir a substituição da segunda pessoa do plural pela forma “vocês”, seguida da forma arcaica do verbo, em que se mantém o -d- intervocálico (“vocês fazêdes”). Contudo, se o primeiro aspeto se mantém em quase todos os falantes, o uso de formas arcaicas só se verifica por parte dos mais idosos e iletrados.

Relacionado com a conjugação verbal e simultaneamente com o léxico, salientamos o uso muito frequente de expressões idiomáticas em substituição de verbos. Para além de uma tendência enriquecedora do léxico marvanense, é, sem dúvida, um dos seus maiores traços distintivos em relação aos falares vizinhos.

Enquanto património imaterial ou intangível, os falares constituem um património vivo, que vai sendo transmitido de geração em geração e recriado pelos falantes que lhe dão vida, logo, faz parte da sua identidade. No entanto, esta imaterialidade torna-os mais frágeis. De acordo com os critérios de vitalidade da UNESCO, no concelho de Marvão, este falar encontra-se “vulnerável”; já em solo espanhol, está “seriamente em perigo”.

Perante a evolução deste falar de raia, é necessário continuar a tomar medidas céleres para inverter a tendência de gradual desaparecimento nesta região, à semelhança do que vai sucedendo em muitos outros pontos do país. Para além de trabalhos desta natureza, muito mais há a fazer para manter vivo este traço identitário dos marvanenses e dos habitantes da raia espanhola. Antes de mais, é necessário continuar a demonstrar aos marvanenses/raianos o quanto é imprescindível preservar o seu modo de falar e a necessidade de o transmitirem às gerações vindouras<sup>688</sup>. Nesse sentido, além de iniciativas individuais,<sup>689</sup> será importante a ação dos organismos locais; afinal, este falar raiano representa uma importante componente do património cultural imaterial do Nordeste Alentejano.

---

<sup>688</sup> A este propósito, não podemos deixar de lembrar a atitude dos falantes do Val de Xalma, que sempre tiveram orgulho no seu falar, continuam a usá-lo em todas as circunstâncias do seu dia a dia e preocupam-se em transmiti-lo aos seus descendentes, contribuindo, assim, de forma decisiva, para a sua vitalidade atual.

<sup>689</sup> Por exemplo, em 2005, no lançamento da revista cultural *Ibn Maruán nº 13*, apresentámos uma comunicação intitulada “As principais características do Falar de Marvão”. Perante um público essencialmente constituído por marvanenses, começámos assim a partilhar algumas curiosidades deste falar e a despertar a população para a valorização desta componente do seu património intangível.

Em território espanhol, perante a comunidade de Valencia de Alcántara, em julho de 2014, nas jornadas culturais do Festival Internacional RutaRock, pudemos divulgar algumas características do falar raiano, através da comunicação intitulada “Dos lenguas en la raya”.





recolhido ao mesmo tempo que se apuravam exemplos da sua literatura oral tradicional, estando alguns desses saberes também em perigo de ser esquecidos.

Para além das instituições/ organismos existentes, seria importante a fundação de uma associação de investigação centrada na cultura e na língua, à semelhança do que já existe noutras zonas de fronteira, como por exemplo, na Serra da Gata e Val de Xalma. Aliás, esta é uma região que se revela como modelo de preservação das suas variedades linguísticas, quer por parte dos seus habitantes, quer por parte das entidades competentes. A saber, o Governo Autónomo da Extremadura reconheceu essa necessidade de proteção no Decreto 45/2001, de 20 de Março, da Consejería de Cultura: “por el que se declara Bien de Interés Cultural la «A Fala»”. Ficou a faltar a definição de medidas de preservação e divulgação, como estão a ser postas em prática, por exemplo, na região de Minde, relativamente ao mindérico.

Na zona da raia de Marvão/ Valencia de Alcántara, não existe, até ao momento, nenhuma instituição desta natureza, representando a sua constituição e dinamização, para nós e para outros amigos do património raiano, um desafio futuro. Atendendo à riqueza patrimonial existente na região, defendemos mesmo a criação de um Centro UNESCO, através do qual será mais fácil consciencializar a população em geral para a necessidade da salvaguarda, registo e dinamização do seu património cultural em geral.

Ainda assim, no concelho de Marvão, tem vindo a surgir uma preocupação em registar alguns elementos do património intangível, de que é exemplo o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santo António das Areias<sup>691</sup>, fundado em 1981 e no qual João Vidal, desde 1955, teve um papel fundamental na recolha do seu espólio musical e das tradições que lhe estão inerentes. Têm ainda sido desenvolvidos alguns trabalhos de cariz etnológico, publicados particularmente ou através da *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*<sup>692</sup>, os quais têm permitido registar uma parte do património intangível do concelho. No entanto, estas iniciativas raramente vão além do folclore e da gastronomia.

Em território espanhol, tem-se verificado um maior dinamismo na recuperação dos saberes ancestrais e até na dinamização de alguns deles. Existem diversas publicações, desde artigos, a livros, a revistas, a blogues<sup>693</sup>, embora a maioria seja centrada essencialmente no registo. Ainda assim, o Ayuntamiento de Valencia de Alcántara e algumas associações locais têm promovido alguns eventos em que proporcionam o uso de muitos desses saberes. No que diz respeito à

---

<sup>691</sup> Para aprofundar a sua história: <http://rfcpsaa.wordpress.com/apresentacao/> (consultado a 27/11/2014).

<sup>692</sup> Cfr. <http://www.cm-marvao.pt/pt/revista-cultural-ibn-maruan> e restantes versões em papel, bem como SIMÃO, 2008, entre outros.

<sup>693</sup> Não podemos deixar de citar o excelente trabalho de pesquisa publicado no blogue <http://larayaenlanoche.wordpress.com/>, especialmente dedicado ao contrabando.

Universidade de Cáceres, destacam-se essencialmente os trabalhos de investigação de Juan Carrasco González, mas continuam a faltar iniciativas de dinamização do falar da raia no terreno em que este se enquadra. Finalmente, é ainda de destacar o Grupo de Coros y Danzas Juéllega Extremeña<sup>694</sup>, fundado em 1980 e que, desde então, tem recolhido e divulgado o folclore e a cultura da Extremadura; dedicando uma atenção especial à Campiña, na qual várias aldeias são de raia e existe uma forte influência da cultura portuguesa. Tal como sucede no lado português, na raia espanhola, é ao nível da gastronomia e do folclore que se verifica uma maior dinamização desses saberes. Do ponto de vista linguístico, é importante continuar a trilhar o caminho já iniciado e intensificar atividades de promoção e uso do “raiano”.

À semelhança do que sucede noutros locais, é necessário continuar a unir esforços nos dois lados da raia, no sentido de promover momentos de divulgação do falar local. Assim, é fundamental que se promovam eventos em que os falantes, especialmente os mais idosos, possam evidenciar os seus saberes neste domínio, interagindo com as gerações mais novas, ensinando-lhes o que a vida lhes proporcionou informalmente.

A escola desempenha um papel decisivo na imposição da norma em detrimento das variedades dialetais; contudo, no contacto com alunos do terceiro ciclo, verificámos que muito se interessavam pelo património imaterial do seu concelho. Os vários trabalhos de pesquisa que lhes propusemos foram realizados com imenso empenho, mesmo por aqueles que revelavam desinteresse pela escola. Para além da divulgação do património local, numa fase em que muitos alunos revelam desânimo em relação ao contexto escolar, esta seria seguramente uma boa forma de os motivar e de lhes fazer sentir que a escola, a par de outros conteúdos, de âmbito nacional e internacional, também lhes ensina aspetos da cultura local, que, precisamente por estarem mais próximos da sua realidade, poderão constituir a motivação que lhes faltava para irem mais além nas suas aprendizagens.

Ainda no contexto escolar, existem diversos clubes, bem como atividades de enriquecimento curricular (vulgarmente conhecidas por A.E.C.s), que poderiam ser aproveitados para a promoção do património cultural imaterial, e em especial dos falares. Se é um facto que, motivados e despertos para o efeito, os alunos aderem com gosto, esta seria uma excelente forma de continuar a divulgar e promover o uso de algo que poderá perder-se, se nada acontecer em contrário. Algumas atividades deste género têm sido promovidas em Minde e Serra da Gata e sabemos que têm resultado muito bem.

Uma vez que o trabalho em parceria proporciona sempre a obtenção de melhores resultados, por que não candidatar o Agrupamento de Escolas de Marvão à Rede de Escolas Associadas à

---

<sup>694</sup> Para mais informações, consultar: <http://juellegaextremena.blogspot.pt/> (consultado a 27/11/2014).

UNESCO<sup>695</sup>? Tal candidatura só traria vantagens para o processo de ensino-aprendizagem, bem como seria seguramente mais uma forma de despertar a comunidade para a importância de valorizar a sua identidade em todas as suas vertentes, tornando a escola num ator interagente com a cultura, a sociedade, a economia e o ambiente.

Ao encerrarmos esta dissertação sobre a componente linguística do património imaterial de Marvão e da raia espanhola, não podemos deixar de lembrar Jane Blake<sup>696</sup>, segundo a qual o património intangível, para além da sua importância social e cultural, representa uma mais valia para o desenvolvimento económico dos países. Ora, sendo Marvão um destino turístico em ascensão, no qual o património material e natural têm sido, até ao momento, as principais atrações; é chegada a altura de rentabilizar o seu vasto património imaterial, de que o falar é um importante constituinte. Do aumento da procura e da diferenciação cultural dos turistas que elegem Marvão como destino turístico, seguramente resultarão benefícios para a economia local e, talvez, uma inversão da tendência para a desertificação e envelhecimento que se tem verificado nas últimas décadas.

“Inicialmente, pensamos apenas para agir. A especulação é um luxo; **a acção é uma necessidade.**”

Henri Bergson

“Os nossos actos só aparentemente são efémeros. As suas repercussões prolongam-se, por vezes, por alguns séculos.

**A vida do presente tece a do futuro.**”

Gustave le Bon

---

<sup>695</sup> De notar que, infelizmente, não existe nenhuma no Alentejo.

<sup>696</sup> Cfr. BLAKE, 2002.

## Fontes e bibliografia

### Obras de referência e estudos

- ALEXANDRE, Maria do Guadalupe Transmontano (1976). *Etnografia, Linguagem e Folclore de Castelo de Vide*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.
- ALMEIDA, Fernando Rodrigues de (2013). *A origem da língua portuguesa*. Lisboa: Chiado Editora.
- ALONSO DE LA TORRE, José Ramon N. (2006). *La Frontera que nunca existió*. Mérida: Editora Regional Extremeña.
- ALPI – *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (1962), vol. I: Fonética. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ÁLVAREZ BLANCO, Rosario, DUBERT GARCÍA, Francisco, SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio (ed.) (2002). *Dialectoloxia e Léxico*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega/ Instituto da Lingua Galega.
- ALVES, Adalberto (1999). *Portugal – ecos de um passado árabe*. Lisboa: Instituto Camões – Coleção Lazúli.
- ALVES, Adalberto (2001). *A herança árabe em Portugal*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios.
- ALVES, Adalberto (2013). *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- AMANTE, Maria de Fátima (2007). *Fronteira e Identidade – Construção e Representação Identitárias na Raia Luso-Espanhola*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- ANDRÉS-DÍAZ, Ramón de (2007). “Linguistic borders of the Western Peninsula” in *International Journal of the Sociology of Language*, FISHMAN, Joshua, GARCIA OTHEGUY, Ofelia (ed.), pp. 121-138.
- APPADURAI, Arjun (1996). *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minesota: University of Minesota.
- ARIMATEIA, Rui (1993). “O mito de S. Marcos” in *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 3. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, pp.111-119.

- AUER, Peter, HINSKENS, Frans, KERSWILL, Paul (2008). *Dialect Change – Convergence and Divergence in European Languages*. Cambridge: Cambridge University.
- AZEREDO, M. Olga, PINTO, M. Isabel Freitas M., LOPES, M. Carmo Azeredo (2010). *Da Comunicação à Expressão – Gramática Prática de Português*. Lisboa: Lisboa Editora.
- AZEVEDO, Maria Luísa S. Marques (1994). *Toponímia Moçárabe em Portugal*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vols.
- AZEVEDO, Maria Luísa S. Marques (2005). *Toponímia Moçárabe no Antigo Condado Conimbricense*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BANZA, Ana P. (2012). "Recensão crítica: NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, María Victoria (2011), *El barranqueño – Un modelo de lenguas en contacto*, Madrid: UCM-Editorial Complutense / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, ", *Diacrítica, Ciências da Linguagem*, 26/1: 333 - 335.
- BANZA, Ana P., GONÇALVES, Filomena, NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, María Victoria (2008). "O projecto 'Património linguístico na raia (Alentejo e Extremadura). O Barranquenho: estudo sistemático'". Comunicação apresentada na *Jornada de Falares Fronteiriços*. Évora: Universidade de Évora.
- BAPTISTA, Cândida da Saudade C. (1967). *O Falar da Escusa*. Dissertação de licenciatura policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.
- BARROS, Vítor F., GUERREIRO, Lourivaldo M. (2005). *Dicionário de Falares do Alentejo*. Porto: Campo das Letras.
- BATALHA, Ladislau (1924). *História Geral dos Adágios Portugueses*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand.
- BEJARANO GONZÁLEZ, Francisco (2008). *Guía del conjunto megalítico de Valencia de Alcántara*. Valencia de Alcántara: Ilustrísimo Ayuntamiento de Valencia de Alcántara.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1992). "O léxico, testemunha de uma cultura" in *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas (Santiago de Compostela, 1989)*, vol. 2, coord. LORENZO VÁSQUEZ, Ramón. Santiago de Compostela: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (2005). *Unidades complexas do léxico* in RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Orgs.). *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. Porto: Universidade do Porto, V.II, p.747-57. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf> (visualizado em 10/12/2009).

- BLAKE, Jane (2002). *Elaboration d'un nouvel instrument normatif pour la sauvegard du patrimoine culturel immatériel: éléments de réflexion*. Paris: UNESCO. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001237/123744f.pdf> (consultado em 19 de junho de 2013)
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1942a) *Inquérito Linguístico*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1942b). *O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1951). “Dialectologia e História da Língua. Isoglossas Portuguesas”, *Boletim de Filologia, XII*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 1 – 44.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1953a). “Os matronímicos nos apelidos populares portugueses”. Separata da *Revista de Portugal*, nº 113. Lisboa: Editorial Império.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1953b). “Os estudos de antroponímia e toponímia em Portugal”. Separata da *Revista de Portugal*, vol. XVIII, nº 115. Lisboa: Editorial Império.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1954). “Unidade e Variedade da Língua Portuguesa”. *Revista da Faculdade de Letras, XX*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 5-28.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1956). “Os nomes étnico-geográficos e as alcunhas colectivas. Seu interesse linguístico, histórico e psicológico”. Separata da *Biblos*, vol. 31. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1974). *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*. vol. I Dialectologia e História da Língua. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis.
- BOLÉO, Manuel de Paiva e SILVA, Maria Helena Santos (1962). “O Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental”. *Boletim de Filologia XX*, fasc. 1 e 2. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp.85 – 112.
- BOUCHENAKI, Mounir - Presentation in International Expert Meeting on UNESCO Programme *Safeguarding of Endangered Languages*, Paris, 10 March 2003. Presente em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00118-EN.pdf> (consultada a 22 de junho de 2013).
- BUCHO, Domingos Almeida (2000). *Dicionário Lagóia – Relação de palavras e expressões curiosas utilizadas na cidade de Portalegre*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre.
- BUCHO, Domingos Almeida (2001). *Fortificações de Marvão – História, Arquitectura e Restauro*. Portalegre: Projecto de Valorização Científica, Educativa e Turístico-Cultural das Fortificações do Norte Alentejano (RTSM/IPPAR/ESEP/Municípios do Norte Alentejano).

- BUCHO, Domingos Almeida (2005). “Marvão: Uma história de sobrevivência e uma estratégia para o futuro” in *I Forum Marvão – Actas – Património, turismo e despovoamento/descaracterização dos centros históricos* (coord. Domingos Bucho). Marvão: Município de Marvão, pp. 29 – 68.
- BUCHO, Domingos Almeida (coord.) (1999). *Marvão: Obra Única do Homem e da Natureza*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, Comissão de Candidatura de Marvão a Património Mundial.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva, VÁSQUEZ CUESTA, Antonio (2008). *Patrimonio Arqueológico de Valencia de Alcántara (Estado de la cuestión)*. Cáceres: Ayuntamiento de Valencia de Alcántara.
- BUENO ROCHA, José (2000). *Notas para la Historia de Valencia de Alcántara*. Cáceres: Diputación Provincial de Cáceres (Institución Cultural el Brocense).
- CABEZUDO RODAS, Ana María, GUTIÉRREZ CASALÁ, José Luis (2007). *El Contrabando – Crónicas de una Extremadura Amarga*. Badajoz: edição de autor.
- CABRAL, Clara Bertrand (2010). *Património Cultural Imaterial – proposta de uma metodologia de inventariação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas/ Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- CABRAL, Clara Bertrand (2011). *Património Cultural Imaterial – Convenção da Unesco e seus contextos*. Lisboa: Edições 70.
- CAIRO CAROU, Heriberto, GODINHO, Paula, PÉREZ PEREIRO, Xerardo (coord.) (2009). *Portugal e Espanha – Entre discursos de centro e práticas de fronteira*. Lisboa: Edições Colibri.
- CAMACHO, Manuel de Brito (1931). *Por Cerros e Vales*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães.
- CÂMARA, João da (1893). *Os Velhos – Comédia em três actos*. Lisboa: M. Gomes Editora.
- CAMPO, José Luís de Azevedo do (1998). *Lexikologie – Phraseologie – Lexikographie. Ein Lehrbuch für Lusitanisten und Hispanisten*. Rostock: Institut für Romanistik, Universität Rostock.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (1996). “A língua portuguesa na Extremadura espanhola: O caso de Valência de Alcântara” in DUARTE, Inês, FARIA, Isabel Hub (orgs.). Congresso Internacional sobre o Português (1994) – Actas, vol. III. Lisboa: APL e Edições Colibri, pp. 57-73.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (1996b). “Los asentamientos alentejanos en la frontera extremeña en el siglo XX: pervivencia y desarrollo de las hablas portuguesas de Extremadura” in CAYETANO ROSADO, Moisés (coord.). *Encuentro “Relaciones Alentejo-*



- Extremadura en el siglo XX*". Número monográfico extraordinário de *O Pelourinho*. Badajoz: Exmo Ayuntamiento/ Caja de Ahorros de Badajoz, pp. 73-91.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (1997). "Hablas y Dialectos Portugueses o Galaico-Portugueses en Extremadura (Parte II y última: Otras Hablas Fronterizas; Conclusiones" in *Anuario de Estudios Filológicos XX*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 61-79.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (2004a). "«Cá no Alentejo»: A língua portuguesa em La Codosera". in *Anuario de Estudios Filológicos XXVII*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 13-21.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (2004b). "As línguas portuguesa e espanhola em contacto fronteiriço (bilinguismo, assimilação, substituição e outros fenómenos de contacto linguístico na fronteira da Extremadura espanhola)" in *Revista... à Beira, vol. IV*. Covilhã: Universidade da Beira Interior – Departamento de Letras, pp. 35-49.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (2006). "Evolución de las hablas fronterizas luso-extremeñas desde mediados del siglo XX: Uso y pervivencia del dialecto" in *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LXII, nº II (Mayo – Agosto). Badajoz: Departamento de Publicaciones, Excelentísima Diputación Provincial, pp. 623-635.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (2007). "Falantes de dialectos fronteiriços da Extremadura espanhola no último século" in *Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía*, vol. 1. Cáceres: Servicio de Publicaciones Univerisdad de Extremadura, pp. 51-69.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. Carrasco, VIUDAS CAMARASA, Antonio (eds.) (1996). *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera* (Cáceres, 1 al 3 de diciembre de 1994), 2 vols. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- CARREIRO, Maria de Fátima Ventura (1948). *Monografia Linguística de Nisa*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CARVALHO, Ana, BARATA, Filipe Themudo (ed.) (2008). *Le Patrimoine culturel immatériel et le role d'institutions publiques das l'implementation d'inventaires: actes du Séminaire International*, Université d'Évora, 22 Juin 2007. Évora: CIDEHUS.
- CARVALHO, António José de (dir.) (1933-1935). *Arquivo Transtagano – Revista Regionalista*. Elvas: ed. autor.
- CARVALHO, José Herculano de (1953). *Coisas e palavras*. Coimbra: Coimbra Editora.
- CARVALHO, José Herculano de (1973). "Moçarabismo linguístico ao Sul do Mondego" in *Estudos Linguísticos*, 1º vol., 2ª ed.. Coimbra: Atlântida Editora.

- CASTANHO, J. Pires (1999-2000). “Viragem de século. O que mudou e não mudou em Marvão” in *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 9/10. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, pp.39 - 45.
- CASTELEIRO, João Malaca (coord.) (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 2 vols. Lisboa: Editorial Verbo/ Academia das Ciências de Lisboa.
- CASTRO, Ivo (2004). *Introdução à História do Português* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Edições Colibri (2006).
- CASTRO, Miguel (2013). *A fronteira Portugal/ Espanha, 18 anos depois de Schengen. O caso de Portalegre/Elvas – Valência de Alcântara/Badajoz*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Dissertação de doutoramento em Geografia Humana.
- CAYETANO ROSADO, Moisés (1984). “La hemorragia migratoria extremeña” in *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo XL, nº 3 (Septiembre – Diciembre). Badajoz: Departamento de Publicaciones, Excelentísima Diputación Provincial, pp. 589 – 592.
- CAYETANO ROSADO, Moisés (2007). *Emigración extremeña en el siglo XX – Del subdesarrollo heredado a los retos del futuro transfronterizo*. Extremadura: Consejería de Bienestar Social. Dirección General de Migraciones. Junta de Extremadura.
- CHOAY, Françoise (2001). *A alegoria do património*. São Paulo: Ed. Unesp.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1961). “Áreas Lexicais no Território Português” in *Boletim de Filologia XX*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 273-307.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1971). “Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses” in *Boletim de Filologia XXII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 81-116.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1972). *Formas de tratamento na Língua Portuguesa*. (2.<sup>a</sup> ed.) Lisboa: Livros Horizonte (1986).
- CINTRA, Luís F. Lindley (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. (2.<sup>a</sup> ed.) Lisboa: Sá da Costa Editora (1995).
- COELHO, Francisco Adolfo (1967). “Origens do Português do Sul”, in *Revista de Portugal, série A – Língua Portuguesa*, nº 254, vol. XXXII. Lisboa: Editorial Império.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (1916). *O Castelo e Fortaleza de Marvão – os seus alcaides-mores e principaes governadores*. Lisboa: Tipografia Adolpho de Mendonça.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (1982). *Marvão (Elucidário breve de uma visita a esta vila)*. S/l: edição de autor.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (2001). *Terras de Odiana - Subsídios para a sua história documentada. Medobriga-Aramenha-Marvão Ibn Maruan - Revista Cultural do Concelho*

*de Marvão*, nº 11 (ed. especial). Lisboa: Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri. (fac-simile da edição de 1924)

- CORREIA, Margarita (1999). *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CORREIA, Margarita (2009). *Os Dicionários Portugueses*. Alfragide: Editorial Caminho.
- CORTÉS, Fernando (1991). *Militares y Guerra en una tierra de frontera, Extremadura a mediados del S. XVII (Cuadernos Populares nº 35)*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- CORTESÃO, António Augusto de (1912). “Onomástico Medieval Português”. Separata do *Archeologo Português*, vol. VIII e segs. Lisboa: Imprensa Nacional.
- COSERIU, Eugenio (1956). *La geografía lingüística*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias.
- COSME, João dos Santos Ramalho, MANSO, Maria de Deus Beites (1989). “O movimento comercial da alfândega de Marvão no ano de 1533” in *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, nº 3 (nova série). Portalegre: Atelier de Artes Gráficas, pp.71-108.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1937 - 1939). “Pronúncia e Significação de Alguns Vocábulos Populares do Alto Alentejo” (1ª, 2ª e 3ª Colectâneas). Separata da revista de filologia *A Língua Portuguesa*, dir. Rodrigo Sá Nogueira, vols. IV e V. Lisboa.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1963). *Curiosidades do Falar Popular do Alto Alentejo – Distrito de Portalegre*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1964). *Nótulas Etnográficas e Linguísticas Alentejanas (Apresentadas em expressões populares)*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1966 - 1977). “Entretimentos Etnográficos e Filológicos” – vols. 1 – 10. Separata do *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, nº 12 – 21. Matosinhos: Papelaria e Tipografia Leixões.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1973a). *Gentílicos e Apodos Tópicos de Portugal Continental*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1973b). “Lendas – Historietas – Etimologias Populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental”. Separata do *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Série III, nº 75-78, 1971/72. Lisboa.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1975). *Entretimentos Etnográficos e Filológicos – vol. 11*. Braga: s/ed..

- COSTA, Alexandre de Carvalho (1976 – 1977). *Entretimentos Etnográficos e Filológicos – vols. 12 – 14*. Portalegre: Edição da Junta Distrital de Portalegre.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1981- 84). *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vols. I, II., III. Portalegre: Edição da Assembleia Distrital.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1983). *Distrito de Portalegre – Marvão – Suas Freguesias Rurais (compilação do que se tem escrito respeitante à origem dos seus topónimos)*. Águeda: Gráfica Ideal.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1985). *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vol. IV. Portalegre: Edição da Assembleia Distrital.
- COSTA, Paulo Ferreira da (coord.) (2009). *Museus e Património imaterial: agentes, fronteiras, identidades*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, Softlimites.
- CRUZ-SAGREDO GARCÍA, Juan Daniel (2010). *Contrabandistas somos y en el descamino nos encontraremos*. Mérida: Junta de Castilla y León, Gabinete de Iniciativas Transfronterizas.
- CRYSTAL, David (2000). *Language Death*. Cambridge: University Press.
- CUNHA, António Geraldo da (1982). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira (1986).
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (4ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa (1987).
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1985). *Breve Gramática do Português Contemporâneo* (18ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa (2006).
- DELGADO, Manuel Joaquim (1968). *Estudos Linguísticos – O Idioma Português*. Lisboa: Editorial Império.
- DIAS, António Jorge (1948). “Las chozas de los Cabeçudos y las construcciones circulares de las citanias españolas y portuguesas. Contribución etnográfica para la reconstrucción de la vida en las citanias” in *Archivo Español de Arqueología*, nº 71 Abril – Junio. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto Diego Velazquez, pp. 164-172.
- DIAS, Joaquina Rosa P. Guerreiro (1997). *Anexins e Nomes Engraçados de Campo Maior*. Campo Maior: ed. de autor.
- Dicionário Espanhol – Português/ Português – Espanhol*. (2006). Porto: Porto Editora.
- DIÉGUEZ LUENGO, Elías (1990). *Curiosidades de la Historia de Extremadura*. Albuquerque: Editora Cisan.
- DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Emília (1996). “Influencias socioculturales y educativas: Propuestas pedagógicas en las zonas de frontera” in *Actas del Congreso Internacional Luso-español de lengua y cultura en la frontera (Cáceres 1994)*. Cáceres: Universidad de Extremadura.

- ELIZAICÍN, Adolfo (1992). *Dialectos en contacto. Español y Portugues en España y America*. Montevideo: Arca.
- ELIZAICÍN, Adolfo (2006). “Los estudios sobre la frontera España/ Portugal. Enfoque histórico” in *Revista de Estudios Extremeños*, vol. 62, nº 2, mayo-agosto. Badajoz: Centro de Estudios Extremeños, pp. 607-621.
- FARINHA, António Dias (1973). “Contribuição para o estudo das palavras portuguesas derivadas do árabe hispânico” in *Portugaliae Historica*, vol. I. Lisboa: Instituto Histórico Infante Dom Henrique.
- FELIZARDO, Hermínio (2002). *Histórias da Raia*. Portalegre: Gráfica Guedelha.
- FERNANDÉZ GARCÍA, Maria Jesús (2006). “Portuñol y literatura” in *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LXII, nº II (Mayo – Agosto). Badajoz: Departamento de Publicaciones, Excelentísima Diputación Provincial, pp. 555- 577.
- FERREIRA, Manuela Barros (1992). “Vestígios do Romance Moçarábico em Portugal” in *Arqueologia Medieval, nº 1*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 217-228.
- FERREIRA, Manuela Barros (coord.), GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio (ed.) (2015). *Língua e Cultura na Fronteira Norte-Sul – Bibliografia*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- FICALHO, Conde de (1979). *Notas históricas acerca de Serpa e o elemento árabe na linguagem dos pastores alentejanos*. Lisboa: s/ed..
- Ficheiro Síntese 2001 – Lugares de Marvão*, enviado pelo INE – Direção Regional do Alentejo, SDGI-NPVD.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 25.<sup>a</sup> edição. 2 vols. Venda Nova: Bertrand Editora
- FLORENCIO, Manuela (2001). *Dialecto Alentejano – Contributos para o seu estudo* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Edições Colibri (2005).
- FONSECA, Fernando Peixoto da (1959). *Noções de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora.
- FREIRE, A. Pimenta (1912). *Marvão – A estação termal da Fadagoza – época balnear de 1911 (Julho, Agosto e Setembro)*. Lisboa: Centro Typ. Colonial.
- FREIRE, Dulce, ROVISCO, Eduarda, FONSECA, Inês (coord.) (2009). *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola – Práticas, Memórias e Patrimónios*. Lisboa: Edições Nelson de Matos.
- GALAVÍS BUENO, Francisco (2010). *Consideraciones sobre el Barrio Gótico de Valencia de Alcântara*. Badajoz: edição de autor.
- GALMÉS DE FUENTES, Álvaro (1994). *Dialectología mozárabe*. Madrid: Editorial Gredos.

- GARGALLO GIL, José. E. (1999). *Las hablas de San Martín de Trevejo, Eljas y Valverde del Fresno. Trilogía de los tres lugares. Estudios y documentos sobre “A Fala”*. Mérida: Editorial Regional de Extremadura, vol. 1.
- GILETE MARQUES, Maria del Rosario, REYES SEDA, Maria Belén, REYES SEDA, Carmen M. (1999). *Nuestras Raíces y Costumbres*. Valencia de Alcántara: Asociación de Música y Danza – Juéllega Extremeña.
- GONÇALVES, Iria (1971). “Amostra de antroponímia alentejana do século XV” in *Do tempo e da História* vol. IV. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, pp.177 – 212.
- GONÇALVES, Iria (2003). “Entre o masculino e o feminino: sistemas de identificação em finais do século XV” in *Em louvor da linguagem. Homenagem a Maria Leonor Carvalhão Buescu*. Lisboa: Editora Colibri, pp.141 – 158.
- GONÇALVES, Iria (2011). “O Nome” in *História da Vida Privada em Portugal – A Idade Média*. Lisboa: Temas e Debates/ Círculo de Leitores, pp.198 – 225.
- GONÇALVES, Maria Filomena (1990). “Lexicologia e lexicografia: o testemunho de antigos ortografistas” in *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia*, 26 e 27 de junho de 1990 (Atas). Lisboa: INIC/ Universidade Nova de Lisboa, pp. 242 -247.
- GONÇALVES, Maria Filomena e BANZA, Ana Paula (coord.) (2013). *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. Col. Biblioteca - Estudos & Colóquios, Série e-Book, nº 1. Évora: CIDEHUS.
- GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio (2000). *Cartografía lingüística de Extremadura. Origen y distribución del léxico extremeño*. Tese de doutoramento apresentada na Universidad Complutense de Madrid. In <http://www.geolectos.com>; <http://eprints.ucm.es/tesis/19972000/H/3/H3059901.pdf>.
- GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio (2001). “Fuentes del vocabulario y áreas léxicas de Extremadura”, in VEIGA, A., GONZÁLEZ, M. e SOUTO, M. (eds.). *De lenguas y lenguajes*. A Coruña: Toxosoutos, pp. 125-139.
- GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio (2003). *Vocabulario tradicional de Extremadura. Léxico de la agricultura y la ganadería*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- GONZÁLEZ SALGADO, José Antonio (2014). “La dialectología en la Revista de Estudios Extremeños (1927-2013)” in *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LXX, Nº II. Badajoz: Diputación de Badajoz, pp.1153-1194.
- GONZALEZ-VARAS IBÁÑEZ, Ignacio (2003). *Conservación de bienes culturales*. Madrid: Cátedra.
- GOUVEIA, Daniel (2003). *Alcunhas – génese e importância da caricatura verbal*. Lisboa: Hugim.

- HUBER, Joseph (2006). *Gramática do Português Antigo*. (2ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (1933). Trad. Maria Manuela Delille.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 1, 1991. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 13 (Número especial), *São Salvador da Aramenha – História e Memórias da Freguesia* (2005). Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Marvão, Junta de Freguesia de São Salvador da Aramenha.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 14 (Número especial), *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão* (2007). Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 2, 1992. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 3, 1993. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 6, 1996. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 7, 1997. Lisboa: Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 8, 1998. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 9/10, 1999 - 2000. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- INÁCIO, Ana Calado (1993). “Nordeste alentejano: povoamento e defesa (1378-1405)” in *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, nº 8 (nova série). Portalegre: Atelier de Artes Plásticas de Portalegre, pp. 173 - 188.
- ISOMURA, Hisanori (2004). “Le Japon et le patrimoine immatériel” in *Le patrimoine culturel immatériel: les enjeux, les problématiques, les pratiques*. Arles: Maison de Cultures du Monde.
- ISQUERDO, Aparecida Negri, IEDA, Maria Alves (orgs.) (2007). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. III. Campo Grande: UFMS, São Paulo: Humanitas. (consultado em: <http://books.google.pt/books?id=XovTwLctxtEC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=true> , dia 24 de outubro de 2013, às 15:00h)

- ISQUERDO, Aparecida Negri, KRIEGER, Maria da Graça (orgs.) (2004). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. II. Campo Grande: Editora U.F.M.S..
- KROLL, Heinz (1955). *Designações Portuguesas para “Embriaguês”*. Coimbra: Casa do Castelo.
- KROLL, Heinz (1964). *Aditamentos a “Designações Portuguesas para Embriaguês”*. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- LABOV, William (1966). *The Social Stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, William (1983). *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- LINO, Maria Teresa R. da Fonseca (1987). *Unites lexicales et situations d’nonciation – Reseaux d’associations sur un domaine d’experience: la mer*. These de Doctorat présentée Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris, Tome I, II, III.
- LOPES, David (1917). “Cousas Árabe-Portuguesas. Algumas Etimologias” in *Separata do Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. X. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- LOPES, David (1921-22). “Toponímia árabe de Portugal” in *Revista Lusitana*, vol. 24. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- LOPES, David de Melo (1930). “Alguns vocábulos árabe-portugueses de natureza religiosa, étnica e lexicológica” in *Revista da Universidade de Coimbra*, XI. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- LOPÉZ JIMÉNEZ, Eustasio (1994). *Historia, Arte y Turismo de Valencia de Alcántara*. Cáceres: Ayuntamiento de Valencia de Alcántara.
- LORENTE, Mercé (2004). “A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica” in ISQUERDO, A. N., KRIEGER, M. G. (orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. U.F.M.S., pp. 19-30.
- LÜDTKE, Helmut (1954). “Fonemática Portuguesa- II Vocalismo”. *Boletim de Filologia*, pp. 197 – 217.
- LÜDTKE, Helmut (1956). *Die Strukturelle Entwicklung des romanischen Vokalismus*. Bonn: Romanisches Seminar an der Universität Bonn.
- LÜDTKE, Helmut (1957). “Beiträge zur Lautlehre portugiesischer Mundarten” in CATALÁN, Diego (ed.) *Miscelânea homenagem a André Martinet: estruturalismo e historia*. La Laguna: Universidad de la Laguna, vol. 1, pp. 106-112.
- LUQUE BAENA, Enrique (1974). *Estudio antropológico social de un Pueblo del sur*. Madrid: Editorial Tecnos.



- LUZ, Marilina dos Santos (1958). “Fórmulas de Tratamento no Português Arcaico (Subsídios para o seu Estudo)”. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. VII, VIII e IX. Coimbra: Casa do Castelo Editora.
- MACHADO, J. Liberata e GORJÃO, Sérgio (1993). “O actual concelho de Marvão e suas freguesias nas Memórias Paroquiais de 1758” in *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 3. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, pp. 51-83.
- MACHADO, José Pedro (1949). “Adolfo Coelho e o romance moçarábico” in *Boletim de Filologia* X. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp.15-21.
- MACHADO, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados* (2ª edição). Lisboa: Livros Horizonte (1967).
- MACHADO, José Pedro (1958 e 1961). “Influência arábica no vocabulário português”, 2 vols, in *Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Império.
- MACHADO, José Pedro (1984). *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa* (2ª edição). Lisboa: Livros Horizonte (1993).
- MACHADO, José Pedro (1991). *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisboa: Editorial Notícias.
- MADOZ IBÁÑEZ, Pascual (1845-1850). *Diccionario geográfico estadístico histórico de España y sus posesiones de Ultramar*, 16 vols. Madrid: Establecimiento tipográfico de P. Madoz y L. Sagasti.
- MAGALHÃES, A. Mattos (1872). *As Aguas Thermaes da Fadagoza*. 2ª edição. Lisboa: Centro Typ. Colonial, 1912.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1977). *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região espanhola de Xalma e Alamedilla*. Coimbra: Suplemento IV da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Língua e Literatura Portuguesas.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1981). “Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina –ana” in Separata da *Biblos*, vol. LVII. Coimbra: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (2000). “Os dialectos de Xalma: Problemática e perspectivas de pesquisa” in SALVADOR PLANS, Antonio, CARRASCO GONZÁLEZ, Juan. et GARCÍA OLIVA, Maria D. (coords.). *Actas del Congreso sobre “A Fala”*. 20 y 21 de mayo de 1999. Eljas – San Martín de Trebejo – Valverde del Fresno. Mérida: Editora Regional de

- Extremadura y Gabinete de Iniciativas Transfronterizas de la Junta de Extremadura, pp. 77-91.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (2001). “Fronteras del español: aspectos históricos y sociolingüísticos del contacto con el portugués en la frontera territorial” in *II Congreso Internacional de la Lengua Española: El español en la sociedad de la información*, [http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad\\_diversidad\\_del\\_espanol/5\\_espanol\\_y\\_portugues/azevedo\\_c.htm](http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/5_espanol_y_portugues/azevedo_c.htm).
- MARTÍN GALINDO, José Luís (1999). *A Fala de Xálima – O falar fronteirizo de Valverde, Eljas Y San Martín de Trevejo*. Cáceres: Junta de Extremadura.
- MARTÍNEZ ALMOYNA, Julio (1951). *Dicionário de Espanhol-Português* (2ª ed.). Porto: Porto Editora (2004).
- MARTINS, João (1983). “O Ramal de Cáceres” in *A Cidade - Revista Cultural de Portalegre nº 10 – Especial Castelo de Vide*. Portalegre: Atelier de Artes Plásticas, p. 9.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii (1983). *Gramática da Língua Portuguesa* (5.ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho (2003).
- MATIAS, Maria de Fátima de Resende F. (1984). “Bilingüismo e níveis sociolingüísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)”. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XVIII e XIX. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas.
- MATIAS, Maria de Fátima de Resende F. (2001). “A agonia do português em Olivença” in *Revista de Filología Románica XVIII*, Madrid: Universidad Complutense de Madrid, pp. 159-170.
- MATOS, Rui Paula de (2005). “MARVÃO a património da humanidade (UNESCO)” in *Em busca da Globalização Feliz – análise e reflexão política*. Lisboa: Hugin Editores, Lda, pp. 228, 229.
- MEDINA GARCÍA, Eusebio (2006). “Orígenes históricos y ambigüedad de la frontera hispano-lusa (La Raya)”. in *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LXII, nº II (Mayo – Agosto). Badajoz: Departamento de Publicaciones, Excelentísima Diputación Provincial, pp. 713-724.
- MEDINA GARCÍA, Eusebio (2009). “Orígenes, características y transformación del contrabando tradicional en la frontera de Extremadura com Portugal” in FREIRE, Dulce, ROVISCO, Eduarda, FONSECA, Inês (coord.). *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola – Práticas, Memórias e Patrimónios*. Lisboa: Edições Nelson de Matos, pp 131-163.
- MEIER, Herri (1942). “A evolução do português dentro das quatro línguas ibero-românicas” in *Biblos XVIII*. Coimbra: Coimbra Editora, pp. 497-515.

- MELÓN JIMÉNEZ, Miguel Ángel (1999). *Hacienda, Comercio y Contrabando en la Frontera de Portugal (siglos XV-XVIII)*. Cáceres: Cicon Ediciones.
- MENESES JIMENEZ, Jesús (2005). *Ibn Maruán “El Gallego”- Crónicas del Rebelde Emeritense fundador de Badajoz en Siglo IX. Revisión crítica de la etimología de 2000 nombres de lugar*. Badajoz: Gráficas Geximp, s. l.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm (1904). *Romanische Namenstudien – Die Altportugiesischen Personennamen Germanischen Ursprungs*. Wien: Kais Akademie der Wissenschaften.
- MIRANDA DÍAZ, Bartolomé, MARTÍN NIETO, Dionisio A. (2011). *El Patrimonio Artístico de Valencia de Alcántara através de los documentos (siglos XIII – XIX)*. Badajoz: edição de autor.
- MONLAU Y ROCA, Pedro Felipe (1941). *Diccionario etimológico de la lengua castellana* (2ª ed.). Buenos Aires: Librería El Ateneo (1944).
- MONTERO CURIEL, Pilar (2006). *El extremeño*. Madrid: Arco Libros.
- MORENO, Humberto Carlos Baquero (1986). *Os municípios portugueses nos séculos XIII a XVI – Estudos de História*. Lisboa: Editorial Presença.
- MUÑOZ CARBALLO, Gonzalo (2006). *Valencia de Alcántara en Tiempos de Carlos III*. Cáceres: Institución Cultural de El Brocense.
- NASCENTES, Antenor (1932). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, María Victoria (1992). “El Barranqueño – Un modelo de lenguas en contacto” in *Revista de Filología Románica* vol. 9. Madrid: Universidad Complutense Madrid, pp. 225- 246.
- NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, María Victoria (1997). “Transferencias morfológicas del castellano a un dialecto de base portuguesa, el barranquenho” in *Revista de Filología Románica* vol. 13. Madrid: Universidad Complutense Madrid, pp. 225- 246.
- NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, María Victoria (2000). “Procesos de creación de las lenguas fronterizas” in *Revista de Filología Románica* vol. 17. Madrid: Universidad Complutense Madrid, pp. 367- 393.
- NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, María Victoria (2011). *El Barranqueño – Un modelo de lenguas en contacto*. Madrid: Editorial Complutense.
- NETO, Serafim da Silva (1952). *História da Língua Portuguesa* (6.ª ed.). Lisboa: Dinalivro (1992).
- NUNES, José Joaquim (1919). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia* (8ª ed.) Lisboa: Livraria Clássica Editora (1975).

- OLIVEIRA, Fernão de (1536). *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional (ed. fac-similada).
- OLIVEIRA, Jorge de (coord.) (2014). *Marvão – Estudos e Documentos de Apoio à Candidatura a Património Mundial*. Lisboa: Edições Colibri/Município de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de, BALESTEROS, Carmen (1989). *Levantamento arqueológico da Barragem da Apertadura, Aramenha – Marvão*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, José Augusto (2011). *Castelo de Vide na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- OSSENKOP, Christina (2006a). “La situación lingüística actual de las variedades portuguesas en la franja fronteriza de Valencia de Alcántara” in *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LXII, nº II (Mayo – Agosto). Badajoz: Departamento de Publicaciones, Excelentísima Diputación Provincial, pp. 661- 681.
- OSSENKOP, Christina (2006b). “Variación lingüística en una zona fronteriza luso-española: de Cedillo a La Codosera (Extremadura)” in KREFELD, Thomas (org.). *Modellando lo spazio in prospettiva linguistica*. Frankfurt: Peter Lang, pp. 73-88.
- OSSENKOP, Christina (2010). «Contacto de lenguas en la frontera luso-extremeña: la situación del español y del portugués en la franja fronteriza de Cedillo, Valencia de Alcántara y La Codosera” in FERNÁNDEZ GARCÍA, Maria de Jesus, AMADOR MORENO, Silvia (eds.). *Al Limite*. I Congreso de la SEEPLU. Actas. Cáceres: Avuelapluma, pp. 5-14.
- PAULINO, Maria de Lourdes Semedo (1959). *Arronches – Estudo de Linguagem e Etnografia*. Dissertação de licenciatura policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.
- PEIXOTO, Rocha (1995). “Apodos Tópicos” in *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: D. Quixote.
- PEREIRA, Benjamim Enes (2009) *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*. S/l: Instituto dos Museus e da Conservação (pdf). Disponível em [http://www.imc-ip.pt/pt-PT/patrimonio\\_imaterial/dpi\\_arq\\_imaterial/ContentDetail.aspx?id=2175](http://www.imc-ip.pt/pt-PT/patrimonio_imaterial/dpi_arq_imaterial/ContentDetail.aspx?id=2175) (consultado a 21 de julho de 2013)
- PEREIRA, Sérgio (2009). *A Cidade Romana de Ammaia – Escavações Arqueológicas 2000-2006*. Número especial II da revista *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri.
- PICÃO, José da Silva (1903) *Através dos Campos – Usos e Costumes Agrícola Alentejanos* (2ª edição). Lisboa: Neogravura (1947).
- PIEL, Joseph M. (1976). *Aspectos da Toponímia Pré-Árabe ao Sul do Tejo*. Évora: Câmara Municipal de Évora.
- PIMENTEL, Alberto (?1877). *Viagens à Roda do Código Administrativo*. Lisboa: J. A. de Mattos.

- PINTO, Adelina Angélica (1973). *Isófonas e isoléxicas portuguesas: perspectivas sincrónicas e diacrónicas*. Coimbra: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PIRES, António Thomaz (1913). *Vocabulário alemtejano*. Elvas: António José Torres de Carvalho.
- POLANAH, Luís (1986). “O estudo antropológico das alcunhas” in Separata da *Revista Lusitana* 7, nova série, pp. 125 - 145. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Questionário Linguístico* (volumes I e II) - Publicações do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (1974). Lisboa: Instituto de Linguística.
- RAMOS, Francisco M. (2014). “Marvão, Paisagem Cultural” in OLIVEIRA, Jorge de (coord.). *Marvão – Estudos e Documentos de Apoio à Candidatura a Património Mundial*. Lisboa: Edições Colibri/Município de Marvão, pp. 260 - 285.
- RAMOS, Francisco Martins (1990). *Alcunhas Alentejanas*. Monsaraz: Associação de Defesa dos Interesses de Monsaraz.
- RAMOS, Francisco Martins (2006). *Breviário Alentejano*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- RAMOS, Francisco Martins, SILVA, Carlos Alberto da (2002). *Tratado das Alcunhas Alentejanas*. Lisboa: Edições Colibri.
- RESENDE, André de (1996). *As Antiguidades da Lusitânia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Introd., trad. e comentário de R. M. Rosado Fernandes.
- RIBEIRO, Orlando (1965). “A propósito de áreas lexicais no território português (algumas reflexões acerca do seu condicionamento)” in *Boletim de Filologia XXI*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 177-205.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1993). *Formação de Palavras em Português. Aspectos da Construção de Avaliativos*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1994). “Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral” in Separata da revista *Diacrítica*, vol. 9. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho .
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998a). “Mecanismos de Produção Lexical no Português Europeu” in *Alfa – Revista de Linguística* 42 (nº especial). São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Campus de São José do Rio Preto – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, pp. 15-32.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998b). *Morfologia Derivacional – Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora.

- RIO-TORTO, Graça Maria (2006). *O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.
- RIVERS, Julian Pitt (1983). *Anthropologie de l'Honneur*. Paris: Le Sycomore.
- ROBERTSON, Roland (1992). *Globalization: Social Theory and Global Culture*. London: Sage.
- ROCHA, Maria Regina de Matos [1970]. *Costumes e Falar dos Fortios*. Manuscrito existente na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ROMERO AGUILERA, Laura, JULIÀ LUNA, Carolina (coords.) (2009). *Tendencias actuales en la investigación diacrónica de la lengua: actas del VIII Congreso Nacional de la Asociación de Jóvenes Investigadores de Historiografía e Historia de la Lengua Española: Barcelona, del 2 al 4 de abril de 2008*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- ROSAS, Fernando (coord.) (1998). *Portugal e a guerra civil de Espanha*. Lisboa: Edições Colibri.
- SALVADOR PLANS, Antonio (2009). “El habla de la Raya” in *Atlas de Extremadura*. Mérida: Asamblea de Extremadura, pp. 294-298.
- SALVADOR PLANS, Antonio, CARRASCO GONZÁLEZ, J., GARCÍA OLIVA, Maria D. (coords.) (2000). *Actas del Congreso sobre “A Fala”*. 20 y 21 de mayo de 1999. Eljas – San Martín de Trebejo – Valverde del Fresno. Mérida: Editora Regional de Extremadura y Gabinete de Iniciativas Transfronterizas de la Junta de Extremadura.
- SANCHÉZ OTÓN, Paco (2006). *Confidencias de un mostrador*. Badajoz: edição de autor.
- SANCHIS GUARNER, Manuel (1960). “El Mozárabe Peninsular” in *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, vol. I. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 293-342.
- SANMARTÍN ARCE, Ricardo (coord.) (1994). *Antropología sin fronteras: ensayos en honor de Carmelo Lisón*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- SÁ-NOGUEIRA, Bernardo de (1991). “A constituição do senhorio fronteiriço de Marvão e Arronches, em 1271. Antecedentes regionais e significado político” in *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, nº6 (nova série). Portalegre: Atelier de Artes Plásticas de Portalegre, pp.19-45.
- SANTOS, Isabel Almeida (1957). “Fenómenos de palatalização vocálica na România: valor dialectal em território português (continental)” in *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Braga-Guimarães, 1996)*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, vol. 2., pp. 273-287.
- SANTOS, Maria José de Moura (1980). “Importação lexical e estruturação semântica. Os arabismos na língua portuguesa” in *Separata da Biblos*, vol. LVI. Coimbra: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- SARAMAGO, João (2006). “O Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)” in *Estudis Romànics*, vol. XXVIII. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, pp. 281- 298.
- SARAMAGO, João, ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (2010a). “Áreas lexicais em zona de fronteira: um olhar de síntese para a/da raia luso-espanhola na zona da Extremadura” in *Al Límite. I Congreso de la SEEPLU – Facultad de Filosofía y Letras, Cáceres*, 5 y 6 de noviembre de 2009. Cáceres: Editorial Avuelapluma, pp. 15-39.
- SARAMAGO, João, ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (2010b). “Um novo olhar sobre áreas lexicais portuguesas” in MARÇALO, Maria João et alii (eds.): *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. [Actas do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP)]. Évora: Universidade de Évora, pp. 80 - 105.
- SARAMAGO, José (1995). *Viagem a Portugal* (17ª edição). Lisboa: Editorial Caminho (2000), p. 215.
- SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.) (2006). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- SERRA, Pedro Cunha (1986). “A influência árabe na Península Ibérica” in *Islão e Arabismo na Península Ibérica – Actas do XI Congresso da União Europeia de Arabistas e Islamólogos* (Évora, Faro, Silves – 06 de Outubro 1982). Évora: Adel Sidarus.
- SIDARUS, Adel (1991). “Amaia de Ibn Maruán: Marvão” in *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 1. Marvão: Câmara Municipal de Marvão, pp. 13 - 26.
- SILVA, António de Moraes (1749). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 12 vols* (10ª ed.). Lisboa: Imprensa Libânio (1948).
- SILVA, María Luísa Picado (2013). *María, la frontera y el camino*. S/l: edição de autor.
- SIMÃO, Maria de Lurdes Pinheiro (1969). *O Falar da Povoação de Alagoa – concelho de Portalegre*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.
- SIMÃO, Teresa S. Bengala (2010). *O Falar de Marvão*. Dissertação de mestrado policopiada, apresentada à Universidade de Évora.
- SIMÃO, Teresa S. Bengala (2011). *O Falar de Marvão – pronúncia, vocabulário, alcunhas, ditados e provérbios populares*. Lisboa: Edições Colibri.
- SIMÃO, Teresa S. Bengala (2013). “O falar de Marvão: contributos para o seu estudo” in *Revista de Filología Românica 2013*, vol. 30, nº 1. Madrid: Universidad Complutense Madrid, pp. 159-177.
- SIMÃO, Teresa S. Bengala, MARTINS, Adelaide, MENA, Emília (2008). *Marvão – à mesa com a tradição*. Lisboa: Edições Colibri.

- SIMONET Y BACA, Francisco Javier (1889). *Glosario de voces ibéricas y latinas usadas entre los mozárabes*. Madrid: Establecimiento Tipográfico de Fontanet.
- SOROMENHO, Alda da Silva e SOROMENHO, Paulo Caratão (1984). *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos do Instituto Nacional de Investigação Científica.
- SOTTO MAIOR, Diogo Pereira (1984). *Tratado da Cidade de Portalegre e de suas antiguidades e fundação, bispos que nella residiam, e outras antiguallas, e curiosidades*. Vila da Maia: Imprensa Nacional Casa da Moeda/ Câmara Municipal de Portalegre. (fac-simile de um manuscrito de 1619). Introd., leitura e notas de Leonel Martins.
- SOUSA, Fr. João de, MOURA, Fr. Joze de Santo Antonio (2004). *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal*. Lisboa: Livraria Alcalá. (fac simile da edição de 1830)
- SYLOW, Armin, ABASCAL, Juan Manuel, CEBRIÁN, Rosário (2009). *Marvão e Ammaia ao tempo das Guerras Peninsulares* - Número especial da revista *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão/ Edições Colibri.
- TEYSSIER, Paul (1980). *História da Língua Portuguesa* (8.<sup>a</sup> ed. ) Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. (2001). Trad. Celso Cunha.
- TRANSMONTANO, Maria Tavares (1976). *Subsídios para a Monografia de Carreiras*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.
- TRANSMONTANO, Maria Tavares (1979). *Subsídios para a Monografia do Porto da Espada*. Portalegre: Assembleia Distrital de Portalegre.
- VARGENS, João Baptista de Medeiros (1999). *Arabismos na língua portuguesa (subsídios para um estudo do léxico português de origem árabe)*. Tese de doutoramento policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.
- Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade* (1994) – Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística, Miranda do Douro, setembro de 1993. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/ Edições Colibri.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1890 - 1892). “Dialectos Alentejanos” in *Revista Lusitana II*, Porto: Livraria Portuense, pp. 15 – 45.
- VASCONCELOS, José Leite de (1890-1892). “Nomes populares dos dedos da mão” in *Revista Lusitana*, vol. 2. Porto: Livraria Portuense, p. 181.
- VASCONCELOS, José Leite de (1896). “Dialectos Alemtejanos” in *Revista Lusitana IV*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, pp. 13 - 77; 215 - 246.
- VASCONCELOS, José Leite de (1897). *Mapa dialectológico do Continente Português*. Lisboa: Guillard, Aillaud & Cia.



- VASCONCELOS, José Leite de (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (3.<sup>a</sup>ed.) Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (1987).
- VASCONCELOS, José Leite de (1902). “Linguagens fronteiriças de Portugal e Hespanha” in *Revista Lusitana VII*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, pp. 133- 145.
- VASCONCELOS, José Leite de (1928a). *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. (2<sup>a</sup> edição fac-similada 2005)
- VASCONCELOS, José Leite de (1928b). *Antroponímia portuguesa. Tratado Comparativo da origem, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, José Leite de (1929a). “Romance Moçarábico” in *Opúsculo IV - Filologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 797- 800.
- VASCONCELOS, José Leite de (1929b). *Opúsculos – vol. IV Filologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VASCONCELOS, José Leite de (1931). *Opúsculos, vol. III – Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VASCONCELOS, José Leite de (1933). *Etnografia Portuguesa – vol. I*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, José Leite de (1941). *Etnografia Portuguesa, vol. III*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, José Leite de (1988). *Etnografia Portuguesa, vol. X*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, José Leite de (2000). *Filologia Barranquenha – Apontamentos para o seu estudo*. Águeda: Grafinal. (fac-simile da edição de 1955).
- VASQUEZ CUESTA, Pilar, MENDES DA LUZ, Maria A. (1961). *Gramática Portuguesa – 2<sup>a</sup> edición aumentada*. Madrid: Editorial Gredos.
- VELA BUENO, Maria del Rosario (2013). “La Fontañera” in *Revista Feria y Fiestas de San Bartolomé 2013 – Valencia de Alcántara: Comision de Festejos*.
- VENTURA, António (1988). “Marvão na Primeira Guerra Carlista e nas Guerras Liberais – alguns documentos da secretaria do General António Álvares Pereira” in *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre, n.º 1* (nova série). Portalegre: Atelier de Artes Plásticas de Portalegre.
- VIARO, Mário Eduardo (org.) (2014). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez Editora.

- VILA IZQUIERDO, Justo (1992). *Extremadura: La Guerra Civil*. Badajoz: Biblioteca Popular Extremeña/ Universitas Editorial.
- VILELA, Mário (1979). *Estruturas léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- VILELA, Mário (1994). *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- VILELA, Mário (1995). *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*. Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário (trad.) (1979). *Problemas da lexicologia e da lexicografia*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- VILHENA, Maria da Conceição (1996). “Herrera de Alcántara: Um falar em vias de extinção” in *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera* (Cáceres, 1 al 3 de diciembre de 1994). Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 309 – 331.
- VILHENA, Maria da Conceição (2000). *Falares de Herrera e Cedillo*. Mérida: Junta de Extremadura/Gabinete de Iniciativas Transfronterizas [edição da tese apresentada em 1965].
- VILLAR, Mauro de (dir.) (2011). *Dicionário do Português Atual Houaiss*. 2 vols. Lisboa: Círculo de Leitores/ Sociedade Houaiss-Edições Culturais, Lda.
- VIOLA CARDOSO, Juan José (1996). “La Raya Portuguesa, sus gentes” in *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera* (Cáceres, 1 al 3 de diciembre de 1994). Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 407 - 410.
- VIUDAS CAMARASA, Antonio (2006). “Bibliografía del patrimonio lingüístico extremeño” in <http://aplexextremadura.com/ashe/bibliografia/>.
- WEINREICH, Uriel (1963). *Languages in Contact. Findings and Problems*. Mouton: The Hague.
- XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena (orgs.) 1990. *Dicionário de Termos Linguísticos*, Volume I. Lisboa: Edições Cosmos.
- XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena (orgs.) 1992. *Dicionário de Termos Linguísticos*, Volume II. Lisboa: Edições Cosmos.

### Webgrafia

- Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, disponível em <http://www.cultura-alentejo.pt/pagina,6,15.aspx> (consultado a 16 de junho de 2013).
- Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de Junho, disponível em <http://www.cultura-alentejo.pt/multimedia/File/PDF/REg.%20Juridico%20-%20FSPC.pdf> (consultado a 16 de junho de 2013).
- [dialnet.unirioja.es](http://dialnet.unirioja.es)

- dt.dge.mec.pt (Dicionário Terminológico para consulta em linha)
- <http://bibliotecavirtualsierradegata.blogspot.pt/> (consultada a 24/11/2014)
- [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos\\_ficheirosintese](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_ficheirosintese) (consultado a 23/03/2014).
- [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos\\_lugar](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_lugar) (consultado a 23/04/2014).
- [http://fundacaoammaia.files.wordpress.com/2014/01/ammaia\\_uma\\_cidade\\_romana\\_na\\_lusitania.pdf](http://fundacaoammaia.files.wordpress.com/2014/01/ammaia_uma_cidade_romana_na_lusitania.pdf) (consultado a 01/01/2014).
- <http://juellegaextremena.blogspot.pt/> (consultado a 27/11/2014).
- <http://larayaenlanoche.wordpress.com/> (consultado a 27/11/2014).
- <http://larayaenlanoche.wordpress.com/historia/valencia-de-alcantara-la-rama-y-sus-hombres/> (consultado a 04-03-2014).
- <http://rfcpsaa.wordpress.com/apresentacao/> (consultado a 27/11/2014).
- <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001473/147330s.pdf> (consultado a 16 de junho de 2013).
- [http://www.aguas.ics.ul.pt/portalegre\\_fpereiro.html](http://www.aguas.ics.ul.pt/portalegre_fpereiro.html) (consultado 04/05/2014).
- [http://www.cafeportugal.pt/pages/dossier\\_artigo.aspx?id=4349](http://www.cafeportugal.pt/pages/dossier_artigo.aspx?id=4349) (consultado a 14/12/2014)
- [http://www.camertola.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=37&Itemid=41](http://www.camertola.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=37&Itemid=41)
- <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/terra-com-historia-a-venda-no-alentejo.html> (consultado a 12/12/2014)
- <http://www.cm-marvao.pt/pt/revista-cultural-ibn-maruan> (consultado a 27/11/2014).
- <http://www.dip-badajoz.es/cultura/ceex/index.php?cont=reex> (consultada a 24/11/2014)
- [http://www.lashuertasdecansa.com/index.php#.Urx\\_KNJdVA1](http://www.lashuertasdecansa.com/index.php#.Urx_KNJdVA1) (consultado a 26/12/2013)
- <http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Inventario/InventarioFiltrar.aspx>, (consultado a 16 de junho de 2013).
- <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Recursos/RecursosCronologiaPortugal.aspx> (consultado em 16 de junho de 2013)
- [http://www.panoramio.com/photo\\_explorer#view=photo&position=21&with\\_photo\\_id=33995384&order=date\\_desc&user=444949](http://www.panoramio.com/photo_explorer#view=photo&position=21&with_photo_id=33995384&order=date_desc&user=444949) (consultado a 12/12/2014)
- <http://www.pordata.pt/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela> (consultado a 12/12/2014)
- <http://www.revistalimite.es/>
- <http://www.todopueblos.com/el-pino-caceres/> (consultado a 26/12/2013, às 16:00h).
- <http://www.valenciadealcantara.com/jola/historia.htm> (consultado a 26/12/2013, às 15:45h).
- <http://www.valenciadealcantara.es/index.php/historia> (consultado a 01/06/2014).

<http://www.youtube.com/watch?v=TOE7MeRe9K8&feature=youtu.be> (consultado a 01/01/2014) e [http://fundacaoammaia.files.wordpress.com/2014/01/ammaia\\_uma\\_cidade\\_romana\\_na\\_lusitac3a2nia.pdf](http://fundacaoammaia.files.wordpress.com/2014/01/ammaia_uma_cidade_romana_na_lusitac3a2nia.pdf) (consultado a 01/01/2014).

<http://www.youtube.com/watch?v=xMJc7B2ONcs> (consultado a 01/06/2014).

[https://www.academia.edu/1049124/Etimologia\\_n%C3%A3o\\_%C3%A9\\_morfologia\\_produtividade\\_e\\_composicionalidade\\_na\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_processamento\\_dos\\_compostos\\_morfol%C3%B3gicos\\_do\\_portugu%C3%AAs](https://www.academia.edu/1049124/Etimologia_n%C3%A3o_%C3%A9_morfologia_produtividade_e_composicionalidade_na_forma%C3%A7%C3%A3o_e_processamento_dos_compostos_morfol%C3%B3gicos_do_portugu%C3%AAs) (consultado a 29 de dezembro de 2014)

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1438900059236&set=a.1409268958477.2057288.1435053433&type=3&theater> (consultado a 14/12/2014)

[https://www.google.pt/search?q=mapa+freguesias+marv%C3%A3o&espv=2&biw=1024&bih=649&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ei=N5HFVLaVDMr3ULvHg-AH&ved=0CAYQ\\_AUoAQ&dpr=1#imgdii=\\_&imgrc=11jQJixJDLZmgM%253A%3BuLrwavFN8vpKZM%3Bhttp%253A%252F%252Fterrasdeportugal.wdfiles.com%252Flocal--files%252Filustrar%253Amapas%252Fmarvao.png%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.memoriaportuguesa.com%252Fmarvao%3B250%3B366](https://www.google.pt/search?q=mapa+freguesias+marv%C3%A3o&espv=2&biw=1024&bih=649&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ei=N5HFVLaVDMr3ULvHg-AH&ved=0CAYQ_AUoAQ&dpr=1#imgdii=_&imgrc=11jQJixJDLZmgM%253A%3BuLrwavFN8vpKZM%3Bhttp%253A%252F%252Fterrasdeportugal.wdfiles.com%252Flocal--files%252Filustrar%253Amapas%252Fmarvao.png%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.memoriaportuguesa.com%252Fmarvao%3B250%3B366) (consultado a 26 de dezembro 2014)

Recomendação de 1989, parte A, in [http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao\\_%20sobre\\_a\\_salvaguarda\\_da\\_cultura\\_tradicional.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf) . (consultada a 21 de julho de 2013)

*Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*, de 1989, publicada em <http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Recursos/RecursosUtilitariosListar.aspx?TipoUtilitario=1> (consultado a 19 de junho de 2013)

Tesouros Humanos Vivos – Diretrizes da UNESCO, disponível em <http://www.cultura-alentejo.pt/pagina,6,64.aspx>

Toponímia do concelho de Marvão: [http://scrif.igeo.pt/ASP/topo\\_bd.asp](http://scrif.igeo.pt/ASP/topo_bd.asp), (consultado a 10 de março de 2013).

UNESCO – *Atlas of the World's Languages in Danger*, presente em <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/atlas-of-languages-in-danger/> (consultado em 22 de junho de 2013).

UNESCO - *Atlas of the World's Languages in Danger*, presente em: <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/> (consultado a 21 de julho de 2013).

UNESCO – *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris, 17 de outubro de 2003*, presente em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> (consultado em 23 de junho de 2013).

UNESCO – Culture: <http://www.unesco.org/new/en/culture/> (consultado em 22 de junho de 2013).

UNESCO - *Final Communiqué Istanbul Declaration - Third Round Table of Ministers of Culture “Intangible Cultural Heritage, mirror of cultural diversity”*, Istanbul, Turkey, 16-17 September 2002, presente em : <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00072-EN.pdf> (consultado a 23 de junho de 2013).

UNESCO - *Final Report - International Round Table on Intangible Cultural Heritage – working definitions*, 14-17 March 2001, Turin, Italy. <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00077-EN.pdf> (consultado a 23 de junho de 2013)

UNESCO – *Lenguas em peligro*, presente em: <http://www.unesco.org/new/es/culture/themes/endangered-languages/linguistic-diversity-in-unesco-normative-texts/> (consultado a 23 de junho de 2013).

UNESCO - *Properties inscribed on the World Heritage List*: <http://whc.unesco.org/en/statesparties/pt> (consultado a 23 de junho de 2013).

[www.dialectus.com](http://www.dialectus.com)

[www.geolectos.com](http://www.geolectos.com)

[www.ign.es](http://www.ign.es)

[www.ine.es](http://www.ine.es)

[www.ine.pt](http://www.ine.pt)

### Fontes orais

Listagem dos informantes que colaboraram na recolha linguística efetuada em Marvão e Valência de Alcántara:

Alunos do Agrupamento de Escolas de Marvão dos anos letivos 2010/2011 e 2011/2012

Ana da Conceição Cebolas de Oliveira;

Antónia da Conceição Pires Pena;

António Velez Gonçalves;

Cândido Flores

Emília Mena da Cruz

Felicidade da Costa Lourença

Fernanda Dias

Florindo Gonzalez Pires

Hermínia Oliveira

Hermínio Alegria

Isaura Sequeira Trindade;  
Jacinta da Silva Candeias;  
João Bernardo da Conceição Pereira;  
João Bonito Guedelha  
João Cardoso Pires  
João Gavanha  
João Picado da Mata  
Joaquim das Dores Raposo  
Joaquim Garção Simão  
Joaquim Gonzalez Pires  
Joaquina da Conceição Reia da Mata  
Joaquina da Conceição Viegas  
Joaquina Gonçalves Carrilho  
Joaquina Velez Gonçalves  
José António Marques Bengala  
José Braz Fernandes Maroco  
José Caldeira Martins  
Juan Carlos Corchero  
Juan Vicho Ramilo Carvallo  
Júlio Meira Batista  
Leonardo Matias Guilhens  
Lourença Berrocal Carvallo  
Manolo González  
Manuel Covas Belo  
Maria Adelaide Martins  
Maria das Dores Freire Costa  
Maria do Rosário Diogo Bengala Simão  
Maria Gonzalez Pires  
Mário Guedelha  
Palmira dos Remédios Marujo  
Patrícia Gavanha Bonito  
Rosa Silva  
Teresa do Rosário Diogo  
Vitorino Cebolas Barreta

# Anexos